

Alan Kardec

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES
SEGUNDO O ESPIRITISMO



A Gênese



Outras obras do autor
editadas pelo CELD.

- *O Que é o Espiritismo*
- *O Livro dos Espíritos*
- *O Céu e o Inferno*
- *A Passagem* (Opúsculo)
- *Temor da Morte, o Céu* (Opúsculo)
- *Obras Póstumas*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (Livro de bolso)
- *A Prece Segundo o Espiritismo*
- *Da Comunhão do Pensamento* (Opúsculo)
- *Livro dos Médiuns*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K27g Kardec, Allan. 1804-1869.

A Gênese. Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo / por Allan Kardec; [Tradução: Albertina Escudeiro Sêco; revisão técnica, atualização de termos técnico-científicos e ampliação com ilustrações: Cláudio Lirange Zanatta. — 3. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2010.

488p.; il.; color; 21cm.

ISBN 978-85-7297-493-6

Tradução de: *La Genèse. Les Miracles et Les Prédications Selon le Spiritisme* (Quatrième Édition, 1868.)

1. Espiritismo. 2. Religião. 3. Cosmogonia.
 4. Astronomia. 5. Geologia.
- I. Título.

99-0482

CDD 133.9

CDU 133.7

A Gênese

Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo

Por

Allan Kardec

Autor de *O Livro dos Espíritos*

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da Natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade de suas leis, e não pela sua suspensão.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

Tradução de Albertina Escudeiro Sêco

3ª Edição

CELD

Rio de Janeiro, 2010

A GÊNESE.
Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo

ALLAN KARDEC

Do original francês: *LA GENÈSE.*
Les Miracles et Les Prédications Selon le Spiritisme
(Quatrième Édition, 1868.)

Até a 2ª Edição:
13.000 exemplares.

3ª Edição: outubro de 2010;
4ª tiragem, do 14º ao 24º milheiro.

L1500499

Tradução e revisão de originais:
Albertina Escudeiro Sêco

*Revisão técnica; atualização de conhecimentos
em geral e de termos técnico-científicos;
ampliação com ilustrações e legendas:*
Cláudio Lirange Zanatta

Composição
Luiz P. de Almeida Jr. e Márcio P. de Almeida

Revisão:
Elizabeth Paiva

Diagramação:
Roberto Ratti

Capa:
Rogério Mota

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290

Telefax (21) 2452-7700

E-mail: grafica@leondenis.com.br

Site: leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.291.931/0001-89

IE 82.209.980

Tel. (21) 2452-1846

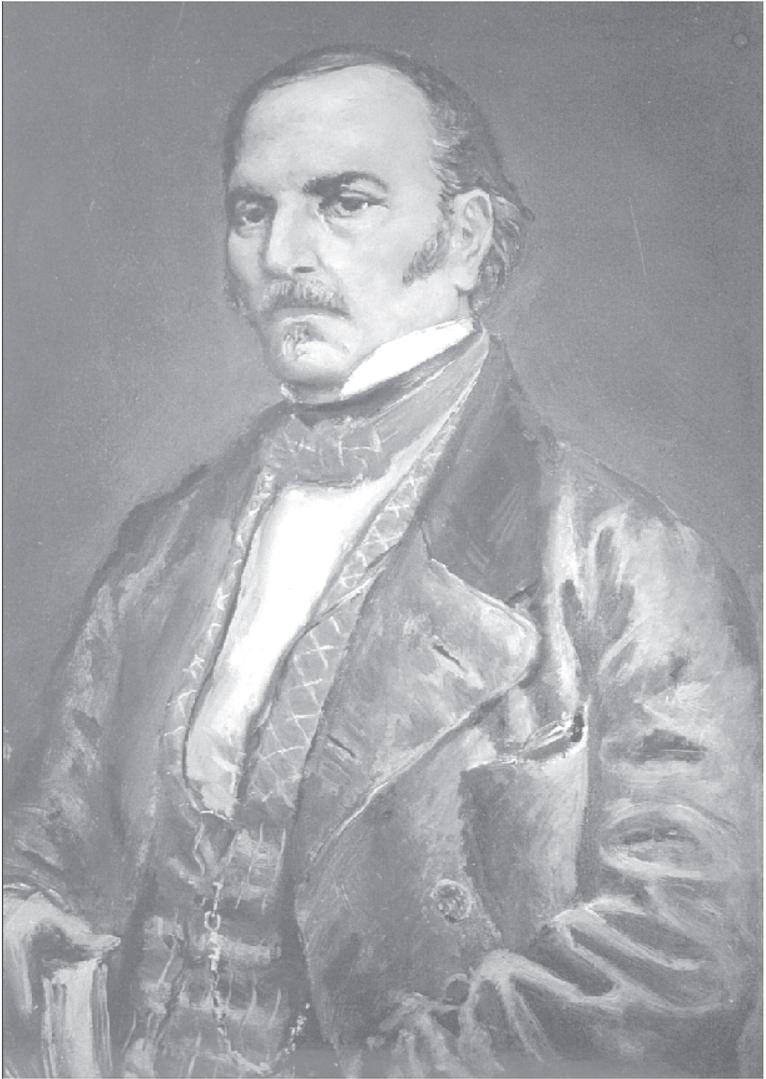
E-mail: editora@celd.org.br

Site: www.celd.org.br

Remessa via Correios e transportadora.

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das
obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.





Allan Kardec
1804-1869

LA GENÈSE

LES MIRACLES ET LES PRÉDICTIONS

SELON LE SPIRITISME

PAR

ALLAN KARDEC

Auteur du *Livre des Esprits*

La doctrine spirite est la résultante de l'enseignement collectif et concordant des Esprits.

La science est appelée à constituer la Genèse selon les lois de la nature.

Dieu prouve sa grandeur et sa puissance par l'immutabilité de ses lois, et non par leur suspension.

Pour Dieu, le passé et l'avenir sont le présent.

QUATRIÈME ÉDITION

PARIS

LIBRAIRIE INTERNATIONALE

15, BOULEVARD MONTMARTRE

A. LACROIX, VERBOECKHOVEN ET C^e, ÉDITEURS

A BRUXELLES, A LEIPZIG ET A LIVOURNE

Et au bureau de la REVUE SPIRITE, 59, rue et passage Ste-Anne

1868

Réserve de tous droits.

A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES

SEGUNDO O ESPIRITISMO

POR

ALLAN KARDEC

Autor do Livro dos Espíritos

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos.

A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as leis da natureza.

Deus prova sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis, e não pela sua suspensão.

Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

4ª EDIÇÃO

PARIS

LIVRARIA INTERNACIONAL

BOULEVARD MONTMARTRE, 15

A. LACROIX, VERBOECKHOVEN E CIA., EDITORES

EM BRUXELAS, EM LEIPZIG E EM LIVOURNE

e no escritório da REVISTA ESPÍRITA, Rua e Passagem Sant' Ana, 59.

1868

Reserva de todos os direitos

SUMÁRIO

Introdução	17
A GÊNESE SEGUNDO O ESPIRITISMO	
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS DA REVELAÇÃO ESPÍRITA	23
CAPÍTULO II – DEUS	63
Existência de Deus	63
Da natureza divina	66
A providência	71
A visão de Deus	77
CAPÍTULO III – O BEM E O MAL	81
Origem do bem e do mal	81
O instinto e a inteligência	87
Destruição dos seres vivos uns pelos outros	93
CAPÍTULO IV – O PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE	97
CAPÍTULO V – ANTIGOS E MODERNOS SISTEMAS DO MUNDO .	107
CAPÍTULO VI – ASTRONOMIA GERAL	117
O espaço e o tempo	117
A matéria	121
As leis e as forças	124
A criação primária	127
A criação universal	130
Os sóis e os planetas	132
Os satélites	134

Os cometas	137
A Via Láctea	140
As estrelas fixas	142
Os desertos do espaço	146
Eterna sucessão dos mundos	147
A vida universal	150
A Ciência	151
Considerações morais	153
CAPÍTULO VII – ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA	157
Períodos Geológicos	157
Estado primitivo do globo	165
Período Primário	169
Período de Transição	170
Período Secundário	174
Período Terciário	178
Período Diluviano	183
Período Pós-Diluviano ou Atual.	
Nascimento do homem	186
CAPÍTULO VIII – TEORIAS SOBRE A TERRA	189
Teoria da projeção	189
Teoria da condensação	193
Teoria da incrustação	194
CAPÍTULO IX – REVOLUÇÕES DO GLOBO	199
Revoluções gerais ou parciais	199
Dilúvio bíblico	200
Revoluções periódicas	202
Cataclismos futuros	207
CAPÍTULO X – GÊNESE ORGÂNICA	211
Formação primária dos seres vivos	211

Princípio vital	221
Geração espontânea	224
Escala dos seres orgânicos	227
O homem	228
CAPÍTULO XI – GÊNESE ESPIRITUAL	231
Princípio espiritual	231
União do princípio espiritual e da matéria	235
Hipótese sobre a origem do corpo humano	237
Encarnação dos espíritos	238
Reencarnação	246
Emigrações e imigrações dos espíritos	247
Raça adâmica	249
Doutrina dos anjos decaídos	252
CAPÍTULO XII – GÊNESE MOSAICA	259
Os seis dias	259
O paraíso perdido	270

OS MILAGRES SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII – CARACTERÍSTICAS DOS MILAGRES	283
CAPÍTULO XIV – Os FLUIDOS	297
Natureza e propriedade dos fluidos	297
Explicação de alguns fatos considerados sobrenaturais	311
CAPÍTULO XV – Os MILAGRES DO EVANGELHO	331
Observações preliminares	331
Sonhos	333
Estrela dos magos	334
Dupla vista	334
Entrada de Jesus em Jerusalém	334
Beijo de Judas	335

Pesca milagrosa	335
Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus	336
Curas	337
Perda de sangue	337
O cego de Betsaida	339
O paralítico	339
Os dez leprosos	340
A mão seca	341
A mulher curvada	342
O paralítico da piscina	343
O cego de nascença	345
Numerosas curas de Jesus	348
Possessos	350
Ressurreições	354
A filha de Jairo	354
O filho da viúva de Naim	355
Jesus caminha sobre a água	357
Transfiguração	358
Tempestade aplacada	359
Bodas de Caná	360
Multiplicação dos pães	361
O fermento dos fariseus	362
O pão do céu	362
Tentação de Jesus	365
Prodígios por ocasião da morte de Jesus	366
Aparição de Jesus após a sua morte	368
Desaparecimento do corpo de Jesus	374

AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI – TEORIA DA PRESCIÊNCIA	381
CAPÍTULO XVII – PREDIÇÕES DO EVANGELHO	393
Ninguém é profeta em sua terra	393
Morte e paixão de Jesus	396
Perseguição aos apóstolos	397
Cidades impenitentes	398
Ruína do Templo e de Jerusalém	398
Maldição aos fariseus	400
Minhas palavras não passarão	402
A pedra angular	403
Parábola dos vinhateiros homicidas	404
Um só rebanho e um só pastor	406
Advento de Elias	409
Anunciação do Consolador	409
Segundo advento do Cristo	413
Sinais precursores	415
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão	419
Juízo final	420
CAPÍTULO XVIII – OS TEMPOS SÃO CHEGADOS	425
Sinais dos tempos	425
A nova geração	440
ANEXO	447
NOTA EXPLICATIVA	479

Introdução

Esta nova obra é mais um passo adiante nas consequências e aplicações do Espiritismo. Como seu título indica, ela tem por objetivo o estudo de três pontos diferentemente interpretados e comentados até o presente: *a Gênese, os milagres e as predições*, nas suas relações com as novas leis que emanam da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos ou, se quiserem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios nascem os fenômenos especiais que são naturalmente inexplicáveis, se não considerarmos um dos dois, exatamente como a formação da água seria inexplicável se deixássemos de levar em conta um de seus dois elementos constituintes: o oxigênio e o hidrogênio.

O Espiritismo, demonstrando a existência do mundo espiritual e suas relações com o mundo material, dá a solução de uma infinidade de fenômenos incompreendidos e considerados, por isso mesmo, como inadmissíveis por uma certa classe de pensadores. Esses fatos existem em grande quantidade nas *Escrituras*, e é pelo desconhecimento da lei que os rege que os comentadores dos dois campos opostos, girando incessantemente no mesmo círculo de ideias, uns desconsiderando os dados positivos da Ciência,

A Gênese

outros, os do princípio espiritual, não puderam chegar a uma solução racional.

Essa solução está na ação recíproca do espírito e da matéria. Ela retira, é verdade, da maioria desses fatos, a característica sobrenatural; porém, o que vale mais: admiti-los como resultantes das leis da Natureza ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta leva consigo a própria base da instituição, enquanto que a sua admissão nesse título, não suprimindo mais que os acessórios, deixa essa base intacta. Eis por que o Espiritismo conduz tantas pessoas para a crença de verdades que, até pouco tempo atrás, consideravam como utopias.

Portanto, esta obra é, como dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, sob um ponto de vista especial. Sua documentação estava pronta, ou pelo menos elaborada, há muito tempo, mas o momento de publicá-la ainda não havia chegado. Era preciso, inicialmente, que as ideias que deviam constituir a sua base chegassem à maturidade, e, além disso, levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios nem teorias secretas; nele tudo deve ser dito às claras, a fim de que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa, mas cada coisa deve vir a seu tempo, para vir seguramente. Uma solução dada precipitadamente, antes da elucidação completa da questão, seria uma causa mais de atraso que de adiantamento. A importância da causa, na questão que aqui se trata, nos impunha o dever de evitar toda precipitação.

Pareceu-nos necessário, antes de entrar no assunto, definir claramente o papel respectivo dos espíritos e dos homens na edificação da nossa Doutrina. Essas considerações preliminares, que afastam dela toda ideia de misticismo, constituem o objetivo do primeiro capítulo, intitulado *Fundamentos da Revelação Espírita*; pedimos uma atenção rigorosa para esse ponto, porque é aí que se encontra, de algum modo, o nó da questão.

Não obstante a parte que toca à atividade humana na elaboração dessa Doutrina, a sua iniciativa pertence aos espíritos, ela, porém, não é formada da opinião pessoal de cada um deles;

ela não é, e nem pode ser, mais que o *resultado do seu ensino coletivo e concordante*. Somente nessa condição, ela pode se dizer a Doutrina dos Espíritos, de outra forma seria apenas a doutrina de *um espírito*, e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

É essa coletividade concordante da opinião dos espíritos, passada, além disso, pelo critério da lógica, que faz a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, seria preciso que a universalidade dos espíritos mudasse de opinião, e que viessem um dia dizer o contrário do que disseram. Visto que a Doutrina tem a sua fonte no ensino dos espíritos, para que ela desaparecesse, seria necessário que os espíritos deixassem de existir. É isso também que a fará sempre prevalecer sobre as teorias pessoais que não têm, conforme ela, suas raízes em toda a parte.

O Livro dos Espíritos só viu seu crédito se consolidar porque é a expressão de um pensamento coletivo, geral. No mês de abril de 1867, viu-se completar seu primeiro decênio; nesse intervalo, os princípios fundamentais dos quais se formaram suas bases foram sucessivamente acabados e desenvolvidos, em consequência do ensino progressivo dos espíritos, mas nenhum recebeu um desmentido da experiência, todos, sem exceção, ficaram de pé, mais fortes do que nunca, enquanto que, de todas as ideias contraditórias que tentaram lhe opor, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todas as partes, o contrário era ensinado. Este é um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, visto que dele nunca nos atribuímos o mérito.

Os mesmos escrúpulos presidiram a redação das nossas outras obras, nós pudemos, verdadeiramente, denominá-las

A Gênese

segundo o Espiritismo, porque estávamos certos da sua conformidade com o ensino geral dos espíritos. O mesmo ocorre com esta, que podemos, por razões idênticas, dar como complemento das precedentes, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais, e que devem ser consideradas como opiniões pessoais, até que tenham sido confirmadas ou contestadas, a fim de não fazer pesar a responsabilidade delas sobre a Doutrina.

Não obstante, os leitores assíduos da *Revista** puderam ali observar, na forma de esboço, a maioria das ideias que estão desenvolvidas nesta última obra, como fizemos com as precedentes. A *Revista* é, frequentemente, para nós, um campo de experiência destinado a sondar a opinião dos homens e dos espíritos sobre certos princípios, antes de admiti-los como partes constituintes da Doutrina.

Allan Kardec



* Allan Kardec refere-se à *Revista Espírita* — *Revue Spirite, Journal d'Études Psychologiques* — cujo primeiro número foi publicado em 1 de janeiro de 1858. (N.T.)

**A GÊNESE SEGUNDO
O ESPIRITISMO**

Capítulo I

Fundamentos da Revelação Espírita¹

1. Podemos considerar o Espiritismo como uma revelação? Nesse caso, qual seria o seu caráter? Em que se baseia a sua autenticidade? A quem e de que maneira ela foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido litúrgico da palavra, quer dizer, ela é, em todos os pontos, o resultado de um ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou passível de modificações? Trazendo aos homens toda a verdade, a revelação não teria o efeito de impedi-los do uso das suas faculdades, uma vez que lhes pouparia o trabalho da pesquisa? Qual pode ser a autoridade do ensino dos espíritos, se eles não são infalíveis e superiores à humanidade? Qual é a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é outra senão a do Cristo, que já se conhece? Quais são as novas

¹ O autor nomeou este capítulo como Caracteres da Revelação Espírita. Uma vez que o vocábulo Caracteres assume aqui o significado de “características que fundamentam,” que pode ser resumido, sem perda do significado original, como FUNDAMENTOS, optamos, na presente edição, por esse último, por emprestar, nos dias de hoje, maior clareza em relação ao assunto que será tratado. (Nota do Revisor **Cláudio Lirange Zanatta**; as próximas notas, de sua autoria, conterão apenas as iniciais **N.R.**)

Capítulo I

verdades que eles nos trazem? O homem tem necessidade de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo e em sua consciência tudo o que é indispensável para conduzir-se na vida? Essas são as questões sobre as quais devemos nos deter.

2. Vamos definir inicialmente o sentido da palavra *revelação*.

Revelar:* cuja raiz é *velum*, véu, significa literalmente “levantar o véu” e, figuradamente, descobrir, tornar conhecida alguma coisa secreta ou desconhecida. Essa palavra é normalmente empregada em relação a qualquer coisa ignorada que é divulgada, a qualquer ideia nova que nos põe a par do que não sabíamos.

Desse ponto de vista, todas as ciências que nos permitem conhecer as leis da Natureza são *revelações*, podendo-se assim dizer que há, para nós, uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia, a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo, etc. Copérnico,² Galileu,³ Newton,⁴ Laplace⁵ e Lavoisier,⁶ entre outros, foram *reveladores*.

* Do latim *revelare*.

² **Copérnico, Nicolau:** astrônomo polonês (Torun, 1473 - Frauenburg, 1543). Demonstrou os dois movimentos dos planetas (sobre si mesmos e em torno do Sol) e publicou, pouco antes de falecer, seu célebre trabalho *Das Revoluções dos Mundos Celestes*. (Nota da Tradutora, segundo o *Dicionário Koogan Larousse*; suas notas seguintes conterão apenas as iniciais **N.T.**)

³ **Galileu Galilei:** matemático, físico e astrônomo italiano (Pisa, 1564 - Arcetri, 1642). Foram inúmeras as suas descobertas e invenções, entre elas o termômetro, a balança hidrostática, o microscópio e, em 1609, a luneta que traz o seu nome por meio da qual descobriu as oscilações aparentes da Lua. Suas observações levaram-no a adotar o sistema proposto por Copérnico e proclamar que o centro do mundo planetário era o Sol e não a Terra, e que a Terra girava em torno do Sol assim como os outros planetas que refletem a luz solar. Por esta afirmativa recebeu a repreensão e a repulsa da Cúria romana, que, para atingi-lo, considerou o sistema de Copérnico como herético, intimando Galileu a abandoná-lo. Aparentemente, ele se submeteu; mas, de volta a Florença, reuniu em um livro (1632) todas as provas da verdade do sistema. Essa bela obra foi denunciada à Inquisição, e Galileu, então com mais de 70 anos, para escapar à fogueira, teve de abjurar, de joelhos, perante aquele tribunal, a sua pretendida heresia (1633). Depois de escapar da fogueira, foi conservado num semicativeiro, ficando sempre sob severa vigilância da Inquisição, morrendo cego. (**N.T.**, segundo o *Dicionário Lello Universal*, volume II.)

⁴ **Newton, Isaac:** matemático, físico, astrônomo e filósofo inglês (Lincolnshire, 1642 - Kensington, 1727). Descobriu em 1687 as leis da atração universal. Ao observar a queda de uma

3. O caráter essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, conseqüentemente, não existe revelação. Toda revelação desmentida por fatos, não é revelação; se ela for atribuída a Deus, não podendo Deus mentir, nem se enganar, ela não pode emanar dele, é preciso considerá-la como o resultado de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus alunos, senão o de um revelador? O professor ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma multidão de homens que trazem, cada um, a sua cota de observações da qual se aproveitam os que vêm depois deles. O ensino é, portanto, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feita por homens que as conhecem a outros que as ignoram, e que, sem isso, as teriam ignorado sempre.

5. O professor, porém, ensina apenas o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo. Traz a luz que, pouco a pouco, se propaga. Que seria da humanidade sem a revelação dos gênios que aparecem de tempos em tempos?

Mas quem são esses gênios? Por que são gênios? De onde eles vêm? O que é feito deles? Observemos que, na sua maioria, trazem, ao nascer, faculdades transcendentais e conhecimentos

maçã, Newton foi obrigado a refletir nessa força singular que atrai os corpos para o centro da Terra, e perguntou a si mesmo se uma força da mesma natureza não poderia explicar o fato de a Lua se manter na órbita da Terra. Estendeu esse raciocínio aos planetas do sistema solar e, assim, de dedução em dedução, chegou à concepção da grande teoria, que os seus cálculos permitiram confirmar rigorosamente. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. III.)

⁵ **Laplace, Pierre-Simon:** astrônomo, matemático e físico francês (Beaumont-en-Auge, 1749 - Paris, 1827). Célebre pela criação do sistema cosmogônico, fez numerosos trabalhos sobre o movimento dos planetas no sistema solar, movimento das marés, etc. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

⁶ **Lavoisier, Antoine-Laurent de:** químico francês (Paris, 1743 - id., 1794), um dos criadores da Química moderna. A ele se devem a nomenclatura química, o conhecimento da composição do ar, a descoberta do papel do oxigênio. Na Física efetuou as primeiras medições calorimétricas. Fez parte da comissão encarregada de estabelecer o sistema métrico. Lavoisier morreu guilhotinado. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

Capítulo I

inatos, que desenvolvem com pouco esforço. Pertencem realmente à humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Portanto, onde adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Pode-se dizer, como os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Pode-se dizer, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Esta suposição é igualmente ilógica, uma vez que acusaria Deus de parcialidade. A única solução racional desse problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O gênio é um espírito que viveu mais tempo e que, por conseguinte, adquiriu maiores conhecimentos e progrediu mais do que os que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe, e como sabe muito mais do que os outros, sem ter necessidade de aprender, é chamado de gênio. Mas o seu saber é o fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio. Antes de renascer, portanto, era um espírito adiantado; ele reencarna, seja para fazer com que os outros aproveitem o que sabe, seja para alcançar mais conhecimentos.

Os homens, sem sombra de dúvida, progridem por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência; mas, entregues às suas próprias forças, esse progresso é muito lento, se não forem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é por seus professores. Todos os povos tiveram seus homens geniais, que surgiram em diversas épocas, para dar-lhes impulso e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admite a solicitude de Deus com as suas criaturas, por que não se admitiria que espíritos capazes, por sua energia e superioridade de seus conhecimentos, de fazerem a humanidade avançar, encarnem pela vontade de Deus, com o fim de estimularem o progresso em um determinado sentido? Por que não se admitiria que eles recebam uma missão, como a que um embaixador recebe do seu governante? Este é o papel dos grandes

gênios. O que eles vêm fazer, senão ensinar aos homens as verdades que esses ignoram — e ainda ignorariam por muito tempo — a fim de lhes dar um ponto de apoio com a ajuda do qual eles poderão elevar-se mais rapidamente? Esses homens geniais, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo rastro luminoso sobre a humanidade, são missionários, ou, se quiserem, messias. Se eles não ensinassem aos homens nada além do que estes sabem, sua presença seria completamente inútil; as coisas novas que eles lhes ensinam, seja na esfera física, seja na filosófica, são *revelações*.

Se Deus permite a vinda de reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, fazer com que apareçam para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessaram os séculos.

7. No sentido específico da fé religiosa, diz-se revelação, mais particularmente, das coisas espirituais que o homem não pode saber por ele mesmo, que não pode descobrir por intermédio de seus sentidos, e cujo conhecimento é dado por Deus ou pelos seus mensageiros, através da palavra direta, ou pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de *profetas* ou *messias*, isto é, *enviados*, *missionários*, tendo a *missão* de transmiti-la aos homens. Considerada sob este ponto de vista, a revelação pressupõe a passividade absoluta; aceita-se sem verificação, sem exame e sem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores que, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham sua razão de ser providencial, porque estavam adequados ao tempo e ao meio em que viviam, às peculiaridades dos povos aos quais falavam e aos quais eram relativamente superiores.

Apesar dos erros das suas doutrinas, eles não deixaram de comover os espíritos e, por isso mesmo, de semear as sementes do progresso, que mais tarde deviam se desenvolver, ou que se desenvolverão um dia à luz brilhante do Cristianismo.

Capítulo I

É, pois, injusto que eles sejam amaldiçoados em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental — Deus e a imortalidade da alma — se fundirão numa grande e vasta unidade, assim que a razão houver triunfado sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação. O papel de profeta suscitou as ambições secundárias, e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias que, valendo-se do prestígio desse nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua cobiça ou da sua preguiça, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não pôde ficar livre desses parasitas. A esse respeito pedimos uma séria atenção para o capítulo XXI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “*Haverá falsos cristos e falsos profetas*”.

9. Há revelações diretas de Deus aos homens? Essa é uma questão que não ousaríamos responder nem afirmativa nem negativamente de uma forma absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá a certeza dele. Do que não se pode duvidar é que os espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se imbuem do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de seu saber pessoal, podem tirar dos seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de espíritos mais elevados, até mesmo dos mensageiros diretos de Deus. Estes, falando em nome de Deus, foram, às vezes, confundidos com o próprio Deus.

As comunicações desse gênero não têm nada de estranho para quem conhece os fenômenos espíritos e o modo pelo qual se estabelecem as relações entre encarnados e desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela visibilidade dos espíritos instrutores nas visões e aparições, quer em sonho,

quer em estado de vigília, como se vê em muitos exemplos na *Bíblia*, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos.

Assim sendo, é rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes, de onde não se conclui que todos os médiuns sejam reveladores ou, ainda menos, os intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se atualmente que nem todos os espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou João a dizer: “Não acrediteis em todos os espíritos; vede antes se os espíritos são de Deus.” (1ª Epístola de João, IV: 1.)

Pode, então, haver revelações sérias e verdadeiras como existem as apócrifas e mentirosas. *O caráter essencial da revelação divina é a da eterna verdade.* Toda revelação eivada de erros, ou sujeita a modificações, não pode emanar de Deus. É assim que a lei do *Decálogo* tem todas as características de sua origem, enquanto que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis caíram em desuso por si mesmas, ao passo que o *Decálogo* ficou sempre de pé, como farol da humanidade. O Cristo fez do *Decálogo* a base do seu edifício, abolindo as outras leis; se estas fossem obra de Deus, seriam conservadas intactas. Cristo e Moisés⁷ são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tamanho poder.

11. Uma importante revelação acontece na época atual, é a que mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do mundo espiritual. Esse conhecimento, sem dúvida, não é novo,

⁷ **Moisés:** a mais importante figura do *Antigo Testamento*, guerreiro, estadista, libertador, moralista e legislador dos hebreus. Moisés deu a este povo o *Decálogo*, ou os dez mandamentos da lei de Deus, que recebera do Senhor, no alto do Monte Sinai, onde se encontrava jejuando. O *Decálogo* constituiria o código civil e religioso da monoteísta Canaã. (N.T.)

Capítulo I

mas ficou até os nossos dias, de certo modo, em estado de letra morta, isto é, sem proveito para a humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o ocultara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-lo de seus acessórios ridículos, compreender o seu alcance, e dele fazer surgir a luz que devia clarear a estrada do futuro.

12. O Espiritismo, fazendo-nos conhecer o mundo invisível que nos cerca, no meio do qual vivíamos sem disso suspeitar, assim como as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a Natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem após a morte, é uma verdadeira revelação na acepção científica da palavra.

13. A revelação espírita, por sua natureza, apresenta duas características: é ao mesmo tempo revelação divina e revelação científica. Inclui-se na primeira, porque o seu aparecimento foi providencial e não o resultado da iniciativa de um desejo premeditado do homem; porque os pontos fundamentais da Doutrina têm sua origem no ensino dado pelos espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens acerca das coisas que ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos, e que deveriam conhecer agora que estão aptos a compreendê-las. Inclui-se na segunda, porque esse ensino não é privilégio de indivíduo algum, mas é dado a todos da mesma maneira; porque os que o transmitem e os que o recebem não são, de maneira alguma, seres *passivos*, dispensados do trabalho de observação e pesquisa, porque não renunciam ao seu raciocínio e ao seu livre-arbítrio; porque a verificação não lhes é impedida, mas, ao contrário, recomendada; enfim, porque a Doutrina *não foi ditada completa, nem imposta à crença cega*; porque ela é deduzida, pelo trabalho dos homens, a partir da observação dos fatos que os espíritos colocam sob os seus olhos, e das instruções que dão a eles, instruções que os homens estudam, comentam, comparam e das quais tiram suas próprias conclusões e aplicações. Numa palavra, *o que caracteriza a revelação espírita é que a sua origem é divina, que a*

iniciativa pertence aos espíritos e que a elaboração é o fruto do trabalho do homem.

14. O Espiritismo, como meio de elaboração, procede exatamente da mesma maneira que as ciências positivas, quer dizer, aplica o método experimental. Apresentam-se fatos novos que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; o Espiritismo os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege, após o que, deduz as suas consequências e busca as suas aplicações úteis. *O Espiritismo não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida*, ou seja, não apresentou como hipóteses nem a existência e a intervenção dos espíritos, nem o perispírito, nem a reencarnação, nem qualquer dos princípios da Doutrina. Concluiu pela existência dos espíritos, quando essa existência resultou evidente da observação dos fatos, e assim em relação aos outros princípios. Não foram os fatos que vieram mais tarde confirmar a teoria, mas a teoria que veio, subsequentemente, explicar e resumir os fatos. Portanto, é rigorosamente exato dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não o produto da imaginação.

15. Citemos um exemplo: no mundo dos espíritos ocorre um fato muito singular, do qual ninguém seguramente suspeitara, é o de existirem espíritos que não se julgam mortos. Pois bem, os espíritos superiores, que conhecem perfeitamente esse fato, não vieram antecipadamente dizer: “Há espíritos que creem ainda viver a vida terrestre, que conservam seus gostos, hábitos e instintos,” mas eles provocaram a manifestação de espíritos dessa categoria para que os observássemos. Vendo-se espíritos em dúvida quanto à sua situação, ou afirmando que ainda eram deste mundo, julgando-se envolvidos com suas ocupações ordinárias, do exemplo deduziu-se a regra. A repetição de fatos análogos demonstrou que isso não era uma exceção, mas uma das fases da vida espírita. Ela permitiu estudar todas as variedades e as causas dessa singular ilusão; reconhecer que tal situação é sobretudo própria de espíritos pouco adiantados moralmente, e que é particular a certos gêneros de morte; que ela é temporária, mas pode

Capítulo I

durar semanas, meses e até anos. Foi assim que a teoria nasceu da observação. O mesmo ocorreu com relação a todos os outros princípios da Doutrina.

16. Assim como a Ciência propriamente dita tem por objetivo o estudo das leis do princípio material, o objetivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, que reage incessantemente sobre o princípio material e vice-versa, daí resulta que o conhecimento de um não pode ser completo sem o conhecimento do outro; que o Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; que a Ciência, sem o Espiritismo, acha-se impossibilitada de explicar certos fenômenos somente pelas leis da matéria, e que é por haver ignorado o princípio espiritual que ela se deteve no meio de tão numerosos impasses; que sem a Ciência, faltaria apoio e comprovação ao Espiritismo e ele poderia iludir-se. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria sido uma obra abortada, como tudo o que surge antes do seu tempo.

17. Todas as ciências se encadeiam e se sucedem numa ordem racional, nascendo umas das outras, à medida que acham um ponto de apoio nas ideias e nos conhecimentos anteriores. A Astronomia, uma das primeiras a aparecer, conservou os erros da infância, até o momento em que a Física revelou a lei das forças dos agentes naturais; a Química, nada podendo sem a Física, devia segui-la de perto, para depois caminharem juntas, uma se apoiando sobre a outra. A Anatomia, a Fisiologia, a Zoologia, a Botânica e a Mineralogia, só se tornaram ciências sérias com o auxílio dos conhecimentos trazidos pela Física e pela Química. A Geologia, mais recente, sem a Astronomia, a Física, a Química e todas as outras, teria ficado sem os seus verdadeiros elementos de vitalidade; assim ela só poderia ter surgido mais tarde.

18. A Ciência moderna refutou os quatro elementos* primitivos dos antigos e, de observação em observação, ela chegou à

* Fogo, terra, água e ar.

concepção *de um só elemento gerador* de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; ela não tem vida, nem pensamento, nem sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio, mas foi o primeiro a demonstrá-lo, através de provas irrecusáveis. Estudou-o, analisou-o e tornou evidente a sua ação. *Ao elemento material*, ele acrescentou o *elemento espiritual*. *O elemento material* e o *elemento espiritual*, são os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel desses dois elementos, facilmente se explica uma multidão de fatos até agora inexplicáveis.

Por sua própria essência, e como tem por objetivo o estudo de um dos dois elementos que constituem o Universo, o Espiritismo entra em contato com a maior parte das ciências e, assim sendo, ele só podia surgir após a elaboração dessas e, sobretudo, depois que elas houvessem provado sua incapacidade de explicar tudo somente pelas leis da matéria.

19. Acusa-se o Espiritismo de parentesco com a magia e a feitiçaria; porém, esquece-se de que a Astronomia tem por irmã mais velha a Astrologia judiciária que não está muito distante de nós; que a Química é filha da Alquimia, com a qual nenhum homem sensato ousaria ocupar-se hoje em dia. Ninguém nega, entretanto, que na Astrologia e na Alquimia estivesse o embrião das verdades de onde saíam as ciências atuais. Apesar das suas fórmulas ridículas, a Alquimia levou à descoberta dos elementos químicos e da lei das afinidades. A Astrologia se apoiava na posição e no movimento dos astros, que ela estudara, mas, na ignorância das verdadeiras leis que regem o mecanismo do Universo, os astros eram, para o vulgo, seres misteriosos aos quais a superstição atribuía uma influência moral e um sentido revelador. Quando Galileu, Newton e Kepler⁸ tornaram conhecidas essas

⁸ **Kepler, Johannes:** astrônomo alemão (Württemberg, 1571 - Regensburg, 1630), empreendeu um estudo preciso e sistemático de Marte e enunciou as leis conhecidas como *Leis de Kepler* das quais Newton depreendeu o princípio da atração universal. (N.T., conforme o *Dicionário Koogan Larousse*.)

Capítulo I

leis, quando o telescópio rasgou o véu e lançou um olhar — que algumas criaturas acharam indiscreto — nas profundezas do espaço, os planetas apareceram como simples mundos semelhantes ao nosso, e todo o alicerce do maravilhoso desmoronou.

O mesmo acontece ao Espiritismo com respeito à magia e à feitiçaria; estas também se apoiavam na manifestação dos espíritos, como a Astrologia no movimento dos astros, mas, na ignorância das leis que regem o mundo espiritual, elas misturavam, a essas relações, práticas e crenças ridículas, as quais o moderno Espiritismo, fruto da experiência e da observação, refutou. Certamente, a distância que separa o Espiritismo da magia e da feitiçaria é maior do que a que existe entre a Astronomia e a Astrologia, a Química e a Alquimia. Querer confundi-las é mostrar que não se sabe nada sobre nenhuma delas.

20. Só o fato da possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual tem consequências incalculáveis da mais alta gravidade. É todo um mundo novo que se revela para nós e que tem ainda mais importância, porquanto ele alcança todos os homens, sem exceção.

Esse conhecimento não pode deixar de trazer, ao se propagar, uma profunda modificação nos costumes, no caráter, nos hábitos e nas crenças que têm tão grande influência sobre as relações sociais.

É toda uma revolução que se realiza nas ideias, revolução tanto maior, quanto mais poderosa, quando não está circunscrita a um povo, a uma raça, mas que atinge, simultaneamente, pelo coração, todas as classes, todas as nacionalidades, todos os cultos.

Portanto, é com razão que o Espiritismo é considerado como a terceira grande revelação. Vejamos em que elas diferem e por qual laço se ligam uma à outra.

21. Moisés, como profeta, revelou aos homens a existência de um Deus único, soberano mestre e criador de todas as coisas; promulgou a lei do Sinai e assentou os alicerces da

verdadeira fé. Como homem, foi o legislador do povo pelo qual essa fé primitiva, purificando-se, deveria, um dia, espalhar-se por toda a Terra.

22. O Cristo, aproveitando da antiga lei o que é eterno e divino, e rejeitando o que era transitório, puramente disciplinar e de concepção humana, acrescentou a *revelação da vida futura*, da qual Moisés não falara, e a das penas e recompensas que aguardam o homem depois da morte. (*Revista Espírita*, março de 1861.)

23. A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de que ela é a fonte primária, a pedra angular de toda a sua doutrina, é o ponto de vista totalmente novo sob o qual ele ensina a encarar a Divindade. Esta não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés, o Deus cruel e implacável, que rega a terra com sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas. Não é mais o Deus injusto, que pune todo um povo pela falta do seu chefe, que se vinga do culpado na figura do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais, mas um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa o pecador arrependido *e dá a cada um segundo as suas obras*. Não é mais o Deus de um único povo privilegiado, o *Deus dos exércitos*, presidindo os combates para sustentar a sua própria causa contra o Deus dos outros povos, mas o Pai comum do gênero humano, que estende a sua proteção sobre todos os seus filhos, chamando todos a si. Não é mais o Deus que recompensa e pune apenas pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progeneritura, mas o Deus que diz aos homens: “Vossa verdadeira pátria não é neste mundo, ela está no reino celestial, é lá que os humildes de coração serão elevados e que os orgulhosos serão humilhados.” Este não é mais o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena que se retribua olho por olho, dente por dente, mas o Deus de misericórdia, que diz: “Perdoai as ofensas se quereis ser perdoados, fazei o bem em troca do mal, não façais aos outros o que não

Capítulo I

quereis que vos façam.” Este não é mais o Deus mesquinho e meticuloso que impõe, sob as mais rigorosas penas, a forma pela qual quer ser adorado, que se ofende pela inobservância de um ritual, mas o Deus grandioso que vê o pensamento e não se honra com a forma. Enfim, este não é mais o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado.

24. Sendo Deus a base de todas as crenças religiosas e o objetivo de todos os cultos, *o caráter de todas as religiões está de acordo com a ideia que elas concebem de Deus*. As religiões que fazem de Deus um ser vingativo e cruel, creem honrá-lo com atos de crueldade, com fogueiras e torturas. As que o consideram um Deus parcial e ciumento são intolerantes; são mais ou menos meticulosas na forma, conforme o supõem mais ou menos contaminado das fraquezas e ninharias humanas.

25. Toda a doutrina do Cristo está fundada sobre o caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição indispensável da salvação, e dizer: *Nisto estão toda a lei e os profetas, não existe outra lei*. Sobre esta crença apenas, ele pôde assentar o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal.

A revelação dos verdadeiros atributos da Divindade, junto à da imortalidade da alma e da vida futura, modificava profundamente as relações mútuas dos homens, impunha-lhes novas obrigações, fazia-os encarar a vida presente sob um novo aspecto e devia, por isso mesmo, reagir sobre os costumes e as relações sociais. É esse, incontestavelmente, por suas consequências, o ponto capital da revelação do Cristo do qual não se compreendeu a importância, e, é lamentável dizê-lo, é também o ponto do qual se está mais afastado e o que mais se tem desconhecido na interpretação dos seus ensinamentos.

26. Entretanto, o Cristo acrescenta: “Muitas das coisas que vos digo ainda não as podeis compreender, e muitas outras eu teria para dizer, que não compreenderíeis; é por isso que vos falo

por parábolas; mais tarde, porém, eu vos *enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade que restabelecerá todas as coisas e as explicará a vós.*” (João, XIV e XVI; Mateus, XVII.)

Se o Cristo não disse tudo o que poderia ter dito, é porque achou necessário deixar certas verdades na penumbra, até que os homens estivessem em estado de compreendê-las. Portanto, conforme suas palavras, seu ensino era incompleto, uma vez que anunciava a vinda daquele que devia completá-lo. Ele previra, assim, que os homens se equivocariam com as suas palavras, que se desviariam dos seus ensinamentos, numa palavra, que desfariam o que ele fez, pois que todas as coisas teriam que ser restabelecidas: ora, só se *restabelece* aquilo que foi desfeito!

27. Por que ele chama o novo Messias de *Consolador*? Este nome, significativo e sem ambiguidade, é toda uma revelação. Ele previa que os homens teriam necessidade de consolações, o que implica na insuficiência daquelas que eles achariam na crença que iam fundar. Talvez o Cristo jamais fosse tão claro e tão explícito como nestas últimas palavras, às quais poucas pessoas deram atenção, provavelmente porque evitaram esclarecê-las e aprofundar o seu sentido profético.

28. Se o Cristo não pôde desenvolver seu ensino de uma forma completa, é porque faltava aos homens o conhecimento que só poderiam adquirir com o tempo e sem o qual eles não poderiam compreendê-lo. Há coisas que lhes teriam parecido um contrassenso segundo os conhecimentos daquela época. Completar seu ensino deve-se, pois, entender no sentido de *explicar e desenvolver*, bem mais que no de acrescentar-lhe novas verdades, porque tudo nele se encontra em estado embrionário, faltava a base para compreender o sentido das palavras.

29. Mas quem ousa se atrever a interpretar as *Escrituras Sagradas*? Quem tem esse direito? Quem possui as luzes necessárias, a não ser os teólogos?

Quem o ousa? A Ciência, inicialmente, que não pede permissão a ninguém para divulgar as leis da Natureza e que passa

Capítulo I

por cima dos erros e dos preconceitos. Quem tem esse direito? Neste século,⁹ de emancipação intelectual e de liberdade de consciência, o direito à verificação pertence a todas as pessoas, e as *Escrituras* não são mais a arca santa¹⁰ na qual ninguém ousava tocar com a ponta do dedo, sem correr o risco de ser fulminado. Quanto às luzes especiais necessárias, sem contestar as luzes dos teólogos, por mais esclarecidos que fossem os da Idade Média, e, em particular, os Pais da Igreja, eles, entretanto, ainda não eram esclarecidos o suficiente para não condenarem, como heresia, o movimento da Terra e a crença na teoria dos antípodas.¹¹ Mesmo sem ir tão longe, os teólogos dos nossos dias não reprovaram energicamente a teoria dos períodos de formação da Terra?

Os homens só puderam explicar as *Escrituras* com o auxílio do que sabiam, das noções falsas ou incompletas que tinham sobre as leis da Natureza, mais tarde reveladas pela Ciência. Eis por que os próprios teólogos, de muito boa-fé, enganaram-se sobre o significado de certas palavras e de certos fatos do Evangelho. Querendo a todo custo nele encontrar a confirmação de uma ideia preconcebida, giraram sempre no mesmo círculo, sem renunciar ao seu ponto de vista, de tal modo que ali só viam o que queriam ver. Embora fossem teólogos eruditos, eles não poderiam compreender as causas que dependiam de leis que eles não conheciam.

Mas, quem será juiz das interpretações diferentes, muitas vezes contraditórias, dadas fora da Teologia? O futuro, a lógica e o bom senso. Os homens, cada vez mais esclarecidos, à medida que novos fatos e novas leis forem sendo descobertos, saberão separar a realidade das teorias utópicas. Ora, a Ciência revela algumas leis, o Espiritismo revela outras; umas e outras são

⁹ Trata-se aqui do século XIX. (N.T.)

¹⁰ **Arca santa ou arca da aliança:** cofre em que os hebreus guardavam as tábuas da lei, feito por ordem de Moisés. Era todo guarnecido de lâminas de ouro e levado nas expedições militares como penhor da proteção divina. (N.T.)

¹¹ **Antípodas:** habitantes de dois pontos da Terra diametralmente opostos. Teoria confirmada com a comprovação da esfericidade do nosso planeta. (N.T.)

indispensáveis à compreensão dos textos sagrados de todas as religiões, desde Confúcio¹² e Buda¹³ até o Cristianismo. Quanto à Teologia, ela não poderia judiciosamente alegar as contradições da Ciência, porquanto ela nem sempre está de acordo consigo mesma.

30. *O Espiritismo*, tomando o seu ponto de partida das próprias palavras do Cristo, como esse o tomou das de Moisés, é uma consequência direta da sua doutrina.

À ideia vaga da vida futura, ele acrescenta a revelação da existência do mundo invisível que nos rodeia e povoa o espaço, e por este meio ele fundamenta a crença, dando-lhe um corpo, uma consistência, uma realidade no pensamento.

Define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte.

Pelo Espiritismo, o homem sabe de onde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que nela sofre temporariamente, e vê por toda parte a justiça de Deus.

Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até que tenha atingido o grau de perfeição que pode aproximá-la de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma natureza e que só há entre elas a diferença do progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão o mesmo objetivo, mais ou menos rapidamente, segundo o seu trabalho e sua boa vontade.

Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas que outras; e que Deus não criou nenhuma que

¹² **Confúcio:** o mais célebre filósofo da China, (551-479 a.C.), fundador de uma religião baseada na moral e de um ideal muito elevado. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. I.)

¹³ **Buda:** “o sábio” ou “o iluminado”, nomes pelos quais se designa o fundador do Budismo, Siddharta Gautama; nasceu nos meados do século VI a.C., em Capilavastu. Durante 45 anos pregou a sua doutrina por toda a Índia; morreu em 478 ou 473 a.C. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. I.)

Capítulo I

seja privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres eternamente consagrados ao mal e ao sofrimento; que aqueles designados pelo nome de *demônios* são espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no estado de espíritos, como o praticavam no estado de encarnados, mas que se adiantarão e se aperfeiçoarão; que os anjos ou espíritos puros não são seres à parte na criação, mas espíritos que chegaram à meta, após terem percorrido a estrada do progresso; que, portanto, não há criações múltiplas de diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda criação resulta da grande lei de unidade que rege o Universo, e que todos os seres gravitam em direção a um fim comum, que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas obras.

31. Pelas relações que pode agora estabelecer com aqueles que deixaram a Terra, o homem não tem apenas a prova material da existência e da individualidade da alma, mas ele compreende a solidariedade que une os vivos aos mortos deste mundo, e os deste mundo aos dos outros mundos. Conhece a situação deles no mundo dos espíritos, acompanha-os em suas migrações, é testemunha das suas alegrias e das suas tristezas, sabe por que são felizes ou infelizes e a sorte que está reservada a ele mesmo, segundo o bem ou o mal que faça. Essas relações o iniciam à vida futura que ele pode observar em todas as suas fases, em todos os seus incidentes. O futuro não é mais uma vaga esperança: é um fato positivo, uma certeza matemática. A morte, então, não tem mais nada de aterrador, porque para ele é a libertação, a porta da verdadeira vida.

32. Pelo estudo da situação em que se encontram os espíritos, o homem sabe que a felicidade e a desventura, na vida espiritual, são inerentes ao grau de perfeição e de imperfeição; que cada um sofre as consequências diretas e naturais de suas faltas, quer dizer, que ele é punido por onde pecou; que essas consequências duram tanto tempo quanto a causa que as originou e, assim sendo, que o culpado sofreria eternamente, se persistisse eterna-

mente no mal, mas que o sofrimento cessa com o arrependimento e a reparação. Ora, como depende de cada um o seu aperfeiçoamento, cada um pode, em virtude do seu livre-arbítrio, prolongar ou abreviar seus sofrimentos, como o doente que sofre pelos seus excessos enquanto não pára de praticá-los.

33. Se a razão recusa, como incompatível com a bondade de Deus, a ideia das penas irremissíveis, perpétuas e absolutas, muitas vezes infligidas por uma única falta, como a dos suplícios do inferno, que o arrependimento mais ardente e mais sincero não pode abrandar, ela se inclina diante dessa justiça distributiva e imparcial, que leva tudo em conta, que nunca fecha a porta ao arrependimento e estende constantemente a mão ao náufrago, em vez de empurrá-lo para o fundo.

34. A pluralidade das existências, cujo princípio o Cristo estabeleceu no Evangelho, mas sem defini-lo mais que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, uma vez que demonstra a sua realidade e sua necessidade para o progresso. Por essa lei, o homem explica todas as aparentes anomalias que a vida humana apresenta; as diferenças de posição social; as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as existências breves; explica a desigualdade das aptidões intelectuais e morais pela antiguidade do espírito, que mais ou menos viveu, aprendeu e progrediu, e que traz, renascendo, o que adquiriu em suas existências anteriores (Ver item 5).

35. Com a doutrina da criação da alma a cada nascimento, caímos no sistema das criações privilegiadas. Os homens são estranhos uns aos outros, nada os une, os laços de família são puramente carnis; não são de nenhum modo solidários com um passado em que não existiam. Com a doutrina do nada após a morte, todas as relações terminam com a vida, os seres humanos não são solidários no futuro. Pela reencarnação, eles são solidários no passado e no futuro; suas relações se perpetuam no mundo espiritual e no corporal, a fraternidade tem por base as próprias leis

Capítulo I

da Natureza. O bem tem um objetivo e o mal, suas consequências inevitáveis.

36. Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da Natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade.

Os homens só nascem inferiores e subordinados pelo corpo; pelo espírito eles são iguais e livres. Daí o dever de tratar os inferiores com bondade, benevolência e humanidade, porque aquele que hoje é nosso subordinado, pode ter sido nosso igual ou nosso superior, pode ser um parente ou um amigo, e nós, por nossa vez, podemos vir a ser o subordinado daquele que hoje comandamos.*

37. Tirem do homem o espírito livre e independente, sobrevivente à matéria, e farão dele uma simples máquina organizada, sem objetivo, sem responsabilidade, sem outro freio que o da lei civil, e *boa para explorar* como um animal inteligente. Não esperando nada depois da morte, nada o impede de aumentar os gozos do presente; se sofre, só tem em perspectiva o desespero e o nada como refúgio. Com a certeza do futuro, a de reencontrar aqueles a quem amou e o *temor de tornar a ver aqueles a quem ofendeu*, todas as suas ideias mudam. Se o Espiritismo nada mais fizesse pelo homem que tirá-lo da dúvida quanto à vida futura, teria feito mais pelo seu aperfeiçoamento moral que todas as leis disciplinares que algumas vezes o detêm, mas que não o modificam.

38. Sem a preexistência da alma, a doutrina do pecado original não é apenas incompatível com a justiça de Deus, que

* Vide nota explicativa ao final desta obra.

tornaria todos os homens responsáveis pela falta de um só, ela seria um contrassenso, ainda menos justificável porquanto, segundo essa doutrina, a alma não existia na época a que pretendem fazer remontar a sua responsabilidade. Com a preexistência e a reencarnação, o homem traz, ao renascer, o germe das suas imperfeições passadas, dos defeitos que não corrigiu e que se traduzem pelos instintos naturais, pelas tendências para um ou outro vício. É esse o seu verdadeiro pecado original, do qual sofre naturalmente as consequências, mas com a diferença fundamental de que sofre a pena das suas próprias faltas e não a da falta de outrem; e com outra diferença, ao mesmo tempo consoladora, encorajadora e soberanamente justa, a de que cada existência lhe oferece os meios de se redimir pela reparação e de progredir, seja despojando-se de alguma imperfeição, seja adquirindo novos conhecimentos, e assim até que, estando suficientemente purificado, não tenha mais necessidade da vida corporal e possa viver exclusivamente a vida espiritual, eterna e bem-aventurada.

Pela mesma razão, aquele que progrediu moralmente traz, ao renascer, qualidades inatas, assim como o que progrediu intelectualmente; ele está identificado com o bem, pratica-o naturalmente, sem cálculo, e, por assim dizer, sem nele pensar. Aquele que é obrigado a combater suas más tendências, esse ainda está na luta; o primeiro já venceu, o segundo está prestes a vencer. Portanto, há *virtude original*, como há *saber original e pecado*, ou melhor, *vício original*.

39. O Espiritismo experimental estudou as propriedades dos fluidos espirituais e a sua ação sobre a matéria. Demonstrou a existência do *perispírito*, da qual já se suspeitava desde a Antiguidade, e que foi designado por Paulo pelo nome de *corpo espiritual*, isto é, corpo fluídico da alma após a destruição do corpo tangível. Sabe-se atualmente que esse invólucro é inseparável da alma, que ele é um dos elementos que constituem o ser humano; que é o veículo da transmissão do pensamento e que, durante a vida do corpo, serve de elo entre o espírito e a matéria. O perispírito representa um papel tão importante no organismo,

Capítulo I

e em uma série de afecções, que ele se liga à Fisiologia tão bem quanto à Psicologia.

40. O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes à Ciência e dá a solução de uma série de fenômenos incompreendidos, até então, por falta de conhecimento da lei que os rege; fenômenos negados pelo materialismo, porque eles se ligam à espiritualidade, e qualificados por outros como milagres ou sortilégios, de acordo com suas crenças. Tais são, entre outros, os fenômenos da vista dupla, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão do pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões, etc. Demonstrando que esses fenômenos baseiam-se em leis tão naturais quanto os fenômenos elétricos, e as condições normais em que podem se reproduzir, o Espiritismo destrói o império do maravilhoso e do sobrenatural e, conseqüentemente, a fonte da maior parte das superstições. Se ele faz crer na possibilidade de certas coisas encaradas por alguns como quiméricas, ele impede que se creia em muitas outras, demonstrando a sua impossibilidade e irracionalidade.

41. O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza que ele revela, tudo quanto o Cristo disse e fez. Esclarece os pontos obscuros do seu ensinamento, de tal maneira que aqueles para quem certas partes do Evangelho eram ininteligíveis, ou *pareciam inadmissíveis*, as compreendem sem dificuldade com a ajuda do Espiritismo, e as admitem; eles veem melhor a sua importância e podem distinguir entre a realidade e a ficção. *O Cristo* lhes parece maior: não é mais simplesmente um filósofo, *é um Messias divino*.

42. Considerando-se, além do mais, o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que empresta a todos os atos da vida, por tornar bem claras as conseqüências do bem e do mal;

pela força moral, a coragem e as consolações que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela ideia de, cada um, ter perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de conversar com eles, enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, tudo quanto se adquiriu em inteligência, em sabedoria, em moralidade, *até à última hora da vida*, nada está perdido, que tudo resulta no adiantamento do espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo em relação ao *Consolador* anunciado. Ora, como é o *Espírito de Verdade* que preside o grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda está, dessa forma, realizada porque, de fato, ele é o verdadeiro *Consolador*.¹⁴

43. Se, a esses resultados, junta-se a prodigiosa rapidez da propagação do Espiritismo, apesar de tudo o que se faz para derrubá-lo, não se poderá negar que a sua vinda seja providencial, visto como ele triunfa de todas as forças e de toda a má vontade humana. A facilidade com que é aceito por um número tão grande de pessoas, e isto sem coação, sem outros meios que o poder das ideias, prova que ele corresponde a uma necessidade: a de crer em alguma coisa, após o vazio provocado pela incredulidade, e que, portanto, surgiu no momento apropriado.

44. O número de aflitos é imenso, portanto não é de admirar que tanta gente acolha uma doutrina que consola, de

¹⁴ *Muitos pais de família deploram a morte prematura dos filhos, para cuja educação fizeram grandes sacrifícios, julgando que tudo resultou em pura perda. Com o Espiritismo, porém, não lamentam esses sacrifícios e estariam prontos a fazê-los, mesmo com a certeza de que veriam os seus filhos morrer, porque sabem que, se eles não aproveitarem dessa educação na vida presente, ela servirá, em primeiro lugar, ao seu adiantamento como espíritos pois que serão aquisições para uma nova existência, e que, quando voltarem a este mundo, terão uma bagagem intelectual que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos. É o caso das crianças que trazem ao nascer, ideias inatas; que sabem, por assim dizer, sem haver necessidade de aprender.*

Se, como pais, não têm a satisfação imediata de ver seus filhos aproveitarem dessa educação, eles a terão, com certeza, mais tarde, seja como espíritos, seja como homens. Talvez eles sejam de novo os pais desses mesmos filhos, que serão apontados como superdotados pela natureza e que devem suas aptidões a uma educação precedente. Assim também, se os filhos se desviam para o mal, pela negligência dos pais, estes podem vir a sofrer mais tarde pelos desgostos e pesares que esses mesmos filhos lhes causarão em uma nova existência. Ver "O Evangelho Segundo o Espiritismo", cap. V, item 21: "Mortes prematuras". (Nota do Autor; outras notas semelhantes terão apenas as iniciais N.A.)

Capítulo I

preferência àquelas que desesperam, porque é aos deserdados, mais que aos felizes do mundo, que o Espiritismo se dirige. O doente vê chegar o médico com maior satisfação que aquele que está bem de saúde. Ora, os aflitos são os doentes, e o Consolador é o médico.

Aos que combatem o Espiritismo, se querem que o abandonemos para segui-los, ofereçam-nos mais e melhor do que ele. Curem com maior segurança as feridas da alma. Deem mais consolações, mais satisfações ao coração, esperanças mais legítimas e maiores certezas. Façam do futuro um quadro mais racional, mais sedutor, porém, não pensem vencê-lo com a perspectiva do nada, com a alternativa das chamas do inferno, ou da beata e inútil contemplação perpétua.

45. A primeira revelação estava personificada em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não o está em indivíduo algum. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva, eis aí uma característica essencial de uma grande importância. É coletiva no sentido de não ter sido feita para privilégio de pessoa alguma; assim sendo, ninguém pode dizer-se seu profeta exclusivo. Ela foi feita simultaneamente por toda a Terra, para milhões de pessoas, de todas as idades, de todas as épocas e de todas as condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, de acordo com esta predição registrada pelo autor dos *Atos dos Apóstolos*:* “Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão, os jovens terão visões, e os velhos terão sonhos.” Ela não se originou de nenhum culto especial, a fim de servir, um dia, de ponto de encontro para todos.¹⁵

* Atos, II: 17 e 18.

¹⁵ *O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo, e que já começa a se realizar, é o de um observador atento que estuda os fatos para descobrir as suas causas e deduzir as suas conseqüências. Confrontamos todos os fatos que nos foi possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos o conjunto metodicamente. Em suma, estudamos e levamos ao público o fruto das nossas pesquisas, sem atribuir aos nossos trabalhos outro valor que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem jamais nos colocarmos como chefe de doutrina, nem querermos impor as nossas ideias a pessoa alguma. Publicando-as, usamos de um*



46. As duas primeiras revelações, sendo o produto de um ensino pessoal, foram inevitavelmente localizadas, isto é, apareceram em um só ponto em torno do qual, aos poucos, a ideia foi se propagando, mas foram precisos muitos séculos para que atingissem as extremidades do mundo, sem o conquistar inteiramente. A terceira tem isto de particular: não sendo personificada em um indivíduo, surgiu simultaneamente em milhares de pontos diferentes, que se transformaram em centros ou focos de irradiação. Com a multiplicação desses centros, pouco a pouco seus raios se encontram, como os círculos formados por uma quantidade de pedras atiradas na água, de tal sorte, que, em um determinado tempo, acabarão cobrindo toda a superfície da Terra.

Essa é uma das causas da rápida propagação da Doutrina. Se ela tivesse surgido em um único ponto, se fosse a obra exclusiva de um homem, teria formado seita em torno dela, e talvez meio século se passasse sem que ela atingisse as fronteiras do país onde nascera, enquanto que, após dez anos, já tem marcos fincados de um polo ao outro.

47. Essa circunstância, inédita na história das doutrinas, dá à Doutrina Espírita uma força excepcional e um irresistível poder de ação. De fato, se a reprimirem em um ponto, em um determinado país, será materialmente impossível que a reprimam em todos os pontos e em todos os países. Para um lugar onde ela seja obstruída, haverá mil outros em que ela florescerá. Mais ainda: se a atingirem em um indivíduo, não poderão atingi-la nos espíritos, que são a sua fonte. Ora, como os espíritos estão em toda parte, e como sempre existirão, se, por uma hipótese impossível, conseguissem sufocá-la em toda a Terra, ela reapareceria algum tempo depois, porque está estabelecida sobre *um fato, que*

direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam muitas simpatias, é porque tiveram o mérito de corresponder às aspirações de um grande número de criaturas, mas não nos envaidecemos disso, uma vez que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso fizemos o que outros poderiam ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, e, ainda menos, de nos apresentarmos como tal. (N.A.)

Capítulo I

está na Natureza, e porque não se podem suprimir as leis da Natureza. É disso que devem se convencer aqueles que sonham com o aniquilamento do Espiritismo. (*Revista Espírita*, fevereiro de 1865: “Perpetuidade do Espiritismo”.)

48. Entretanto, esses centros disseminados poderiam permanecer ainda muito tempo isolados uns dos outros, visto que alguns se encontram confinados em países distantes. Era preciso entre eles um traço de união que os colocasse em comunhão de ideias com seus irmãos de crença, informando-os do que se fazia em outros locais. Esse traço de união, que teria faltado ao Espiritismo na Antiguidade, encontra-se nas publicações que vão a toda parte, e que condensam, de uma forma única, concisa e metódica, o ensino dado em todos os lugares, de muitas maneiras e em diversas línguas.

49. As duas primeiras revelações só podiam ser o resultado de um ensino direto; elas deviam se impor à fé pela autoridade da palavra do mestre, porquanto os homens ainda não estavam bastante adiantados para contribuírem na sua elaboração.

Observamos, porém, uma diferença bem sensível entre as duas revelações, em relação ao progresso dos costumes e das ideias, ainda que feitas ao mesmo povo e no mesmo meio, com um intervalo de aproximadamente dezoito séculos. A doutrina de Moisés é absoluta, despótica, não admite discussão e se impõe ao povo pela força. A de Jesus é essencialmente conselheira, é aceita livremente e só se impõe pela persuasão. Foi contestada mesmo durante a vida do seu fundador, que não se negava a discutir com os seus adversários.

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas

se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação. (Ver item 15.)

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual,

Capítulo I

levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários.

Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu.

Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo.

Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, *resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais*. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e *sem premeditação*.¹⁶

¹⁶ “O Livro dos Espíritos”, a primeira obra que fez o Espiritismo entrar na estrada filosófica, pela dedução das consequências morais dos fatos, e que abordou todas as partes da Doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde o seu aparecimento, o ponto de reunião para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais. É notório que, da publicação desse livro, data a era do Espiritismo filosófico, até então mantido no domínio da curiosidade. Se esse livro conquistou as simpatias da maioria é porque ele era a expressão dos sentimentos dessa mesma maioria, correspondia às suas aspirações e também porque ali se encontravam a confirma-



53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo.

Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.¹⁷

ção e a explicação racional do que cada um obtinha em particular. Se estivesse em desacordo com o ensino geral dos espíritos, não teria tido nenhum crédito e imediatamente cairia no esquecimento. Ora, qual foi aquele ponto de convergência? Não foi o homem, que por si mesmo não é nada, centro de ação que morre e desaparece, mas a ideia, que não fenece quando procede de uma fonte superior ao homem.

Essa concentração espontânea de forças dispersas deu lugar a uma correspondência imensa, monumento único no mundo, quadro vivo da verdadeira história do Espiritismo moderno, onde se refletem ao mesmo tempo os trabalhos parciais, os sentimentos múltiplos que a Doutrina fez nascer, os resultados morais, as abnegações e os desfalecimentos. São arquivos preciosos para a posteridade, que poderá julgar os homens e as coisas através de documentos autênticos. Em presença desses testemunhos irrefutáveis, a que se reduzirão, com o tempo, todas as falsas alegações, as difamações da inveja e do ciúme?... (N.A.)

¹⁷ *Testemunho significativo, tão notável quanto tocante, dessa comunhão de ideias que se estabeleceu entre os espíritas, pela conformidade de suas crenças, são os pedidos de preces que nos chegam dos mais distantes países, desde o Peru até as extremidades da Ásia, feitos por pessoas de diversas religiões e nacionalidades e que jamais vimos. Isso não é o prelúdio da grande unificação que se prepara? Não é a prova dos sérios princípios que o Espiritismo vem implantando por toda a parte?*

É digno de nota que, de todos os grupos que se formaram com a intenção premeditada de provocar a cisão, proclamando princípios divergentes, assim como aqueles que, por amor-próprio ou por outras razões quaisquer, não querendo parecer que se submetem à lei comum, se consideraram bastante fortes para caminharem sozinhos e possuem luzes suficientes para passar sem

Capítulo I

Como saber, porém, se um princípio é ensinado por toda parte ou se é apenas o resultado de uma opinião individual? Não estando os grupos isolados em condições de saber o que se diz alhures, era necessário que um centro reunisse todas as instruções, para fazer uma espécie de escrutínio das vozes e levar ao conhecimento de todos a opinião da maioria.¹⁸

54. Não existe nenhuma ciência que tenha saído inteiramente pronta do cérebro de um homem. Todas, sem exceção, são o produto de observações sucessivas se apoiando em observações precedentes, como em um ponto conhecido para chegar ao desconhecido. Foi assim que os espíritos procederam com o Espiritismo, essa é a razão por que seu ensino é gradativo. Eles só abordam as questões à medida que os princípios nos quais eles devem se apoiar estejam suficientemente elaborados, e a opinião bastante amadurecida para assimilá-los. Observa-se que todas as vezes que os centros particulares quiseram abordar questões prematuras, só obtiveram respostas contraditórias, não concludentes. Quando, ao contrário, chega o momento favorável, o ensino é idêntico na quase universalidade dos centros.

Entretanto, entre o avanço do Espiritismo e o das ciências, há uma diferença capital: é que estas só atingiram o ponto a que chegaram após longos intervalos de tempo, enquanto que para o

conselhos, nenhum chegou a constituir uma ideia preponderante e viável. Todos se extinguiram ou vegetaram na sombra. Como poderia ser de outro modo, uma vez que, para se distinguirem, em lugar de se esforçarem por proporcionar um número maior de satisfações, rejeitavam princípios da Doutrina, precisamente o que a tornou o mais poderoso atrativo, o que de mais consolador e mais racional ela contém? Se houvessem compreendido a força dos elementos morais que constituíram a unidade, não se teriam deixado levar por uma quimérica ilusão. Mas, tomando seu pequeno círculo como se fosse o Universo, não viram nos adeptos mais que um grupinho que podia facilmente ser derrubado por outro grupo. Isto era equivocar-se de modo estranho sobre as características essenciais da Doutrina e semelhante erro só podia acarretar decepções. Ao invés de romperem a unidade, quebraram o único elo que podia lhes dar força e vida. ("Revista Espírita", abril de 1866: "O Espiritismo sem os espíritos: o Espiritismo independente".) (N.A.)

¹⁸ *É esse o objetivo das nossas publicações, que podem ser consideradas como o resultado dessa apuração. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios, depois de haverem recebido a consagração de todos os controles que lhes podem dar força de lei e permitir afirmações. Eis por que não preconizamos levemente nenhuma teoria, e é por isso que a Doutrina, procedendo do ensino geral, não representa o resultado de um sistema preconcebido. É também o que lhe dá a sua força e assegura o seu futuro. (N.A.)*

Espiritismo foram suficientes alguns anos, se não para alcançar o ponto culminante, pelo menos para acumular um volume de observações bastante grande para formar uma Doutrina. Isso se deve à inumerável multidão de espíritos que, por vontade de Deus, se manifestaram simultaneamente, trazendo cada um o contingente dos seus conhecimentos. Resultou daí que todas as partes da Doutrina, ao invés de serem elaboradas sucessivamente durante longos anos, o foram quase que ao mesmo tempo, em apenas poucos, e que bastou reuni-las para que formassem um todo.

Quis Deus que assim fosse, primeiro, para que o edifício chegasse mais rapidamente ao topo; segundo, para que se pudesse, através da comparação, ter um controle, por assim dizer imediato e permanente, da universalidade do ensino, cada parte tendo valor e autoridade, apenas pela sua relação com o conjunto, todas devendo se harmonizar, achar o seu lugar no arranjo geral e chegar cada uma em seu tempo.

Não confiando a apenas um espírito o cuidado de promulgar a Doutrina, Deus quis, além disso, que tanto o mais pequenino quanto o maior, entre os espíritos como entre os homens, trouxesse a sua pedra para o edifício, a fim de estabelecer entre eles um laço de solidariedade cooperativa, que faltou a todas as doutrinas saídas de uma única fonte.

Por outro lado, cada espírito, assim como cada homem, tendo apenas uma limitada soma de conhecimentos, não estava apto, individualmente, a tratar *ex-professo*, isto é, de uma forma perfeita e completa, das inúmeras questões que dizem respeito ao Espiritismo. Essa é uma das razões por que, em cumprimento dos desígnios do Criador, a Doutrina não podia ser obra de apenas um espírito nem de apenas um médium. Ela só podia surgir da coletividade dos trabalhos, controlados uns pelos outros.¹⁹

¹⁹ Veja-se em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Introdução, item II, e "Revista Espírita", de abril de 1864: "Autoridade da Doutrina Espírita; controle universal do ensino dos espíritos." (N.A.)

Capítulo I

55. Uma última característica da revelação espírita, que ressalta das próprias condições em que ela é feita, é que, apoiando-se em fatos, ela é, e não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Pelo seu teor, alia-se à Ciência que, sendo a exposição das leis da Natureza em uma certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor dessas leis. *As descobertas da Ciência glorificam Deus em lugar de rebaixá-lo; elas apenas destroem o que os homens edificaram sobre as falsas ideias que fizeram de Deus.*

O Espiritismo, assim, só estabelece como princípio absoluto o que está demonstrado com evidência, ou o que resulta logicamente da observação. Relacionando-se com todos os ramos da organização social, aos quais dá o apoio das suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, chegadas ao estado de *verdades práticas* e saídas do domínio da utopia, sem o que o Espiritismo se suicidaria. Deixando de ser o que é, desmentiria sua origem e seu fim providencial. *Caminhando com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem que está errado em um determinado ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revela, ele a aceita.*²⁰

56. Qual a utilidade da doutrina moral dos espíritos, visto que ela não é outra senão a do Cristo? O homem precisa de uma revelação e não pode encontrar em si mesmo tudo o que é necessário para se conduzir?

Do ponto de vista moral, Deus, sem dúvida, deu ao homem um guia na sua consciência que lhe diz: “Não faças a outrem o que não gostarias que te fizessem.” A moral natural está certamente

²⁰ Diante de declarações tão nítidas e tão categóricas, como as contidas neste capítulo, caem todas as alegações de tendência ao absolutismo e à autocracia dos princípios, todas as falsas assimilações que algumas pessoas prevenidas ou mal-informadas emprestam à Doutrina. Essas declarações, aliás, não são novas; nós as temos repetido inúmeras vezes nos nossos escritos, para não deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Além disso, elas designam o nosso verdadeiro papel, o único que ambicionamos: o de trabalhador. (N.A.)

inscrita no coração dos homens, porém, todos sabem lê-la nesse livro? Não têm desconhecido sempre esses sábios preceitos? Que fizeram da moral do Cristo? Como a praticam aqueles mesmos que a ensinam? Ela não se transformou em letra morta, em uma bela teoria, boa para os outros e não para eles? Deve-se reprovar um pai por repetir dez vezes, cem vezes as mesmas instruções a seus filhos, se eles não as seguem? Por que Deus faria menos que um pai de família? Por que ele não enviaria aos homens, de tempos em tempos, mensageiros especiais encarregados de lhes lembrar os deveres, de os reconduzir ao bom caminho, quando dele se afastam? de abrir os olhos da inteligência aos que os trazem fechados, assim como os homens mais adiantados enviam missionários aos selvagens e aos bárbaros?

Os espíritos só ensinam a moral do Cristo, pela simples razão de que não há outra melhor. Mas, então, de que serve o seu ensino, se eles apenas dizem o que sabemos? O mesmo se poderia afirmar da moral do Cristo que foi ensinada, quinhentos anos antes dele, por Sócrates²¹ e Platão²² e em termos quase idênticos; e de todos os moralistas que repetem a mesma coisa em todos os tons e sob todas as formas. Pois bem! *os espíritos vêm, muito simplesmente, aumentar o número dos moralistas*, com a diferença de que, manifestando-se por toda parte, fazem-se ouvir tanto na choupana como no palácio, tanto pelos ignorantes como pelos instruídos.

O que o ensino dos espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que tornam a ligar os mortos e os vivos, que completam as noções vagas que ele tinha dado da alma, do seu passado e do seu futuro, e que dão por sanção à sua Doutrina as próprias leis da Natureza. Com o auxílio das novas luzes

²¹ **Sócrates:** ilustre filósofo grego (Ática, 470 - Atenas, 399 a.C.), dedicou-se ao estudo moral do homem. Acusado de impiedade, foi preso e condenado a envenenar-se bebendo cicuta. (N.T.)

²² **Platão:** filósofo grego, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles (Atenas, 428 ou 427 a.C. - idem, 348 ou 347 a.C.). Escreveu os *Diálogos*, através dos quais os dados a respeito da personalidade e da filosofia de Sócrates chegaram até nós. (N.T.)

Capítulo I

trazidas pelo Espiritismo e pelos espíritos, o homem compreende a solidariedade que une todos os seres; a caridade e a fraternidade tornam-se uma necessidade social; ele faz por convicção o que só fazia por dever, e o faz melhor.

No momento em que os homens praticarem a moral do Cristo, e somente aí, é que poderão dizer que não precisam mais de moralistas encarnados ou desencarnados, mas, então, Deus também não os enviará mais.

57. Uma das questões mais importantes, dentre as colocadas no início deste capítulo, é a seguinte: Qual a autoridade da revelação espírita, já que ela emana de seres de limitadas luzes e que não são infalíveis?

A objeção seria grave se essa revelação só consistisse no ensino dos espíritos, se devêssemos recebê-la exclusivamente deles e aceitá-la de olhos fechados. Porém, ela fica sem valor, desde o momento em que o homem participa dessa revelação com o concurso da sua inteligência e do seu julgamento, e os espíritos se limitam a dar indicações das deduções que ele pode tirar da observação dos fatos. Ora, as manifestações, e suas inúmeras modalidades, são fatos; o homem os estuda para lhes encontrar a lei, sendo auxiliado nesse trabalho por espíritos de todas as categorias que são antes *colaboradores* que *reveladores*, no sentido usual da palavra. O homem submete as declarações dos espíritos ao controle da lógica e do bom senso, dessa maneira ele se beneficia dos conhecimentos especiais que os espíritos devem à posição que ocupam, sem abdicar do uso da sua própria razão.

Um aspecto fundamental a considerar é que, sendo os espíritos apenas as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saímos da humanidade*. Os gênios, homens de grande capacidade intelectual, que foram faróis da humanidade, saíram do mundo dos espíritos e para lá voltaram ao deixarem a Terra. Uma vez que os espíritos podem se comunicar com os homens, esses mesmos gênios podem lhes dar instruções sob a forma espiritual, como o fizeram sob a forma corpórea. Podem instruir-nos, depois de terem morrido, como o faziam quando eram vivos; eles

são invisíveis ao invés de serem visíveis, eis toda a diferença. Sua experiência e seu saber não devem ser menores, e se a sua palavra, como homens, tinha autoridade, esta não pode ser menor porque eles estão no mundo dos espíritos.

58. Não são só os espíritos superiores que se manifestam, mas também os de todas as categorias, e isto era necessário para nos iniciar na verdadeira natureza do mundo espiritual e mostrá-lo sob todos os seus aspectos. Dessa maneira as relações entre o mundo visível e o mundo invisível são mais íntimas, a conexão é mais evidente, vemos mais claramente de onde viemos e para onde vamos; esse é o objetivo essencial das manifestações. Assim, todos os espíritos nos ensinam alguma coisa, em qualquer grau de elevação que tenham alcançado, mas, como eles são mais ou menos esclarecidos, cabe a nós discernir o que há neles de bom ou de mau, e tirar o proveito que o seu ensino contenha. Ora, todos, quaisquer que sejam, podem nos ensinar ou revelar coisas que ignoramos e que sem eles não saberíamos.

59. Os grandes espíritos encarnados são individualidades poderosas, sem dúvida, entretanto sua ação é restrita e necessariamente lenta para se propagar. Se um só dentre eles — mesmo que fosse Elias²³ ou Moisés, Sócrates ou Platão — viesse nestes últimos tempos revelar aos homens o estado do mundo espiritual, quem iria provar a veracidade dessas afirmações, nesta época de ceticismo? Não seria olhado como um sonhador ou um utopista? E, admitindo-se que ele dissesse a verdade absoluta, séculos se passariam antes que suas ideias fossem aceitas pelo povo. Deus, em sua sabedoria, não quis que acontecesse assim, ele quis que o ensino fosse dado pelos *próprios espíritos*, e não por encarnados, a fim de que estes se convencessem da existência deles, e que isso ocorresse por toda a Terra, simultaneamente,

²³ **Elias:** profeta judeu no tempo de Acab e de Jezabel. Suscitado por Deus para desviar o povo de Israel do culto de Baal e de Astarte, fez milagres no Monte Carmelo, confundindo os sacerdotes dos falsos deuses. Perseguido pela Rainha Jezabel, retirou-se para o deserto. Confiou a seu discípulo, Eliseu, o cuidado de continuar a sua obra; foi arrebatado para o céu num carro de fogo. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. II.)

Capítulo I

seja para que o ensino se propagasse com maior rapidez, seja para que se achasse na coincidência desse ensino uma prova da verdade, tendo assim cada um o meio de convencer-se a si mesmo.

60. Os espíritos não vêm para livrar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe fornecem nenhuma ciência inteiramente pronta, e o que o homem pode descobrir por si mesmo, eles deixam entregue às suas próprias forças. Os espíritos, hoje, sabem disso perfeitamente. Há muito tempo a experiência demonstrou o erro da opinião que atribuía aos espíritos todo o saber e toda a sabedoria, ou que seria suficiente dirigir-se ao primeiro espírito vindo para se conhecer todas as coisas. Saídos da humanidade, os espíritos são uma das suas faces, e, como na Terra, há entre eles os superiores e os vulgares; muitos deles, portanto, científica e filosoficamente, sabem menos do que certos homens. Eles dizem o que sabem, nem mais, nem menos. Como entre os homens, os espíritos mais adiantados podem nos instruir sobre mais coisas, dar-nos opiniões mais judiciosas do que os atrasados. Pedir conselhos aos espíritos não é, de maneira alguma, recorrer a potências sobrenaturais, mas a *seus iguais*, àqueles mesmos a quem se teria recorrido em vida, a parentes, amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que nós. Eis do que é necessário que todos se convençam e o que ignoram aqueles que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem uma ideia completamente falsa sobre a natureza do mundo dos espíritos e das relações com o além-túmulo.

61. Qual é, pois, a utilidade dessas manifestações ou, se preferirem, dessa revelação, se os espíritos não sabem mais do que nós, ou não nos dizem tudo o que sabem?

Primeiramente, como dissemos, eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho. Em segundo lugar, há coisas que eles não têm permissão para nos revelar, porque o nosso grau de adiantamento não as comporta. Além disso, as condições da sua nova existência ampliam o círculo das suas percepções: eles veem o que não viam sobre a Terra. Libertos dos entraves da matéria, liberados dos cuidados da vida corpórea, julgam as

coisas de um ponto de vista mais elevado e, por isso mesmo, mais integralmente. Sua perspicácia abrange um horizonte mais vasto, compreendem seus erros, retificam suas ideias e se desembaraçam dos preconceitos humanos.

É nisso que consiste a superioridade dos espíritos sobre a humanidade corpórea, e a possibilidade de que seus conselhos possam ser, segundo o grau de adiantamento que alcançaram, mais judiciosos e desinteressados que os dos encarnados. Por outro lado, o meio em que eles se encontram lhes permite nos iniciar nas coisas da vida futura que ignoramos, e que não podemos aprender no meio em que estamos. Até hoje, o homem apenas criara hipóteses sobre o seu futuro; eis por que suas crenças a esse respeito se dividiram em sistemas tão numerosos e tão divergentes, desde o *niilismo** até as fantásticas concepções do inferno e do paraíso. Hoje, são as testemunhas oculares, os próprios atores da vida de além-túmulo, que vêm nos dizer no que se tornaram, e *só eles podiam fazê-lo*. Essas manifestações, portanto, serviram para nos fazer conhecer o mundo invisível que nos rodeia e do qual nem suspeitávamos; apenas esse conhecimento já seria de importância capital, supondo-se que os espíritos fossem incapazes de nada mais nos ensinar.

Se você for a um país desconhecido, recusará as informações do mais humilde homem do campo que encontrar? Deixará de perguntar-lhe sobre o estado das estradas, simplesmente por que ele é um camponês? Certamente você não esperará obter dele esclarecimentos de grande porte, mas, no que respeita à sua área de atuação, poderá prestar melhores informações sobre alguns assuntos do que um sábio que não conheça o país. Você tirará de suas informações as deduções que ele próprio não poderia tirar, sem que, por isso, ele deixe de ser um instrumento útil às suas observações, embora apenas servisse para prestar informações acerca dos costumes dos camponeses. O mesmo acontece nas

* **Niilismo**: redução ao nada absoluto.

Capítulo I

nossas relações com os espíritos, no qual o menos qualificado pode nos ensinar alguma coisa.

62. Uma comparação vulgar fará com que se compreenda melhor a situação:

Um navio repleto de emigrantes parte para longínquo destino. Leva pessoas de todas as condições, parentes e amigos dos que ficam. Sabe-se que esse navio naufragou. Não restou nenhum vestígio dele, não chegou nenhuma notícia sobre a sua sorte. Acredita-se que todos os passageiros morreram e o luto atinge todas as famílias. Entretanto, todos os tripulantes, sem faltar uma única pessoa, alcançaram uma região desconhecida, de terra abundante e fértil, onde passam a viver felizes sob um céu clemente; porém, ignora-se esse fato. Ora, um dia, outro navio aborda essa terra e lá encontra sãos e salvos os naufragos. A boa notícia se espalha com a rapidez do relâmpago. Exclamam todos: “Os nossos amigos não estão perdidos!” E dão graças a Deus. Não podem se ver, mas se correspondem, trocam demonstrações de afeto e, assim, a alegria substitui a tristeza.

Tal é a imagem da vida terrena e da vida de além-túmulo, antes e depois da revelação moderna. Essa, semelhante ao segundo navio, nos traz a Boa-nova da sobrevivência dos que nos são caros e a certeza de reencontrá-los um dia. A dúvida sobre a sorte deles e a nossa não existe mais. O desânimo se desfaz diante da esperança.

Outros resultados, porém, vêm enriquecer essa revelação. Deus, julgando a humanidade madura para penetrar o mistério do seu destino e contemplar com serenidade novas maravilhas, permitiu que fosse erguido o véu que separava o mundo visível do mundo invisível. As manifestações nada têm de sobre-humanas, *é a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal* e lhe diz:

“Nós existimos, logo o nada não existe; eis o que nós somos, eis o que sereis, o futuro existe para vós como existe para nós. Caminhais nas trevas, viemos clarear vosso caminho e vos

traçar a rota. Andais ao acaso, viemos apontar-vos o objetivo. Para vós, a vida terrena era tudo porque nada vís além dela; viemos dizer-vos, mostrando a vida espiritual: a vida terrestre não é nada. A vossa visão se detinha no túmulo, nós vos mostramos, para além dele, um esplêndido horizonte. Vós não sabíeis porque sofreis na Terra, agora, no sofrimento vedes a justiça de Deus. O bem, aparentemente, não produzia nenhum fruto para o futuro, doravante, ele terá um objetivo e será uma necessidade. A fraternidade não era mais que uma bela teoria, agora se firma em uma lei da Natureza. Sob o domínio da crença de que tudo acaba com a vida e de que a imensidade é o vazio, o egoísmo reina soberano entre vós, e a palavra de ordem é: ‘Cada um por si.’ Com a certeza do futuro, os espaços infinitos se povoam ao infinito, em parte alguma há o vazio e a solidão; a solidariedade liga todos os seres, aquém e além do túmulo. É o reino da caridade, sob a divisa: ‘Um por todos e todos por um.’ Enfim, ao final da vida, dizíeis um eterno adeus aos que vos são caros; agora vós lhes direis: “Até breve”!

Esses são, em resumo, os resultados da nova revelação; ela veio encher o vazio provocado pela incredulidade, levantar os ânimos abatidos pela dúvida ou pela perspectiva do nada, e dar a todas as coisas a sua razão de ser. Esse resultado deixa de ter importância, apenas porque os espíritos não vêm resolver os problemas da Ciência, dar conhecimento aos ignorantes e meios aos preguiçosos para enriquecerem sem trabalho? Entretanto, os frutos que o homem deve retirar dela não são somente para a vida futura; ele os colherá sobre a Terra, pela transformação que essas novas crenças devem necessariamente operar no seu caráter, nos seus gostos, nas suas tendências e, por conseguinte, nos hábitos e nas relações sociais. Pondo fim ao reino do egoísmo, do orgulho e da incredulidade, elas preparam o do bem, que é o reino de Deus.

A revelação, portanto, tem por finalidade dar ao homem a posse de certas verdades, que ele não poderia adquirir por si mesmo, e isso para acelerar o progresso. Essas verdades, geralmente,

Capítulo I

se restringem aos princípios fundamentais destinados a colocá-lo no caminho das pesquisas, e não a conduzi-lo pela borda; são os marcos que lhe mostram o objetivo: para ele, a tarefa de estudá-los e deduzir-lhes as aplicações; longe de libertá-lo do trabalho, são novos elementos fornecidos para a sua atividade.



Capítulo II

Deus

Existência de Deus. Da natureza divina. A providência. A visão de Deus

Existência de Deus

1. Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, o ponto de partida de tudo o que existe, a base em que repousa a obra da criação, é a questão que convém considerar em primeiro lugar.

É princípio elementar que se julgue uma causa pelos seus efeitos, mesmo quando não é possível vê-la. A Ciência vai mais longe: ela calcula o poder da causa pelo poder do efeito, e pode até determinar-lhe a natureza. É assim, por exemplo, que a Astronomia concluiu pela existência de planetas em determinadas regiões do espaço, pelo conhecimento das leis que regem o movimento dos astros; procurou-se e encontrou-se os planetas podendo-se dizer, na realidade, que eles foram descobertos antes de serem vistos.

2. Numa ordem de fatos mais comuns, se estamos mergulhados num espesso nevoeiro, sob uma claridade difusa, julgamos que o Sol está no horizonte, ainda que não vejamos o Sol. Se um pássaro, em pleno voo, é atingido por um tiro mortal,

Capítulo II

presumimos que um hábil atirador o acertou, embora não vejamos o atirador. Portanto, nem sempre é necessário ver uma coisa para saber que ela existe. É observando os efeitos que se chega ao conhecimento das causas.

3. Um outro princípio também bastante elementar, e passado ao estado de axioma por força da verdade, é que todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente.

Se alguém perguntasse quem é o inventor de certo mecanismo engenhoso, o arquiteto de determinado monumento, o escultor de tal estátua ou o pintor de tal quadro, que pensaríamos de quem respondesse que todas essas obras se fizeram sozinhas? Quando vemos uma obra-prima da arte ou da indústria, dizemos que ela deve ser o produto de um gênio porque só uma grande inteligência poderia presidir à sua concepção. Julgamos, no entanto, que ela foi feita por um homem porque reconhecemos que a obra não está acima da capacidade humana, mas ninguém terá a ideia de dizer que ela saiu do cérebro de um idiota, de um ignorante e, menos ainda, que ela é o trabalho de um animal ou o produto do acaso.

4. Em toda parte reconhecemos a presença do homem pelas suas obras. Se chegássemos a uma terra desconhecida, mesmo que fosse um deserto, e descobríssemos o menor vestígio de trabalho humano, concluiríamos que homens habitam ou habitaram essa região. A existência dos homens antediluvianos não se provaria somente pelos fósseis humanos, mas também, e com igual certeza, pela existência, nos terrenos daquela época, de objetos produzidos pelos homens. Um fragmento de vaso, uma pedra talhada, uma arma, um tijolo, bastarão para comprovar a sua presença. Pela rudeza ou perfeição do trabalho reconheceremos o grau de inteligência ou de adiantamento daqueles que o executaram. Se, então, estando em uma região habitada exclusivamente por selvagens, descobrimos uma estátua digna de Fídias,²⁴ não

²⁴ **Fídias**: o maior escultor da antiga Grécia (Atenas, 496/488 - Olímpia, 431 a.C.). Entre suas obras mais célebres temos a estátua de Zeus e a de Minerva, em bronze. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. II.)

hesitaremos em dizer que os selvagens eram incapazes de tê-la feito, que ela deve ser obra de uma inteligência superior à inteligência dos selvagens.

5. Pois bem! Lançando-se o olhar sobre as obras da Natureza, observando-se a providência, a sabedoria e a harmonia que presidem a todas elas, reconhece-se que não existe uma que não ultrapasse a mais elevada capacidade da inteligência humana, pois o maior gênio da Terra não saberia criar a mais insignificante erva. Uma vez que a inteligência humana não pode produzi-las, deduz-se que elas são obra de uma inteligência superior à da humanidade. Essa harmonia e essa sabedoria se estendem desde o grão de areia, desde a mais simples forma de vida até os inumeráveis astros que circulam no espaço, e é preciso concluir que essa inteligência alcança o infinito, a menos que se diga que há efeitos sem causa.

6. A isso alguns opõem o seguinte raciocínio:

As obras ditas da Natureza são o produto de forças materiais que agem mecanicamente, por causa das leis de atração e repulsão. As moléculas dos corpos inertes se agregam e se desagregam sob o poder dessas leis. As plantas nascem, brotam, crescem e se multiplicam sempre da mesma maneira, cada uma na sua espécie, por efeito dessas mesmas leis; cada indivíduo se assemelha ao seu ascendente; o crescimento, a floração, a frutificação e a coloração, são subordinados a causas materiais, como o calor, a eletricidade, a luz, a umidade, etc. O mesmo ocorre com os animais. Os astros se formam pela atração molecular e se movem perpetuamente em suas órbitas por efeito da gravitação. Essa regularidade mecânica no emprego das forças naturais não revela uma inteligência livre. O homem movimenta seu braço quando quer e como quer; mas aquele que o movimentasse no mesmo sentido, desde o nascimento até a morte, seria um autômato. Ora, as forças orgânicas da Natureza, consideradas no seu conjunto, são de certo modo automáticas.

Tudo isso é verdade, mas essas forças são efeitos que devem ter uma causa, e ninguém pretendeu que elas constituíssem

Capítulo II

a Divindade. Elas são materiais e mecânicas, não são de forma alguma inteligentes por si mesmas, isso também é verdade, mas são postas em ação, distribuídas e adequadas às necessidades de cada coisa, por uma inteligência que não é a dos homens. A aplicação útil dessas forças é um efeito inteligente que denota uma causa inteligente. Um pêndulo se move com uma regularidade automática e é nessa regularidade que está o seu mérito. A força que o move é puramente material e não é, de modo algum, inteligente, mas o que seria esse pêndulo se uma inteligência não houvesse combinado, calculado e distribuído o emprego dessa força, para fazê-lo movimentar-se com precisão? Do fato de a inteligência não estar no mecanismo do pêndulo e de que ninguém a vê, seria racional concluirmos que ela não existe? Vamos julgá-la pelos seus efeitos.

A existência do relógio atesta a existência do relojoeiro; assim como a engenhosidade do mecanismo atesta a inteligência e o conhecimento desse. Quando se vê um desses relógios complicados que marcam a hora das principais cidades do mundo e o movimento dos astros que se movem no espaço, relógios que parecem, em uma palavra, falar, para dar, no momento desejado, a informação que se precisa, jamais veio ao pensamento de alguém dizer: eis aí um relógio muito inteligente.

O mesmo ocorre com o mecanismo do Universo: Deus não se mostra, mas se confirma pelas suas obras.

7. Assim, a existência de Deus é um fato comprovado não só pela revelação, mas também pela evidência material dos fatos. Os povos mais selvagens não tiveram revelação, entretanto eles creem instintivamente na existência de um poder sobre-humano; é que os próprios selvagens não escapam às consequências lógicas, eles veem coisas que estão acima do poder humano e disso concluem que elas provêm de um ser superior à humanidade.

Da natureza divina

8. Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Temerário seria aquele que pretendesse levantar o véu que o oculta

de nossos olhos, falta-nos ainda o sentido que só se adquire pela completa depuração do espírito. Mas, se o homem não pode penetrar na essência de Deus, tendo como premissa a sua existência, pode, pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, uma vez que, reconhecendo o que ele não pode absolutamente ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, seria impossível compreender a obra da criação; é o ponto de partida de todas as crenças religiosas, e é por não terem se reportado a esses atributos, como ao farol capaz de orientá-las, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuíram a Deus a onipotência, imaginaram vários deuses, as que não lhe atribuíram a soberana bondade, fizeram dele um Deus ciumento, colérico, parcial e vingativo.

9. *Deus é a suprema e soberana inteligência.* A inteligência do homem é limitada, uma vez que ele não pode fazer nem compreender tudo o que existe; a de Deus, abrangendo o infinito, tem que ser infinita. Se a supuséssemos limitada em um ponto qualquer, poderíamos conceber um ser ainda mais inteligente, capaz de compreender e de fazer o que o outro não faria, e assim por diante até o infinito.

10. *Deus é eterno,* isto é, não teve começo e não terá fim. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada. Ora, não sendo o nada coisa alguma, coisa alguma pode produzir. Ou, então, teria sido criado por outro ser anterior e, nesse caso, este ser é que seria Deus. Se supuséssemos para Deus um começo ou um fim, poderíamos portanto conceber um ser como tendo existido antes dele ou podendo existir depois dele, e assim por diante, até o infinito.

11. *Deus é imutável.* Se ele estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

12. *Deus é imaterial,* isto é, a sua natureza difere de tudo o que chamamos de matéria. De outra forma não seria imutável, pois estaria sujeito às transformações da matéria.

Capítulo II

Deus não tem uma forma apreciável pelos nossos sentidos, se tivesse, seria matéria. Dizemos: a mão de Deus, o olho de Deus, a boca de Deus, porque o homem, conhecendo só a si, toma-se como termo de comparação para tudo o que não compreende. São ridículas essas imagens em que Deus é representado pela figura de um ancião de longas barbas, envolto em um manto. Elas têm o inconveniente de rebaixar o ser supremo às mesquinhas dimensões da humanidade, e daí a lhe atribuírem as paixões humanas e a fazerem dele um Deus colérico e ciumento, é só um passo.

13. *Deus é onipotente.* Se não possuísse o poder supremo, poderíamos conceber uma entidade mais poderosa e assim por diante, até que se encontrasse o ser que nenhum outro pudesse ultrapassar em poder. Este, então, é que seria Deus. Ele não teria feito todas as coisas, e aquelas que ele não tivesse feito seriam obra de um outro deus.

14. *Deus é soberanamente justo e bom.* A providencial sabedoria das leis divinas se revela tanto nas mais pequenas como nas maiores coisas, e essa sabedoria não permite que se duvide nem da sua justiça, nem da sua bondade. Estas duas qualidades implicam todas as outras; se as supuséssemos limitadas, ainda que fosse em um único ponto, poder-se-ia conceber um ser que as possuiria em um grau mais alto, e que lhe seria superior.

O fato de uma qualidade ser infinita, exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou anularia. Um ser *infinitamente bom* não poderia ter a mais insignificante parcela de maldade, nem o ser *infinitamente mau* poderia ter a mais insignificante parcela de bondade, do mesmo modo que um objeto não pode ser de um negro absoluto com a mais ligeira nuance de branco, nem de um branco absoluto com a mais pequenina mancha negra.

Assim, Deus não poderia ser ao mesmo tempo bom e mau, porque então, não possuindo nem uma nem outra dessas qualidades no grau supremo, não seria Deus; todas as coisas estariam sujeitas ao seu capricho e não haveria estabilidade para nada.

Portanto, ele só poderia, ser infinitamente bom ou infinitamente mau. Ora, como as suas obras testemunham a sua sabedoria, a sua bondade e a sua solicitude, conclui-se que, não podendo ser ao mesmo tempo bom e mau sem deixar de ser Deus, ele deve ser infinitamente bom.

A soberana bondade implica na soberana justiça, porque se Deus agisse injustamente ou com parcialidade *em uma só circunstância*, ou com relação *a uma só das suas criaturas*, não seria soberanamente justo e, conseqüentemente, não seria soberanamente bom.

15. *Deus é infinitamente perfeito.* É impossível conceber Deus sem o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois sempre se poderia conceber um ser possuindo o que lhe faltasse. Para que nenhum ser possa ultrapassá-lo, é preciso que ele seja infinito em tudo.

Sendo infinitos, os atributos de Deus não são passíveis de aumento nem de diminuição, sem isso não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se dele se tirasse a mínima parcela de um só dos seus atributos, não haveria Deus, uma vez que poderia existir um ser mais perfeito.

16. *Deus é único.* A unidade de Deus é consequência do infinito absoluto das suas perfeições. Só poderia existir outro Deus, sob a condição de ser igualmente infinito em todas as coisas, porque se houvesse a mais ligeira diferença entre eles, um seria inferior ao outro, subordinado ao seu poder, e não seria Deus. Se houvesse entre eles igualdade absoluta, existiria, desde sempre, um mesmo pensamento, uma mesma vontade e um mesmo poder; assim, confundidos em sua identidade, não haveria, na realidade, mais do que um único Deus. Se cada um tivesse atribuições especiais, um faria o que o outro não fizesse, e então, não existiria igualdade perfeita entre eles, uma vez que nem um nem outro possuiria a autoridade soberana.

17. Foi o desconhecimento do princípio do infinito das perfeições de Deus que gerou o politeísmo, culto de todos os povos primitivos; eles atribuíam a Divindade a todo poder que

Capítulo II

lhes parecia acima dos poderes humanos. Mais tarde, a razão levou-os a reunir essas diversas potências em uma só. Depois, à medida que os homens compreenderam a essência dos atributos divinos, retiraram de seus símbolos as crenças que representavam a negação desses atributos.

18. Em resumo, Deus só pode ser Deus, sob a condição de não ser ultrapassado por nenhum outro ser, porque então o ser que o ultrapassasse seja no que for, ainda que apenas na grossura de um cabelo, seria o verdadeiro Deus. Por isso é preciso que ele seja infinito em todas as coisas.

É assim que, comprovada a existência de Deus pelas suas obras, chega-se, pela simples dedução lógica, a determinar os atributos que o caracterizam.

19. Deus é, então, *a suprema e soberana inteligência; é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições*, e não pode ser diferente disso.

Esta é a base sobre a qual repousa o edifício universal; é o farol cujos raios se estendem sobre o Universo inteiro, e que sozinho pode guiar o homem na pesquisa da verdade; seguindo-o, ele nunca se transviará, e se ele frequentemente tem se desviado é por não ter seguido a rota que lhe era indicada.

Este é, também, o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas; o homem tem, para avaliá-las, uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo, com convicção, que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só desses atributos, que tenda não somente a anulá-lo, mas simplesmente a enfraquecê-lo, não pode estar com a verdade.

Em filosofia, em psicologia, em moral e em religião, só é verdadeiro o que não se afaste, nem um til, das qualidades essenciais da Divindade. A religião perfeita será aquela cujos artigos de fé não estejam em oposição a essas qualidades, e da qual

todos os dogmas possam passar pela prova desse controle, sem dele receber qualquer prejuízo.

A providência

20. A providência é a solicitude de Deus para com todas as suas criaturas. Deus está em toda parte, tudo vê e a tudo preside, mesmo às mais pequenas coisas. É nisso que consiste a ação providencial.

“Como Deus, tão grande, tão poderoso e tão superior a tudo, pode imiscuir-se em detalhes ínfimos, preocupar-se com os menores atos e com os menores pensamentos de cada indivíduo?” Esta é a pergunta que a incredulidade faz a si mesma, de onde ela conclui que, admitindo a existência de Deus, sua ação só se exerce sobre as leis gerais do Universo; que este funciona desde toda a eternidade em virtude dessas leis, às quais cada criatura se acha submetida na sua esfera de atividade, sem que tenha necessidade do concurso incessante da providência.

21. Em seu estado atual de inferioridade, os homens só dificilmente podem compreender Deus infinito; porque sendo restritos e limitados eles o imaginam restrito e limitado como eles próprios. Representam-no como um ser circunscrito, e dele fazem uma imagem semelhante à própria imagem. Os quadros que o pintam com traços humanos contribuem muito para incutir esse erro no espírito dos povos, que nele adoram mais a forma que o pensamento. Para a maioria, ele é um soberano poderoso, sentado em um trono inacessível, perdido na vastidão dos céus, e porque suas faculdades e suas percepções são limitadas, eles não compreendem que Deus possa ou se digne intervir diretamente nas pequeninas coisas.

22. Na incapacidade em que está o homem de compreender a essência própria da Divindade, ele não pode fazer mais que uma ideia aproximada dela, com a ajuda de comparações necessariamente muito imperfeitas, mas que podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira vista, lhe parece impossível.

Capítulo II

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; é evidente que cada molécula desse fluido, achando-se em contato com cada molécula da matéria, produzirá nos corpos uma ação idêntica àquela que produziria a totalidade do fluido. Isso é o que a Química demonstra, diariamente, em proporções limitadas.

Esse fluido, não sendo inteligente, age mecanicamente somente pelas forças materiais; mas se nós supusermos o fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas com discernimento, com vontade e liberdade; ele verá, entenderá e sentirá.

As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma ideia sobre isso. Ele não é inteligente por si mesmo, pois que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e percepções do espírito. É por causa da sutileza desse fluido que os espíritos penetram em toda parte, que escutam nossos pensamentos mais íntimos, que veem e agem à distância. É a um certo grau de purificação desse fluido que os espíritos superiores devem o dom da ubiquidade; basta um raio de seus pensamentos dirigido a diversos pontos, para que possam neles manifestar, simultaneamente, a sua presença. A extensão dessa faculdade está subordinada ao grau de elevação e purificação do espírito.

É ainda com a ajuda desse fluido que o próprio homem age à distância, pelo poder da vontade, sobre alguns indivíduos; que ele modifica, dentro de certos limites, as propriedades da matéria; dá a substâncias inativas propriedades determinadas, repara desordens orgânicas e realiza curas pela imposição das mãos.

23. Os espíritos, porém, ainda que sejam elevados, são criaturas limitadas em suas faculdades, em seu poder e na extensão de suas percepções, e não poderiam, sob esse aspecto, se aproximar de Deus. Entretanto, eles podem nos servir de ponto de comparação. O que o espírito só consegue realizar dentro de um limite restrito, Deus, que é infinito, o realiza em proporções indefinidas. Há, ainda, a diferença de que a ação do espírito é momentânea e subordinada às circunstâncias, a de Deus é permanente; o

pensamento do espírito só alcança um tempo e um espaço circunscrito; o de Deus abrange o Universo e a eternidade. Em uma palavra: entre os espíritos e Deus há a distância do finito ao infinito.

24. O fluido perispiritual não é o pensamento do espírito, mas o agente e o intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, fica, de certo modo, dele *impregnado*. Na impossibilidade em que nos achamos de isolar o pensamento, parece-nos que ele e o fluido são um só, como acontece com o som e o ar, de maneira que podemos, a bem dizer, materializá-lo. Assim como dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

25. Que seja ou não assim, quanto ao pensamento de Deus, quer dizer, que ele aja diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilitar o nosso raciocínio, vamos representá-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente enchendo o Universo infinito e penetrando todas as partes da criação: *a Natureza inteira está mergulhada no fluido divino*. Ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza e têm as mesmas propriedades que o todo, cada átomo desse fluido, se assim se pode expressar, possuindo o pensamento, isto é, os atributos essenciais da Divindade, e estando esse fluido em toda parte, tudo estará submetido à sua ação inteligente, à sua providência e à sua solicitude. Não haverá um ser, por mais ínfimo que seja, que não esteja de alguma forma saturado desse fluido. Nós estamos assim, constantemente, em presença da Divindade e não podemos subtrair uma só das nossas ações ao seu olhar. O nosso pensamento está em contato incessante com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê no mais profundo recôndito do nosso coração; *nós estamos nele, como ele está em nós*, segundo a palavra do Cristo.

Para estender sua solicitude sobre todas as criaturas, Deus não precisa lançar seu olhar do alto da imensidade, para que ele ouça nossas preces, elas não precisam transpor o espaço, nem ser ditas com voz retumbante, uma vez que, estando Deus continuamente ao nosso lado, nossos pensamentos se repercutem nele.

Capítulo II

Nossos pensamentos são como os sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

26. Longe de nós a ideia de materializar a Divindade. A imagem de um fluido universal inteligente não é, evidentemente, mais que uma comparação, própria para dar uma ideia mais justa de Deus que a dos quadros que o representam sob uma figura humana. Ela tem por objetivo fazer compreender a possibilidade que Deus tem de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

27. Nós temos sob os olhos, constantemente, um exemplo que pode nos dar uma ideia da forma pela qual a ação de Deus pode se exercer sobre as partes mais recônditas de todos os seres, e, por consequência, como as impressões mais sutis de nossa alma chegam até ele. Esse exemplo é tirado de uma instrução dada por um espírito a esse respeito:

“Um dos atributos da Divindade é ser infinito; não se pode representar o Criador como tendo uma forma, um limite, uma delimitação qualquer. Se ele não fosse infinito, poder-se-ia conceber qualquer coisa maior que ele e essa qualquer coisa é que seria Deus. Sendo infinito, Deus está em toda parte, porque, se não estivesse em toda a parte não seria infinito; não se pode sair desse dilema. Portanto, se há um Deus, e ninguém tem dúvida sobre isso, esse Deus é infinito e não se pode conceber nenhum espaço sem a sua presença. Por consequência, ele se acha em contato com todas as suas criações; ele as envolve, elas estão nele; portanto é compreensível que ele esteja em relação direta com cada criatura, e, para se fazer compreender o mais materialmente possível de que maneira esta comunicação tem lugar universalmente e constantemente, examinemos o que se passa no homem entre seu espírito e seu corpo.

O homem é um pequeno mundo do qual o diretor é o espírito, e o princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação em que o espírito seria Deus. (Compreenda-se que aqui há apenas uma simples questão de analogia e não de identidade). Os membros desse corpo, os diferentes

órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são igualmente individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em pontos especiais do referido corpo. Ainda que o número dessas partes constitutivas, tão variadas e de natureza tão diferentes, seja considerável, ninguém irá pensar que se possam produzir movimentos, ou que uma impressão qualquer tenha lugar em um ponto determinado, sem que o espírito tenha consciência disso. Há sensações diferentes em muitos lugares simultaneamente? O espírito as sente todas, discerne-as, analisa-as, determinando em cada uma sua causa e seu ponto de ação.

Um fenômeno idêntico ocorre entre Deus e a criação: Deus está em toda parte na Natureza, como o espírito está em toda parte no corpo. Todos os elementos da criação estão em relação constante com Deus, assim como todas as células do corpo humano estão em contato direto com o ser espiritual. Não há razão, pois, para que, num e noutro caso, fenômenos da mesma natureza não se produzam da mesma maneira.

Um membro se agita: o espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos são postos em vibração: o espírito experimenta cada manifestação, distinguindo-as e localizando-as. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe tudo o que se passa e destina a cada uma o que lhe é particular.

Daí pode-se deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre eles, a solidariedade de todos os mundos e, por fim, a das criações e do Criador.” (Quinemant;²⁵ Sociedade de Paris, 1867.)

28. Compreendemos o efeito: isto já é muito. Do efeito remontamos à causa, e avaliamos a sua grandeza pela grandeza

²⁵ **E. Quinemant:** magnetizador e um fervoroso adepto do Espiritismo. Vivia em Sétif, Argélia. Com dedicação prestou numerosos serviços a pessoas sofredoras. Desencarnou em 20 de abril de 1867 e deu sua primeira comunicação na Sociedade de Paris em 12 de maio do mesmo ano. (N.T.)

Capítulo II

do efeito, mas a sua essência íntima nos escapa, como a da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz e da gravitação; conseguimos medi-los, entretanto ainda desconhecemos alguns aspectos dos princípios que os produzem.²⁶ Será então mais racional negar o princípio divino, porque não o compreendemos?

29. Nada impede que se admita para o princípio da soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando incessantemente, inundando o Universo com os seus eflúvios, como o Sol com a sua luz. Mas, onde está esse foco? É o que ninguém pode responder. É provável que ele não esteja fixado em um ponto determinado, como não o está a sua ação, e que ele percorra incessantemente as regiões do espaço infinito. Se simples espíritos têm o dom da ubiquidade, em Deus, essa faculdade tem de ser sem limites. Uma vez que Deus preenche o Universo, poderíamos ainda admitir, por hipótese, que esse foco não tem necessidade de se transportar, e que ele se forma sobre todas as partes onde a soberana vontade julgue conveniente que ele se produza, de onde se poderia dizer que ele está em toda parte e em parte alguma.

30. Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve se humilhar. Deus existe: disso não podemos duvidar. Ele é infinitamente justo e bom: essa é a sua essência. A sua solicitude se estende a tudo: nós o compreendemos. Portanto, ele só pode querer o nosso bem, é por isso que devemos ter confiança nele. Eis aí o essencial, quanto ao mais, esperamos que sejamos dignos de compreendê-lo.

²⁶ O texto original afirma, em relação à causa de todos os fenômenos citados no mesmo parágrafo, que: "...entretanto ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz", uma vez que à época, os conhecimentos da Física, principalmente em relação à estrutura do átomo, ainda não permitiam trazer à luz os princípios aludidos pelo Codificador. Hoje, no início do século XXI, os conhecimentos acumulados, se ainda não permitem uma explicação definitiva desses princípios, já possibilitam uma abordagem bastante exata da natureza do seu funcionamento, o que recomendou a alteração efetuada, substituindo o trecho original por: "...ainda desconhecemos alguns aspectos dos princípios que os produzem". (N.R.)

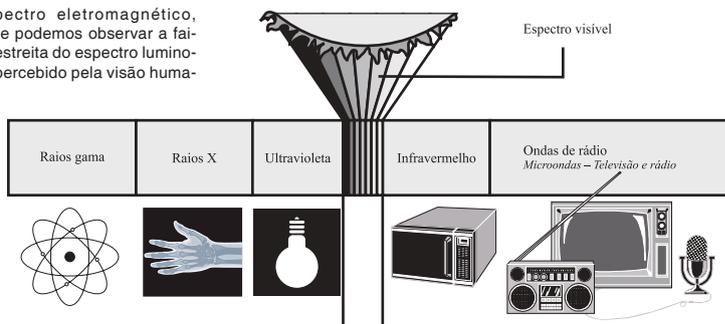
A visão de Deus

31. Já que Deus está em toda parte, por que não o vemos? Nós o veremos quando deixarmos a Terra? Estas são as perguntas que se fazem diariamente.

É fácil responder à primeira: nossos órgãos materiais têm percepções limitadas que os tornam impróprios à visão de certas coisas, mesmo materiais. É assim que certos fluidos escapam totalmente à nossa visão, até mesmo aos instrumentos, entretanto, não duvidamos da sua existência.²⁷ Vemos o efeito da peste, mas não vemos o fluido que a transporta.²⁸ Vemos os corpos se moverem sob a influência da força de gravitação, mas nós não vemos essa força.

32. As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas pelos órgãos materiais; só podemos ver os espíritos e as coisas do mundo imaterial com a visão espiritual. Somente nossa alma, portanto, pode ter a percepção de Deus. Ela o vê imediatamente após a morte? É o que somente as comunicações de além-

Espectro eletromagnético, onde podemos observar a faixa estreita do espectro luminoso percebido pela visão humana.



²⁷ Este é o caso das emissões solares de neutrinos, de difícil detecção. Elas não estão sujeitas a campos gravitacionais ou eletromagnéticos, nem são detidas ou influenciadas, até onde se sabe, por qualquer barreira material, atravessando, por exemplo, o planeta Terra, como se nada existisse aqui. (Veja-se o diagrama do item 31). (N.R.)

²⁸ Allan Kardec, no texto original, atribui a causa da peste a um fluido, de acordo com os conhecimentos da sua época. Os vírus, que são os agentes causadores de muitas dessas doenças, só viriam a ser descobertos algumas décadas após, em 1894. (N.R.)

Capítulo II

túmulo podem nos responder. Por elas sabemos que a visão de Deus é privilégio apenas das almas mais purificadas e que bem poucas possuem, ao deixarem o envoltório terrestre, o grau de desmaterialização necessário. Algumas comparações simples poderão facilitar a compreensão do que foi dito.

33. Uma pessoa que se encontre no fundo de um vale, envolto por denso nevoeiro, não consegue ver o Sol. Entretanto, como já dissemos anteriormente, pela luz difusa, ela percebe a presença do Sol. Se começar a subir a montanha, à medida que for ascendendo, o nevoeiro irá se dissipando, a luz se tornando cada vez mais viva, ela, porém, ainda não vê o Sol, quando começa a percebê-lo ele ainda está velado, visto que o menor nevoeiro basta para enfraquecer seu brilho. Só após se elevar acima da camada de névoa, chegando onde o ar esteja perfeitamente límpido, poderá contemplá-lo em todo o seu esplendor.

Passa-se o mesmo que a alguém cuja cabeça estivesse envolta por diversos véus; inicialmente ele não veria nada; a cada véu que fosse retirado ele distinguiria um clarão cada vez mais forte, mas somente quando o último véu desaparecesse é que ele perceberia nitidamente as coisas. O mesmo ocorre a um líquido carregado de matérias estranhas; de início ele está turvo; a cada destilação sua transparência aumenta, até que, estando completamente depurado, ele adquire uma limpidez perfeita e não apresenta nenhum obstáculo à vista.

Assim acontece com a alma. O envoltório perispiritual, embora invisível e impalpável para nós, é uma verdadeira matéria para ela, ainda bastante grosseira para certas percepções. Esse envoltório, se espiritualiza à medida que a alma se eleva moralmente. As imperfeições da alma são como véus que obscurecem a sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é um véu a menos, porém, só depois de se depurar completamente é que ela goza da plenitude das suas faculdades.

34. Sendo Deus a essência divina por excelência, só pode ser percebido em todo o seu esplendor por espíritos que atingiram o mais alto grau de desmaterialização. Se os espíritos imperfeitos

não o veem, não é porque estão mais distantes de Deus do que os outros. Esses espíritos, como os demais, assim como todos os seres da Natureza, estão mergulhados no fluido divino, como nós o estamos na luz; somente suas imperfeições são os véus que o ocultam à sua visão. Quando o “nevoeiro” se dissipar eles o verão resplandecer. Para isso não terão necessidade de subir, nem ir procurá-lo nas profundezas do infinito. Uma vez desimpedida a visão espiritual da belida²⁹ moral que a obscurecia, eles o verão de qualquer lugar em que se encontrem, mesmo na Terra, porque Deus está em toda parte.

35. O espírito só se depura com o passar do tempo, e as diversas encarnações são os alambiques em cujos fundos ele deixa, a cada vez que reencarna, algumas impurezas. Ao deixarem o invólucro corpóreo, os espíritos não se despojam instantaneamente das suas imperfeições, eis por que, após a morte, não veem Deus mais do que o viam quando vivos; mas, à medida que se depuram, têm uma intuição cada vez mais clara dele. Não o veem, mas o compreendem melhor: a luz é menos difusa. Assim, quando alguns espíritos dizem que Deus lhes proíbe de responder a uma certa pergunta, não é que Deus lhes apareça, ou lhes dirija a palavra para ordenar ou proibir isto ou aquilo, não, mas eles o sentem, recebem os eflúvios do seu pensamento, como acontece conosco em relação aos espíritos que nos envolvem em seus fluidos, ainda que não os vejamos.

36. Assim sendo, nenhum homem pode ver Deus com os olhos carnis. Se essa graça fosse concedida a alguns, só o seria no estado de êxtase, quando então a alma se encontra tão despreendida dos laços da matéria que isso é possível durante a encarnação. Aliás, um tal privilégio seria apenas das almas de escol, encarnadas em missão e não em expiação. Porém, como os espíritos de ordem mais elevada refulgem com um brilho ofuscante, pode acontecer que espíritos menos elevados, encarnados ou desencarnados, impressionados com o esplendor que os

²⁹ **Belida:** névoa ou mancha esbranquiçada na córnea. (N.T.)

Capítulo II

envolve, pensem estar vendo o próprio Deus. É como quem vê um ministro e o confunde com o seu governante.

37. Sob qual aparência Deus se apresenta aos que se tornaram dignos dessa graça? É sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco resplandecente de luz? Isso a linguagem humana é impotente para descrever, porque não existe para nós nenhum ponto de comparação que possa nos dar uma ideia a respeito. Somos como cegos a quem procurassem inutilmente fazer compreender o brilho do Sol. O nosso vocabulário é limitado às nossas necessidades e ao âmbito das nossas ideias; o dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; o dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência é muito restrita para compreendê-los, e a nossa visão, muito fraca, por eles seria ofuscada.



Capítulo III

O Bem e o Mal

**Origem do bem e do mal. O instinto e a inteligência.
Destruição dos seres vivos uns pelos outros**

Origem do bem e do mal

1. Sendo Deus o princípio de todas as coisas, e sendo este princípio todo sabedoria, toda bondade, toda justiça, tudo o que dele procede deve participar desses atributos, uma vez que, o que é infinitamente sábio, justo e bom, não pode produzir nada que seja insensato, mau e injusto. Portanto, o mal que observamos não pode ter sua origem nele.

2. Se o mal estivesse nas atribuições de um ser especial, quer o chamem Arimane ou Satanás, de duas coisas, uma: ou esse ser seria igual a Deus — e, por consequência, tão poderoso e de toda a eternidade como ele — ou lhe seria inferior.

No primeiro caso, haveria duas potências rivais, lutando incessantemente, cada uma procurando desfazer o que a outra fizesse, contrariando-se mutuamente. Esta hipótese é inconciliável com a conformidade que se observa na organização do Universo.

No segundo caso, sendo esse ser inferior a Deus, ser-lhe-ia subordinado. Não podendo existir de toda a eternidade como Deus,

Capítulo III

sem ser seu igual, ele, teria tido um começo; se foi criado, só pode ter sido por Deus. Deus teria assim criado o espírito do mal, o que seria a negação da bondade infinita.

3. Segundo uma doutrina, o espírito do mal, criado bom, teria se tornado mau, e Deus, para puni-lo, o teria condenado a permanecer eternamente mau, dando-lhe, por missão, seduzir os homens para induzi-los ao mal. Ora, podendo um único erro custar-lhe os mais cruéis castigos pela eternidade, sem esperança de perdão, haveria aqui mais que uma falta de bondade, seria uma crueldade premeditada porque, para tornar a sedução mais fácil, e melhor ocultar a cilada, Satã seria autorizado a *se transformar em anjo de luz e a simular as próprias obras de Deus até ao ponto de se enganar*. Aí haveria mais iniquidade e imprevidência da parte de Deus, porque dando a Satã toda a liberdade para sair do império das trevas e de se entregar aos prazeres mundanos, para a eles arrastar os homens, o provocador do mal seria menos punido que as vítimas de suas astúcias, que nelas caem por fraqueza, visto que, uma vez dentro do abismo, dele não conseguem mais sair. Deus lhes recusa um copo de água para saciar a sede, e durante toda a eternidade escuta, ele e seus anjos, os gemidos dessas vítimas sem se deixar comover, enquanto permite a Satã ter todos os prazeres que deseje.

De todas as doutrinas sobre a teoria do mal, esta é, sem dúvida, a mais irracional e a mais injuriosa para a Divindade. (Ver *O Céu e o Inferno*, cap. IX, “Os Demônios”.)

4. Entretanto, o mal existe e tem uma causa.

O mal é de várias espécies. Inicialmente há o mal físico e o moral, depois os males que o homem pode evitar e os que são independentes da sua vontade. Entre estes últimos devem ser incluídos os flagelos naturais.

O homem, cujas faculdades são limitadas, não pode compreender nem abranger o conjunto dos desígnios do Criador. Ele julga as coisas do ponto de vista da sua personalidade, dos interesses artificiais e de convenções que ele criou para si e que não

se enquadram na ordem da Natureza. Eis por que muitas vezes ele acha ser mau e injusto aquilo que consideraria justo e admirável se conhecesse a sua causa, o seu objetivo e o resultado final. Procurando a razão de ser e a utilidade de cada coisa, o homem reconhecerá que tudo traz a marca da sabedoria infinita, e se inclinará diante dessa sabedoria, mesmo para as coisas que ele não compreenda.

5. O homem recebeu como herança uma inteligência e, com a sua ajuda, ele pode desviar, ou pelo menos atenuar os efeitos de todos os flagelos naturais. Quanto mais conhecimentos adquire, quanto mais avança em civilização, menos desastrosos se tornam os flagelos. Com uma organização social sabiamente providente, ele poderá até mesmo neutralizar as suas conseqüências, quando eles não puderem ser totalmente evitados. Assim, para esses mesmos flagelos que têm sua utilidade na ordem geral da Natureza para o futuro, mas que afligem no presente, Deus deu ao homem, pelas faculdades com que dotou seu espírito, os meios de paralisar seus efeitos.

É assim que ele saneia as regiões insalubres, anula os miasmas pestilentos, fertiliza terras áridas e toma providências para preservá-las das inundações; constrói habitações mais salubres, mais sólidas para resistirem aos ventos, tão necessários à purificação da atmosfera, e se coloca ao abrigo das intempéries. É assim, finalmente que, pouco a pouco, a necessidade fez com que ele criasse as ciências, com a ajuda das quais ele melhora as condições de habitabilidade do planeta, e aumenta a soma do seu bem-estar.

Como o homem tem que progredir, os males aos quais está exposto são um estímulo para o exercício da sua inteligência, de todas as suas faculdades físicas e morais, incitando-o à procura dos meios de se preservar deles. Se ele não tivesse nada a temer, nenhuma necessidade o levaria à busca do melhor; ele se entorpeceria com a inatividade de seu espírito; não inventaria nada, não descobriria nada. *A dor é o aguilhão que compele o homem a avançar na estrada do progresso.*

Capítulo III

6. Porém, os males mais numerosos são aqueles que o homem cria por seus próprios vícios, os que provêm do seu orgulho, do seu egoísmo, da sua ambição, da sua cobiça e dos seus excessos em todas as coisas: aí está a causa das guerras e das calamidades que elas acarretam, das dissensões, das injustiças, da opressão do fraco pelo forte, enfim, da maior parte das enfermidades.

Deus estabeleceu leis plenas de sabedoria, que só têm por objetivo o bem. O homem encontra em si mesmo tudo o que é preciso para segui-las; a rota é traçada por sua consciência; a lei divina está gravada no seu coração; e, ao demais, Deus as faz lembrar constantemente por seus messias e profetas, por todos os espíritos encarnados que receberam a missão de esclarecê-lo, moralizá-lo e melhorá-lo e, nestes últimos tempos, pela multidão de espíritos desencarnados que se manifestam por toda parte. *Se o homem se adaptasse rigorosamente às leis divinas, não há dúvida de que evitaria os males mais agudos e de que viveria feliz na Terra.* Se não procede assim, é em razão do seu livre-arbítrio e sofre as consequências disso.

7. Entretanto, Deus, pleno de bondade, colocou o remédio ao lado do mal, quer dizer, do próprio mal fez sair o bem. Chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e faz com que o homem sinta a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele é impelido a procurar um remédio no bem, sempre por uma consequência do seu livre-arbítrio. Quando entra num caminho melhor, é por sua vontade e porque reconheceu os inconvenientes do outro caminho. A necessidade, pois, força-o a se melhorar moralmente para ser mais feliz, do mesmo modo que o força a melhorar as condições materiais da sua existência.

Pode-se dizer que *o mal é a ausência do bem, como o frio é a ausência do calor.* O mal não é um atributo distinto, tanto quanto o frio não é um fluido especial, um é o negativo do outro. Onde não existe o bem, forçosamente existe o mal. Não praticar o mal já é o começo do bem. Deus só quer o bem; somente do homem

procede o mal. Se houvesse, na criação, um ser predestinado ao mal, o homem não poderia evitá-lo; mas tendo o homem a causa do mal *nele mesmo*, e tendo simultaneamente seu livre-arbítrio e por guia as leis divinas, ele o evitará sempre que quiser.

Façamos uma comparação com um fato comum. Um proprietário sabe que no final das suas terras existe um lugar perigoso, onde poderia morrer ou se ferir aquele que por ali passasse. O que faz ele para prevenir um acidente? Coloca um aviso perto do lugar, proibindo ir mais longe por causa do perigo. Eis a lei, ela é sábia e previdente. Se, apesar disso, um imprudente, não lhe dando atenção, vai além desse ponto e se acidenta, a quem ele pode queixar-se do fato senão a si próprio?

O mesmo acontece com o mal; o homem o evitaria se cumprisse as leis divinas. Deus, por exemplo, colocou um limite à satisfação das necessidades: o homem é advertido pela saciedade. Se ele ultrapassa esse limite, o faz voluntariamente. As doenças, as enfermidades e a morte que podem resultar daí, são, portanto, obra sua e não de Deus.

8. Sendo o mal o resultado das imperfeições do homem, e sendo o homem criado por Deus, dirão alguns: “Se Deus não criou o mal, pelo menos a causa do mal; se ele tivesse feito o homem perfeito, o mal não existiria.”

Se o homem fosse criado perfeito, fatalmente seria levado para o bem. Ora, em virtude do seu livre-arbítrio, ele não é levado fatalmente nem para o bem nem para o mal. Deus quis que ele fosse submetido à lei do progresso, e que esse progresso fosse fruto do seu próprio trabalho, a fim de que dele tenha o mérito, da mesma maneira que a responsabilidade do mal que é praticado por sua vontade. A questão, portanto, consiste em saber qual é, no homem, a origem da propensão para o mal.³⁰

³⁰ *O erro consiste em se querer que a alma tivesse saído perfeita das mãos do Criador, quando este, ao contrário, quis que a perfeição fosse o resultado da depuração gradual do espírito e sua própria obra. Deus quis que a alma, em virtude de seu livre-arbítrio, pudesse optar entre o bem e o mal e chegasse aos seus objetivos finais por uma vida militante e resistindo ao mal. Se tivesse criado a alma perfeita como ele, e que, saindo de suas mãos, ele a tivesse associado à sua beatitude*

Capítulo III

9. Estudando-se todas as paixões, e mesmo todos os vícios, vê-se que eles têm sua origem no instinto de conservação. Esse instinto se encontra em toda a sua força nos animais e nos seres primitivos que mais se aproximam da animalidade; ali ele domina sozinho, porque neles ainda não há, para equilíbrio, o senso moral; o ser ainda não nasceu para a vida intelectual. À medida que a inteligência se desenvolve, o instinto, ao contrário, se enfraquece, porque a inteligência domina a matéria; com a inteligência que raciocina nasce o livre-arbítrio que o homem usa a seu bel-prazer, para ele somente então começa a responsabilidade de seus atos.

10. O destino do espírito é a vida espiritual, porém, nas primeiras fases da sua existência corpórea, ele só tem carências materiais a satisfazer, e, para tal, o exercício das paixões é uma necessidade para a conservação da espécie e dos indivíduos, materialmente falando. Mas, saindo desse período, eles têm outras necessidades, a princípio semimorais e semimateriais, depois, exclusivamente morais. É nesse momento que o espírito domina a matéria, se ele se libera da sua opressão, ele avança pela senda providencial, ele se aproxima do seu destino final. Se, ao contrário, deixa-se dominar por ela, ele se atrasa e se identifica com o bruto. Nessa situação, *o que outrora era um bem, porque era uma necessidade da sua natureza, transforma-se num mal, não só porque não é mais uma necessidade, mas porque se torna prejudicial à espiritualização do ser.* O mal é, portanto, relativo, e a responsabilidade é proporcional ao grau de adiantamento.

Todas as paixões têm, assim, uma utilidade providencial, se assim não fosse, Deus teria feito coisas inúteis e nocivas. É o abuso que constitui o mal e o homem abusa em virtude do seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido por seu próprio interesse, escolhe livremente entre o bem e o mal.

eterna, Deus a teria feito, não à sua imagem, mas semelhante a si próprio, como já o dissemos. Conhecendo todas as coisas em razão de sua própria essência e sem haver aprendido nada, movida por um sentimento de orgulho nascido da consciência de seus divinos atributos, ela teria sido arrastada a negar sua origem, a desconhecer o autor da sua existência, em estado de rebelião, de revolta para com o seu Criador. (Bonnamy, juiz de instrução, em "A Razão do Espiritismo", cap. VI.) (N.A.)

O instinto e a inteligência

11. Que diferença existe entre o instinto e a inteligência? Onde termina um e onde começa o outro? O instinto é uma inteligência rudimentar ou uma faculdade distinta, um atributo exclusivo da matéria?

O instinto é a força oculta que incita os seres orgânicos a atos espontâneos e involuntários, tendo em vista a sua conservação. Nos atos instintivos não há nem reflexão, nem intenção, nem premeditação. É assim que a planta busca o ar, se volta para a luz e dirige suas raízes para a água e para a terra nutriente; que a flor se abre e se fecha alternadamente, conforme necessário; que as plantas trepadeiras se enroscam em torno do apoio, ou se prendem com suas gavinhas. É pelo instinto que os animais são advertidos do que lhes é útil ou nocivo; que se dirigem, conforme as estações, para os climas propícios; que constroem, sem receberem nenhum ensinamento, com mais ou menos arte, segundo as espécies, leitões macios e abrigos para as suas crias, armadilhas para prender a presa de que se nutrem. É assim também que manejam habilmente as armas ofensivas e defensivas de que são providos. É ainda pelo instinto que os sexos se aproximam, que a mãe protege seus filhotes e que estes procuram o seio materno.

No homem, o instinto domina exclusivamente no começo da vida; é por instinto que a criança faz seus primeiros movimentos, que agarra seu alimento, que grita para exprimir as suas necessidades, que imita o som da voz, que tenta falar e andar. No próprio adulto, certos atos são instintivos, como os movimentos espontâneos para evitar um risco, para fugir a um perigo, para manter o equilíbrio, ou ainda o piscar das pálpebras para regular o brilho da luz, o abrir automático da boca para respirar, etc.

12. *A inteligência se revela por atos voluntários, refletidos, premeditados e calculados, segundo a oportunidade das circunstâncias. É incontestavelmente um atributo exclusivo da alma.*

Todo ato maquinal é instintivo, aquele que denota reflexão e intenção é inteligente. Um é livre, o outro não é.

Capítulo III

O instinto é um guia seguro, que não se engana jamais. A inteligência, só porque é livre, está, por vezes, sujeita ao erro.

Se o ato instintivo não tem o caráter do ato inteligente, ele revela, não obstante, uma causa inteligente, essencialmente providente. Se admitirmos que o instinto procede da matéria, é preciso admitir que a matéria é inteligente, por certo mais inteligente e providente do que a alma, uma vez que o instinto não se engana, mas a inteligência sim.

Se considerarmos o instinto uma inteligência rudimentar, como explicar que, em certos casos, ele seja superior à inteligência que raciocina? Que ele dê a possibilidade de executar coisas que ela não pode realizar?

Se ele é atributo de um princípio espiritual especial, que vem a ser esse princípio? Visto que o instinto desaparece, esse princípio seria então destruído? Se os animais são dotados apenas de instinto, seu destino é sem solução; seus sofrimentos não têm nenhuma compensação, o que estaria em desacordo com a justiça e com a bondade de Deus.

13. Segundo uma outra teoria, o instinto e a inteligência teriam um único e mesmo princípio. Atingindo um certo grau de desenvolvimento, esse princípio, que inicialmente tivera apenas as qualidades do instinto, sofreria uma transformação que lhe daria as da inteligência livre; em uma palavra, ele receberia o que se convencionou chamar de centelha divina. Essa transformação não seria súbita, mas gradual, de tal maneira que, durante um certo período, ele estaria mesclado das duas aptidões, a primeira diminuindo à medida que a segunda aumentasse.

14. Enfim, uma última hipótese que, em suma, se alia perfeitamente à ideia da unidade de princípio, ressalta do caráter essencialmente providente do instinto e está de acordo com o que o Espiritismo nos ensina, no tocante às relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo.

Sabe-se agora que espíritos desencarnados têm por missão velar pelos encarnados, dos quais são os protetores e os guias;

que eles os envolvem com seus eflúvios fluídicos e que o homem muitas vezes age de uma *maneira inconsciente*, sob a ação desses eflúvios.

Sabe-se, além disso, que o instinto, que por si mesmo produz atos inconscientes, predomina nas crianças, e, em geral, nos seres em que a razão é fraca. Ora, de acordo com esta hipótese, o instinto não seria um atributo nem da alma nem da matéria; não pertenceria como propriedade particular ao ser vivo, mas seria um *efeito* da ação direta dos protetores invisíveis que supririam a imperfeição da inteligência, provocando, eles mesmos, os atos inconscientes necessários à conservação do ser. Seria como a andadeira, com a ajuda da qual se sustenta a criança que ainda não sabe andar. Então, do mesmo modo que se suprime gradualmente o uso da andadeira, à medida que a criança se equilibra sozinha, os espíritos protetores deixam os seus protegidos entregues a si mesmos, à medida que eles podem se guiar pela própria inteligência.

Assim, o instinto, longe de ser o produto de uma inteligência rudimentar e incompleta, seria a ação de uma inteligência estranha, *na plenitude da sua força*, suprimindo a insuficiência, quer de uma inteligência mais jovem — compelindo-a a fazer inconscientemente, para o seu bem, o que ainda é incapaz de fazer por si mesma — quer de uma inteligência madura, porém, momentaneamente tolhida no uso de suas faculdades, assim como acontece com o homem na infância e nos casos de idiotia e de afecções mentais.

Diz-se proverbialmente que há um deus para as crianças, os loucos e os ébrios. Esse ditado é mais verdadeiro do que se supõe; esse deus, não é outro senão o espírito protetor, que vela pelo ser incapaz de se proteger, com o uso da sua própria razão.

15. Pode-se ir mais longe nesta ordem de ideias. Por mais racional que seja, essa teoria não resolve todas as dificuldades da questão. Para averiguar as causas, é preciso estudar os efeitos, e, da natureza dos efeitos pode-se deduzir a natureza da causa.

Capítulo III

Se observarmos os efeitos do instinto, notaremos em primeiro lugar, uma unidade de vista e de conjunto, uma precisão nos resultados, que não existem mais desde que o instinto é substituído pela inteligência livre. Por outro lado, reconheceremos uma profunda sabedoria na adequação tão perfeita e tão constante das faculdades instintivas às necessidades de cada espécie. Essa uniformidade não poderia existir sem a unidade de pensamentos, e, por conseguinte, com a multiplicidade das causas ativas. Ora, em consequência do progresso que as inteligências individuais realizam incessantemente, há entre elas uma diversidade de aptidões e de vontades incompatível com esse conjunto tão perfeitamente harmonioso que se produz desde a origem dos tempos e em todas as regiões, com uma regularidade e uma precisão matemáticas, sem jamais apresentar defeito. Essa uniformidade no resultado das faculdades instintivas é um fato característico, que implica forçosamente na unidade da causa. Se essa causa fosse inerente a cada individualidade, haveria tantas variedades de instintos quantos fossem os indivíduos, desde a planta até o homem. Um efeito geral, uniforme e constante, deve ter uma causa geral, uniforme e constante. Um efeito que revele sabedoria e previdência deve ter uma causa sábia e providente. Ora, uma causa sábia e providente, sendo necessariamente inteligente, não pode ser exclusivamente material.

Não se encontrando nas criaturas, encarnadas ou desencarnadas, as qualidades necessárias para produzir tal resultado, é preciso ir mais alto, isto é, ao próprio Criador. Se nos reportarmos à explicação que foi dada sobre a maneira pela qual se pode conceber a ação providencial (cap. II, item 25); se imaginarmos todos os seres penetrados do fluido divino, soberanamente inteligente, compreenderemos a sabedoria providente e a uniformidade que presidem todos os movimentos instintivos para o bem de cada indivíduo. Essa solicitude é tanto mais ativa quanto menos recursos o indivíduo possui em si mesmo e na sua inteligência, eis por que ela se mostra maior e mais absoluta nos animais e nos seres inferiores que no homem.

De acordo com essa teoria, compreende-se que o instinto seja um guia sempre seguro. O instinto materno, o mais nobre de todos, que o materialismo rebaixa ao nível das forças atrativas da matéria, existe realçado e enobrecido. Em razão das suas consequências, ele não poderia ser entregue às eventualidades caprichosas da inteligência e do livre-arbítrio. *Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.*

16. Essa teoria não anula, absolutamente, o papel dos espíritos protetores, cujo concurso é um fato observado e comprovado pela experiência, entretanto, deve-se notar que a ação desses espíritos é essencialmente individual, que ela se modifica segundo as qualidades próprias do protetor e do protegido e que em parte alguma ela tem a uniformidade e a generalidade do instinto. Deus, em sua sabedoria, conduz ele mesmo os cegos, porém confia a inteligências livres o cuidado de conduzir os que veem com clareza, para deixar a cada um a responsabilidade pelos seus atos. A missão dos espíritos protetores é um dever, que eles aceitam voluntariamente, e um meio de se adiantarem, segundo a forma pela qual a desempenhem.

17. Todas essas maneiras de encarar o instinto são necessariamente hipotéticas e nenhuma tem uma característica suficiente de autenticidade, para ser tida como a solução definitiva. A questão, por certo, será resolvida um dia, quando estiverem reunidos os elementos de observação que ainda faltam. Até lá, é preciso nos limitarmos a submeter as diversas opiniões ao cadinho da razão e da lógica e esperar que a luz se faça. A solução que mais se aproxima da verdade será, com certeza, a que melhor corresponda aos atributos de Deus, isto é, à soberana bondade e à soberana justiça. (Cap. II, item 19.)

18. Como o instinto é o guia e as paixões são as impulsoras da alma no período inicial do seu desenvolvimento, por vezes, instinto e paixões se confundem nos seus efeitos, sobretudo na linguagem humana que nem sempre se presta suficientemente à expressão de todas as nuances. Há, contudo, entre esses dois princípios, diferenças que é essencial considerar.

Capítulo III

O instinto é um guia seguro, sempre bom. Em um determinado tempo, ele pode se tornar inútil, porém, jamais nocivo; ele se enfraquece com a predominância da inteligência.

As paixões, nas primeiras idades da alma, têm em comum com o instinto o fato de as criaturas serem induzidas a elas por uma força igualmente inconsciente. As paixões nascem mais particularmente das necessidades do corpo e dependem do organismo mais do que o instinto. O que, principalmente, as distingue do instinto é que elas são individuais e não produzem, como este último, efeitos gerais e uniformes; ao contrário, variam de intensidade e de natureza, segundo os indivíduos. São úteis, como estimulante, até à eclosão do senso moral, que, de um ser passivo, faz um ser racional. A partir desse momento, tornam-se não só inúteis como nocivas ao progresso do espírito, retardando a sua desmaterialização. Elas se abrandam com o desenvolvimento da razão.

19. O homem que só agisse por instinto poderia ser muito bom, mas deixaria a sua inteligência adormecida; seria como a criança que não deixasse as andadeiras e não soubesse usar as próprias pernas. Aquele que não domina as suas paixões, pode ser muito inteligente, mas, ao mesmo tempo, muito mau. *O instinto se extingue por si mesmo; as paixões são domadas somente pelo esforço da vontade.*

Todos os homens passaram pelas fileiras das paixões; aqueles que não as têm mais, que, por natureza, não são nem orgulhosos, nem ambiciosos, nem egoístas, nem rancorosos, nem vingativos, nem cruéis, nem coléricos, nem sensuais, que fazem o bem sem esforço, sem premeditação e, por assim dizer, involuntariamente, é porque progrediram na sequência das suas existências anteriores; eles foram purgados do usagre.³¹ É injusto dizer-se

³¹ **Usagre:** erupção cutânea, frequente em crianças em período de amamentação, contagiosa, autoinoculável e caracterizada por pústulas, geralmente no rosto e no couro cabeludo. (N.T. segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. IV.)

que eles têm menos mérito ao fazer o bem do que aqueles que precisam lutar contra as suas tendências, é que estes já alcançaram a vitória e os outros ainda não, mas, quando a alcançarem, eles serão iguais aos primeiros: farão o bem sem pensar nele, como as crianças que leem corretamente sem terem a necessidade de soletrar; são como dois doentes dos quais um está curado e pleno de forças, enquanto que o outro está convalescente e cambaleia ao caminhar; são, enfim, como dois corredores dos quais um está mais perto do ponto de chegada que o outro.

Destruição dos seres vivos uns pelos outros

20. Dentre as leis da Natureza, a destruição recíproca dos seres vivos é uma das que, à primeira vista, menos parecem se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que Deus criou neles a necessidade de se destruírem, mutuamente, para se alimentarem à custa uns dos outros.

Para aquele que só vê a matéria, que limita a sua visão à vida presente, isso parecerá, com efeito, uma imperfeição na obra divina, daí a conclusão a que chegam os incrédulos: Deus não sendo perfeito, Deus não existe. É que eles julgam a perfeição de Deus sob o seu ponto de vista, medem a sabedoria divina pela sua própria opinião, e pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles mesmos fariam. Em consequência da sua estreita visão, que não lhes permite apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa sair de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei da unidade que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a solução desse mistério, e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, precisamente onde ele apenas vê uma anomalia e uma contradição. E essa verdade, como muitas outras, o homem só estará apto a conhecer profundamente quando seu espírito tiver chegado a um grau adequado de maturidade.

21. A verdadeira vida, tanto do animal como do homem, não está no invólucro corporal, assim como não está no vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao

Capítulo III

corpo. Esse princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que ele tem que realizar sobre a matéria bruta. O corpo se desgasta nesse trabalho, mas o espírito não, ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, então, que o espírito troque mais ou menos frequentemente de envoltório? Ele não é menos espírito por causa disso. É exatamente como se um homem mudasse de roupa cem vezes por ano: por essa razão ele não deixaria de ser o mesmo homem.

Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e infunde neles a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Deus, dirá alguém, não podia chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem sujeitar os seres vivos a se destruírem? Bem ousado aquele que pretenda penetrar nos desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria na sua obra, devemos supor que essa sabedoria não será maior em um ponto do que em outros; se não o compreendemos, é devido à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar encontrar a razão de tal fato, tomando por base este princípio: *Deus deve ser infinitamente justo e sábio*. Procuraremos, portanto, em tudo, sua justiça e sua sabedoria, e curvemo-nos diante do que ultrapassa o nosso entendimento.

22. Uma primeira utilidade, que se apresenta, dessa destruição, sem dúvida puramente física, é esta: os corpos orgânicos só se mantêm com a ajuda das matérias orgânicas, só estas contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação. Como os corpos, instrumentos de ação para o princípio inteligente, têm necessidade de ser constantemente renovados, a Providência faz com que sirvam à sua mútua manutenção; é por isso que os seres se alimentam uns dos outros. Então, é o corpo que se alimenta do corpo, mas o espírito não é destruído nem alterado; ele apenas fica despojado do seu envoltório.

23. Há, além disso, considerações morais de ordem mais elevada.

A luta é necessária para o desenvolvimento do espírito, é na luta que ele exerce suas faculdades. Aquele que ataca para obter seu alimento e aquele que se defende para conservar a vida, usam de astúcia e de inteligência, aumentando, por isso mesmo, as suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe, mas, efetivamente, o que foi que o mais forte ou o mais habilidoso tirou do mais fraco? Sua vestimenta de carne, nada mais; o espírito, que não morreu, tomará outra mais tarde.

24. Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, em que a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta só pode ter por objetivo a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da alimentação. Assim, eles lutam unicamente para viver, isto é, para conseguir ou defender uma presa, porque não poderiam ser estimulados para um objetivo mais elevado. É nesse primeiro período que a alma se elabora e se ensaia para a vida. Quando ela alcança o grau de maturidade necessária para a sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre-arbítrio e o senso moral, em uma palavra, a centelha divina, que dão um novo rumo aos seus pensamentos, dotando-a de novas aptidões e novas percepções.

Porém, as novas faculdades morais com que foi dotada só se desenvolvem gradualmente, porque nada é brusco na natureza. Há um período de transição no qual o homem muito pouco se diferencia do bruto; nas primeiras idades o instinto animal domina, e a luta ainda tem por objetivo a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se equilibram; o homem então luta, não mais para se alimentar, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho e a necessidade de dominar. Para isso, ele ainda precisa destruir. Mas, à medida que o senso moral prevalece, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade de destruir diminui e acaba mesmo por desaparecer, tornando-se odiosa: o homem tem horror ao sangue.

Entretanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do espírito, porque, mesmo chegado a esse ponto, que nos parece

Capítulo III

culminante, ele está longe de ser perfeito. Só à custa de sua atividade é que adquire conhecimento, experiência, e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, então, a luta, de sangrenta e brutal que era, torna-se puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades e não mais contra os seus semelhantes.³²



³² Esta questão se une à, não menos grave, questão das relações da animalidade e da humanidade que será tratada posteriormente. Nós quisemos apenas demonstrar, por essa explicação, que a destruição dos seres vivos uns pelos outros não invalida em nada a sabedoria divina, e que tudo se encadeia nas leis da Natureza. Este encadeamento é necessariamente rompido desde que desconsidere o do princípio espiritual, eis por que tantas questões estão insolúveis: se apenas se levar em conta a matéria. (N.A.)

Capítulo IV

O Papel da Ciência na Gênese

1. A história da origem de quase todos os povos antigos se confunde com a história das suas religiões, é por isso que seus primeiros livros foram livros religiosos. E como todas as religiões se ligam ao princípio das coisas, que é também o da humanidade, elas deram, sobre a formação e a organização do Universo, explicações de acordo com o grau de conhecimentos da época e dos seus fundadores. Daí resultou que os primeiros livros sagrados foram ao mesmo tempo os primeiros livros científicos, como foram também, durante muito tempo, o único código das leis civis.

2. A religião era, então, um freio poderoso para se governar; os povos se curvavam facilmente sob as potências invisíveis em nome das quais eram subjugados e das quais os governantes diziam ter seu poder, quando não se consideravam iguais a essas mesmas potências.

Para dar mais força à religião era preciso apresentá-la como absoluta, infalível e imutável sem o que ela teria perdido sua ascendência sobre seres quase brutos, apenas nascendo para a razão. Não era preciso que ela pudesse ser discutida, não mais que

Capítulo IV

as ordens de um soberano, daí o princípio da fé cega e da obediência passiva que tinham assim, na origem, sua razão de ser e sua utilidade. A veneração que se tinha pelos livros sagrados, quase sempre considerados como descendidos do céu, ou inspirados pela Divindade, impedia, por outro lado, todo exame.

3. As primeiras teorias sobre o sistema do mundo deviam estar maculadas por erros grosseiros porque, nas eras primitivas, os meios de observação eram necessariamente muito imperfeitos. Porém, mesmo que esses meios fossem tão aperfeiçoados como os de hoje, os homens não teriam sabido se servir deles. Aliás, esses meios são exatamente o resultado do desenvolvimento da inteligência e do conseqüente conhecimento das leis da Natureza. À medida que o homem avançou no conhecimento dessas leis, ele penetrou nos mistérios da criação e retificou as ideias que havia formado sobre a origem das coisas.

4. Da mesma maneira que para compreender e definir o movimento correlativo dos ponteiros de um relógio é preciso conhecer as leis que presidem o seu mecanismo, avaliar a natureza dos materiais e calcular a magnitude das forças envolvidas, para compreender o mecanismo do Universo é preciso conhecer as leis que regem todas as forças postas em ação nesse vasto conjunto.

O homem foi impotente para resolver o problema da criação até o momento em que a solução lhe foi dada pela Ciência. Foi preciso que a Astronomia lhe abrisse as portas do espaço infinito e lhe permitisse nele mergulhar o seu olhar; que, pelo poder do cálculo, ele pudesse determinar, com uma precisão rigorosa, o movimento, a posição, o volume, a natureza e o papel dos corpos celestes; que a Física lhe revelasse as leis da gravitação, do calor, da luz e da eletricidade, a influência desses agentes sobre a Natureza inteira e a causa de inumeráveis fenômenos que daí decorrem; que a Química lhe ensinasse as transformações da matéria, e a Mineralogia, as matérias que formam a crosta do globo terrestre; que a Geologia lhe ensinasse a ler nas camadas terrestres a formação gradual desse mesmo globo. A Botânica, a

Zoologia, a Paleontologia, a Antropologia deviam iniciá-lo na filiação e na sucessão dos seres organizados; com a Arqueologia ele pôde seguir os vestígios da humanidade através dos tempos. Enfim, todas as ciências, completando-se umas as outras, deviam fornecer a sua contribuição indispensável para o conhecimento da história do mundo; na falta dessas ciências, o homem só tinha como guia as suas primeiras hipóteses.

Assim, antes que o homem possuísse esses elementos de avaliação, todos os comentadores da Gênese, cujo raciocínio era limitado por impossibilidades materiais, giraram em torno de um mesmo círculo, de onde não conseguiram sair. Isso só foi possível quando a Ciência abriu o caminho, fazendo uma brecha no velho edifício das crenças. Então, tudo mudou de aspecto, uma vez que o fio condutor foi encontrado, as dificuldades imediatamente foram resolvidas. No lugar de uma Gênese imaginária, surgiu uma Gênese positiva e, de certo modo, experimental. O campo do Universo se dilatou ao infinito. Viu-se a Terra e os astros se formarem gradualmente, segundo leis eternas e imutáveis que atestam bem melhor a grandeza e a sabedoria de Deus que uma criação miraculosa, saída repentinamente do nada, como uma mudança de cenário que se faz diante do espectador, por uma súbita ideia da Divindade após uma eternidade de inação.

Uma vez que é impossível conceber-se a Gênese sem os dados fornecidos pela Ciência, pode-se dizer com exatidão que *é a Ciência que é chamada a constituir a verdadeira Gênese de acordo com as leis da Natureza.*

5. A Ciência, no ponto a que chegou neste século,³³ já venceu todas as dificuldades no tocante ao problema da Gênese?

Seguramente, não, mas é incontestável que ela corrigiu definitivamente todos os erros capitais, lançando os fundamentos essenciais da Gênese baseada em dados irrefutáveis. Os pontos

³³ No texto original, o Codificador formulou a questão referindo-se ao século XIX. Na presente edição, reformulamos a questão referindo-nos ao século corrente, uma vez que a pergunta ainda se aplica e, possivelmente, se aplicará perfeitamente a todas as épocas. (N.R.)

Capítulo IV

que ainda apresentam alguma controvérsia, não passam, a bem dizer, de questões de detalhes, cuja solução no futuro, qualquer que seja, não prejudicará o conjunto. Aliás, apesar de todos os recursos à sua disposição, tem faltado à Ciência, até agora, um elemento importante sem o qual a obra jamais poderá ser completa.

6. De todas as Gêneses antigas, a que mais se aproxima dos dados científicos modernos, não obstante os erros que essa Gênese contém e que hoje são demonstrados até à evidência, é, incontestavelmente, a de Moisés. Alguns desses erros são, na verdade, mais aparentes do que reais e provêm, seja pela falsa interpretação de certos termos — cujo significado original se perdeu ao longo das traduções, passando de uma língua para outra, ou cuja acepção mudou com os costumes dos povos — seja pela forma alegórica, peculiar ao estilo oriental, e que foi interpretada ao pé da letra, ao invés de se procurar o seu real significado.

7. A *Bíblia*, evidentemente, contém fatos que a razão, desenvolvida pela Ciência, não poderia aceitar nos dias de hoje, bem como outros que parecem estranhos e que nos causam aversão, porque se referem a costumes que não são mais os nossos. Mas, além disso, haveria parcialidade em não se reconhecer que a *Bíblia* guarda coisas belas e grandiosas. Nela, a alegoria tem um lugar importante, e, sob esse véu, ela encobre sublimes verdades que aparecem quando se busca a essência do pensamento, visto que nesse caso o absurdo deixa de existir.

Por que então não se levantou o véu mais cedo? Por um lado, pela falta de luzes que só a Ciência e uma sã filosofia poderiam fornecer, e, por outro, por causa do princípio da imutabilidade absoluta da fé, resultante de um respeito obcecado à letra, sobre o qual a razão devia se inclinar, e, por consequência, o temor de comprometer o fundamento das crenças erguido sobre o sentido literal das palavras. Com essas crenças partindo de um ponto inicial, temeu-se que, se o primeiro anel da cadeia viesse a se romper, todas as malhas da rede acabariam por se separar. Eis por

que, apesar de tudo, os olhos se fecharam, mas, fechar os olhos ao perigo não é evitá-lo. Quando um edifício se inclina, não é mais prudente que se substituam imediatamente as pedras ruins por boas, ao invés de se esperar, por respeito à antiguidade do edifício, que o mal fique sem remédio e que seja preciso reconstruí-lo da base ao cume?

8. A Ciência, portanto, levando suas investigações às entranhas da Terra e às profundezas dos céus, demonstrou, de forma irrefutável, os erros da Gênese mosaica tomada ao pé da letra, e a impossibilidade material de que os fatos tenham se passado conforme estão textualmente relatados ali. Assim procedendo, a Ciência desferiu um golpe profundo em crenças seculares. A fé ortodoxa se revoltou, porque acreditou ver arrebatada a sua pedra fundamental. Porém, com quem estaria a razão: com a Ciência, caminhando prudente e progressivamente sobre o terreno sólido dos números e da observação, sem nada afirmar antes de ter a prova nas mãos, ou com uma narrativa escrita em uma época em que inexistiam absolutamente os meios de observação? Ao final das contas, quem deve triunfar: aquele que diz que 2 mais 2 são 5, e se recusa a verificar o resultado, ou aquele que diz que 2 mais 2 são 4 e o prova?

9. Mas, então, alguém dirá, se a *Bíblia* é uma revelação divina, Deus portanto se enganou? Se não é uma revelação divina, ela não tem autoridade e a religião se desmorona por falta de base.

Das duas uma: ou a Ciência está errada, ou ela tem razão. Se tem razão, não pode fazer com que uma opinião contrária seja verdadeira; não há revelação que possa suprimir a autoridade dos fatos.

Incontestavelmente, Deus, que é toda verdade, não pode induzir os homens ao erro, nem consciente nem inconscientemente, pois, caso contrário, não seria Deus. Portanto, se os fatos contradizem as palavras que lhe são atribuídas deve-se concluir logicamente que ele não as pronunciou, ou que tais palavras tiveram uma interpretação errada.

Capítulo IV

Se a religião sofre em algumas partes com tais contradições, a culpa não pertence à Ciência, que não pode fazer que o que é de se ser, mas aos homens, por haverem estabelecido prematuramente dogmas absolutos, dos quais fizeram uma questão de vida ou morte, sobre hipóteses sujeitas a serem desmentidas pela experiência.

Existem coisas cujo fim teremos de aceitar, quer queiramos ou não, quando não pudermos evitá-lo. Uma vez que o mundo avança, sem que o desejo de alguns possa detê-lo, o mais prudente é segui-lo e nos acomodarmos com a nova situação, em lugar de nos agarrarmos ao passado que se desmorona, sob o risco de cairmos com ele.

10. Deveríamos, por respeito aos textos vistos como sagrados, impor silêncio à Ciência? Isso seria algo tão impossível quanto impedir a Terra de girar. As religiões, quaisquer que sejam, jamais ganharam coisa alguma sustentando erros evidentes. A missão da Ciência é descobrir as leis da Natureza, ora, como essas leis são obra de Deus, elas não podem ser contrárias às religiões fundadas sobre a verdade. Ela cumpre sua missão pela própria força das coisas, e por uma consequência natural do desenvolvimento da inteligência humana que, ela também, é uma obra divina e só avança com a permissão de Deus em virtude das leis progressivas por ele estabelecidas. Condenar o progresso, como atentatório à religião, é ir contra a vontade de Deus, sendo, por outro lado, trabalho inútil, uma vez que todas as maldições do mundo não impedirão que a Ciência avance, e que a verdade apareça. *Se a religião se recusa a avançar com a Ciência, a Ciência avançará sozinha.*

11. Somente as religiões estacionárias podem recluir as descobertas da Ciência; essas descobertas são fatais apenas àquelas que se deixam distanciar das ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo das suas crenças. Essas religiões, em geral, fazem uma ideia tão mesquinha da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da natureza, reveladas pela Ciência, é glorificar Deus em suas obras, porém, na sua cegueira, elas

preferem homenagear o espírito do mal. *Uma religião que não estivesse, em nenhum ponto, em contradição com as leis da Natureza, não teria nada a temer do progresso, e seria invulnerável.*

12. A Gênese compreende duas partes: a história da formação do mundo material e a da formação da humanidade, considerada em seu duplo princípio, corporal e espiritual. A Ciência tem-se limitado à pesquisa das leis que regem a matéria; no próprio homem, ela tem estudado apenas o envoltório carnal. Neste aspecto ela chegou a se inteirar com uma precisão incontestável das principais partes do mecanismo do Universo e do organismo humano. Assim, sobre esse ponto capital, ela tem podido completar a Gênese de Moisés, nela retificando as partes incorretas.

A história do homem, porém, considerado como ser espiritual, prende-se a uma ordem especial de ideias que não são do domínio da Ciência propriamente dita, as quais, por esse motivo, não têm sido objeto das suas investigações. A Filosofia, que tem mais particularmente entre suas atribuições o estudo desse assunto, só formulou teorias contraditórias sobre essa questão, que vão desde a espiritualidade pura, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, tendo como base apenas as ideias pessoais dos seus autores. Tem, assim, deixado o assunto sem uma conclusão, por falta de suficientes verificações.

13. Entretanto, essa questão é a mais importante para o homem, porque trata do problema do seu passado e do seu futuro. A questão do mundo material o afeta apenas indiretamente. O que lhe importa, antes de tudo, é saber de onde veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá e qual a sorte que lhe está reservada.

Sobre todas essas questões, a Ciência está muda. A Filosofia apenas emite opiniões que chegam a conclusões diametralmente opostas, mas, pelo menos, ela permite que se debata o assunto, o que faz com que muitas fiquem do seu lado de preferência ao da religião, que não discute.

Capítulo IV

14. Todas as religiões estão de acordo com o princípio da existência da alma, sem contudo demonstrá-lo. Entretanto, não há consenso quanto à origem da alma, ao seu passado, ao seu futuro e, principalmente, o que é essencial, em relação às condições de que depende a sua sorte futura. A maioria delas apresenta um quadro do futuro da alma imposto à crença dos seus adeptos, que só pode ser aceito pela fé cega, mas não pode resistir a um exame sério. O destino que elas atribuem à alma, sendo ligado, dentro de seus dogmas, às ideias que, nos tempos primitivos, se faziam do mundo material e do mecanismo do Universo, é inconciliável com o nível dos conhecimentos atuais. Assim, só podendo perder ante o exame e a discussão, as religiões acham mais simples proscrever um e outro.

15. Das divergências em relação ao futuro do homem, nasceram a dúvida e a incredulidade. E isso não podia ser diferente, com as religiões pretendendo possuir, cada uma, sozinha, toda a verdade; uma afirmando-a de um modo, e outra, de maneira diversa, sem dar provas suficientes de suas afirmativas para converter a maioria. Na indecisão, o homem se restringiu ao presente. Entretanto, a incredulidade deixou um penoso vazio. O homem encara com ansiedade o desconhecido onde cedo ou tarde, fatalmente, terá que entrar. A ideia do nada, o intimida; sua consciência lhe diz que além do presente há alguma coisa reservada para ele, mas o quê? Sua razão desenvolvida não lhe permite mais aceitar as histórias com que o embalaram na infância, nem tomar a alegoria pela realidade. Qual é o sentido dessa alegoria? A Ciência rasgou um pedaço do véu, mas não revelou o que mais lhe interessava saber. Ele interroga em vão, nada lhe responde de uma forma categórica e própria a acalmar as suas apreensões. Por toda a parte ele acha a afirmação se chocando com a negação, sem provas mais conclusivas de uma parte que de outra, daí a incerteza, e a *incerteza sobre as coisas da vida futura faz com que o homem se lance, com uma espécie de frenesi, sobre as da vida material.*

Esse é o inevitável efeito das épocas de transição: o edifício do passado se desmorona, e o do futuro ainda não está construído. O homem é como o adolescente que não tem mais a crença ingênua dos seus primeiros anos, e ainda não possui os conhecimentos da idade adulta; ele só tem vagas aspirações que não sabe definir.

16. Se a questão do homem espiritual ficou até os nossos dias em estado de teoria, é porque faltaram os meios de observação diretos que se tem tido para comprovar o estado do mundo material, e a questão ficou aberta às concepções do espírito humano. Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria, e não pôde aplicar o método experimental, ele errou de teoria em teoria, no que respeita ao mecanismo do Universo e à formação da Terra. Assim foi na ordem moral como na ordem física; faltava o elemento essencial para fixar as ideias: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Esse conhecimento estava reservado à nossa época, como o das leis da matéria que foi a obra dos dois últimos séculos.³⁴

17. Até então, o estudo do princípio espiritual, compreendido na Metafísica, havia sido puramente especulativo e teórico; no Espiritismo é inteiramente experimental. Com o auxílio da faculdade medianímica, mais desenvolvida no presente e, sobretudo, generalizada e melhor estudada, o homem possui um novo instrumento de observação. A mediunidade foi, para o mundo espiritual, o que o telescópio foi para o mundo astral e o microscópio para o mundo dos infinitamente pequenos. A mediunidade lhe permitiu explorar, estudar — por assim dizer, por ter visto — suas relações com o mundo espiritual; isolar, no homem vivo, o ser inteligente do ser material e os observar agindo separadamente. Uma vez estabelecidas as relações com os habitantes do mundo espiritual, tornou-se possível seguir a alma em sua marcha ascendente, em suas migrações e em suas transformações. Pôde-se, enfim, estudar o elemento espiritual. Eis aí o que faltava aos

³⁴ Trata-se aqui dos séculos XVII e XVIII. (N.T.)

Capítulo IV

comentadores anteriores da Gênese para compreendê-la e corrigir seus erros.

18. Como o mundo espiritual e o mundo material estão em permanente contato, eles são solidários um com o outro; os dois têm a sua parcela de atuação na Gênese. Sem o conhecimento das leis que regem o mundo espiritual, seria tão impossível constituir uma Gênese completa quanto o é a um escultor dar vida a uma estátua. Somente agora, ainda que a Ciência material e a Ciência espiritual não tenham dito sua última palavra, o homem possui os dois elementos adequados à lançar luz sobre esse imenso problema. Essas duas chaves eram absolutamente necessárias para se chegar a uma solução, embora aproximada.

Quanto à solução definitiva, talvez jamais seja dado ao homem encontrá-la sobre a Terra, por se tratar de coisas que são segredos de Deus.



Capítulo V

Antigos e Modernos Sistemas do Mundo

1. A primeira ideia que os homens fizeram a respeito da Terra, do movimento dos astros e da constituição do Universo, teve que ser, em sua origem, baseada apenas no testemunho dos seus sentidos. Ignorando as leis mais elementares da Física e das forças da Natureza, e não tendo mais que a sua visão limitada como meio de observação, eles só poderiam julgar pelas aparências.

Vendo o Sol surgir pela manhã de um lado do horizonte e desaparecer, à tarde, do lado oposto, concluíram naturalmente que ele girava em torno da Terra, enquanto esta permanecia imóvel. Se, então, alguém dissesse àqueles homens que ocorre exatamente o contrário, eles responderiam que isso não era possível, visto que, teriam dito: “Vemos o Sol mudar de lugar e não sentimos a Terra se mexer.”

2. Naquela época as viagens eram curtas, raramente ultrapassavam os limites da tribo ou do vale, não permitindo que se comprovasse a esfericidade da Terra. Como, então, supor que a Terra pudesse ter a forma de uma bola? Neste caso os homens só poderiam se manter sobre o ponto mais elevado e, supondo-a

Capítulo V

habitada em toda a superfície, como eles poderiam viver no hemisfério oposto, com a cabeça para baixo e os pés para cima? O fato ainda lhes pareceria mais impossível com um movimento de rotação. Quando se vê, ainda nos dias de hoje em que se conhece a lei da gravitação, pessoas relativamente esclarecidas não perceberem esse fenômeno, não devemos nos admirar que os homens primitivos não tivessem sequer suscitado da sua existência.

Para eles, portanto, a Terra era uma superfície plana, circular como um grande disco, estendendo-se a perder de vista na direção horizontal. Daí a expressão ainda em uso: “Ir ao fim do mundo.” Seus limites, sua espessura, seu interior, sua face inferior, o que ficava por baixo, tudo era desconhecido.³⁵

3. O céu, aparecendo sob uma forma côncava, era, segundo a crença vulgar, uma abóbada real cujos bordos inferiores repousavam sobre a Terra e delimitavam os seus confins; vasta cúpula totalmente preenchida com o ar. Sem noção alguma sobre o infinito do espaço, incapazes mesmo de o conceberem, os homens imaginavam essa abóbada constituída de uma matéria sólida, daí o nome de *firmamento*, que sobreviveu à crença, e que significa: *firme, resistente* (do latim *firmamentum*, derivado de

³⁵ “A mitologia hindu ensinava que, ao entardecer, o astro do dia se despojava de sua luz e atravessava o céu, durante a noite, com uma face obscura. Na mitologia grega representava a carruagem de Apolo, puxada por quatro cavalos. Anaximandro, de Mileto, sustentava, ao que refere Plutarco, que o Sol era um carro cheio de fogo muito vivo, que teria escapado por uma abertura circular. Epicuro, segundo uns, teria emitido a opinião de que o Sol se acendia pela manhã e se apagava à noite nas águas do oceano; segundo outros, ele considerava esse astro uma pedrapomes aquecida até à incandescência. Anaxágoras via-o como um ferro esbraseado, do tamanho do Peloponeso. Coisa singular! Os antigos eram tão irresistivelmente levados a considerar como real a grandeza aparente desse astro, que perseguiram o filósofo temerário por haver atribuído um tal volume ao farol do dia, fazendo-se necessária toda a autoridade de Péricles para salvá-lo de uma condenação à morte e comutar a sua pena em uma sentença de exílio.” (Flammarion, “Estudos e Leituras sobre a Astronomia”.)

Diante de tais ideias, emitidas no século quinto antes da Era Cristã, no apo-geu da Grécia, não podemos nos admirar das que faziam os homens primitivos sobre o sistema do mundo. (N.A.)

firmitas, e do grego *herma*, *hermatos*, firme, sustentáculo, suporte, ponto de apoio).

4. As estrelas, das quais não podiam imaginar a natureza, eram simples pontos luminosos, maiores ou menores, presos na abóbada, como lâmpadas suspensas, dispostas em uma superfície única e, assim sendo, todas à mesma distância da Terra, tais como as que se representam no interior de certas cúpulas pintadas de azul para simbolizar o azul do céu.

Embora atualmente tenhamos uma outra concepção, conservou-se o uso de antigas expressões; diz-se ainda, por exemplo: “a abóbada estrelada” e “sob a calota do céu”.

5. A formação das nuvens pela evaporação das águas da Terra também era desconhecida. Ninguém poderia imaginar que a chuva que cai do céu tivesse a sua origem na Terra, uma vez que ninguém a via subir. Daí a crença na existência das *águas superiores* e das *águas inferiores*, das fontes celestes e das fontes terrestres, dos reservatórios de água colocados nas altas regiões, suposição que estava perfeitamente de acordo com a ideia de uma abóbada sólida capaz de sustentá-los. As águas superiores, escapando pelas frestas da abóbada, caíam sob a forma de chuva e, conforme fossem essas aberturas, mais ou menos largas, a chuva era branda, torrencial ou diluviana.

6. A ignorância completa acerca do conjunto do Universo e das leis que o regem, bem como da natureza, da constituição e da finalidade dos astros que, aliás, pareciam ser tão pequenos, comparados com a Terra, necessariamente fez com que esta fosse considerada como a coisa principal, o único objetivo da criação, e os astros como acessórios criados unicamente para os seus habitantes. Esse preconceito se perpetuou até os nossos dias, apesar das descobertas da Ciência que mudaram, para o homem, o aspecto do mundo. Quanta gente ainda acredita que as estrelas são ornamentos do céu para dar prazer aos olhos dos habitantes da Terra!

Capítulo V

7. Não tardou, porém, que se percebesse o movimento aparente das estrelas, que se movem na totalidade do Oriente para o Ocidente, aparecendo ao anoitecer e se ocultando pela manhã, conservando as suas posições respectivas. Contudo, durante muito tempo, esta observação só teve como consequência confirmar a ideia de uma abóbada sólida, arrastando as estrelas no seu movimento de rotação.

Essas ideias primárias, ingênuas, foram, durante longos períodos seculares, o fundamento das crenças religiosas, e serviram de base a todas as cosmogonias antigas.

8. Mais tarde percebeu-se, pela direção do movimento das estrelas e seu retorno periódico sempre na mesma ordem, que a abóbada celeste não podia ser simplesmente uma semiesfera colocada sobre a Terra, mas uma esfera inteira, oca, no centro da qual estaria a Terra, sempre plana, ou, quando muito, convexa, e habitada somente na face superior. Já era um progresso.

Porém, sobre o que estava colocada a Terra? Seria inútil relatar todas as suposições ridículas criadas pela imaginação, a começar pela dos indianos, que diziam que a Terra era sustentada por quatro elefantes brancos, apoiados sobre as asas de um imenso abutre. Os mais prudentes confessavam que não sabiam nada a respeito.

9. Entretanto, uma opinião geralmente difundida nas teogonias pagãs situava nos *lugares baixos*, ou seja, nas profundezas da Terra, ou debaixo dela, não se sabia ao certo, a morada dos réprobos, chamada *inferno*, isto é, *lugares inferiores*, e nos *lugares altos*, muito além da região das estrelas, a morada dos bem-aventurados. A palavra *inferno* se conservou até os nossos dias, embora tenha perdido o seu significado etimológico desde que a Geologia retirou o lugar dos suplícios eternos das entranhas da Terra, e que a Astronomia demonstrou que não há alto nem baixo no espaço infinito.

10. Sob o céu límpido da Caldeia, da Índia e do Egito, berço das mais antigas civilizações, pôde-se observar o movimento dos astros com tanta precisão quanto o permitia a ausência de instrumentos especiais. Observou-se, primeiramente, que certas estrelas apresentavam um movimento próprio, independente das demais, o que não permitia supor que essas estrelas estivessem pregadas na abóbada. Para distingui-las das estrelas ditas fixas, chamaram-nas de *estrelas errantes* ou *planetas*. Foram então calculados os seus movimentos e os seus retornos periódicos.

Notou-se, no movimento diurno da esfera estrelada, a imobilidade da Estrela Polar, em torno da qual as demais estrelas descreviam, em vinte e quatro horas, círculos oblíquos, paralelos, maiores ou menores, de acordo com a distância em que se encontravam da estrela central. Esse foi o primeiro passo em direção à descoberta da inclinação do eixo da Terra. As viagens mais longas permitiram observar os diferentes aspectos do céu, segundo as latitudes³⁶ e as estações do ano. A constatação de que a elevação da Estrela Polar acima do horizonte variava com a latitude, ajudou a compreender a esfericidade da Terra. Foi assim que, pouco a pouco, chegou-se a uma ideia mais exata do sistema do mundo.

³⁶ Latitude terrestre é o arco de meridiano compreendido entre uma localidade e o equador terrestre, medido de 0° a 90° (zero a noventa graus), para o Norte ou para o Sul, conforme o ponto esteja situado no hemisfério norte ou no hemisfério sul da Terra, respectivamente. Por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro encontra-se na latitude 22°33' S (vinte e dois graus e trinta e três minutos sul) e a cidade de Paris está situada na latitude 48°52' N (quarenta e oito graus e cinquenta e dois minutos norte).

Longitude terrestre é o arco do equador compreendido entre o meridiano que passa pelo Observatório Astronômico de Greenwich (subúrbio da cidade de Londres, na Inglaterra) e o meridiano que passa por determinada localidade, medido, em graus, de 0° a 180° (zero a cento e oitenta graus), para Leste ou para Oeste, conforme o ponto esteja situado no hemisfério oriental ou no hemisfério ocidental da Terra, respectivamente. Por exemplo, a longitude da cidade do Rio de Janeiro é 43°13' W (quarenta e três graus e treze minutos oeste) e a longitude da cidade de Paris é 2°19' E (dois graus e dezenove minutos leste).

Meridiano é o círculo máximo que passa pelos polos e divide a Terra em dois hemisférios, oriental e ocidental, a leste e a oeste do meridiano considerado, respectivamente.

A latitude e a longitude determinam com precisão a posição de qualquer ponto da superfície terrestre. Este sistema de coordenadas pode ser utilizado para determinar a posição de um ponto na superfície de qualquer mundo. (N.R.)

Capítulo V

Por volta do ano 600 a.C., Tales,³⁷ de Mileto (Ásia Menor), descobriu a esfericidade da Terra, a obliquidade da eclíptica e a causa dos eclipses.

Um século mais tarde, Pitágoras,³⁸ de Samos, ilha grega do Mar Egeu, descobre o movimento diário, (de rotação) da Terra, em torno do próprio eixo, o movimento anual, (de translação) em torno do Sol e incorpora os planetas e os cometas ao sistema solar.

Em 160 a.C., Hiparco,³⁹ de Alexandria (Egito), inventa o astrolábio, calcula e prediz os eclipses, observa as manchas do Sol, determina o ano trópico e a duração das revoluções da Lua.

Essas descobertas, por mais preciosas que fossem para o progresso da Ciência, levaram cerca de 2.000 anos para se popularizarem. À época, dispondo apenas de raros manuscritos para se propagarem, as novas ideias permaneciam como patrimônio de alguns filósofos, que as ensinavam a discípulos privilegiados. As massas, que ninguém pensava em esclarecer, não tiravam proveito algum dessas ideias, continuando a alimentar-se das velhas crenças.

11. Por volta do ano 140 d.C., Ptolomeu,⁴⁰ um dos homens mais ilustres da Escola de Alexandria, combinando suas ideias com as crenças vulgares e algumas das mais recentes descobertas

³⁷ **Tales:** filósofo e matemático grego (640-548 a.C.), nasceu provavelmente em Mileto. Fundador da escola jônica, autor de uma doutrina cosmológica, em que a água representa o papel principal, e de um célebre teorema de geometria. É o mais antigo e o mais ilustre dos *sete sábios da Grécia*. (N.T., conforme o *Dicionário Lello Universal*, vol. IV.)

³⁸ **Pitágoras:** filósofo e matemático grego (cerca de 570-496 a.C.), cuja existência é pouco conhecida. Teria nascido em Samos e fundado a seita dos pitagóricos. Partidário da *metempsicose*, tinha uma moral elevada e obrigava seus discípulos a uma vida austera. À escola pitagórica devem-se descobertas matemáticas, geométricas e astronômicas atribuídas a Pitágoras. (N.T., conforme o *Dicionário Lello Universal*, vol. III.)

³⁹ **Hiparco:** o maior astrônomo da Antiguidade (160-125 a.C.), nasceu em Niceia, descobriu a precessão dos equinócios e retificou a duração do ano adotado antes dele. (N.T., conforme o *Dicionário Lello Universal*, vol. II.)

⁴⁰ **Ptolomeu:** astrônomo grego nascido provavelmente no séc. II da Era Cristã; autor de uma *Composição Matemática* e de uma *Geografia* que teve autoridade durante toda a Idade Média. O seu sistema, que consistia em considerar a Terra no centro do mundo e dela fazer um corpo fixo, foi destruído pelo de Copérnico. (N.T., conforme o *Dicionário Lello Universal*, vol. III.)

astronômicas, criou um sistema que se poderia chamar de misto, que traz o seu nome, e que, por quase quinze séculos, foi o único adotado pelo mundo civilizado.

Segundo o sistema de Ptolomeu, a Terra é uma esfera no centro do Universo, e se comporia por quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo. Seria a primeira região, dita *elementar*. A segunda região, dita *etérea*, compreenderia onze céus, ou esferas concêntricas, girando em torno da Terra, a saber: o céu da Lua, o de Mercúrio, o de Vênus, o do Sol, o de Marte, o de Júpiter, o de Saturno, o das estrelas fixas, do primeiro cristalino, esfera sólida transparente, do segundo cristalino, e, finalmente, do primeiro móvel, que daria movimento a todos os céus inferiores, obrigando-os a fazer uma revolução em vinte e quatro horas. Além dos onze céus estava o *Empíreo*, a morada dos bem-aventurados, denominação tirada do grego *pyr* ou *pur*, que significa *fogo*, porque se acreditava que essa região resplandecia de luz como o fogo.

Durante muito tempo prevaleceu a crença em vários céus superpostos, que, entretanto, variavam em número. O sétimo céu era, geralmente, visto como o mais elevado, daí veio a expressão: “Ser arrebatado ao sétimo céu.” Paulo, por exemplo, disse que fora elevado ao terceiro céu.

Segundo Ptolomeu, além do movimento comum, os astros tinham movimentos próprios, maiores ou menores, segundo a distância em que se achavam do centro. As estrelas fixas faziam uma revolução em um período de 25.816 anos, avaliação esta que denota conhecimento da precessão dos equinócios, que, efetivamente, se realiza em 25.868 anos.

12. No princípio do século XVI, Copérnico, um célebre astrônomo, nascido em Thorn (Prússia), em 1472, e falecido em 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras; tornou público um sistema que, confirmado a cada dia por novas observações, foi acolhido favoravelmente e não tardou a suplantá-lo o de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e os astros descrevem órbitas circulares ao seu redor, sendo a Lua um satélite da Terra.

Capítulo V

Um século depois, em 1609, Galileu, nascido em Florença, inventa o telescópio. Em 1610, ele descobre quatro satélites de Júpiter e calcula as suas revoluções.⁴¹ Verifica que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol e que são esferas semelhantes à Terra. Observa as suas fases e determina a duração da sua rotação sobre o seu próprio eixo, sancionando definitivamente, através de provas materiais, o sistema concebido por Copérnico.

Desmorona-se então o sistema dos céus superpostos; os planetas foram reconhecidos como mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, igualmente habitados;⁴² o Sol como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que a ele estão sujeitos, e as estrelas como inumeráveis sóis, prováveis centros de sistemas planetários.

As estrelas, não estão mais confinadas em uma zona da esfera celeste, mas irregularmente disseminadas pelo espaço sem fim, a distâncias incomensuráveis umas das outras, mesmo as que parecem se tocar. As aparentemente menores são as que estão mais afastadas de nós; as maiores, as que estão mais próximas, ainda que a anos-luz da Terra.⁴³

Os grupos de estrelas aos quais se deu o nome de *constelações* são, apenas, conjuntos aparentes, formados por uma ilusão de óptica, em função da distância em que se encontram da Terra.

⁴¹ Após Galileu, os astrónomos descobriram mais 12 satélites no sistema de Júpiter, totalizando assim 16 satélites, que são: Io, Europa, Calisto e Ganimedes (descobertos por Galileu e por isso chamados de satélites galileanos), e Metis, Adrastea, Amalthea, Thebe, Leda, Himalia, Lysithea, Elara, Ananke, Carme, Pasíphae e Sinope, descobertos posteriormente. Metis e Thebe, por exemplo, só foram descobertos em 1980. (N.R.)

⁴² Apesar de os espíritos já terem nos revelado que os mundos são habitados, a Ciência ainda não conseguiu descobrir vestígios de vida nos planetas do sistema solar, embora os cientistas reconheçam, que, estatisticamente, devam existir muitos mundos habitados no Universo. (N.R.)

⁴³ No texto original o Codificador coloca a distância em léguas, antiga unidade de medida itinerária, equivalente a 6.600 metros. Na presente edição, estamos adotando o *ano-luz*, que é, nos dias de hoje, a unidade de medida utilizada pelos astrónomos para mensurar distâncias astronómicas. O ano-luz é a distância percorrida pela luz em um ano, à velocidade, no vácuo, de 299.792 km/s (quilómetros por segundo). Considerando que um ano contém 31.557.600 segundos, 1 ano-luz corresponde a uma distância de 9.460 bilhões de quilómetros. Por exemplo, *Alpha Centauri*, a estrela mais próxima da Terra, encontra-se a 4,3 anos-luz de distância de nosso planeta. (N.R.)

As suas formas não passam, assim, de efeitos de perspectiva, como acontece com um grupo de luzes espalhadas em uma grande área, ou com as árvores de uma floresta, para um observador colocado em um ponto fixo distante. Na verdade, esses agrupamentos não existem. Se pudéssemos nos deslocar na direção de uma dessas constelações, à medida que fôssemos nos aproximando, a sua forma iria desaparecendo e novos agrupamentos iriam se formando aos nossos olhos.

Desde que esses agrupamentos de estrelas só existem em aparência, a significação que uma crença vulgar supersticiosa lhes atribui é ilusória, e sua influência só pode existir na imaginação.

Para que as constelações pudessem ser distinguidas, receberam nomes como: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança, Capricórnio, Câncer, Órion, Hércules, Grande Ursa, ou Carro de Davi, Pequena Ursa, Lira, etc.*, e foram representadas por figuras que lembram esses nomes, na sua maioria fantasiosas, não tendo, em todos os casos, nenhuma relação com a figura aparente do agrupamento de estrelas assim denominadas. Portanto, seria inútil procurar essas formas no céu.

A crença na influência das constelações, principalmente nas que constituem os doze signos do zodíaco, origina-se da ideia ligada aos nomes que elas têm, se à constelação que se chama *leão* fosse dado o nome de *asno* ou de *ovelha*, certamente lhe teriam atribuído uma outra influência.

13. A partir de Copérnico e de Galileu, as velhas cosmogonias desapareceram para sempre; a Astronomia só podia avançar, jamais recuar. A História conta as lutas que esses homens geniais tiveram de sustentar contra os preconceitos, principalmente contra o sectarismo interessado em manter erros sobre os quais se estabeleceram as crenças, que pareciam apoiadas sobre uma base inabalável. Foi suficiente a invenção de um instrumento óptico para derrubar uma construção de muitos milhares de anos, pois nada poderia prevalecer contra uma verdade reconhecida como tal. Graças à tipografia, o público, iniciado nas novas ideias, começou a não mais se deixar embalar por ilusões e

Capítulo V

tomava parte na luta. Não era mais contra alguns indivíduos que se precisava combater, mas contra a opinião geral, que tomava a defesa da verdade.

Como é grande o Universo, perto das mesquinhas dimensões que os nossos pais lhe atribuíram! Como é sublime a obra de Deus, quando a vemos cumprir-se segundo as eternas leis da natureza! Mas também, quanto tempo, quantos esforços e devotamento foram necessários aos gênios para descerrar os olhos, e arrancar, afinal, a venda da ignorância!

14. Desde então, estava aberto o caminho onde ilustres e numerosos sábios iam entrar para completar a obra iniciada. Na Alemanha, Kepler descobre as célebres leis que levam o seu nome e com a ajuda das quais ele verifica que os planetas não descrevem órbitas circulares, mas elípticas, das quais o Sol ocupa um dos focos. Newton, na Inglaterra, descobre a lei da gravitação universal. Laplace, na França, cria a mecânica celeste. Finalmente, a Astronomia não é mais um sistema criado sobre conjecturas ou probabilidades, mas uma ciência estabelecida sobre as bases mais rigorosas do cálculo e da geometria. Deste modo se acha assentada uma das pedras fundamentais da Gênese.



Capítulo VI

Astronomia Geral⁴⁴

**O espaço e o tempo. A matéria. As leis e as forças.
A criação primária. A criação universal. Os sóis e os planetas.
Os satélites. Os cometas. A Via Láctea. As estrelas fixas.
Os desertos do espaço. Eterna sucessão dos mundos.
A vida universal. A Ciência. Considerações morais**

O espaço e o tempo

1. Várias definições de espaço foram dadas, a principal é esta: o espaço é a extensão que separa dois corpos. Daí certos sofistas⁴⁵ deduziram que onde não havia corpos não havia espaço.

⁴⁴ *Este capítulo foi textualmente extraído de uma série de comunicações ditadas à Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, sob o título “Estudos Uranográficos” e assinada “Galileu”, médium: C. F. (N.A.)*

• O autor nomeou este capítulo como URANOGRAFIA GERAL. Uma vez que o vocábulo Uranografia é sinônimo perfeito de Astronomia, optamos na presente edição por este último, por emprestar, nos dias de hoje, maior clareza em relação ao assunto que será tratado. (N.R.)

• **C. F.:** Camille Flammarion, astrônomo francês (Montigny-le-Roy, 1842 - Juvisy-sun-Orge, 1925). Escreveu inúmeras obras tentando popularizar a Astronomia. Dedicou-se ao estudo do Espiritismo; experimentador hábil e médium muito produtivo, foi um grande colaborador de Allan Kardec e muitas das mensagens por ele recebidas estão na Codificação. (N.T., segundo L. Palhano Jr. in *Dicionário de Filosofia Espírita*, CELD.)

⁴⁵ **Sofista:** todo aquele que argumenta com sofismas, ou seja, que se utiliza de um argumento aparentemente válido, mas que, na realidade, não é conclusivo. Pressupõe má-fé por parte de quem o apresenta. (N.R.)

Capítulo VI

Foi nisso que se basearam alguns doutores em Teologia para estabelecer que o espaço era necessariamente finito, alegando que corpos limitados em um certo número não poderiam formar uma série infinita; e que, onde os corpos acabassem, o espaço também acabaria.

Ainda se definiu o espaço como: o lugar onde os mundos se movem, o vazio onde a matéria atua, etc.⁴⁶ Deixemos, nos tratados onde repousam, todas essas definições que nada definem.

Espaço é uma dessas palavras que representam uma ideia primitiva e axiomática, evidente por si mesma, e que as diversas definições que lhe possam ser dadas só servem para obscurecê-la. Todos sabemos o que é o espaço e eu apenas quero demonstrar a sua infinidade, a fim de que os nossos estudos posteriores não tenham algum obstáculo se opondo às investigações do nosso olhar.

Ora, digo que o espaço é infinito, pelo fato de ser impossível imaginar um limite qualquer para ele, e porque, apesar da dificuldade que temos de conceber o infinito, para nós é mais fácil avançar eternamente pelo espaço, através do pensamento, do que parar em um ponto qualquer, depois do qual não encontraríamos mais nenhum espaço a percorrer.

Para imaginarmos o infinito do espaço, tanto quanto as nossas limitadas possibilidades o permitam, suponhamos que, partindo da Terra, perdida no meio do infinito, em direção a um ponto qualquer do Universo, e isso com a velocidade prodigiosa da luz, que percorre *milhares de quilômetros a cada segundo*, e que, após ter percorrido milhões de quilômetros mal tenhamos deixado este globo, nos achamos em um lugar de onde a Terra apenas nos aparece sob o aspecto de uma pálida estrela. Após um

⁴⁶ Atualmente, o espaço é definido como a distância entre dois pontos ou a área ou o volume entre limites determinados, ou ainda, em uma definição mais abrangente, como a extensão indefinida, tal como o Espírito Galileu o definiu na sua comunicação. (N.R.)

instante,⁴⁷ prosseguindo sempre na mesma direção, chegamos a essas estrelas distantes que mal são percebidas da vossa estação terrestre. De lá, não só a Terra desaparece completamente das nossas vistas nas profundezas do céu, como também o vosso próprio Sol, com todo o seu esplendor, é eclipsado pela distância que nos separa dele. Sempre animados pela mesma velocidade da luz, a cada metro que avançamos no espaço, transpomos sistemas planetários, ilhas de luz etérea, estradas estelíferas, para-gens suntuosas onde Deus semeou os mundos com a mesma profusão com que semeou as plantas nas pradarias terrenas.

Ora, há apenas alguns minutos que avançamos, e centenas de milhões de milhões de quilômetros já nos separam da Terra, bilhões de mundos passaram sob o nosso olhar e, entretanto, escutai, na realidade, não avançamos um passo sequer no Universo.

Se continuarmos durante anos, séculos, milhares de séculos, milhões de períodos cem vezes seculares *e sempre com a mesma velocidade da luz*, também não teremos avançado nem um passo sequer, qualquer que seja a direção para onde nos dirigamos e qualquer que seja o ponto para onde nos encaminhemos, a partir desse grãozinho invisível que nós deixamos e que se chama Terra.

Eis aí o que é o espaço!

2. Tempo, assim como espaço, é um termo que se define por si mesmo; dele podemos fazer uma ideia mais exata estabelecendo sua relação com o todo infinito.

⁴⁷ No texto original, o Espírito Galileu refere-se à velocidade da centelha elétrica ou ainda à velocidade do relâmpago, que entendemos ser a que conhecemos nos dias de hoje como a velocidade da luz, que é de 299.792 quilômetros por segundo, no vácuo.

O comunicante refere-se às distâncias em *léguas*, unidade de medida que não é mais usada nos nossos dias, razão pela qual foi substituída por *quilômetros*. Pelo mesmo motivo, nos trechos em que foi pertinente, o vocábulo *passo* foi substituído por *metros*.

Entendemos ainda que a expressão “*após um instante*,” foi utilizada no sentido figurado, uma vez que mesmo a luz, com a sua prodigiosa velocidade, leva horas para atingir, a partir da Terra, os planetas do sistema solar exterior (Júpiter, Saturno, Netuno, Urano e Plutão), e que as estrelas mais próximas encontram-se a anos-luz de distância da Terra, ou seja, a luz gasta anos percorrendo com a sua prodigiosa velocidade, o espaço que medeia entre o nosso sistema e o sistema daquelas estrelas. (N.R.)

Capítulo VI

O tempo é a sucessão das coisas.⁴⁸ Está relacionado à eternidade, do mesmo modo que essas coisas estão relacionadas ao infinito. Vamos supor que estamos na origem do nosso mundo, na época primitiva em que a Terra ainda não se movia sob a divina impulsão, em uma palavra, no começo da Gênese. Então, o tempo ainda não havia saído do misterioso berço da natureza, e ninguém pode dizer, referindo-se a séculos, em que época estamos, uma vez que o balancim dos séculos ainda não está em movimento.

Mas, silêncio! A primeira hora de uma Terra isolada soa na sineta eterna, o planeta se move no espaço e *desde então há tarde e manhã*. Para lá da Terra, a eternidade continua impassível e imóvel, ainda que o tempo avance em relação a muitos outros mundos. Sobre a Terra, o tempo substitui a eternidade e durante uma determinada série de gerações serão contados os anos e os séculos.

Transportemo-nos agora ao último dia desse mundo, à hora em que, curvada sob o peso da velhice, a Terra se apagará do livro da vida para não mais reaparecer: então a sucessão dos eventos se detém; os movimentos terrestres que mediam o tempo se interrompem e com eles o tempo chega ao fim.

Esta simples exposição dos fatos naturais que dão nascimento ao tempo, que o alimentam e deixam que ele se extinga, basta para mostrar que, visto do ponto em que devemos nos situar para os nossos estudos, o tempo é como uma gota d'água que cai da nuvem no mar, e cuja queda é medida.

Tantos mundos na vasta amplidão, tantos tempos diferentes e incompatíveis. Ao redor dos mundos, somente a eternidade substitui essas efêmeras sucessões e enche tranquilamente, com a sua luz imóvel, a imensidade dos céus. Imensidade sem limites e eternidade sem limites, essas são as duas grandes propriedades do Universo.

⁴⁸ Atualmente, o tempo é definido como a sucessão dos anos, dos dias, das horas, etc., envolvendo, para o homem, a noção de presente, passado e futuro. (N.R.)

O olhar do observador que penetra as incomensuráveis distâncias do espaço, sem jamais encontrar obstáculos, e o olhar do geólogo, que remonta além dos limites das eras, ou que desce, maravilhado, às profundezas da eternidade, onde eles um dia se perderão, agem de acordo, cada um na sua estrada, para adquirir esta dupla noção de infinito: extensão e duração.

Ora, de acordo com este raciocínio, será fácil entender que, sendo o tempo a relação das coisas transitórias, e dependendo unicamente das coisas que se medem, se, considerando o século terrestre como unidade, nós empilhássemos milhares e milhares deles para formar um número colossal, esse número nunca representará mais do que um ponto na eternidade, do mesmo modo que milhares de quilômetros somados a milhares de quilômetros não são mais do que um ponto na extensão.

Assim, por exemplo, como os séculos estão fora da vida etérea da alma, poderíamos escrever um número tão longo quanto o equador terrestre e supormos que envelhecemos nesse número de séculos, sem que na realidade nossa alma conte um dia sequer a mais. E, somando a esse número indefinível de séculos uma série de números iguais, tão longa como daqui ao Sol, ou ainda maior, se imaginássemos viver durante a sucessão prodigiosa de períodos seculares, representada pela soma desses números, quando chegássemos ao fim, o inconcebível amontoado de séculos que passaria sobre a nossa cabeça seria como se não tivesse existido: diante de nós sempre estaria toda a eternidade.

O tempo é apenas uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias. A eternidade não é suscetível de medida alguma, do ponto de vista da duração; para ela não há começo nem fim: tudo é presente.

Se séculos de séculos são menos do que um segundo em relação à eternidade, o que é a duração da vida humana?

A matéria

3. À primeira vista, nada parece tão profundamente diversificado, tão essencialmente distinto, quanto as inúmeras

Capítulo VI

substâncias de que é composto o nosso mundo. Entre os objetos que a arte ou a Natureza fazem, diariamente, passar sob os nossos olhares, existirão dois que apresentem uma identidade perfeita ou apenas uma igualdade de composição? Quanta dessemelhança, sob o ponto de vista da rigidez, da compressibilidade, do peso e das propriedades múltiplas dos corpos, entre os gases atmosféricos e o filete de ouro, entre a molécula de água da nuvem e a do mineral que forma o arcabouço do planeta! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que decoram o reino vegetal, e o dos representantes, não menos numerosos, da animalidade sobre a Terra!

Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais diferentes que pareçam, seja pela sua constituição íntima, seja pelo modo como interagem reciprocamente, na verdade são as diferentes formas sob as quais a matéria se apresenta. São as variedades em que ela se transformou sob a direção das inúmeras forças que a governam.

4. A Química, que progrediu tão rapidamente após a minha época, em que os seus próprios adeptos ainda a relegavam ao domínio secreto da magia, essa nova ciência que se pode considerar, com toda a justiça, como filha do século da observação, e como unicamente baseada, bem mais solidamente do que as suas irmãs mais velhas, no método experimental; a Química, digo, reconsiderou a visão sobre os quatro elementos primitivos que os antigos tinham concordado em reconhecer na Natureza. Mostrou que o elemento terrestre nada mais é do que a combinação de diversas substâncias, variadas ao infinito; que o ar e a água podem igualmente ser decompostos e produto de um certo número de equivalentes gasosos; que o fogo, longe de ser, ele também, um elemento principal, é apenas um estado da matéria, resultante do movimento universal a que ela se acha submetida, e de uma combustão sensível ou latente.⁴⁹

⁴⁹ Atualmente, define-se o fogo como sendo a emissão de luz e calor, proveniente da combustão de matérias inflamáveis. (N.R.)

Em compensação, ela descobriu um considerável número de princípios, até então desconhecidos, que lhe pareceram formar, por determinadas combinações, as diversas substâncias, os diversos corpos que ela estudou e que agem simultaneamente, de acordo com certas leis, e em certas proporções, nos trabalhos realizados no grande laboratório da Natureza. *A esses princípios a Química denominou corpos simples*, indicando assim que ela os considera como primitivos e indecomponíveis e que nenhuma operação, até então, poderia reduzi-los a partes relativamente mais simples do que eles próprios.⁵⁰

5. Porém, lá onde as apreciações do homem se detêm, mesmo ajudado pelos seus sentidos artificiais mais sensíveis, a obra da natureza prossegue. Lá, onde o homem comum confunde a aparência com a realidade, lá onde o prático levanta o véu e distingue o começo das coisas, o olhar daquele que pôde perceber o modo de agir da natureza, apenas vê, sob os materiais que constituem o mundo, *a matéria cósmica primitiva*, simples e una, diversificada em certas regiões à época de seu aparecimento, partilhada em corpos solidários durante sua vida, e desmembrados um dia no receptáculo da imensidão pela sua decomposição.

6. Existem questões, que nós mesmos, espíritos amantes da Ciência, não saberíamos aprofundar, e sobre as quais só poderíamos emitir opiniões pessoais, mais ou menos conjecturais. Sobre essas questões eu me calarei ou justificarei minha maneira de

⁵⁰ *Os principais corpos simples são, entre os não-metálicos: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto (nitrogênio), o cloro, o carbono, o fósforo, o enxofre e o iodo; entre os metálicos: o ouro, a prata, a platina, o mercúrio, o chumbo, o estanho, o zinco, o ferro, o cobre, o arsênico, o sódio, o potássio, o cálcio, o alumínio, etc. (N.A.)*

• Esta nota de Allan Kardec faz menção aos principais corpos simples conhecidos ao tempo do Codificador. Atualmente, os elementos químicos (denominação atual dos corpos simples) são classificados de acordo com a *Classificação Periódica dos Elementos*, que teve a sua origem no trabalho metucioso realizado pelo cientista russo Mendeleev, em 1869. A Química cataloga atualmente 105 elementos, dos quais 92 são encontrados na natureza e os demais, chamados de transurânicos (porque são mais pesados do que o elemento urânio), foram sintetizados em laboratório. A Classificação distribui os elementos de acordo com as suas propriedades, agrupando os metais, os não metais, os semimetais e os gases nobres. O elemento químico hidrogênio, por suas características especiais, é classificado à parte.

Hoje em dia, também sabemos que os elementos químicos são decomponíveis em dezenas de subpartículas, sendo que, as mais importantes são o próton, o nêutron e o elétron. (N.R.)

Capítulo VI

ver; mas, esta questão não pertence a esse número. Portanto, àqueles que fossem tentados a ver nas minhas palavras apenas uma teoria ousada, direi: se for possível, abrangei com um olhar investigador a multiplicidade das manifestações da Natureza e reconheceréis que, se não se admitir a unidade da matéria, será impossível explicar, não direi apenas os sóis e os mundos, mas, sem ir tão longe, a germinação de uma semente sob a terra ou a reprodução de um inseto.

7. Se observamos uma tal diversidade na matéria é porque, existindo um número ilimitado de forças que presidiram às suas transformações e de condições em que essas transformações se produziram, as combinações da matéria não podiam ser senão ilimitadas.

Logo, que a substância que se examina pertença aos fluidos propriamente ditos, isto é, aos corpos imponderáveis, ou que se apresentem com as características e propriedades comuns da matéria, só existe, em todo o Universo, uma única substância primitiva: o *cosmo* ou a *matéria cósmica* dos astrônomos.⁵¹

As leis e as forças

8. Se um desses seres desconhecidos que gastam a sua existência efêmera no fundo das regiões tenebrosas dos oceanos, se um desses poligástricos, dessas nereidas — animálculos ínfimos que da Natureza conhecem apenas os peixes ictiófagos e as florestas submarinas — recebesse de repente o dom da inteligência, a capacidade de estudar seu mundo e de estabelecer, de acordo com as suas apreciações, um raciocínio conjectural extensivo à universalidade das coisas, que ideia ele formaria da natureza viva que se desenvolve em seu meio, e do mundo terrestre que não pertence ao campo das suas observações?

Se, agora, esse mesmo ser, por um maravilhoso efeito do poder da sua nova capacidade, chegasse a se elevar acima das suas trevas eternas e subisse à superfície do mar, próximo às

⁵¹ No original francês: dos uranógrafos. (N.T.)

costas de uma ilha repleta de vegetação luxuriante, banhada pelo Sol fecundo, fonte de um benéfico calor, que ideia ele faria então das suas teorias antecipadas sobre a criação universal? Teorias que ele logo abandonaria, substituindo-as por uma apreciação mais abrangente, mas relativamente ainda tão incompleta quanto à primeira. Esta, ó homens, é a imagem da vossa ciência inteiramente especulativa.⁵²

9. Então, logo que venho tratar aqui da questão das leis e das forças que regem o Universo, eu, que apenas sou, como vós, um ser relativamente ignorante em relação à verdadeira Ciência, apesar da aparente superioridade que me dá, sobre os meus irmãos da Terra, a possibilidade que me cabe de estudar questões naturais que lhes são proibidas, na posição de terráqueos, meu objetivo é somente vos expor a noção geral das leis universais, sem explicar detalhadamente o modo de ação e a natureza das forças especiais que decorrem destas leis.

10. Existe um fluido etéreo que preenche o espaço e penetra todos os corpos. Esse fluido é o *éter* ou *matéria cósmica primitiva*, geradora do mundo e dos seres. A ele são inerentes as forças que presidiram às transformações da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas forças múltiplas, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra pelos nomes de *gravidade*, *coesão*, *afinidade*, *atração*, *magnetismo* e *eletricidade ativa*.⁵³ Os movimentos vibratórios do

⁵² Esta é também a situação dos que negam o mundo dos espíritos, quando, após se despojarem do envoltório carnal, os horizontes desse mundo se desenrolam aos seus olhos. Compreendem, então, o vazio das teorias com que pretendiam explicar tudo exclusivamente à luz da matéria. Entretanto, esses horizontes ainda ocultam para eles mistérios que só sucessivamente se desvendam, à medida que se elevarem pela depuração. Porém, desde os seus primeiros momentos nesse novo mundo, eles são forçados a reconhecer a própria cegueira e quanto estavam longe da verdade. (N.A.)

⁵³ A Física atualmente reconhece quatro forças atuando no Universo conhecido, a saber: força gravitacional, força forte, força fraca e força eletromagnética. As forças de coesão, de afinidade e de atração, citadas pelo Codificador, são abrangidas pelas forças forte e fraca; o magnetismo e a eletricidade, pela força eletromagnética. (N.R.)

Capítulo VI

agente são conhecidos pelos nomes de *som*, *calor*, *luz*, etc. Em outros mundos elas se apresentam sob outros aspectos, oferecem outras características desconhecidas na Terra e, na imensa extensão dos céus, um número indefinido de forças se desenvolve em uma escala inimaginável, da qual somos também pouco capazes de avaliar a grandeza, tanto quanto o é o crustáceo, no fundo do oceano, de alcançar a universalidade dos fenômenos terrestres.⁵⁴

Ora, assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, assim também todas essas forças dependem de uma lei universal, diversificada em seus efeitos, que se acha em sua origem, e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação para lhe imprimir harmonia e estabilidade permanentes.⁵⁵

11. A Natureza jamais se opõe a si mesma. O brasão do Universo só tem uma divisa: *Unidade* / *Variedade*. Na escala dos mundos, encontra-se a *unidade* de harmonia e de criação, ao mesmo tempo que uma *variedade* infinita nesse imenso canteiro de estrelas. Percorrendo os degraus da vida, desde o último dos seres até Deus, a grande lei de continuidade se faz reconhecer. Considerando as

⁵⁴ Reportamos tudo ao que conhecemos, e compreendemos o que escapa à percepção dos nossos sentidos tanto quanto um cego de nascença compreende os efeitos da luz e a utilidade dos olhos. É possível, pois, que, em outros meios, o fluido cósmico tenha propriedades, combinações das quais não fazemos a mínima ideia, efeitos adequados a necessidades que desconhecemos, dando lugar a novas percepções ou a outros modos de percepção. Por exemplo, não compreendemos que seja possível ver sem os olhos do corpo e sem a luz, mas quem nos diz que não existam organismos especiais adaptados a outros agentes, além da luz? A visão sonâmbula, que não é limitada nem pela distância, nem por obstáculos materiais e nem pela escuridão, é um exemplo disso. Suponhamos que, em um mundo qualquer, os seres sejam "normalmente" o que só os sonâmbulos, excepcionalmente, são aqui na Terra. Eles não terão necessidade da nossa luz, nem dos nossos olhos, contudo, verão o que não podemos ver. O mesmo acontece com todas as outras sensações. As condições vitais e de percepção, as sensações e as necessidades variam de acordo com os meios. (N.A.)

⁵⁵ Esta lei universal, citada pelo Espírito Galileu, é um dos maiores objetivos das pesquisas atuais no campo da Física teórica. Consiste na formulação de uma teoria única, a *Teoria do Campo Unificado*, que explique o macrocosmo (o Universo) e o microcosmo (os átomos e as partículas subatômicas), que hoje são explicados, separadamente, pela Mecânica Relativística e pela Física Quântica, respectivamente.

Após anos de intensas pesquisas científicas, essa teoria se encontra, nos dias de hoje, em uma fase bastante avançada e é conhecida nos meios acadêmicos como a *Teoria dos Superstrings*. (N.R.)

forças em si mesmas, pode-se formar uma série cuja resultante, confundindo-se com a geratriz, é a lei universal.

Não saberíeis observar esta lei em toda a sua extensão, pois as forças que a representam no campo das vossas observações humanas são restritas e limitadas. Entretanto, a gravitação e a eletricidade podem ser consideradas como uma larga aplicação da lei primordial que impera para além dos céus.

Todas essas forças são eternas — explicaremos este termo — e universais como a criação. Como são inerentes ao fluido cósmico, elas agem necessariamente em tudo e em toda a parte, modificando sua ação por sua simultaneidade ou sua sucessão; predominando aqui, apagando-se mais adiante, potentes e ativas em certos pontos, latentes ou ocultas em outros, mas, finalmente, preparando, dirigindo, conservando e destruindo os mundos nos seus diversos períodos de existência, governando os maravilhosos trabalhos da Natureza em qualquer ponto que se realizem, assegurando para sempre o eterno esplendor da criação.

A criação primária

12. Após termos considerado o Universo sob os pontos de vista gerais da sua composição, de suas leis e de suas propriedades, podemos levar nossos estudos para o modo de formação que originou os mundos e os seres. Em seguida, desceremos à criação da Terra em particular, e ao seu estado atual na universalidade das coisas, e daí, tomando este globo como ponto de partida e como unidade relativa, procederemos aos nossos estudos planetários e siderais.

13. Se tivermos compreendido bem a relação, ou antes, a oposição entre a eternidade e o tempo, se nos familiarizarmos com a ideia de que o tempo não é mais que uma medida relativa da sucessão das coisas transitórias, enquanto que a eternidade é essencialmente una, imóvel e permanente, e que ela não é suscetível de qualquer medida sob o ponto de vista da duração, compreenderemos que, para a eternidade, não há começo nem fim.

Capítulo VI

Por outro lado, se fizermos uma justa ideia — ainda que, necessariamente, muito imperfeita — da infinidade do poder divino, compreenderemos como é possível que o Universo haja sempre existido e que exista sempre. Do momento em que Deus existiu, suas perfeições eternas falaram. Antes que os tempos houvessem nascido, a eternidade incomensurável recebeu a palavra divina e fecundou o espaço, tão eterno quanto ela.

14. Sendo Deus, por sua natureza, de toda a eternidade, criou desde toda a eternidade, e isto não poderia ser de outro modo, pois a qualquer época longínqua a que nós recuemos, pela imaginação, os limites supostos da criação, haverá sempre, além desse limite, uma eternidade — pensem bem nesta ideia — uma eternidade ao longo da qual as divinas hipóstases,⁵⁶ as volições⁵⁷ infinitas, teriam permanecido ocultas em muda letargia, inativa e infecunda, uma eternidade de morte aparente para o Pai Eterno que dá a vida aos seres, de mutismo indiferente para o Verbo que os governa, de esterilidade fria e egoísta para o espírito de Amor e Vivificação.

Compreendamos melhor a grandeza da ação divina e a sua perpetuidade sob a mão do Ser Absoluto! Deus é o sol dos seres, é a luz do mundo. Ora, a aparição do Sol dá nascimento instantâneo a ondas de luz que vão se espalhando para todos os lados no espaço. Do mesmo modo, o Universo, nascido do Eterno, remonta aos períodos inimagináveis do infinito de duração, ao *Fiat Lux* (Faça-se a Luz) do início.

15. Portanto, o começo absoluto das coisas remonta a Deus. As sucessivas aparições dessas coisas no domínio da existência constituem a ordem da criação perpétua.

Que imortal poderia dizer das magnificências desconhecidas e soberbamente veladas sob a noite das idades, que se

⁵⁶ O vocábulo hipóstase apresenta vários significados. No âmbito da Filosofia é sinônimo de substância, o que há de permanente nas coisas que mudam, e que é o suporte sempre idêntico das sucessivas qualidades resultantes das transformações. (N.R.)

⁵⁷ Volição é o ato pelo qual a vontade se determina a alguma coisa. (N.R.)

desenvolveram nesses tempos antigos em que nenhuma das maravilhas do Universo atual existia; nessa época primitiva em que, a voz do Senhor fazendo-se ouvir, os materiais que deviam, no futuro, se agregar simetricamente e por si mesmos para formar o templo da natureza, encontraram-se subitamente no seio dos vácuos infinitos; no momento em que, a essa voz misteriosa que cada criatura venera e estima como a voz de uma mãe, notas harmoniosamente variadas se produziram, para vibrarem juntas e modular o concerto dos céus imensos!

O mundo, na sua origem, não foi criado na sua virilidade e na sua plenitude de vida, não. O poder criador não se contradiz jamais, e, como todas as coisas, o Universo nasceu criança. Revestido das leis mencionadas acima e da impulsão inicial inerente à sua própria formação, a matéria cósmica primitiva deu, sucessivamente, nascimento a turbilhões, a aglomerações desse fluido difuso, a amontoados de matéria nebulosa que se dividiram, por si mesmas, e se modificaram ao infinito, para gerar, nas regiões incomensuráveis do espaço, diversos centros de criações simultâneas ou sucessivas.

Por causa das forças que predominaram sobre um ou sobre outro, e das circunstâncias posteriores que presidiram aos seus desenvolvimentos, esses centros primitivos tornaram-se focos de uma vida especial. Uns, menos disseminados no espaço e mais ricos em princípios e em forças atuantes, começaram desde então sua vida astral particular. Outros, ocupando uma extensão ilimitada, só cresceram com extrema lentidão, ou se dividiram novamente em outros centros secundários.

16. Reportando-nos somente a alguns bilhões de anos,⁵⁸ anteriores à época atual, nossa Terra ainda não existe, nosso sistema solar ainda não começou as evoluções da vida planetária, e, no entanto, verificamos que esplêndidos sóis já iluminam o espaço,

⁵⁸ No texto original, o comunicante usou a expressão “milhões de séculos.” De acordo com os estudos geológicos atuais, sabemos que o nosso planeta foi criado há, aproximadamente, 5 bilhões de anos, razão pela qual fizemos a substituição na presente edição. (N.R.)

Capítulo VI

planetas habitados já dão vida e existência a uma multidão de seres que nos precederam na carreira humana; que as prodigiosas produções de uma natureza desconhecida e os maravilhosos fenômenos do céu desenvolvem, sob outros olhares, os quadros da imensa criação. Que digo eu! Já não existem mais os esplendores que outrora fizeram palpitar o coração de outros mortais sob o pensamento do poder infinito! E nós, pobres seres pequeninos que surgimos após uma eternidade de vida, nós nos cremos contemporâneos da criação!

Ainda uma vez, compreendamos melhor a Natureza. Saibamos que a eternidade está atrás de nós, assim como adiante, que o espaço é o teatro de uma sucessão e de uma simultaneidade inimaginável de criações. Essas nebulosas, que mal percebemos nos mais distantes pontos do céu, são aglomerados de sóis em via de formação; outras são vias lácteas de mundos habitados, outras finalmente a sede de catástrofes e de deperecimento. Saibamos que, assim como estamos colocados no meio de uma infinidade de mundos, também estamos no meio de uma dupla infinidade de durações, anteriores e posteriores; que a criação universal não é apenas para nós, e que não devemos reservar essa palavra à formação isolada do nosso pequenino mundo.

A criação universal

17. Após haver recuado, tanto quanto nos permite a nossa fraqueza, em direção à fonte oculta de onde provêm os mundos, como as gotas de água que se originam de um rio, consideremos a marcha das criações sucessivas e de seus desenvolvimentos seriais.

A matéria cósmica primitiva continha os elementos materiais, fluídicos e vitais de todos os universos que estendem suas magnificências diante da eternidade. Ela é a mãe fecunda de todas as coisas, a primeira avó e, além disso, a eterna geratriz. Essa substância, que dá origem às esferas siderais, absolutamente, não desapareceu. Essa potência não está morta, uma vez que ainda dá luz, incessantemente, a novas criações e recebe, incessantemente,

os princípios reconstituídos dos mundos que se apagam do livro eterno.

A matéria etérea, mais ou menos rarefeita, que se difunde entre os espaços interplanetários; esse fluido cósmico que enche o mundo, mais ou menos rarefeito nas regiões imensas, ricas em aglomerações de estrelas; mais ou menos condensado lá onde o céu astral ainda não brilha; mais ou menos modificado por diversas combinações, de acordo com as localidades do espaço, nada mais é que a substância primitiva em que residem as forças universais e de onde a Natureza tem tirado todas as coisas.⁵⁹

18. Esse fluido penetra todos os corpos como um imenso oceano. É nele que reside o princípio vital que dá origem à vida dos seres, perpetuando-a em cada mundo conforme a sua condição, princípio em estado latente que dorme lá onde a voz de um ser não o chama. Cada criatura mineral, vegetal, animal ou qualquer outra — uma vez que existem muitos outros reinos naturais, de cuja existência sequer suspeitamos⁶⁰ — sabe, em virtude desse princípio vital universal, adequar as condições de sua existência e de sua duração.

As moléculas do mineral têm a soma dessa vida, do mesmo modo que a semente e o embrião, e se agrupam, como no organismo, em figuras simétricas que constituem os indivíduos.

É importante que nos compenetrems desta noção: a matéria cósmica primitiva estava revestida não só das leis que asseguram a estabilidade dos mundos, mas também do princípio vital universal que forma gerações espontâneas em cada mundo, à

⁵⁹ *Se perguntassem qual é o princípio dessas forças, e como ele pode se encontrar na própria substância que o produz, responderíamos que a Mecânica nos oferece muitos exemplos de fatos como esse. A elasticidade, que faz distender uma mola, não está na própria mola, ou seja, não depende do modo de agregação das suas moléculas? O corpo que obedece à força centrífuga recebe sua impulsão do movimento primitivo que lhe foi impresso. (N.A.)*

⁶⁰ Atualmente, a Biologia classifica os seres vivos em cinco reinos, a saber: *monera* (compreende as bactérias e algas azuis), *protista* (protozoários), *fungi* (todos os fungos), *plantae* ou *methaphyta* ou ainda *vegetalia* (todos os vegetais) e *animalia* ou *metazoa* (todos os animais). Os vírus não se enquadram em nenhuma das classificações, por não atenderem a todas as características inerentes aos seres vivos. (N.R.)

Capítulo VI

medida que se manifestam as condições de existência sucessiva dos seres, e quando soa a hora do aparecimento dos filhos da vida, durante o período criador.

Assim se efetua a criação universal. É exato, portanto, dizer-se que, uma vez que as operações da Natureza são a expressão da vontade divina, Deus sempre criou, cria incessantemente e sempre criará.

19. Até aqui, porém, temos silenciado sobre o *mundo espiritual* que, ele também, faz parte da criação e cumpre seus destinos seguindo as augustas prescrições do Senhor.

Eu não posso dar mais que um ensino bem restrito sobre o assunto do modo de criação dos espíritos, tendo em vista a minha própria ignorância, e devo me calar, ainda, sobre certas questões que me foi permitido aprofundar.

Àqueles que estão religiosamente desejosos de conhecer, e que se mostram humildes perante Deus, eu direi, suplicando-lhes que não baseiem nenhuma teoria prematura sobre minhas palavras: o espírito só recebe a iluminação divina, que lhe dá, ao mesmo tempo que o livre-arbítrio e a consciência, a noção dos seus altos destinos, após haver passado pela série divinamente fatal dos seres inferiores, entre os quais se elabora lentamente a obra da sua individualidade. É somente a partir do dia em que o Senhor imprime sobre sua fronte seu augusto cunho, que o espírito toma lugar entre as humanidades.

Mais uma vez vos peço: não elaboreis sobre as minhas palavras os vossos raciocínios, tão tristemente célebres na história da Metafísica. Preferiria mil vezes me calar sobre questões tão elevadas, tão acima das nossas meditações ordinárias, a vos expor a desvirtuar o sentido dos meus ensinamentos e a vos lançar, por culpa minha, nos labirintos emaranhados do deísmo ou do fatalismo.

Os sóis e os planetas

20. Ora, aconteceu que em um ponto do Universo, perdido entre as miríades de mundos, a matéria cósmica se condensou

sob a forma de uma imensa nebulosa.⁶¹ Essa nebulosa estava animada das leis universais que regem a matéria; em virtude dessas leis, e particularmente da força molecular de atração,⁶² ela assumiu a forma esférica, a única que uma massa de matéria isolada no espaço poderia assumir primitivamente.

O movimento circular, produzido pela gravitação rigorosamente igual de todas as zonas moleculares em direção ao centro, logo modificou a esfera primitiva, para conduzi-la, de movimento em movimento, à forma lenticular. Nós falamos do conjunto da nebulosa.

21. Como consequência desse movimento de rotação, novas forças surgiram: a força centrípeta e a força centrífuga; a primeira tendendo a atrair todas as partes para o centro, a segunda tendendo a afastá-las dele. Ora, com o movimento se acelerando à medida que a nebulosa se condensa, e com o seu raio aumentando à medida que ela se aproxima da forma lenticular, a força centrífuga, incessantemente desenvolvida por essas duas causas, logo predomina sobre a atração central, ou seja, sobre a força centrípeta.

Assim como o movimento muito rápido de uma funda⁶³ lhe arrebenta a corda, e deixa o projétil cair longe, também a predominância da força centrífuga destacou o círculo equatorial da nebulosa, e desse anel formou uma nova massa isolada da primeira, porém ainda submetida ao seu domínio. Essa massa conservou seu movimento equatorial que, modificado, transformou-se em movimento de translação em torno do astro solar. Por outro lado, o seu novo estado lhe conferiu um movimento de rotação em torno do próprio centro.

22. A nebulosa geratriz, que deu origem a esse novo mundo, condensou-se e retomou a forma esférica; mas com o calor

⁶¹ Nebulosa é uma nuvem de poeira e gás no interior de uma galáxia. Ver fotos de nebulosas nas pp. 448, 449, 450, 451 e 452. (N.R.)

⁶² Atualmente, a força de atração molecular a que se refere o Espírito Galileu, é denominada pelos astrofísicos de *colapso gravitacional*. (N.R.)

⁶³ **Funda:** laçada de couro ou de corda para lançar pedras ou outros projéteis ao longe. (N.T.)

Capítulo VI

inicial, gerado pelos seus diversos movimentos, só arrefecendo com extrema lentidão, o fenômeno que acabamos de descrever irá reproduzir-se muitas vezes e durante um longo período, até que essa nebulosa tenha se tornado bastante densa, bastante sólida, para opor uma resistência eficaz às modificações de sua forma que lhe são impressas sucessivamente pelo seu movimento de rotação.

Assim, a nebulosa original não terá dado origem a apenas um astro, mas a centenas de mundos destacados do foco central, provenientes dela pelo modo de formação descrito acima. Ora, cada um desses mundos, revestido, como o mundo primitivo, das forças naturais que presidem à criação dos universos, gerará em seguida novos globos que gravitarão desde então ao seu redor, assim como ele gravita, juntamente com seus irmãos, em torno do foco de sua existência e de sua vida. Cada um desses mundos será um sol, centro de um turbilhão de planetas sucessivamente destacados do seu equador. Esses planetas receberão uma vida especial, particular, ainda que dependente do seu astro gerador.

23. Os planetas são, portanto, formados de massas de matéria condensada, mas ainda não solidificada, destacadas da massa central pela ação da força centrífuga, e tomando, em consequência das leis do movimento, a forma esferoidal, mais ou menos elíptica, segundo o grau de fluidez que eles conservaram. Um desses planetas será a Terra que, antes de ser resfriada e revestida de uma crosta sólida, dará origem à Lua, pelo mesmo modo de formação astral ao qual ela deve sua própria existência; a Terra, doravante inscrita no livro da vida, berço de criaturas cuja fraqueza está protegida sob as asas da Providência divina, corda nova na harpa do infinito que deve vibrar, no lugar que lhe cabe, no concerto universal dos mundos.

Os satélites

24. Antes que as massas planetárias atingissem um grau de resfriamento suficiente para lhes produzir a solidificação, massas menores, verdadeiros glóbulos líquidos, desprenderam-se de

algumas delas no plano equatorial, plano em que a força centrífuga é maior, e, por efeito das mesmas leis, adquiriram um movimento de translação em torno do planeta que as gerou, assim como aconteceu com eles em relação ao seu astro central gerador.

Foi assim que a Terra deu origem à Lua, cuja massa, bem menor, sofreu um resfriamento mais rápido. Ora, as leis e as forças que dirigiram o seu desprendimento do equador terrestre, e o seu movimento de translação nesse mesmo plano, agiram de tal maneira que a Lua, em lugar da forma esferoidal, tomou a de um globo ovoide, isto é, tendo a forma alongada de um ovo, do qual o centro de gravidade seria fixado na parte inferior.

25. As condições em que se efetuou a desagregação da Lua pouco permitiram que ela se afastasse da Terra, obrigando-a a ficar eternamente suspensa no seu céu, como uma figura ovoide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior, virada para o lado da Terra, e cujas partes menos densas ocuparam o cume, se podemos designar com este nome o lado que fica oposto à Terra e elevando-se para o céu. É o que faz com que esse astro nos apresente continuamente a mesma face. Para que se compreenda melhor o seu estado geológico, a Lua pode ser comparada a um globo de cortiça do qual a base voltada para a Terra seria formada de chumbo.

Assim, temos duas naturezas essencialmente distintas na superfície do mundo lunar: uma, sem qualquer analogia possível com a da Terra, uma vez que os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; a outra, leve em relação à Terra, uma vez que todas as substâncias menos densas se concentraram nesse hemisfério. A primeira, perpetuamente voltada para a Terra, sem água e sem atmosfera, se não está, algumas vezes, nos limites desse hemisfério subterrestre; a outra repleta de fluidos, perpetuamente oposta ao nosso mundo.^{64 e 65}

⁶⁴ Esta teoria da Lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravitação universal, a razão pela qual esse astro apresenta sempre a mesma face para a Terra. Como o seu centro de gravidade, em vez de estar no centro da esfera, se acha localizado sobre um dos pontos da sua superfície e, por conseguinte, atraído para a Terra por uma força maior do que a que atrai as

Capítulo VI

26. A quantidade e a situação dos satélites de cada planeta variaram segundo as condições específicas em que eles se formaram. Alguns planetas como Mercúrio, Vênus e Marte não deram origem a nenhum astro secundário, enquanto que outros, como a Terra, Júpiter, Saturno, etc., formaram um ou mais.⁶⁶

27. Além de seus satélites ou luas, o planeta Saturno apresenta o fenômeno especial do anel que, visto de longe, parece cercá-lo de uma auréola branca. Esta formação é para nós uma prova da universalidade das leis da Natureza. Esse anel é, com efeito, o resultado de uma separação que se operou nos tempos primitivos no equador de Saturno, do mesmo modo que uma zona equatorial se separou da Terra para formar o seu satélite. A diferença consiste em que o anel de Saturno se acha formado, em todas as suas partes, de moléculas homogêneas, provavelmente já em um certo estado de condensação, e pôde, assim, continuar seu movimento de rotação no mesmo sentido e em um tempo quase igual ao da rotação daquele planeta. Se um dos pontos

partes mais leves, a Lua produziria um efeito que pode ser comparado ao de um boneco do tipo "João Bobo," que se endireita sempre sobre sua base, ao passo que os planetas, cujo centro de gravidade é equidistante da superfície, giram regularmente sobre o próprio eixo. Os fluidos vivificantes, líquidos ou gasosos, em função da sua leveza específica, se encontrariam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à Terra. O hemisfério inferior, o único que nós vemos, seria desprovido daqueles fluidos, portanto, impróprio para a vida, que reinaria no outro hemisfério. Assim sendo, se o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a Terra, a menos que excursionassem pelo outro hemisfério.

Por mais racional e científica que seja essa teoria, como ainda não pôde ser confirmada por nenhuma observação direta, ela só poderá ser aceita como uma hipótese e como uma ideia que norteie a Ciência. (N.A.)

⁶⁵ Embora Allan Kardec expressasse a sua simpatia pela teoria da Lua apresentada pelo comunicante, preveniu, na nota acima, quanto à necessidade da sua confirmação pela observação direta, fato que só aconteceu em 1959 quando uma sonda soviética orbitou o nosso satélite natural, revelando a sua face oculta para a humanidade. Assim sendo, só a partir dessa data foi possível coletar os dados necessários acerca da Lua, que permitiriam refinar as observações feitas pelo Espírito Galileu no item 25 da sua comunicação.

A seguir, divulgamos as informações mais atuais sobre o nosso satélite.

Ainda não se sabe exatamente como e onde a Lua se formou. Uma das hipóteses, conhecida como a "teoria da fissão," afirma que a Lua teria se despreendido da Terra. Essa hipótese coincide, no que respeita à origem da Lua, com a teoria apresentada pelo comunicante.

Outra hipótese é a de que a Terra e a Lua foram formadas juntas no espaço. Outros cientistas afirmam ainda que as rochas da Lua são diferentes das da Terra. Argumentam que a Lua deve ter

desse anel houvesse ficado mais denso que outro, uma ou muitas aglomerações de substância se teriam formado repentinamente, e Saturno contaria então com muito mais satélites. Esse anel se solidificou desde a época da sua formação, assim como os outros corpos planetários.⁶⁷

Os cometas

28. Astros errantes, mais ainda que os planetas, que conservaram a denominação etimológica, os cometas serão os guias que nos ajudarão a transpor os limites do sistema a que pertence a Terra para nos levar às regiões longínquas do espaço sideral.

se formado em outra parte do sistema solar e foi “capturada” pelo campo gravitacional do nosso planeta. Assim sendo, teremos de aguardar até que a Ciência determine, em relação à origem do nosso satélite, qual dessas hipóteses é a correta, ou se ainda aparecerão outras teorias, mais de acordo com os conhecimentos do futuro.

A Lua é o único satélite natural da Terra. Ela é relativamente grande para um satélite, com um diâmetro de 3.470 quilômetros, um quarto do da Terra. A Lua leva o mesmo tempo (27,3 dias terrestres) para girar ao redor do seu eixo e para orbitar em volta da Terra; assim, a mesma face (o lado visível) está sempre voltada para nós. No entanto, a quantidade da superfície que podemos ver — a fase da Lua — depende de que fração do lado visível está recebendo a luz do Sol. A Lua é seca e estéril, sem atmosfera, nem água. Ela consiste principalmente de rocha sólida, embora seu núcleo possa conter rocha fundida ou ferro. A superfície é poeirenta, com planaltos cobertos de crateras, causadas pelo impacto de meteoritos, e planícies nas quais grandes crateras foram ocupadas por lava solidificada, formando áreas escuras denominadas “mares”. Os “mares” ocorrem principalmente no lado visível, que possui uma crosta mais fina do que a do lado oculto. Várias crateras estão margeadas por sequências de montanhas que formam as paredes das crateras e que podem atingir milhares de metros de altura.

Até outubro de 1959, ninguém havia observado a face oculta da Lua. Naquela data, a sonda soviética Luna 3 orbitou o nosso satélite, enviando imagens do lado oculto, encerrando assim as especulações de que o campo gravitacional lunar seria mais intenso naquela face, tornando possível a existência de atmosfera e vida.

De todo modo, conforme citado acima, há uma dissimetria entre o lado oculto e o lado visível, uma vez que a crosta na face oculta atinge 100 quilômetros de espessura, enquanto que na face visível só atinge um máximo de sessenta quilômetros. Ver foto na p. 453. (N.R.)

⁶⁶ Em 1877, foram descobertos os dois satélites de Marte: Fobos e Deimos. Ver fotos de Marte nas pp. 454/455 e também nas pp. 456, 457 e 458. (N.R.)

⁶⁷ Saturno é o sexto planeta em distância a partir do Sol. É um gigante gasoso, quase tão grande quanto Júpiter, com um diâmetro equatorial de cerca de 120.500 quilômetros. Acredita-se que Saturno seja constituído de um pequeno núcleo de rochas e gelo, cercado por um manto interno de hidrogênio metálico (hidrogênio líquido que se comporta como um metal). Em volta desse manto interno existe um manto de hidrogênio líquido que imerge na atmosfera gasosa. Tempestades e redemoinhos, que parecem manchas vermelhas e brancas, ocorrem nas nuvens. Saturno possui um sistema de anéis extremamente fino, mas amplo, com menos de um quilômetro de espessura, e que se estende por cerca de 420.000 quilômetros além da superfície do planeta. Os anéis principais são compostos por milhares de anéis estreitos, cada um deles feito de fragmentos de gelo que vão desde



Capítulo VI

Porém, antes de explorar os domínios celestes, com o auxílio desses viajantes do Universo, será bom fazer conhecer, tanto quanto possível, a natureza intrínseca dos cometas e o seu papel na organização planetária.

29. Alguns viram, nesses astros com “longos cabelos”, mundos nascentes elaborando no seu caos primitivo as condições de vida e de existência que são dadas em partilha às terras habitadas. Outros imaginaram, nesses corpos extraordinários, mundos em estado de destruição, e, para muitos, a aparência incomum que apresentam foi motivo de considerações erradas sobre a sua natureza, a tal ponto que todos os consideravam, inclusive na Astrologia judiciária, como pressagiadores de desgraças, enviados à Terra, espantada e trêmula, por desígnios providenciais.

30. A lei de variedade é aplicada com uma tão grande profusão nos trabalhos da Natureza, que se pergunta como os naturalistas, astrônomos ou filósofos criaram tantos sistemas para comparar os cometas com os astros planetários e para vê-los apenas como astros em um grau mais ou menos adiantado de desenvolvimento ou de decadência. Entretanto, os quadros da natureza deveriam ser amplamente suficientes para afastar do observador o cuidado de procurar relações inexistentes, e deixar aos cometas o papel modesto, porém útil, de astros errantes, servindo de exploradores nos impérios solares. Uma vez que os corpos celestes, de que estamos tratando, são muito diferentes dos corpos planetários, eles não têm, como estes, a finalidade de servir de morada às humanidades; eles vão, sucessivamente, de sóis em sóis, às vezes se enriquecendo no caminho com fragmentos planetários reduzidos ao estado de vapor,

finas partículas até grandes pedaços de alguns metros de diâmetro. Alguns anéis são suficientemente brilhantes para serem vistos da Terra com um binóculo. Saturno tem dezoito luas conhecidas, algumas das quais orbitam no interior dos anéis, e acredita-se que exerçam influência gravitacional sobre as formas dos anéis. Estranhamente, sete das luas são coorbitais, isto é, compartilham uma órbita com outra lua. Os astrônomos acreditam que tais luas coorbitais podem ter se originado de um único satélite que se partiu. (Ver fotos nas pp. 459 e 460.) (N.R.)

haurir nos seus focos os princípios vivificantes e renovadores que espargem sobre os mundos terrestres.⁶⁸

31. Se acompanhássemos, com o pensamento, um desses astros quando ele se aproxima do nosso pequenino globo, para lhe atravessar a órbita e retornar ao seu apogeu,⁶⁹ situado a uma distância incomensurável do Sol, para visitar com ele as regiões siderais, nós transporíamos essa extensão prodigiosa de matéria etérea que separa o Sol das estrelas mais próximas e, observando os movimentos combinados desse astro, que se suporia desgarrado no deserto infinito, ainda lá encontraríamos uma prova eloquente da universalidade das leis da Natureza que atuam a distâncias que a mais fértil imaginação mal pode conceber.

Lá, a trajetória elíptica assume a forma parabólica, e a marcha diminui a ponto de o cometa não percorrer mais do que alguns metros, no mesmo tempo em que, no seu perigeu,⁷⁰ percorreria milhares de quilômetros. Talvez um sol mais poderoso, mais importante do que o que ele acaba de deixar, vá exercer sobre esse cometa uma atração preponderante e o receba entre seus próprios dependentes, e, então, as crianças espantadas da vossa

⁶⁸ Segundo as pesquisas científicas mais recentes, asteroides, meteoroides e cometas seriam fragmentos oriundos da nebulosa da qual o sistema solar se formou há 4.600 milhões de anos. Os asteroides são corpos rochosos com cerca de 1.000 quilômetros de diâmetro, ainda que a maioria seja muito menor. A maior parte deles orbita o Sol na faixa de asteroides, que se situa entre as órbitas de Marte e Júpiter. Os meteoroides são pequenos pedaços de rocha ou rocha e ferro, alguns dos quais não passam de fragmentos de asteroides ou cometas. (Ver foto na p. 461.)

Os cometas podem ser originários de uma enorme nuvem (chamada Nuvem de Oort) que, se acredita, rodeia o sistema solar. Os limites externos da nuvem podem estar a 2 anos-luz, a meia distância da estrela mais próxima, podendo conter algo como 3 trilhões de cometas em seu estado congelado, em diferentes órbitas ao redor do Sol. Eles são constituídos de gases congelados e poeira e têm alguns quilômetros de diâmetro. Ocasionalmente, um cometa é desviado da Nuvem de Oort para a órbita do Sol em uma longa trajetória elíptica (aproximadamente dez novos cometas a cada ano). Quando o cometa se aproxima do Sol, sua superfície começa a se vaporizar sob a ação do calor, produzindo uma brilhante e reluzente cabeleira (uma imensa esfera de gás e poeira ao redor do núcleo, com até um milhão de quilômetros de diâmetro), uma cauda de gás e outra de poeira, que pode atingir até 100 milhões de quilômetros de comprimento. (Ver foto na p. 462.) (N.R.)

⁶⁹ **Apogeu:** posição orbital apresentada por um satélite terrestre (a Lua ou satélite artificial) quando, em sua revolução, se encontra mais afastado da Terra. (N.T., segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.)

⁷⁰ **Perigeu:** ponto da órbita de um astro ou satélite em torno da Terra, no qual ele se encontra mais próximo de nosso planeta. (N.T., segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*.)

Capítulo VI

pequenina Terra, aguardarão em vão o retorno que haviam prognosticado por meio de observações incompletas. Nesse caso, nós, que acompanhamos com o pensamento o cometa errante nessas regiões desconhecidas, nos reencontramos então com uma nova nação que os olhares terrenos não podem encontrar, inimaginável para os espíritos que habitam a Terra, inconcebível mesmo para o seu pensamento, uma vez que ela será o teatro de maravilhas inexploradas.

Chegamos ao mundo astral, esse mundo deslumbrante dos vastos sóis que resplandecem no espaço infinito, e que são as flores brilhantes do magnífico jardim da criação. Somente ali chegados, é que saberemos o que é a Terra.

A Via Láctea

32. Durante as belas noites estreladas e sem Lua, qualquer um de nós pode observar essa faixa esbranquiçada que atravessa o céu de uma extremidade a outra e que os antigos, em razão da sua aparência leitosa, denominaram de *Via Láctea*. Essa faixa difusa tem sido longamente explorada pelo olho do telescópio nos tempos modernos, e essa estrada de poeira de ouro, ou esse regato de leite da antiga mitologia, transformou-se em um vasto campo de maravilhas desconhecidas. As pesquisas dos observadores conduziram ao conhecimento da sua natureza, e revelaram, lá onde o olhar errante percebia apenas uma fraca luminosidade, milhões de sóis mais luminosos e mais importantes do que aquele que nos ilumina.

33. Com efeito, a Via Láctea é uma campina semeada de flores solares ou planetárias, que brilham na sua imensa extensão. Nosso Sol e todos os astros que o acompanham fazem parte desses globos radiosos que formam a Via Láctea, porém, apesar de suas dimensões gigantescas relativamente à Terra e à grandeza do seu império, ele só ocupa uma posição inapreciável nessa vasta criação. Estima-se em trinta milhões o número de sóis semelhantes ao nosso que gravitam nessa imensa região,

afastados uns dos outros mais de cem mil vezes o raio da órbita terrestre.^{71 e 72}

34. Por esse cálculo aproximado, pode-se imaginar a extensão dessa região sideral, e a relação que une o nosso sistema planetário à universalidade dos sistemas que ela contém. Pode-se igualmente avaliar a exiguidade do sistema solar e, com muito mais razão, do nada que é a nossa pequenina Terra. O que seria então, se considerássemos os seres que a povoam!

Digo “do nada”, porque as nossas considerações não se aplicam somente à extensão material, física, dos corpos que estudamos — isso seria pouco — mas também, e sobretudo, ao estado moral de habitação desses mundos e ao grau que ocupam na hierarquia universal dos seres. Ali a criação se mostra em toda a sua majestade, criando e propagando em torno de todo o mundo solar — e em cada um dos sistemas que o rodeiam de todas as partes — as manifestações da vida e da inteligência.

⁷¹ Mais de 3 trilhões e 400 bilhões de léguas. (N.A.)

• O Espírito Galileu utilizou-se de um parâmetro que nos dias de hoje é conhecido como Unidade Astronômica (UA), que é a distância média da Terra ao Sol, equivalendo a 149,6 milhões de quilômetros. Assim sendo, teríamos exatamente 100.000 UA para o afastamento entre as estrelas.

Estudos atuais indicam que a estrela mais próxima do Sol é *Proxima Centauri*, a 4,2 anos-luz. A nossa vizinhança inclui estrelas a até 46 anos-luz de distância da Terra, como por exemplo, o sistema triestelar *Alpha Centauri* (4,3 anos-luz); *Sirius* (8,6 anos-luz), a estrela mais brilhante do céu; *Arcturus* (36 anos-luz), de cor vermelho-alaranjada; a incrivelmente branca *Vega* (26 anos-luz); e a amarela *Capella*, a 42 anos-luz do nosso sistema solar. (N.R.)

⁷² De acordo com os conhecimentos atuais, a nossa galáxia, conhecida como Via Láctea, ou simplesmente “a Galáxia”, é do tipo espiral, com um denso bojo central cercado por quatro braços espiralando para fora, contidos num halo maior e menos denso. Não podemos observar a forma espiral porque o sistema solar está em um dos braços espirais, o braço de *Órion* (também denominado braço Local). Da nossa posição, o centro da Galáxia está completamente encoberto por nuvens de poeira. O bojo central da Galáxia é relativamente pequeno, denso e esférico, contendo principalmente estrelas mais velhas, vermelhas e amarelas. O halo é a região de menor densidade, na qual estão situadas as estrelas mais velhas; algumas destas estrelas podem ser tão velhas como a própria Galáxia (possivelmente 15 bilhões de anos). Os braços espirais contêm principalmente estrelas azuis, quentes e jovens, assim como nebulosas (nuvens de poeira e gás no interior das quais estão nascendo estrelas). A Galáxia é enorme: tem cerca de 100.000 anos-luz de diâmetro, abrangendo um número que varia, de acordo com as diversas correntes, entre 200 e 400 bilhões de estrelas. (Ver foto da p. 463.) Em comparação, o sistema solar parece pequeno: tem cerca de 12 horas-luz de diâmetro. Toda a Galáxia gira no espaço, sendo que as estrelas interiores se deslocam mais rápido do que as exteriores. O Sol, que está a cerca de dois terços do centro, completa uma volta ao redor da Galáxia a cada 220 milhões de anos. (N.R.)

Capítulo VI

35. Dessa forma, conhece-se a posição ocupada pelo nosso Sol ou pela Terra no mundo das estrelas. Essas considerações ainda ganharão maior peso se refletirmos sobre a situação da própria Via Láctea que, na imensidão das criações siderais, não representa mais do que um ponto insensível e inapreciável, vista de longe, uma vez que ela não é mais que uma nebulosa estelar, como as que existem aos milhões no espaço! Se ela nos parece mais vasta e mais rica do que as outras, é pela única razão de que ela nos rodeia, e se desenvolve em toda a sua extensão sob os nossos olhos, enquanto que as outras, perdidas nas profundezas insondáveis, mal se deixam entrever.

36. Ora, sabendo-se que a Terra não é nada, ou quase nada no sistema solar; que este também não é nada, ou quase nada na Via Láctea; que esta, por sua vez, não é nada, ou quase nada na universalidade das galáxias e que esta própria universalidade é bem pouca coisa dentro do imenso infinito, começaremos a compreender o que é o globo terrestre.

As estrelas fixas

37. As estrelas denominadas fixas, e que constelam os dois hemisférios do firmamento, não estão afastadas, como geralmente se supõe, de qualquer influência gravitacional; ao contrário, todas elas pertencem a um mesmo agrupamento de astros estelares. Este agrupamento não é outro senão a grande nebulosa da qual fazemos parte, cujo plano equatorial, projetado no céu, recebeu o nome de Via Láctea. Todos os sóis que a constituem são solidários, suas múltiplas influências reagem perpetuamente umas sobre as outras e a gravitação universal os reúne em uma mesma família.

38. Entre esses diversos sóis, a maioria está, como o nosso, cercada de mundos secundários, que eles iluminam e fecundam pelas mesmas leis que presidem a vida no nosso sistema planetário. Uns, como Sírio, são milhares de vezes mais magníficos em tamanho e em riquezas que o nosso, e o papel que desempenham no Universo é muito mais importante, do mesmo modo são cercados por planetas em grande número e superiores aos

nossos. Outros são muito diferentes por suas funções astrais. É assim que um certo número desses sóis, verdadeiros gêmeos da ordem sideral, são acompanhados pelos seus irmãos da mesma idade, e formam, no espaço, sistemas binários, aos quais a natureza deu funções inteiramente diversas das que cabem ao nosso Sol. Lá, os anos não são medidos pelos mesmos períodos, nem os dias pelos mesmos sóis, e esses mundos, iluminados por uma dupla luz, receberam em partilha condições de existência inimagináveis para os que ainda não saíram deste pequenino mundo terrestre.

Outros astros sem cortejo, privados de planetas, receberam as melhores condições de habitabilidade que foram dadas a alguns deles. As leis da Natureza são diversificadas na sua imensidade, e se a unidade é a grande palavra do Universo, a variedade infinita é o seu eterno atributo.

39. Apesar do número prodigioso dessas estrelas e dos seus sistemas, apesar das distâncias incomensuráveis que as separam, todas pertencem à mesma nebulosa estelar (galáxia) que o olhar dos mais potentes telescópios mal consegue atravessar e que apenas as concepções mais ousadas da imaginação conseguem avaliar; galáxia que, entretanto, é simplesmente uma unidade no conjunto das galáxias que compõem o mundo astral.⁷³

40. As estrelas chamadas fixas não estão imóveis no espaço. As constelações que se tem figuradas na abóbada do

⁷³ Até recentemente, não possuíamos os instrumentos necessários para estudar o Cosmo na sua plenitude. Hoje, com os sofisticados telescópios, satélites artificiais e receptores, podemos estudar a história e a geografia do Universo. O Universo é formado por galáxias, bilhões delas. (Ver fotos das pp. 464, 465 e 466.) As menores contêm cerca de 100.000 estrelas e as maiores podem conter mais de 3 trilhões. Hoje em dia, os astrônomos estimam que haja 100 bilhões de galáxias, cada uma com 100 bilhões de estrelas, números assombrosos. As galáxias não estão espalhadas desordenadamente, mas organizadas em aglomerados de aglomerados de galáxias: os superaglomerados ou “nuvens”. E esses superaglomerados não preenchem o Universo: há imensos espaços vazios entre eles. Quando olhamos para as galáxias distantes, vemos que estão se afastando umas das outras: o Universo está se expandindo. Se pudéssemos retroceder no tempo, veríamos as galáxias se aproximando e, segundo acreditam os astrônomos, descobriríamos que o nosso Universo teve um início definido.

Essa teoria, a mais aceita pela Ciência nos dias de hoje, é conhecida pelo nome de teoria do Big Bang, a teoria da Grande Explosão. (N.R.)

Capítulo VI

firmamento não são criações simbólicas reais. A *distância* em que se encontram da Terra e a perspectiva sob a qual se observa o Universo a partir desse ponto, são as duas causas dessa ilusão de óptica.

41. Vimos que a totalidade dos astros que cintilam na cúpula azulada, encontra-se em um mesmo aglomerado cósmico, em uma mesma galáxia a que chamam Via Láctea⁷⁴ mas, por pertencerem todos ao mesmo grupo, não se segue que esses astros não tenham, cada qual, o seu movimento próprio de translação no espaço. O repouso absoluto não existe em parte alguma; eles são regidos pelas leis universais da gravitação, e giram no espaço sob a impulsão incessante dessa imensa força. Não giram seguindo rotas traçadas pelo acaso, mas seguindo órbitas fechadas, em cujo centro se encontra um astro superior. Para tornar as minhas palavras mais compreensíveis por meio de um exemplo, falarei especialmente do vosso Sol.

42. Pelas observações mais recentes, sabe-se que ele não é fixo nem central, como se acreditava nos primeiros tempos da nova Astronomia, mas que se desloca pelo espaço, arrastando com ele o seu vasto sistema de planetas, satélites e cometas.

Ora, essa marcha não é acidental e ele não vai, errante nos espaços infinitos, extraviar seus filhos e seus súditos, longe das regiões que lhe são destinadas. Não, sua órbita é medida e, juntamente com outros sóis da mesma ordem que ele, igualmente

⁷⁴ Cumpre observar que muitos dos pontos luminosos que cintilam no céu não são estrelas da nossa Via Láctea, mas sim outras das bilhões de galáxias que existem no nosso Universo, conforme colocado na nota anterior. A 2,4 milhões de anos-luz de distância, a Galáxia de Andrômeda é o objeto mais distante visível a olho nu. É a maior galáxia do Grupo Local, que contém cerca de 30 galáxias (provavelmente 3 espirais, 13 irregulares e 15 elípticas), e, com um número estimado de 400 bilhões de estrelas, uma das maiores espirais conhecidas. Ver foto da Galáxia de Andrômeda na p. 467 e, também, as fotos das pp. 468, 469, 470 e 471.

As galáxias do nosso “canto” do Universo reúnem-se em dois grupos principais: um em torno da Galáxia de Andrômeda e o outro ao redor da Via Láctea, galáxias mais massivas e, conseqüentemente, com um campo gravitacional mais intenso.

O Grupo Local, que se estende por uma área de quase 5 milhões de anos-luz de diâmetro, é apenas um entre os milhares de aglomerados descobertos pelos astrônomos. Esses aglomerados por sua vez, unem-se em grupos irregulares, os superaglomerados — as maiores estruturas de matéria do Universo, estendendo-se por centenas de milhões de anos-luz. O Grupo Local é parte do Superaglomerado Local, que tem o seu centro no Aglomerado de Virgo. (N.R.)

rodeados de um certo número de mundos habitados, ele gravita em torno de um sol central. Seu movimento de gravitação (translação), como o dos sóis que o acompanham, é imperceptível a observações anuais, porque muitos períodos seculares seriam suficientes apenas para marcar um desses anos astrais.

43. O sol central de que acabamos de falar também é um globo secundário em relação a um outro ainda mais importante, em torno do qual ele perpetua uma marcha lenta e mesurada, juntamente com outros sóis da mesma ordem.

Poderíamos constatar esta subordinação sucessiva de sóis a sóis, até que nossa imaginação ficasse cansada de escalar uma tal hierarquia, porque, não nos esqueçamos, pode-se contar em números inteiros, uma trintena de milhões de sóis na Via Láctea, subordinados uns aos outros, como rodas gigantes de uma imensa engrenagem.⁷⁵

44. E esses astros, em números incontáveis, vivem cada um de uma vida solidária; da mesma forma que nada está isolado na organização do vosso pequeno mundo terrestre, assim também, no Universo incomensurável, nada se encontra isolado.

Esses sistemas de sistemas pareceriam de longe — ao olhar investigador do filósofo que pudesse abranger o quadro desenvolvido pelo espaço e pelo tempo — uma poeira de pérolas douradas levantada em turbilhões pelo sopro divino, que faz voar os mundos siderais nos céus, como os grãos de areia no deserto.

Nada de imobilidade, nada de silêncio, nada de noite! O grande espetáculo que então se descortinaria diante dos nossos olhos seria a criação real, imensa e plena de vida etérea que o olhar infinito do Criador abrange no seu ilimitado conjunto.

Entretanto, até aqui, temos falado de uma única galáxia; seus milhões de sóis e os seus milhões de mundos habitados, formam apenas, conforme já dissemos, uma ilha no arquipélago infinito.

⁷⁵ Conforme já citamos, com os meios de observação atuais, a Ciência atribui à nossa cidade estelar, a Via Láctea, uma assombrosa quantidade de estrelas, que varia, de acordo com as diversas estimativas, de 200 a 400 bilhões de sóis. (N.R.)

Os desertos do espaço

45. Um imenso deserto, sem limites, estende-se além do aglomerado de estrelas de que acabamos de falar, e o envolve. Solidões sucedem às solidões e incomensuráveis planícies de vácuo se estendem ao longe. As concentrações de matéria cósmica encontram-se isoladas no espaço como ilhas flutuantes de um imenso arquipélago. Se quisermos, de alguma forma, calcular a enorme distância que separa o aglomerado de estrelas, do qual fazemos parte, dos aglomerados mais próximos, precisamos saber que essas ilhas estelares são raras e estão espalhadas no vasto oceano dos céus, e que a extensão que as separa umas das outras é incomparavelmente maior que aquela que mede suas próprias dimensões.

Ora, como já vimos, a nebulosa estelar (galáxia) mede, em números inteiros, mil vezes a distância para as estrelas mais próximas, tomando-se essa distância como unidade, ou seja, uns seiscentos mil trilhões de quilômetros.⁷⁶ A distância que se estende entre as galáxias sendo muito maior, não poderia ser expressa por números acessíveis à compreensão do nosso espírito. Só a imaginação, em suas concepções mais elevadas, é capaz de transpor tão prodigiosaimensidão — essas solidões mudas e desprovidas de qualquer sinal de vida — e de encarar, de certo modo, a ideia dessa infinidade relativa.⁷⁷

⁷⁶ No texto original, o Espírito Galileu refere-se a cem mil trilhões de léguas para o comprimento da nossa galáxia. Como uma légua corresponde a seis quilômetros, fizemos a conversão para esta unidade, mais em voga nos dias de hoje. De todo modo, segundo as observações mais recentes, a nossa galáxia, a Via Láctea, é um imenso aglomerado de estrelas, espiralado, com 100.000 anos-luz de diâmetro. Para se ter uma ideia aproximada do gigantismo dessa distância, se fosse possível atravessá-la em um avião de carreira a jato moderno, levaríamos 100 bilhões de anos para fazê-lo. E pensar que a nossa galáxia é apenas uma entre bilhões de galáxias que a Ciência estima existir no nosso Universo, algumas das quais, milhares de vezes maiores do que a nossa! (N.R.)

⁷⁷ Estudos atuais confirmam a comunicação do Espírito Galileu em relação aos desertos do espaço. A hipótese mais recente, baseada na análise das observações efetuadas pelos telescópios e radiotelescópios modernos, indicam que as galáxias se agrupam em superaglomerados, que podem atingir dimensões da ordem de um bilhão de anos-luz, separados entre si por imensos espaços vazios da ordem de 150-200 milhões de anos-luz. (Ver foto da p. 472.) O Superaglomerado Local, centrado no aglomerado de galáxias de Virgo, do qual faz parte o Grupo Local que contém a nossa galáxia, a Via Láctea, estende-se por uma distância de 100 milhões de anos-luz. (N.R.)

46. Entretanto, esse deserto celeste que envolve nosso espaço sideral, e que parece se estender como os confins recuados do nosso mundo astral, é abrangido pela visão e pelo poder infinito do Altíssimo que, muito além dos céus dos nossos céus, desenvolveu a trama da sua criação ilimitada.

47. Com efeito, além dessas vastas solidões, rebrilham mundos em sua magnificência, tanto quanto nas regiões acessíveis às investigações humanas. Além desses desertos, esplêndidos oásis vagam no éter límpido, renovando incessantemente as cenas admiráveis da existência e da vida. Lá se estendem os longínquos agregados de substância cósmica, que o olhar profundo do telescópio entrevê através das regiões transparentes do nosso céu, aos quais se deu o nome de nebulosas irresolúveis, e que vos parecem ligeiras nuvens de poeira branca, perdidas em um ponto desconhecido do espaço etéreo. Lá se revelam e se desenvolvem novos mundos, cujas condições, variadas e estranhas em relação àquelas que são inerentes ao vosso mundo, lhes conferem uma vida que as vossas concepções não podem imaginar, nem vossos estudos podem confirmar. É lá que resplandece, em toda a sua plenitude, o poder criador. Para aquele que vem das regiões ocupadas pelo vosso sistema, outras leis ali estão em ação, cujas forças regem as manifestações da vida, e os novos caminhos que seguimos nessas regiões estranhas nos abrem perspectivas desconhecidas.

Eterna sucessão dos mundos

48. Vimos que uma única lei primordial e geral foi dada ao Universo para lhe assegurar a estabilidade eterna, e que essa lei geral é perceptível aos nossos sentidos por inúmeras manifestações a que denominamos de forças diretrizes da Natureza. Vamos mostrar agora que a harmonia do mundo inteiro, considerada sob o duplo aspecto da eternidade e do espaço, é assegurada por essa lei suprema.

49. Com efeito, se retrocedermos à origem das primitivas aglomerações de substância cósmica, observaremos que a matéria,

Capítulo VI

sob o domínio dessa lei, já sofre as transformações necessárias que a levam da semente ao fruto maduro, e que, sob o impulso das diversas forças nascidas dessa lei, ela percorre a escala das suas revoluções periódicas. Inicialmente, centro fluídico dos movimentos, a seguir geradora dos mundos, mais tarde núcleo central e de atração das esferas que tiveram nascimento em seu interior.

Já sabemos que essas leis presidem à história do Cosmo. O que importa saber agora é que elas presidem igualmente à destruição dos astros, uma vez que a morte não é apenas uma metamorfose do ser vivo, mas também uma transformação da matéria inanimada; e se é certo dizer, em sentido literal, que a vida só é acessível à foice da morte, também é certo afirmar que é necessário que a substância sofra as transformações inerentes à sua constituição.

50. Eis aqui um mundo que desde a sua origem percorreu toda a extensão dos anos que a sua organização especial lhe permitia percorrer; extinguiu-se o foco interior da sua existência, seus elementos próprios perderam sua virtude inicial; os fenômenos de sua natureza, que requeriam para se produzirem a presença e a ação das forças destinadas a esse mundo, doravante não podem acontecer, porque a alavanca da atividade dessas forças não tem mais o ponto de apoio que lhe dava toda a sua força.

Ora, pode-se pensar que esse mundo extinto e sem vida vá continuar a orbitar nos espaços celestes sem uma finalidade, e passar como um resíduo inútil pelo turbilhão dos céus? Que ele permaneça inscrito no livro da vida universal, quando não é mais que uma letra morta e sem sentido? Não. As mesmas leis que o elevaram acima do caos tenebroso e que o aquinhoaram com os esplendores da vida, as mesmas forças que o governaram durante os séculos da sua adolescência, que fortaleceram seus primeiros passos na existência e que o conduziram à maturidade e à velhice, vão presidir à desagregação de seus elementos constitutivos para restituí-los ao laboratório de onde a potência criadora retira incessantemente as condições da estabilidade geral. Esses elementos vão retornar à massa comum do éter para se assimilarem

a outros corpos, ou para regenerarem outros sóis; e essa morte não será um acontecimento inútil à Terra, nem às suas irmãs; ela renoverá, em outras regiões, outras criações de uma natureza diferente, e lá, onde os sistemas dos mundos se dissipam, logo renascerá um outro jardim de flores mais brilhantes e mais perfumadas.

51. Assim, a eternidade real e efetiva do Universo está assegurada pelas mesmas leis que dirigem as operações do tempo; assim, os mundos sucedem aos mundos, os sóis aos sóis, sem que o imenso mecanismo dos vastos céus jamais seja atingido nas suas gigantescas forças.

Lá onde os vossos olhos admiram esplêndidas estrelas sob a abóbada da noite, lá onde o vosso espírito contempla irradiações magníficas que resplandecem nos espaços distantes, o dedo da morte há muito extinguiu esses esplendores, há muito o vazio substituiu esses deslumbramentos e recebeu até novas criações ainda desconhecidas. A distância imensa em que esses astros se encontram, que faz com que a luz que emitem leve milhares de anos para chegar até nós, faz com que somente agora recebamos os raios que eles nos enviaram muito tempo antes da criação da Terra e que ainda os admiremos milhares de anos após o seu desaparecimento real.

Que são os seis mil anos de humanidade histórica, diante dos períodos seculares? Dos segundos nos vossos séculos? Que são as vossas observações astronômicas diante do estado absoluto do mundo? A sombra eclipsada pelo Sol.

52. Logo, aqui como nos nossos outros estudos, reconhecamos que a Terra e o homem nada são comparados com o que existe, e que as mais colossais operações da nossa mente ainda se estendem apenas sobre um campo insignificante, diante da imensidade e da eternidade de um Universo que nunca terá fim.

E, quando esses períodos da nossa imortalidade tiverem passado sobre nós, quando a história atual da Terra nos aparecer como uma sombra vaporosa no fundo de nossa lembrança, quando,

Capítulo VI

ao longo de séculos incontáveis, tivermos habitado esses diversos graus da nossa hierarquia cosmológica, quando os mais longínquos domínios das futuras eras tiverem sido percorridos em inúmeras peregrinações, teremos diante de nós a sucessão ilimitada dos mundos e, por perspectiva, a imóvel eternidade.

A vida universal

53. Essa imortalidade das almas, da qual o sistema do mundo físico é a base, pareceu imaginária aos olhos de certos pensadores preconceituosos. Eles a qualificaram, ironicamente, de imortalidade viajante e não conseguiram compreender que só ela era verdadeira perante o espetáculo da criação. Entretanto, é possível fazer compreender toda a sua grandeza, eu diria quase toda a sua perfeição.

54. Que as obras de Deus sejam criadas para o pensamento e a inteligência; que os mundos sejam a morada de seres que os contemplam e que descobrem sob seu véu o poder e a sabedoria daquele que os formou, é questão indiscutível para nós, mas que as almas que os povoam sejam solidárias, é o que importa saber.

55. Com efeito, a inteligência humana tem dificuldade para considerar esses globos radiosos que cintilam no espaço, como simples massas de matéria inerte e sem vida. Custa-lhe pensar que nessas regiões distantes não haja magníficos crepúsculos e esplêndidas noites, sóis fecundos e dias plenos de luz, bem como vales e montanhas, onde as múltiplas obras da natureza desenvolveram toda a sua luxuriante pompa. Custa-lhes imaginar que o espetáculo divino em que a alma pode se retemperar como na sua própria vida, seja desprovido de existência e privado de qualquer ser pensante que possa conhecê-lo.

56. Mas, a essa ideia eminentemente justa da criação, é necessário acrescentar a da humanidade solidária, e é nisso que consiste o mistério da eternidade futura.

Uma mesma família humana foi criada na universalidade dos mundos e os laços de uma fraternidade, ainda não apreciada de vossa parte, foram dados a esses mundos. Se esses astros, que

se harmonizam em seus vastos sistemas, são habitados por inteligências, não o são, de forma alguma, por seres desconhecidos uns dos outros, mas, por seres marcados na fronte pelo mesmo destino, que devem se encontrar momentaneamente, segundo suas funções de vida e se reencontrar de acordo com as suas mútuas simpatias. É a grande família dos espíritos que povoam as terras celestes; é a grande irradiação do Espírito Divino que abrange a extensão dos céus, e que permanece como o tipo primitivo e final da perfeição espiritual.

57. Através de que estranha aberração se acreditou que se deveria negar as vastas regiões do espaço à imortalidade, quando a encerravam em um limite inadmissível e em uma dualidade absoluta? O verdadeiro sistema do mundo deveria, então, preceder a verdadeira doutrina dogmática e a Ciência preceder a Teologia? Esta se transviará tanto que sua base se colocará sobre a Metafísica? A resposta é fácil e nos mostra que a nova filosofia se estabelecerá triunfante sobre as ruínas da antiga, porque a sua base se terá erguido vitoriosa sobre os antigos erros.

A Ciência

58. A inteligência humana elevou suas poderosas concepções acima dos limites do espaço e do tempo; ela penetrou no domínio inacessível das antigas eras, explorou o mistério dos céus insondáveis, explicou o enigma da criação. Sob os olhares da Ciência, o mundo exterior desenvolveu o seu esplêndido panorama, a sua magnífica opulência, e os estudos do homem o conduziram ao conhecimento da verdade. Ele explorou o Universo, encontrou a expressão das leis que o regem e a aplicação das forças que o sustentam, e se não lhe foi dado observar frente a frente a causa primária, pelo menos chegou à noção matemática da série de causas secundárias.

Neste último século,⁷⁸ principalmente o método experimental — o único que é verdadeiramente científico — foi posto em

⁷⁸ Trata-se aqui do século XIX. (N.T.)

Capítulo VI

prática nas Ciências Naturais, e, com sua ajuda, o homem se despojou, sucessivamente, dos preconceitos da antiga Escola e das teorias especulativas, para se restringir ao campo da observação e cultivá-lo com atenção e inteligência.

Sim, a Ciência do homem é sólida e fecunda, digna de nossas homenagens por seu passado difícil e longamente experimentado, digna de nossas simpatias pelo seu futuro, pleno de descobertas úteis e proveitosas, porquanto, doravante, a natureza é um livro acessível às pesquisas do homem estudioso, um mundo aberto às investigações do pensador, uma região brilhante que o espírito humano já visitou e pela qual ele pode avançar arrojadamente, tendo em mãos, como bússola, a sua experiência.

59. Um velho amigo de minha vida terrestre disse-me, recentemente, que uma peregrinação nos havia reconduzido à Terra, e nós, de novo, estudávamos moralmente este mundo. Meu companheiro acrescentou que o homem, atualmente, está familiarizado com as leis as mais abstratas da Mecânica, da Física e da Química; que as aplicações à indústria não são menos notáveis que as deduções da Ciência pura, e que toda a criação, sabiamente estudada pelo homem, parece ser, daqui em diante, seu real atributo. E como nós prosseguíamos nossa marcha fora deste mundo, eu lhe respondi nestes termos:

60. Frágil átomo perdido num ponto imperceptível do infinito, o homem acreditou alcançar com o seu olhar o espaço universal, quando, muito mal, podia contemplar a região que habitava; ele acreditou estudar as leis de toda a Natureza, quando suas apreciações tinham atingido apenas as forças em ação ao seu redor; ele acreditou determinar a grandeza do céu, quando se consumia na determinação de um grão de poeira. O campo de suas observações é tão exíguo que o espírito tem dificuldade para reencontrar um fato perdido de vista; o céu e a Terra do homem são tão pequenos, que a alma, em seu voo, não tem tempo de estender suas asas antes de chegar aos últimos lugares acessíveis à observação.

O Universo incomensurável nos rodeia em todas as partes, ostentando riquezas desconhecidas além dos céus, pondo em ação

forças inapreciadas, desenvolvendo modos de existência inconcebíveis para nós, e propagando, ao infinito, o esplendor e a vida.

E o “ciron”,⁷⁹ miserável ácaro, privado de asas e de inteligência, cuja triste existência se consome sobre a folha que lhe deu nascimento, pretendia — porque caminhava alguns passos naquela folha agitada pelo vento — ter o direito de falar sobre a árvore imensa a que ela pertencia, árvore da qual ele apenas percebeu a sombra; loucamente ele imaginava poder discorrer sobre a floresta de onde sua árvore faz parte e discutir sabiamente sobre a natureza dos vegetais que nela se desenvolvem, dos seres que a habitam, do Sol longínquo cujos raios ali descem algumas vezes para levar o movimento e a vida?

Em verdade, o homem seria estranhamente pretensioso ao querer avaliar a grandeza infinita ao pé de sua pequenez infinita!

Ele também deve estar bem compenetrado de que, se os áridos trabalhos dos séculos passados lhe proporcionaram o primeiro conhecimento das coisas, se o progresso do espírito o colocou à entrada do saber, ele nada mais fez que soletrar a primeira página do livro; ele é, como a criança, suscetível de se enganar a cada palavra, e, longe de pretender interpretar a obra doutoralmente, deve contentar-se em estudá-la com humildade, página por página, linha por linha. Felizes ainda, aqueles que podem fazê-lo.

Considerações morais

61. Vós nos seguistes em nossas excursões celestes, e visitastes conosco as imensas regiões do espaço. Sob o nosso olhar, os sóis sucederam aos sóis, os sistemas aos sistemas e as galáxias às galáxias. O esplêndido panorama da harmonia do Cosmo desenrolou-se diante dos nossos passos, e antegozamos a ideia do infinito, que só poderemos compreender em toda a sua extensão segundo a nossa perfectibilidade futura. Os mistérios

⁷⁹ **Ciron:** termo francês, o mesmo que **oução** (*acarus sirus*), uma espécie de ácaro que vive em matérias alimentares, nos detritos. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

Capítulo VI

do espaço desvendaram seu enigma, até aqui indecifrável, e nós fazemos ao menos uma ideia da universalidade das coisas. É importante, agora, parar e refletir.

62. É belo, sem dúvida, ter reconhecido a insignificância da Terra e sua medíocre importância na hierarquia dos mundos; é belo ter reprimido a presunção humana, que nos é tão cara, e nos humilharmos ante a grandeza absoluta; mas será mais belo ainda interpretar o espetáculo de que fomos testemunhas sob o aspecto moral. Eu quero falar do poder infinito da Natureza, e da ideia que devemos fazer do seu modo de ação nas diversas partes do vasto Universo.

63. Habitados, como estamos, a julgar as coisas pela nossa pobre e pequena morada, imaginamos que a Natureza só pôde ou só teve de agir em outros mundos segundo as regras que conhecemos aqui na Terra. Ora, é precisamente nisso que é necessário modificar o nosso julgamento.

Observai, por um instante, uma região qualquer do vosso mundo e uma das obras da vossa Natureza. Não reconhecereis ali o sinal característico de uma variedade infinita e a prova de uma atividade sem igual? Não vedes na asa de um passarinho das Canárias, ou na pétala de um botão de rosa entreaberto a prodigiosa fecundidade dessa bela Natureza?

Que os vossos estudos se apliquem aos seres que planam nos ares, que desçam à violeta dos campos; mergulhem nas profundezas dos oceanos; em tudo e por toda parte lereis esta verdade universal: a Natureza onipotente age conforme os lugares, os tempos e as circunstâncias; ela é una na sua harmonia geral, mas múltipla em suas produções; ela brinca com um Sol, como brinca com uma gota de água; ela povoa de seres vivos um mundo imenso com a mesma facilidade com que faz abrir-se o ovo posto pela borboleta do outono.

64. Ora, se tal é a variedade que a Natureza pôde nos descrever em todos os lugares deste pequeno mundo, tão acanhado, tão limitado, quanto mais deveis aumentar essa atuação,

considerando-se a perspectiva dos vastos mundos? Quão mais deveis desenvolvê-la e nela reconhecer o grande alcance aplicando-a a esses mundos maravilhosos que, muito mais do que a Terra, atestam a sua inapreciável perfeição!

Assim, não imagineis sistemas planetários semelhantes ao vosso em torno de cada um dos sóis do espaço; não imagineis, nesses planetas desconhecidos, apenas os três reinos da natureza que se apresentam ao redor de vós, mas pensai que assim como nenhum rosto se assemelha a outro rosto em todo o gênero humano, da mesma forma uma diversidade prodigiosa, inimaginável, foi espalhada nas moradas etéreas que flutuam no seio dos espaços.

Do fato de que a vossa Natureza animada começa no zoófito e termina no homem; de que a atmosfera alimenta a vida terrestre e de que o elemento líquido a renova incessantemente; de que as vossas estações fazem suceder nesta vida os fenômenos que dela fazem parte, não deveis concluir que os milhões de milhões de mundos que flutuam no espaço sejam semelhantes a este aqui, longe disso, eles diferem segundo as diversas condições que lhes foram atribuídas e de acordo com os seus respectivos papéis no palco do mundo. São as diferentes pedrarias de um imenso mosaico, são as variadas flores de um admirável jardim.



Capítulo VII

Esboço Geológico da Terra⁸⁰

**Períodos geológicos. Estado primitivo do globo.
Período primário. Período de transição.
Período secundário. Período terciário.
Período diluviano. Período Pós-diluviano ou atual.
Nascimento do homem**

Períodos Geológicos

1. A Terra traz em si os traços evidentes da sua formação; as fases desse processo podem ser seguidas com uma precisão matemática, nos diversos tipos de solo que formam o arcabouço terrestre. O conjunto desses estudos constitui a ciência chamada Geologia, ciência nascida neste século XIX, e que lançou a luz sobre a questão tão controvertida da origem da Terra e da origem dos seres vivos que a habitam. Aqui não há nenhuma hipótese, mas o resultado rigoroso da observação dos fatos, e diante dos

⁸⁰ O estudo das “Teorias sobre a Terra” que será apresentado ao longo deste capítulo, se insere perfeitamente no contexto científico do século em que viveu Allan Kardec. Nos dias de hoje, em função do proeminente avanço experimentado pela Ciência, podemos afirmar que já não haveria espaço para esta discussão, principalmente de “teorias” como a da incrustação.

De todo modo, a leitura deste capítulo permitirá ao leitor tomar contato com o pensamento científico, ainda difuso, que vogava à época do Codificador. (N.R.)

Capítulo VII

fatos a dúvida não é permitida. A história da formação da Terra está escrita nas camadas geológicas, de uma forma muito mais exata que nos livros preconcebidos, porque é a própria natureza que fala, que se mostra a descoberto, e não a imaginação dos homens que criou sistemas. Onde se observam vestígios da ação do fogo, pode-se dizer com certeza que ali houve fogo; onde se veem vestígios da ação das águas, também se pode dizer que ali esteve a água e, uma vez observados vestígios de animais, pode-se dizer que os animais viveram ali.

A Geologia é, assim, uma ciência toda baseada na observação, que só tira conclusões do que constata; ela não afirma nada sobre os pontos duvidosos: só emite opiniões discutíveis, das quais a solução definitiva aguarda observações mais completas. Sem as descobertas da Geologia, assim como as da Astronomia, a Gênese do mundo ainda estaria nas trevas da lenda. Graças a essa ciência, desmoronou, para não mais se reerguer, a estrutura das fábulas que rodeavam o berço do homem, que hoje conhece a história da sua morada.

2. Por toda a parte onde existem terrenos com fendas, escavações naturais ou feitas pelo homem, observam-se as camadas superpostas, chamadas de *estratificações*.⁸¹ Os terrenos que apresentam essa característica são denominados *terrenos estratificados*. Essas camadas, cuja espessura pode variar de alguns centímetros até cem metros e mais, se diferenciam entre si pela cor e pela natureza das substâncias de que são compostas. Os trabalhos de arte, as perfurações de poços, a exploração de pedreiras e, sobretudo, as escavações de minas, permitiram observar essas camadas até grandes profundidades.

3. Em geral, as camadas são homogêneas, isto é, cada uma é constituída pela mesma substância, ou por diversas substâncias que existiram simultaneamente, e formaram um todo compacto.

⁸¹ O vocábulo estratificação é definido atualmente como o plano que separa as camadas contíguas das rochas sedimentares estratificadas. É também conhecido como acamamento. (N.R.)

A linha de separação que as isola umas das outras é sempre nitidamente traçada, como nas fiadas de uma construção; em nenhuma parte se apresentam misturadas ou se perdem umas nas outras, relativamente aos seus limites respectivos, como ocorre por exemplo com as cores do prisma e do arco-íris.

Em função dessas características, reconhece-se que elas se formaram sucessivamente, depositadas umas sobre as outras, em condições e por causas diferentes. As mais profundas são, naturalmente, as que se formaram primeiro, e as mais superficiais, as que se formaram depois. A última a se formar, a que se acha na superfície, é a camada de terra vegetal, que deve suas propriedades aos detritos das matérias orgânicas provenientes das plantas e dos animais.

As camadas inferiores, localizadas abaixo da camada vegetal, receberam, em Geologia, o nome de *rochas*, palavra que, nesta acepção, não significa que se trate sempre de um material pedregoso, mas de um leito ou banco constituído de uma substância mineral qualquer. Umas são formadas de areia, de argila ou terra argilosa, de marna,⁸² de seixos rolados, outras de pedras mesmo, mais ou menos duras, tais como os arenitos, os mármore, o cré,⁸³ os calcários ou pedras calcárias, os carvões de pedra, as pedras molares, o xisto betuminoso, etc. Diz-se que uma rocha é mais ou menos possante, conforme seja maior ou menor a sua espessura.

4. Pelo exame da natureza dessas rochas, ou camadas, reconhecem-se sinais certos de que umas se originaram de materiais

⁸² **Marna:** calcário argiloso, ou argila com maior ou menor teor de calcário. Sinónimo de marga. (N.R.)

⁸³ **Cré:** calcário formado por despojos de foraminíferos, radiolários, corais, etc., que se encontra misturado sobretudo com argila.

Os foraminíferos são animais protozoários, na maior parte, marinhos e importantes indicadores da presença de petróleo.

Os radiolários também são animais protozoários e marinhos, ocorrendo até a 5.000 metros de profundidade.

Os protozoários são animais unicelulares que constituem um grande sub-reino da natureza. Ex.: a ameba. (N.R.)

Capítulo VII

fundidos e, às vezes, vitrificados pela ação do calor; outras, de substâncias terrosas depositadas pelas águas. Algumas dessas substâncias mantiveram-se desagregadas, como é o caso da areia; outras, sob a ação de certos agentes químicos ou por causas diferentes, encontrando-se a princípio em estado pastoso, endureceram e, com o tempo, adquiriram a dureza da pedra. Os bancos de pedras superpostos indicam depósitos sucessivos. Assim, o calor e a água participaram da formação dos materiais que compõem o arcabouço sólido do planeta Terra.⁸⁴

5. A posição natural das camadas provenientes de depósitos aquosos, quer sejam terrosas ou pedregosas, é a posição horizontal. Quando se veem essas planícies imensas, que por vezes se estendem a perder de vista, de uma horizontalidade perfeita, unidas como se tivessem sido niveladas com um rolo compressor, ou esses fundos de vales, tão planos como a superfície de um lago, podemos estar certos de que, em uma época mais ou menos recuada, esses locais estiveram, por um longo período, cobertos por águas tranquilas que, ao se retirarem, deixaram secas as terras que haviam depositado durante a sua permanência. Após a retirada das águas, essas terras se cobriram de vegetação. Se, ao invés de terras gordas,⁸⁵ limosas, argilosas, ou calcário-argilosas, próprias para assimilar os princípios nutritivos, as águas apenas tivessem depositado areias silicosas, sem agregação, teríamos as planícies arenosas e áridas que constituem as charnecas⁸⁶ e os desertos, dos quais os depósitos deixados pelas inundações locais e os formados pelos aluviões⁸⁷ na foz dos rios podem nos dar uma pequena ideia.

⁸⁴ Atualmente, as rochas são definidas como sendo um agregado natural, formado de substâncias minerais ou mineralizadas, resultante de um processo geológico determinado, que constitui parte essencial da litosfera. As rochas podem ser ígneas, sedimentares ou metamórficas, conforme, respectivamente, tenham se originado do magma (rocha fundida), da deposição de sedimentos comprimidos e cimentados no processo de litificação, ou ainda quando as rochas ígneas, sedimentares ou outras rochas metamórficas são transformadas pelo calor e pela pressão. (N.R.)

⁸⁵ **Terra gorda:** terra que é úmida, forte e coesa. (N.T.)

⁸⁶ **Charneca:** terreno inculto e arenoso, onde nasce vegetação do mesmo nome, caracterizada por arbustos e plantas herbáceas resistentes à falta de água. (N.T.)

⁸⁷ **Aluviões:** depósitos de cascalho, areia e argila que se formam junto às margens ou à foz dos rios, provenientes do trabalho de erosão das enchentes ou enxurradas. (N.R.)

6. Ainda que a posição horizontal seja a normal e a mais comum nas formações aquosas, não é raro ver-se nas regiões montanhosas, em grandes extensões, rochas duras cuja natureza indica terem sido formadas pelas águas, em uma posição inclinada e, às vezes, mesmo vertical. Ora, de acordo com as leis de equilíbrio dos líquidos e da gravidade, os depósitos aquosos só podem se formar em planos horizontais, uma vez que os materiais depositados sobre planos inclinados tendem a ser arrastados para os terrenos baixos pelas correntes, ou pelo seu próprio peso. Assim sendo, torna-se evidente que aqueles depósitos foram soerguidos por uma força qualquer, após sua solidificação e transformação em rocha.

Dessas considerações pode-se concluir, com certeza, que todas as camadas rochosas originadas de depósitos aquosos que se encontram em uma posição perfeitamente horizontal, foram formadas, ao longo dos séculos, por águas tranquilas, e que todas as vezes que elas têm uma posição inclinada é porque o solo sofreu grandes agitações e foi posteriormente deslocado por abalos gerais ou parciais mais ou menos consideráveis.

7. Um fato característico da mais alta importância, pelo testemunho irrecusável que apresenta, consiste na existência, em enormes quantidades, de restos *fósseis* de animais e de vegetais, nas diversas camadas; como esses restos são encontrados até nas mais duras rochas, é forçoso concluir-se que a existência desses seres é anterior à formação dessas mesmas rochas. Ora, se considerarmos o número prodigioso de séculos que foi necessário para que se produzisse o endurecimento daquelas formações, até chegarem ao estado em que se encontram desde tempos imemoriais, chega-se forçosamente à conclusão de que o aparecimento de seres orgânicos sobre a Terra se perde na noite dos tempos, e que ele é, conseqüentemente, muito anterior à data indicada pela Gênese.^{88 e 89}

⁸⁸ **Fóssil:** do latim “*fossilia*”, “*fossilis*”, derivado de *fossa*, *cova*, e de “*fodere*”, cavar, escavar a terra. Diz-se esta palavra, em *Geologia*, de corpos ou restos de corpos orgânicos de seres que viveram antes dos tempos históricos. Refere-se também às substâncias minerais que trazem os traços da presença de seres organizados como as marcas de vegetais ou de animais.

Capítulo VII

8. Entre os restos de vegetais e de animais, existem os que foram impregnados totalmente de matérias silicosas e calcárias que os transformaram em pedra, às vezes da dureza do mármore, sem que houvesse alteração da sua forma; estes são as petrificações propriamente ditas. Outros foram apenas envolvidos pela matéria em estado pastoso, encontrados intactos, às vezes inteiros, no interior das mais duras rochas. Outros, finalmente, deixaram apenas marcas, mas de uma nitidez e de uma delicadeza perfeitas. Encontram-se até pegadas no interior de certas rochas e, pela forma das patas, dos dedos e das unhas, pôde-se reconhecer a que espécie de animal elas pertenciam.

9. Os fósseis de animais quase que só contêm as partes sólidas e resistentes, isto é, as ossadas, as escamas e os chifres. Às vezes são esqueletos completos; o mais frequente, porém, é serem apenas partes destacadas, mas que permitem reconhecer facilmente a sua procedência. Examinando-se uma queixada, um dente, logo se vê se pertence a um animal herbívoro ou a um carnívoro. Como todas as partes do animal têm uma correlação necessária, a forma do crânio, de uma omoplata, de um osso da perna, ou de uma pata, bastam para determinar o porte, a forma

O termo "fóssil", de uma aceção mais geral, foi substituído pelo termo petrificação, que se aplica aos corpos que se transformaram em pedra, pela infiltração de matérias silicosas ou calcárias nos tecidos orgânicos. Todas as petrificações necessariamente são fósseis, mas nem todos os fósseis são petrificações.

Os objetos que se revestem de uma camada pedregosa, quando estão mergulhados em certas águas carregadas de substâncias calcárias, não são petrificações propriamente ditas, mas simples incrustações.

Os monumentos, inscrições e objetos produzidos pelo homem são estudados pela Arqueologia. (N.A.)

⁸⁹ Nos dias de hoje, sabemos que as primeiras formas de vida (bactérias e algas azul-esverdeadas) apareceram há aproximadamente 3.500 milhões de anos, e foi só há 570 milhões de anos que as plantas e animais mais complexos começaram a desenvolver-se. Desde então, milhares de espécies de plantas e animais evoluíram; algumas sobreviveram até os dias de hoje, como os tubarões, e outras, como os dinossauros, desapareceram.

O vocábulo fóssil é definido como o vestígio ou resto petrificado ou endurecido de seres vivos que habitaram a Terra antes do Holoceno e que se conservaram sem perder as características essenciais. Nos dias de hoje, os animais e vegetais fósseis são estudados pela Paleontologia.

O Holoceno foi a época em que as geleiras retrocederam às regiões polares e em que teve início o desenvolvimento e a expansão da civilização humana (data de cerca de 12.000 anos). É a época atual. (N.R.)

geral e o tipo de vida do animal.⁹⁰ Os animais terrestres, por exemplo, têm uma compleição que não permite confundi-los com os animais aquáticos.

Os peixes e as conchas fósseis são extremamente numerosos. Só as conchas formam, às vezes, bancos inteiros de grande espessura. Pela sua natureza, verifica-se facilmente se são animais marinhos ou de água doce.

10. Os seixos arredondados, que em certos lugares constituem rochas enormes, apresentam no seu formato o indício inequívoco da sua origem. São arredondados como os calhaus à beira-mar, o que é uma evidência do atrito que sofreram ao contato com a água. As regiões onde eles se encontram enterrados, em grandes quantidades, foram incontestavelmente ocupados pelo oceano ou por águas violentamente agitadas.

11. Além disso, os terrenos das diversas camadas são caracterizados pela mesma natureza dos fósseis que eles encerram. As mais antigas contêm espécies animais e vegetais que estão completamente desaparecidas da superfície da Terra. Algumas espécies mais recentes também desapareceram, porém, conservaram-se outras análogas, que diferem de seus antepassados apenas pelo porte e por alguns detalhes de forma. Outras, finalmente, das quais subsistem os últimos representantes, tendem evidentemente a desaparecer em um futuro mais ou menos próximo, como os elefantes, os rinocerontes, os hipopótamos, etc. Assim, à medida que as camadas terrestres se aproximam da nossa época, as espécies animais e vegetais também se aproximam das existentes nos dias de hoje.

⁹⁰ *Ao ponto a que Georges Cuvier levou a ciência paleontológica, um só osso é suficiente, muitas vezes, para determinar o gênero, a espécie, a forma de um animal, os seus hábitos e para reconstruí-lo inteiramente. (N.A.)*

• **Georges Cuvier:** naturalista francês (Montbéliard, 1769 - Paris, 1832). Foi o criador da Anatomia Comparada e da Paleontologia. Estabeleceu como princípios: 1º, que qualquer órgão tem uma influência definitiva no conjunto da organização orgânica, daí a *lei da subordinação dos órgãos*; 2º, que certos caracteres se atraem mutuamente enquanto que outros se repelem necessariamente, daí a *lei da correlação das formas*. Aplicando esses princípios, pôde determinar espécies desaparecidas — segundo alguns ossos partidos — e dedicar-se à reconstrução de fósseis. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré.*)

Capítulo VII

As perturbações, os cataclismos que se produziram na Terra desde a sua origem, mudaram as condições de sobrevivência, fazendo com que gerações inteiras de seres vivos desaparecessem.

12. Estudando-se a composição das camadas geológicas, sabe-se da forma mais positiva se, à época da sua formação, a região onde elas se encontram era ocupada por um mar, por lagos ou por florestas e planícies habitadas por animais terrestres. Assim sendo, se em uma mesma região acharmos uma série de camadas superpostas, contendo alternadamente fósseis marinhos, terrestres e de água doce, várias vezes repetidas, isso é uma prova irrecusável de que essa mesma região foi muitas vezes invadida pelo mar, coberta de lagos e posta a seco.

E, certamente, quantos séculos de séculos ou, quantos milhares de séculos talvez não foram necessários para que cada período desses se completasse! Que força poderosa não foi necessária para mudar o oceano de lugar e fazê-lo voltar, ou levantar montanhas! Por quantas revoluções físicas e comoções violentas a Terra não teve de passar, antes de se apresentar tal como a conhecemos desde os tempos históricos! E queriam que tudo isso se realizasse em menos tempo do que o que é preciso para fazer uma planta germinar!

13. O estudo das camadas geológicas atesta, assim, o que foi dito, formações sucessivas que mudaram o aspecto do globo, dividindo a sua história em muitas épocas, que constituem os chamados *períodos geológicos*, cujo conhecimento é essencial para o entendimento da Gênese. Os principais são, em número de seis, designados pelos nomes de: *período primário, de transição, secundário, terciário, diluviano e pós-diluviano ou atual*. Os terrenos formados durante a duração de cada período também são conhecidos como terrenos primitivos, de transição, secundários, etc., de acordo com o período em que se formaram. Assim, diz-se que essa ou aquela camada, ou rocha, esse ou aquele fóssil, se encontram em terrenos desse ou daquele período.

14. É importante observar que o número desses períodos não é absoluto, pois depende dos métodos de classificação.⁹¹ Nos seis períodos principais, mencionados acima, compreendem-se os que foram marcados por uma mudança notável e generalizada no estado do planeta, mas as pesquisas provam que ocorreram muitas formações sucessivas ao longo de cada um deles. É por isso que são divididos em subperíodos, caracterizados pela natureza dos terrenos, e que elevam a vinte e seis o número de formações gerais bem caracterizadas, sem contar as originadas por modificações devidas a causas puramente locais.

Estado primitivo do globo⁹²

15. O achatamento dos polos e outros fatos concludentes são os indícios certos de que a Terra, na sua origem, devia estar em um estado de fluidez ou pastoso. Este estado seria devido ao fato de a matéria encontrar-se liquefeita pela elevada temperatura ou diluída pela água.

Diz o provérbio: “Não há fumaça sem fogo.” Este ditado, rigorosamente correto, é uma aplicação do princípio: “Não há efeito sem causa.” Da mesma forma, pode-se dizer: “Não há fogo sem um foco.” Ora, pelos fatos que podemos observar, não é apenas fumaça que se produz, mas fogo, bem real, que deve ter um foco. Com esse fogo vindo do interior do planeta e não do alto, o foco deve estar no interior e, como o fogo é permanente, o foco também deve ser permanente.

O calor que aumenta à medida que se penetra no interior da Terra, e que, a uma certa distância da superfície, atinge uma

⁹¹ Conforme colocado na nota de rodapé 80, relativa ao título das seções deste capítulo, a Escala do Tempo Geológico apresentada pelo Codificador está inteiramente de acordo com os conhecimentos da época (1868). Atualmente, a escala passou a ser dividida em *eras*, que se subdividem em *períodos* que, por sua vez, são subdivididos em *épocas*.

A tabela a seguir apresenta uma visão simplificada desta divisão do tempo, do ponto de vista geológico, acompanhada dos fatos marcantes que caracterizaram cada subdivisão.

Nas seções que se seguem, serão feitas as correspondências dos períodos nomeados por Allan Kardec com o seu equivalente na Escala do Tempo Geológico apresentada na tabela a seguir, para que possamos nos referenciar às *eras*, *períodos* e *épocas* utilizadas atualmente.

⁹² O intervalo de tempo relacionado ao estado primitivo do globo, corresponde, na Escala do Tempo Geológico moderna, ao início da Era Pré-Cambriana. (N.R.)

Capítulo VII

Era	Período	Época	Faixa de tempo milhões de anos	Fatos marcantes
Pré-Cambriana			4.600 - 550	<ul style="list-style-type: none"> • Formação da Terra. • Aparecem os organismos unicelulares (p.ex.: algas azul-esverdeadas). • Aparecem os animais multicelulares de corpo mole (p. ex.: vermes e águas vivas).
Paleozóica	Cambriano		550 - 505	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecem os invertebrados com conchas (p. ex.: trilobites). • Fósseis em abundância.
	Ordoviciano		505 - 458	<ul style="list-style-type: none"> • As plantas marítimas se expandem.
	Siluriano		458 - 408	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecem as plantas terrestres (p. ex.: cooksonia).
	Devoniano		408 - 360	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecem tipos mais complexos de algas e as primeiras árvores. • Desenvolvimento dos peixes.
	Carbonífero		360 - 286	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecem os anfíbios (p. ex.: ichthyostega). • Expandem-se as florestas formadoras de carvão. • Primeiros répteis.
	Permiano		286 - 248	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecimento das coníferas. • Desertificação primitiva. • Desenvolvimento dos répteis e anfíbios.
Mesozoica	Triássico		248 - 208	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecem os répteis marinhos (p. ex.: mixossauros). • Aparecem os dinossauros e répteis voadores.
	Jurássico		208 - 144	<ul style="list-style-type: none"> • Os dinossauros se expandem. • Aparecem os pássaros (p. ex.: archaeopteryx).
	Cretáceo		144 - 65	<ul style="list-style-type: none"> • Formam-se depósitos de petróleo e gás. • Aparecem as plantas com flores (p. ex.: magnólia). • Aparecem os pequenos mamíferos (p. ex.: crusafontia). • Crise orogénica global. • Extinção dos dinossauros.
Cenozoica	Terciário	Paleoceno	65 - 55	<ul style="list-style-type: none"> • Começa a formação do Himalaia. • Aparecem os grandes mamíferos (p. ex.: arsinotherium). • Plantas com flores em franco desenvolvimento. • O Rio Colorado começa a escavar o Grand Canyon. • Grande variedade de mamíferos. • Aparecem os seres humanos. • Ocorre o último período glacial. • Aparecem os seres humanos modernos (<i>Homo sapiens</i>).
		Eoceno	55 - 36,5	
		Oligoceno	36,5 - 25	
	Mioceno	25 - 5,5		
		Plioceno	5,5 - 2	
	Quaternário	Pleistoceno	2 - 0,01	
		Holoceno	0,01 - 0	

Tabela ref. à nota de rodapé 91. (N.R.)

elevada temperatura; as fontes termais, tanto mais quentes quanto maior a profundidade de onde vêm; as chamas e as lavas incandescentes que escapam dos vulcões, como por vastos respiradouros ou pelas crateras abertas pelos terremotos, não deixam dúvida sobre a existência de um calor interno.

16. A experiência demonstra que a temperatura se eleva de um grau (Celsius) a cada 30 metros de profundidade, donde se segue que, a uma profundidade de 300 metros a temperatura aumenta de 10 graus; a 3.000 metros, de 100 graus (ponto de ebulição da água); a 30.000 metros, ou 30 quilômetros, de 1.000 graus, e a 110 quilômetros, de mais de 3.300 graus (Celsius), temperatura superior ao ponto de fusão de qualquer matéria conhecida. Deste ponto ao centro da Terra ainda temos 6.000 quilômetros, ou 12.000 quilômetros de diâmetro, espaço que seria ocupado pelas matérias fundidas.⁹³

Embora isto seja apenas uma teoria, avaliando-se a causa através dos efeitos, ela tem todas as características da probabilidade, permitindo concluir que a Terra ainda é uma massa incandescente recoberta de uma crosta sólida de, no máximo, 100 quilômetros de espessura, o que representa apenas a 120ª parte do seu diâmetro. Proporcionalmente, isto seria muito menos do que a espessura da mais fina casca de uma laranja.

Por outro lado, a espessura da crosta terrestre é muito variável, uma vez que há regiões, principalmente em áreas de atividade vulcânica, onde o calor e a maleabilidade do solo indicam que essa espessura não é muito grande. A alta temperatura das águas termais é igualmente o indício da proximidade do fogo central.⁹⁴

⁹³ De acordo com as pesquisas realizadas pela Geologia Física, sabe-se que o núcleo da Terra é constituído de níquel e ferro, e que, apesar da elevada temperatura de 6.000°C, é sólido, em função da alta pressão existente. (N.R.)

⁹⁴ Atualmente, estima-se a espessura da crosta variando entre 6 km no leito dos oceanos e 40 km na crosta continental. Para maiores detalhes, veja-se a nota de rodapé 112, relativa ao item 39 deste capítulo. (N.R.)

Capítulo VII

17. Assim sendo, torna-se evidente que o estado primitivo de fluidez ou pastoso da Terra deve ter tido como causa a ação do calor e não a da água. A Terra, na sua origem, era uma massa incandescente. Em virtude da perda de calor por irradiação, aconteceu o que ocorre com qualquer matéria em fusão: ela esfriou pouco a pouco, e o resfriamento naturalmente começou pela superfície, que endureceu, ao passo que o interior se conservou fluido. Pode-se, assim, comparar a Terra a um pedaço de carvão que sai em brasa da fornalha, cuja superfície se apaga e se esfria ao contato com o ar, enquanto o seu interior se mantém em brasa, conforme se verifica se o quebrarmos.

18. À época em que o globo terrestre era uma massa incandescente, ele não continha nem mais nem menos átomos do que possui hoje.⁹⁵ Apenas, em função das elevadas temperaturas, a maior parte das substâncias que o compõem, e que vemos sob a forma de líquidos, sólidos, terras, pedras, metais e cristais, se achava em estado muito diferente. Elas, simplesmente, passaram por uma transformação; como consequência do resfriamento, e das misturas, os diversos elementos formaram novas combinações. O ar, consideravelmente dilatado, devia se estender a uma incomensurável distância. Toda a água, forçosamente reduzida a vapor, estava misturada com o ar. Todas as matérias suscetíveis de se volatilizarem, tais como os metais, o enxofre e o carbono, ali se encontravam em estado gasoso. O aspecto da atmosfera não tinha, portanto, nada de comparável com o que vemos hoje: a densidade de todos esses vapores dava-lhe uma opacidade que impedia a penetração dos raios do Sol. Se, à época, um ser vivo pudesse existir na superfície do planeta, seria iluminado apenas pelo brilho sinistro da fornalha colocada sob seus pés e da atmosfera esbraseada.

⁹⁵ O Codificador, por certo, referia-se apenas à Terra em si, não levando em consideração os meteoros e a poeira cósmica que incidem sobre o nosso planeta, agregando-se a ele. De todo modo, esses acréscimos à massa da Terra são insignificantes, comparados com a sua massa total. (N.R.)

Período Primário⁹⁶

19. A primeira consequência do resfriamento foi solidificar a superfície exterior da massa em fusão, e dela formar uma crosta resistente que, a princípio fina, foi engrossando pouco a pouco. Essa crosta constitui a pedra chamada granito, de extrema dureza, assim denominada pelo seu aspecto granuloso. Nela se distinguem três substâncias principais: o feldspato, o quartzo ou cristal de rocha e a mica; esta última apresenta um brilho metálico, embora não seja um metal.

Assim, a camada granítica foi a primeira a ser formada sobre o planeta, envolvendo-o inteiramente e constituindo de algum modo o seu arcabouço ósseo. Ela é o produto direto da solidificação da matéria em fusão. Sobre ela e nas reentrâncias que a sua superfície acidentada apresentava, foram se depositando sucessivamente as camadas de outros solos formados posteriormente. O que a distingue destas últimas camadas é a ausência de qualquer estratificação, ou seja, ela é formada por uma massa compacta e uniforme em toda a sua espessura, e não disposta em camadas. A efervescência da matéria incandescente iria produzir, na crosta, fendas profundas e numerosas, pelas quais se extravasaria essa matéria.

20. A segunda consequência do resfriamento foi a liquefação de algumas matérias contidas no ar em estado de vapor, e que se precipitaram na superfície do solo. Houve então chuvas e lagos de enxofre e de betume,⁹⁷ verdadeiros regatos de ferro, de chumbo e outros metais fundidos, infiltrando-se pelas fissuras da crosta, e que hoje constituem os veios e os filões de metais.

Sob a ação desses diversos agentes, a superfície granítica sofreu várias decomposições. Produziram-se misturas que

⁹⁶ De acordo com a Escala do Tempo Geológico moderna, podemos fazer a correspondência do Período Primário citado pelo Codificador com uma parte da Era Pré-Cambriana. (N.R.)

⁹⁷ O texto original refere-se a "lagos de enxofre e de betume". Nos dias de hoje sabemos que o betume (mistura líquida, sólida ou semisólida de hidrocarbonetos) só veio a surgir muito tempo depois. (N.R.)

Capítulo VII

formaram os terrenos primitivos propriamente ditos, distintos da rocha granítica, mas em massas confusas, e sem estratificações regulares.

Em seguida, vieram as águas que, caindo sobre um solo ardente, se vaporizavam de novo e recaíam em chuvas torrenciais, e assim, sucessivamente, até que a temperatura permitisse que ela ficasse no solo em estado líquido.

É a formação dos solos graníticos que dá início à série de períodos geológicos. Aos seis períodos principais conviria, portanto, acrescentar o do estado primitivo de incandescência do globo.⁹⁸

21. Assim foi o aspecto desse primeiro período, verdadeiro caos de todos os elementos misturados, buscando sua estabilização, onde nenhum ser vivo poderia existir. Por essa razão, uma das características que o distingue dos demais, em Geologia, é a ausência de qualquer vestígio de vida vegetal ou animal.

É impossível estabelecer uma duração determinada para esse primeiro período, assim como para os que se seguiram; mas, observando o tempo necessário para que uma bola de ferro⁹⁹ de determinado volume, aquecida à incandescência, resfrie a sua superfície, a ponto de permitir que uma gota d'água permaneça sobre ela no estado líquido, calculou-se que, se essa bola tivesse o tamanho da Terra, seriam necessários mais de um milhão de anos.¹⁰⁰

Período de Transição¹⁰¹

22. No começo do período de transição, a crosta sólida granítica tinha ainda pequena espessura, oferecendo pouca

⁹⁸ Os períodos correspondentes ao Estado Primitivo do Globo, ao Período Primário e à maior parte do Período de Transição que será visto a seguir, estão contidos na Era Pré-Cambriana da escala atual. (N.R.)

⁹⁹ No original francês lê-se *boulet*, projétil esférico de metal com o qual se carregavam os canhões. (N.T., segundo o *Dictionnaire Le Robert*.)

¹⁰⁰ Atualmente, estima-se em 500 milhões de anos o intervalo de tempo que foi necessário ao resfriamento e solidificação da crosta terrestre. (N.R.)

¹⁰¹ De acordo com a Escala do Tempo Geológico moderna, podemos fazer a correspondência aproximada do Período de Transição citado por Allan Kardec com a maior parte da Era Pré-Cambriana e toda a Era Paleozoica atuais, indo desde o surgimento da vida, há aproximadamente 3.600 milhões de anos, até o aparecimento das coníferas há 248 milhões de anos. (N.R.)

resistência à efervescência das matérias incandescentes, magma, que ela encobria e comprimia. Assim, produziram-se intumescências e fendas numerosas por onde escapava a lava interior. O solo apresentava pequenas desigualdades.

As águas, pouco profundas, cobriam quase toda a superfície do globo, com exceção das partes mais altas, formando terrenos baixos, frequentemente submersos.

O ar gradativamente foi se livrando das matérias mais pesadas que se encontravam temporariamente em estado gasoso, e que, ao se condensarem por efeito do resfriamento, eram precipitadas na superfície do solo, depois arrastadas e dissolvidas pelas águas.

Quando se fala de resfriamento naquela época, é preciso entender essa palavra num sentido relativo, isto é, em relação ao estado primitivo da Terra, uma vez que a temperatura ainda devia ser ardente.

Os espessos vapores de água que se elevavam de todas as partes da imensa superfície líquida, recaíam em chuvas abundantes e quentes, e obscureciam o ar. Entretanto, os raios do Sol começavam a aparecer através dessa atmosfera brumosa.

Uma das últimas substâncias das quais o ar foi purgado, porque ela está naturalmente no estado gasoso, foi o gás carbônico que então formava uma das suas partes constituintes.

23. Nessa época, começaram a se formar as camadas de terrenos sedimentares, depositados pelas águas carregadas de lama e de matérias diversas próprias à vida orgânica.

Aparecem, então, os primeiros seres vivos do reino vegetal e do reino animal; de início em pequeno número, deles se encontram vestígios cada vez mais frequentes, à medida que se passa das camadas inferiores para as camadas mais elevadas dessa formação. É digno de nota que, tão logo se estabelecem as condições propícias, a vida se manifesta por toda a parte, e que cada espécie nasce desde que se produzam as condições adequadas

Capítulo VII

à sua existência. Poder-se-ia dizer que os germes ali estavam latentes aguardando apenas as condições favoráveis para eclodir.

24. Os primeiros seres orgânicos que apareceram na Terra foram os vegetais de organização mais simples, designados em Botânica pelos nomes de criptógamos, acotiledôneos, monocotiledôneos, isto é, os líquens, cogumelos, musgos, fetos (espécie de samambaias) e plantas herbáceas.¹⁰² Ainda não se veem árvores de tronco lenhoso, mas apenas as do gênero palmeira, cuja haste esponjosa é análoga à das ervas.

Os animais desse período, que sucederam aos primeiros vegetais, eram exclusivamente marinhos. De início foram os polípeiros, os raiados, os zoófitos, animais cuja organização simples e, digamos assim, rudimentar, se aproxima muito da dos vegetais. Mais tarde aparecem os crustáceos e os peixes de espécies que atualmente já não existem mais.

25. Sob o domínio do calor e da umidade, e por consequência do excesso de gás carbônico no ar, gás impróprio à respiração dos animais, mas necessário às plantas, os terrenos que estavam descobertos cobriram-se rapidamente de uma vegetação pujante, ao mesmo tempo em que as plantas aquáticas se multiplicavam no seio dos pântanos. Plantas do gênero das que, nos dias de hoje, são simples ervas de alguns centímetros, atingiam uma altura e uma grossura prodigiosas. É assim que havia florestas de fetos arborescentes de oito a dez metros de altura e de grossura proporcional. Licopódios (pé de lobo, gênero de musgo), do mesmo porte, e cavalinhas¹⁰³ de quatro a cinco metros que atualmente não passam de um metro. No fim do período, começam a aparecer algumas árvores do gênero das coníferas ou pinheiros.

26. Em razão do deslocamento das águas, as áreas onde cresciam esses vegetais ficaram várias vezes submersas, cobertas de novos sedimentos terrosos, enquanto que aquelas que eram

¹⁰² Hoje, sabemos que os primeiros seres vivos eram unicelulares, bactérias muito primitivas e desprovidas de núcleos. (N.R.)

¹⁰³ *Planta pantanosa, vulgarmente chamada cauda de cavalo.* (N.A.)

postas a seco se adornavam por sua vez de vegetação semelhante. Houve assim muitas gerações de vegetais alternadamente destruídas e renovadas. O mesmo não se deu com os animais que, sendo todos aquáticos, não podiam sofrer essas alternâncias.

Esses restos, acumulados ao longo dos séculos, formaram camadas de grande espessura. Sob a ação do calor, da umidade, da pressão exercida pelos depósitos terrosos posteriores, e sem dúvida também de diversos agentes químicos, dos gases, dos ácidos e dos sais produzidos pela combinação dos elementos primitivos, essas matérias vegetais sofreram um processo de fermentação que as converteu em *hulha* ou *carvão de pedra*. As minas de carvão são, assim, o produto direto da decomposição dos dejetos dos vegetais acumulados durante o período de transição; é por isso que são encontrados em quase todas as regiões.¹⁰⁴

27. Os restos fósseis da pujante vegetação dessa época são encontrados tanto sob os gelos das regiões polares, quanto na zona tórrida (tropical ou equatorial), daí se conclui que se a vegetação era uniforme, a temperatura também deveria ser uniforme. Assim sendo, os polos não se achavam cobertos de gelo como agora. É que, à época, a Terra extraía seu calor dela mesma, do calor central que aquecia igualmente toda a crosta, ainda pouco espessa. Esse calor era bem superior ao que podiam fornecer os raios solares, enfraquecidos pela densidade da atmosfera. Somente mais tarde, quando o calor central só pôde exercer uma ação fraca ou quase nula sobre a superfície exterior da crosta, o calor do Sol tornou-se preponderante, e as regiões polares, recebendo apenas os raios solares oblíquos, que forneciam muito pouco calor, cobriram-se de gelo. Podemos concluir que na época de que estamos falando, e ainda por muito tempo depois, o gelo era desconhecido na Terra.

¹⁰⁴ *A turfa se formou da mesma maneira, pela decomposição dos acúmulos de vegetais em terrenos pantanosos, mas, por ser de formação muito mais recente e em condições diversas, não teve tempo de se carbonizar. (N.A.)*

Capítulo VII

Esse período deve ter sido muito longo, a julgar pelo número e pela espessura das camadas de hulha.¹⁰⁵

Período Secundário¹⁰⁶

28. Com o período de transição, desaparecem a vegetação colossal e os animais que caracterizaram essa época, seja por mudanças nas condições atmosféricas, seja por uma série de cataclismos que aniquilaram tudo o que tinha vida sobre a Terra. É provável que as duas causas tenham concorrido para essa mudança, uma vez que, por um lado, o estudo das camadas que marcam o fim desse período atesta a ocorrência de grandes alterações causadas pelos levantamentos e as erupções que derramaram sobre o solo grandes quantidades de lava, e, por outro, pelas notáveis mudanças ocorridas nos três reinos da Natureza.¹⁰⁷

29. No que respeita aos minerais, o período secundário se caracteriza pela formação de grandes e numerosas camadas, que atestam uma formação lenta no seio das águas e marcam diferentes épocas bem caracterizadas.

A vegetação é menos rápida e menos colossal que no período precedente, em virtude, sem dúvida, da diminuição do calor

¹⁰⁵ Na baía de Fundy (Nova Escócia), o Sr. Lyell encontrou em uma camada de hulha com 400 metros de altura, 68 níveis diferentes, apresentando traços evidentes de muitos solos de florestas, nos quais os troncos de árvores ainda estavam com as suas raízes (L. Figuiér).

Estimando em mil anos o tempo necessário para a formação de cada um desses níveis, teremos 68.000 anos só para a formação dessa camada de hulha. (N.A.)

• **Sr. Lyell:** acreditamos tratar-se de Sir Charles Lyell, geólogo inglês (Kinnordy, 1797 - Londres, 1875), que defendeu com talento a doutrina das causas atuais, autor de *Princípios da Geologia*. (N.T.)

• **Louis Figuiér:** nascido em Montpellier, França, (1819 - 1894), autor de numerosas obras, foi um especialista na divulgação dos fatos científicos de forma acessível ao leitor comum. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

• A Geologia estima em 76 milhões de anos a duração do período no qual se desenvolveram as florestas formadoras de carvão, o Período Carbonífero, da Era Paleozoica. (N.R.)

¹⁰⁶ De acordo com a Escala do Tempo Geológico moderna, podemos fazer uma correspondência aproximada do Período Secundário citado pelo Codificador com a Era Mesozoica atual. (N.R.)

¹⁰⁷ Atualmente, a Natureza foi dividida pela Ciência em cinco reinos: Monera, Protista, Fungi, Vegetalia e Animalia. Para maiores detalhes, veja-se a nota de rodapé 60, relativa ao item 18 do cap. VI. (N.R.)

e da umidade, e das alterações havidas nos elementos constitutivos da atmosfera. Às plantas herbáceas e polpudas juntam-se aquelas de caule lenhoso e as primeiras árvores propriamente ditas.

30. Os animais ainda são aquáticos, ou, no máximo, anfíbios; a vida animal sobre a Terra faz pouco progresso. Devido à formação de matérias calcárias, desenvolve-se nos mares uma prodigiosa quantidade de animais com conchas. Novos peixes, com uma organização mais aperfeiçoada do que a dos peixes do período anterior, começam a nascer; aparecem os primeiros cetáceos. Os animais mais característicos dessa época são os répteis monstruosos, entre os quais se destacam:

O *ictiossauro*, uma espécie de peixe-lagarto, que atingia até dez metros de comprimento, cujas mandíbulas, prodigiosamente alongadas, eram armadas com 180 dentes. A sua forma geral lembra um pouco a do crocodilo, mas sem a couraça escamosa; seus olhos tinham o volume da cabeça de um homem; possuía barbatanas como as da baleia e, da mesma forma que ela, expelia a água por aberturas.

O *plesiossauro*, outro réptil marinho, tão grande quanto o *ictiossauro*, cujo pescoço, excessivamente longo, se dobrava como o do cisne e lhe dava a aparência de uma enorme serpente unida a um corpo de tartaruga. Tinha a cabeça do lagarto e os dentes do crocodilo. Sua pele devia ser lisa como a do *ictiossauro*, uma vez que não se observou nenhum vestígio de escamas ou de concha.¹⁰⁸

O *teleossauro* é o que mais se aproxima dos crocodilos atuais, que parecem ser a miniatura daquele réptil. Possuía uma couraça escamosa e era anfíbio, ou seja, vivia ao mesmo tempo na água e na terra. Seu comprimento era de cerca de dez metros, dos quais três ou quatro só para a cabeça. Sua enorme boca tinha uma abertura de dois metros.

O *megalossauro*, um grande lagarto, uma espécie de crocodilo de 14 a 15 metros de comprimento. Essencialmente

¹⁰⁸ O primeiro fóssil deste animal foi descoberto na Inglaterra, em 1823. (N.A.)

Capítulo VII

carnívoro, nutria-se de répteis, pequenos crocodilos e tartarugas. A sua impressionante mandíbula era armada com dentes em forma de lâmina de podadeira, de gume duplo, recurvados para trás, de tal forma que uma vez cravados na presa, tornava-se impossível para ela desprender-se.

O *iguanodonte*, o maior lagarto que já apareceu na Terra. Media de 20 a 25 metros da cabeça à extremidade da cauda e possuía, sobre o focinho, um chifre ósseo semelhante ao do iguano da atualidade, do qual parece diferir apenas pelo tamanho. O atual tem apenas um metro de comprimento. O formato dos dentes permite concluir que era um herbívoro e o das patas, que foi um animal terrestre.

O *pterodáctilo*, um animal bizarro, do tamanho de um cisne, tendo, ao mesmo tempo, do réptil o corpo, do pássaro a cabeça e do morcego a membrana carnuda, que ligava os dedos prodigiosamente longos, e lhe servia de paraquedas quando ele se precipitava sobre a presa do alto de uma árvore ou de um rochedo. Não possuía o bico córneo como o dos pássaros, mas os ossos da mandíbula, do comprimento da metade do corpo e guarnecida de dentes, terminava em ponta como um bico.

31. Durante esse período, que deve ter sido muito longo, como o demonstram a quantidade e a espessura das camadas geológicas,¹⁰⁹ a vida animal ganhou enorme impulso no meio das águas, tal como havia acontecido com a vegetação no período anterior. O ar, mais depurado e mais propício à respiração, começou a permitir que alguns animais vivam em terra. O mar foi deslocado muitas vezes, mas sem abalos violentos. Com esse período desaparecem as raças de gigantescos animais aquáticos, substituídos mais tarde por espécies análogas, com formas mais proporcionais e de porte infinitamente menor.

¹⁰⁹ A Era Mesozoica, que corresponde aproximadamente ao Período Secundário citado pelo Codificador, durou cerca de 183 milhões de anos. (N.R.)

32. O orgulho levou o homem a afirmar que todos os animais foram criados por sua causa e para a satisfação das suas necessidades. Mas, quantas são as espécies de animais que servem diretamente ao homem, que foram domesticadas por ele, comparadas ao número incalculável daquelas com as quais ele nunca teve, nem nunca terá qualquer relação? Como sustentar semelhante tese, diante das inumeráveis espécies que sozinhas povoaram a Terra, por milhares e milhares de séculos, antes que o homem ali surgisse, e que desapareceram? Pode-se afirmar que elas foram criadas para o seu proveito? Entretanto, todas essas espécies tinham a sua razão de ser, a sua utilidade. Deus não pode tê-las criado por um capricho da sua vontade e para se dar o prazer de aniquilá-las, uma vez que todas tinham vida, instintos, sensação de dor e de bem-estar. Com que fim ele as fez? Com um fim que há de ser soberanamente sábio, embora ainda não o compreendamos. Um dia, certamente, o homem poderá conhecê-lo para confundir o seu orgulho; mas, enquanto aguarda, como o homem alarga as suas ideias diante dos novos horizontes em que agora é permitido que ele mergulhe o seu olhar, e que revelam diante dele o imponente espetáculo dessa criação, tão majestosa no seu lento caminhar, tão admirável na sua providência, tão pontual, tão precisa e tão constante nos seus resultados!¹¹⁰

¹¹⁰ Com os avanços das ciências biológicas e com as revelações da Doutrina Espírita, podemos afirmar, em linhas gerais, de acordo com a *Teoria da Evolução das Espécies pela Seleção Natural*, do naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882), que:

A partir do surgimento dos primeiros seres vivos, há aproximadamente 3.600 milhões de anos, as espécies foram gradativamente evoluindo, umas das outras, por um processo de seleção natural, resultando em organizações biológicas cada vez mais aperfeiçoadas e na extinção das espécies que, por alguma razão, não se adaptaram ao meio ambiente.

Por outro lado, a Doutrina Espírita nos revela que o princípio inteligente é criado simples e ignorante e passa por incontáveis experiências reencarnatórias, a fim de progredir, passando gradativamente pelos diversos reinos da Natureza, fazendo uso da organização física mais de acordo com o estágio evolutivo em que se encontra, ascendendo na escala dos seres, progredindo sempre. (Veja-se nesta obra, no capítulo VI, o item 19.)

Assim, nos dias de hoje, conforme previra o Codificador, as revelações da Ciência e da Doutrina Espírita vêm nos explicar a finalidade do surgimento e do desaparecimento de todas as espécies que nos precederam ao longo da história do nosso orbe. (N.R.)

Capítulo VII

Período Terciário¹¹¹

33. Com o período terciário, começa uma nova fase para a Terra. O estado da sua superfície muda completamente de aspecto, as condições de vida modificam-se profundamente e se aproximam das atuais. Os primeiros tempos desse período são assinalados por uma interrupção da produção vegetal e animal. Tudo revela os traços de uma destruição quase que generalizada dos seres vivos, e então aparecem sucessivamente novas espécies, cuja organização mais perfeita é adaptada à natureza do meio em que eles são destinados a viver.

34. Durante os períodos anteriores, em razão da sua pequena espessura, a crosta sólida do planeta apresentava, como foi dito, uma resistência muito fraca à ação do fogo interior. Esse envoltório, fraturando-se com facilidade, permitia o derramamento de lava em profusão na superfície do solo. Conforme a crosta foi se espessando, esses fatos foram deixando de ocorrer. Então, as matérias abrasadas, comprimidas por todos os lados, como a água em ebulição em um recipiente fechado, acabaram produzindo uma espécie de explosão. A camada granítica, violentamente quebrada em muitos pontos, ficou crivada de fendas, como um *vaso rachado*. A crosta, levantada e abaixada, formou *ao longo dessas fendas* os picos, as cadeias montanhosas e as suas ramificações. Certas partes da crosta não chegaram a se despedaçar, sendo apenas elevadas, enquanto que, em outros pontos, produziram-se afundamentos e escavações.

A superfície do solo tornou-se então muito desigual. As águas, que até aquela época cobriam quase que uniformemente a maior parte da superfície, escoaram para as partes mais baixas, deixando a seco vastos continentes, ou cumes de montanhas isoladas, que formaram as ilhas.

¹¹¹ De acordo com a Escala do Tempo Geológico moderna, podemos fazer a correspondência aproximada do Período Terciário citado pelo Codificador com o Período Terciário da Era Cenozoica atual. (N.R.)

Esse foi o grande fenômeno ocorrido no período terciário e que transformou o aspecto do globo. Ele não aconteceu instantaneamente, nem simultaneamente em toda a parte, mas sucessivamente e em épocas mais ou menos distanciadas.

35. Uma das primeiras consequências desses levantamentos foi, como já ficou dito, a inclinação das camadas de sedimentos originalmente horizontais, e que permaneceram nessa posição em toda a parte onde o solo não sofreu transformações. Foi nos flancos e nas proximidades das montanhas que essas inclinações se apresentaram mais pronunciadas.

36. Nas regiões onde as camadas de sedimento conservaram a sua horizontalidade, para alcançar as camadas de formação primária temos de atravessar todas as outras, frequentemente até uma grande profundidade, no fim da qual encontramos, inevitavelmente, a rocha granítica. Porém, quando essas camadas se ergueram em montanhas, elas foram elevadas acima do seu nível normal, e, às vezes, a grandes alturas, de tal modo que, fazendo-se um corte vertical no flanco da montanha, as camadas aparecem em toda a sua espessura, e superpostas como as fiadas de uma construção.

É assim que encontramos enormes bancos de conchas, primitivamente formados no fundo dos mares, a grandes altitudes. Hoje, está perfeitamente comprovado que o mar, em época alguma, poderia ter alcançado tal altura, uma vez que toda a água existente no mundo, ou mesmo cem vezes esta quantidade, não teria sido suficiente para tal. Teríamos que supor que a quantidade de água existente no mundo diminuiu e, então, caberia perguntar o que foi feito da água que desapareceu. Os soerguimentos, que são hoje em dia um fato incontestável e demonstrado pela Ciência, explicam de maneira tão lógica quanto rigorosa os depósitos marinhos que se encontram em certas montanhas. Esses solos, evidentemente, estiveram submergidos durante uma longa sequência de séculos, mas em seu nível primitivo e não no lugar que ocupam agora.

Capítulo VII

É exatamente como se uma porção do fundo de um lago se elevasse a 25 ou 30 metros acima da superfície da água; o alto dessa elevação conteria restos de plantas e de animais que jaziam outrora no fundo da água, o que não implicaria, de modo algum, que as águas do lago tivessem se elevado àquela altura.

37. Nos lugares onde o soerguimento da rocha primitiva produziu uma rachadura completa do solo, seja pela sua rapidez, seja pela forma, a altura e o volume da massa soerguida, o granito ficou exposto, como *um dente que irrompeu da gengiva*. As camadas que o recobriam, levantadas, quebradas e rearrumadas, ficaram descobertas. É assim que os terrenos pertencentes às formações mais antigas — e que se encontravam na sua posição original a uma grande profundidade — formam hoje em dia o solo de certas regiões.

38. A massa granítica, deslocada por efeito dos soerguimentos, apresentou fendas em alguns lugares, por onde escapa o fogo interno e escorrem as matérias em fusão: são os vulcões. Os vulcões são como chaminés de uma imensa fornalha, ou melhor ainda, *válvulas de segurança* que, permitindo a liberação do excesso de matérias ígneas (magma), preservam o globo de cataclismos bem mais violentos. Daí se pode dizer que o número de vulcões ativos é uma causa de segurança para a superfície do solo.

Pode-se fazer uma ideia da intensidade desse fogo, considerando-se que até no fundo dos oceanos abrem-se vulcões, e que a massa de água que os recobre e neles penetra não é suficiente para extingui-los.

39. Os levantamentos ocorridos na massa sólida provocaram o deslocamento das águas, que foram impelidas para as partes escavadas, tornadas mais profundas pela elevação dos terrenos emersos e pelo abaixamento de outros. Mas esses mesmos terrenos, que haviam sido rebaixados, foram levantados nos mais diversos lugares, expulsando as águas que refluíram para outros locais, e assim por diante, até que pudessem se estabilizar em um leito mais estável.

Os sucessivos deslocamentos dessa massa líquida forçosamente trabalharam e modificaram a superfície do solo. As águas, escoando-se, arrastaram parte dos terrenos de formações anteriores, que tinham sido descobertos pelos soerguimentos, desnudando algumas montanhas que elas cobriam, deixando à mostra suas bases graníticas ou calcárias. Vales profundos foram escavados, enquanto outros foram aterrados.

Assim, existem montanhas formadas diretamente pela ação do calor central, principalmente as graníticas. Outras são devidas à ação das águas que, carreando as terras móveis e as matérias solúveis, escavaram vales em torno de uma base resistente, calcária, ou de outra natureza.¹¹²

¹¹² Complementando as informações de Allan Kardec, de acordo com os conhecimentos atuais da Geologia Física, podemos definir a crosta terrestre como sendo a camada sólida externa da Terra. Inclui a crosta continental, com mais ou menos 40 km de espessura, e a crosta oceânica, com aproximadamente 6 km. A crosta e a camada superior do manto formam a litosfera. O manto é a camada intermediária entre a crosta da superfície e o núcleo, parte sólida, parte fundida, com cerca de 2.900 km de espessura.

A litosfera é constituída por placas semirrígidas, as placas crustais, que derivam umas em relação às outras sobre a astenosfera subjacente (uma camada parcialmente fundida do manto). Este processo é conhecido como tectônica de placas. Quando duas placas se separam, formam-se fendas na crosta. No meio dos oceanos, esse movimento resulta na expansão dos fundos oceânicos e na formação das cadeias oceânicas; nos continentes, a expansão da crosta pode formar *rift valleys* (vales de afundamento). Quando as placas se movem uma em relação à outra, pode ocorrer subdução: uma das placas é forçada a mergulhar sob a outra. No meio dos oceanos, esse processo dá origem às fossas oceânicas, atividade sísmica e arcos de ilhas vulcânicas. As montanhas podem formar-se onde há subdução da crosta oceânica sob a crosta continental, ou onde os continentes colidem. As placas podem também deslizar uma ao longo da outra.

A tectônica de placas ajuda a explicar a deriva continental, teoria segundo a qual os continentes se reuniram há 175 milhões de anos para formar uma única massa continental chamada Pangeia, que posteriormente se fragmentou.

Nos dias de hoje, entende-se que os processos envolvidos na formação das montanhas — a orogênese — ocorrem como resultado do movimento das placas crustais descrito acima. Há três tipos principais de montanhas: as de origem vulcânica, as montanhas de dobramento e as montanhas por falhamentos de blocos. A maioria das montanhas vulcânicas forma-se ao longo dos limites das placas, onde estas se aproximam ou se separam, e a lava e os detritos são ejetados em direção à superfície terrestre. A acumulação de lava e material piroclástico pode formar uma montanha em torno da chaminé de um vulcão. As montanhas por dobramento se formam onde as placas se encontram e provocam o dobramento e soerguimento das rochas. Onde a crosta oceânica se encontra com a crosta continental menos densa, a crosta oceânica é empurrada sob a crosta continental. A crosta continental é então dobrada pelo impacto e se formam montanhas de dobramento, como os Andes na América do Sul. As cadeias dobradas também se formam quando duas áreas de crosta continental se encontram. O Himalaia, por exemplo, começou a formar-se quando a Índia colidiu com a Ásia, dobrando os sedimentos, e parte da crosta oceânica, entre as duas placas. As montanhas por falhamento de blocos formam-se quando um bloco de rocha é soerguido entre duas falhas como resultado de compressão ou tensão na crosta terrestre. Com frequência, o movimento ao longo das falhas ocorre gradualmente durante milhões de anos. Contudo, duas placas podem deslizar bruscamente ao longo de uma linha de falha — a falha de Santo André, na Califórnia, EUA — por exemplo, provocando terremotos. (N.R.)

Capítulo VII

As matérias carreadas pela corrente das águas formaram as camadas do período terciário, que facilmente se distinguem das precedentes, menos pela sua disposição do que pela sua composição, que é quase a mesma.

As camadas dos períodos primário, de transição e secundário, formadas sobre uma superfície pouco acidentada, são mais ou menos uniformes por toda a Terra. Já as do período terciário, ao contrário, formadas, pela ação das águas, sobre uma base muito mais irregular, apresentam um caráter mais local. Em todos os lugares, fazendo-se escavações de certa profundidade, encontram-se todas as camadas dos períodos anteriores, na ordem da sua formação, enquanto que não se encontra por toda a parte o terreno terciário, nem todas as suas camadas.

40. Durante os deslocamentos do solo, ocorridos no início do período terciário, presume-se que a vida orgânica tenha se mantido estacionada por algum tempo, o que se pode reconhecer com o exame dos solos que se encontram sem fósseis, mas, com a relativa estabilidade que se seguiu, reaparecem os vegetais e os animais. Com a alteração das condições de vitalidade, a atmosfera mais depurada, surgem novas espécies, de uma organização mais perfeita. As plantas, em relação à sua estrutura, diferem pouco das de hoje.

41. Nos dois períodos anteriores, havia poucos terrenos não cobertos pelas águas, além disso eram pantanosos e frequentemente submersos. É por essa razão que só existiam animais aquáticos ou anfíbios. O período terciário, no qual se formaram os vastos continentes, foi caracterizado pelo aparecimento dos animais terrestres.¹¹³

¹¹³ Cabe retificar que, à luz dos novos conhecimentos adquiridos pela Paleontologia, no Período Secundário citado por Allan Kardec, que corresponde aproximadamente à Era Mesozoica, ocorre o desenvolvimento e a expansão dos dinossauros.

Cabe também enfatizar que na Era Mesozoica os continentes já se encontravam formados, sendo que há 178 milhões de anos eles se encontravam agrupados em uma única massa continental, denominada Pangeia. (Veja-se a nota de rodapé anterior.)

No final da Era Mesozoica, há 65 milhões de anos, ocorre a crise orogênica global citada por Allan Kardec no início desta seção, provocando o desaparecimento desses gigantescos animais. (N.R.)

Assim como o período de transição viu nascer uma vegetação colossal, e o período secundário, os répteis monstruosos, o período terciário viu se produzirem gigantescos mamíferos, como o *elefante*, o *rinoceronte*, o *hipopótamo*, o *paleotério*, o *megatério*, o *dinotério*, o *mastodonte*, o *mamute*, etc. Esse período viu nascer igualmente os pássaros, bem como a maioria das espécies que vivem ainda nos dias de hoje.¹¹⁴ Algumas espécies dessa época sobreviveram aos cataclismos posteriores; outras, denominadas genericamente de *animais antediluvianos*, desapareceram completamente, ou foram substituídas por espécies semelhantes, de formas menos pesadas e menos maciças, das quais os primeiros tipos foram como que os esboços. Como exemplo, podemos citar o *felis speloea*, um animal carnívoro do tamanho de um touro, com as características anatômicas do tigre e do leão; o *cervus megaceron*, variedade de veado, cujos chifres, de 3 metros de comprimento, eram espaçados de 3 a 4 metros nas extremidades.

42. Durante muito tempo acreditou-se que o macaco e as diversas variedades de quadrúmanos, animais que se aproximam mais do homem pela conformação, ainda não existiam, mas descobertas recentes parecem não deixar dúvidas sobre a presença desses animais, pelo menos ao final do período.

Período Diluviano¹¹⁵

43. Este período foi marcado por um dos maiores cataclismos que revolveram o globo, mudando, ainda uma vez, o aspecto da superfície e destruindo para sempre uma imensidade de espécies vivas, das quais só se encontram os despojos. Por toda a parte ele deixou sinais que confirmam a sua generalidade. As águas, violentamente afastadas de seu leito, invadiram os

¹¹⁴ Em relação ao surgimento das aves, é possível que Allan Kardec estivesse se referindo aos pássaros modernos, tais como os conhecemos hoje. De todo modo, atualmente, a Paleontologia situa o surgimento dos pássaros na Era Mesozoica moderna, mais exatamente no Período Jurássico, que corresponde ao Período Secundário desta obra. (N.R.)

¹¹⁵ De acordo com a Escala do Tempo Geológico atual, podemos fazer a correspondência do Período Diluviano citado pelo Codificador com a época do Pleistoceno, no Período Quaternário da Era Cenozoica. (N.R.)

Capítulo VII

continentes, arrastando com elas as terras e os rochedos, desnudando as montanhas, varrendo florestas seculares. Os novos depósitos que as águas formaram são denominados, em Geologia, de *terrenos diluvianos*.

44. Um dos traços mais característicos desse grande desastre são os rochedos denominados *blocos erráticos*. São blocos de granito que se encontram isolados nas planícies, repousando sobre terrenos terciários e no meio de terrenos diluvianos, algumas vezes a centenas de quilômetros das montanhas de onde foram arrancados. Fica evidente que só a violência das correntes poderia tê-los transportado a tão grandes distâncias.¹¹⁶

45. Um fato não menos característico, e cuja causa ainda não foi descoberta, é que foi nos terrenos diluvianos que se encontraram os primeiros *aerólitos*.¹¹⁷ Uma vez que eles só começaram a cair nessa época, deduz-se que a causa que os produziu não existia anteriormente.

46. Foi também por essa época que os polos começaram a cobrir-se de gelo e que se formaram as geleiras das montanhas, o que indica notável mudança na temperatura do globo. Essa mudança deve ter sido súbita, uma vez que, se ela houvesse ocorrido gradualmente, os animais, como os elefantes, que hoje só vivem nos climas quentes e cujos fósseis são encontrados em grande quantidade nas regiões polares, teriam tido tempo de se retirar pouco a pouco para as regiões mais temperadas. Tudo indica, ao contrário, que eles foram colhidos de surpresa por uma grande onda de frio e cercados pelo gelo.

¹¹⁶ É um desses blocos, provindo evidentemente, pela sua composição, das montanhas da Noruega, que serve de pedestal à estátua de Pedro, o Grande, em São Petersburgo. (N.A.)

• Nos dias de hoje, a Ciência concluiu que esses blocos foram arrastados pelo avanço das geleiras nas eras glaciais. Com o aquecimento da Terra, no início do Holoceno, as geleiras degelaram e os blocos permaneceram nos locais onde se encontram atualmente. De todo modo, a força das águas, na forma de gelo, provocou o deslocamento dessas rochas. (N.R.)

¹¹⁷ *Pedras caídas da atmosfera*. (N.A.)

• Os aerólitos, ou meteoritos, são os meteoros após a sua queda na superfície da Terra. (N.R.)

47. Esse foi o verdadeiro dilúvio universal. As opiniões divergem em relação às causas que devem tê-lo produzido, porém, sejam elas quais forem, o fato é que ele aconteceu.

A hipótese mais aceita é a de que a posição do eixo da Terra sofreu uma *mudança brusca*; em consequência, os polos foram deslocados, e daí resultou uma projeção geral das águas sobre a superfície. Se o movimento houvesse se processado lentamente, as águas teriam se deslocado gradualmente, sem abalos, mas tudo indica que houve uma comoção violenta e súbita. Uma vez que ignoramos qual foi a verdadeira causa, só podemos emitir hipóteses.

O deslocamento súbito das águas também pode ter sido ocasionado pelo soerguimento de certas partes da crosta sólida e a formação de novas montanhas no meio dos mares, conforme aconteceu no início do período terciário. Mas, afóra o fato de que este cataclismo não teria sido geral, ele não explicaria a súbita alteração da temperatura dos polos.

48. Muitos animais pereceram na tormenta causada pelo deslocamento das águas; outros, para escaparem da inundação, se retiraram para os lugares altos ou para as cavernas e fendas, onde morreram em massa, seja pela fome, seja entredevorando-se ou ainda, talvez, afogados pelo avanço das águas nos locais onde se refugiaram e de onde não puderam escapar. Assim se explicaria a grande quantidade de ossadas de animais diferentes, carnívoros e outros, que são encontradas misturadas em algumas cavernas, que por essa razão foram chamadas de *brechas* ou *cavernas de ossos*. Ali elas são encontradas, a maior parte das vezes, debaixo das estalagmites. Em algumas, as ossadas parecem ter sido arrastadas até ali pela corrente das águas.¹¹⁸

¹¹⁸ *Conhece-se um grande número de cavernas semelhantes, das quais algumas têm uma enorme extensão. No México, existem várias de muitos quilômetros de extensão. A de Aldelsberg, em Carniole (Áustria), tem nada menos de 18 quilômetros. Uma das mais notáveis é a de Gailenreuth, em Württemberg. Há muitas delas na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália (Sicília) e em outros países da Europa. (N.A.)*

Capítulo VII

Período Pós-diluviano ou Atual.

Nascimento do homem¹¹⁹

49. Uma vez restabelecido o equilíbrio na superfície do planeta, a vida vegetal e animal prontamente retomou o seu curso. O solo, consolidado, tornou-se mais estável; o ar, mais depurado, era apropriado a órgãos mais delicados. O Sol, que brilhava em todo o seu esplendor através de uma atmosfera límpida, difundia, com a sua luz, um calor menos sufocante e mais vivificante do que o da fornalha interior. A Terra se povoava de animais menos ferozes e mais sociáveis. Os vegetais, mais suculentos, ofereciam uma alimentação menos grosseira. Tudo, enfim, estava preparado na Terra para o novo hóspede que deveria habitá-la. Foi então que apareceu o *homem*, o último ser da criação, aquele cuja inteligência devia, dali em diante, concorrer para o progresso geral, ele mesmo progredindo em tudo.

50. O homem só apareceu na Terra depois do período diluviano, ou surgiu antes dessa época? Essa questão é muito controvertida hoje, mas a sua solução, seja qual for, só tem uma importância secundária, porque ela não mudará nada no conjunto dos fatos estabelecidos.

O que havia feito pensar que o aparecimento do homem é posterior ao dilúvio foi não se ter achado um vestígio autêntico da sua existência durante o período anterior. As ossadas descobertas em diversos lugares, e que fizeram crer na existência de uma pretensa raça de gigantes antediluvianos, foram identificadas como sendo ossadas de elefantes.

O que é certo é que o homem não existia nem no período primário, nem no de transição, nem no secundário, não somente porque não se encontrou nenhum sinal da sua presença, mas também pela inexistência de condições de vida para ele. Se o homem apareceu no período terciário, só pode ter sido no final do período,

¹¹⁹ De acordo com a Escala do Tempo Geológico moderna, podemos fazer a correspondência do Período Pós-Diluviano citado pelo Codificador com a época do Holoceno, no Período Quaternário, da Era Cenozoica, que é a época atual. (N.R.)

e mesmo assim em número reduzido. Aliás, já que se acharam vestígios, os mais delicados, de um número tão grande de animais que viveram nessa época, não se compreenderia que os homens não tivessem deixado nenhum indício de sua presença, seja pelos restos dos corpos, seja por qualquer trabalho.

Por outro lado, por ter sido curto, o período antediluviano não determinou mudanças notáveis nas condições climáticas e atmosféricas, os animais e os vegetais permaneceram os mesmos, antes e depois dele. Não há portanto uma impossibilidade material ao aparecimento do homem antes desse grande cataclismo; a presença do macaco naquela época aumenta a probabilidade do fato que recentes descobertas parecem confirmar.^{120 e 121}

Seja como for, tenha o homem aparecido ou não antes do grande dilúvio universal, o que é certo é que o seu papel humanitário realmente começou a se esboçar no período pós-diluviano; pode-se, portanto, considerá-lo como caracterizado pela sua presença.



¹²⁰ Ver os trabalhos do Sr. Boucher de Perthes. (N.A.)

• **Jacques Boucher de Chévecoeur de Perthes:** (Rethel, 1788 - Abbeville, 1868), historiador e naturalista francês, criador da ciência da pré-história. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

¹²¹ Atualmente, corroborando a hipótese colocada pelo Codificador, sabe-se que as evidências concretas da existência da espécie humana remontam a 3 milhões de anos, o que corresponde ao Plioceno, última época do período terciário.

Contudo, a evolução da história humana é uma longa e complexa sucessão de fatos que compreende aproximadamente oito milhões de anos.

De todo modo, o homem moderno, o *Homo sapiens*, só aparece a 150.000 anos. (N.R.)

Capítulo VIII

Teorias sobre a Terra¹²²

Teoria da projeção. Teoria da condensação. Teoria da incrustação

Teoria da projeção

1. De todas as teorias referentes à origem da Terra, a que recebeu maior crédito nestes últimos tempos,¹²³ foi a de Buffon,¹²⁴ seja pela posição que seu autor desfrutava no mundo erudito, seja porque, à época, não se sabia mais nada sobre ela.

Observando todos os planetas se moverem na mesma direção, do Ocidente para o Oriente (de Oeste para Leste), e no mesmo

¹²² O estudo das “Teorias sobre a Terra” que será apresentado ao longo deste capítulo, se insere perfeitamente no contexto científico do século em que viveu Allan Kardec. Nos dias de hoje, em função do proeminente avanço experimentado pela Ciência, podemos afirmar que já não haveria espaço para esta discussão, principalmente de “teorias” como a da incrustação.

De todo modo, a leitura deste capítulo permitirá ao leitor tomar contato com o pensamento científico, ainda difuso, que vogava à época do Codificador. (N.R.)

¹²³ Final do século XVIII e a primeira metade do século XIX. (N.T.)

¹²⁴ **Georges Louis Leclerc de Buffon:** naturalista e escritor francês (Montbard, 1707 – Paris, 1788). Autor de *História Natural e Épocas da Natureza* publicadas de 1749 a 1788. Teve a intuição da formação do globo, da evolução das espécies, da transformação do Universo. Sua famosa frase “O estilo é o próprio homem” ainda é frequentemente lembrada na Literatura. Ela significa que, enquanto a concepção das ideias é propriedade comum da humanidade, a maneira de as exprimir, o estilo, é um dom peculiar ao escritor, pelo qual se avaliam o seu talento e a sua originalidade. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

Capítulo VIII

plano, percorrendo órbitas cuja inclinação não ultrapassa 7 graus e meio, Buffon concluiu, em razão dessa uniformidade, que eles deveriam ter sido colocados em movimento pela mesma causa.

Segundo sua concepção, sendo o Sol uma massa incandescente em fusão, ele presumiu que um cometa chocou-se obliquamente com ele e, raspando a sua superfície, destacou uma porção da sua matéria que, projetada no espaço pela violência do choque, se dividiu em muitos fragmentos. Estes fragmentos formaram os planetas, que continuaram a se mover circularmente, pela combinação da força centrífuga e da centrípeta, no sentido imprimido pela direção do choque inicial, ou seja, no plano da eclíptica.

Os planetas seriam assim partes da substância incandescente do Sol e, conseqüentemente, teriam sido, eles mesmos, incandescentes na sua origem. Para se resfriarem e se solidificarem, levaram um tempo proporcional aos seus volumes e, quando a temperatura permitiu, a vida surgiu nas suas superfícies.

Em razão da diminuição gradual do calor central, a Terra, após um certo tempo, chegaria ao resfriamento total, a massa líquida seria inteiramente congelada e o ar, cada vez mais condensado, acabaria desaparecendo. As baixas temperaturas tornariam a vida impossível, resultando na redução e posterior desaparecimento de todos os seres organizados. O resfriamento, que começou pelos polos, se estenderia gradativamente por todas as regiões, até o Equador.

Segundo Buffon, esse é o estado atual da Lua que, menor do que a Terra, seria atualmente um mundo extinto, do qual a vida doravante se acha excluída. O próprio Sol teria, um dia, o mesmo destino. De acordo com os seus cálculos, a Terra teria gasto cerca de 74.000 anos para chegar à temperatura atual e, dentro de 93.000 anos, ela veria o fim da existência da Natureza organizada.

2. A teoria de Buffon, contestada pelas novas descobertas da Ciência, está hoje praticamente abandonada, pelas seguintes razões:

1^a) Durante muito tempo, acreditou-se que os cometas eram corpos sólidos, cujo encontro com um planeta poderia ocasionar a destruição deste planeta. A partir dessa hipótese, a suposição de Buffon não tinha nada de improvável. Porém, sabe-se agora que os cometas são formados de matéria gasosa, condensada, bastante rarefeita, entretanto, a ponto de se poder observar estrelas de grandeza média através dos seus núcleos. Nesse estado, oferecendo menos resistência que o Sol, um choque violento capaz de projetar no espaço uma porção da massa solar é algo impossível.¹²⁵

2^a) A natureza incandescente do Sol é também uma hipótese que nada, até o presente, veio confirmar e que as observações, ao contrário, parecem desmentir. Embora ainda não se tenha certeza quanto à sua natureza, o poder dos meios de observação de que se dispõe atualmente permitem estudá-lo melhor. Agora geralmente é admitido pela Ciência que o Sol é um globo composto de matéria sólida, cercada por uma atmosfera luminosa (a fotosfera), que não se acha em contato com a sua superfície.

¹²⁵ Atualmente, a Ciência define os cometas como sendo um bloco de gelo e rocha com alguns quilômetros de extensão. Eles seriam refugos do nascimento do sistema solar. Quando a órbita de um cometa o leva para perto do Sol, o gelo superficial se evapora, formando uma grande cabeça de vapor, que, varrida pelo vento solar, assume a forma de uma longa cauda. Este fenômeno dura apenas algumas semanas, quando então o cometa volta aos gélidos confins do sistema solar.

Até 1986, ano em que a sonda espacial europeia Giotto passou pelo cometa Halley, não se conhecia o núcleo de um cometa.

Conforme nos revelaram os instrumentos da sonda europeia, o núcleo do Halley é um bloco de gelo e rocha, com a forma de uma batata, medindo 16 x 8 km e revestido com matéria mais negra do que o carvão. A sua superfície não é lisa, contendo crateras e montes baixos. Com o calor do Sol, jatos de gás irrompem pela crosta fina, e a poeira da superfície espalha-se pelo espaço.

Em julho de 1995, 21 fragmentos do cometa Shoemaker-Levy 9, capturados pelo campo gravitacional de Júpiter, alguns do tamanho de uma montanha, precipitaram-se na atmosfera daquele planeta, provocando explosões monumentais, gerando um anel de cogumelos de gases superaquecidos, alguns do tamanho do planeta Terra, que permaneceram visíveis durante semanas, embora não tenham causado grandes danos ao planeta gigante. Mas, caso os fragmentos desse cometa tivessem atingido o nosso orbe, ele teria sido literalmente arrasado.

Assim sendo, verifica-se, nos dias de hoje, que os cometas não são tão inofensivos como se imaginava. À época do Codificador, os instrumentos astronômicos ainda não dispunham de resolução suficiente que permitisse observar os detalhes de um núcleo cometário, o que resultou em considerá-lo mais em função da sua cabeleira.

De todo modo, em relação ao Sol, prevalece a observação de Allan Kardec, uma vez que os cometas, mesmo do porte do que atingiu Júpiter e até maiores, não teriam condições de provocar qualquer dano na nossa estrela, um imenso globo de hidrogênio incandescente, com 1,4 milhões de quilômetros de diâmetro, temperaturas da ordem de 5.500°C na superfície e 14 milhões de graus no núcleo e com uma massa equivalente a 330.000 vezes a massa da Terra. (N.R.)

Capítulo VIII

3ª) No tempo de Buffon, conheciam-se apenas os seis planetas que já eram do conhecimento dos antigos: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Desde então, descobriram-se muitos outros, entre os quais destacamos Juno, Ceres e Palas, que têm as suas órbitas inclinadas de 13, 10 e 34 graus, o que não está de acordo com a hipótese de um movimento único de projeção.¹²⁶

4ª) Verificou-se que eram completamente inexatos os cálculos de Buffon acerca do resfriamento da Terra, desde que Fourier¹²⁷ descobriu a lei do decrescimento do calor. A Terra não teria precisado de apenas 74.000 anos para chegar à temperatura atual, mas de alguns milhões de anos.¹²⁸

5ª) Buffon levou em consideração apenas o calor interno da Terra, sem levar em conta o calor oriundo dos raios solares. Sabe-se hoje, a partir de dados científicos rigorosamente precisos, fundamentados sobre a experiência que, desde há muito tempo, em virtude da espessura da crosta terrestre, a contribuição do

¹²⁶ Atualmente, sabe-se que Juno, Ceres e Palas são alguns dos mais de 4.000 asteroides identificados pelos astrônomos. Ceres é o maior de todos, com 920 km de diâmetro.

Os asteroides são, na verdade, pedaços de rocha girando em torno do Sol. (Ver foto da p. 461.) Estima-se que existem milhões desses planetoides, alguns com apenas alguns metros de diâmetro. A maioria está no *Cinturão de Asteroides* entre as órbitas de Marte e Júpiter, mas existem alguns fora dessa área. Os Troianos, por exemplo, compartilham a órbita de Júpiter, enquanto Apolo e Toro passam pela órbita da Terra, e Hidalgo passa muito além da órbita de Júpiter. O asteroide mais afastado, que parece relacionado com os cometas, é Quíron, em órbita além de Saturno. (Ver foto da p. 473.)

Ao tempo de Buffon não se sabia da existência dos planetas Netuno e Plutão, que só foram descobertos em 1846 e 1930, respectivamente.

Plutão tem uma órbita atípica entre os planetas — sua trajetória é muito alongada, ou elíptica — levando-a a invadir a órbita de Netuno por 20 dos 248 anos da sua translação em torno do Sol. E, ao contrário dos outros planetas, cujas órbitas se encontram num mesmo plano, com apenas alguns graus de inclinação, Plutão apresenta uma órbita inclinada em 17°.

Como as massas de Plutão e da sua lua Caronte são insuficientes para afetar a órbita de Urano, e como Netuno também não segue a trajetória esperada, suspeita-se ainda da existência de um décimo planeta, o Planeta X, com uma órbita ainda mais inclinada do que a de Plutão, provavelmente em ângulo reto (90°) com o plano do restante do sistema solar. (N.R.)

¹²⁷ **Jean Baptiste Joseph, barão de Fourier:** matemático francês (Auxerre, 1768 - Paris, 1830). Descobriu as *séries trigonométricas*, chamadas *séries de Fourier* (1812), instrumento matemático de grande importância. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré.*)

¹²⁸ Nos dias de hoje, estima-se que a Terra tenha iniciado o seu processo de formação há, aproximadamente, 4.600 milhões de anos. O processo de solidificação da crosta teria ocorrido nos primeiros 500 milhões de anos. (N.R.)

calor interno do planeta para a temperatura da superfície exterior é insignificante. As variações que a temperatura sofre são periódicas e devidas à ação preponderante do calor solar (cap. VII, item 25). Uma vez que a ação do calor solar é permanente, enquanto que a do calor interno é nula ou quase nula, a sua diminuição não poderá trazer modificações sensíveis à superfície da Terra. Para que a Terra se tornasse inabitável em função do resfriamento, seria necessária a extinção do Sol.^{129 e 130}

Teoria da condensação

3. A teoria da formação da Terra pela condensação da matéria cósmica é a que prevalece hoje na Ciência, como sendo a melhor justificada pelas pesquisas, a que resolve o maior número de dificuldades e a que se apoia, mais que todas as outras, no grande princípio da unidade universal. É a que foi descrita no cap. VI: *Astronomia Geral*.

Como se vê, esta teoria e a de Buffon levam ao mesmo resultado: o estado primitivo de incandescência do globo, a formação de uma crosta sólida pelo resfriamento, a existência do fogo central e o surgimento da vida orgânica desde que a temperatura a tornou possível. Elas diferem, no entanto, pelo modo de formação da Terra, e é provável que se Buffon vivesse atualmente adotaria outras ideias. São duas rotas diferentes conduzindo ao mesmo fim.

¹²⁹ Para maiores esclarecimentos, veja-se sobre este assunto e sobre a lei do decrescimento do calor: “*Cartas sobre as Revoluções do Globo*”, por Bertrand. (N.A.)

• **Marcel Alexandre Bertrand**: geólogo francês, (Paris, 1847 - id., 1907), é o pai da Tectônica moderna. Tectônica é a parte da Geologia que trata das deformações da crosta terrestre devidas às forças internas que sobre ela se exerceram. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

¹³⁰ Complementando as informações do Codificador sobre as fontes de calor do nosso planeta, poderíamos acrescentar que a temperatura da superfície da Terra se deve à luz solar que ela intercepta. É só eliminar o Sol e o planeta logo se esfria: não para o insignificante frio antártico, não a ponto de os oceanos congelarem, mas para um frio tão intenso que o próprio ar se condensaria, formando uma camada de neve de oxigênio e nitrogênio de dezenas de metros de espessura sobre todo o planeta. A pequena quantidade de energia que escoo do interior quente da Terra seria insuficiente para derreter a neve. (N.R.)

Capítulo VIII

A Geologia estuda a Terra a partir do ponto em que a observação direta é possível. O seu estado anterior, por escapar à experimentação, só pode ser conjectural. Ora, entre duas hipóteses, o bom senso diz que se deve escolher aquela que está sancionada pela lógica e que se mostre mais de acordo com os fatos observados.

Teoria da incrustação

4. Mencionamos esta teoria apenas a título de lembrança — visto que ela nada tem de científico — unicamente porque obteve alguma repercussão nestes últimos tempos, e seduziu algumas pessoas. Ela encontra-se resumida na seguinte carta:

“Deus, segundo a *Bíblia*, criou o mundo em seis dias, quatro mil anos antes da Era Cristã. Eis aí o que os geólogos contestam pelo estudo dos fósseis e os milhares de indícios incontestáveis de antiguidade, que fazem a origem da Terra recuar a milhões de anos, no entanto as *Escrituras* dizem a verdade e os geólogos também. E foi um simples camponês¹³¹ quem os colocou de acordo, ensinando que o nosso mundo não é mais do que um planeta *incrustativo*, muito moderno, porém composto de materiais muito antigos.

Após o arrebatamento do *planeta desconhecido*, que chegara à maturidade, ou de acordo com o que existia no lugar que hoje ocupamos, a alma da Terra recebeu ordem de reunir seus satélites, para formar o nosso globo atual segundo as regras do progresso em tudo e por tudo. Apenas quatro desses astros concordaram com a associação que lhes era proposta. Só a Lua persistiu na sua autonomia, pois os globos também têm o seu livre-arbítrio. Para proceder a essa fusão, a alma da Terra dirigiu um raio magnético atrativo, em direção aos satélites, que colocou em estado cataléptico todo o mobiliário vegetal, animal e hominal que eles trouxeram para a comunidade. A operação só teve por

¹³¹ Sr. Michel de Figagnères (Var), autor de “A Chave da Vida”. (N.A.)

testemunhas a alma da Terra e os grandes mensageiros celestes que a ajudaram nessa grande obra, abrindo aqueles mundos para reunir suas entranhas. Após a soldagem, as águas escoaram para os vazios deixados pela ausência da Lua. As atmosferas se confundiram, e começou o despertar ou a ressurreição dos *germes que estavam em catalepsia*. O homem foi o último a ser tirado do estado de hipnotismo e se viu cercado da luxuriante vegetação do paraíso terrestre e dos animais que pastavam em paz ao seu redor. Tudo isso se podia fazer em seis dias, com trabalhadores tão poderosos como aqueles que Deus encarregara dessa tarefa. O planeta *Ásia* trouxe a raça amarela, a de civilização mais antiga; o *África*, a raça negra; o *Europa*, a raça branca; e o *América*, a raça vermelha. A Lua talvez tivesse trazido a raça verde ou azul.

Assim, certos animais, de que só se encontram os despojos, nunca teriam vivido na Terra atual, mas sido transportados de outros mundos desfeitos devido à velhice. Os fósseis, encontrados em climas sob os quais nunca poderiam ter existido neste mundo, viviam, sem dúvida, em zonas muito diferentes, nos globos onde nasceram. Os despojos que se encontram nos polos aqui na Terra, são de animais que viviam no equador dos mundos a que pertenciam.”

5. Esta teoria tem contra si os mais positivos dados da ciência experimental, além de deixar intocada a questão da origem que ela pretende resolver. Diz, é certo, como se teria formado a Terra, mas não diz como se formaram os quatro mundos que se reuniram para constituí-la.

Se os fatos tivessem se passado dessa maneira, como se explicaria a inexistência de quaisquer vestígios daquelas imensas soldaduras, apesar de terem ido até o interior do planeta? Cada um desses mundos, o *Ásia*, o *África*, o *Europa* e o *América*, trazendo os materiais que lhes eram próprios, teriam, cada um, uma geologia particular, diferente, *o que não acontece*. Ao contrário,

Capítulo VIII

verifica-se inicialmente o núcleo granítico uniforme, de uma composição homogênea em todas as partes do globo, *sem solução de continuidade*.¹³² Por outro lado, as camadas geológicas se apresentam com a mesma formação, de constituição idêntica e em toda a parte superpostas na mesma ordem, contínuas, sem interrupção, de um lado a outro dos mares, da Europa à Ásia, à África, à América, e vice-versa. Essas camadas, testemunhas das transformações do globo, confirmam que tais transformações ocorreram em toda a superfície, e não apenas em uma parte. Também mostram os períodos de aparecimento, de existência e de desaparecimento das mesmas espécies vegetais e animais, igualmente nas diferentes regiões do mundo. Mostram a fauna e a flora desses períodos recuados evoluindo simultaneamente, em toda a parte, sob a influência de uma temperatura uniforme, mudando as suas características por toda a parte, à medida que a temperatura se modifica. Tal situação não combina com a formação da Terra pela junção de muitos mundos diferentes.

Se este sistema tivesse sido concebido há apenas um século, teria podido conquistar um lugar provisório nas cosmogonias especulativas puramente imaginárias e fundamentadas sem um método experimental; mas, atualmente, ela não tem nenhuma vitalidade, e nem mesmo suporta uma análise, porque é contestada pelos fatos materiais.

Sem discutir aqui o livre-arbítrio atribuído aos planetas, nem a questão das suas almas, pergunta-se o que aconteceria com o mar, que ocupa o vazio deixado pela Lua, se esta não tivesse se recusado a se reunir aos seus irmãos; o que aconteceria com a Terra atual se, um dia, a Lua tivesse o capricho de vir recuperar o lugar que lhe pertencia e dele expulsar o mar.

¹³² A expressão “*sem solução de continuidade*” deve ser entendida no contexto da composição da camada granítica. Conforme já mencionamos anteriormente, a crosta terrestre e a camada superior do manto formam a litosfera, que é constituída por placas semirrígidas que derivam umas em relação às outras sobre a astenosfera subjacente (uma camada parcialmente fundida do manto). Para maiores detalhes, veja-se, no cap. VII, item 39, a nota de rodapé 112. (N.R.)

6. Esta teoria seduziu algumas pessoas, porque parecia explicar a presença das diferentes raças humanas na Terra, bem como a sua localização. Mas, uma vez que essas raças puderam se desenvolver em mundos diferentes, por que não poderiam fazê-lo em regiões diferentes de um mesmo globo? É querer solucionar um problema por meio de um outro problema maior ainda. Efetivamente, fosse qual fosse a rapidez e a *habilidade* com que se praticasse a *operação*, essa junção não poderia ser realizada sem abalos violentos. Quanto mais rápida tivesse sido a operação, mais desastrosos seriam os cataclismos. Parece, assim, impossível que *seres simplesmente adormecidos em um sono cataléptico* tenham podido resistir a eles, para, em seguida, despertarem tranquilamente. Se fossem apenas germes, em que consistiriam? Como é que seres já formados teriam sido reduzidos ao estado de germes? Restaria sempre a questão de se saber como esses germes voltaram a se desenvolver. Ainda nesse caso, teríamos a Terra formada por via miraculosa, mas por um outro processo menos poético e menos grandioso que o primeiro, o da Gênese Bíblica, enquanto que as leis naturais dão uma explicação da sua formação muito mais completa, e sobretudo mais racional, deduzida da experiência e da observação.¹³³



¹³³ Quando semelhante teoria se liga a toda uma cosmogonia, pergunta-se sobre que base racional o restante pode se estabelecer.

A concordância que se pretende estabelecer, por meio dessa teoria, entre a Gênese bíblica e a Ciência, é inteiramente ilusória, uma vez que é contestada pela própria Ciência. Por outro lado, todas as crenças saídas do texto bíblico têm por pedra angular a criação de um único casal de onde saíram todos os homens. Desloquem essa pedra, e tudo o que está edificado acima se desmorona. Ora, essa teoria, dando à humanidade uma origem múltipla, é a negação da doutrina que lhe dá um pai comum.

O autor da carta acima, homem de grande saber, seduzido, um instante, por essa teoria, logo lhe percebeu os pontos vulneráveis e não tardou em combatê-la com as armas da Ciência. (N.A.)

Capítulo IX

Revoluções do Globo

**Revoluções gerais ou parciais. Dilúvio bíblico.
Revoluções periódicas. Cataclismas futuros**

Revoluções gerais ou parciais

1. Os períodos geológicos marcam as fases do aspecto geral do globo terrestre, por consequência das suas transformações; mas, à exceção do período diluviano, que se caracterizou por uma transformação repentina, todos os demais períodos transcorreram lentamente, sem transições bruscas. Ao longo do tempo que os elementos constitutivos do planeta levaram para se estabilizar, as mudanças devem ter sido gerais. Com a base consolidada, só devem ter se produzido modificações parciais na superfície.

2. Além das revoluções gerais, a Terra experimentou um grande número de perturbações locais que mudaram o aspecto de certas regiões. Assim como nas transformações gerais, duas causas contribuíram para as perturbações locais: o fogo e a água.

O fogo: seja pelas erupções vulcânicas, que sepultaram sob espessas camadas de cinzas e lavas os terrenos adjacentes, fazendo desaparecer cidades inteiras com os seus habitantes; seja pelos tremores de terra, seja pelos levantamentos da crosta sólida,

Capítulo IX

impelindo as águas para as regiões mais baixas; seja pelos afundamentos, em maior ou menor extensão, dessa mesma crosta, para onde as águas se precipitaram, deixando outras regiões descobertas. Foi assim que surgiram ilhas no meio dos oceanos, enquanto outras desapareceram; que trechos dos continentes se separaram formando ilhas; que braços de mar postos a seco ligaram ilhas aos continentes.

A água: seja pela invasão ou o recuo do mar em certos litorais; seja pelos desmoronamentos que, interceptando o curso das águas, formaram os lagos; seja pelos transbordamentos e as inundações ou pelos aterros formados nas embocaduras dos rios. Estes aterros, fazendo o mar recuar, criaram novas regiões. Esta é a origem, por exemplo, do delta do Rio Nilo, ou Baixo Egito, e do delta do Rio Ródano, ou Camarga, e de tantos outros.

Dilúvio bíblico

3. Pelo exame dos terrenos dilacerados pelo erguimento das montanhas e das camadas que formam os seus contrafortes, pode-se determinar a sua idade geológica. Por idade geológica das montanhas não se deve entender o número de anos de sua existência, mas o período durante o qual elas se formaram, e, por consequência, sua antiguidade relativa. Seria um erro acreditar que essa antiguidade é proporcional à sua elevação ou à sua natureza exclusivamente granítica, uma vez que a massa granítica, ao elevar-se, pode ter perfurado e separado as camadas superpostas.

Provou-se assim, através de pesquisas, que as montanhas dos Vosges, da Bretagne e da Côte-d'Or, na França, que não são muito altas, pertencem às mais antigas formações, datam do período de transição e são anteriores à época em que se formaram os depósitos de carvão. Jura, cadeia de montanhas entre a França e a Suíça, formou-se em meados do período secundário, sendo contemporânea dos répteis gigantes, e os Pireneus, mais tarde, no começo do período terciário. O Monte Branco e o grupo dos Alpes ocidentais são posteriores aos Pireneus, datam da metade do período terciário. Os Alpes orientais, que compreendem as

montanhas do Tirol, são ainda mais recentes, pois só se formaram no final desse mesmo período. Algumas montanhas da Ásia são posteriores ao período diluviano ou lhe são contemporâneas.

Esses levantamentos devem ter ocasionado grandes perturbações locais e inundações mais ou menos consideráveis, pelo deslocamento das águas, a interrupção e a mudança do curso dos rios.¹³⁴

4. O dilúvio bíblico, também designado como o “grande dilúvio asiático”, é um fato cuja existência não pode ser contestada. Deve ter sido causado pelo erguimento de uma parte das montanhas daquela região, como ocorreu no México. Esta opinião é apoiada pela existência, comprovada por pesquisas geológicas, de um mar interior que, outrora, se estendia do Mar Negro ao Oceano Boreal (Ártico). O Mar de Azov e o Mar Cáspio, cujas águas são salgadas, embora não apresentem qualquer comunicação com nenhum outro mar, bem como o Lago Aral e os inúmeros lagos espalhados pelas imensas planícies da Tartária e pelas estepes da Rússia, parecem ser restos daquele antigo mar. Por ocasião do levantamento das montanhas do Cáucaso, uma parte daquelas águas foi empurrada para o norte, em direção ao Oceano Ártico, e a outra parte para o Sul, em direção ao Oceano Índico. Estas águas inundaram e devastaram precisamente a Mesopotâmia e toda a região em que habitaram os antepassados do povo

¹³⁴ *O último século (século XVIII), oferece um exemplo notável de um fenômeno desse gênero. A seis dias de marcha da cidade do México, existia, em 1750, uma região fértil e bem cultivada, onde crescia em abundância arroz, milho e bananas. No mês de junho daquele ano, pavorosos tremores de terra abalaram o solo, e se renovaram continuamente durante dois meses inteiros. Na noite de 28 para 29 de setembro, a terra sofreu uma convulsão violenta: uma região de muitos quilômetros de extensão ergueu-se, pouco a pouco, alcançando a altura de 500 pés, em uma superfície de 60 quilômetros quadrados. O terreno ondulava como as ondas do mar ao vento da tempestade; milhares de montículos se elevavam e afundavam alternadamente; finalmente, abriu-se um abismo com aproximadamente 18 quilômetros, de onde eram lançados, a uma altitude prodigiosa rolos de fumaça, fogo, pedras esbraseadas e cinzas. Seis montanhas surgiram desse abismo hante, entre as quais o vulcão a que foi dado o nome de “Jorullo”, que agora se eleva a 550 metros acima da antiga planície. Quando se iniciaram os abalos do solo, os rios Cuitimba e San Pedro refluíram, inundando toda a planície hoje ocupada pelo Jorullo. Porém, no terreno que se elevava sem cessar, abriu-se outro sorvedouro que absorveu os dois rios. Mais tarde, os dois reapareceram a oeste, em um ponto muito afastado dos seus antigos leitos. (Louis Figuier, em “A Terra Antes do Dilúvio”). (N.A.)*

Capítulo IX

hebreu. Embora esse dilúvio tenha se estendido por uma grande área, sabe-se atualmente, com certeza, que ele foi apenas local e que não foi causado pelas chuvas, visto que, por mais abundantes e contínuas que elas tivessem sido durante quarenta dias, *os cálculos provam que a quantidade de água caída não bastaria para cobrir toda a terra até acima das mais altas montanhas.*

Para os homens daquela época, que conheciam apenas uma extensão muito pequena da superfície terrestre e que não faziam qualquer ideia da sua configuração, desde o momento em que a inundação invadiu as regiões conhecidas, para eles foi como se o fato tivesse ocorrido em toda a Terra. Se acrescentarmos a essa crença a forma criativa e hiperbólica particular ao estilo oriental, já não ficaremos tão surpreendidos com o exagero da narração bíblica.

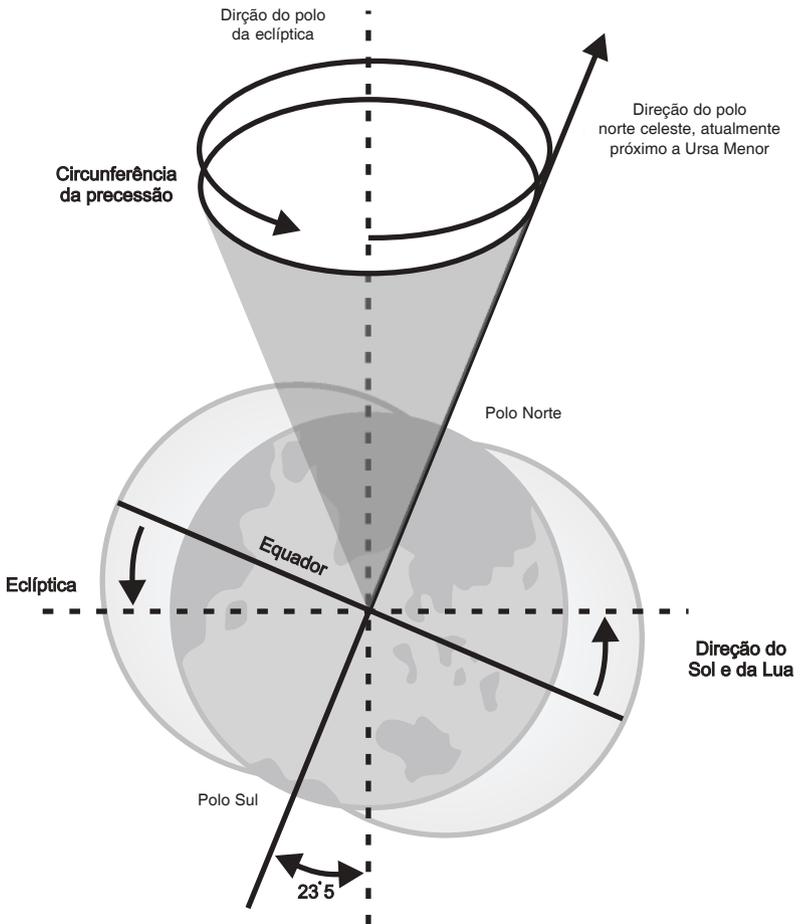
5. O dilúvio asiático foi, evidentemente, posterior ao aparecimento do homem na Terra, uma vez que a sua lembrança se conservou pela tradição de todos os povos daquela região do mundo, ficando consagrada nas suas teogonias.

É também posterior ao grande dilúvio universal que marcou o atual período geológico. Quando se fala de homens e de animais antediluvianos, estamos nos referindo àquele primeiro cataclismo.

Revoluções periódicas

6. A Terra, além do seu movimento anual em torno do Sol, que dá origem às estações, e do movimento de rotação sobre si mesma, em 24 horas, que origina o dia e a noite, tem um terceiro movimento que se completa em cerca de 25.000 anos (mais exatamente, 25.868 anos), e que produz o fenômeno designado em Astronomia sob o nome de *precessão dos equinócios*. Este movimento, que seria impossível explicar em algumas palavras sem o auxílio de figuras e sem uma demonstração geométrica, consiste em uma espécie de oscilação circular, que se pode comparar à oscilação de um pião prestes a parar. Em consequência desta oscilação, o eixo da Terra, mudando de inclinação, descreve um

ESQUEMA DO MOVIMENTO DE PRECESSÃO DA TERRA



Capítulo IX

duplo cone, cujo vértice está no centro do planeta, e as bases abrangem a superfície circunscrita pelos círculos polares, ou seja, uma amplitude de 23 graus e meio de raio.¹³⁵

7. O equinócio é o instante em que o Sol, ao passar de um hemisfério para o outro, encontra-se perpendicular ao equador, o que acontece duas vezes por ano, em 20 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal (norte), e em 22 de setembro, quando ele volta para o hemisfério austral (sul).

Em consequência, porém, da gradual mudança na obliquidade do eixo, o que resulta em mudança também na obliquidade do equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança a cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). É a esse avanço que se deu o nome de *precessão dos equinócios* (do latim “*procedere*”, caminhar para diante, composto de “*proe*”, adiante, e “*cedere*”, ir-se).¹³⁶

¹³⁵ *Uma ampulheta composta de dois vasos cônicos, girando sobre si mesma numa posição inclinada, ou ainda dois bastões cruzados em forma de um “x”, girando sobre seu ponto de interseção, podem dar uma ideia aproximada da figura formada por esse movimento do eixo da Terra. (N.A.)*

¹³⁶ Atualmente, a *precessão dos equinócios* é definida como sendo o movimento cíclico dos equinócios ao longo da *eclíptica*, na direção Oeste, causado pela ação perturbadora do Sol e da Lua sobre a dilatação equatorial da Terra e dos planetas sobre o *plano da órbita* terrestre, e que tem um período aproximado de 25.800 anos. (Ver a figura do Esquema do Movimento de Precessão da Terra.)

Reserva-se o termo *precessão* à parte secular da precessão, enquanto a sua parte periódica de curto período é a *nutação*. A precessão, corresponde a um movimento do eixo terrestre, segundo um cone de semiabertura igual a $23^{\circ}27'$, que é o valor aproximado da obliquidade. A velocidade angular do *ponto vernal* é de *aproximadamente 50 segundos de arco por ano*.

O equinócio é qualquer uma das duas interseções do círculo da eclíptica com o círculo do equador celeste, quais sejam: o equinócio da primavera, ou ponto vernal, e o equinócio do outono, ou ponto de Libra. É o instante em que o Sol, no seu movimento aparente, corta o equador celeste. Nessa data, ocorre a igualdade entre a duração do dia e a da noite em toda a Terra.

O plano da eclíptica é o plano da órbita da Terra ao redor do Sol.

Nutação é a oscilação do eixo da Terra, que faz os polos descreverem *uma pequena elipse em cerca de 18,6 anos*. A nutação se superpõe à precessão e faz com que o eixo dos corpos descreva uma oscilação ao redor do cone de precessão.

Assim sendo, a obliquidade do eixo terrestre sofre apenas *uma pequena variação* em um período de 18,6 anos, não ocorrendo então a situação descrita no item 8 deste capítulo. Com o avanço das pesquisas, verificou-se que as consequências que são atribuídas à precessão dos equinócios, descritas no item 9, estariam mais relacionadas a variações na atividade solar e ao movimento de deriva das placas tectônicas. Para maiores detalhes, veja-se no item 39 do cap. VII, a nota de rodapé 112.

Finalizando, cabe ressaltar a prudência do Codificador que, no 1º § do item 9, ressalta a imprecisão dos conhecimentos de então, considerando-os apenas como presunções. Os estudos que se seguiram permitiram que, hoje, pudéssemos retificá-los. (N.R.)

Com o passar dos anos, esses poucos minutos formam horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que agora acontece no mês de março, em um dado tempo acontecerá em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro, e então, o mês de dezembro terá a temperatura do mês de março, e março, a de junho e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as estações se encontrarão de novo na situação atual, o que acontecerá após 25.868 anos, para recomeçar, indefinidamente, a mesma revolução.¹³⁷

8. Desse movimento cônico do eixo resulta que os polos da Terra não têm sempre diante de si os mesmos pontos do céu; que a Estrela Polar não será sempre estrela polar; que os polos gradativamente se inclinam mais ou menos para o Sol e recebem dele raios mais ou menos diretos, donde se segue que a Islândia e a Lapônia (Finlândia), por exemplo, localizadas sob o círculo polar ártico, poderão, em dado tempo, receber os raios solares como se estivessem na latitude da Espanha e da Itália e que, no extremo oposto, a Itália e a Espanha poderão ter a temperatura da Islândia e da Lapônia (Finlândia), e assim por diante, a cada reinício do período de 25.000 anos.

9. As consequências desse movimento não puderam ainda ser determinadas com precisão, uma vez que só foi possível observar uma pequena parte da sua revolução. Assim, não há mais do que suposições a esse respeito, das quais algumas têm uma certa probabilidade.

¹³⁷ A “precessão dos equinócios” ocasiona uma outra mudança: a da variação da posição dos signos do zodíaco. Com a Terra girando em torno do Sol ao longo de um ano, à medida que ela avança, o Sol, a cada mês, encontra-se diante de uma nova constelação. Essas constelações são em número de doze, a saber: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. São chamadas de constelações zodiacais, ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês de nascimento de um indivíduo, diz-se que ele nasceu sob tal signo; daí os prognósticos da Astrologia. Mas, em virtude da “precessão dos equinócios”, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações que há 2.000 anos, por exemplo, quem nasce no mês de julho, não está mais no signo de Leão, mas no de Câncer. Cai, assim, a ideia supersticiosa ligada à influência dos signos. (Cap. V, item 12.) (N.A.)

Capítulo IX

Essas conseqüências são:

1ª) O aquecimento e o resfriamento alternados dos polos e, conseqüentemente, a fusão dos gelos polares durante a metade do período de 25.000 anos e a sua nova formação ao longo da outra metade desse período. De onde resultaria que, os pólos não estariam condenados a uma esterilidade perpétua, mas, a seu turno, também desfrutariam dos benefícios da fertilidade.

2ª) O deslocamento gradual do mar, que invadia pouco a pouco algumas regiões, enquanto descobria outras, para abandoná-las de novo e voltar ao seu antigo leito. Esse movimento periódico, renovado indefinidamente, constituiria uma verdadeira maré universal de 25.000 anos.

A lentidão com que se realiza esse movimento do mar torna-o quase imperceptível para cada geração, mas ele é sensível ao longo de alguns séculos. Esse movimento não pode causar nenhum cataclismo súbito, porque os homens se retiram, de geração em geração, à proporção que o mar avança, e ocupam os terrenos de onde o mar se retira. É a esta causa, mais que provável, que alguns cientistas atribuem a retirada do mar de certos litorais e a sua invasão em outros.

10. O deslocamento lento, gradual e periódico do mar é um fato confirmado pela experiência e atestado por numerosos exemplos em todos os pontos do planeta. Ele tem, como conseqüência, a manutenção das forças produtivas da Terra. Essa longa imersão é um período de repouso para o solo, ao longo do qual as terras submersas recuperam os princípios vitais gastos em um também longo período de produção. Os imensos depósitos de matérias orgânicas, formados pela permanência das águas durante séculos e séculos, são adubos naturais, periodicamente renovados, e as gerações se sucedem sem se aperceberem destas mudanças.¹³⁸

¹³⁸ Entre os fatos mais recentes que provam o deslocamento do mar, podemos citar os seguintes:

No Golfo da Gasconha, entre o velho Soulac e a Torre de Cordouan, quando o mar está calmo, percebe-se no fundo da água a presença de trechos de uma muralha: são os restos de uma



Cataclismos futuros

11. As grandes comoções da Terra aconteceram em uma época em que a crosta sólida, por sua pequena espessura, oferecia apenas uma frágil resistência à efervescência das matérias incandescentes do interior. À proporção que a crosta foi se consolidando, elas foram diminuindo de intensidade e de frequência. Muitos vulcões encontram-se hoje extintos, outros foram encobertos por terrenos de formação posterior.

Certamente, ainda poderão ocorrer perturbações locais, por efeito de erupções vulcânicas, pela eclosão de alguns novos vulcões, por inundações súbitas de certas regiões, pelo surgimento de algumas ilhas e a submersão de outras, porém, passou o tempo dos cataclismos gerais, como os que marcaram os grandes períodos geológicos. A Terra adquiriu uma estabilidade que, embora não seja invariável, doravante coloca o gênero humano a salvo de perturbações gerais, a menos que ocorram por causas desconhecidas, estranhas ao nosso globo, e que nada poderia fazer prever.

12. Quanto aos cometas, hoje em dia se está plenamente tranquilo em relação à influência que exercem, mais salutar que

antiga e grande cidade, Noviomagus, invadida pelas ondas em 580. O rochedo de Cordouan, que então se achava ligado ao litoral, está agora a 12 quilômetros de distância.

No Mar da Mancha, na costa do Havre, o mar ganha terreno dia após dia, minando as falésias de Sainte-Adresse, que vão desmoronando pouco a pouco. A dois quilômetros da costa, entre Sainte-Adresse e o cabo de Hève, existe o banco d'Eclat que outrora se encontrava emerso e ligado à terra firme. Antigos documentos atestam que nesse lugar, onde se navega nos dias de hoje, existia a aldeia de Saint-Denis-chef-de-Caux. Com a invasão do mar no século XIV, a igreja foi tragada em 1378. Dizem que, com bom tempo, é possível observar os seus restos no fundo do mar.

Em quase toda a extensão do litoral da Holanda, o mar só é contido por diques que, vez por outra, se rompem. O antigo Lago Flevo, que se juntou ao mar em 1225, hoje forma o Golfo de Zuyderzée. Essa irrupção do oceano trouxe muitas povoações.

De acordo com esta hipótese o território de Paris e da França, um dia seria novamente ocupado pelo mar, como já ocorreu diversas vezes, conforme demonstram as pesquisas geológicas. Então, as regiões montanhosas formarão ilhas, tais como Jersey, Guernsey e a Inglaterra, que no passado já foram ligadas ao continente.

Será então possível navegar por regiões que hoje são percorridas por trens. Os navios aportarão em Montmartre, no Monte Valeriano, e nas colinas de Saint-Cloud e de Meudon. Os bosques e as florestas, que hoje são locais de lazer, ficarão sepultados sob as águas, cobertos de limo e repletos de peixes em lugar dos pássaros.

Esse fenômeno não pode ter sido a causa do dilúvio bíblico, uma vez que a invasão das águas foi repentina e durou pouco tempo, ao passo que, de outro modo, essa permanência teria sido de milhares de anos e ainda persistiria, sem que os homens se apercebessem dela. (N.A.)

Capítulo IX

nociva, por parecerem destinados a revitalizar os mundos, se assim pudermos nos expressar, trazendo-lhes os princípios vitais que armazenam durante sua corrida pelo espaço e na aproximação com os sóis. Assim, eles seriam antes uma fonte de prosperidade que mensageiros de desgraças.

Por sua natureza fluídica, atualmente constatada, (cap. VI, item 28 e ss.) o receio de choques violentos deve ser afastado, uma vez que se um deles viesse de encontro a Terra, esta o atravessaria, como se passasse através de um nevoeiro.

Menos temível é a sua cauda, ela não é mais que o reflexo da luz solar na imensa atmosfera que os envolve, tanto assim que se acha sempre voltada para o lado oposto ao Sol, mudando a sua direção de acordo com o posicionamento do cometa em relação àquele astro. Essa matéria vaporosa também poderia, em virtude da rapidez da sua marcha, formar uma espécie de cabeleira, como a esteira deixada por um navio em movimento, ou a fumaça de uma locomotiva. Aliás, muitos cometas já se aproximaram da Terra, sem lhe causarem qualquer dano. Em virtude da grande diferença de massa, a Terra exerceria sobre o cometa uma atração maior que a do cometa sobre a Terra. Somente resquícios de velhos preconceitos podem fazer com que a presença de um cometa inspire terror.¹³⁹

13. A possibilidade da colisão da Terra com um outro planeta também deve ser relegada para o rol das hipóteses quiméricas.

¹³⁹ *O cometa de 1861, atravessou a órbita da Terra a 20 horas de distância do nosso planeta. A Terra esteve, portanto, mergulhada na esteira vaporosa do cometa, sem que lhe ocorresse qualquer acidente. (N.A.)*

• Atualmente, com o avanço dos instrumentos de observação e com o envio de uma nave não tripulada (a sonda europeia Giotto) às proximidades do cometa Halley, sabemos que o núcleo cometário é sólido, formado por gelo e rocha, e que um impacto direto com um planeta como a Terra poderia causar graves danos. De todo modo, concordamos com o Codificador em relação aos receios de um choque, uma vez que a probabilidade da sua ocorrência é muito pequena.

As observações atuais também permitiram concluir que a cabeleira cometária é formada pelo vento solar, o que faz com que estejam sempre orientadas na direção oposta à direção do Sol.

O vento solar é um fluxo de partículas eletricamente carregadas que se constituem, em geral, de prótons e elétrons, e que são emitidas permanentemente pelo Sol. Elas constituem o plasma interplanetário.

Para maiores detalhes acerca dos cometas, veja-se também no cap. VIII, no item 2, a nota de rodapé 125. (N.R.)

A regularidade e a invariabilidade das leis que presidem os movimentos dos corpos celestes suprimem toda probabilidade de um tal encontro.¹⁴⁰

A Terra, no entanto, terá um fim. Como? Isso é impossível de prever, mas, visto que ela ainda está longe da perfeição que poderá alcançar e do envelhecimento que seria um sinal de declínio, os seus habitantes atuais podem estar certos de que tal fato não ocorrerá em sua época. (Cap. VI, item 48 e ss.).¹⁴¹

14. Fisicamente, a Terra teve as convulsões da sua infância, agora, entrou em um período de estabilidade relativa, no do progresso pacífico, que se realiza pelo retorno regular dos mesmos fenômenos físicos e o concurso inteligente do homem. Porém, *ela ainda está em pleno trabalho de gestação do progresso moral. Aí residirá a causa das suas maiores comoções. Até que a humanidade haja crescido o suficiente em perfeição, pela inteligência e pela observância das leis divinas, as maiores perturbações serão causadas mais pelos homens que pela natureza, isto é, serão antes morais e sociais que físicas.*



¹⁴⁰ O movimento orbital dos planetas em torno do Sol é regido por três propriedades que foram descobertas empiricamente por Johannes Kepler, ficando conhecidas como *Leis de Kepler*, e que podem ser enunciadas do seguinte modo:

1ª Lei: os planetas descrevem elipses das quais o Sol é um dos focos;

2ª Lei: as áreas percorridas pelo raio vetor (reta que une um planeta ao Sol), são proporcionais ao tempo gasto em percorrê-las;

3ª Lei: os quadrados dos tempos de revolução são proporcionais aos cubos dos semieixos maiores das órbitas.

As Leis de Kepler podem ser deduzidas a partir da gravitação universal de Newton. Elas se aplicam aos outros sistemas, quer sejam eles constituídos de dois corpos (estrelas duplas), quer sejam formados por um astro central preponderante (satélites dos planetas). (N.R.)

¹⁴¹ Atualmente, de acordo com as pesquisas mais recentes realizadas pela astrofísica, aceita-se como verdade que o nosso Sol está com aproximadamente cinco bilhões de anos (terrestres) de existência e ainda existirá aproximadamente por mais cinco bilhões de anos, quando então esgotará o seu combustível nuclear, o hidrogênio. Após o esgotamento do hidrogênio, as pressões internas, atualmente compensadas pela gigantesca pressão do colapso gravitacional da massa solar, farão com que o Sol se expanda, transformando-se em uma estrela gigante vermelha, que ocupará o espaço das órbitas dos planetas Mercúrio, Vênus, Terra e, possivelmente, Marte, que assim, serão crestados pelas elevadas temperaturas solares. Mas, conforme colocou o Codificador, tal só ocorrerá daqui a milhares de milhões de anos. (N.R.)

Capítulo X

Gênese Orgânica

**Formação primária dos seres vivos.
Princípio vital. Geração espontânea.
Escala dos seres orgânicos. O homem**

Formação primária dos seres vivos

1. Houve um tempo em que os animais não existiam, portanto, eles tiveram um começo. Cada espécie foi aparecendo à medida que o globo adquiria as condições necessárias à sua existência: eis o que é positivo. Porém, como se formaram os primeiros indivíduos de cada espécie? Compreende-se que, a partir da existência de um primeiro casal, os indivíduos se multiplicaram. Mas, esse primeiro casal, de onde saiu? Esse é um dos mistérios relacionados à origem das coisas e sobre os quais só podemos formular hipóteses. Se a Ciência ainda não pode resolver completamente o problema, pode, pelo menos, ajudar a achar a sua solução.

2. A primeira questão que se apresenta é esta: cada espécie animal surgiu de um *primeiro casal*, ou de vários casais criados, ou, se preferirem, *germinados* simultaneamente em diversos lugares?

Capítulo X

Esta última hipótese é a mais provável, pode-se mesmo dizer que ela resulta da observação. Com efeito, existe em uma mesma espécie uma infinita variedade de gêneros que se distinguem por caracteres, mais ou menos distintos. Seria preciso, necessariamente, ao menos um tipo para cada variedade, apropriada ao meio onde foi destinada a viver, já que cada uma se reproduziu identicamente a mesma.

Por outro lado, a vida de um indivíduo, sobretudo a de um recém-nascido, está sujeita a tantas eventualidades, que, sem a pluralidade dos tipos primitivos, toda uma espécie poderia ser extinta, o que não estaria de acordo com a providência divina. Aliás, se um tipo pôde se formar em um local, não há razão para que ele não possa, pela mesma causa, formar-se em muitos outros.

Enfim, a observação das camadas geológicas atesta a presença, nos terrenos com a mesma formação, e isso em grandes proporções, da mesma espécie nos pontos mais afastados do globo. Esta multiplicação tão geral, e de algum modo contemporânea, teria sido impossível com um tipo primitivo único.¹⁴²

Portanto, tudo concorre para provar que houve criação simultânea e múltipla dos primeiros casais de cada espécie vegetal e animal.¹⁴³

¹⁴² Ainda no século XIX, o naturalista inglês Charles Darwin publicou os resultados das suas pesquisas no campo da evolução das espécies no seu famoso trabalho *Da Origem das Espécies pela Seleção Natural*.

Segundo Darwin, as espécies teriam evoluído umas das outras pelo processo da seleção natural, ou seja, os indivíduos mais aptos a sobreviver em um determinado ambiente, apresentam maior probabilidade de gerar uma prole que herde as suas características genéticas, que por sua vez sofrem imperceptíveis mutações genéticas de geração em geração. Ao longo dos evos, o acúmulo de pequenas mutações nos genes dos indivíduos mais aptos, acaba resultando em grandes modificações e aperfeiçoamentos em relação à, digamos assim, primeira geração daquela espécie, alterações às vezes tão significativas que resultam em novas espécies bastante diversas daquela original.

Assim sendo, a teoria mais aceita pela Ciência atualmente, é a de que todas as espécies existentes no planeta Terra estão, de alguma forma, interligadas, da mais simples à mais aperfeiçoada, provindo todas de um único indivíduo que teria surgido há, aproximadamente, 3.600 milhões de anos.

O grande desafio, nos dias de hoje, é o de se determinar como teria surgido esse primeiro indivíduo, ou seja, como teria surgido a vida no planeta Terra. A teoria mais aceita na atualidade é a *Teoria de Oparin*. Para maiores detalhes, veja-se no item 23, cap. X, a nota de rodapé 163. (N.R.)

¹⁴³ Com os conhecimentos atuais poderíamos fazer a mesma afirmação, só que em outros termos, em função da constatação de que os indivíduos de uma espécie provêm, por evolução, de outras espécies, o mais das vezes extintas nos dias de hoje.



3. A formação dos primeiros seres vivos pode se deduzir, por analogia, da mesma lei segundo a qual se formaram, e se formam todos os dias, os corpos (compostos) inorgânicos. À medida que nos aprofundamos nas leis da Natureza, vemos seus mecanismos, que, a princípio, pareciam tão complicados, se simplificarem e se confundirem na grande lei da unidade que preside a toda a obra da criação. Isso ficará melhor compreendido, quando tivermos dominado o conhecimento da formação dos corpos (compostos) inorgânicos, que é o primeiro degrau para a compreensão da formação dos seres vivos.¹⁴⁴

4. A Química considera como elementares um certo número de substâncias, tais como: o oxigênio, o hidrogênio, o azoto (nitrogênio), o carbono, o cloro, o iodo, o flúor, o enxofre, o fósforo e todos os metais. A combinação desses elementos forma os corpos (substâncias) compostos, como os óxidos, os sais, os álcalis, os ácidos e as inúmeras substâncias que resultam da combinação deles.

A combinação de dois corpos (de duas substâncias) para formar um terceiro, requer a existência de determinadas condições, como calor, secura ou umidade, o estado de repouso ou de movimento, uma corrente elétrica, etc. Se as condições necessárias não estiverem presentes, a combinação não se realiza.

5. No momento em que ocorre a combinação, os corpos (substâncias) componentes perdem suas propriedades características, enquanto o composto dela resultante apresenta novas propriedades, diferentes das primeiras. É assim, por exemplo, que o hidrogênio e o oxigênio, que são gases invisíveis, quando

Assim sendo, é verdadeiro que a geração de uma espécie foi simultânea e múltipla, porque, à época do seu surgimento, ou seja, quando as características dessa espécie ficaram bem definidas em uma determinada geração dos indivíduos que evoluíam, existiam muitos indivíduos da espécie que originou esta espécie atual. (N.R.)

¹⁴⁴ Corroborando as palavras do Codificador, caberia acrescentar que, atualmente, as leis da Química Inorgânica já estão bem compreendidas, e que o desenvolvimento do que conhecemos hoje como *Química Orgânica*, subdivisão da Química que estuda os compostos orgânicos, contribuiu para a explicação do surgimento e evolução dos seres vivos. Um fato muito importante na história deste ramo da Química, foi a descoberta, na década de 50 do século XX, dos ácidos nucleicos, o DNA (ácido desoxirribonucleico) e o RNA (ácido ribonucleico), existentes no núcleo das células, e que contêm todas as informações genéticas necessárias à reprodução dos seres vivos. (N.R.)

Capítulo X

combinados quimicamente, formam a água, que se apresenta líquida, sólida ou sob a forma de vapor, de acordo com a temperatura. Na água, a bem dizer, já não há o oxigênio e o hidrogênio, mas uma nova substância. Decompondo-se a água, os dois gases, tornando-se livres, recuperam as suas propriedades, e não existe mais água. A mesma quantidade de água pode, assim, ser alternadamente decomposta e recomposta infinitas vezes.¹⁴⁵

Na mistura simples não há produção de uma nova substância, e as substâncias misturadas conservam suas propriedades intrínsecas que são simplesmente enfraquecidas, como o vinho misturado com a água. É assim que uma mistura simples de 21 partes de oxigênio e 79 partes de azoto (nitrogênio) forma o ar que respiramos, enquanto que uma combinação química de 5 partes de oxigênio e 2 de azoto (nitrogênio) produz o ácido nítrico.¹⁴⁶

6. A composição e a decomposição das substâncias ocorrem em virtude do grau de afinidade química que existe entre os princípios elementares.¹⁴⁷ A formação da água, por exemplo, resulta da afinidade entre o hidrogênio e o oxigênio, mas se colocarmos junto à água um elemento que possua maior afinidade com o oxigênio do que o hidrogênio, a água se decompõe, o oxigênio é absorvido, o hidrogênio torna-se livre, e não há mais água.

7. As substâncias compostas se formam sempre em proporções definidas, isto é, pela combinação de uma determinada

¹⁴⁵ Cabe observar que o hidrogênio e o oxigênio são gases invisíveis na temperatura ambiente. A baixíssimas temperaturas também passam às fases líquida e sólida. Na verdade, o oxigênio e o hidrogênio estão superaquecidos na temperatura ambiente, razão pela qual são invisíveis. A água, quando superaquecida, também assume o estado de um vapor invisível. (N.R.)

¹⁴⁶ Além do oxigênio e do nitrogênio, a atmosfera do planeta Terra também contém outros gases, principalmente o gás nobre argônio, em pequenas proporções, 1%. Os gases nobres são assim chamados porque, por serem estáveis, ou pouco reativos, não se combinam com nenhum outro elemento.

A razão para tal, é o fato dos gases nobres já possuírem 8 elétrons no nível de valência ou, no caso do hélio, que só possui a primeira camada, 2 elétrons.

Quando os elementos se combinam, o fazem para que a última camada da nuvem eletrônica dos átomos que estão reagindo, “trocando” ou “compartilhando” elétrons, alcancem 8 ou 2 elétrons. Essa é a condição para que ocorra a estabilidade química, é a chamada *Lei dos Octetos*.

Os gases nobres são: hélio, neônio, argônio, criptônio, xenônio, e radônio. (N.R.)

¹⁴⁷ A lei de afinidade citada pelo Codificador é conhecida nos dias de hoje como *eletronegatividade*, que é a maior ou menor tendência de um átomo para receber elétrons e formar um íon negativo. (N.R.)

quantidade dos elementos que as constituem. Assim, para formar a água, é preciso uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio. Mesmo que se colocasse, nas mesmas condições, uma proporção maior de um ou de outro dos dois gases, ali haveria sempre a quantidade absorvida desejada e o excesso ficaria livre. Se, em outras condições, combinarmos duas partes de oxigênio com duas de hidrogênio, ao invés de água, teremos o peróxido de hidrogênio,¹⁴⁸ que é um líquido corrosivo, embora formado dos mesmos elementos que formam a água, mas em proporções diferentes.

8. Esta é, em poucas palavras, a lei que preside à formação de todos os corpos da Natureza. A inumerável variedade desses corpos resulta de um muito pequeno número de princípios elementares, combinados em diferentes proporções.

Por exemplo: o oxigênio combinado em determinadas proporções com o carbono, o enxofre e o fósforo, forma, respectivamente, o ácido carbônico, o ácido sulfúrico e o ácido fosfórico. O oxigênio e o ferro formam o óxido de ferro, que é a ferrugem. O oxigênio e o chumbo, ambos inofensivos, dão origem aos óxidos de chumbo, tais como o litargírio, o alvaiade e o mínio, que são venenosos. O oxigênio, combinado com os metais chamados cálcio, sódio e potássio, forma a cal, a soda e a potassa, respectivamente. A cal, combinada com o ácido carbônico, forma os carbonatos de cal ou pedras calcárias, tais como o mármore, o giz, a pedra para construção e as estalactites das cavernas; combinada com o ácido sulfúrico, forma o sulfato de cálcio ou gesso, e o alabastro; combinada com o ácido fosfórico, forma o fosfato de cálcio, que é a base sólida dos ossos. O cloro, combinado com o hidrogênio, forma o ácido clorídrico, e esse combinado com o sódio, forma o cloreto de sódio, ou sal marinho.

9. Todas essas combinações, e milhares de outras, são obtidas artificialmente, em pequenas quantidades, nos laboratórios

¹⁴⁸ O peróxido de hidrogênio é vulgarmente conhecido como água oxigenada. (N.R.)

Capítulo X

de química. No grande laboratório da Natureza elas acontecem espontaneamente em larga escala.¹⁴⁹

Na sua origem, a Terra não continha esses elementos combinados, mas apenas os seus princípios constituintes volatilizados. Quando as terras calcárias, e outras, que se tornaram pedregosas com o passar do tempo, se depositaram em sua superfície, elas não estavam ainda totalmente formadas; mas todas as substâncias primitivas se encontravam, em estado gasoso, na atmosfera. Essas substâncias, precipitadas por efeito do resfriamento, e sob o domínio de circunstâncias adequadas, combinaram-se segundo o grau de sua afinidade molecular; foi então que se formaram as diversas variedades de carbonatos, sulfatos, etc., a princípio dissolvidos na água, depois depositados na superfície do solo.

Suponhamos que, por uma causa qualquer, a Terra voltasse ao seu estado primitivo de incandescência: tudo se decomporia, os elementos se dissociariam, todas as substâncias fusíveis se fundiriam e todas aquelas que fossem volatilizáveis se volatilizariam. Depois, um outro resfriamento levaria a uma nova precipitação, e as antigas combinações se formariam novamente.¹⁵⁰

10. Essas considerações mostram o quanto a Química era necessária para o entendimento da Gênese. Antes de se conhecerem as leis da afinidade molecular era impossível compreender a formação da Terra. Essa ciência esclareceu a questão de um ponto de vista totalmente novo, assim como a Astronomia e a Geologia o fizeram sobre outros pontos.

11. Um dos mais notáveis fenômenos na formação dos corpos sólidos é o da cristalização, que consiste na forma regular que certas substâncias assumem ao passarem do estado líquido ou gasoso para o estado sólido. Essa forma, que varia segundo a natureza da substância, é, geralmente, a dos sólidos geométricos,

¹⁴⁹ Atualmente, as indústrias também produzem em larga escala as substâncias químicas necessárias ao homem. (N.R.)

¹⁵⁰ A nuvem de gás e poeira interestelar, desprendida da nebulosa solar, da qual o nosso planeta se formou, continha todos os elementos que encontramos hoje na Terra. (N.R.)

tais como o prisma, o paralelograma, o cubo e a pirâmide. Toda gente conhece os cristais de açúcar cãndi (açúcar cristalizado). Os cristais de rocha, ou sílica cristalizada, são prismas com seis faces que terminam em uma pirâmide igualmente hexagonal. O diamante é carbono puro ou carvão cristalizado. Os desenhos que se reproduzem nas vidraças no inverno, são devidos à cristalização do vapor d'água (no processo de congelamento), sob a forma de agulhas prismáticas.

A disposição regular dos cristais corresponde à forma particular das moléculas de cada corpo (substância). Essas moléculas, infinitamente pequenas para nós, mas que não deixam de ocupar um certo espaço, ligadas umas às outras pela atração molecular, se arrumam e se justapõem de acordo com a sua forma, de maneira a tomar cada uma o seu lugar em torno do núcleo, ou primeiro centro de atração, e a formar um conjunto simétrico.

A cristalização só se realiza se existirem certas condições favoráveis, fora das quais ela não pode ocorrer: o grau da temperatura (baixa) e o repouso absoluto são condições essenciais. Compreende-se que a temperatura elevada, mantendo as moléculas afastadas umas das outras, não lhes permite a condensação, e com a agitação impossibilitando a formação de uma estrutura simétrica, elas formariam apenas uma massa confusa e irregular, não havendo, portanto, a cristalização propriamente dita.¹⁵¹

12. A lei que rege a formação dos minerais conduz naturalmente à formação dos corpos (compostos) orgânicos.

A análise química mostra que todas as substâncias encontradas nos vegetais e animais são constituídas dos mesmos elementos que formam os corpos (compostos) inorgânicos. Desses elementos, o carbono, o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio são os que desempenham papel de destaque; os demais elementos neles se encontram apenas em pequenas quantidades. Assim

¹⁵¹ Conforme se eleva a temperatura de uma substância, aumenta a agitação das moléculas que a compõem, impedindo a cristalização e mesmo levando a estados de maior desagregação molecular, passando do estado sólido ao líquido e do líquido ao gasoso. (N.R.)

Capítulo X

como no reino mineral, as diferentes proporções em que os elementos se combinam produzem toda a variedade de substâncias orgânicas, e suas diversas propriedades, tais como, nos animais: os músculos, os ossos, o sangue, a bÍlis, os nervos, a massa cerebral e a gordura; nos vegetais: a seiva, a madeira, as folhas, os frutos, as essências, os óleos, as resinas,¹⁵² etc. Assim, tanto na formação dos vegetais como na dos animais, não está incluído nenhum elemento que não se ache, igualmente, no reino mineral.¹⁵³

13. Alguns exemplos comuns farão compreender as transformações que se operam no reino orgânico, pela simples modificação dos elementos constitutivos.

No suco de uva não há ainda nem vinho nem álcool, mas apenas água e açúcar. Quando esse suco amadurece, e ele se acha em condições adequadas, produz-se em seu interior uma

¹⁵² Complementando, caberia observar que os tecidos orgânicos que formam os músculos, os ossos, a massa cinzenta, o sangue, a folha, o caule, etc. são, na verdade, constituídos por células, seres vivos microscópicos que desempenham funções especializadas, necessárias ao funcionamento de cada órgão do ser a que pertencem. A estrutura das células é bastante complexa e só foi melhor estudada e compreendida com o avanço da óptica e da eletrônica, que permitiram o desenvolvimento da instrumentação necessária à observação acurada desses pequeninos seres. Assim sendo, os elementos simples citados pelo Codificador participam da formação de um sem-número de substâncias químicas, como as proteínas e os ácidos nucléicos que, por sua vez, desempenham intrincados papéis no metabolismo celular.

As informações necessárias à formação de um ser vivo estão contidas no núcleo da célula, em uma longa molécula orgânica denominada ácido desoxirribonucléico, ou, resumidamente, DNA. (Ver Segmento de Molécula de DNA.) (N.R.)

¹⁵³ A análise da composição de algumas substâncias, apresentada no quadro abaixo mostra a diferença de propriedades que resulta apenas da diferença na proporção dos elementos constituintes. Assim, teremos para cada 100 partes:

	CARBONO	HIDROGÊNIO	OXIGÊNIO	NITROGÊNIO
<i>Açúcar de cana</i>	42.470	6.900	50.630	-
<i>Açúcar de uva</i>	36.710	6.780	56.510	-
<i>Álcool</i>	51.980	13.700	34.320	-
<i>Azeite de oliveira</i>	77.210	13.360	9.430	-
<i>Óleo de nozes</i>	79.774	10.570	9.122	0.534
<i>Gordura</i>	78.996	11.700	9.304	-
<i>Fibrina</i>	53.360	7.021	19.685	19.934

(N.A.)

transformação, uma reação química a qual se dá o nome de fermentação. Nesta reação, uma parte do açúcar se decompõe; o oxigênio, o carbono e o hidrogênio se separam e se recombina nas proporções necessárias a produzir o álcool. Assim, quando bebemos suco de uva, não estamos bebendo álcool, uma vez que ele ainda não existe.

No pão e nos legumes que comemos, certamente não há carne, nem sangue, nem osso, nem bÍlis, nem matéria cerebral, entretanto, esses mesmos alimentos, decompondo-se e recompondo-se pelo trabalho da digestão, vão produzir essas diferentes substâncias, apenas pela transformação dos seus elementos constitutivos.

Na semente de uma árvore também não há madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos e é um erro pueril acreditar que existiria uma árvore inteira, microscópica, no interior da semente. Ali, não existe oxigênio, nitrogênio e carbono suficiente para formar, sequer, uma folha da árvore. A semente contém um germe que brota quando se encontra em condições adequadas;¹⁵⁴ esse germe se desenvolve através dos nutrientes que haure da terra e pela absorção dos gases da atmosfera. Esses nutrientes, que não são nem madeira, nem folhas, nem flores, nem frutos, infiltram-se na planta, e nela formam a seiva, assim como os alimentos formam o sangue nos animais. Essa seiva, levada pela circulação por todas as partes do vegetal, nutre os diversos órgãos da planta, contribuindo na formação do tronco, das folhas e dos frutos, assim como o sangue contribui na formação dos músculos, ossos, bÍlis, etc., entretanto, temos sempre os mesmos elementos, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, diversamente combinados.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Complementando as informações do Codificador, caberia acrescentar que, com o avanço da Química e da Biologia, sabemos hoje que na semente, como em todos os ovos que presidem à formação dos seres vivos, encontram-se presentes os genes, que contêm o código genético com as informações necessárias à formação da planta. (N.R.)

¹⁵⁵ Conforme enunciado anteriormente por Allan Kardec, além dos elementos que aparecem em maior proporção, existem muitos outros também presentes nos seres vivos, às vezes em quantidades ínfimas, como o iodo e o ferro, mas que, conforme sabemos atualmente, são essenciais à saúde do organismo. (N.R.)

Capítulo X

14. As diferentes combinações dos elementos para a formação das substâncias minerais, vegetais e animais, não podem acontecer se não existirem os meios e as condições propícias; fora dessas circunstâncias, os princípios elementares permanecem em uma espécie de inércia. Mas, uma vez estabelecidas as circunstâncias favoráveis, começa um trabalho de elaboração, ou seja, as reações químicas: as moléculas entram em movimento, se agitam, se atraem, se aproximam, se separam, de acordo com a lei das afinidades químicas e, através de múltiplas combinações, compõem a infinita variedade das substâncias. Quando essas condições desaparecem, cessam as reações, que recomeçam se as condições reaparecem. É assim que a vegetação se fortalece, definha, estaciona e se desenvolve, sob a ação do calor, da luminosidade, da umidade, do frio ou da seca. É assim que uma planta sobrevive em um clima ou em um determinado solo, e definha ou sucumbe em um outro.

15. O que acontece todos os dias sob as nossas vistas, pode nos ajudar a compreender o que se passou na origem dos tempos, porque as leis da Natureza são sempre as mesmas.

Uma vez que os elementos que constituem os seres orgânicos e os inorgânicos são os mesmos, e que nós os vemos, incessantemente, sob o domínio de certas circunstâncias, formar as pedras, as plantas e os frutos, podemos concluir que os corpos dos primeiros seres vivos se formaram, como as primeiras pedras, pela reunião das moléculas elementares, de acordo com a lei das afinidades, à medida que as condições de vida do globo se tornaram propícias a uma ou outra espécie.

A semelhança de forma e de cores, que ocorre na reprodução dos indivíduos de cada espécie, pode ser comparada à semelhança de forma de cada espécie de cristal. Justapondo-se pela ação da mesma lei, as moléculas produzem um conjunto análogo.¹⁵⁶

¹⁵⁶ Na época em que o Codificador compilou esta obra, sabia-se muito pouco acerca dos mecanismos da reprodução dos seres vivos. Hoje, com os avanços da Genética, podemos afirmar que os processos de reprodução de qualquer ser vivo, dependem essencialmente das informações contidas nos genes dos ascendentes do ser que está sendo gerado.



Princípio vital

16. Ao afirmarmos que as plantas e os animais são formados dos mesmos elementos que constituem os minerais, é preciso entender que estamos falando no sentido exclusivamente material, também aqui estamos tratando apenas do corpo.

Sem falar no princípio inteligente, que é uma questão à parte, existe na matéria orgânica um princípio especial, imperceptível, e que ainda não pôde ser definido: é o *princípio vital*. Esse princípio, ativo no ser vivo, é *extinto* no ser morto, mas nem por isso deixa de dar à substância as propriedades características que a distinguem das substâncias inorgânicas. A Química, que decompõe e recompõe a maior parte dos compostos inorgânicos, também conseguiu decompor os corpos orgânicos, mas jamais conseguiu reconstituir sequer uma folha morta, o que prova que há na matéria orgânica alguma coisa que não existe nos compostos inorgânicos.

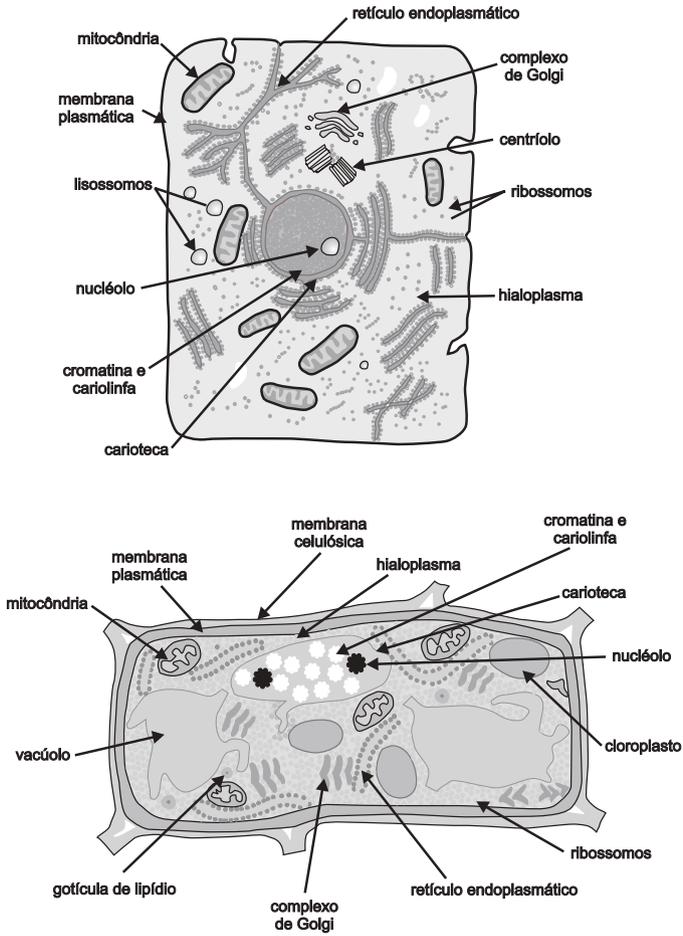
17. Será que o princípio vital é algo distinto, que tem uma existência própria? Ou então, para reentrar no sistema da unidade do elemento gerador, é apenas um estado particular, uma das modificações do fluido cósmico universal que se torna princípio de vida, como se torna luz, fogo, calor ou eletricidade? É neste último sentido que a questão é resolvida pelas comunicações reproduzidas acima. (Cap. VI, Astronomia Geral.)

Porém, qualquer que seja a opinião que se faça sobre a natureza do princípio vital, ele existe, uma vez que observamos os seus efeitos. Pode-se, portanto, admitir logicamente que os seres orgânicos, ao se formarem, assimilaram o princípio vital que era necessário à sua destinação, ou, se preferirem, que esse

O aspecto do indivíduo, bem como as características e funções dos seus órgãos, estão intimamente relacionados ao ambiente onde vive, tornando-o o mais adaptado possível, seja para se camuflar das suas presas ou predadores, seja para que aproveite o que de melhor o ambiente pode oferecer para a sua sobrevivência e, por consequência, a sobrevivência da espécie a que pertence.

Por exemplo, os pelos do urso polar são brancos, para que fique camuflado no gelo e na neve, e as suas patas são adaptadas para não escorregarem no gelo e para impulsionarem o seu nado nos mares gelados; já o urso pardo não possui essas características: como o nome indica, os seus pelos são pardos, pois vive nas florestas temperadas, e as suas patas têm características diferentes. (N.R.)

CÉLULAS ANIMAL E VEGETAL



princípio se desenvolveu, em cada indivíduo, por efeito da combinação dos elementos, assim como se vê, sob o domínio de certas circunstâncias, surgirem o calor, a luz e a eletricidade.

18. Combinando-se o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono, sem o princípio vital, forma-se apenas um mineral ou um corpo inorgânico. O princípio vital, modificando a constituição molecular desse corpo, dá a ele propriedades especiais. Em lugar de uma molécula mineral, tem-se uma molécula de matéria orgânica.

Durante a vida, a atividade do princípio vital é mantida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor gerado pelo movimento de rotação de uma roda. Com a morte, cessada a ação dos órgãos, *o princípio vital se extingue*, assim como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o *efeito* produzido por esse princípio vital sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois da extinção desse princípio, assim como a carbonização da madeira subsiste após a extinção do calor. A Química, através da análise dos corpos orgânicos, determina os elementos que os constituem: oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e carbono, ela, porém, não pode reconstituí-los porque, não existindo mais a *causa*, não é possível reproduzir o *efeito*, ao passo que ela pode reconstituir uma pedra.

19. Tomamos como termo de comparação o calor desenvolvido pelo movimento de uma roda, por ser um efeito comum, conhecido por todos e mais fácil para compreender. Entretanto, seria mais exato dizer que, na combinação dos elementos para a formação dos corpos orgânicos, desenvolve-se *eletricidade*. Os corpos orgânicos seriam, assim, verdadeiras *pilhas elétricas*, que funcionam enquanto os elementos dessas pilhas estão em condições de produzir eletricidade: é a vida; e que deixam de funcionar, quando aquelas condições desaparecem: é a morte. Segundo essa óptica, o princípio vital seria uma espécie particular de eletricidade, denominada de *eletricidade animal*, que se desprende

Capítulo X

durante a vida pela ação dos órgãos, e cuja produção cessa com a morte, pela extinção desta ação.¹⁵⁷

Geração espontânea¹⁵⁸

20. É natural que se pergunte por que não se formam mais seres vivos nas mesmas condições em que se formaram os primeiros seres que surgiram na Terra.¹⁵⁹

A questão da geração espontânea, que hoje preocupa a Ciência, embora não esteja ainda inteiramente resolvida, não pode deixar de lançar luz sobre esse ponto. O problema apresentado é este: nos tempos atuais há a formação de seres orgânicos pela simples reunião dos elementos que os constituem, sem embriões previamente gerados da maneira normal, ou seja, sem pais nem mães?

¹⁵⁷ Esta é uma questão que, à época do Codificador, ainda se encontrava pouco compreendida. Hoje sabemos que o princípio básico da formação dos compostos orgânicos complexos que constituem os seres vivos reside no código genético que existe em cada célula que compõe os diversos tecidos do corpo de um indivíduo. Veja-se o modelo de DNA e a representação esquemática dessa molécula, que contém as informações genéticas da célula.

Na reprodução, a nova célula é formada a partir da duplicação do núcleo da célula-mãe, com base nas informações dos genes. Veja-se as representações esquemáticas da célula animal e da célula vegetal.

Os indivíduos multicelulares, ao se reproduzirem, combinam os seus gametas, que são células especiais que possuem apenas a metade da informação genética. Ao se unirem, completam as informações necessárias, combinando as características dos pais no novo indivíduo que se formará. Nos mamíferos são denominadas de óvulo (gameta feminino) e espermatozoide (gameta masculino).

Hoje também sabemos que o metabolismo celular, na troca iônica denominada de “bomba de sódio-potássio”, produz uma diferença de potencial elétrico, ou seja, produz eletricidade, no caso uma eletricidade animalizada, uma vez que é produzida por um ser vivo, a célula. Essa eletricidade, que contribui para o funcionamento da célula e, por consequência, do órgão que ela compõe, está totalmente de acordo com as características do princípio vital observado por Allan Kardec.

Com a morte da célula, cessa a produção da eletricidade resultante do seu metabolismo. Por extensão, sobrevivendo a morte do indivíduo, ou seja, sobrevivendo a morte de todas as suas células, cessa a produção de eletricidade do conjunto dos órgãos que o compõem, ou resumidamente, do corpo como um todo. O corpo humano de um adulto é composto, em média, por 60 trilhões de células.

A diferença entre esta inferência e a apresentada na Gênese é a da abordagem, uma vez que o Codificador se refere aos órgãos e não às células de que ele se compõe, muito de acordo com o pensamento vigente à época, quando o estudo da estrutura celular ainda estava nos seus primórdios. (N.R.)

¹⁵⁸ Esta seção apresenta uma análise sobre as teorias da *Geração Espontânea*, ou *Abiogênese*, e da *Biogênese*.

A geração espontânea ou *Abiogênese*, é a teoria, segundo a qual, certas formas inferiores de vida poderiam ser geradas através dos agentes físico-químicos das substâncias inorgânicas.

A teoria da *Biogênese* propõe que todo ser vivo provém de outro ser vivo.

A *Abiogênese* permaneceu incontestada até a segunda metade do século XVII, quando o físico e poeta italiano Francisco Redi contestou a proposição de que as larvas da mosca eram geradas na carne em decomposição.

Os partidários da geração espontânea respondem que sim, e se apoiam em observações diretas, que parecem concludentes. Outros pensam que todos os seres vivos se reproduzem uns pelos outros, baseados no fato, que a experiência comprova, de que os germes de certas espécies vegetais e animais, mesmo dispersos, podem conservar, durante longo tempo, uma vitalidade latente, até que as circunstâncias favoreçam à sua eclosão. Essa opinião deixa sempre em aberto a questão da formação dos primeiros tipos de cada espécie.

21. Sem discutir as duas teorias, convém observar que, evidentemente, o princípio da geração espontânea só pode se aplicar aos seres de ordens mais inferiores do reino vegetal e do reino animal, naqueles em que a vida começa a despontar e cujo organismo, extremamente simples, é, de certo modo, rudimentar. Foram esses, efetivamente, os primeiros seres vivos que apareceram na Terra e cuja formação deve ter sido espontânea. Estaríamos assistindo assim a uma criação permanente, análoga à que ocorreu nos primórdios do mundo.

22. Mas, então, por que os seres de organização complexa não se formam da mesma maneira? Esses seres não existiram de todo o sempre, isto é um fato positivo, portanto tiveram um começo. Se o musgo, o líquen, o zoófito, o infusório, os vermes intestinais e outros podem se produzir espontaneamente, por que

O passo fundamental foi dado pelo químico e microbiologista francês Louis Pasteur, que resumiu as suas descobertas no trabalho *Das Partículas Organizadas Existentes no Ar* (1862).

Finalmente, o físico inglês John Tyndall provou, em 1869 (um ano após a publicação da 1ª edição de *A Gênese*), através da projeção de um fecho de luz no interior de um recipiente, que, sempre que havia partículas em suspensão no ar, poderia, eventualmente, ocorrer a putrefação, mas que, quando não havia a presença de partículas no ar, não ocorria a putrefação. Esta experiência colocou um ponto final na questão da geração espontânea.

Esta discussão, pela sua importância, marcou a época em que viveu o Codificador. Nos dias de hoje, fica, para os leitores de *A Gênese*, o caráter histórico que apresenta. (N.R.)

¹⁵⁹ Hoje em dia, com os avanços da Paleontologia, podemos afirmar que os primeiros seres vivos foram formados em condições que já não existem no nosso planeta. O meio ambiente daquelas eras remotas era muito diferente do existente na atualidade. (N.R.)

Capítulo X

não acontece o mesmo com as árvores, os peixes, os cães e os cavalos?¹⁶⁰

Aqui param, por enquanto, as investigações; o fio condutor se perde, e até que ele seja encontrado, o campo fica aberto às hipóteses. Seria, portanto, imprudente e prematuro apresentar teorias como verdades absolutas.

23. Se o fato da geração espontânea está demonstrado, por mais limitado que seja, não deixa de ser um fato capital, um marco que pode indicar o caminho para novas observações. Se os seres orgânicos complexos não se produzem dessa maneira, quem sabe como eles começaram? Quem conhece o segredo de todas as transformações? Quando se vê o carvalho e a bolota (de onde ele nasce), quem pode afirmar que não existe um elo misterioso entre o pólipo¹⁶¹ e o elefante?¹⁶²

¹⁶⁰ Hoje sabemos que todos os seres vivos são formados a partir das informações contidas no código genético dos seus pais. As pesquisas mais recentes no campo da genética permitiram determinar o número de pares (2 bases) existentes no código genético de diversas espécies. Os pares são formados por 2 bases nitrogenadas, das quatro que compõem o DNA, a saber: Adenina (A), Timina (T), Citosina (C) e Guanina (G). Veja-se o modelo de DNA e a representação esquemática dessa molécula em páginas anteriores.

Os pares são, digamos assim, a unidade de informação para a descrição dos passos necessários à formação de um novo indivíduo, seja um organismo unicelular ou multicelular.

Abaixo, apresentamos algumas espécies com o número de pares das suas respectivas moléculas de DNA. Como era de se esperar, quanto mais complexo é o ser vivo, maior o número de pares necessários para descrevê-lo e reproduzi-lo:

INDIVÍDUO	PARES (em milhões)	INDIVÍDUO	PARES (em milhões)
Vírus	0,01	Drosophila (mosca)	180,00
Escherichia Coli (bactéria)	5,00	Tomate	700,00
Fermento	12,00	Rato	3.000,00
Nematódeos (minhoca)	100,00	Homem	3.000,00

(N.R.)

¹⁶¹ **Pólipo:** cada um dos indivíduos de uma colônia de celenterados, que são animais entozoários, radiados, do ramo *Coelenterata*, que tem indivíduos formados por pólipos cilíndricos, sésseis, os quais vivem frequentemente em colônias, ou medusas campanuladas flutuantes. (N.R.)

¹⁶² Corroborando as palavras do Codificador, acrescentamos, à luz dos conhecimentos da atualidade, que esse elo é o código genético, que naquela época já fora pressentido pelo naturalista inglês Charles Darwin na sua *Teoria da Evolução das Espécies*. Para maiores detalhes, veja-se a nota de rodapé 142, relativa ao item 2. (N.R.)

Deixemos ao tempo o cuidado de levar a luz ao fundo desse abismo, se um dia ele puder ser sondado. Esses conhecimentos são interessantes, sem dúvida, sob o ponto de vista da Ciência pura, mas não são eles que influem no destino dos homens.¹⁶³

Escala dos seres orgânicos

24. Não existe delimitação nitidamente traçada entre os reinos animal e vegetal. Nos limites dos dois reinos estão os *zoófitos*, ou *animais-plantas*, cujo nome indica que eles pertencem aos dois reinos, sendo uma espécie de traço de união.¹⁶⁴

As plantas, como os animais, nascem, vivem, crescem, se nutrem, respiram, se reproduzem e morrem. Como os animais, precisam de água, luz e calor para viver; quando lhes falta algum desses elementos, elas definham e morrem. A absorção de ar poluído e de substâncias deletérias pode envenená-las. A sua característica mais acentuada é o fato de permanecerem fixadas ao solo e dele tirarem a sua nutrição, sem se deslocarem.

O zoófito tem a aparência exterior da planta; como planta, mantém-se fixado ao solo; como animal, a vida nele é mais acentuada, ele tira do meio ambiente a sua alimentação.

Um grau acima, o animal é livre e vai procurar o seu alimento: inicialmente, temos as inúmeras variedades de pólipos com corpos gelatinosos, sem órgãos bem definidos, e que só diferem das plantas pela faculdade da locomoção. Depois seguem-se,

¹⁶³ Conforme previu o Codificador, o tempo realmente permitiu que a Ciência avançasse a ponto de, hoje, podermos, com segurança, estabelecer uma teoria, ainda não definitiva, mas que clareia a questão do surgimento da vida no planeta Terra.

Em relação à geração espontânea caberia reafirmar que ela realmente existiu, mas apenas em nível molecular. Poderíamos concluir que, em relação aos conhecimentos da época, o posicionamento de Allan Kardec nessa questão, possivelmente uma das mais controversas do seu tempo, corresponde, *mutatis mutandis*, ao posicionamento, no século XX, do Dr. Alexander Ivanovich Oparin, ao propor a Abiogênese para as moléculas orgânicas complexas, e a Biogênese a partir do surgimento das unidades celulares primeiras na sua teoria do surgimento da vida no planeta Terra. Esta teoria, conhecida como *Teoria de Oparin*, é a mais aceita pela comunidade científica na atualidade. (N.R.)

¹⁶⁴ Complementando a informação, acrescentamos que, com a descoberta do vírus pela Ciência, em 1894, estabeleceu-se uma outra fronteira, agora entre os reinos mineral e animal, uma vez que se constatou que esses microorganismos ora se comportam como cristais, ora como seres vivos, dependendo das condições existentes. (N.R.)

Capítulo X

pela ordem do desenvolvimento dos órgãos, da atividade vital e do instinto: os helmintos ou vermes intestinais; os moluscos, animais carnudos, sem ossos, alguns deles nus, como as lesmas e os polvos, outros providos de conchas, como o caracol e a ostra; os crustáceos, revestidos de uma crosta dura, como o caranguejo, e a lagosta; os insetos, nos quais a vida assume uma atividade prodigiosa e se manifesta o instinto habilidoso, como na formiga, na abelha e na aranha. Alguns sofrem uma metamorfose, como a lagarta, que se transforma em elegante borboleta. Em seguida vem a ordem dos vertebrados, animais com esqueleto, que compreende os peixes, os répteis e os pássaros; finalizando, temos os mamíferos, cuja organização é a mais completa.

O homem

25. Do ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, dos quais difere apenas por pequenas nuanças na forma exterior, do resto, possui a mesma composição química de todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e os mesmos modos de nutrição, de respiração, de secreção e de reprodução. Ele nasce, vive e morre nas mesmas condições e, quando morre, seu corpo se decompõe, como o de tudo o que vive. Não há no seu sangue, na sua carne e nos seus ossos, um átomo a mais nem a menos do que os que são encontrados no corpo dos animais; como estes, ao morrer, ele restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o carbono e o nitrogênio que se haviam combinado para formá-lo; esses elementos, através de novas combinações, irão formar outros corpos minerais, vegetais e animais. A analogia é tão grande, que, sempre que as experiências não podem ser realizadas no próprio homem, as suas funções orgânicas são estudadas em certos animais.

26. Na classe dos mamíferos, o homem pertence à ordem dos *bímanos*. Imediatamente abaixo vêm os *quadrúmanos* (animais de quatro mãos) ou macacos, alguns dos quais, como o *orangotango* e o *chimpanzé*, têm certos trejeitos do homem, a tal ponto que, *por muito tempo, foram denominados de homens das florestas*. Como o homem, esses macacos caminham eretos,

usam cajados, e levam os alimentos à boca com a mão, sinais característicos.

27. Por pouco que se observe a escala dos seres vivos, sob o ponto de vista do organismo, somos forçados a reconhecer que, desde o líquen até a árvore, e desde o zoófito até o homem, há uma cadeia que se eleva gradativamente, sem solução de continuidade, e da qual todos os elos têm um ponto de contato com o elo precedente. *Acompanhando-se passo a passo a escala dos seres, pode-se dizer que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior.* Uma vez que o corpo do homem, no que respeita à sua química e à sua constituição, é idêntico aos outros corpos, já que ele nasce, vive e morre do mesmo modo, ele também deve ter se formado nas mesmas condições.

28. Ainda que isso possa ferir o seu orgulho, o homem deve se resignar a ver no seu *corpo material* apenas o último elo da animalidade na Terra. Aí está o inexorável argumento dos fatos, contra o qual seria inútil ele protestar.¹⁶⁵

¹⁶⁵ O raciocínio apresentado pelo Codificador ao longo dos itens 28 e 29, constitui-se em um dos aspectos mais relevantes da *Teoria da Evolução das Espécies pela Seleção Natural*, de Charles Darwin. Para maiores detalhes, veja-se a nota de rodapé 140, relativa ao item 2.

As pesquisas mais recentes no campo da genética, estreitam mais ainda esses laços ao constatar que todos os seres vivos estão mais ou menos relacionados através do código genético, ou seja, desde o vírus até o homem, todos temos genes em comum, que foram desenvolvidos por ancestrais comuns a todos, em um passado muito remoto.

Na página ao lado, apresentamos uma tabela de indivíduos de diferentes espécies e a respectiva porcentagem de similaridade do seu código genético com o de um homem moderno:

INDIVÍDUO	% DE SOBREPÓSICÃO COM UM HOMEM MODERNO
Escherichia Coli (bactéria intestinal)	15,00
Fermento	30,00
Nematódeos (minhoca)	40,00
Rato	75,00
Vaca	90,00
Chimpanzé	98,40
Outro ser humano	99,90
Parente deste ser humano	99,95

(N.R.)

Capítulo X

Entretanto, quanto mais o corpo diminui de valor aos seus olhos, mais cresce a importância do princípio espiritual. Se o primeiro nivela o homem ao bruto, o segundo o eleva a incomensurável altura. Vemos o limite onde se detém o animal; não vemos o limite que o espírito do homem pode atingir.

29. O materialismo pode ver por aí que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu positivismo, vai ao seu encontro e as provoca, por ter a certeza de que o princípio espiritual, que tem sua existência própria, não pode sofrer nenhum dano com essas descobertas.



Capítulo XI

Gênese Espiritual

Princípio espiritual. União do princípio espiritual e da matéria. Hipótese sobre a origem do corpo humano. Encarnação dos espíritos. Reencarnação. Emigrações e imigrações dos espíritos. Raça adâmica. Doutrina dos anjos decaídos

Princípio espiritual

1. A existência do princípio espiritual é um fato que, por assim dizer, não tem mais necessidade de demonstração que o princípio material. É, de certa forma, uma verdade axiomática. O princípio espiritual se afirma por seus efeitos, como a matéria por aqueles que lhe são próprios.

De acordo com esta máxima: “Todo efeito tendo uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, não há quem não faça a diferença entre o movimento mecânico de um sino agitado pelo vento, e o movimento desse mesmo sino destinado a dar um sinal, um aviso, comprovando por este fato um pensamento, uma intenção. Ora, como não pode ocorrer a ninguém a ideia de atribuir pensamento à matéria do sino, teremos de concluir que ele é movido por uma inteligência, à qual serve de instrumento para se manifestar.

Capítulo XI

Pela mesma razão, a ninguém ocorreria atribuir pensamento ao corpo de um homem morto. Se, quando vivo, o homem pensa, é porque há nele alguma coisa que não existe mais quando está morto. A diferença existente entre ele e o sino é que a inteligência que faz mover o sino está fora dele, enquanto que aquela que anima o corpo do homem está nele mesmo.

2. O princípio espiritual é o corolário da existência de Deus; sem esse princípio, Deus não teria razão de ser, uma vez que não se poderia imaginar a soberana inteligência reinando, pela eternidade afora, apenas sobre a matéria bruta, assim como não se poderia conceber um monarca terreno que reinasse durante toda a sua vida exclusivamente sobre pedras. Como não se pode admitir Deus sem os atributos essenciais da Divindade, a justiça e a bondade, essas qualidades seriam inúteis se elas só pudessem ser exercidas sobre a matéria.

3. Por outro lado, não se poderia conceber um Deus soberanamente justo e bom, criando seres inteligentes e sensíveis, para lançá-los no nada, após alguns dias de sofrimento sem compensações, recreando-se na contemplação dessa sucessão infinita de seres que nascem, sem que o tenham pedido, pensam por um instante para conhecerem apenas a dor, e se extinguem para sempre, após uma efêmera existência.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo. Eis por que o materialismo e o ateísmo são corolários um do outro. Negando a causa, não se pode admitir o efeito; negando o efeito, não se pode admitir a causa. O materialismo é, assim, coerente consigo mesmo, embora não o seja com a razão.

4. A ideia da perpetuidade do ser espiritual é inata no homem; ela existe dentro dele sob a forma de intuição e de aspiração. O homem compreende que somente nisso está a compensação das misérias da vida. Essa é a razão por que sempre houve e haverá cada vez mais espiritualistas do que materialistas, e mais deístas que ateus.

À ideia intuitiva e à força do raciocínio, o Espiritismo acrescenta a sanção dos fatos, a prova material da existência do ser espiritual, da sua sobrevivência, da sua imortalidade e da sua individualidade. Ele torna preciso e definido o que essa ideia tinha de vago e de abstrato. Ele nos mostra o ser inteligente atuando fora da matéria, seja depois, seja durante a vida do corpo.

5. O princípio espiritual e o princípio vital são uma só e a mesma coisa?

Partindo, como sempre, da observação dos fatos, diremos que, se o princípio vital fosse inseparável do princípio inteligente, haveria uma certa razão para confundi-los; mas, como se veem seres que vivem e não pensam, como as plantas; corpos humanos serem ainda animados de vida orgânica, quando já não existe nenhuma manifestação de pensamento; movimentos vitais se produzirem no ser vivo, independentes de qualquer ação da vontade, e que durante o sono a vida orgânica se mantém em plena atividade, enquanto que a vida intelectual não se manifesta por nenhum sinal exterior, é válido admitir-se que a vida orgânica reside em um princípio inerente à matéria, independente da vida espiritual que é inerente ao espírito. Ora, desde que a matéria tem uma vitalidade que independe do espírito, e que o espírito tem uma vitalidade que independe da matéria, torna-se evidente que essa dupla vitalidade resulta de dois princípios diferentes.

6. O princípio espiritual teria a sua origem no elemento cósmico universal? Seria ele apenas uma transformação, um modo de existência desse elemento, como a luz, a eletricidade, o calor, etc.?

Se fosse assim, o princípio espiritual sofreria as vicissitudes da matéria, ele se extinguiria pela desagregação, como o princípio vital; o ser inteligente teria apenas uma existência momentânea como a do corpo, e, ao morrer, retornaria ao nada, ou, o que é equivalente, ao todo universal; isto seria, em uma palavra, a sanção das doutrinas materialistas.

As propriedades *sui generis* que se reconhecem no princípio espiritual provam que ele tem existência própria, independente, uma

Capítulo XI

vez que, se a sua origem estivesse na matéria, ele não teria essas propriedades. Desde que a inteligência e o pensamento não podem ser atributos da matéria, chega-se à conclusão, partindo dos efeitos às causas, de que o elemento material e o elemento espiritual são os dois princípios que constituem o Universo. O elemento espiritual individualizado constitui os seres chamados *espíritos*, assim como o elemento material individualizado constitui os diversos corpos, orgânicos e inorgânicos, da Natureza.

7. Admitindo-se o ser espiritual, e não podendo ele proceder da matéria, qual é a sua origem, o seu ponto de partida?

Aqui, os meios de investigação são absolutamente inexistentes, assim como em tudo o que diz respeito à origem das coisas. O homem pode comprovar apenas o que existe, acerca de tudo o mais, ele só pode formular hipóteses; e, seja porque esse conhecimento ultrapasse o alcance da sua inteligência atual, seja porque, para ele, presentemente, é inútil ou inconveniente possuí-lo, Deus não lho deu nem mesmo através da revelação.

O que Deus lhe transmite por seus mensageiros, e o que, aliás, o próprio homem pode deduzir do princípio da soberana justiça, que é um dos atributos essenciais da Divindade, é que todos têm um mesmo ponto de partida; que todos são criados simples e ignorantes, com a mesma aptidão para progredir através da sua atividade individual; que todos atingirão o grau de perfeição compatível com a criatura pelos seus esforços pessoais; que todos, sendo filhos de um mesmo Pai, são objeto de uma solicitude igual; que não há nenhum mais favorecido ou melhor dotado que os outros, nem dispensado do trabalho que seria imposto aos demais para atingirem a meta.

8. Ao mesmo tempo que Deus criou, desde toda a eternidade, os mundos materiais, ele igualmente criou, desde toda a eternidade, seres espirituais: sem isso os mundos materiais não teriam finalidade. Seria mais fácil imaginarmos os seres espirituais sem os mundos materiais, do que estes últimos sem os seres espirituais. São os mundos materiais que deveriam fornecer aos seres

espirituais os elementos de atividade para o desenvolvimento da sua inteligência.

9. O progresso é a condição normal dos seres espirituais, e a perfeição relativa, o fim que eles devem atingir. Ora, como Deus vem criando, incessantemente, desde toda a eternidade, também tem havido, desde toda a eternidade, seres que atingiram o ponto culminante da escala.

Antes que a Terra existisse, mundos haviam sucedido aos mundos, e, quando a Terra saiu do caos dos elementos, o espaço estava povoado de seres espirituais em todos os graus de adiantamento, desde os que nasceram para a vida até os que, desde toda a eternidade, haviam tomado o seu lugar entre os espíritos puros, vulgarmente chamados de anjos.

União do princípio espiritual e da matéria

10. Devendo a matéria ser o objeto do trabalho do espírito para o desenvolvimento das suas faculdades, seria necessário que ele pudesse agir sobre a matéria, razão pela qual ele veio habitá-la, assim como o lenhador habita a floresta. A matéria tendo que ser, ao mesmo tempo, objeto e instrumento do trabalho, Deus, ao invés de unir o espírito à pedra rígida, criou, para o seu uso, corpos organizados, flexíveis, capazes de receber todos os impulsos da sua vontade e de se prestarem a todos os seus movimentos.

Assim, o corpo é simultaneamente o envoltório e o instrumento do espírito e, à medida que este adquire novas aptidões, reveste um envoltório adequado ao novo gênero de trabalho que deve realizar, assim como se dá a um operário ferramentas menos grosseiras, à medida que ele é capaz de fazer uma obra mais delicada.

11. Para ser mais exato, é preciso dizer que é o próprio espírito que modela o seu envoltório, adequando-o às suas novas necessidades. Ele o aperfeiçoa, desenvolve e completa o seu organismo à medida que experimenta a necessidade de manifestar novas faculdades; em uma palavra, ele o talha de acordo com a sua inteligência. Deus lhe fornece os materiais, cabendo a ele

Capítulo XI

empregá-los. É assim que as raças mais adiantadas têm um organismo, ou, se preferirem, uma ferramenta mais aperfeiçoada do que as raças mais primitivas. Assim também se explica o cunho especial que o caráter do espírito imprime aos traços fisionômicos e às linhas do corpo.*

12. A partir do momento em que um espírito nasce para a vida espiritual, ele deve, para o seu progresso, fazer uso das suas faculdades, inicialmente rudimentares. É por isso que reveste um envoltório adequado ao seu estado de infância intelectual, envoltório que ele deixa para se revestir de um outro, à medida que as suas forças vão aumentando. Ora, como existiram mundos em todos os tempos e esses mundos deram origem a corpos organizados, próprios para receberem espíritos, em todos os tempos os espíritos encontraram, qualquer que fosse o seu grau de adiantamento, os elementos necessários à sua vida carnal.

13. O corpo, sendo exclusivamente material, sofre as vicissitudes da matéria. Depois de funcionar por algum tempo, ele se desorganiza e se decompõe. O princípio vital, não encontrando mais o elemento para a sua atividade, se extingue, e o corpo morre. O espírito, para quem o corpo privado de vida dali em diante torna-se inútil, deixa-o, como se deixa uma casa em ruínas, ou uma roupa imprestável.

14. O corpo, portanto, não passa de um envoltório destinado a receber o espírito, assim sendo, pouco importa a sua origem e materiais com que é construído. Seja ou não uma criação especial, não resta dúvida de que o corpo do homem é formado dos mesmos elementos que formam o corpo dos animais e é animado pelo mesmo princípio vital, ou, por outra, é aquecido pelo mesmo fogo, iluminado pela mesma luz e sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. Este é um ponto sobre o qual não há contestação.

Levando-se em consideração apenas a matéria, e abstraindo-se o espírito, o homem não possui nada que o distinga do animal; mas tudo muda de aspecto quando se faz uma distinção entre a *habitação* e o *habitante*.

* Vide nota explicativa ao final desta obra.

Um grande senhor, esteja ele numa choupana ou vestido como um camponês, não deixará de ser um grande senhor. O mesmo acontece com o homem: não é a sua vestimenta de carne que o situa acima do bruto e dele faz um ser à parte, é o seu ser espiritual, o seu espírito.

Hipótese sobre a origem do corpo humano

15. Da semelhança de formas exteriores que existe entre o corpo do homem e o do macaco, alguns fisiologistas concluíram que o primeiro é apenas uma transformação do segundo. Nisso não há nada de impossível, nem que, se assim for, afete a dignidade do homem. Corpos de macacos podem muito bem ter servido de vestimenta aos primeiros espíritos humanos, necessariamente pouco adiantados, que tenham vindo encarnar na Terra, essas vestimentas foram as mais apropriadas às suas necessidades e mais adequadas ao exercício das suas faculdades que o corpo de qualquer outro animal. Ao invés de ser feita uma vestimenta especial para o espírito, ele teria achado uma pronta. Vestiu-se então da pele do macaco, sem deixar de ser espírito humano, assim como o homem, não raro, se veste com a pele de certos animais sem por isso deixar de ser homem.

Fique bem entendido que se trata aqui apenas de uma hipótese, que de modo algum é colocada como um princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo não prejudica o espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o corpo do macaco não implica em paridade entre o seu espírito e o do macaco.

16. Admitida essa hipótese, pode-se dizer que, sob a influência e por efeito da atividade intelectual do seu novo habitante, o envoltório se modificou, embelezou-se nos detalhes, conservando sempre a forma geral do conjunto. Os corpos aperfeiçoados, ao se procriarem, reproduziram-se nas mesmas condições, como acontece com as árvores enxertadas, e deram origem a uma nova espécie que, pouco a pouco, se afastou do tipo primitivo, à medida que o espírito progrediu. O espírito macaco, que não foi aniquilado, continuou a procriar corpos de macaco para o seu

Capítulo XI

uso, do mesmo modo que o fruto da árvore silvestre reproduz árvores dessa espécie, e o espírito humano procriou corpos de homem, variações do primeiro molde em que ele se estabeleceu. O tronco se bifurcou; produziu um broto, e esse broto se tornou tronco.

Como não há transições bruscas na Natureza, é provável que os primeiros homens que surgiram na Terra diferissem pouco do macaco pela forma exterior, e sem dúvida não muito mais pela inteligência. Nos dias de hoje ainda há selvagens que, pelo comprimento dos braços e dos pés, e pela conformação da cabeça, têm tanta semelhança com o macaco que só falta serem peludos para que a semelhança seja total.¹⁶⁶

Encarnação dos espíritos

17. O Espiritismo nos ensina como se realiza a união do espírito com o corpo na encarnação.

Pela sua essência espiritual, o espírito é um ser indefinido, abstrato, que não pode ter uma atuação direta sobre a matéria, sendo-lhe necessário um intermediário. Esse intermediário é o envoltório fluídico, que faz, de certo modo, parte integrante do espírito, envoltório semimaterial, isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como

¹⁶⁶ Complementando as palavras do Codificador, hoje sabemos, pelas pesquisas que estão em curso, que a evolução da história humana é uma longa sucessão de fatos que se estendem pelos últimos oito milhões de anos, que é a época em que se reconhece que ocorreu a divergência evolutiva que levou a espécie humana para um lado e os macacos para outro.

Presume-se que há aproximadamente quatro milhões de anos os mais antigos antepassados do homem encontravam-se definitivamente estabelecidos na superfície terrestre. Segundo os pesquisadores, o fator determinante da evolução da espécie humana primitiva foi a reestruturação da anatomia, que permitiu a posição erguida (bipedação). Uma das confirmações dessa teoria é a existência de pegadas fossilizadas, de quatro milhões de anos, que conservaram traços inconfundíveis do pé de dois adultos e de uma criança humanos.

Com a liberação das mãos para a realização de novas tarefas, como carregar materiais, manipular objetos e, eventualmente, construir outros novos, o ser humano primitivo foi desenvolvendo progressivamente a sua inteligência, através de diversos estágios, desde o *australopithecus aferensis*, até o *Homo sapiens*, o homem moderno de hoje.

Os fósseis conhecidos de maior antiguidade e que recebem o nome de *Homo*, o *Homo habilis*, remontam a dois milhões e meio de anos. Ele já possuía um cérebro maior, um crânio mais arredondado e um rosto perfeitamente humano. (N.R.)

toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre uma modificação especial. Esse envoltório, denominado *perispírito*, de um ser abstrato faz do espírito um ser concreto, definido, perceptível pelo pensamento, ele o torna apto a atuar sobre a matéria tangível, assim como ocorre com todos os fluidos imponderáveis que são, como se sabe, os mais possantes motores.

O fluido perispiritual é, assim, o traço de união entre o espírito e a matéria. Enquanto o espírito se acha unido ao corpo, ele é o veículo do seu pensamento para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo, que agem sob o impulso da sua vontade, e para repercutir no espírito as sensações produzidas pelos agentes externos. Neste processo, os nervos atuam como fios condutores, assim como, no telégrafo, o fio metálico atua como condutor do sinal elétrico.

18. Quando o espírito tem de encarnar em um corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que é apenas uma expansão do seu perispírito, o liga ao embrião para o qual ele se acha atraído por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o embrião se desenvolve, o laço se estreita. Sob a influência do *princípio vital material do embrião*, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une *molécula por molécula* com o corpo que se forma, de onde se pode dizer que o espírito, por intermédio do seu perispírito, de certa forma, cria *ratzes* nesse embrião, como uma planta na terra. Quando o embrião está inteiramente desenvolvido, a união é completa, e então ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito com a matéria carnal, que se efetuara sob a influência do princípio vital do embrião, quando este princípio deixa de agir, em consequência da desorganização do corpo que conduz à morte, essa união, que era mantida apenas por uma força atuante, se desfaz quando esta força deixa de agir. Então, da mesma forma como havia se unido, o perispírito se desprende, *molécula por molécula*, e o espírito é restituído à liberdade. *Assim, não é a partida do espírito*

Capítulo XI

que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do espírito.

19. O Espiritismo nos ensina, pelos fatos que nos faculta observar diretamente, os fenômenos que acompanham essa separação, que, às vezes, de acordo com o estado moral do espírito, é rápida, fácil, suave e insensível, ao passo que de outras é lenta, trabalhosa e horripelantemente penosa, podendo durar meses inteiros.

20. A observação também assinala um fenômeno particular que sempre acompanha a encarnação do espírito. Uma vez capturado pelo laço fluídico que o prende ao embrião, o espírito entra em estado de perturbação, que aumenta à medida que o laço se aperta; nos últimos momentos, o espírito perde toda a consciência de si mesmo, de sorte que ele jamais é testemunha consciente do seu nascimento. No momento em que a criança respira, o espírito começa a recobrar as suas faculdades, que se desenvolvem à proporção que se formam e se consolidam os órgãos que devem servir às suas manifestações. Aqui ainda sobressai a sabedoria que preside todas as partes da obra da criação. Faculdades muito ativas usariam e destruiriam órgãos delicados apenas esboçados; eis por que sua energia é proporcional à força de resistência desses órgãos.

21. Mas, ao mesmo tempo que o espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, aptidões que haviam ficado temporariamente em estado latente e que, retomando sua atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor do que fizera antes. O espírito renasce na condição que adquirira pelo seu trabalho anterior; para ele é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Aqui a bondade do Criador ainda se manifesta, uma vez que a lembrança do passado, muitas vezes penosa e humilhante, somada às amarguras de sua nova existência, poderia perturbá-lo e criar-lhe embaraços. Ele se lembra apenas do que aprendeu, porque isto lhe é útil. Se, às vezes, ele conserva uma vaga intuição dos acontecimentos do passado, essa intuição é como a lembrança de um sonho fugaz. É, pois,

um novo homem, por mais antigo que seja seu espírito. Ele triunfa sobre novos erros, auxiliado pelo que adquiriu. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos seus olhos e ele, então, julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. *O espírito é sempre ele*, antes, durante e depois da encarnação; a encarnação é apenas uma fase especial da sua existência. O próprio esquecimento ocorre apenas durante a vida exterior de relação; durante o sono, parcialmente desprendido dos liames carnaís, restituído à liberdade e à vida espiritual, o espírito se lembra, pois sua visão espiritual não está mais tão obscurecida pela matéria.

23. Considerando-se a humanidade no seu grau mais inferior da escala intelectual, entre os selvagens mais atrasados, pergunta-se se é esse o ponto de partida da alma humana.

Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza, se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade. É aí que a alma se ensaia para a vida e desenvolve, pelo exercício, as suas primeiras faculdades; esse seria, digamos assim, o seu período de incubação. Chegando ao grau de desenvolvimento que essa fase comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. Haveria assim filiação espiritual, como há filiação corporal.

Essa teoria, baseada na grande lei de unidade que preside à criação, corresponde, é preciso convir, à justiça e à bondade do Criador. Ela dá uma saída, uma finalidade, um destino aos animais, que não são mais seres deserdados, mas que encontram, no futuro que lhes está reservado, uma compensação para os seus sofrimentos. O que constitui o homem espiritual não é a sua origem, mas os atributos especiais de que é dotado ao entrar na humanidade, atributos que o transformam e fazem dele um ser distinto, assim como o fruto saboroso é distinto da raiz amarga de onde ele saiu. Por haver passado pela fieira da animalidade, o homem não seria menos homem; não seria mais animal, como o

Capítulo XI

fruto não é a raiz, como o sábio não é o feto informe pelo qual ele veio ao mundo.

Essa teoria, porém, levanta numerosas questões cujos prós e contras não seria oportuno discutir aqui, assim como não o seria analisar as diversas hipóteses que foram formuladas a esse respeito. Portanto, sem pesquisar a origem da alma, e as experiências pelas quais ela tenha podido passar, vamos considerá-la *ao entrar na humanidade*, no ponto em que, dotada do senso moral e do livre-arbítrio, ela começa a ficar sujeita à responsabilidade dos seus atos.

24. A obrigação que o espírito encarnado tem de prover a alimentação do corpo, a sua segurança e o seu bem-estar, força-o a empregar suas faculdades em pesquisas, a exercê-las e a desenvolvê-las. Sua união com a matéria é, portanto, útil ao seu adiantamento, eis por que a encarnação é uma necessidade. Além disso, pelo trabalho inteligente que ele executa em seu proveito sobre a matéria, ele contribui para a transformação e o progresso material do mundo em que habita. É assim que, enquanto vai progredindo, ele coopera na obra do Criador do qual é o agente inconsciente.

25. Entretanto, a encarnação do espírito não é constante, nem perpétua; é transitória. Deixando um corpo, ele não retoma imediatamente outro. Durante um lapso de tempo, mais ou menos considerável, ele vive a vida espiritual, que é a sua vida normal, de tal modo que a soma do tempo passado nas diferentes encarnações é muito pequena se comparada à soma do tempo que passa na condição de espírito livre.

No intervalo das suas encarnações, o espírito também progride; nesse sentido ele aplica os conhecimentos e a experiência adquiridos durante a vida corporal a favor do seu adiantamento (nós falamos do espírito que chegou ao estado de alma humana, que tem liberdade de ação e consciência de seus atos). Ele examina o que fez durante sua permanência na Terra, passa em revista o que aprendeu, reconhece suas faltas, traça seus planos e toma resoluções pelas quais espera guiar-se em uma nova

existência, tratando de fazer o melhor. Desse modo, cada existência representa um passo para a frente no caminho do progresso, uma espécie de escola de aplicação.

A encarnação, portanto, não é, normalmente, uma punição para o espírito, conforme pensam alguns, mas uma condição inerente à inferioridade do espírito, e um meio de progredir.

À medida que progride moralmente, o espírito se desmaterializa, isto é, se subtrai à influência da matéria, se depura. Sua vida se espiritualiza, suas faculdades e suas percepções se ampliam, sua felicidade se torna proporcional ao progresso realizado. Entretanto, como age de acordo com o seu livre-arbítrio, ele pode, por negligência ou má vontade, retardar o seu avanço, prolongando, por consequência, a duração das suas encarnações materiais, que se tornam, então, uma punição para ele, uma vez que, por sua culpa, permanece nas categorias inferiores, obrigado a recomeçar a mesma tarefa. Depende, pois, do espírito, abreviar, pelo trabalho de depuração de si mesmo, a duração do período das suas encarnações.

26. O progresso material de um planeta acompanha o progresso moral de seus habitantes. Ora, como a criação dos mundos e dos espíritos é incessante e como estes progredem mais ou menos rapidamente, de acordo com o uso que fazem do seu livre-arbítrio, segue-se que há mundos mais ou menos antigos, com diferentes graus de adiantamento físico e moral, onde a encarnação é mais ou menos material e onde, por conseguinte, o trabalho, para os espíritos, é mais ou menos rude. Desse ponto de vista, a Terra é um dos mundos menos adiantados; povoada de espíritos relativamente inferiores, nela a vida corpórea é mais penosa do que em outros, embora existam mundos ainda mais atrasados, onde a existência é bem mais penosa do que na Terra, e para os quais a Terra seria, relativamente, um mundo feliz.

27. Quando os espíritos alcançam em um mundo a soma de progresso que o estado desse mundo comporta, eles o deixam para ir encarnar em um outro mais adiantado, onde adquirem novos conhecimentos, e assim, sucessivamente, até que, a

Capítulo XI

encarnação em um corpo material não lhes sendo mais útil, passam a viver exclusivamente a vida espiritual, na qual continuam a progredir em um outro sentido e por outros meios. Quando chegam ao ponto culminante do progresso, gozam da suprema felicidade; admitidos nos conselhos do Onipotente, conhecem seus pensamentos e se tornam seus mensageiros, seus ministros diretos no governo dos mundos, tendo sob suas ordens os espíritos em diferentes graus de adiantamento.

Assim, todos os espíritos, encarnados ou desencarnados, em qualquer grau da hierarquia a que pertençam, do mais pequeno ao mais elevado, têm as suas atribuições no grande mecanismo do Universo; todos são úteis ao conjunto, ao mesmo tempo que a si próprios. Aos menos adiantados, como a simples serviçais, cabe o desempenho de uma tarefa material, a princípio inconsciente, depois gradualmente inteligente. No mundo espiritual há atividade por toda parte, em nenhum lugar a ociosidade inútil.

A coletividade dos espíritos constitui, de certo modo, a alma do Universo. É o elemento espiritual que atua em tudo e por toda a parte, sob o impulso do pensamento divino. Sem esse elemento, só há a matéria inerte, sem finalidade, sem inteligência, tendo como único motor as forças materiais que deixam uma imensidade de problemas insolúveis. Pela ação do elemento espiritual *individualizado*, tudo tem uma finalidade, uma razão de ser, tudo se explica. Eis por que, sem a espiritualidade, o homem vai de encontro a dificuldades insuperáveis.

28. No momento em que a Terra se encontrou em condições climáticas próprias à existência da espécie humana, os espíritos vieram nela encarnar; e se admitirmos que eles ali encontraram envoltórios prontos que só tiveram que apropriar ao seu uso, compreende-se melhor ainda que eles pudessem nascer simultaneamente em vários pontos do globo.

29. Ainda que os primeiros que vieram devessem ser pouco adiantados, pelo fato mesmo de terem de encarnar em corpos muito imperfeitos, deveria haver entre eles diferenças sensíveis nas suas características e aptidões, segundo o grau de seu

desenvolvimento moral e intelectual. Os espíritos similares se agruparam naturalmente, por analogia e simpatia. Assim, a Terra viu-se povoada de espíritos de diversas categorias, mais ou menos aptos ou rebeldes ao progresso. Esses corpos, recebendo a influência do caráter do espírito, e se reproduzindo de acordo com os respectivos tipos, originaram as diferentes raças, seja quanto ao aspecto físico, seja quanto ao moral. Os espíritos similares, continuando a encarnar de preferência entre os seus semelhantes, perpetuaram as características distintivas, físicas e morais, das raças e dos povos, que só desaparecerão com o tempo, mediante a fusão e o progresso dos espíritos. (*Revista Espírita*, julho de 1860: “Frenologia¹⁶⁷ e fisiognomonía”¹⁶⁸)*

30. Pode-se comparar os espíritos que vieram povoar a Terra a esses grupos de imigrantes de diversas origens que vão se estabelecer numa terra virgem. Ali eles encontram a madeira e a pedra para fazer suas habitações, e cada um dá à sua um cunho diferente, de acordo com o grau do seu saber e da sua inteligência. Eles se agrupam por analogia de origens e de gostos, acabando por formar tribos, depois povos, tendo cada um seus costumes e suas características próprias.

31. O progresso, portanto, não foi uniforme em toda a espécie humana. Como era natural, as raças mais inteligentes adiantaram-se em relação às outras, sem levar em conta que espíritos recém-nascidos para a vida espiritual, vindo encarnar na Terra junto com os primeiros que chegaram, tornaram mais sensível a diferença quanto ao progresso. Com efeito, seria impossível atribuir à criação dos selvagens, que mal se distinguem do macaco, a mesma antiguidade que a dos chineses, e menos ainda, que a dos europeus civilizados.

Entretanto, os espíritos dos selvagens também pertencem à humanidade e um dia alcançarão o nível em que se encontram

¹⁶⁷ **Frenologia:** teoria que estuda o caráter e as funções intelectuais humanas, baseando-se na conformação do crânio. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

¹⁶⁸ **Fisiognomonía:** arte de conhecer o caráter das pessoas pelos traços fisionômicos. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

* Vide nota explicativa ao final desta obra.

Capítulo XI

os seus irmãos mais velhos, mas isto não será certamente em corpos da mesma raça física, impróprios a um certo desenvolvimento intelectual e moral. Quando o instrumento não estiver mais de acordo com o desenvolvimento que alcançarem, eles emigrarão daquele meio para encarnar em um grau mais elevado, e assim por diante até que tenham conquistado todas as gradações terrestres, após o que deixarão a Terra, passando a mundos mais elevados. (*Revista Espírita*, abril de 1862: “Perfectibilidade da raça negra”.)

Reencarnação

32. O princípio da reencarnação é uma consequência fatal da lei do progresso. Sem a reencarnação, como explicar a diferença que existe entre o estado social de hoje e o dos tempos de barbárie? Se as almas são criadas ao mesmo tempo que os corpos, as que nascem hoje são tão novas, tão primitivas, quanto as que viviam há mil anos. Acrescente-se que não há entre elas nenhuma conexão, nenhuma relação necessária, e que elas são completamente independentes umas das outras. Por que, então, as almas de hoje seriam melhor dotadas por Deus do que as suas precedentes? Por que compreendem melhor? Por que possuem instintos mais apurados, costumes mais brandos? Por que têm a intuição de certas coisas, sem que as tenham aprendido? Duvidamos que se possa sair desse raciocínio, a menos que se admita que Deus cria almas de diversas qualidades, de acordo com os tempos e os lugares, proposição inconciliável com a ideia de uma justiça soberana.

Admitindo-se, ao contrário, que as almas de agora já viveram em tempos distantes; que, possivelmente, foram bárbaras como os séculos em que estiveram no mundo, mas que progrediram; que a cada nova existência trazem o que adquiriram nas existências anteriores; que, conseqüentemente, as almas dos tempos civilizados não foram criadas mais perfeitas, mas se aperfeiçoaram por si mesmas com o tempo, teremos a única explicação

plausível da causa do progresso social. (*O Livro dos Espíritos*, 2ª Parte, caps. IV e V.)¹⁶⁹

Emigrações e imigrações dos espíritos

33. No intervalo das suas existências corporais, os espíritos estão no estado de erraticidade e formam a população espiritual ambiente da Terra. Pelas mortes e nascimentos, essas duas populações se lançam incessantemente uma na outra. Há, pois, diariamente, emigrações do mundo corpóreo para o mundo espiritual, e imigrações do mundo espiritual para o mundo corpóreo: é a situação normal.

¹⁶⁹ Algumas pessoas pensam que as diferentes existências da alma se cumprem de mundo em mundo e não em um mesmo orbe, onde cada espírito só viria uma vez.

Esta doutrina seria admissível se todos os habitantes da Terra estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. Neste caso, eles só poderiam progredir indo de um mundo para outro, e sua encarnação sobre a Terra seria sem utilidade, ora Deus não faz nada de inútil. Desde o momento em que ali se encontram a inteligência e a moralidade em todos os graus, desde a selvajaria que beira o animal até a civilização mais adiantada, torna-se evidente que a Terra oferece um vasto campo para o progresso. Pergunta-se: por que o selvagem seria obrigado a ir procurar em outro lugar o grau acima dele, quando esse grau está ao seu lado e assim sucessivamente? Por que o homem adiantado só poderia ter feito as suas primeiras etapas em mundos inferiores, quando ao seu redor encontram-se seres análogos aos de todos esses mundos? Quando há diferentes graus de adiantamento, não só entre os povos, mas no seio do mesmo povo e da mesma família? Se fosse assim, Deus teria feito uma coisa inútil, colocando lado a lado a ignorância e o saber, a barbaria e a civilização, o bem e o mal, quando é precisamente esse contato que faz os retardatários avançarem.

Assim, não há a necessidade de os homens mudarem de mundo a cada etapa, assim como não é preciso que o estudante mude de colégio a cada série. Longe de ser uma vantagem para o progresso, seria um entrave, uma vez que o espírito ficaria privado do exemplo que lhe oferece a visão dos graus superiores e da possibilidade de reparar os seus erros no mesmo meio e na presença daqueles a quem ofendeu, possibilidade que é para ele o mais poderoso meio de progresso moral. Após uma curta coabitação, com os espíritos se dispersando e tornando-se estranhos uns aos outros, os laços de família e de amizade se romperiam por falta de tempo para se consolidarem.

Que os espíritos deixem um mundo do qual nada mais podem auferir, por um outro mais adiantado, isso deve acontecer e acontece. Tal é o princípio. Se existe quem deixe antecipadamente o mundo em que vinha encarnando, é sem dúvida por causas individuais que Deus pondera em sua sabedoria.

Na criação tudo tem um objetivo, do contrário Deus não seria nem prudente e nem sábio. Ora, se a Terra não deve ser mais que uma única etapa para o progresso de cada indivíduo, que utilidade haveria para as crianças que morrem em tenra idade virem aqui passar alguns anos, alguns meses, algumas horas, durante os quais nada podem haurir? O mesmo ocorre em relação aos idiotas e aos cretinos. Uma teoria só é boa com a condição de solucionar todas as questões a que ela se refere. A questão das mortes prematuras tem sido um obstáculo para todas as doutrinas, com exceção da Doutrina Espírita, que a resolveu de uma forma racional.

Para aqueles que cumprem uma missão normal na Terra, há uma vantagem real, para o seu progresso, no fato de retornarem ao mesmo meio para ali continuarem o que deixaram inacabado, muitas vezes na mesma família ou em contato com as mesmas pessoas, a fim de repararem o mal que tenham feito, ou para ali sofrerem a pena de talão. (N.A.)

Capítulo XI

34. Em certas épocas, determinadas pela sabedoria divina, essas emigrações e imigrações se realizam em massas mais ou menos consideráveis, em virtude das grandes revoluções que fazem partir, ao mesmo tempo, quantidades enormes de espíritos, que logo são substituídas por quantidades equivalentes de encarnações. Os flagelos destruidores e os cataclismos devem, portanto, ser considerados como ocasiões de chegadas e partidas coletivas, meios providenciais de renovar a população corporal do globo, de retemperá-la pela introdução de novos elementos espirituais mais depurados. Se, nessas catástrofes, há destruição de um grande número de corpos, há apenas *vestimentas dilaceradas*, nenhum espírito perece; eles apenas mudam de ambiente; ao invés de partirem isoladamente, partem em grupo, essa é a única diferença, uma vez que, por uma causa ou por outra, cedo ou tarde, fatalmente têm que partir.

As renovações rápidas e quase instantâneas, que se operam no elemento espiritual da população, em consequência dos flagelos destruidores, aceleram o progresso social; sem as emigrações e as imigrações, que de tempos em tempos vêm lhe dar um violento impulso, ele avançaria com extrema lentidão.

Observa-se que todas as grandes calamidades que dizimam as populações sempre são seguidas de uma era de progresso na ordem física, intelectual ou moral e, por conseguinte, na condição social das nações onde elas aconteceram. É que essas calamidades têm por finalidade realizar um remanejamento na população espiritual, que é a população normal e ativa do globo.

35. Essa transfusão que se opera entre a população encarnada e a desencarnada de um mesmo planeta também se realiza entre os mundos, seja individualmente, nas condições normais, seja em massa, em circunstâncias especiais. Assim, há emigrações e imigrações coletivas de um mundo para outro, de onde resulta a introdução, na população de um deles, de elementos inteiramente novos; de novas raças de espíritos vindo se misturar às raças existentes, constituindo novas raças de homens. Ora, como os espíritos não perdem jamais o que adquiriram, trazem sempre

com eles a inteligência e a intuição dos conhecimentos que possuem, por consequência, imprimem as suas características à raça corpórea que vêm animar. Para isso, não necessitam que novos corpos sejam criados especialmente para o seu uso, visto que a espécie corporal existe, eles sempre os encontram prontos para recebê-los. São, portanto, simplesmente, novos habitantes; chegando à Terra, inicialmente fazem parte da sua população espiritual, depois encarnam como os outros.

Raça adâmica

36. Segundo o ensino dos espíritos, foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas *colônias de espíritos* vindas de uma outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na figura de Adão, e, por essa razão, chamada de *raça adâmica*. Quando ela chegou aqui, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, *assim como a América, quando os europeus chegaram lá*.

A raça adâmica, mais adiantada do que aquelas que a haviam precedido na Terra, é, com efeito, a mais inteligente, é ela que impele todas as outras ao progresso. A Gênese nos mostra essa raça, desde os seus primórdios, habilidosa, apta às artes e às ciências, sem haver passado pela infância intelectual, o que não é próprio das raças primitivas, mas que concorda com a opinião de que ela se compunha de espíritos que já tinham progredido. Tudo prova que a raça adâmica não é antiga na Terra e nada se opõe a que possamos considerá-la como habitando este planeta há apenas alguns milhares de anos, o que não estaria em contradição com os fatos geológicos nem com as pesquisas antropológicas, antes tenderia a comprová-las.

37. A doutrina que faz proceder todo o gênero humano de uma única individualidade, há seis mil anos, não é admissível no estado atual dos conhecimentos. As principais considerações que a contradizem, tiradas da ordem física e da ordem moral, resumem-se no seguinte:

Capítulo XI

38. Do ponto de vista fisiológico, certas raças apresentam tipos particulares característicos que não permitem afirmar que tiveram uma origem comum. Há diferenças que, evidentemente, não são simples efeitos do clima, uma vez que os brancos que se reproduzem em regiões de negros não se tornam negros e vice-versa. O calor do Sol queima e bronzeia a pele, mas nunca transformou um branco em negro, achatou o nariz, mudou traços fisionômicos, nem tornou crespos e lanosos os cabelos longos e sedosos. Hoje, sabe-se que a cor do negro resulta de um tecido especial subcutâneo que se liga à espécie.

Deve-se, portanto, considerar as raças negra, mongólica e caucásica como tendo origens próprias e surgido simultânea ou sucessivamente em diferentes partes do globo; o seu cruzamento produziu as raças mistas secundárias. As características fisiológicas das raças primitivas são o indício evidente de que elas provêm de tipos especiais. As mesmas considerações podem ser aplicadas tanto aos homens, quanto aos animais, no que se refere à multiplicidade dos troncos genealógicos.

39. Adão e seus descendentes são apresentados na Gênese como homens essencialmente inteligentes, visto que, a partir da segunda geração, eles constroem cidades, cultivam a terra e trabalham os metais. Os seus progressos nas artes e nas ciências são rápidos e duradouros. Não se conceberia, portanto, que esse tronco tenha tido como descendentes numerosos povos tão atrasados, de inteligência tão rudimentar, que ainda hoje beiram a animalidade, que tenham perdido todos os traços e até a menor lembrança tradicional do que faziam os seus ancestrais. Uma diferença tão radical nas aptidões intelectuais e no desenvolvimento moral, atesta, com não menos evidência, uma diferença de origem.

40. Independentemente dos fatos geológicos, a prova da existência do homem na Terra, antes da época fixada pela Gênese, é tirada da população do globo.

Sem falar da cronologia chinesa, que remonta, dizem, a trinta mil anos,¹⁷⁰ documentos mais fidedignos comprovam que o Egito, a Índia e outras regiões já eram povoadas e florescentes, pelo menos três mil anos antes da Era Cristã, mil anos, portanto, após a criação do primeiro homem, segundo a cronologia bíblica. Documentos e pesquisas recentes não parecem deixar nenhuma dúvida quanto às relações que existiram entre a América e os antigos egípcios, donde se conclui que essa região já era povoada naquela época. Teríamos então que admitir que, em mil anos, a descendência de um único homem pode povoar a maior parte da Terra; ora, uma tal fecundidade seria contrária a todas as leis antropológicas. A própria Gênese não atribui aos primeiros descendentes de Adão uma fecundidade anormal, já que ela lhes faz a enumeração nominal até Noé.

41. A impossibilidade torna-se ainda mais evidente quando se admite, com a Gênese, que o dilúvio destruiu *todo o gênero humano*, à exceção de Noé e de sua família, que não era numerosa, no ano de 1656 do mundo, ou seja, 2348 a.C. Na realidade, isto significaria que o povoamento da Terra dataria de Noé; ora, por aquela época a história designa Menés como rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram nesse país, 642 anos após o dilúvio, ele já era um poderoso império, que teria sido povoado, sem falar das outras regiões, em menos de seis séculos, só pelos descendentes de Noé, o que não é admissível.

A propósito, observemos que os egípcios acolheram os hebreus como estrangeiros; seria espantoso que tivessem perdido a lembrança de uma comunidade com origem tão próxima, quando conservaram religiosamente os monumentos da sua história.

Uma rigorosa lógica, corroborada pelos fatos, demonstra, assim, da maneira mais peremptória, que o homem está na Terra

¹⁷⁰ De acordo com as pesquisas mais recentes, a cultura chinesa mais antiga, denominada Yang-Shao, remontaria a cerca de 4000 a.C., no Período Neolítico. Foi uma civilização de fazendeiros, situada na China ocidental. Viviam em vilas semipermanentes, cultivavam o milho e o trigo, criavam porcos e cachorros e desenvolveram uma forma rudimentar de criação do bicho-da-seda. Desenvolveram também uma técnica apurada para a confecção artesanal de vasos de cerâmica pintados. (N.R.)

Capítulo XI

desde um tempo indeterminado, muito anterior à época assinalada pela Gênese. O mesmo ocorre com a diversidade dos troncos primitivos, uma vez que demonstrar a impossibilidade de uma proposição é demonstrar a proposição contrária. Se a Geologia descobre sinais autênticos da presença do homem na Terra antes do grande período diluviano, a demonstração ainda é mais absoluta.

Doutrina dos anjos decaídos¹⁷¹

42. A palavra *anjo*, como muitas outras, tem muitas acepções; indiferentemente ela pode ser interpretada para o bem ou para o mal, já que se diz: os bons e os maus anjos, o anjo de luz e o anjo das trevas, de onde se conclui que, em sua acepção geral, ela significa simplesmente *espírito*.

Os anjos não são seres fora da humanidade, criados perfeitos, mas espíritos que chegaram à perfeição, pelos seus esforços e seu mérito, como todas as criaturas. Se os anjos fossem seres criados perfeitos, e sendo a rebelião contra Deus um sinal de inferioridade, aqueles que se revoltaram não podiam ser anjos. Não se conceberia a rebelião contra Deus por parte de seres que ele teria criado perfeitos, enquanto que se pode concebê-la vinda da parte dos seres ainda atrasados.

Por sua etimologia, a palavra anjo (do grego *áγγελος*) significa *enviado, mensageiro*; ora, não é racional supor que Deus tenha tomado seus mensageiros entre seres bastante imperfeitos para se revoltarem contra ele.

43. Até que os espíritos tenham atingido um certo grau de perfeição, eles estão sujeitos a falhar, seja no estado de erraticidade, seja no de encarnação. Falhar é infringir a lei de Deus.

¹⁷¹ Quando publicamos um artigo sobre “a interpretação da doutrina dos anjos decaídos na “Revista Espírita” de janeiro de 1862, apresentamos essa teoria como uma hipótese, sem outra autoridade que não a de uma opinião pessoal discutível, porque então nos faltavam elementos bastante completos para uma afirmação absoluta. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista suscitar o debate da questão, decididos, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não somente ela foi aceita pela maioria dos espíritos como a mais racional e a mais de acordo com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos espíritos sobre esse assunto. O mesmo ocorrendo com a que diz respeito à origem da raça adâmica. (N.A.)

Embora esta lei esteja inscrita no coração de todos os homens — para que não tenham necessidade da revelação para conhecer seus deveres — o espírito só a compreende gradualmente e à medida que sua inteligência se desenvolve. Aquele que infringe essa lei por ignorância e falta de experiência, que só se adquire com o tempo, incorre apenas em uma responsabilidade relativa; mas com relação àquele cuja inteligência é desenvolvida, que, tendo todos os meios de se esclarecer, infringe a lei voluntariamente e faz o mal com conhecimento de causa, isso é uma revolta, uma rebelião contra o autor da lei.

44. Os mundos progredem fisicamente pela elaboração da matéria, e moralmente pela depuração dos espíritos que os habitam. Neles a felicidade é diretamente proporcional à predominância do bem sobre o mal, e a predominância do bem é o resultado do adiantamento moral dos espíritos. O progresso intelectual não é suficiente, porque com a inteligência eles podem fazer o mal.

Então, logo que um mundo atinge um dos seus períodos de transformação, que deve fazê-lo subir na hierarquia, ocorrem mudanças na sua população encarnada e desencarnada; é quando acontecem as grandes emigrações e imigrações. Aqueles que, apesar da sua inteligência e do seu saber, perseveram no mal, na sua revolta contra Deus e suas leis, seriam dali por diante um obstáculo ao progresso moral posterior, uma causa permanente de perturbação para a tranquilidade e felicidade dos bons, razão por que eles são excluídos e enviados para mundos menos adiantados. Nestes mundos eles aplicarão sua inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram para o progresso daqueles entre os quais foram chamados a viver, ao mesmo tempo em que expiarão, em uma série de existências penosas e por meio de um árduo trabalho, as suas faltas passadas e o seu endurecimento *voluntário*.

O que serão então esses seres, entre essas populações, novas para eles, ainda na infância da barbárie, senão anjos ou espíritos decaídos, enviados em expiação? *A terra de onde foram expulsos não é para eles um paraíso perdido?* Não era ela um lugar

Capítulo XI

de delícias, em comparação com o meio ingrato onde ficarão relegados durante milhares de séculos, até o dia em que terão o mérito da sua liberdade? A vaga lembrança intuitiva que conservam dela é como uma longínqua miragem que lhes recorda o que *perderam por culpa própria*.

45. Mas, ao mesmo tempo que os maus partem do mundo que habitavam, são substituídos por espíritos melhores, vindos seja da erraticidade desse mesmo mundo, seja de um mundo menos adiantado que eles tiveram o mérito de deixar, e para os quais sua nova morada é uma recompensa. Com a população espiritual sendo assim renovada e purgada dos seus piores elementos, ao final de algum tempo o estado moral do mundo se encontra melhorado.

Essas mudanças às vezes são parciais, isto é, limitadas a um povo, a uma raça; de outras são gerais, quando chega o período de renovação para o globo.

46. A raça adâmica tem todas as características de uma raça proscrita. Os espíritos que a ela pertencem foram exilados na Terra, já povoada, mas de homens primitivos, mergulhados na ignorância, e que eles tiveram por missão fazer progredir, levando-lhes as luzes de uma inteligência desenvolvida. Não é esse, com efeito, o papel que essa raça tem desempenhado até hoje? Sua superioridade intelectual prova que o mundo de onde eles vieram era mais adiantado que a Terra, porém, como esse mundo devia entrar em uma nova fase de progresso — e aqueles espíritos, pela sua obstinação, não souberam se colocar à altura desse progresso — eles ali teriam ficado deslocados tornando-se um obstáculo à marcha providencial das coisas. Eis por que foram excluídos enquanto outros tiveram o mérito de substituí-los.

Deus, relegando aquela raça para esta terra de trabalhos e sofrimentos, teve razão em dizer: “Dela tirarás o alimento com o suor da tua frente.” Na sua mansuetude, ele prometeu que lhe enviaria um *Salvador*, isto é, aquele que devia esclarecê-la sobre o caminho a seguir, para sair deste lugar de miséria, deste *inferno*, e chegar à felicidade dos eleitos. Esse Salvador, Deus o enviou

na pessoa do Cristo, que ensinou a lei de amor e de caridade que ela desconhecia e que devia ser a verdadeira âncora de salvação. O Cristo não somente ensinou a lei como deu o exemplo da prática dessa lei, com a sua mansuetude, sua humildade, sua paciência ao sofrer sem queixas os tratamentos mais ignominiosos e as maiores dores. Para que uma tal missão fosse cumprida sem desvios, era preciso um espírito acima das fraquezas humanas.

É igualmente com o objetivo de fazer avançar a humanidade em um determinado sentido que espíritos superiores, embora sem as qualidades do Cristo, encarnam de tempos em tempos na Terra, para ali desempenharem missões especiais, que aproveitam para o seu progresso pessoal se as cumprirem de acordo com os desígnios do Criador.

47. Sem a reencarnação, a missão do Cristo, assim como a promessa feita por Deus, seria um contrassenso. Com efeito, suponhamos que a alma de cada homem seja criada por ocasião do nascimento do seu corpo, e que ela não faça mais que aparecer e desaparecer na Terra. Assim sendo, não haveria nenhuma relação entre as almas que vieram desde Adão até Jesus Cristo, nem entre as que vieram depois; todas seriam estranhas umas às outras. A promessa de um Salvador feita por Deus não podia se aplicar aos descendentes de Adão, se suas almas ainda não estavam criadas. Para que a missão do Cristo pudesse corresponder às palavras de Deus, era necessário que ela pudesse se aplicar às mesmas almas. Se essas almas são novas, não podem estar maculadas pela falta do primeiro pai, que é apenas um pai carnal e não o pai espiritual. Se assim fosse, Deus teria *criado* almas maculadas com uma falta que elas não teriam cometido. Assim sendo, a doutrina vulgar do pecado original implica a necessidade de uma relação entre as almas do tempo do Cristo e as do tempo de Adão, e, por consequência, da reencarnação.

Diga-se que todas essas almas faziam parte da colônia de espíritos exilados na Terra ao tempo de Adão, e que elas estavam maculadas pelas faltas que as haviam excluído de um mundo melhor, e ter-se-á a única interpretação racional do pecado original,

Capítulo XI

pecado próprio a cada indivíduo e não o resultado da responsabilidade da falta de um outro a quem jamais conheceu. Diga-se que essas almas ou espíritos renascem por diversas vezes na Terra, na vida corpórea, para progredirem e se purificarem; que o Cristo veio esclarecer essas mesmas almas, não somente sobre suas vidas passadas, mas também em relação às suas vidas futuras, e só então, dar-se-á à sua missão um objetivo real e sério, que a razão pode aceitar.

48. Um exemplo familiar, marcante por sua analogia, tornará ainda mais compreensíveis os princípios que acabam de ser expostos.

Em 24 de maio de 1861, a fragata “Ifigênia” transportou para a Nova Caledônia¹⁷² uma companhia disciplinar composta de 291 homens. À sua chegada, o comandante da colônia lhes dirige uma ordem do dia, assim concebida:

“Pondo os pés nesta terra longínqua, vós já compreendestes o papel que vos está reservado.

A exemplo dos nossos bravos soldados da Marinha, que servem sob as vossas vistas, ajudar-nos-eis a levar com sucesso para o meio das tribos selvagens da Nova Caledônia, a chama da civilização. Eu vos pergunto: não é uma bela e nobre missão? Vós ireis desempenhá-la dignamente.

Escutai a palavra e os conselhos dos vossos chefes. Estou à frente deles; que as minhas palavras, sejam bem entendidas.

A escolha do vosso comandante, dos vossos oficiais, dos vossos suboficiais e cabos é uma segura garantia de que todos os esforços serão tentados para fazer de vós excelentes soldados, e digo mais, para vos elevar à altura de bons cidadãos e vos transformar em colonos honrados, se o quiserdes.

¹⁷² A Nova Caledônia é um território ultramarino pertencente à França, situado no sudoeste do Oceano Pacífico, a leste da Austrália. Compreende a ilha de Nova Caledônia — descoberta pelo navegador inglês James Cook, em 1774, que a batizou com a antiga denominação romana da Escócia: Nova Caledônia — e uma quantidade de pequenas ilhas e arquipélagos. Nova Caledônia foi anexada à França em 1853 e para lá eram enviados os condenados a trabalhos forçados. (N.R.)

Vossa disciplina é severa e assim tem que ser. Colocada em nossas mãos, ficai sabendo, ela será firme e inflexível, do mesmo modo que, justa e paternal, ela saberá distinguir o erro do vício e da degradação...”

Temos aí alguns homens expulsos, pela sua má conduta, de um país civilizado e mandados, como punição, para o meio de um povo bárbaro. O que o chefe diz a eles? “Vocês infringiram as leis do seu país. Lá, vocês se transformaram em motivo de perturbação e escândalo e foram expulsos. Vocês são mandados para cá, mas aqui podem resgatar o seu passado. Aqui vocês podem, através do trabalho, conquistar uma posição honrada e tornarem-se cidadãos honestos. Vocês têm uma bela missão a cumprir, a de levar a civilização a estas tribos selvagens. A disciplina será severa, mas justa, e saberemos distinguir os que procederem bem.”

Para aqueles homens, lançados no seio da selvajaria, a mãe-pátria não era um paraíso perdido por suas próprias faltas e por sua rebelião contra a lei? Naquela terra distante, eles não são anjos decaídos? A linguagem do chefe não é igual a que Deus usou ao falar aos espíritos exilados na Terra: “Desobedeceste às minhas leis e, por isso, eu vos expulsei do mundo onde podíeis viver felizes e em paz. Aqui estareis condenados ao trabalho, mas podereis, pela vossa boa conduta, merecer o perdão e reconquistar a pátria que perdestes por vossa falta, quer dizer, o Céu?”

49. À primeira vista, a ideia da decaída parece contradizer o princípio de que os espíritos não podem retroceder, porém, é preciso considerar que não se trata de um retorno ao estado primitivo. O espírito, ainda que numa posição inferior, não perde nada do que adquiriu; o seu desenvolvimento moral e intelectual é o mesmo, qualquer que seja o meio onde se encontre situado. Ele está na posição do homem comum condenado à prisão pelos seus delitos. Esse homem, certamente, encontra-se, do ponto de vista social, decaído, mas nem por isso ficou mais estúpido, ou mais ignorante.

50. Pode-se, agora crer que esses homens mandados para a Nova Caledônia vão se transformar, subitamente, em modelos de

Capítulo XI

virtude? Que vão abjurar, repentinamente, os seus erros do passado? Seria necessário desconhecer a natureza humana para suportar tal coisa. Pela mesma razão, os espíritos da raça adâmica, quando foram transplantados para a terra do exílio, não se despojaram instantaneamente do seu orgulho e dos seus maus instintos. Por muito tempo ainda conservaram as tendências da sua origem, um resto do velho fermento; ora, não é isso o pecado original? A mácula que eles trouxeram ao nascer é a da raça de espíritos culpados e punidos à qual pertenciam, mácula que eles podem apagar pelo arrependimento, a expiação e a renovação do seu ser moral. O pecado original — considerado como a responsabilidade de uma falta cometida por outra pessoa — é um contra-senso e a negação da justiça de Deus; considerado, ao contrário, como consequência e resto de uma imperfeição primitiva do indivíduo, não somente a razão o admite, como se encontra, com toda a justiça, a responsabilidade que dela decorre.



Capítulo XII

Gênese Mosaica

Os seis dias. O paraíso perdido

Os seis dias

1. CAPÍTULO I. ¹No começo Deus criou o Céu e a Terra. ²A Terra era uniforme e inteiramente nua; as trevas cobriam a face do abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. ³Ora, Deus disse: Que a luz seja feita, e a luz foi feita. ⁴Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. ⁵Deu à luz o nome de dia, e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.

⁶Deus disse também: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas das águas. ⁷E Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam sob o firmamento. E isso assim se fez. ⁸E Deus deu ao firmamento o nome de céu; e da tarde e da manhã se fez o segundo dia.

⁹Deus disse ainda: Que as águas que estão sob o céu se reúnam num só lugar, e que apareça o elemento árido. E isso assim se fez. ¹⁰Deus deu ao elemento árido o nome de terra e chamou mar a todas as águas reunidas. E viu que isso estava bom. ¹¹Deus disse ainda: Que a terra produza erva verde que traz a

Capítulo XII

semente, e árvores frutíferas que trazem os frutos, cada um segundo sua espécie, e que contenham em si mesmas as suas sementes, para se reproduzirem na terra. E isso assim se fez. ¹²A terra então produziu erva verde que trazia sua semente, conforme sua espécie, e árvores frutíferas que continham em si mesmas as suas sementes, cada uma segundo sua espécie. E Deus viu que isso estava bom. ¹³E da tarde e da manhã se fez o terceiro dia.

¹⁴Deus disse também: Que corpos de luz sejam feitos no firmamento do céu, a fim de que eles separem o dia da noite e sirvam de sinal para marcar o tempo e as estações, os dias e os anos. ¹⁵Que eles brilhem no firmamento do céu e iluminem a Terra. E isso assim se fez. ¹⁶Deus, então, fez dois grandes corpos luminosos, um maior para presidir ao dia, e o outro menor para presidir à noite; e fez também as estrelas. ¹⁷E ele os colocou no firmamento do céu, para luzirem sobre a Terra. ¹⁸Para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E Deus viu que isso estava bom. ¹⁹E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.

²⁰Deus disse ainda: Que as águas produzam animais vivos que nadem nas águas, e pássaros que voem sobre a Terra debaixo do firmamento do céu. ²¹Deus então criou os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, que as águas produziram, cada um segundo sua espécie, e criou também todos os pássaros, cada um segundo sua espécie. Viu que isso estava bom. ²²E ele os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos, e enchei as águas do mar; e que os pássaros se multipliquem sobre a Terra. ²³E da tarde e da manhã se fez o quinto dia.

²⁴Deus disse também: Que a Terra produza animais vivos, cada um segundo sua espécie, os animais domésticos, os répteis e os animais selvagens da Terra, segundo suas diferentes espécies. E isso assim se fez. ²⁵Deus fez, pois, os animais selvagens da Terra segundo suas espécies, os animais domésticos e todos os répteis, cada um segundo sua espécie. E Deus viu que isso estava bom.

²⁶Em seguida disse: Façamos o homem à nossa imagem e à nossa semelhança e que ele comande os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais, a toda a Terra e a todos os répteis que se

movem na terra. ²⁷Deus então criou o homem à sua imagem e o criou à imagem de Deus e o criou macho e fêmea. ²⁸Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, enchei a Terra e sujeitai-a, dominai sobre os peixes do mar, sobre os pássaros do céu e sobre todos os animais que se movem na terra. ²⁹Deus disse ainda: Eu vos dei todas as ervas que trazem consigo sua semente sobre a terra e todas as árvores que encerram em si mesmas suas sementes, cada uma segundo sua espécie, a fim de que elas vos sirvam de alimento. ³⁰E a todos os animais da Terra, a todos os pássaros do céu, a tudo o que se move sobre a terra, e que é vivo e animado, a fim de que tenham com que se alimentar. E isso assim se fez. ³¹Deus viu todas as coisas que havia feito; e elas eram muito boas. E da tarde e da manhã se fez o sexto dia.

CAPÍTULO II. ¹O Céu e a Terra foram, pois, assim acabados com todos os seus ornamentos. ²Deus terminou toda a obra que havia feito no sétimo dia e repousou nesse sétimo dia, após haver acabado todas as suas obras. ³Abençoou o sétimo dia e o santificou, porque cessara nesse dia de produzir todas as obras que criara. ⁴Tal é a origem do Céu e da Terra e é assim que eles foram criados no dia em que o Senhor Deus fez um e outro. ⁵E que criou todas as plantas dos campos antes que elas houvessem saído da terra e todas as ervas das planícies antes que houvessem germinado. Porque, o Senhor Deus não havia ainda feito chover sobre a terra e não havia homem para lavrá-la. ⁶Mas da terra se elevava uma fonte que regava toda a sua superfície.

⁷O Senhor Deus formou, pois, o homem do limo da terra e espalhou sobre o seu rosto um sopro de vida, e o homem se tornou vivo e animado.

2. Após as explicações contidas nos capítulos precedentes sobre a origem e a constituição do Universo, segundo os dados fornecidos pela Ciência para a parte material, e pelo Espiritismo para a parte espiritual, seria útil estabelecer um paralelo de tudo isso com o próprio texto da Gênese de Moisés, a fim de que cada um possa fazer uma comparação e julgar com conhecimento de

Capítulo XII

causa. Algumas explicações suplementares serão suficientes para fazer compreender os trechos que necessitam de esclarecimentos especiais.

3. Entre a Gênese de Moisés e a doutrina científica há, certamente, uma notável concordância sobre alguns pontos, mas seria um erro acreditar que bastaria substituir os seis dias de 24 horas da criação por seis períodos indeterminados para encontrar uma analogia completa. Um erro, não menor, seria acreditar que, salvo o sentido alegórico de algumas palavras, a Gênese e a Ciência caminham passo a passo, e não são senão a paráfrase¹⁷³ uma da outra.

4. Observemos, inicialmente, como já foi dito (cap. VII, item 14), que o número de seis períodos geológicos é arbitrário, uma vez que existem mais de vinte e cinco formações bem caracterizadas. Este número determina apenas as grandes fases gerais;¹⁷⁴ a princípio, ele foi adotado só para reproduzir, o mais possível, o texto bíblico, em uma época, aliás não muito distante, em que se acreditava que se deveria controlar a Ciência pela *Bíblia*. Essa é a razão por que os autores da maior parte das teorias cosmogônicas, com o objetivo de facilitar a sua aceitação, se esforçaram em se colocar de acordo com o texto sagrado. Quando a Ciência se apoiou no método experimental, sentiu-se mais forte e se emancipou; hoje, é a *Bíblia* que se controla pela Ciência.

Por outro lado, a Geologia, tomando como ponto de partida apenas a formação dos terrenos graníticos, não abrange, no número dos seus períodos, o estado primitivo da Terra.¹⁷⁵

¹⁷³ **Paráfrase:** desenvolvimento do texto de um livro ou de um documento conservando-se as ideias originais; explicação desenvolvida. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

¹⁷⁴ Corroborando o raciocínio do Codificador, acrescentamos que a Escala do Tempo Geológico, utilizada nos dias de hoje, estabelece apenas quatro grandes eras. Para maiores detalhes, veja-se no cap. VII, item 14, a nota de rodapé 91. (N.R.)

¹⁷⁵ Atualmente, a Era Pré-Cambriana abrange o período de formação da Terra anterior à formação da camada de granito. Para maiores detalhes, veja-se no cap. VII, item 14, a nota de rodapé 91. (N.R.)

Também não se ocupa mais com o Sol, a Lua e as estrelas, nem com o conjunto do Universo, assuntos que pertencem à Astronomia. Para entrar no quadro da Gênese, convém, pois, acrescentar um primeiro período, abrangendo todos esses fenômenos, e ao qual se poderia chamar: *período astronômico*.

Além disso, o período diluviano não é considerado por todos os geólogos como sendo um período distinto, mas como um fato transitório e passageiro, que não alterou sensivelmente o clima do planeta, nem marcou uma nova fase nas espécies vegetais e animais, uma vez que, com poucas exceções, as mesmas espécies são encontradas antes e após o dilúvio. Podemos, assim, sem menosprezar a verdade, não levar em conta esse período.¹⁷⁶

5. O quadro comparativo apresentado a seguir, que resume os fenômenos que caracterizam cada um dos seis períodos, permite abranger o conjunto e analisar as relações e as diferenças existentes entre os referidos períodos e a Gênese bíblica.¹⁷⁷

6. Um primeiro fato que ressalta desse quadro comparativo é que a obra de cada um dos seis dias não corresponde de uma maneira rigorosa, como muitos supõem, a cada um dos seis períodos geológicos. A concordância mais notável é a da sucessão dos seres orgânicos, que é quase a mesma, e a do aparecimento do homem em último lugar. Ora, isto é um fato importante.

Também há coincidência, não com a ordem numérica dos períodos, mas com o fato, na passagem em que é dito que no terceiro dia “as águas que estão debaixo do céu se reuniram num só lugar e que apareceu o elemento árido”. É a expressão do que ocorreu no período terciário, quando os levantamentos da crosta sólida descobriram os continentes e expulsaram as águas, que

¹⁷⁶ A Escala do Tempo Geológico moderna já não reconhece mais o chamado Período Diluviano. Para maiores detalhes, veja-se no cap. VII, item 14, a nota de rodapé 91. (N.R.)

¹⁷⁷ Para a correspondência dos períodos e fatos geológicos apresentados no quadro comparativo, com os conhecimentos geológicos atuais, sugerimos ao leitor reportar-se à Escala do Tempo Geológico moderna apresentada na nota de rodapé 91, ao item 14 do cap. VII. (N.R.)

Capítulo XII

CIÊNCIA	GÊNESE
<p>I. PERÍODO ASTRONÔMICO. — Concentração da matéria cósmica universal num ponto do espaço, em uma nebulosa que deu origem, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas.</p> <p>Estado primitivo, fluídico e incandescente da Terra. — Atmosfera imensa carregada de toda a água¹⁷⁸ em estado de vapor, e de todas as matérias volatilizáveis.</p>	<p>1º DIA. — O Céu e a Terra. — A luz.</p>
<p>II. PERÍODO PRIMÁRIO. — Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas; — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol. — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência de toda a vida orgânica.</p>	<p>2º DIA. — O firmamento. — Separação das águas que estão sob o firmamento das que estão acima.</p>
<p>III. PERÍODO DE TRANSIÇÃO. — As águas cobrem toda a superfície do globo. — Primeiros depósitos de sedimento formado pelas águas. — Calor úmido. — O Sol começa a atravessar a atmosfera brumosa. — Primeiros seres organizados da mais rudimentar constituição. — Líquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas. Vegetação colossal. — Primeiros animais marinhos: zoófitos, pólipos, crustáceos. — Depósitos hulhíferos.</p>	<p>3º DIA. — As águas que estão debaixo do firmamento se reúnem; aparece o elemento árido. — A terra e os mares. — As plantas.</p>
<p>IV. PERÍODO SECUNDÁRIO. — Superfície da terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais depurada. Depósitos consideráveis de calcários pelas águas. — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; animais com conchas; grandes répteis aquáticos e anfíbios.</p>	<p>4º DIA. — O Sol, a Lua e as estrelas.</p>
<p>V. PERÍODO TERCÁRIO. — Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Recuo das águas para os lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera depurada; temperatura atual por efeito do calor solar. — Gigantescos animais terrestres. Vegetais e animais atuais. Pássaros.</p>	<p>5º DIA. — Os peixes e os pássaros.</p>
<p>VI. PERÍODO QUATERNÁRIO OU PÓS-DILUVIANO. DILÚVIO UNIVERSAL. — Terrenos de aluvião. — Vegetais e animais atuais. — O homem.</p>	<p>6º DIA. — Os animais terrestres. — O homem.</p>

¹⁷⁸ No estado primitivo, as temperaturas na Terra em formação atingiam centenas ou milhares de graus. Assim sendo, entenda-se aqui a água, ou seja, a substância H₂O, caso já existisse nesses tempos primitivos, no estado de vapor superaquecido, uma vez que a água no estado líquido só pode ocorrer em temperaturas entre 0°C e 100°C, em condições normais de pressão. (N.R.)

formaram os mares. Foi somente então que apareceram os animais terrestres, segundo a Geologia e segundo Moisés.¹⁷⁹

7. Quando Moisés disse que a criação foi feita em seis dias, ele quis falar de dias de 24 horas, ou teria empregado essa palavra no sentido de: período, duração, espaço de tempo indeterminado, a palavra hebraica traduzida por *dia* teria essa dupla acepção? A primeira hipótese é a mais provável, se nos ativermos ao próprio texto. A especificação da tarde e da manhã, que limitam cada um dos seis dias, dá margem a se supor que ele tenha querido falar de dias comuns. Não se pode mesmo conceber qualquer dúvida a respeito, quando ele diz no versículo 5: “Deu à luz o nome de dia, e às trevas o nome de noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia.” Isso, evidentemente, só pode se aplicar ao dia de 24 horas, dividido pela luz e pelas trevas. O sentido é ainda mais preciso, quando ele diz, no versículo 17, falando do Sol, da Lua e das estrelas: “Ele os colocou no firmamento do céu, para luzirem sobre a Terra; para presidirem ao dia e à noite e para separarem a luz das trevas. E da tarde e da manhã se fez o quarto dia.”

Aliás, tudo, na criação, era miraculoso e, uma vez que se entra pela senda dos milagres, pode-se perfeitamente crer que a Terra foi feita em seis vezes 24 horas, sobretudo quando se ignoram as primeiras leis naturais. Todos os povos civilizados partilharam dessa crença, até o momento em que a Geologia chegou, documentos na mão, demonstrando a sua impossibilidade.

8. Um dos pontos mais criticados na Gênese é o da criação do Sol após a luz. Tentaram explicá-lo com a ajuda dos próprios dados fornecidos pela Geologia, dizendo que a atmosfera terrestre, nos primórdios da sua formação, estando carregada de vapores

¹⁷⁹ De acordo com os conhecimentos geológicos atuais, os primeiros animais terrestres, anfíbios e insetos, apareceram no Período Devoniano, da Era Paleozoica, há aproximadamente 395 milhões de anos.

De acordo ainda com a *Teoria da Deriva Continental*, há 175 milhões de anos todos os continentes formavam uma única massa, denominada Pangeia. A partir de então, essa massa foi se subdividindo e os continentes foram se afastando uns dos outros, até assumirem a forma atual, que não é a definitiva, uma vez que o movimento que gerou a subdivisão da Pangeia ainda continua. Para maiores detalhes, veja-se no cap. VII, item 39, a nota de rodapé 112. (N.R.)

Capítulo XII

densos e opacos, não permitia que se visse o Sol que, por consequência, não existia para a Terra. Essa explicação talvez fosse admissível se, naquela época, já houvesse habitantes que pudessem verificar a presença ou a ausência do Sol; ora, segundo o próprio Moisés, à época só havia plantas que, por outro lado, não teriam podido crescer e se multiplicar sem a ação do calor solar.

Há, pois, evidentemente, uma confusão de datas na ordem estabelecida por Moisés para a criação do Sol, mas, involuntariamente ou não, ele não errou, dizendo que a luz havia precedido o Sol.

O Sol não é o princípio da luz universal, mas uma concentração do elemento luminoso em um ponto, ou, dito de outra forma, do fluido que, em determinadas circunstâncias, adquire as propriedades luminosas. Esse fluido, que é a causa, devia necessariamente existir antes do Sol, que é apenas um efeito. O Sol é *causa* para a luz que ele irradia, mas é *efeito* em relação à luz que ele recebeu.¹⁸⁰

Num aposento escuro, uma vela acesa é um pequeno Sol. O que se fez para acender a vela? Desenvolveu-se a propriedade iluminante do princípio luminoso, e concentrou-se esse princípio em um ponto. A vela é a causa da luz que se difunde pelo aposento, mas se o princípio luminoso não existisse antes da vela, ela não poderia ter sido acesa.

O mesmo acontece com o Sol. O erro se origina da ideia falsa, que se teve por muito tempo, de que o Universo todo começou com a Terra, e não se compreende que o Sol pudesse ter sido criado depois da luz. Sabe-se agora que, antes do nosso Sol e da nossa Terra, existiram milhões de sóis e milhões de terras que,

¹⁸⁰ Atualmente, a luz é definida como sendo uma forma de energia visível pelo olho humano que é irradiada por partículas carregadas em movimento. Através de experimentos, os cientistas concluíram que, por vezes, a luz se comporta como uma partícula e, por outras, como uma onda.

A luz que o Sol irradia é proveniente das reações de fusão nuclear que ocorrem no seu interior, e que geram a emissão de gigantescas quantidades de luz e calor. O Sol, conforme definido pela Física Quântica, é um corpo em estado radiante, ou seja, um corpo que emite luz. Outros exemplos de corpos radiantes são o carvão em brasa e o filamento de uma lâmpada elétrica. (N.R.)

por consequência, desfrutavam da luz. Em princípio, pois, a asserção de Moisés é perfeitamente exata; ela é falsa quando faz crer que a Terra foi criada antes do Sol. A Terra, estando sujeita ao Sol no seu movimento de translação, deve ter sido formada depois dele: é o que Moisés não podia saber, uma vez que desconhecia a lei da gravitação.

Encontra-se a mesma ideia na Gênese dos antigos persas, no primeiro capítulo do *Vendedad*, Ormuzd, narrando a origem do mundo, diz: “Eu criei a luz que foi iluminar o Sol, a Lua e as estrelas.” (*Dicionário de Mitologia Universal*.) A forma aqui é, sem dúvida, mais clara e mais científica do que em Moisés e não tem necessidade de comentários.

9. Moisés, evidentemente, partilhava das crenças mais primitivas sobre a cosmogonia. Como os homens do seu tempo, ele acreditava na solidez da abóbada celeste e em reservatórios superiores para as águas. Essa ideia está expressa, sem alegoria nem ambiguidade, nesta passagem (versículos 6 e seguintes): “Deus disse: Que o firmamento seja feito no meio das águas, e que ele separe as águas das águas. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento das que estavam acima do firmamento.” (Ver: cap. V, “Antigos e Modernos Sistemas do Mundo”, itens 3 a 5.)

Uma antiga crença fazia considerar a água como o princípio, o elemento gerador primitivo; Moisés também não fala da criação das águas, que parecem já existir. “As trevas cobriam o abismo”, isto é, as profundezas do espaço que a imaginação representava vagamente ocupado pelas águas e em trevas, antes da criação da luz. Eis aí por que Moisés diz: “O Espírito de Deus pairava sobre as águas.” Sendo a Terra considerada como formada no meio das águas, era preciso isolá-la. Imaginou-se então que Deus fizera o firmamento, uma abóbada sólida que separava as águas de cima das que estavam sobre a Terra.

Para compreender certos trechos da Gênese, é indispensável que nos coloquemos sob o ponto de vista das ideias cosmogônicas da época da qual ela é o reflexo.

Capítulo XII

10. Com o progresso da Física e da Astronomia, semelhante doutrina é insustentável.¹⁸¹ Entretanto, Moisés atribui essas palavras ao próprio Deus; ora, uma vez que elas exprimem um fato notoriamente falso, de duas uma: ou Deus se enganou na narrativa que fez da sua obra, ou essa narrativa não é uma revelação divina. A primeira hipótese não sendo admissível, é forçoso concluir que Moisés exprimiu suas próprias ideias. (Cap. I, item 3.)

11. Moisés está mais perto da verdade quando disse que Deus formou o homem com o limo da terra.¹⁸² A Ciência, com efeito, nos mostra (cap. X) que o corpo do homem é composto de elementos tirados da matéria inorgânica, ou seja, do limo da terra.

A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, pueril na aparência, se admitida ao pé da letra, mas profunda quanto ao sentido. Ela tem por finalidade mostrar que a mulher é da mesma natureza do homem e, por consequência, sua igual perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser dominada e tratada como escrava. Saída da sua própria carne, a imagem da igualdade é muito mais expressiva do que se ela tivesse sido formada separadamente do mesmo limo; é dizer ao homem que ela é igual a ele e não sua escrava, que ele deve amá-la como uma parte de si mesmo.

12. Para espíritos incultos, sem nenhuma ideia das leis gerais, incapazes de apreender o conjunto e de conceber o infinito, essa criação milagrosa e instantânea tinha qualquer coisa de fantástico que impressionava a imaginação. A imagem do Universo tirado do nada em alguns dias, por um só ato da vontade criadora, era, para tais espíritos, o sinal mais incontestável do poder de Deus. Com efeito, que descrição mais sublime e mais poética

¹⁸¹ *Por mais grosseiro que seja o erro de uma tal crença, ainda hoje se embalam as crianças com ela, como se fosse uma verdade sagrada. É com receio que alguns educadores ousam arriscar uma tímida interpretação. Como querem que isso não venha a fazer incrédulos mais tarde? (N.A.)*

¹⁸² *O termo hebreu "haadam", homem, a partir do qual se compôs Adão e o termo "haadama", terra, têm a mesma raiz. (N.A.)*

desse poder, do que a destas palavras: “Disse Deus: Que a luz se faça, e a luz se fez!” Deus, criando o Universo pelo cumprimento lento e gradual das leis da Natureza, ter-lhes-ia parecido menos importante e menos poderoso. Fazia-se necessário algo de maravilhoso, que fugisse dos meios comuns, senão eles teriam dito que Deus não era mais hábil que os homens. Uma teoria científica e racional da criação os deixaria frios e indiferentes.

Os homens primitivos são como crianças, para quem não é preciso dar mais que o alimento intelectual que a sua inteligência comporta. Atualmente, quando somos esclarecidos pelas luzes da Ciência, constatamos os erros materiais da narrativa de Moisés, mas não o censuramos por haver falado a linguagem do seu tempo, a qual ele não teria sido compreendido nem aceito.

Respeitamos essas descrições que hoje em dia nos parecem pueris, como respeitamos as fábulas que ilustraram a nossa infância e abriram a nossa inteligência nos ensinando a pensar. Foi com essas descrições que Moisés incutiu no coração dos primeiros homens a fé em Deus, em seu poder; fé ingênua que devia se depurar mais tarde sob a luz da Ciência. Porque nós sabemos ler corretamente, não desprezemos o livro em que aprendemos a soletrar.

Portanto, não rejeitemos a Gênese bíblica, ao contrário, vamos estudá-la como se estuda a história da infância dos povos. Trata-se de uma epopeia rica em alegorias, cujo sentido oculto deve ser procurado; e que é preciso comentar e explicar com a ajuda das luzes da razão e da Ciência. Porém, fazendo ressaltar as belezas poéticas e os ensinamentos velados sob a forma alegórica, é necessário demonstrar-lhe claramente os erros, no próprio interesse da religião, que será muito mais respeitada quando esses erros não forem impostos à fé como verdades, e Deus parecerá maior e mais poderoso quando o seu nome não for misturado com fatos controversos.

Capítulo XII

O paraíso perdido¹⁸³

13. CAPÍTULO II. ⁸Ora, o Senhor Deus havia plantado desde o começo um jardim delicioso, no qual pôs o homem que ele formara. ⁹O Senhor Deus também fizera gerar da terra toda espécie de árvores, belas ao olhar e cujo fruto era agradável ao paladar, e a árvore da vida no meio do paraíso,¹⁸⁴ com a árvore da ciência do bem e do mal. (Ele fez sair, Jeová Eloim, da terra (*min haadama*) toda árvore bela para ver e boa para comer, e a árvore da vida (*vehetz hachayim*) no meio do jardim, e a árvore da ciência do bem e do mal.)

¹⁵O Senhor, então, pegou o homem e o colocou no paraíso de delícias, a fim de que ele o cultivasse e o guardasse. ¹⁶Deu-lhe também esta ordem, e lhe disse: Come de todas as árvores do paraíso (Ele ordenou, Jeová Eloim, ao homem (*hal haadam*) dizendo: De toda a árvore do jardim (*hagan*) tu podes comer.) ¹⁷Mas não comas absolutamente o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porquanto, logo que o comeres, morrerás com toda a certeza. (E da árvore da ciência do bem e do mal (*oumehetz hadaat tob vara*) tu não comerás, porque no dia em que comeres dela, tu morrerás.)

14. CAPÍTULO III. ¹Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais que o Senhor Deus formara sobre a Terra. E ela disse à mulher: Por que Deus vos ordenou que não comêsseis dos frutos de todas as árvores do paraíso? (E a serpente era mais astuta do que todos os animais terrestres que Jeová Eloim havia feito; ela disse à mulher (*el haïscha*): Disse Eloim: Não comereis de nenhuma árvore do jardim?) ²A mulher lhe respondeu: Nós comemos dos frutos de todas as árvores que estão no paraíso. (Disse ela, a mulher, à serpente: Do fruto (*miperi*) das árvores do jardim, nós podemos comer.) ³Mas, quanto ao fruto da árvore

¹⁸³ Após alguns versículos colocou-se a tradução literal do texto hebreu, que reproduz mais fielmente o pensamento original. O sentido alegórico ressalta assim mais claramente. (N.A.)

¹⁸⁴ “Paraíso”, do latim “*paradisus*”, derivado do grego: “*paradeisos*”, jardim, pomar, lugar plantado de árvores. O termo hebreu empregado na Gênese é “*hagan*”, que tem a mesma significação. (N.A.)

que está no meio do paraíso, Deus nos ordenou que não comêssemos dele, e que não tocássemos nele, para que não corramos o perigo de morrer. ⁴A serpente replicou à mulher: Certamente não morreréis. ⁵Mas é que Deus sabe que, assim que houverdes comido desse fruto, vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecendo o bem e o mal.

⁶A mulher considerou então que o fruto daquela árvore era bom de comer; que ele era belo e agradável à vista. E tomando dele, comeu e o deu a seu marido, que também comeu. (Ela viu, a mulher, que a árvore era boa como alimento, e que era desejável, a árvore, para compreender (*léaskil*), e tomou de seu fruto, etc.)

⁸E como ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava à tarde pelo paraíso, quando sopra um vento brando, eles se retiraram para o meio das árvores do paraíso a fim de se ocultarem da sua face.

⁹Então, o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: Onde estás? ¹⁰Adão lhe respondeu: Ouvi a tua voz no paraíso e tive medo, porque eu estava nu, essa a razão por que me escondi. ¹¹O Senhor lhe retrucou: E como soubeste que estavas nu, senão porque comeste do fruto da árvore que eu vos proibi de comer? ¹²Adão lhe respondeu: A mulher que me deste por companheira me apresentou o fruto dessa árvore e eu comi dele. ¹³O Senhor Deus disse à mulher: Por que fizeste isso? Ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi desse fruto.

¹⁴Então, o Senhor Deus disse à serpente: Porque tu fizeste isso, tu és maldita entre todos os animais e todas as bestas da terra; te arrastarás sobre o ventre e comerás a terra por todos os dias de tua vida. ¹⁵Porei uma inimizade entre ti e a mulher, entre tua raça e a dela. Ela te esmagará a cabeça e tu tentarás morder o seu calcanhar.

¹⁶Deus disse também à mulher: Afligirte-ei com muitos males durante a tua gravidez; parirás com dor; estarás sob a dominação de teu marido e ele te dominará.

Capítulo XII

¹⁷Disse em seguida a Adão: Por haveres escutado a voz da tua mulher e haveres comido do fruto da árvore que te proibi de comer, a terra será maldita por causa do que fizeste, e só com muito trabalho tirarás dela o teu alimento, durante toda a tua vida.

¹⁸Ela te apresentará espinhos e sarças, e te alimentarás com a erva da terra. ¹⁹E comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de onde foste tirado, porque és pó e em pó te tornarás.

²⁰E Adão deu à sua mulher o nome de *Eva*, que significa *a vida*, porque ela era a mãe de todos os viventes.

²¹O Senhor Deus também fez para Adão e sua mulher vestes de peles com que os cobriu. ²²E disse: Eis aí Adão que se tornou como *um de nós*, sabendo o bem e o mal. Impeçamos, pois, agora, que ele coloque sua mão na árvore da vida, que pegue também do seu fruto, e que, comendo desse fruto, viva eternamente. (Ele disse, Jeová Eloim: Eis aí, o homem feito como um de nós pelo conhecimento do bem e do mal; e agora ele pode estender a mão e tomar da árvore da vida (*veata pen ischlach yado velakach mehetz hachayim*); ele dela comerá e viverá eternamente.)

²³O Senhor Deus o fez sair do jardim de delícias, a fim de que fosse trabalhar no cultivo da terra de onde ele fora tirado.

²⁴E, tendo-o expulsado, colocou querubins¹⁸⁵ diante do jardim de delícias, os quais faziam luzir uma espada de fogo, para guardarem o caminho que conduzia à árvore da vida.

15. Sob uma imagem infantil e às vezes ridícula, se nos prendermos à forma, a alegoria frequentemente oculta as maiores verdades. À primeira vista, haverá fábula mais absurda do que a de Saturno, um deus devorando pedras, que ele tomava por seus filhos? Mas, ao mesmo tempo, o que de mais profundamente filosófico e verdadeiro do que essa figura, se procurarmos o

¹⁸⁵ Do hebreu “cherub”, “keroub”, boi, “charab”, lavar. Anjos do segundo coro da primeira hierarquia, que eram representados com quatro asas, quatro faces e pés de boi. (N.A.)

seu sentido moral! Saturno é a personificação do tempo; sendo todas as coisas obra do tempo, ele é o pai de tudo o que existe, mas também tudo se destrói com o tempo. Saturno devorando pedras é o símbolo da destruição, pelo tempo, dos mais duros corpos, que são seus filhos, visto que se formaram com o tempo. E quem, segundo essa mesma alegoria, escapa a tal destruição? Júpiter, símbolo da inteligência superior, do princípio espiritual que é indestrutível. Essa imagem é tão natural que, na linguagem moderna, sem alusão à fábula antiga, se diz de algo que se deteriorou com o passar do tempo, que foi devorado pelo tempo, carcomido, destruído pelo tempo.

16. Toda a mitologia pagã, na realidade, nada mais é que um imenso quadro alegórico das diversas facetas, boas e más, da humanidade. Para quem lhe busca o espírito, ou seja, o significado, é um curso completo da mais alta filosofia, como acontece com as modernas fábulas. O absurdo era tomar a forma pelo fundo, mas os sacerdotes pagãos só ensinavam a forma, seja porque alguns nada mais soubessem, seja porque tivessem interesse em manter a população nessas crenças que, favorecendo, em tudo, o domínio que exerciam sobre ela, eram mais produtivas que a filosofia. A veneração do povo pela forma era uma fonte inesgotável de riquezas, representada pelos donativos acumulados nos templos, pelas oferendas e sacrifícios feitos em intenção dos deuses, mas, na realidade, em proveito dos seus representantes. Um povo menos crédulo, menos ligado às imagens, às estátuas, aos símbolos e aos oráculos: por esta razão, por haver querido secar essa fonte colocando a verdade no lugar do erro, Sócrates foi condenado, como ímpio, a beber cicuta. Naquela época ainda não estava em uso queimar, vivos, os heréticos; cinco séculos mais tarde, Cristo foi condenado a uma morte infamante, como ímpio, por haver, como Sócrates, desejado substituir a letra pelo espírito, e porque a sua doutrina, toda espiritual, destruía a supremacia dos escribas, dos fariseus e dos doutores da lei.

17. O mesmo ocorre com a Gênese, onde é preciso ver as grandes verdades morais sob figuras materiais que, levadas ao pé

Capítulo XII

da letra, seriam tão absurdas como se, nas nossas fábulas, considerássemos no sentido literal as cenas e os diálogos atribuídos aos animais.

Adão é a personificação da humanidade. Sua falta individualiza a fraqueza do homem, em quem predominam os instintos materiais aos quais ele não sabe resistir.

A árvore, como árvore da vida, é o símbolo da vida espiritual; como árvore da Ciência, é o símbolo da consciência que o homem adquire do bem e do mal pelo desenvolvimento da sua inteligência e do livre-arbítrio, em virtude do qual ele escolhe entre um e outro. Marca o ponto em que a alma do homem, deixando de ser guiada apenas pelos instintos, toma posse da sua liberdade e incorre na responsabilidade dos seus atos.

O fruto da árvore é o símbolo do objetivo dos desejos materiais do homem, é a alegoria da cobiça; ele resume sob uma mesma figura os motivos de arrastamento ao mal; comer desse fruto é sucumbir à tentação.¹⁸⁶ Ele cresce no meio do jardim de delícias para mostrar que a sedução está no seio mesmo dos prazeres e lembrar, ao mesmo tempo, que, se o homem dá prioridade aos gozos materiais, ele se prende à Terra e se afasta do seu destino espiritual.

A morte com que Adão é ameaçado, caso infrinja a proibição que lhe é feita, é um aviso das consequências inevitáveis, físicas e morais, decorrentes da violação das leis divinas que Deus gravou na sua consciência. É por demais evidente que não se trata aqui da morte do corpo, uma vez que, após cometer a falta, Adão ainda viveu longo tempo, mas sim da morte espiritual, ou, em outras palavras, da perda dos bens que resultam do adiantamento moral, cuja imagem é a sua expulsão do jardim de delícias.

¹⁸⁶ Em nenhum texto o fruto é indicado como “maçã”; esta palavra só se encontra nas versões infantis. A palavra do texto hebreu é “peri”, que tem as mesmas acepções que em francês, sem determinação da espécie, podendo ser usado em sentido material, moral, alegórico, próprio e figurado. Entre os israelitas não há interpretação obrigatória, quando uma palavra tem muitas acepções, cada um a entende como quer, contanto que a interpretação não seja contrária à gramática. O termo “peri” foi traduzido em latim por “malum”, que se aplica à maçã e a toda espécie de frutos. Ele é derivado do grego “mélon”, participio do verbo “mélo”, interessar, cuidar, atrair. (N.A.)

Hoje, a serpente está longe de ser considerada como o símbolo da astúcia. Ela aparece aqui mais pela forma do que pelo seu caráter, como uma alusão à perfídia dos maus conselhos, que se insinuam como a serpente e dos quais, por essa razão, muitas vezes não se desconfia. Aliás, se a serpente foi condenada a se arrastar sobre o ventre por haver enganado a mulher, isto queria dizer que antes esse animal tinha pernas, e então, não era uma serpente. Portanto, por que impor como verdades, à fé ingênua e crédula das crianças, alegorias tão evidentes, e que, iludindo o seu raciocínio, fazem com que mais tarde venham a considerar a *Bíblia* como uma série de fábulas absurdas?

18. Se a falta de Adão foi, literalmente, a de haver comido um fruto, ela não poderia, incontestavelmente, por sua natureza quase infantil, justificar o rigor com que foi punida. Não se poderia também admitir, racionalmente, que o fato seja como geralmente se supõe. Se assim fosse, teríamos Deus, ao considerar esse fato como um crime irremissível, condenando a sua própria obra, uma vez que ele havia criado o homem para a propagação. Se Adão houvesse entendido dessa maneira a proibição de tocar no fruto da árvore e se houvesse se conformado escrupulosamente com ela, onde estaria a humanidade e o que teria sido feito dos desígnios do Criador? Se assim fosse, Deus teria criado o imenso aparelho do Universo para dois indivíduos, e a humanidade teria vindo contra sua vontade e suas previsões.

Deus não havia criado Adão e Eva para ficarem sozinhos na Terra e a prova disso está nas próprias palavras que ele lhes dirigiu depois de os formar, quando eles ainda estavam no paraíso terrestre: “Deus os abençoou e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, *enchei a Terra* e submetei-a ao vosso domínio.” (Gênesis, I: 28.) Uma vez que a multiplicação do homem era uma lei desde o paraíso terrestre, a expulsão deles dali não poderia ter como causa o fato suposto.

O que deu crédito a essa suposição, foi o sentimento de vergonha que Adão e Eva manifestaram ante o olhar de Deus e que os levou a se cobrirem. Mas, essa própria vergonha é uma

Capítulo XII

figura de imagem: simboliza a confusão que todo culpado sente na presença de quem ofendeu.

19. Qual foi então, definitivamente, essa falta tão grande que pôde acarretar reprovação perpétua a todos os descendentes daquele que a cometeu? Caim, o fraticida, não foi tratado tão severamente. Nenhum teólogo pôde defini-la logicamente, porque todos, não saindo do sentido literal, ficam girando em um círculo vicioso.

Hoje sabemos que essa falta não é um ato isolado, pessoal a um indivíduo, mas que engloba, sob um único fato alegórico, o conjunto das prevaricações de que a humanidade da Terra, ainda imperfeita, pode tornar-se culpada e que se resumem nestas palavras: *infração à lei de Deus*. Eis por que a falta do primeiro homem, simbolizando a humanidade, é figurada por um ato de desobediência.

20. Dizendo a Adão que ele tiraria sua alimentação da terra com o suor do seu rosto, Deus simboliza a obrigação do trabalho; mas, por que fez do trabalho uma punição? O que seria da inteligência do homem, se ele não a desenvolvesse pelo trabalho? O que seria da terra, se não fosse fecundada, transformada e saneada pelo trabalho inteligente do homem?

Foi dito (Gênesis, II: 5 e 7.): “O Senhor Deus ainda não havia feito chover sobre a Terra, e nela não havia homem para cultivá-la. O Senhor formou então, o homem do limo da terra.” Essas palavras, unidas a estas outras: “*Enchei a Terra*”, provam que o homem, desde a sua origem, estava destinado a *ocupar toda a Terra e a cultivá-la*, e, além disso, que o paraíso não era um lugar circunscrito em um ponto do globo. Se a cultura da terra devesse ser uma consequência da falta de Adão, disso resultaria que, se Adão não tivesse pecado, a terra não teria sido cultivada e os desígnios de Deus não teriam sido cumpridos.

Por que ele disse à mulher que, em consequência de haver cometido a falta, pariria com dor? Como pode a dor do parto ser um castigo, quando é um efeito do organismo e quando está

provado fisiologicamente que ela é necessária? Como uma coisa que acontece de acordo com as leis da Natureza pode ser uma punição? É o que os teólogos absolutamente ainda não explicaram e que não poderão fazer, enquanto não saírem do ponto de vista em que se encontram. Entretanto, essas palavras, que parecem tão contraditórias, podem ser justificadas.

21. Observemos inicialmente que se, no momento da criação de Adão e Eva, suas almas tivessem sido tiradas do nada, como se ensina, eles deviam ser principiantes em tudo, não deviam saber o que é morrer. Uma vez que estavam *sós* na Terra, como enquanto viveram no paraíso terrestre, não tinham visto morrer ninguém; como, então, teriam podido compreender no que consistia a ameaça de morte que Deus lhes fazia? Como Eva teria podido compreender que parir com dor seria uma punição, visto que, tendo acabado de nascer para a vida, ela jamais tivera filhos e era a única mulher existente no mundo?

Portanto, para Adão e Eva as palavras de Deus não deviam ter nenhum sentido. Mal surgidos do nada, eles não podiam saber nem como e nem por que haviam surgido ali. Não podiam compreender nem o Criador e nem o motivo da proibição que lhes era feita. Sem nenhuma experiência das condições de vida, eles pecaram como crianças que agem sem discernimento, o que torna ainda mais incompreensível a terrível responsabilidade que Deus fez pesar sobre eles e sobre a humanidade inteira.

22. Entretanto, o que é um impasse para a Teologia, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de forma racional pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala como a crianças, mas como a seres em condições de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que eles tinham aquisições anteriores. Admitamos, ao demais, que tenham vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do espírito substituíra o do corpo, e que, por sua rebelião contra a lei de Deus,

Capítulo XII

simbolizada pela desobediência, tenham sido, por punição, afastados de lá e exilados para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corporal, e reconheceremos que Deus tinha razão em lhes dizer: “No mundo onde ireis viver daqui por diante, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento com o suor da vossa frente”, e em dizer à mulher: “Parirás com dor”, porque esta é a situação desse mundo. (Cap. XI, item 31 e ss.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios se têm procurado inutilmente na Terra, era portanto a representação do mundo feliz onde Adão havia vivido, ou melhor dizendo, a raça dos espíritos da qual ele é a personificação. A expulsão do paraíso marca o momento em que esses espíritos vieram encarnar entre os habitantes da Terra, e a mudança de situação foi a consequência da expulsão. O anjo armado de uma espada flamejante, que veda a entrada do paraíso, simboliza a impossibilidade em que se acham os espíritos dos mundos inferiores de penetrar nos mundos superiores antes que tenham esse mérito pela sua depuração. (Veja-se adiante, no cap. XIV, item 8 e ss.)

23. Caim, após o assassinato de Abel, responde ao Senhor: “A minha iniquidade é muito grande, para que possa ser perdoada. Vós me expulsais hoje de cima da Terra e eu irei me ocultar de diante da vossa face. Serei fugitivo e vagabundo pela Terra e quem quer que me encontre me matará.” O Senhor lhe respondeu: “Não, isso não acontecerá, porquanto quem matar Caim será severamente punido.” E o Senhor pôs um sinal sobre Caim, a fim de que aqueles que o encontrassem não viessem a matá-lo.

Tendo-se retirado da frente do Senhor, Caim foi vagabundo sobre a Terra e habitou a região oriental do Éden. Havendo conhecido sua mulher, ela concebeu e pariu Henoch. Ele construiu uma cidade a que chamou Henoch (Enoquia), o nome do seu filho. (Gênesis, IV: 13 a 17.)

24. Se nos prendermos à letra da Gênese, eis a que conclusões chegamos: Adão e Eva estavam sós no mundo após sua expulsão do paraíso terrestre; só posteriormente tiveram os filhos, Caim e Abel. Ora, Caim, tendo matado seu irmão e se retirado para outra

região, não tornou a ver seu pai e sua mãe, que ficaram sós novamente. Só muito mais tarde, na idade de cento e trinta anos, foi que Adão teve um terceiro filho, chamado Seth. Após o nascimento de Seth, Adão ainda viveu, segundo a genealogia bíblica, oitocentos anos e teve mais filhos e filhas.

Portanto, quando Caim foi se estabelecer a leste do Éden, só havia três pessoas na Terra: seu pai e sua mãe, e ele, *sozinho*, de seu lado. Entretanto, Caim teve mulher e um filho. Quem poderia ser essa mulher e onde ele pudera desposá-la? Ele construiu uma cidade, mas uma cidade pressupõe habitantes, uma vez que não se presume que Caim a fizesse para si, sua mulher e seu filho, nem que pudesse construí-la sozinho.

Portanto, temos de concluir, dessa mesma narrativa, que a região era povoada; ora, não podia ser pelos descendentes de Adão, que então haviam sido reduzidos a um só: Caim.

A presença de outros habitantes ressalta igualmente destas palavras de Caim: “Serei fugitivo e vagabundo pela Terra e *quem quer que me encontre me matará*”, e da resposta que Deus lhe deu. Por quem ele temeria ser morto e que utilidade teria o sinal que Deus lhe pôs para preservar sua vida, uma vez que ele não iria encontrar ninguém? Ora, se havia na Terra outros homens, além da família de Adão, é que eles ali estavam antes dele, de onde se deduz esta consequência, tirada do mesmo texto da Gênese: Adão não foi nem o primeiro nem o único pai do gênero humano. (Cap. XI, item 34.)

25. Eram necessários os conhecimentos que o Espiritismo forneceu quanto às relações do princípio espiritual com o princípio material, sobre a natureza da alma, sua criação em estado de simplicidade e de ignorância, sua união com o corpo, sua marcha progressiva ilimitada através de sucessivas existências e através dos mundos que são outros tantos degraus na senda do aperfeiçoamento, seu livramento gradual da influência da matéria pelo uso do livre-arbítrio, a causa dos seus pendores bons ou maus e de suas aptidões, o fenômeno do nascimento e da morte, da situação

Capítulo XII

do espírito na erraticidade e, finalmente, o futuro que é a recompensa de seus esforços para se melhorar e da sua perseverança no bem, para lançar a luz sobre todas as partes da Gênese espiritual.

Graças a essa luz, o homem sabe doravante de onde vem, para onde vai, por que está na Terra e por que sofre. Sabe que seu futuro está em suas mãos e que a duração do seu cativeiro neste mundo só depende dele. A Gênese, despida da alegoria acanhada e mesquinha, lhe aparece grande e digna da majestade, da bondade e da justiça do Criador. Considerada desse ponto de vista, a Gênese confundirá a incredulidade e a vencerá.



**OS MILAGRES SEGUNDO
O ESPIRITISMO**

Capítulo XIII

Características dos Milagres

1. Em sua acepção etimológica, a palavra milagre, (de *mirari*, admirar) significa: *admirável, coisa extraordinária, surpreendente*. A Academia assim a definiu: *Um ato do poder divino contrário às leis conhecidas da Natureza*.¹⁸⁷

Na acepção usual, essa palavra, como tantas outras, perdeu o seu significado original. A sua aplicação, que antes era geral, ficou restrita a uma determinada ordem de fatos. No pensamento das massas, um *milagre* implica a ideia de um fato sobrenatural; no sentido litúrgico é uma derrogação das leis da Natureza, pela qual Deus manifesta o seu poder. Essa é, com efeito, sua acepção vulgar, que se tornou o sentido próprio, de modo que só por comparação e por metáfora a palavra se aplica às circunstâncias normais da vida.

¹⁸⁷ De acordo com o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, o vocábulo *milagre* apresenta, entre outras, as seguintes definições: **1.** Feito ou ocorrência extraordinária que não se explica pelas leis da Natureza. **2.** Acontecimento admirável, espantoso. **3.** Portento, prodígio, maravilha. **4.** Ocorrência que produz admiração ou surpresa. **5.** *Religião*: Qualquer manifestação da presença ativa de Deus na história humana. **6.** *Religião*: Sinal dessa presença, caracterizado sobretudo por uma alteração repentina e insólita dos determinismos naturais; etc. (N.R.)

Capítulo XIII

Uma das características do milagre propriamente dito é a de ser inexplicável, pela razão de ocorrer à revelia das leis naturais. Tanto é essa a ideia que está associada ao milagre que, se é encontrada uma explicação para um fato milagroso, diz-se que ele não é mais um milagre, por mais surpreendente que ele seja.

Outra característica do milagre é a de ser insólito, único, excepcional. Do momento em que ele se reproduz, seja espontaneamente, seja por um ato da vontade, é porque ele está sujeito a uma lei e, por consequência, sendo ou não conhecida essa lei, ele não pode ser um milagre.

2. Aos olhos do ignorante, a Ciência faz milagres todos os dias. Que um homem realmente morto seja devolvido à vida por uma intervenção divina, isto é um verdadeiro milagre, porque esse fato é contrário às leis da Natureza. Entretanto, se esse homem estiver aparentemente morto, se ainda existir nele um resto de *vitalidade latente*, e a Ciência, ou uma ação magnética, conseguir reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas é um fenômeno natural, mas, para o homem comum, ignorante, o fato passará por miraculoso. Se um físico lançar, do meio de uma planície, uma pipa elétrica, fazendo com que um raio caia sobre uma árvore, esse novo Prometeu certamente será considerado como detentor de um poder diabólico.¹⁸⁸ Porém Josué interrompendo o movimento do Sol, ou antes da Terra, em se admitindo o fato, eis aí o verdadeiro milagre, uma vez que não existe nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para realizar semelhante prodígio.

Os séculos de ignorância foram fecundos em milagres, porque se considerava miraculoso tudo aquilo cuja causa era desconhecida. À medida que a Ciência revelou novas leis, o

¹⁸⁸ Um outro exemplo é a história muito conhecida de Caramuru, que, nos albores do descobrimento do Brasil, vendo-se acuada pelos indígenas, lançou mão do seu bacamarte e abateu um pássaro com um tiro certeiro, após o que passou a ser respeitado e considerado pelos silvícolas, como detentor de poderes extraordinários. (N.R.)

domínio do maravilhoso se restringiu, mas como a Ciência não havia explorado todo o vasto campo da natureza, restou ainda uma parte bem grande para o maravilhoso.

3. Expulso do domínio da materialidade pela Ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, que foi o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da Natureza, força que atua incessantemente, juntamente com a força material, o Espiritismo fez entrar os fenômenos que dele resultam no círculo dos efeitos naturais, porque esses fatos, como os outros, estão sujeitos a leis. Se o maravilhoso for expulso da espiritualidade, ele não terá mais razão de ser, e só então se poderá dizer que o tempo dos milagres passou.¹⁸⁹

4. O Espiritismo vem, portanto, por sua vez, fazer o que cada ciência fez quando surgiu: revelar novas leis e, conseqüentemente, explicar os fenômenos que são da competência dessas leis.

Esses fenômenos, é certo, estão relacionados à existência dos espíritos e à sua intervenção no mundo material; ora, é isto que, dizem, é o sobrenatural. Mas, então, seria necessário provar que os espíritos e suas manifestações são contrários às leis da natureza; que aí não há, nem pode haver, uma dessas leis.

O espírito nada mais é que a alma que sobreviveu ao corpo, é o ser principal, uma vez que não morre, enquanto que o corpo é um simples acessório que se destrói. Sua existência, portanto, é tão natural depois como durante a encarnação. O espírito está sujeito às leis que regem o princípio espiritual, assim como o corpo está sujeito às leis que regem o princípio material, mas como estes dois princípios têm uma afinidade

¹⁸⁹ A palavra "elemento" não é tomada aqui no sentido de "corpo simples, elementar", de "moléculas primitivas", mas no de "parte constituinte de um todo". Nesse sentido, pode-se dizer que o "elemento espiritual" tem uma parte ativa na organização do Universo, como se diz que o "elemento civil" e o "elemento militar" figuram no número de uma população; que o "elemento religioso" entra na educação; que na Algérie é preciso levar em conta o "elemento árabe", etc. (N.A.)

Capítulo XIII

necessária, como interagem incessantemente um sobre o outro, como de sua ação simultânea resultam o movimento e a harmonia do conjunto, segue-se que a espiritualidade e a materialidade são as duas partes de um mesmo todo, uma tão natural quanto a outra, e que a espiritualidade não é uma exceção, uma anomalia na ordem das coisas.

5. Durante sua encarnação, o espírito age sobre a matéria através do seu corpo fluídico, ou perispírito, ocorrendo o mesmo quando ele não está encarnado. Como espírito, e na medida das suas capacidades, ele faz o que fazia quando era homem; apenas, por já não ter o corpo carnal como instrumento, serve-se, quando necessário, dos órgãos materiais de um encarnado que vem a ser o que se chama de *médium*. O espírito procede como alguém que, não podendo ele mesmo escrever, se vale da mão de um secretário, ou que, não sabendo uma língua, serve-se de um intérprete. Um secretário, um intérprete são os *médiuns* de um encarnado, do mesmo modo que o médium é o secretário ou o intérprete de um espírito.

6. Como o meio no qual agem os espíritos e os modos de execução não são mais os mesmos que no estado de encarnação, os efeitos são diferentes. Esses efeitos parecem sobrenaturais porque são produzidos com o auxílio de agentes diferentes dos que nos servimos. Porém, desde o momento em que esses agentes estão na Natureza e as manifestações ocorrem em virtude de certas leis, não há nada de sobrenatural ou de maravilhoso. Antes de se conhecer as propriedades da electricidade, os fenômenos elétricos eram considerados como prodígios por certas pessoas; desde que a causa foi conhecida, o maravilhoso desapareceu. O mesmo acontece com os fenômenos espíritas, que não fogem da ordem das leis naturais mais que os fenômenos elétricos, acústicos, luminosos e outros, que são a origem de uma imensidade de crenças supersticiosas.

7. Contudo, dirão, vós admitis que um espírito possa levantar uma mesa e mantê-la suspensa no espaço sem um ponto de apoio; isso não é uma derrogação da lei da gravidade?

— Sim, da lei conhecida; mas, conhecem-se todas as leis? Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de alguns gases, quem diria que uma máquina pesada, transportando muitos homens, poderia vencer a força de atração? Isso não pareceria maravilhoso, diabólico, aos olhos do homem comum? Há um século, aquele que se propusesse a transmitir uma mensagem a 3.000 quilômetros e receber a resposta dentro de alguns minutos, teria passado por louco. Se conseguisse fazê-lo, teriam acreditado que ele tinha o diabo às suas ordens, uma vez que, então, só o diabo seria capaz de andar tão depressa. Entretanto, atualmente, reconhece-se que o fato não só é possível como parece absolutamente natural. Assim, por que um fluido desconhecido não poderia, em certas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar a ação da gravidade, assim como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? É exatamente o que acontece no caso em questão.¹⁹⁰ (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. IV.)

8. Os fenômenos espíritas estando na Natureza, eles se produziram em todos os tempos; mas precisamente porque seu estudo não podia ser feito pelos meios materiais disponíveis pela Ciência ordinária, permaneceram muito mais tempo do que os outros fenômenos no domínio do sobrenatural, de onde, agora, o Espiritismo os fez sair.

Baseando-se em aparências inexplicadas, o sobrenatural dá livre curso à imaginação que, vagando pelo desconhecido, gera as crenças supersticiosas. Uma explicação racional, fundamentada nas leis da Natureza, estabelece um freio aos desvios da imaginação e destrói as superstições, reconduzindo o homem à realidade. O Espiritismo, longe de ampliar o domínio do sobrenatural, restringe-o a limites extremos, arrebatando o seu último refúgio. Se ele faz crer na possibilidade de

¹⁹⁰ Corroborando as observações do Codificador, acrescentamos que da publicação da 1ª edição de *A Gênese* até os dias de hoje, a Ciência vem descobrindo novas leis da natureza, tais como as da Aerodinâmica que possibilitaram, no início do século XX, o voo de objetos mais pesados do que o ar. (N.R.)

Capítulo XIII

alguns fatos, ele impede que se acredite em muitos outros, porque demonstra no campo da espiritualidade, como faz a Ciência no campo da materialidade, o que é possível e o que não o é. Entretanto, como não tem a pretensão de dizer a última palavra sobre todas as coisas, mesmo sobre aquelas que são da sua competência, ele não se coloca como regulador absoluto do possível e deixa de lado os conhecimentos que o futuro reserva.

9. Os fenômenos espíritas consistem nas diversas manifestações da alma ou espírito, seja durante a encarnação, seja no estado de erraticidade. É através dessas manifestações que a alma revela sua existência, sua sobrevivência e sua individualidade; podemos julgá-la pelos seus efeitos, sendo a causa natural, o efeito também o é. São esses efeitos que constituem o objeto especial das pesquisas e do estudo do Espiritismo, a fim de se chegar ao conhecimento tão completo quanto possível da Natureza e dos atributos da alma, assim como das leis que regem o princípio espiritual.

10. Para aqueles que negam a existência do princípio espiritual independente, e, por consequência, negam a existência da alma individual e sobrevivente, toda a Natureza está na matéria tangível; aos seus olhos, todos os fenômenos que dizem respeito à espiritualidade são sobrenaturais e portanto quiméricos. Não admitindo a causa, eles não podem admitir o efeito, e quando os efeitos são patentes eles os atribuem à imaginação, à ilusão, à alucinação, e se recusam a aprofundar-se neles. Daí, possuem uma opinião preconcebida que os torna incapazes de avaliar judiciosamente o Espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não seja material.

11. Do fato de o Espiritismo admitir os efeitos que são a consequência da existência da alma, não se conclui que ele aceite todos os efeitos classificados como maravilhosos e que se proponha a justificá-los e a dar-lhes crédito, fazendo-se o campeão de todos os devaneios, de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas e de todas as lendas miraculosas.

Seria preciso conhecer muito pouco o Espiritismo para pensar assim. Os seus adversários creem que lhe opõem um argumento sem réplicas quando, após terem feito eruditas pesquisas sobre os convulsionários de Saint-Médard,¹⁹¹ sobre os Camisardos das Cévennes,¹⁹² ou sobre as religiosas de Loudun, chegaram a descobrir embustes que ninguém contesta. Mas essas histórias serão o Evangelho do Espiritismo? Seus adeptos negaram que o charlatanismo tenha explorado alguns fatos em proveito próprio; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os tenha exagerado muito? O Espiritismo é tão solidário com as extravagâncias que se possam cometer em seu nome, como a Ciência o é com os abusos da ignorância e a verdadeira religião com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares, que dele são as ficções. Seria como julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12. Na maior parte das vezes, os fenômenos espíritos são espontâneos, e se produzem sem qualquer ideia preconcebida entre as pessoas que menos pensam neles. Em certas circunstâncias, alguns desses fenômenos podem ser provocados pelos agentes denominados de *médiuns*. No primeiro caso, o médium *não tem consciência* do que acontece por seu intermédio; no segundo, age com conhecimento de causa, daí a classificação de *médiuns conscientes* e *médiuns inconscientes*. Estes últimos são os mais numerosos, e frequentemente são encontrados entre os incrédulos mais obstinados, que assim praticam o Espiritismo sem saber e sem querer. Por isso

¹⁹¹ **Convulsionários de Saint-Médard:** fanáticos do séc. XVIII cuja exaltação religiosa causava convulsões, e que se infligiam torturas. Pelo ano de 1729, começou a constar em Paris que milagres eram realizados no Cemitério de Saint-Médard, no túmulo do diácono Francisco de Paris, falecido em 1727 e que em vida fora muito caridoso. Junto ao seu túmulo havia pessoas que tinham espasmos convulsivos, o que deu origem à palavra. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vol. I.)

¹⁹² **Camisardos:** eram protestantes de Cévennes, região montanhosa francesa que se estende do Aude ao Loire, que tomaram as armas após a revogação do Édito de Nantes (1685) e que resultou na expatriação de um grande número de protestantes entre os mais ativos e os mais trabalhadores da nação francesa. Eram assim chamados porque vestiam uma camisa por cima de suas roupas. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

Capítulo XIII

mesmo, os fenômenos espontâneos são de uma importância capital, uma vez que não se pode suspeitar da boa-fé daqueles que os obtêm. Ocorre aqui o que se dá com o sonambulismo, que, em certos indivíduos, é natural e involuntário, enquanto que em outros é provocado pela ação magnética.¹⁹³

Porém, que esses fenômenos sejam ou não o resultado de um ato da vontade, a causa primária é exatamente a mesma e não se afasta em nada das leis naturais. Os médiuns, portanto, não produzem absolutamente nada de sobrenatural e, assim sendo, não fazem *nenhum milagre*. As próprias curas instantâneas não são mais milagrosas do que os outros efeitos, uma vez que são devidas à ação de um agente fluídico que desempenha o papel de agente terapêutico, cujas propriedades não são menos naturais por terem sido desconhecidas até agora. Assim, o epíteto de *taumaturgos*, que a crítica ignorante dos princípios do Espiritismo atribuiu a certos médiuns, é completamente impróprio. A qualificação de *milagres*, dada por comparação a essas espécies de fenômenos, só pode induzir a erro sobre a sua verdadeira natureza.

13. A intervenção de inteligências ocultas nos fenômenos espíritos não os torna mais milagrosos do que todos os outros fenômenos que são devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das forças da Natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, assim como sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos sobre essa força, o Espiritismo nos dá a solução de uma imensidade de coisas inexplicadas, e inexplicáveis por outro meio, e que por isso, no passado, foram consideradas como prodígios. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela uma lei, senão desconhecida, pelos menos mal compreendida, ou melhor dizendo, os efeitos eram conhecidos, uma vez que ocorreram em todos os tempos, mas

¹⁹³ “O Livro dos Médiuns”, 2ª Parte, cap. V. Exemplos na “Revista Espírita”: dezembro de 1865, agosto de 1865. (N.A.)

não se conhecia a lei, e foi o seu desconhecimento que gerou a superstição. Conhecendo-se essa lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram no rol das coisas naturais. Eis por que os espíritas não realizam milagre quando fazem com que uma mesa se mova sozinha ou com que os mortos escrevam, assim como o médico, quando faz com que um moribundo reviva, ou o físico, quando faz com que um raio caia. Aquele que pretendesse *fazer milagres*, com o auxílio dessa ciência, seria ou um ignorante no assunto, ou um enganador de tolos.

14. Uma vez que o Espiritismo repudia qualquer pretensão às coisas miraculosas, haveria milagres, fora dele, na acepção usual desta palavra?

Digamos, primeiramente, que entre os fatos considerados milagrosos, ocorridos antes do advento do Espiritismo, e que ainda ocorrem no presente, a maior parte, senão todos, encontram sua explicação nas novas leis que ele veio revelar. Esses fatos, portanto, estão compreendidos, embora com outro nome, na ordem dos fenômenos espíritas e, como tais, não têm nada de sobrenatural. Fique, porém, bem entendido que nos referimos aqui aos fatos autênticos e não àqueles que, sob o nome de milagres, são o fruto de uma indigna charlatanice, com o objetivo de explorar a credulidade. Tampouco nos referimos a certos fatos lendários que originalmente podem ter tido, na origem, um fundo de verdade, mas que a superstição ampliou até ao absurdo. É sobre esses fatos que o Espiritismo vem lançar a luz, fornecendo os meios de se separar a verdade do erro.

15. Quanto aos milagres propriamente ditos, Deus pode fazê-los, sem dúvida, uma vez que nada lhe é impossível; mas, ele os faz? Ou, em outras palavras: ele derroga as leis que estabeleceu? Não cabe ao homem prejudicar os atos da divindade, nem subordiná-los à fraqueza do seu entendimento; entretanto, nós temos para critério de nosso julgamento, com respeito às coisas divinas, os próprios atributos de Deus. Ao soberano poder ele reúne a soberana sabedoria, de onde é preciso concluir que ele nada faz de inútil.

Capítulo XIII

Por que, então, faria milagres? Para atestar o seu poder, dizem. Mas o poder de Deus não se manifesta de maneira muito mais imponente pelo grandioso conjunto das obras da criação, pela sábia providência que preside essa criação, tanto nas partes mais ínfimas como nas maiores, e pela harmonia das leis que regem o Universo, do que por algumas pequeninas e pueris derrogações que todos os prestidigitadores sabem imitar? Que se diria de um sábio mecânico que, para provar a sua habilidade, desmantelasse um relógio construído por ele, uma obra-prima da Ciência, a fim de mostrar que pode desmanchar o que fez? O seu saber, ao contrário, não ressalta da regularidade e da precisão do movimento da sua obra?

Assim, a questão dos milagres propriamente dita não é da alçada do Espiritismo; mas, apoiando-se no raciocínio de que Deus não faz nada de inútil, ele emite a seguinte opinião: não sendo os milagres necessários para a glorificação de Deus, nada, no Universo, se afasta das leis gerais. Se existem fatos que não compreendemos, é porque ainda nos faltam os conhecimentos necessários.

16. Admitindo-se que Deus tenha, por motivos que não podemos avaliar, derogado acidentalmente as leis que ele estabeleceu, essas leis não são mais imutáveis; mas, pelo menos é racional pensar que só ele tem esse poder. Não se poderia admitir, sem lhe negar a onipotência, que seja dado ao espírito do mal desfazer a obra de Deus, fazendo, de sua parte, prodígios para seduzir até mesmo os eleitos, o que implicaria a ideia de um poder igual ao de Deus, contudo, é o que ensinam. Se Satanás tem o poder de interromper o curso das leis naturais, que são obra divina, sem a permissão de Deus, ele é mais poderoso do que Deus, logo Deus não tem a onipotência, e se Deus, como pretendem, delega esse poder a Satanás para induzir mais facilmente os homens ao mal, Deus não teria a soberana bondade. Tanto em um como em outro caso ocorre a negação de um dos atributos sem os quais Deus não seria mais Deus.

Assim a Igreja distingue os bons milagres que vêm de Deus, dos maus milagres que vêm de Satanás; mas como diferenciá-los? Que um milagre seja oficial ou não, ele não deixa de ser uma derrogação de leis emanadas unicamente de Deus. Se um indivíduo é curado de uma forma intitulada miraculosa, quer seja por Deus ou por Satanás, a cura não deixará por isso de ter ocorrido. Torna-se forçoso fazer uma ideia muito pobre da inteligência humana para esperar que semelhantes doutrinas possam ser aceitas nos dias de hoje.

Reconhecida a possibilidade de alguns fatos considerados milagrosos, teremos de concluir que, seja qual for a origem que se lhes atribua, eles são efeitos naturais de que se podem valer *espíritos* ou *encarnados*, como de tudo, como da própria inteligência e de seus conhecimentos científicos, para o bem ou para o mal, conforme sua bondade ou perversidade. Valendo-se do saber adquirido, um ser perverso pode fazer coisas que passem por prodígios aos olhos dos ignorantes, mas quando esses efeitos resultam em um bem qualquer, seria ilógico atribuir-lhes uma origem diabólica.

17. Entretanto, dizem, a religião se apoia em fatos que não são nem explicados e nem explicáveis. Inexplicados, talvez, inexplicáveis é uma outra questão. Sabe-se que descobertas e conhecimentos o futuro nos reserva? Sem falar do milagre da Criação, incontestavelmente o maior de todos, e que atualmente pertence ao domínio da lei universal, já não vemos acontecerem, no âmbito do magnetismo, do sonambulismo e do Espiritismo, os êxtases, as visões, as aparições, a visão à distância, as curas instantâneas, as suspensões, as comunicações orais e outras com os seres do mundo invisível, fenômenos conhecidos desde tempos imemoriais, considerados outrora como maravilhosos, e atualmente demonstrados como pertencentes à ordem das coisas naturais, de acordo com a lei constitutiva dos seres? Os livros sagrados estão cheios de fatos desse gênero, qualificados de sobrenaturais, porém, como se encontram fatos análogos e até mais maravilhosos ainda

Capítulo XIII

em todas as religiões pagãs da Antiguidade, se a veracidade de uma religião dependesse do número e da natureza desses fatos, não se saberia dizer qual delas deveria prevalecer.

18. Pretender que o sobrenatural é o fundamento necessário de toda religião, que ele é o ponto principal da organização cristã, é sustentar uma tese perigosa. Assentar as verdades do Cristianismo exclusivamente sobre a base do maravilhoso é dar-lhe um alicerce fraco, cujas pedras se soltam a cada dia. Essa tese, da qual eminentes teólogos se fizeram defensores, leva à conclusão de que, em um dado tempo, não haverá mais religião possível, nem mesmo a cristã, se o que é considerado como sobrenatural foi demonstrado como natural, uma vez que, por mais que se acumulem os argumentos, não será possível manter a crença de que um fato é milagroso quando está provado que ele não é. Ora, a prova de que um fato não é uma exceção às leis naturais, se faz quando ele pode ser explicado por essas mesmas leis, e que, podendo se reproduzir por intermédio de um indivíduo qualquer, deixa de ser privilégio dos santos. Não é o *sobrenatural* que é necessário às religiões, mas o *princípio espiritual*, que costumam erradamente confundir com o maravilhoso, e sem o qual não há religião possível.

O Espiritismo considera a religião cristã de um ponto mais elevado; ele lhe dá uma base mais sólida que os milagres: as imutáveis leis de Deus, que regem tanto o princípio espiritual como o princípio material. Essa base desafia o tempo e a Ciência, uma vez que o tempo e a Ciência virão sancioná-la.

Deus não se torna menos digno da nossa admiração, do nosso reconhecimento e do nosso respeito, por não haver derogado as suas leis, grandiosas sobretudo pela sua imutabilidade. Não há necessidade do sobrenatural para que se renda a Deus o culto que lhe é devido. A Natureza já não é por si mesma bastante imponente? O que é preciso nela acrescentar para provar o poder supremo? Quanto mais a religião tiver todos os seus pontos sancionados pela razão, menos incrédulos ela encontrará. O Cristianismo não tem nada a perder

com esta sanção, ao contrário, ele só tem a ganhar. Se alguma coisa pôde prejudicá-lo na opinião de certas pessoas, é precisamente o abuso do sobrenatural e do maravilhoso.

19. Se tomarmos a palavra *milagre* na sua acepção etimológica, no sentido de *coisa admirável*, teremos milagres acontecendo incessantemente sob as nossas vistas. Nós os aspiramos no ar e os calcamos sob nossos pés, porque na Natureza, tudo é milagre.

Querem dar ao povo, aos ignorantes e aos pobres de espírito uma ideia do poder de Deus? É preciso mostrá-lo na sabedoria infinita que a tudo preside, no admirável organismo de tudo o que vive, na frutificação das plantas, na adequação de todas as partes de cada ser às suas necessidades, de acordo com o meio onde ele é chamado a viver. É preciso mostrar-lhes a ação de Deus no broto de uma erva, na flor que desabrocha, no Sol que tudo vivifica. É preciso mostrar-lhes sua bondade na sua solicitude por todas as criaturas, por mais ínfimas que sejam, a sua providência na razão de ser de cada coisa, entre as quais nenhuma é inútil, no bem que sempre decorre de um mal aparente e momentâneo. É preciso fazê-los compreender, principalmente, que o mal real é obra do homem e não de Deus; não procurem apavorá-los com o quadro das penas eternas em que acabam não acreditando mais, e que os fazem duvidar da bondade de Deus; antes, deem-lhes coragem pela certeza de poderem redimir-se um dia e reparar o mal que hajam praticado. Mostrem-lhes as descobertas da Ciência como revelação das leis divinas e não como a obra de Satanás. Ensinem-lhes, finalmente, a ler no livro da Natureza, constantemente aberto diante deles; nesse livro inesgotável, onde a cada página, se acham inscritas a sabedoria e a bondade do Criador. Eles, então, compreenderão que um Ser tão grande, se ocupando de tudo, velando por tudo e tudo prevendo, tem de ser soberanamente poderoso. O lavrador o verá ao sulcar o seu campo, e o infortunado o louvará nas suas aflições, pois dirá a si mesmo: Se sou infeliz, é por minha culpa. Então, os homens

Capítulo XIII

serão verdadeiramente religiosos, sobretudo racionalmente religiosos, muito mais do que se esforçando para crer em pedras que suam sangue, ou em estátuas que piscam os olhos e derramam lágrimas.



Capítulo XIV

Os Fluidos

Natureza e propriedades dos fluidos. Explicação de alguns fatos considerados sobrenaturais

Natureza e propriedades dos fluidos

1. A Ciência deu a solução dos milagres que mais particularmente resultam do elemento material, seja explicando-os, seja demonstrando-lhes a impossibilidade, pelas leis que regem a matéria; mas os fenômenos em que o elemento espiritual tem uma participação preponderante, não podem ser explicados apenas pelas leis da matéria, escapando às investigações da Ciência. Esta é a razão por que eles têm, mais do que os outros fenômenos, os caracteres aparentes do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

2. Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva, cujas modificações e transformações constituem a inumerável variedade dos corpos da Natureza. Como princípio elementar universal, ele apresenta dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade, que se pode considerar como o estado normal primitivo, e o de materialização

Capítulo XIV

ou de ponderabilidade, que, de certa maneira, é apenas consecutivo àquele outro. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível, mas, ainda aí, não ocorre uma transição brusca, uma vez que podemos considerar nossos fluidos imponderáveis¹⁹⁴ como um ponto intermediário entre os dois estados. (Cap. IV, item 10 e ss.)

Cada um desses dois estados dá, necessariamente, origem a fenômenos especiais: ao segundo pertencem os fenômenos do mundo visível, e ao primeiro, os do mundo invisível. Uns, os chamados *fenômenos materiais*, são da alçada da Ciência propriamente dita; os outros, qualificados de *fenômenos espirituais ou psíquicos*, porque eles se ligam mais especialmente à existência dos espíritos, pertencem às atribuições do Espiritismo. Porém, como a vida espiritual e a vida corporal estão em incessante contato, muitas vezes os fenômenos dessas duas categorias ocorrem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem pode perceber apenas os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os que pertencem ao domínio exclusivo da vida espiritual escapam aos sentidos materiais, e só podem ser percebidos no estado de espírito.¹⁹⁵

3. No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme. Sem deixar de ser etéreo, ele sofre modificações também variadas no seu gênero, talvez mais numerosas do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos

¹⁹⁴ Podemos considerar os fluidos imponderáveis, citados por Allan Kardec, como sendo os gases, principalmente aqueles que, por se encontrarem superaquecidos na temperatura ambiente, são invisíveis e muito mais “imponderáveis”, embora possamos senti-los e pesá-los como a qualquer outra substância. Como exemplo, poderíamos citar o oxigênio e o nitrogênio moleculares presentes na atmosfera.

Um exemplo mais contundente de “fluido imponderável” são os neutrinos: partículas subatômicas, de massa nula e sem carga elétrica, provenientes da energia, de fraca interação com a matéria e de difícil detecção. Eles são gerados no núcleo das estrelas, como o Sol, que os emitem no espaço. (N.R.)

¹⁹⁵ A denominação de “fenômeno psíquico” traduz mais exatamente o pensamento do que a de “fenômeno espiritual”, uma vez que esses fenômenos repousam sobre as propriedades e os atributos da alma, ou melhor, dos fluidos perispirituais, que são inseparáveis da alma. Essa qualificação os liga mais intimamente à ordem dos fatos naturais regidos por leis; pode-se, assim, admiti-los como efeitos psíquicos, sem admiti-los como milagres. (N.A.)

distintos que, embora procedendo do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos particulares do mundo invisível.

Tudo sendo relativo, esses fluidos têm para os espíritos — que também são fluídicos — uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados, sendo para eles o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram, os combinam para produzir determinados efeitos, assim como os homens fazem com os seus materiais, embora por processos diferentes.

Entretanto, lá, como neste mundo, somente aos espíritos mais esclarecidos é dado compreender o papel dos elementos constitutivos do seu mundo. Os ignorantes do mundo invisível são tão incapazes de explicar a si mesmos os fenômenos a que assistem — e para os quais muitas vezes contribuem maquinalmente — quanto os ignorantes da Terra o são de explicar os efeitos da luz ou da eletricidade, de dizer como veem e escutam.

4. Os elementos fluídicos do mundo espiritual escapam aos nossos instrumentos de análise e à percepção dos nossos sentidos, feitos para a matéria tangível e não para a matéria etérea. Existem alguns que pertencem a um meio tão diferente do nosso, que só podemos fazer ideia deles mediante comparações tão imperfeitas como aquelas pelas quais um cego de nascença procura fazer uma ideia da teoria das cores.

Entre esses fluidos, porém, alguns estão intimamente ligados à vida corporal, e, de certa forma, pertencem ao meio terrestre. Na impossibilidade da percepção direta, pode-se observar os seus efeitos e obter conhecimentos de uma certa precisão sobre a sua natureza. Esse estudo é essencial, porque ele é a solução de uma imensidade de fenômenos inexplicáveis somente pelas leis da matéria.

5. O ponto de partida do fluido universal é o grau de pureza absoluta, do qual nada pode nos dar uma ideia. O ponto oposto é sua transformação em matéria tangível. Entre esses dois extremos

Capítulo XIV

ocorrem inúmeras transformações, que se aproximam mais ou menos de um extremo ou do outro. Os fluidos mais próximos da materialidade, por consequência os menos puros, compõem o que se pode chamar de *atmosfera espiritual terrestre*. É desse meio, onde se acham igualmente vários graus de pureza, que os espíritos encarnados e desencarnados da Terra haurem os elementos necessários à organização de sua existência. Esses fluidos, por mais sutis e impalpáveis que sejam para nós, não deixam de ser de uma natureza grosseira, comparativamente aos fluidos etéreos das regiões superiores.

O mesmo ocorre na superfície de todos os mundos, salvo as diferenças de constituição e as condições de vitalidade próprias a cada um. Quanto menos material for a vida neles, menos afinidades terão os fluidos espirituais com a matéria propriamente dita.

A classificação de *fluidos espirituais* não é rigorosamente exata, uma vez que, definitivamente, eles são sempre matéria mais ou menos quintessenciada. De *espiritual*, realmente, só a alma ou princípio inteligente. Essa denominação é adotada apenas por comparação e, sobretudo, pela afinidade que esses fluidos têm com os espíritos. Pode-se dizer que são a matéria do mundo espiritual, razão pela qual são chamados *fluidos espirituais*.

6. Aliás, quem conhece a constituição íntima da matéria tangível? Talvez ela só seja compacta em relação aos nossos sentidos, o que poderia ser provado pela facilidade com que ela é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos espíritos aos quais ela não oferece mais obstáculos do que os corpos transparentes oferecem à passagem da luz.¹⁹⁶

¹⁹⁶ Ao tempo do Codificador, a estrutura da matéria ainda era pouco conhecida. De acordo com os conhecimentos atuais, podemos afirmar, corroborando as suas palavras, que realmente a matéria é mais um grande vazio do que algo realmente compacto, uma vez que a quase totalidade da massa do átomo está concentrada no seu núcleo, assim como, por exemplo, a quase totalidade da massa do sistema solar está concentrada no Sol.

O que torna a matéria compacta e impenetrável é a repulsão elétrica que existe entre as nuvens eletrônicas dos átomos que a constituem, que impede que os objetos materiais, digamos assim, se interpenetrem. (N.R.)

Como a matéria tangível se origina do fluido cósmico etéreo, deve ser possível que ela, se desagregando, volte ao estado de eterização, do mesmo modo que o diamante, o mais duro dos materiais, pode volatilizar-se, tornando-se um gás impalpável. A solidificação da matéria, efetivamente, não é mais que um estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao seu estado primitivo, quando as condições de coesão deixarem de existir.

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização, que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazer supor que sim. Conhecemos apenas as fronteiras do mundo invisível, mas o futuro, sem dúvida, nos reserva o conhecimento de novas leis, que permitirão compreender o que, para nós, ainda é um mistério.¹⁹⁷

7. O perispírito, ou corpo fluídico dos espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico. Ele é uma condensação desse fluido em torno de um *foco de inteligência ou alma*. Já vimos que o corpo carnal também tem a sua origem nesse mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular ocorre de maneira diferente, uma vez que o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, assim, a sua origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que sob dois estados diferentes.

8. Os espíritos extraem seu perispírito do meio onde se encontram, isso quer dizer que esse envoltório é formado dos fluidos ambientes. Resulta daí que os elementos constituintes do

¹⁹⁷ Realmente, a extensa bibliografia hoje disponível acerca dos fenômenos espirituais ditada pelos espíritos no estado de erraticidade, ou fruto das pesquisas efetuadas pelos encarnados, permitiu conhecer novas leis que elucidaram ainda mais o comportamento da matéria tangível e da matéria intangível.

Como exemplo, poderíamos citar a obra *Mecanismos da Mediunidade*, ditada mediunicamente pelo Espírito André Luiz, onde são revelados diversos fenômenos relacionados à matéria intangível, e a Teoria da Relatividade, proposta pelo cientista alemão Albert Einstein, que, entre outros aspectos, estabelece a lei de conversão da matéria tangível em energia e vice-versa, na famosa equação $E = mc^2$, onde E é a energia, m é a massa do corpo e c é a velocidade da luz. (N.R.)

Capítulo XIV

perispírito devem variar segundo os mundos. Sendo Júpiter considerado um mundo muito adiantado, em comparação à Terra, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, lá os envoltórios perispirituais devem ser de uma natureza infinitamente mais quintessenciada que os da Terra. Ora, assim como nós não poderíamos existir naquele mundo com o nosso corpo carnal, os nossos espíritos não poderiam ali penetrar com o seu perispírito terrestre. Abandonando a Terra, o espírito ali deixa o seu invólucro fluídico e reveste um outro apropriado ao mundo onde deve habitar.

9. A natureza do envoltório fluídico está sempre de acordo com o grau de adiantamento moral do espírito. Os espíritos inferiores não podem trocar de envoltório a seu bel-prazer e, por consequência, não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. Existem alguns cujo envoltório fluídico, mesmo sendo etéreo e imponderável em relação à matéria tangível, ainda é muito pesado, se assim podemos dizer, em relação ao mundo espiritual, para permitir que eles saiam do meio onde se encontram. É preciso incluir nessa categoria aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que o confundam com o corpo carnal, razão pela qual continuam achando que estão vivos. Esses espíritos, cujo número é grande, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, julgando-se sempre entregues às suas ocupações; outros, um pouco mais desmaterializados, ainda não o são o suficiente para se elevarem acima das regiões terrestres.¹⁹⁸

Os espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores e neles até encarnar. Eles tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais necessários à formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio em que se encontram. Fazem como o nobre que despe as suas roupas finas para vestir momentaneamente um traje grosseiro, sem por isso deixar de ser nobre.

¹⁹⁸ *Exemplos de espíritos que ainda se julgam deste mundo: "Revista Espírita", dezembro de 1859; novembro de 1864; abril de 1865. (N.A.)*

É assim que os espíritos de categoria mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou encarnar em missão entre eles. Esses espíritos trazem consigo, não o invólucro, mas a lembrança, por intuição, das regiões de onde vieram, e que eles veem pelo pensamento. São videntes no meio de cegos.

10. A camada de fluidos espirituais que envolve a Terra pode ser comparada às camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras que as camadas superiores. Esses fluidos não são homogêneos; são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram necessariamente as moléculas elementares que formam a sua base, porém mais ou menos modificadas. Os efeitos que esses fluidos produzem são proporcionais à *soma* das partes puras que eles contêm. Podemos dizer, por comparação, que é como o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: o seu peso específico aumenta com essa mistura, ao mesmo tempo em que a sua força e a sua inflamabilidade diminuem, embora no todo continue a existir álcool puro.

Os espíritos chamados a viver nesse meio, retiram dele os seus perispíritos; porém, conforme o próprio espírito seja mais ou menos depurado, seu perispírito se forma das partes mais puras ou das mais grosseiras desse meio. O espírito aí produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reagente químico que atrai para si as moléculas que a sua natureza pode assimilar.

Disso, resulta este fato *capital*: a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda. O mesmo não acontece com o corpo carnal que, como foi demonstrado, é formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do espírito. Por isso, em todos eles, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, enquanto que diferem em tudo que é inerente ao perispírito.

Capítulo XIV

Daí também resulta que o envoltório perispiritual de um mesmo espírito se modifica com o progresso moral que ele realiza em cada encarnação, embora encarnando no mesmo meio; que os espíritos superiores, encarnando excepcionalmente em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.

11. O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que devem nele viver: os peixes estão na água; os seres terrestres, no ar; os seres espirituais, no fluido espiritual ou etéreo, mesmo que estejam na Terra. O fluido etéreo é para as necessidades do espírito, o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar e os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para os seus pulmões, os espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Eles não morreriam no meio desses fluidos, porque o espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém afastados, como nos afastamos de um fogo muito forte ou de uma luz muito ofuscante. Eis por que eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza. Para mudarem de meio é preciso que primeiro mudem de natureza, que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; em uma palavra, que se depurem e se transformem moralmente. Então, gradualmente, eles se identificarão com um meio mais depurado, que se lhes torna uma carência, uma necessidade, assim como os olhos daquele que viveu longo tempo na escuridão, se habitua insensivelmente à luz do dia e ao fulgor do Sol.

12. Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei de unidade, desde a materialidade mais compacta até a mais pura espiritualidade. A Terra é como um vaso de onde escapa uma fumaça densa que vai se aclarando, à medida que ela se eleva, e cujas partes rarefeitas se perdem no espaço infinito.

A potência divina refulge em todas as partes desse grandioso conjunto e, no entanto, queriam que, para melhor atestar o

seu poder, Deus, não satisfeito com o que fez, viesse perturbar essa harmonia! Que se rebaixasse ao papel de mágico por efeitos pueris, dignos de um prestidigitador! E ainda ousam, por acréscimo, dar-lhe o próprio Satanás como seu rival em habilidade! Em verdade, jamais se poderia amesquinhar mais a majestade divina, e ainda se admiram do progresso da incredulidade!

Têm razão em dizer: “A fé se vai,” mas a que se vai é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão. É a fé parecida com aquela que outrora fez dizer: “Os deuses se vão!” Porém, a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade, está sempre viva no coração do homem e, por mais que tenha sido abafada sob as histórias pueris com que a oprimiram, ela se reerguerá mais forte, desde que seja libertada, como a planta comprimida se levanta, desde que seja banhada pelos raios do Sol!

Sim, na Natureza tudo é milagre, porque tudo é admirável e testemunha da sabedoria divina! Esses milagres acontecem em todo o mundo, para todos aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não apenas em proveito de alguns! Não! não há milagres no sentido que comumente se dá a esta palavra, porque tudo decorre das leis eternas da criação.

13. Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal são, portanto, a atmosfera dos seres espirituais, o elemento de onde tiram os materiais sobre os quais eles operam, o meio onde se passam os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionados somente pela matéria tangível; é enfim o meio de transmissão do pensamento, tal como o ar é o meio de transmissão do som.

14. Os espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem aos fluidos espirituais esta ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; com eles formam conjuntos tendo uma aparência, uma forma e uma cor

Capítulo XIV

determinadas; mudam as suas propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outras substâncias, combinando-as segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção, outras, são o produto de um pensamento inconsciente. Ao espírito basta pensar em uma coisa para que ela se produza.

É assim, por exemplo, que um espírito se apresenta à visão de um encarnado, dotado de visão espiritual, com a aparência que tinha quando vivo na época em que o encarnado o conheceu, embora ele tenha vivido, depois dessa época, muitas outras encarnações. Ele se apresenta com as roupas, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça. Isso não quer dizer que ele tenha conservado essa aparência, claro que não, uma vez que, como espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zolho e nem decapitado. O que ocorre é que seu pensamento reportando-se à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente aquela aparência, que ele deixa, do mesmo modo, logo que o pensamento deixa de agir naquele sentido. Assim, se em uma encarnação foi negro e numa outra foi branco, ele se apresentará como branco ou como negro, conforme a encarnação sob a qual for evocado e a que se transporte o seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do espírito cria fluidicamente os objetos dos quais ele tinha o hábito de se servir. Um espírito avarento manuseará ouro, um militar terá suas armas e seu uniforme, um fumante seu cachimbo, um lavrador sua charua e seus bois, uma velha mulher a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o espírito quanto o eram, no estado material, para o homem vivo, mas pelo fato de serem criações do pensamento, sua existência é tão fugaz quanto a do pensamento que os criou.¹⁹⁹

¹⁹⁹ “Revista Espírita”, julho de 1859. “O Livro dos Médiuns”, 2ª Parte, cap. VIII. (N.A.)

15. A ação dos espíritos sobre os fluidos espirituais tem consequências de uma importância direta e capital para os encarnados. Desde o momento em que esses fluidos são o veículo do pensamento, e que o pensamento pode modificar-lhes as propriedades, é evidente que eles devem estar impregnados das qualidades boas ou más dos pensamentos que os põem em vibração, modificados pela pureza ou impureza dos sentimentos. Os maus pensamentos corrompem os fluidos espirituais, como os miasmas deletérios corrompem o ar respirável. Os fluidos que cercam os maus espíritos ou que eles projetam são, pois, viciados, enquanto que aqueles que recebem a influência de bons espíritos são tão puros quanto o comporta o grau da perfeição moral desses mesmos espíritos.

Não seria possível fazer uma enumeração ou uma classificação de bons e de maus fluidos, nem especificar suas qualidades respectivas, considerando-se que sua diversidade é tão grande quanto a dos pensamentos.

16. Se os fluidos ambientes são modificados pela projeção dos pensamentos do espírito, seu envoltório perispiritual, que é parte constituinte do seu ser, que recebe diretamente e de uma maneira permanente a impressão de seus pensamentos, deve possuir, mais ainda, o cunho dessas qualidades boas os más. Os fluidos viciados pelas emanções dos maus espíritos podem se depurar pelo afastamento desses espíritos, mas o perispírito deles será sempre o que é, enquanto o próprio espírito não se modificar.

17. Sendo os homens espíritos encarnados, eles têm, em parte, as atribuições da vida espiritual, uma vez que vivem essa vida tanto quanto vivem a vida corporal, inicialmente durante o sono e muitas vezes em estado de vigília. O espírito, ao encarnar, conserva o seu perispírito com as qualidades que lhe são próprias, e que, como se sabe, não é circunscrito pelo corpo, mas irradia em torno dele e o envolve como em uma atmosfera fluídica.

Pela sua união íntima com o corpo, o perispírito desempenha um papel preponderante no organismo; pela sua expansão,

Capítulo XIV

ele coloca o espírito encarnado em relação mais direta com os espíritos livres.

O pensamento do espírito encarnado atua sobre os fluidos espirituais como o dos desencarnados; ele se transmite de espírito a espírito pelas mesmas vias, e, conforme seja bom ou mau, saneia ou vicia os fluidos ambientes.

18. Como o perispírito dos encarnados é de uma natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja que se embebe de líquido. Esses fluidos têm sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, por sua expansão e sua irradiação, o perispírito se confunde com eles.

Conforme esses fluidos atuam sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo experimenta uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa. Se são permanentes e intensos, os maus eflúvios podem ocasionar desordens físicas, não sendo outra a causa de certas enfermidades.

Os meios onde predominam os maus espíritos são, assim, impregnados de maus fluidos que são absorvidos pelos poros perispírituais, tal como se absorve os miasmas pestilenciais pelos poros do corpo.

19. O mesmo ocorre em uma reunião de encarnados. Uma assembleia é um foco de irradiação de pensamentos diversos. O pensamento agindo sobre os fluidos, como o som age sobre o ar, esses fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Pode-se, pois, dizer, em realidade, que há nesses fluidos ondas e raios de pensamentos que se cruzam sem se confundir, como há no ar ondas e raios sonoros.²⁰⁰

²⁰⁰ Ao raciocínio do Codificador, poderíamos acrescentar que o espaço também está repleto de ondas de rádio, ondas de luz, etc., ou seja, de ondas eletromagnéticas, que se entrecruzam sem se misturar, porque cada qual apresenta uma frequência diferente.

Quando, por exemplo, ligamos o rádio e sintonizamos uma determinada estação, estamos, na verdade, ajustando o aparelho para que ele entre em sintonia com a frequência das ondas eletromagnéticas emitidas pela estação selecionada e, uma vez sintonizados naquela estação, só ouviremos os sons transmitidos por ela. (N.R.)

Uma assembleia é, como uma orquestra, um coro de pensamentos onde cada um emite sua nota. Resulta daí uma multiplicidade de correntes e de eflúvios fluídicos, cuja impressão cada um recebe através do sentido espiritual, como num coro musical em que cada um recebe a impressão dos sons através do sentido da audição.

Entretanto, do mesmo modo que há irradiações sonoras harmoniosas ou dissonantes, também existem pensamentos harmônicos ou discordantes. Se o conjunto é harmonioso, a impressão é agradável; se o conjunto é discordante, a impressão é desagradável. Ora, para isso não é necessário que o pensamento seja formulado por palavras, quer o pensamento se externe ou não, a irradiação fluídica existirá sempre, basta, porém, que se misturem alguns pensamentos maus, para que se produza o efeito de uma corrente de ar gelado num meio tépido.

Esta é a causa da satisfação que sentimos numa reunião simpática, animada por pensamentos bons e benévolos. Ela é envolvida por uma salubre atmosfera moral, onde se respira à vontade; sai-se dali reconfortado, uma vez que somos impregnados de eflúvios fluídicos salutares. Desse modo, também podemos explicar a ansiedade, o indefinível mal-estar que se experimenta em um meio antipático, onde pensamentos malévolos provocam como que correntes de ar nauseabundo.

20. O pensamento, portanto, produz uma espécie de efeito físico que influencia o moral, fato que só o Espiritismo poderia tornar compreensível. O homem sente isso instintivamente, uma vez que procura as reuniões homogêneas e simpáticas, onde sabe que pode haurir novas forças morais; poder-se-ia dizer que em tais reuniões ele recupera as perdas fluídicas que sofre todos os dias pela irradiação do pensamento, como recupera, pelos alimentos, as perdas do corpo material. É que efetivamente, o pensamento é uma emissão que ocasiona uma perda real nos fluidos espirituais e, por consequência, nos fluidos materiais, de tal maneira que o homem tem necessidade de se retemperar com os eflúvios externos que recebe.

Capítulo XIV

Quando se diz que um médico cura um doente por meio de boas palavras, trata-se de uma verdade absoluta, uma vez que o pensamento bondoso traz consigo fluidos reparadores que atuam sobre o físico tanto quanto sobre o moral.

21. Dirão que, sem dúvida, é possível evitar-se pessoas sabidamente mal-intencionadas, mas como fugir à influência dos maus espíritos que pululam em torno de nós e se insinuem por toda a parte sem serem vistos?

O meio é muito simples, porque depende da vontade do próprio homem, que traz consigo o antídoto necessário. Os fluidos se unem pela semelhança de suas naturezas, os fluidos dessemelhantes se repelem; há incompatibilidade entre os bons e os maus fluidos, como entre o óleo e a água.²⁰¹

O que se faz quando o ar está viciado? Ele é saneado, depurado, destrói-se o foco dos miasmas, expelindo os fluidos malsãos através de correntes de ar puro mais fortes. Portanto, à invasão de maus fluidos, é preciso opor os bons fluidos, e, como cada um de nós tem no seu perispírito uma fonte permanente de fluidos, todos trazem o remédio em si mesmos, trata-se apenas de purificar essa fonte e lhe dar qualidades tais que sejam um *repulsor para as más influências*, ao invés de serem uma força atrativa. O perispírito, então, é uma couraça que deve receber de nós a melhor têmpera possível, ora, como as qualidades do perispírito estão relacionadas com as da alma, é necessário trabalhar para melhorá-la, uma vez que são as imperfeições da alma que atraem os maus espíritos.

²⁰¹ Atualmente, podemos comparar os fluidos bons e os fluidos maus com ondas de frequências diferentes, que se entrecruzam no espaço sem se misturar.

No âmbito da Doutrina dos Espíritos, o vocábulo fluido apresenta a acepção relativa à transmissão de energia, campo de força ou pensamento, isso porque, ao tempo de Allan Kardec, a natureza ondulatória do que, então, se denominava como fluido, ainda era pouco compreendida.

Hoje, podemos, nos casos em que se aplica o vocábulo *fluido* no sentido de transmissão de pensamento, energia ou informação, substituí-lo com vantagens pelo vocábulo *onda*, como, por exemplo, em ondas mentais, ondas eletromagnéticas, ondas de rádio, etc. Abaixo, apresentamos a acepção atual para os dois vocábulos:

- *Fluido*: substâncias líquidas ou gasosas.
- *Onda*: perturbação periódica, mediante a qual pode haver transporte de energia de um ponto a outro de um material ou do espaço. (N.R.)

As moscas são atraídas pelos focos de corrupção; destruam-se esses focos, e as moscas desaparecerão. Os maus espíritos, da mesma forma, vão para onde o mal os atrai; eliminando-se o mal, eles se afastarão. Os espíritos realmente bons, encarnados ou desencarnados, nada têm a temer da influência dos maus espíritos.

Explicação de alguns fatos considerados sobrenaturais

22. O perispírito é o traço de união entre a vida corporal e a vida espiritual: é por ele que o espírito encarnado está em contínuo contato com os desencarnados; é por ele, enfim, que ocorrem, com o homem, fenômenos especiais que não têm sua origem na matéria tangível, e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispiritual que se deve procurar a causa da *dupla vista*, ou *vista espiritual*, que também se pode chamar de *vista psíquica*, da qual muitas pessoas são dotadas, muitas vezes a contragosto, assim como da *vista sonambúlica*.

O perispírito é o órgão sensitivo do espírito, é por seu intermédio que o espírito encarnado tem a percepção das coisas espirituais que escapam aos sentidos carnisais. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais;²⁰² pelo sentido espiritual, elas são generalizadas; o espírito vê, ouve e sente por todo o seu ser o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispiritual.²⁰³

No homem, esses fenômenos são a manifestação da vida espiritual; é a alma que atua fora do organismo. Na dupla vista, ou percepção pelo sentido espiritual, ele não vê pelos olhos do corpo, embora muitas vezes, por hábito, ele os dirija em direção ao ponto que chama a sua atenção. Ele vê pelos olhos da alma, e

²⁰² Os demais sentidos do corpo físico são o tato, o olfato e o paladar. (N.R.)

²⁰³ Ainda que de uma maneira muito limitada, podemos comparar o sentido espiritual com o princípio de funcionamento do radar, que emite ondas eletromagnéticas no ambiente à sua volta e recebe os “ecos” das ondas emitidas, trazendo a “percepção” do ambiente circundante. (N.R.)

Capítulo XIV

a prova disso é que vê tudo também com os olhos fechados, e além do alcance da sua visão.²⁰⁴

23. Ainda que, durante a vida, o espírito se encontre *preso* ao corpo pelo perispírito, ele não se acha tão escravizado que não possa alongar sua corrente e transportar-se para longe, seja sobre a Terra, seja sobre qualquer ponto do espaço. É com desgosto que o espírito está ligado ao seu corpo, porque sua vida normal é a liberdade, enquanto que a vida corpórea é a do servo preso à gleba de terra.

O espírito, portanto, sente-se feliz em deixar o corpo, como o pássaro em sair da gaiola, ele aproveita todas as ocasiões para se libertar dele, fazendo uso de todos os instantes em que a sua presença não é necessária à vida de relação. Ocorre, então, o fenômeno designado sob o nome de *emancipação da alma*, que acontece sempre durante o sono: todas as vezes que o corpo repousa e que os sentidos ficam inativos, o espírito se desprende. (*O Livro dos Espíritos*, 2ª Parte, cap. VIII.)

Nesses momentos, o espírito vive a vida espiritual, enquanto que o corpo vive apenas a vida vegetativa, ele fica, em parte, no estado em que ficará após a morte. O espírito percorre o espaço, conversa com seus amigos e outros espíritos livres ou *encarnados* como ele.

O laço fluídico que o prende ao corpo só é definitivamente rompido com a morte; a separação completa só ocorre com a extinção absoluta da atividade do princípio vital. Enquanto o corpo vive, o espírito, seja qual for a distância em que se encontre, é instantaneamente chamado, desde que sua presença seja necessária, então, ele retoma o curso da vida exterior de relação. Às vezes, ao despertar, conserva uma lembrança das suas peregrinações, uma imagem mais ou menos precisa, que constitui o sonho; dele costuma trazer, em todos os casos, intuições que lhe sugerem

²⁰⁴ *Fatos de dupla vista e de lucidez sonambúlica relatados na "Revista Espírita": janeiro de 1858; novembro de 1858; julho de 1861, e novembro de 1865. (N.A.)*

ideias e pensamentos novos, justificando o provérbio “A noite é boa conselheira.”

Assim também se explicam certos fenômenos característicos do sonambulismo natural e do magnético, da catalepsia, da letargia, do êxtase, etc., que nada mais são que manifestações da vida espiritual.²⁰⁵

24. Visto que a visão espiritual não se efetua pelos olhos do corpo, segue-se que a percepção das coisas não acontece por meio da luz comum: de fato, a luz material²⁰⁶ é feita para o mundo material; para o mundo espiritual existe uma luz especial cuja natureza nos é desconhecida, mas que, sem dúvida, é uma das propriedades do fluido etéreo, adequada às percepções visuais da alma. Há, portanto, a luz material e a luz espiritual. A primeira tem focos circunscritos nos corpos luminosos; a segunda tem seu foco em toda a parte: esta é a razão por que não há obstáculos para a visão espiritual; ela não se detém nem pela distância, nem pela opacidade da matéria; para ela não existe a obscuridade. Portanto, o mundo espiritual é iluminado pela luz espiritual, que tem os seus próprios efeitos, do mesmo modo que o mundo material é iluminado pela luz solar.

25. A alma, envolvida em seu perispírito, traz, assim, em si mesma, o seu princípio luminoso. Penetrando a matéria, em virtude da sua essência etérea, não há corpos opacos para a sua visão.

Entretanto, a visão espiritual não tem o mesmo alcance nem a mesma penetração em todos os espíritos. Só os espíritos puros a possuem no grau máximo; nos espíritos inferiores, ela é

²⁰⁵ *Exemplos de letargia e de catalepsia: “Revista Espírita”: “Senhora Schwabenhaus”, setembro de 1858; “A jovem cataléptica de Souabe”, janeiro de 1866. (N.A.)*

²⁰⁶ O aparelho visual humano é sensível às ondas eletromagnéticas com frequência na faixa do espectro eletromagnético que vai do vermelho ao violeta. Veja-se no capítulo II, o diagrama do item 32, apresentando o espectro eletromagnético e a faixa de luz visível.

Quando as ondas eletromagnéticas, com frequência dentro dessa faixa, atingem a visão humana, as células visuais são impressionadas, transmitindo um impulso elétrico correspondente ao cérebro que, por sua vez, registrará a sensação visual transmitindo-a ao espírito. (N.R.)

Capítulo XIV

enfraquecida pela grosseria relativa do perispírito, que se interpõe como uma espécie de nevoeiro.²⁰⁷

Nos espíritos encarnados, a visão espiritual se manifesta, em diversos graus, pelo fenômeno da segunda vista, seja no sonambulismo natural ou magnético, seja no estado de vigília. Conforme o grau de potência da faculdade, diz-se que a lucidez é maior ou menor. É com o auxílio dessa faculdade que certas pessoas veem o interior do organismo e descrevem a causa das enfermidades.

26. A visão espiritual, portanto, oferece percepções especiais que, não tendo por sede os órgãos materiais, ocorrem em condições muito diversas das da visão corporal. Por esta razão, dela não se pode esperar efeitos idênticos e experimentá-la pelos mesmos processos. Efetuando-se fora do organismo, ela tem uma mobilidade que supera todas as previsões. É necessário estudá-la nos seus efeitos e nas suas causas e não por assimilação com a visão comum, que ela não é destinada a suprir, salvo em casos excepcionais que não se poderiam tomar por regra.

27. A visão espiritual é necessariamente incompleta e imperfeita nos espíritos encarnados, e, por consequência, sujeita a aberrações. Tendo sua sede na própria alma, o estado da alma deve influenciar sobre as percepções que a visão espiritual dá. De acordo com o seu grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, ela pode proporcionar, seja durante o sono, seja no estado de vigília:

1º) A percepção de certos fatos materiais reais, como, por exemplo, o conhecimento de casos que se passam a grandes distâncias, os detalhes descritivos de uma localidade, as causas de uma enfermidade e os remédios convenientes.

²⁰⁷ Podemos comparar a acuidade da visão espiritual, limitada pela grosseria do perispírito, com a acuidade da visão física, limitada pela catarata. Tão logo se retire a película que encobre o cristalino, a acuidade visual é restabelecida. (N.R.)

2º) A percepção de coisas também reais do mundo espiritual, como, por exemplo, a visão dos espíritos.

3º) Imagens fantásticas criadas pela imaginação, análogas às criações fluídicas do pensamento. (Veja-se, acima, o item 14.) Estas criações são sempre relacionadas às disposições morais do espírito que as gera. É assim que o pensamento de pessoas fortemente imbuídas de certas crenças religiosas e preocupadas com elas, lhes apresenta o inferno com as suas fornalhas, suas torturas e seus demônios, tal como os imaginam. Às vezes, é toda uma epopeia; os pagãos viam o Olimpo e o Tártaro,²⁰⁸ como os cristãos veem o inferno e o paraíso. Se, ao despertarem, ou ao saírem do êxtase, essas pessoas conservam uma lembrança exata das suas visões, tomam-nas por realidades e confirmações de suas crenças, enquanto que tudo não é mais que o produto de seus próprios pensamentos.²⁰⁹ É necessário, portanto, fazer-se uma escolha muito rigorosa das visões extáticas, antes de as aceitar. A propósito, o remédio para a credulidade excessiva é o estudo das leis que regem o mundo espiritual.

28. Os sonhos propriamente ditos apresentam as três categorias de visões descritas acima. Os sonhos de previsões, sentimentos e avisos pertencem às duas primeiras. Na terceira, isto é, nas criações fluídicas do pensamento, é que podemos encontrar a causa de certas imagens fantásticas que nada têm de real em relação à vida material, mas que, às vezes, têm, para o espírito, uma tal realidade que o corpo sofre o seu impacto, tendo-se visto casos em que os cabelos embranqueceram sob a impressão de um sonho. Essas criações podem ser provocadas pela exaltação das crenças; por lembranças retrospectivas; por gostos,

²⁰⁸ **Olimpo:** a residência dos deuses pagãos; o céu; lugar de delícias.

Tártaro: lugar situado no fundo dos infernos. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, vols. III e IV.)

²⁰⁹ *É assim que se pode explicar as visões da irmã Elmerich que, se reportando ao tempo da paixão de Cristo, diz ter visto coisas materiais que nunca existiram senão nos livros que ela leu; as visões da Sra. Cantianille (“Revista Espírita”, agosto de 1866) e uma parte das visões de Swedenborg. (N.A.)*

Capítulo XIV

desejos, paixões, temor, remorsos; pelas preocupações habituais; pelas necessidades do corpo, ou por um desarranjo nas funções orgânicas; finalmente, por outros espíritos, com objetivo benévolo ou malévolos, conforme a sua natureza.²¹⁰

29. A matéria inerte é insensível; o fluido perispiritual também o é, mas ele transmite a sensação ao centro sensitivo que é o espírito. Assim, as lesões dolorosas do corpo repercutem no espírito como um choque elétrico, por intermédio do fluido perispiritual, do qual os nervos parecem ser os fios condutores. É o influxo nervoso dos fisiologistas que, desconhecendo as relações desse fluido com o princípio espiritual, não puderam explicar todos os seus efeitos.

A interrupção pode acontecer pela amputação de um membro, ou o seccionamento de um nervo, mas também, parcialmente ou de uma forma geral, e sem nenhuma lesão, nos momentos de emancipação, de grande sobreexcitação ou de preocupação do espírito. Nesse estado, o espírito não pensa mais no corpo e, na sua atividade febril, ele atrai, digamos assim, para si, o fluido perispiritual que, se retirando da superfície, produz ali uma insensibilidade momentânea. É assim que, muitas vezes, no ardor do combate, um militar não percebe que está ferido; que uma pessoa, muito concentrada no seu trabalho, não ouve o ruído que se faz à sua volta. É um efeito análogo, porém mais acentuado, o que ocorre com certos sonâmbulos, na letargia e na catalepsia. Finalmente, é assim que se pode explicar a insensibilidade dos convulsionários e de vários mártires. (*Revista Espírita*, janeiro de 1868: “Estudo sobre os Aïssaoua”.)

A paralisia já não tem absolutamente a mesma causa, aqui o efeito é inteiramente orgânico. São os próprios nervos, os fios condutores que não estão mais aptos à circulação fluídica; são as cordas do instrumento que se alteraram.

²¹⁰ “*Revista Espírita*”, junho de 1866, e setembro de 1866. “*O Livro dos Espíritos*”, 2ª Parte, cap. VIII, perg. 400. (N.A.)

30. Em alguns estados patológicos, quando o espírito já deixou o corpo, e que o perispírito a ele se adere apenas em alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte, e é uma verdade absoluta dizer-se que a vida ali está por um fio. Esse estado pode durar mais ou menos tempo; certas partes do corpo podem até entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto o último fio não estiver rompido, o espírito pode, seja por uma ação enérgica da sua *própria vontade*, seja por um *influxo fluídico estranho, igualmente poderoso*, ser chamado ao corpo. Assim se explicam certos prolongamentos da vida, que contrariam todas as probabilidades, e algumas pretensas ressurreições. É como a planta que, às vezes, desabrocha com uma única fibrila da raiz. Porém, quando, as últimas moléculas do corpo fluídico se destacam do corpo carnal, ou quando o corpo atingiu um estado de degradação irreparável, todo o regresso à vida se torna impossível.²¹¹

31. O fluido universal, como já se viu, é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são apenas transformações dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido pode fornecer princípios reparadores ao corpo. Estando condensado no perispírito, o agente propulsor é o espírito, encarnado ou desencarnado, que infiltra em um corpo deteriorado uma parte da substância de seu invólucro fluídico. A cura se realiza pela substituição de uma *molécula doente* por uma *sadia*. O poder curador, portanto, dependerá da pureza da substância inoculada; ele ainda depende da energia da vontade, que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá ao fluido uma força de penetração maior, finalmente, das intenções que animam aquele que deseja curar, *quer seja homem ou espírito*. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais adulteradas.

32. Os efeitos da ação fluídica sobre os doentes são extremamente variados, segundo as circunstâncias. Algumas vezes essa

²¹¹ Exemplos: “Revista Espírita”, “O Doutor Cardon”, agosto de 1863; “A mulher corsa”, maio de 1866. (N.A.)

Capítulo XIV

ação é lenta e requer um tratamento prolongado, como no magnetismo comum; de outras é rápido como uma corrente elétrica. Existem pessoas dotadas de tal poder, que só com a imposição das mãos, ou até por um ato da vontade, curam instantaneamente certos doentes. Entre os dois polos extremos dessa faculdade existem gradações ao infinito. Todas as curas desse gênero são variedades do magnetismo e só diferem pela intensidade e pela rapidez da ação. O princípio é sempre o mesmo: o fluido, que desempenha o papel de agente terapêutico, e cujo efeito está subordinado à sua qualidade e a circunstâncias especiais.

33. A ação magnética pode se produzir das seguintes maneiras:

1ª) Pelo fluido do próprio magnetizador. É o magnetismo propriamente dito, ou *magnetismo humano*, cuja ação se acha vinculada à potência e, sobretudo, à qualidade do fluido.

2ª) Pelo fluido dos espíritos agindo diretamente e *sem intermediário* sobre um encarnado, seja para curar ou minorar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer uma influência física ou moral qualquer sobre o indivíduo. É o *magnetismo espiritual*, cuja qualidade está diretamente relacionada às qualidades do espírito.²¹²

3ª) Pelo fluido que os espíritos derramam sobre o magnetizador, que serve de condutor desse fluido. É o *magnetismo misto, semiespiritual*, ou, se preferirem, *humano-espiritual*. O fluido espiritual, combinado com o fluido humano, dá a este último, as qualidades que lhe faltam. Em tais circunstâncias, o concurso dos espíritos é muitas vezes espontâneo, mas, quase sempre, é provocado pelo apelo do magnetizador.

34. A faculdade de curar pela influência fluídica, é muito comum, e pode se desenvolver com a prática, mas a faculdade de curar instantaneamente pela imposição das mãos é mais rara, e o

²¹² Exemplos: “Revista Espírita”, fevereiro de 1863; abril de 1865; setembro de 1865. (N.A.)

seu apogeu pode ser considerado como excepcional. No entanto, em diversas épocas, e entre quase todos os povos, surgiram indivíduos que a possuíam em um grau muito elevado. Nos últimos tempos, viram-se muitos casos notáveis, cuja autenticidade é incontestável. Já que essas espécies de curas se baseiam num princípio natural, e que o poder de efetuá-las não é privilégio, é porque elas não se afastam das leis da Natureza e são milagrosas apenas na aparência.²¹³

35. O perispírito é invisível para nós no seu estado normal, mas, como é formado de matéria etérea, o espírito pode, em certos casos, por um ato da sua vontade, fazê-lo sofrer uma modificação molecular que o torne momentaneamente visível. É assim que se produzem *as aparições*, que, como os outros fenômenos, não estão fora das leis da Natureza. Esse fenômeno não é mais extraordinário que o que ocorre com o vapor, que é invisível quando está muito rarefeito e torna-se visível quando está condensado.

Conforme o grau de condensação do fluido perispiritual, a aparição, às vezes, é vaga e vaporosa; outras vezes é mais nitidamente definida; outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível. Pode, mesmo, chegar até à tangibilidade real, a ponto de o observador se enganar sobre a natureza do ser que tem diante de si.

As aparições vaporosas são frequentes, sendo a forma pela qual muitos indivíduos se apresentam às pessoas que têm afeição, depois de terem morrido. As aparições tangíveis são mais raras, embora existam numerosíssimos casos perfeitamente autênticos. Se o espírito deseja ser reconhecido, ele dá ao seu envoltório todas as características que possuía quando estava vivo.

36. Deve-se observar que as aparições tangíveis só têm as aparências da matéria carnal, não podendo ter as suas qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão

²¹³ Exemplos de curas instantâneas relatados na "Revista Espírita": "O Príncipe de Hohenlohe", dezembro de 1866; "Jacob", outubro e novembro de 1866; outubro e novembro de 1867; "Simonet", agosto de 1867; "Caïd Hassan", outubro de 1867; "O cura Gassner", novembro de 1867. (N.A.)

Capítulo XIV

da matéria, porque, na realidade, elas não são de carne. Formam-se instantaneamente e desaparecem da mesma forma, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas. Os seres que se apresentam nessas condições não nascem nem morrem como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba de onde vêm, como vieram e nem para onde vão. Ninguém poderia matá-los, nem prendê-los, nem encarcerá-los, uma vez que não possuem um corpo carnal. Os golpes que fossem desferidos contra eles atingiriam o ar.

Essa é a característica dos *agêneres*,²¹⁴ com os quais se pode conversar sem se suspeitar o que são, mas que não ficam muito tempo entre os humanos, e não podem se tornar os comensais habituais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família.

Aliás, há em toda a sua pessoa, no seu modo de proceder, algo de estranho e insólito, que resulta ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade; seu olhar, vaporoso e ao mesmo tempo penetrante, não tem a nitidez do olhar pelos olhos carnis. Sua linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, não tem nada do brilho e da volubilidade da fala humana. A sua aproximação causa uma sensação singular e indefinível de surpresa que inspira uma espécie de temor, e, embora tomados como indivíduos semelhantes a todo o mundo, diz-se involuntariamente: “Eis aí uma criatura singular!”²¹⁵

37. Como o perispírito é o mesmo, tanto nos encarnados quanto nos desencarnados, por um processo totalmente idêntico, um espírito encarnado pode aparecer, num momento de liberdade, em um lugar diferente daquele onde o seu corpo repousa,

²¹⁴ **Agêneres**: modalidade de aparição tangível; estado de certos espíritos, quando, temporariamente, apresentam a forma de uma pessoa viva, a ponto de produzirem uma ilusão completa de materialidade. (N.T., segundo o *Dicionário de Filosofia Espírita*, de L. Palhano Jr., CELD.)

²¹⁵ *Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres*: “*Revista Espírita*”, janeiro de 1858; outubro de 1858; fevereiro de 1859; março de 1859; janeiro de 1859; novembro de 1859; agosto de 1859; abril de 1860; maio de 1860; julho de 1861; abril de 1866; “*O lavrador Martin, apresentado a Luís XVIII, detalhes completos*”, dezembro de 1866. (N.A.)

com as suas feições habituais e com todos os sinais de sua identidade. Esse é o fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, e que deu lugar à crença nos homens duplos.²¹⁶

38. Uma característica particular desse tipo de fenômeno é que as aparições vaporosas e mesmo tangíveis não são perceptíveis indistintamente por todas as pessoas. Os espíritos só se mostram quando querem e a quem querem. Um espírito, portanto, poderia aparecer, em uma reunião, para um ou para muitos dos presentes, e não ser visto pelos demais. Isso acontece porque esse tipo de percepção se efetua pela visão espiritual e não pela visão carnal, e porque não somente a visão espiritual não é concedida a todos, como também, se for preciso, pode ser retirada, pela vontade do espírito, daquele a quem ele não quer se mostrar, como pode ser concedida, momentaneamente, se ele o julgar necessário.

A condensação do fluido perispiritual nas aparições, mesmo que atinja a tangibilidade, não tem as propriedades da matéria comum; sem isso as aparições, sendo perceptíveis pelos olhos do corpo, o seriam por todas as pessoas presentes.²¹⁷

39. Com o espírito podendo realizar transformações na textura do seu envoltório perispiritual, e com esse envoltório irradiando em torno do corpo físico como uma atmosfera fluídica, um fenômeno análogo ao das aparições pode produzir-se na superfície do corpo. A figura real do corpo pode se apagar mais ou menos completamente sob a camada fluídica e assumir uma outra aparência; ou, então, os traços originais, vistos através da camada fluídica modificada, como através de um prisma, podem apresentar uma expressão diferente. Se, saindo do terra a terra, o espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual,

²¹⁶ *Exemplos de aparições de pessoas vivas: "Revista Espírita", dezembro de 1858; fevereiro de 1859; agosto de 1859; novembro de 1860. (N.A.)*

²¹⁷ *Deve-se aceitar com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, podem ser o efeito da imaginação sobreexcitada e, às vezes, uma invenção feita com fins interesseiros. Convém, pois, levar em consideração escrupulosa as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela poderia ter para abusar da credulidade de indivíduos excessivamente confiantes. (N.A.)*

Capítulo XIV

a expressão de um semblante feio pode tornar-se bela, radiosa e às vezes até luminosa. Se, ao contrário, o espírito é tomado por más paixões, um semblante belo pode assumir um aspecto horrendo.

É assim que acontecem as *transfigurações*, que são sempre um reflexo das qualidades e dos sentimentos predominantes no espírito. Esse fenômeno, portanto, é o resultado de uma transformação fluídica; é uma espécie de aparição perispiritual, que se produz sobre o próprio corpo vivo e, algumas vezes, no momento da morte, ao invés de se produzir à distância, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é que, geralmente, elas são perceptíveis por todos os assistentes e pelos olhos do corpo, precisamente porque têm por base a matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluídicas, não há matéria tangível.²¹⁸

40. Os fenômenos das mesas girantes e falantes, da suspensão etérea dos corpos pesados, da escrita mediúnica, tão antigos quanto o mundo, mas comuns atualmente, nos dão a explicação de alguns fenômenos análogos espontâneos, aos quais se atribuíam, pela ignorância da lei que os rege, um caráter milagroso e sobrenatural. Tais fenômenos estão baseados nas propriedades do fluido perispiritual, tanto dos encarnados quanto dos espíritos livres.

41. Com a ajuda do seu perispírito é que o espírito agia sobre o seu corpo vivo; é ainda por intermédio desse mesmo fluido que ele se manifesta, atuando sobre a matéria inerte, que ele produz os ruídos, os movimentos de mesas e de outros objetos que ele levanta, derruba ou transporta. Esse fenômeno nada tem de surpreendente se considerarmos que, entre nós, os mais possantes motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos, e mesmo imponderáveis, como o ar, o vapor e a eletricidade.²¹⁹

²¹⁸ *Exemplo e teoria da transfiguração: "Revista Espírita", março de 1859; "O Livro dos Médiuns", 2ª Parte, cap. VII. (N.A.)*

²¹⁹ Conforme sabemos atualmente, a eletricidade é gerada quando existe uma diferença de potencial elétrico entre dois pontos, ou ainda quando, pela lei da indução magnética, uma espira (um aro formado por um condutor metálico) se movimenta na presença de um campo magnético. É o princípio de funcionamento do gerador de eletricidade, o dínamo.

É também com o auxílio do seu perispírito que o espírito faz com que os médiuns escrevam, falem e desenhem; não tendo corpo tangível para agir ostensivamente quando quer se manifestar, ele se utiliza do corpo do médium, cujos órgãos toma por empréstimo, e o faz agir como se fora o seu próprio corpo, mediante o eflúvio fluídico que verte sobre ele.

42. É por esse mesmo meio que o espírito atua sobre a mesa, seja para fazê-la mover-se sem significação determinada, seja para fazê-la dar pancadas inteligentes indicando as letras do alfabeto, para formar palavras e frases, fenômeno designado sob o nome de *tiptologia*. A mesa não é mais que um instrumento do qual ele se utiliza, assim como faz com o lápis para escrever.²²⁰ O espírito lhe dá uma vitalidade momentânea através do fluido com que a penetra, mas *não se identifica absolutamente com ela*.

As pessoas que, na sua emoção, vendo manifestar-se um ente querido, abraçam a mesa, fazem um papel ridículo. É exatamente como se abraçassem a bengala que um amigo usa para bater no chão. O mesmo acontece com os que dirigem a palavra à mesa, como se o espírito estivesse dentro da madeira, ou como se a madeira houvesse se tornado um espírito.

Quando as comunicações ocorrem por esse meio, deve-se imaginar o espírito não na mesa, mas ao lado dela, *tal como se acharia se estivesse vivo*, e como seria visto se, naquele momento, ele pudesse se tornar visível. O mesmo acontece nas comunicações escritas; veríamos o espírito ao lado do médium, dirigindo sua mão ou lhe transmitindo seus pensamentos por meio de uma corrente fluídica.

43. Quando a mesa se destaca do solo e flutua no espaço, sem um ponto de apoio, o espírito não a ergue com a força do braço, mas a envolve e a penetra de uma espécie de atmosfera fluídica que neutraliza o efeito da gravidade, como o ar faz com os balões e com as pipas. O fluido que se infiltra na mesa confere-lhe,

²²⁰ Atualmente, os médiuns psicógrafos só se utilizam de lápis e papel para transcreverem as mensagens que recebem dos espíritos. (N.R.)

Capítulo XIV

momentaneamente, uma leveza específica maior. Quando a mesa fica grudada no solo, ela se encontra na mesma situação da campânula pneumática em que se fez vácuo. Cabe observar aqui que estamos fazendo algumas comparações com o objetivo de mostrar a analogia dos efeitos e não a semelhança absoluta das causas. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. IV.)

Depois do que foi dito, compreende-se que não é mais difícil para o espírito elevar uma pessoa do que elevar uma mesa, transportar um objeto de um local para outro, ou atirá-lo em algum lugar. Todos esses fenômenos são regidos pela mesma lei.²²¹

Quando a mesa persegue alguém, não é o espírito que corre, porquanto ele pode ficar tranquilamente no mesmo lugar e dar impulsão à mesa por uma corrente fluídica com a ajuda da qual ele a faz mover-se à sua vontade.

Ao se ouvirem pancadas na mesa ou em outro local, não é o espírito que bate com sua mão nem com um objeto qualquer. Ele apenas dirige sobre o ponto de onde parte o ruído um jato de fluido que produz o efeito de um choque elétrico. O espírito modifica o ruído, assim como se pode modificar os sons produzidos no ar.²²²

²²¹ Este é o princípio do fenômeno de “trazimento”, que é muito real, mas que só deve ser admitido com extrema reserva, porque é um dos que mais se prestam à imitação e à charlatanice. Devem ser considerados muito seriamente, a honradez irrecusável da pessoa que os obtém, seu absoluto desinteresse material e “moral” e o concurso das circunstâncias acessórias. Deve-se desconfiar, sobretudo, quando tais fenômenos são produzidos com excessiva facilidade e considerar com reservas aqueles que se repetem com extrema frequência e, digamos assim, à vontade. Os prestidigitadores fazem as coisas mais extraordinárias.

A levitação de uma pessoa também é um fato incontestável, porém muito mais raro, porque é mais difícil de ser imitado. Sabe-se que o Sr. Home levitou mais de uma vez até o teto, dando uma volta na sala. Dizem que S. Cupertino possuía a mesma faculdade, não sendo este fato mais milagroso do que o outro. (N.A.)

• O trazimento, citado por Allan Kardec, é uma modalidade de fenômeno de transporte, hoje chamado *aporte*, no qual algo é trazido para o recinto onde estão os observadores. (N.T., segundo o *Dicionário de Filosofia Espírita*, de L. Palhano Jr., CELD.)

²²² Exemplos de manifestações materiais e de perturbações produzidas pelos espíritos: “*Revista Espírita*”: “A moça dos panoramas”, janeiro de 1858; “*Senhorita Clairon*”, fevereiro de 1858; “*Espírito batedor de Bergzabern*” (narração completa), maio, junho e julho de 1858; “*Dibbelsdorf*”, agosto de 1858; “*Padeiro de Dieppe*”, março de 1860; “*Mercador de S. Petersburgo*”, abril de 1860; “*Rua das Nogueiras*”, agosto de 1860; “*Espírito batedor do Aube*”, janeiro de 1861; “*Espírito batedor do século XVI*”, janeiro de 1864; “*Poitiers*”, maio de 1864 e maio de 1865; “*Irmã Maria*”, junho de 1864; “*Marseille*”, abril de 1865; “*Fives*”, agosto de 1865; “*Os ratos de Équihen*”, fevereiro de 1866. (N.A.)

44. Um fenômeno muito frequente na mediunidade é a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhes é desconhecida²²³ e discorrer, pela palavra ou pela escrita, sobre assuntos fora do alcance da sua instrução. Não é raro ver-se médiuns que escrevem correntemente sem nunca haverem aprendido a escrever; outros que fazem poesias, sem jamais terem feito um verso em sua vida; outros ainda que desenham, pintam, esculpam, compõem música, tocam um instrumento, sem conhecerem desenho, pintura, escultura ou a arte musical. É muito comum um médium escrevente (psicógrafo) reproduzir, com precisão, a caligrafia e a assinatura que os espíritos que se comunicam através dele tinham quando vivos, embora esse médium nunca os tenha conhecido.

Esse fenômeno não é mais surpreendente do que ver uma criança escrever quando se guia a sua mão; pode-se, dessa maneira, fazê-la executar tudo o que se quiser. Pode-se fazer com que qualquer pessoa escreva num idioma que ignore, ditando-lhe as palavras, letra por letra. Compreende-se que o mesmo pode ocorrer com a mediunidade, desde que atentemos ao modo pelo qual os espíritos se comunicam com os médiuns que, para eles, não são mais que instrumentos passivos. Mas se o médium possui a técnica, se venceu as dificuldades práticas, se as expressões lhe são familiares, se tem finalmente, em seu cérebro os elementos daquilo que o espírito quer que ele execute, o médium está na posição do homem que sabe ler e escrever corretamente; o trabalho torna-se mais fácil e mais rápido; o espírito só tem que transmitir os pensamentos que seu intérprete reproduz com os meios de que dispõe.

A aptidão de um médium para coisas que lhe são estranhas também tem frequentemente a sua origem nos conhecimentos que ele possuiu em outra existência e dos quais o espírito conservou a intuição. Se, por exemplo, ele foi poeta ou músico, terá mais facilidade para assimilar o pensamento poético ou musical que

²²³ Atualmente, este fenômeno é denominado de *xenoglossia*. (N.R.)

Capítulo XIV

um espírito queira que ele reproduza. A língua que hoje ele ignora pode ter-lhe sido familiar em outra existência, neste caso ele possui maior aptidão para escrever mediunicamente nessa língua.²²⁴

45. Os maus espíritos pululam em torno da Terra em consequência da inferioridade moral dos seus habitantes. Sua ação malfazeja faz parte dos flagelos a que a humanidade está exposta neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos dessa ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, assim, ser considerada como uma provação ou uma expiação, e aceita desse modo.

A obsessão é a ação persistente que um mau espírito exerce sobre um indivíduo. Ela apresenta características, muito diferentes que vão desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais. Ela elimina todas as faculdades mediúnicas; na mediunidade auditiva e psicográfica, traduz-se pela obstinação de um espírito em querer manifestar-se, com a exclusão de qualquer outro.

46. Assim como as enfermidades são o resultado das imperfeições físicas que deixam o corpo acessível às influências exteriores perniciosas, a obsessão resulta sempre de uma imperfeição moral que dá ascendência a um espírito mau. A uma causa física, opomos uma força física; a uma causa moral é preciso que se contraponha uma força moral. Para preservar o corpo das enfermidades, temos que fortificá-lo; para preservar a alma da obsessão, temos que fortalecê-la, daí a necessidade de o obsidiado trabalhar por melhorar-se, o que é suficiente, na maior parte das vezes, para livrá-lo do obsessão, sem a ajuda de outras pessoas. Este socorro torna-se necessário quando a obsessão degenera em subjugação e possessão, porque neste caso o paciente, às vezes, perde a vontade e o livre-arbítrio.

²²⁴ A aptidão de certas pessoas para línguas que elas sabem, digamos assim, sem que as tenham aprendido, não tem outra causa senão a lembrança intuitiva do que elas souberam em outra existência. O caso do poeta Méry, relatado na "Revista Espírita" de novembro de 1864, é uma prova do que dizemos. É evidente que se Méry, na sua mocidade, tivesse sido médium, teria escrito em latim com tanta facilidade como em francês e isso teria sido considerado um prodígio. (N.A.)

A obsessão é quase sempre o ato de uma vingança exercida por um espírito, e, na maior parte das vezes, tem origem nas relações que o obsidiado manteve com o obsessivo, em existência precedente.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado fica como que envolto e impregnado de um fluido pernicioso que neutraliza a ação dos fluidos salutaros e os repele. É desse fluido pernicioso que é preciso desembaraçá-lo. Ora, um mau fluido não pode ser eliminado por outro mau fluido. Através de uma ação idêntica a do médium curador nos casos de doença, *é preciso expulsar o fluido mau com a ajuda de um fluido melhor.*

Essa é a ação mecânica, mas que nem sempre é suficiente. É necessário também, e principalmente, *agir sobre o ser inteligente*, ao qual é preciso ter o direito de *falar com autoridade*, e esta autoridade só é concedida à superioridade moral. Quanto maior a superioridade moral, maior a autoridade.

Isso ainda não é tudo: para assegurar a libertação da vítima, é indispensável levar o espírito perverso a renunciar aos seus maus propósitos; é preciso fazer nascer nele o arrependimento e o desejo de fazer o bem, com a ajuda de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares tendo em vista a sua educação moral. Pode-se então ter a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um espírito imperfeito.

A tarefa torna-se mais fácil quando o obsidiado, compreendendo sua situação, colabora com a sua vontade e a prece. O mesmo não ocorre quando, seduzido pelo espírito que o domina, ele se ilude em relação às qualidades do seu dominador e se compraz no erro a que é conduzido, porque, então, longe de colaborar, o obsidiado repele qualquer assistência. É o caso da fascinação, que é sempre infinitamente mais rebelde que a mais violenta subjugação. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar para agir contra o obsessivo.

Capítulo XIV

47. Na obsessão, o espírito age externamente com a ajuda do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, este, então, fica enlaçado, como em uma teia, e constrangido a se comportar de modo contrário à sua vontade.

Na possessão, ao invés de agir externamente, o espírito atuante, substituí digamos assim, o espírito encarnado, elege o seu corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono, uma vez que isso só pode acontecer com a morte. Assim, a possessão é sempre temporária e intermitente, porque um espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar e a condição de um encarnado, pelo fato de a união molecular do perispírito e do corpo só ocorrer unicamente no momento da concepção. (Cap. XI, item 18.)

Momentaneamente apossado do corpo do encarnado, o espírito serve-se dele como se fosse o seu: fala pela sua boca, vê pelos seus olhos, age com os seus braços, como o faria se estivesse vivo. Não é como na mediunidade falante (psicofonia), em que o espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um desencarnado. No caso da possessão é o obsessor mesmo que fala e atua; quem o tenha conhecido em vida, reconhece o seu jeito de falar, a sua voz, os seus gestos e até a expressão da sua fisionomia.

48. Na obsessão sempre existe a ação de um espírito malfeitor. A possessão pode ser a ação de um espírito bom que quer falar e, para causar maior impressão nos ouvintes, *toma* o corpo de um encarnado, que o empresta voluntariamente, como emprestaria uma roupa a um outro encarnado. Isso acontece sem qualquer perturbação ou incômodo, e durante esse tempo o espírito encarnado se acha em liberdade, como no estado de emancipação, e na maior parte das vezes ele se conserva ao lado do seu substituto para ouvi-lo.

Quando o espírito possessor é mau, as coisas acontecem de maneira diferente. Ele não toma emprestado o corpo, apodera-se dele, se o encarnado não possuir *força moral para lhe resistir*. Faz isso por maldade para com o encarnado, a quem tortura e

martiriza de todas as formas, indo ao extremo de tentar eliminá-lo, seja por estrangulação, seja atirando-o ao fogo ou em outros lugares perigosos. Servindo-se dos órgãos e dos membros do infeliz paciente, o obsessor blasfema; injuria e maltrata os que o cercam; entrega-se a excentricidades e a atos que têm todas as características da loucura furiosa.

Os fatos desse gênero, em diversos graus de intensidade, são muito numerosos, e muitos casos de loucura não têm outra causa. Muitas vezes ocorrem desordens patológicas que são apenas consequências, contra as quais, enquanto subsistir a causa original, os tratamentos médicos são impotentes. O Espiritismo, fazendo conhecer essa origem de uma parte das misérias humanas, indica o meio de remediá-las: atuar sobre o autor do mal que, sendo um ser inteligente, deve ser tratado com inteligência.²²⁵

49. A obsessão e a possessão são, frequentemente, individuais, mas, às vezes, são epidêmicas. Quando uma multidão de maus espíritos se lança sobre uma localidade, é como se uma tropa inimiga a invadissem. Nesse caso, pode ser muito grande o número de indivíduos atacados.²²⁶



²²⁵ *Exemplos de curas de obsessões e possessões: "Revista Espírita", dezembro de 1863; janeiro de 1864; junho de 1864; janeiro de 1865; junho de 1865; fevereiro de 1866; junho de 1867. (N.A.)*

²²⁶ *Foi uma epidemia desse gênero que atacou a aldeia de Morzine, na Savoie, há alguns anos. Veja-se o relato completo dessa epidemia na "Revista Espírita" de dezembro de 1862; janeiro, fevereiro, abril e maio de 1863. (N.A.)*

Capítulo XV

Os Milagres do Evangelho

**Observações preliminares. Sonhos. Estrela dos magos.
Dupla vista. Curas. Possessos. Ressurreições.
Jesus caminha sobre a água. Transfiguração.
Tempestade aplacada. Bodas de Caná. Multiplicação
dos pães. Tentação de Jesus. Prodígios por ocasião
da morte de Jesus. Aparição de Jesus após sua morte.
Desaparecimento do corpo de Jesus**

Observações preliminares

1. Os fatos relatados no Evangelho, e que até hoje são considerados milagrosos, pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, daqueles que têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma. Confrontando-se esses fenômenos com os que foram descritos e explicados no capítulo anterior, reconhecemos sem dificuldade que existe entre eles uma identidade de causa e de efeito. A História registra fatos análogos em todos os tempos e entre todos os povos, uma vez que, desde que existem almas encarnadas e desencarnadas, esses mesmos efeitos forçosamente têm se produzido. Pode-se, é verdade, sobre esse ponto, contestar a veracidade da História, mas hoje eles acontecem sob nossos olhos e, digamos assim, à vontade,

Capítulo XV

através de indivíduos que nada têm de excepcional. Apenas o fato de um fenômeno se repetir em idênticas condições, é suficiente para se provar que ele é possível e está sujeito a uma lei, não sendo, assim, milagroso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já se viu, nas propriedades do fluido perispiritual, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a encarnação e após a morte; e, finalmente, na constituição dos espíritos e no papel que eles representam como força ativa da natureza. Uma vez conhecidos esses elementos e comprovados os seus efeitos, eles têm por consequência fazer admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

2. Sem nada prejudicar sobre a natureza do Cristo — cuja análise não entra no plano desta obra — e considerando-o, por hipótese, somente um espírito superior, não se pode deixar de reconhecer nele um daqueles espíritos de ordem mais elevada, e que está colocado, pelas suas virtudes, muito acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que ela produziu, sua encarnação neste mundo só podia ser uma dessas missões que são confiadas apenas aos mensageiros diretos da Divindade para o cumprimento dos seus desígnios. Supondo que ele não fosse o próprio Deus, mas um enviado de Deus para transmitir a sua palavra, ele seria mais que um profeta, porquanto seria um Messias divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis, mas como espírito puro, desprendido da matéria, devia viver mais da vida espiritual do que da vida corporal, da qual não possuía as fraquezas. Sua superioridade sobre os homens não resultava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu espírito, que dominava a matéria de uma maneira absoluta, e da qualidade do seu perispírito, constituído da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, item 9). Sua alma devia se ligar ao corpo por laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela, com certeza, facultava-lhe a *dupla vista*, não só

permanente como de excepcional penetração e muito superior àquela que se vê entre os homens comuns. O mesmo devia ocorrer com todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispirituais, ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe dava uma imensa força magnética, auxiliada pelo incessante desejo de fazer o bem.

Nas curas que fazia, ele agia como *médium*? Pode-se considerá-lo como um poderoso médium curador? Não, uma vez que o médium é um intermediário, um instrumento do qual se utilizam os espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não precisava de assistência, ele é que assistia os outros. Em virtude do seu poder pessoal, ele agia por si mesmo, assim como podem fazê-lo os encarnados em certos casos e na medida das suas possibilidades. Por outro lado, que espírito ousaria insuflar-lhe os seus próprios pensamentos, e o encarregar de transmiti-los? Se recebia algum influxo estranho, só poderia ser de Deus. Segundo a definição dada por um espírito, ele era *médium de Deus*.

Sonhos

3. José, diz o Evangelho, foi avisado por um anjo, que lhe apareceu em sonho, e lhe disse que fugisse para o Egito com o menino. (Mateus, II: 19 a 23.)

Os avisos por meio de sonhos desempenham um papel importante nos livros sagrados de todas as religiões. Sem garantir a exatidão de todos os fatos narrados e sem discuti-los, o fenômeno em si não tem nada de anormal quando se sabe que é durante o período do sono que o espírito, se desprendendo dos laços da matéria, entra momentaneamente na vida espiritual, onde se encontra com aqueles que conheceu. Frequentemente é esse o momento que os espíritos protetores escolhem para se manifestar a seus protegidos e lhes dar conselhos mais diretos. Os exemplos autênticos de avisos por sonhos são numerosos, mas não se deve concluir daí que todos os sonhos são avisos, e ainda menos que tudo o que se vê em sonho tenha um significado. É necessário incluir a arte de interpretar os sonhos entre as crenças supersticiosas e absurdas. (Cap. XIV, itens 27 e 28.)

Capítulo XV

Estrela dos magos

4. Diz-se que uma estrela apareceu aos magos que foram adorar Jesus; que ela ia à frente deles para lhes indicar o caminho e parou quando chegaram. (Mateus, II: 1 a 12.)

A questão não é saber se o fato narrado por Mateus é real, ou se é apenas uma alegoria para indicar que os magos foram guiados de uma maneira misteriosa em direção ao lugar onde estava o menino, uma vez que não há nenhum meio de se verificar o acontecido, mas saber se um fato dessa natureza é possível.

Um fato certo é que, naquela circunstância, a luz não podia ser uma estrela. Poder-se-ia acreditar nisso na época em que se pensava que as estrelas eram pontos luminosos pregados no firmamento e que podiam cair sobre a Terra, mas não hoje, quando se conhece a sua verdadeira natureza.

Por não ter a causa que lhe é atribuída, o fato da aparição de uma luz, tendo o aspecto de uma estrela, não deixa de ser possível. Um espírito pode aparecer sob uma forma luminosa, ou transformar uma parte do seu fluido perispiritual em um ponto luminoso. Muitos fatos desse gênero, recentes e perfeitamente autênticos, não têm outra causa, e esta causa nada tem de sobrenatural. (Cap. XIV, item 13 e ss.)

Dupla vista

— ENTRADA DE JESUS EM JERUSALÉM —

5. Quando eles se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, perto do Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, dizendo-lhes: “Ide a essa aldeia que está defronte de vós; lá chegando, encontrareis uma jumenta amarrada, e, junto dela, o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei os dois para mim. Se alguém vos disser qualquer coisa, dizei-lhe que o Senhor precisa deles e logo ele os deixará trazer.” Ora, tudo isso aconteceu, a fim de que se cumprisse esta palavra do profeta: “Dizei à filha de Sião: Eis vosso rei que vem a vós, cheio de doçura, montado numa jumenta e com o jumentinho daquela que está sob o jugo.”

Os discípulos então se foram, e fizeram o que Jesus lhes ordenara. E, tendo trazido a jumenta e o jumentinho, eles os cobriram com as suas vestes e o fizeram montar sobre ela. (Mateus, XXI: 1 a 7.)

— BEIJO DE JUDAS —

6. “Levantai-vos, vamos, aquele que há de me trair aproxima-se daqui.” Não havia ainda acabado de dizer essas palavras, quando Judas, um dos doze, chegou, e com ele uma multidão de pessoas armadas de espadas e de paus, que haviam sido enviadas pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. Ora, aquele que o trairia lhes dera um sinal para que o reconhecessem, dizendo-lhes: “Aquele que eu beijar é esse mesmo que vós procurais; apoderai-vos dele.” Logo, pois, ele se aproximou de Jesus e lhe disse: “Mestre, eu vos saúdo,” e o beijou. Jesus lhe respondeu: “Meu amigo, o que vieste fazer aqui?” E ao mesmo tempo, todos os outros, avançando, lançaram-se sobre Jesus e se apoderaram dele. (Mateus, XXVI: 46 a 50.)

— PESCA MILAGROSA —

7. Um dia, quando Jesus estava à margem do Lago de Genesaré, e se achava cercado pela multidão que se comprimia para ouvir a palavra de Deus, viu duas barcas atracadas à beira do lago; os pescadores haviam desembarcado e lavavam as suas redes. Então, Jesus entrou numa dessas barcas, que era de Simão, e pediu-lhe que a afastasse um pouco da terra; e, tendo se sentado, ensinava ao povo de dentro da barca.

Quando acabou de falar, disse a Simão: “Avança pelo meio da água e lança as tuas redes de pescar.” Simão respondeu-lhe: “Mestre, trabalhamos a noite toda e não apanhamos nada; contudo, como mandas, lançarei a rede.” Tendo-a lançado, apanharam uma quantidade tão grande de peixes, que a rede se rompeu. Acenaram aos seus companheiros, que estavam na outra barca, para que viessem ajudá-los. Eles vieram e encheram de tal modo as barcas que por pouco elas não afundaram. (Lucas, V: 1 a 7.)

Capítulo XV

— VOCAÇÃO DE PEDRO, ANDRÉ, TIAGO, JOÃO E MATEUS —

8. Ora, caminhando ao longo do Mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão, que lançavam suas redes ao mar, pois eram pescadores; Jesus lhes disse: “Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens.” Logo eles deixaram as suas redes e o seguiram.

Daí, continuando, Jesus viu dois outros irmãos, Tiago e João, que estavam numa barca com Zebedeu, pai de ambos, consertando as suas redes; e ele os chamou. Imediatamente eles deixaram suas redes e seu pai, e o seguiram. (Mateus, IV: 18 a 22.)

Saindo dali, Jesus viu um homem sentado à banca de cobrança dos impostos, chamado Mateus, ao qual disse: “Segue-me,” e o homem logo se levantou e o seguiu. (Mateus, IX: 9.)

9. Esses fatos nada têm de surpreendente, quando se conhece o poder da dupla vista e a causa, muito natural, dessa faculdade. Jesus a possuía em grau máximo, e pode-se dizer que ela era o seu estado normal, como atestam um grande número de atos da sua vida, e o que explicam, atualmente, os fenômenos magnéticos e o Espiritismo.

A pesca qualificada de milagrosa também se explica pela dupla vista. Jesus não produziu espontaneamente peixes onde eles não existiam; ele viu, com a vista da alma, tal como um lúcido vigilante teria podido fazer, o lugar onde os peixes se encontravam, e pôde dizer com segurança aos pescadores que lançassem ali as suas redes.

A penetração do pensamento e, por conseguinte, certas previsões, são a consequência da vista espiritual. Quando Jesus chama Pedro, André, Tiago, João e Mateus para junto de si, era preciso que conhecesse suas disposições íntimas para saber que o acompanhariam e que seriam capazes de desempenhar a missão da qual ele devia encarregá-los. Também se fazia necessário que eles próprios tivessem a intuição dessa missão para se entregarem a ela. O mesmo ocorreu quando, no dia da Ceia, Jesus anunciou

que um dos doze o trairia, e o designou, dizendo que era aquele que pôs a mão no prato, e também quando disse que Pedro o negaria.

Em muitas passagens do Evangelho é dito: “Mas Jesus, conhecendo o seu pensamento, lhe diz...” Ora, como Jesus poderia conhecer o pensamento de alguém senão pela irradiação fluídica que esse pensamento lhe fornecia, e a visão espiritual que lhe permitia ler o foro íntimo das pessoas.

Muitas vezes, supondo que um pensamento se acha sepultado nos refolhos da alma, o homem não suspeita que traz em si um espelho que o reflete, um revelador na sua própria irradiação fluídica, que se encontra impregnada desse pensamento. Se víssemos o mecanismo do mundo invisível que nos cerca, as ramificações dos fios condutores do pensamento que ligam todos os seres inteligentes, corpóreos e incorpóreos, os eflúvios fluídicos carregados das impressões do mundo moral, e que, como correntes aéreas, atravessam o espaço, ficaríamos muito menos surpresos diante de certos efeitos que a ignorância atribui ao acaso. (Cap. XIV, item 22 e ss.)

Curas

— PERDA DE SANGUE —

10. Então, uma mulher, que padecia de uma hemorragia há doze anos, que muito sofrera nas mãos de vários médicos, e que, tendo gasto todos os seus bens, não conseguira nenhum alívio, mas se encontrava sempre pior de seu mal, tendo ouvido falar de Jesus, veio na multidão, por trás dele, e tocou as suas vestes, porquanto ela dizia: “Se eu puder apenas tocar nas suas vestes, ficarei curada.” No mesmo instante, a causa da perda de sangue cessou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela enfermidade.

Logo, Jesus, *percebendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*, se voltou no meio da multidão e disse: “Quem tocou minhas vestes?” Seus discípulos lhe disseram: “Vês que a multidão

Capítulo XV

te aperta de todos os lados e perguntas quem te tocou?” ele olhava tudo em torno dele para ver quem o havia tocado.

A mulher, que sabia o que se passara com ela, sendo tomada de medo e pavor, veio se lançar aos seus pés, e lhe declarou toda a verdade. E Jesus lhe disse: “Minha filha, tua fé te salvou; vai em paz e fica curada da tua enfermidade.” (Marcos, V: 25 a 34.)

11. As palavras: *percebendo em si mesmo a virtude que havia saído dele*, são significativas, elas exprimem o movimento fluídico que se operou de Jesus à mulher enferma; ambos sentiram a ação que acabara de se produzir. O que é notável é que o efeito não foi provocado por nenhum ato da vontade de Jesus; ali não houve nem magnetização, nem imposição das mãos. A irradiação fluídica normal foi suficiente para realizar a cura.

Mas por que essa irradiação se dirigiu para aquela mulher e não para outras pessoas, uma vez que Jesus não pensava nela e estava cercado pela multidão?

A razão é bem simples. O fluido, considerado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica, para repará-la. Ele pode ser dirigido sobre o mal pela vontade do curador, ou atraído pelo desejo ardente, pela confiança, em uma palavra: pela fé do doente. Em relação à corrente fluídica, o curador faz o efeito de uma bomba calcante, e o doente o de uma bomba aspirante. Algumas vezes, a simultaneidade dos dois efeitos é necessária, de outras vezes basta apenas um. Na circunstância de que tratamos, ocorreu o segundo caso.²²⁷

Jesus, portanto, tinha razão para dizer: “Tua fé te salvou.” Compreende-se que a fé a que ele se referia não é uma virtude mística, como certas pessoas entendem, mas uma verdadeira *força atrativa*, enquanto que aquele que não a possui, opõe uma

²²⁷ Atualmente, podemos fazer uma analogia com as ondas eletromagnéticas; para que um receptor de rádio receba os sinais de uma determinada estação, faz-se necessário que ele esteja sintonizado com ela, ou seja, é necessário que haja sintonia entre o transmissor e o receptor, analogamente ao que ocorreu entre a mulher enferma em questão e Jesus.

Para maiores detalhes, veja-se no cap. XIV, item 19, a nota de rodapé 200. (N.R.)

força repulsiva à corrente fluídica, ou, pelo menos, uma força de inércia que paralisa a ação. Assim sendo, também se compreende que dois doentes com a mesma enfermidade, em presença de um curador, um possa ser curado e o outro não. Este é um dos princípios mais importantes da mediunidade curadora e que explica certas anomalias aparentes por uma causa muito natural. (Cap. XIV, itens 31 a 33.)

— O CEGO DE BETSAIDA —

12. Tendo chegado a Betsaida, trouxeram-lhe um cego e pediram que o tocasse. Tomando o cego pela mão, Jesus o levou para fora da vila, passou saliva nos seus olhos e, após impor-lhe as mãos, perguntou se via alguma coisa. O homem, olhando, disse: “Vejo homens andando que me parecem árvores.” Jesus colocou de novo as mãos sobre os seus olhos e ele começou a ver melhor, enfim, ficou tão perfeitamente curado que via distintamente todas as coisas. Jesus em seguida o mandou para casa, e lhe disse: “Vai para a tua casa; se entrares na vila, não digas a ninguém o que te aconteceu.” (Marcos, VIII: 22 a 26.)

13. Aqui, o efeito magnético é evidente. A cura não foi instantânea, mas gradual e fruto de uma ação firme e reiterada, se bem que mais rápida do que na magnetização comum. A primeira sensação desse homem foi exatamente a que experimentam os cegos ao recobrem a visão; por um efeito de óptica, os objetos lhes parecem de um tamanho desmedido.

— O PARALÍTICO —

14. Tendo entrado numa barca, Jesus atravessou o lago e veio à sua cidade (Cafarnaum). Como lhe apresentassem um paralítico deitado em um leito, Jesus, vendo a sua fé, disse ao paralítico: “Meu filho, tem confiança; os teus pecados te são perdoados.”

Logo alguns escribas disseram entre si: “Este homem blasfema.” Mas Jesus, *sabendo o que eles pensavam*, perguntou-lhes: “Por que alimentais maus pensamentos em vossos corações? Pois, o que é mais fácil, dizer: Teus pecados te são perdoados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem

Capítulo XV

tem na Terra o poder de perdoar os pecados: Levanta-te, disse então ao paralítico, toma o teu leito e vai para a tua casa.”

O paralítico levantou-se imediatamente e foi para a sua casa. E o povo, vendo aquele milagre, se encheu de temor e rendeu graças a Deus, por haver concedido tal poder aos homens. (Mateus, IX: 1 a 8.)

15. O que podiam significar estas palavras: “Teus pecados te são perdoados” e em que elas podiam servir para a cura? O Espiritismo apresenta a explicação dessas, assim como de uma infinidade de outras palavras, até hoje incompreendidas. Ele nos ensina, pela lei da pluralidade das existências, que os males e as aflições da vida são muitas vezes expiações do passado, e que nós sofremos na vida presente as consequências das faltas que cometemos em uma existência anterior, sendo as diferentes existências solidárias umas com as outras até que se tenha pago a dívida dessas imperfeições.

Se, portanto, a enfermidade daquele homem era uma punição pelo mal que ele havia cometido, a afirmação de Jesus: “Teus pecados te são perdoados” equivalia a dizer-lhe: “Pagaste a tua dívida; a causa da tua enfermidade desapareceu por causa da tua fé e assim sendo mereces ficar livre dela.” É por isso que Jesus disse aos escribas: “É tão fácil dizer: teus pecados te são perdoados, como dizer: levanta-te e anda.” Cessada a causa, o efeito tem que cessar. É exatamente o caso do preso a quem se diz: “O teu crime está expiado e perdoado,” o que equivaleria a dizer: “Podes sair da prisão.”

— OS DEZ LEPROSOS —

16. Um dia em que Jesus ia para Jerusalém, e passava pelos confins da Samaria e da Galileia, estando prestes a entrar numa aldeia, dez leprosos vieram ao seu encontro e, conservando-se afastados, elevaram suas vozes e lhe disseram: “Jesus, nosso Mestre, tem piedade de nós.” Quando os percebeu, Jesus lhes disse: “Ide vos mostrar aos sacerdotes.” Quando eles estavam a caminho, ficaram curados.

Um deles, vendo que estava curado, voltou sobre os seus passos, glorificando Deus em altas vozes; e foi lançar-se aos pés de Jesus, com o rosto na terra, a lhe render graças, e esse era samaritano.

Então, Jesus disse: “Todos os dez não foram curados? Onde estão os outros nove? Não houve nenhum deles que voltasse e glorificasse a Deus, a não ser este estrangeiro?” E disse a ele: “Levanta-te, vai; a tua fé te salvou.” (Lucas, XVII: 11 a 19.)

17. Os samaritanos eram cismáticos,²²⁸ mais ou menos como os protestantes com relação aos católicos, e os judeus os desprezavam como heréticos. Curando indistintamente os judeus e os samaritanos, Jesus dava, ao mesmo tempo, uma lição e um exemplo de tolerância; e, ressaltando que só o samaritano voltara para glorificar a Deus, mostrava que havia nele mais fé verdadeira e reconhecimento, que naqueles que se diziam ortodoxos. Acrescentando: “A tua fé te salvou,” Jesus fez ver que Deus considera o que há no âmago do coração e não a forma exterior de adoração. Entretanto, os outros também tinham sido curados, isso foi preciso para a lição que ele queria dar, e para provar a ingratidão deles. Quem sabe, porém, o que resultou disso, e se eles realmente se beneficiaram da graça que lhes foi concedida? Dizendo ao samaritano: “A tua fé te salvou,” Jesus dá a entender que não aconteceu o mesmo com os outros.

— A MÃO SECA —

18. De outra vez, Jesus entrou em uma sinagoga onde encontrou um homem que tinha uma das mãos seca. E eles o observavam para ver se Jesus o curaria em um dia de sábado, a fim de terem um motivo para acusá-lo. Então, disse ele ao homem que tinha a mão seca: “Levanta-te e coloca-te ali no meio.” Depois, aos que o observavam: “É permitido fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la, no sábado?” Eles permaneceram em silêncio.

²²⁸ **Cismáticos:** isto é, dissidentes; aqueles que se separaram do corpo ou da comunhão de uma religião. (N.T.)

Capítulo XV

Ele, porém, encarando-os com indignação, de tanto que o afligia a dureza dos seus corações, disse ao homem: “Estende a tua mão.” Ele a estendeu, e ela se tornou sã.

Os fariseus, retirando-se, logo entraram em conselho contra ele, com os herodianos, sobre o meio de o perderem. Mas Jesus se retirou com os seus discípulos para os lados do mar, seguido por uma grande multidão de povo da Galileia e da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia e de além do Jordão; e os das cercanias de Tiro e de Sídon, tendo ouvido falar das coisas que ele fazia, vieram em grande número para encontrá-lo. (Marcos, III: 1 a 8.)

— A MULHER CURVADA —

19. Jesus ensinava numa sinagoga todos os dias de sábado. Um dia, viu ali uma mulher possuída de um espírito que a mantinha doente há dezoito anos; ela estava tão curvada, que não podia olhar para cima. Vendo-a, Jesus a chamou e disse: “Mulher, estás livre da tua enfermidade.” Ao mesmo tempo lhe impôs as mãos; e ela imediatamente se endireitou, e disso rendeu graças a Deus.

Mas o chefe da sinagoga, indignado por Jesus haver feito uma cura no sábado, disse ao povo: “Existem seis dias destinados para trabalhar; vinde nesses dias para serdes curados e não nos dias de sábado.”

O Senhor, tomando a palavra, lhe disse: “Hipócritas, qual de vós não solta o seu boi ou o seu jumento da carga no sábado e não o leva para beber? Por que então não se deveria libertar, em um dia de sábado, dos laços que a prendiam, esta filha de Abraão que Satanás havia mantido assim presa durante dezoito anos?”

Com essas palavras, todos os seus adversários ficaram confusos, e todo o povo ficou encantado ao vê-lo praticar tantas ações gloriosas. (Lucas, XIII: 10 a 17.)

20. Este fato prova que naquela época a maior parte das enfermidades era atribuída ao demônio, e que se confundia, como atualmente, os doentes com os possessos, mas em sentido inverso,

isto é, hoje os que não acreditam nos maus espíritos confundem as obsessões com as doenças patológicas.

— O PARALÍTICO DA PISCINA —

21. Depois disso, tendo chegado a festa dos judeus, Jesus foi a Jerusalém. Ora, havia em Jerusalém a piscina das ovelhas — que em hebreu se chama *Betsaida* — que tinha cinco galerias, onde se achavam deitados um grande número de doentes, de cegos, de coxos, e os que tinham os membros ressecados, todos à espera de que as águas fossem agitadas. Porque o anjo do Senhor, em um certo momento, descia àquela piscina e movimentava a sua água; aquele que fosse o primeiro a entrar nela, depois da água ter sido movimentada, ficava curado de qualquer doença que tivesse.

Ora, lá estava um homem que se encontrava doente há trinta e oito anos. Jesus, tendo-o visto deitado, e sabendo-o doente desde longo tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?” O doente respondeu: “Senhor, não tenho ninguém para me jogar na piscina depois que a água for movimentada; e, durante o tempo que levo para chegar lá, um outro desce antes de mim.” Disse-lhe Jesus: “Levanta-te, toma o teu leito e anda.” No mesmo instante o homem foi curado e, pegando o seu leito, pôs-se a andar. Ora, aquele dia era um sábado.

Os judeus então disseram àquele que fora curado: “Hoje é sábado, não é permitido que leves o teu leito.” O homem respondeu: “Aquele que me curou disse: toma o teu leito e anda.” Eles perguntaram-lhe então: “Quem foi que te disse: toma o teu leito e anda?” Mas, aquele que fora curado não sabia quem ele era, porquanto Jesus se retirara do meio da multidão que estava lá.

Depois, Jesus encontrou aquele homem no Templo, e lhe disse: “Vês que foste curado; não peques mais no futuro, para que não te aconteça coisa pior.”

O homem foi ao encontro dos judeus e lhes disse que fora Jesus quem o curara. Era por isso que os judeus perseguiam Jesus, porque ele fazia essas coisas no sábado. Então, Jesus lhes disse:

Capítulo XV

“Meu Pai não cessa de agir até o presente e eu também ajo incessantemente.” (João, V: 1 a 17.)

22. Os romanos chamavam de piscina (do latim *piscis*, peixe) os reservatórios ou viveiros onde se criavam peixes. Mais tarde, a acepção do termo se estendeu aos tanques destinados ao banho em comum.

A piscina de Betsaida, em Jerusalém, era uma cisterna próxima ao Templo, alimentada por uma fonte natural, cuja água parece ter tido propriedades curativas. Era, sem dúvida, uma fonte intermitente que, em certas épocas, jorrava com força e agitava a água. Segundo a crença popular, esse momento era o mais propício para as curas. Pode ser que, na realidade, no momento da sua saída, a água tivesse uma propriedade mais ativa ou que a agitação, produzida pela água que jorrava, removesse uma vasa²²⁹ salutar para algumas moléstias. Esses efeitos são muito naturais e perfeitamente conhecidos atualmente, mas, à época, as ciências estavam pouco adiantadas e via-se uma causa sobrenatural na maioria dos fenômenos incompreendidos. Assim, os judeus atribuíam a agitação das águas à presença de um anjo, e esta crença lhes parecia ainda melhor fundamentada porque, naquelas ocasiões, a água era mais salutar.

Depois de haver curado aquele homem, Jesus lhe disse: “Não peques mais no futuro, para que não te aconteça coisa pior.” Por essas palavras, ele o fez entender que a sua doença era uma punição, e que, se ele não se melhorasse, poderia ser punido de novo e ainda com mais rigor. Essa doutrina está inteiramente de acordo com a que ensina o Espiritismo.

23. Jesus parecia fazer questão de realizar essas curas no sábado, para ter oportunidade de protestar contra o rigor dos fariseus no tocante à guarda desse dia. Queria mostrar-lhes que a verdadeira piedade não consiste na observância das práticas exteriores e das formalidades; que ela está nos sentimentos do coração.

²²⁹ **Vasa:** espécie de lama, fina e inconsistente, característica de certos fundos oceânicos, constituída por carapaças microscópicas de animais ou elementos minerais. (N.R.)

Ele se justifica, dizendo: “Meu pai não cessa de agir até o presente e eu também ajo incessantemente,” isto é, Deus não interrompe as suas obras nem a sua ação sobre a natureza no sábado, ele continua a fazer produzir tudo o que é necessário à vossa alimentação e à vossa saúde, e eu sou seu exemplo.

— O CEGO DE NASCENÇA —

24. E, quando Jesus ia caminhando, viu um homem que era cego desde o seu nascimento; e os seus discípulos lhe fizeram esta pergunta: “Mestre, foi o pecado desse homem, ou o pecado daqueles que o puseram no mundo, a causa dele ter nascido cego?” Jesus lhes respondeu: “Não foi porque ele pecou, nem aqueles que o puseram no mundo, mas para que se patenteassem nele as obras do poder de Deus. É preciso que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; depois vem a noite, na qual ninguém pode agir. Enquanto estou no mundo, eu sou a luz do mundo.”

Após dizer estas palavras, cuspiu na terra, e, fazendo lama com a sua saliva, ungiu os olhos do cego com essa lama, e lhe disse: “Vai lavar-te na piscina de Siloé,” que significa *enviado*. Ele foi, lavou-se e voltou vendo claro.

Seus vizinhos, e aqueles que o haviam visto anteriormente pedindo esmolas, diziam: “Este não é o que ficava sentado e pedia esmola?” Uns respondiam: “É ele”, outros diziam: “Não, é um parecido com ele.” O homem, porém, lhes dizia: “Sou eu mesmo.” Perguntaram-lhe então: “Como se abriram os teus olhos?” Ele respondeu: “Aquele homem que se chama Jesus fez um pouco de lama e passou nos meus olhos, dizendo: Vai à piscina de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me e vejo.” Disseram-lhe: “Onde está ele?” O homem respondeu: “Não sei.”

Então, levaram o homem que fora cego aos fariseus. Ora, era o dia de sábado quando Jesus fizera aquela lama e lhe abriera os olhos.

Os fariseus também o interrogaram para saber como recobrou a visão. Ele lhes disse: “Ele me pôs lama nos olhos, eu me lavei e vejo.” Ao que alguns fariseus retrucaram: “Esse homem

Capítulo XV

não é enviado de Deus, uma vez que não guarda o sábado.” Outros, porém diziam: “Como um homem mau poderia fazer tais prodígios?” E havia sobre isso divisão entre eles.

Então, disseram de novo ao que fora cego: “E tu, que dizes desse homem que te abriu os olhos?” Ele respondeu: “Digo que é um profeta.” Mas os judeus não acreditaram que aquele homem fora cego, e que houvesse recobrado a visão, até que fizeram vir o pai e a mãe dele, e os interrogaram, dizendo: “É este o vosso filho que dizeis ter nascido cego? Como é que ele agora vê?” O pai e a mãe responderam: “Sabemos que esse é o nosso filho e que nasceu cego, porém, não sabemos como agora ele vê e tampouco sabemos quem lhe abriu os olhos. Interrogai-o; ele já tem idade, que responda por si mesmo.”

Seu pai e a sua mãe falavam desse modo porque temiam os judeus, uma vez que, em acordo, os judeus já haviam resolvido que *todo aquele que reconhecesse Jesus como sendo o Cristo seria expulso da sinagoga*. Foi isso que obrigou o pai e a mãe do rapaz a responderem: “Ele já tem idade, interrogai a ele mesmo.”

Então, eles chamaram pela segunda vez o homem que fora cego e lhe disseram: “Glorifica a Deus; sabemos que esse homem é um pecador.” Ele lhes respondeu: “Se é um pecador, eu não sei de nada, tudo o que sei é que estava cego e que agora vejo.” Perguntaram ainda: “O que ele te fez e como te abriu os olhos?” O homem respondeu: “Já vos disse e vós entendestes; por que quereis ouvir ainda mais uma vez? Será que quereis vos tornar seus discípulos?” Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: “Sê tu mesmo o seu discípulo; porque nós somos discípulos de Moisés. Nós sabemos que Deus falou a Moisés, quanto a esse não sabemos de onde saiu.”

O homem lhes respondeu: “É de espantar que não saibam de onde ele é, e que ele tenha aberto os meus olhos. Ora, sabemos que Deus não exalça os pecadores, mas a alguém que o honre e que faça a sua vontade, a esse, Deus exalça. Desde que o mundo existe, jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos de

um cego de nascença. Se esse homem não fosse um enviado de Deus, não poderia fazer nada de tudo o que tem feito.”

E eles lhe responderam: “Tu não és senão pecador, desde o ventre da tua mãe, e queres nos ensinar?” E o expulsaram. (João, IX: 1 a 34.)

25. Esta narrativa, tão simples e tão singela traz em si uma característica evidente de verdade. Nada de fantástico nem de maravilhoso; é um flagrante de uma cena da vida real. A linguagem desse cego é bem aquela dos homens simples, nos quais o saber é substituído pelo bom senso, e que retrucam com bonomia os argumentos dos seus adversários, apresentando razões justas e oportunas. O tom dos fariseus não é o desses orgulhosos, que não admitem nada acima das suas inteligências e que ficam indignados apenas com a ideia de que um homem do povo possa lhes fazer observações? Salvo o colorido local dos nomes, poderíamos acreditar que é um fato do nosso tempo.

Ser expulso da sinagoga, equivalia a ser posto fora da Igreja; era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo interpretada segundo o progresso dos conhecimentos atuais, são tratados como os judeus que reconheciam Jesus como o Messias. Excomungando-os, eles são colocados fora da Igreja, como os escribas e os fariseus fizeram em relação aos seguidores do Cristo. Assim, aí temos um homem que é expulso porque não pôde acreditar que aquele que o curou fosse um pecador e um possesso do demônio e porque rende graças a Deus pela sua cura!

Não é o que fazem com os espíritas? O que eles obtêm: sábios conselhos dos espíritos, retorno a Deus e ao bem, curas, tudo é obra do diabo e sobre eles lança-se maldição. Não temos visto padres declararem, do alto do púlpito, que *é melhor permanecer incrédulo do que recuperar a fé pelo Espiritismo*? Não se tem visto dizer aos doentes que eles não deveriam se fazer curar pelos espíritas que possuem esse dom, porque é um dom satânico? Que diziam e que faziam de diferente os padres judeus e os fariseus? Aliás, foi dito que hoje tudo tem que se passar como no tempo do Cristo.

Capítulo XV

Esta pergunta dos discípulos: “Foi o pecado deste homem a causa dele *nascer* cego?” indica a intuição de uma existência anterior, do contrário ela não teria sentido, uma vez que o pecado que seria a causa de uma *doença de nascença* deveria ter sido cometido antes do nascimento e, por consequência, em uma existência anterior. Se Jesus visse ali uma ideia falsa, ele lhes teria dito: “Como este homem poderia ter pecado antes de nascer?” Ao invés disso, Jesus lhes diz que se aquele homem era cego, não é porque tenha pecado, mas para que o poder de Deus se patenteasse nele, isto é, para que ele fosse o instrumento de uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação que devia servir para o seu progresso, uma vez que Deus, que é justo, não podia lhe impor um sofrimento sem compensação.

Quanto ao meio empregado para curá-lo, é evidente que a espécie de lama feita com a saliva e a terra não podia conter outra virtude que a ação do fluido curador do qual ela fora impregnada. É assim que as substâncias mais insignificantes, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas sob a ação do fluido espiritual ou magnético ao qual servem de *veículo* ou, se preferirem, de *reservatório*.

— NUMEROSAS CURAS DE JESUS —

26. Jesus ia por toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todos os abatimentos e todas as enfermidades entre o povo. Sua reputação espalhando-se por toda a Síria, trazia-lhe todos aqueles que estavam doentes e afligidos por dores e males diversos, os possessos, os lunáticos, os paralíticos, e ele os curava. Acompanhava-o grande multidão de povo da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e de além do Jordão. (Mateus, IV: 23 a 25.)

27. De todos os fatos que testemunham o poder de Jesus, os mais numerosos são, sem dúvida, as curas. Ele queria provar dessa forma que o verdadeiro poder é aquele que faz o bem; que o seu objetivo era o de se tornar útil e não o de satisfazer a curiosidade dos indiferentes por meio de coisas extraordinárias.

Aliviando os sofrimentos, atraía as criaturas para si pelo coração, e fazia prosélitos mais numerosos e mais sinceros do que se eles apenas fossem impressionados com espetáculos para os olhos. Por esse meio fazia-se amado, ao passo que, se ele se limitasse a produzir efeitos materiais surpreendentes, conforme pediam os fariseus, a maioria das pessoas teria visto nele apenas um feiticeiro, ou um mágico hábil, *que os ociosos iriam ver para se distraírem*.

Assim, quando João Batista lhe envia seus discípulos, para lhe perguntarem se ele era o Cristo, a sua resposta não foi: “Eu o sou”, porque todo impostor poderia ter dito o mesmo; ele não lhes fala nem de prodígios nem de coisas maravilhosas, mas responde simplesmente: “Ide dizer a João: os cegos veem, os doentes são curados, os surdos ouvem, e o Evangelho é anunciado aos pobres.” Isto era o mesmo que lhes dizer: “Reconhecei-me pelas minhas obras; julgai a árvore pelo fruto”, uma vez que esse era o verdadeiro caráter da sua missão divina.

28. É também pelo bem que faz, que o Espiritismo prova a sua missão providencial. Ele cura os males físicos, mas cura, sobretudo, as doenças morais e esses são os maiores prodígios pelos quais ele se afirma. Seus adeptos mais sinceros não são os que foram impressionados pela visão de fenômenos extraordinários, mas os que tiveram seu espírito tocado pela consolação; os que são libertados da tortura da dúvida; aqueles a quem, nas aflições, ele levantou o ânimo, os que hauriram forças na certeza do futuro que ele veio lhes trazer, no conhecimento do seu ser espiritual e do seu destino. Eis aqueles em que a fé é inabalável, porque eles sentem e compreendem.

Os que veem no Espiritismo apenas efeitos materiais não podem compreender a sua força moral. Também os incrédulos, que só o conhecem pelos fenômenos cuja causa primária não admitem, consideram os espíritas como meros prestidigitadores e charlatães. Assim, não é pelos prodígios que o Espiritismo triunfará da incredulidade, é pela multiplicação dos seus benefícios morais, pois, se os incrédulos não admitem os prodígios, eles

Capítulo XV

conhecem, como todo o mundo, o sofrimento e as aflições, e ninguém recusa alívio e consolação. (Cap. XIV, item 30.)

Possessos

29. Vieram em seguida a Cafarnaum, e Jesus, entrando primeiramente na sinagoga, em um sábado, os instruía; e eles se admiravam da sua doutrina, porque ele os instruía como tendo autoridade e não como os escribas.

Ora, achava-se na sinagoga um homem possesso de um espírito impuro, que se lamentou, dizendo: “Que há entre nós e ti, Jesus de Nazaré? Vieste para nos perder? Sei quem tu és: és o santo de Deus.” Jesus, porém, falando-lhe ameaçadoramente, disse: “Cala-te e sai desse homem.” Então, o espírito impuro, agitando-se com violentas convulsões e dando um grande grito, saiu dele.

Ficaram todos tão surpreendidos, que perguntavam uns aos outros: “O que é isto? Que nova doutrina é esta? Ele manda com autoridade, mesmo nos espíritos impuros, e eles o obedecem.” (Marcos, I: 21 a 27.)

30. Após terem saído, apresentaram-lhe um homem mudo, possesso do demônio. Expulso o demônio, o mudo falou, a multidão foi tomada pela admiração, e o povo dizia: “Jamais se viu nada semelhante em Israel.”

Mas os fariseus, ao contrário, diziam: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa os demônios.” (Mateus, IX: 32 a 34.)

31. Quando chegou ao local onde estavam os outros discípulos, viu uma grande multidão de pessoas em torno deles, e os escribas que discutiam com eles. Logo todo o povo, tendo visto Jesus, foi tomado de espanto e de temor; correndo para ele, o saudaram.

Então Jesus lhes perguntou: “O que discutem uns com os outros?” Um homem, do meio do povo, tomando a palavra, lhe diz: “Mestre, trouxe-te o meu filho, que está possuído de um espírito mudo; em qualquer lugar onde se apossa dele, atira-o no

chão e o menino espuma, range os dentes e fica todo seco. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam.”

Jesus lhes respondeu: “Ó gente incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos suportarei? Tragam-no para mim.” Eles o trouxeram, e o menino ainda não havia visto Jesus, quando o espírito começou a agitá-lo violentamente; depois caiu no chão, onde rolava espumando.

Jesus perguntou ao pai do menino: “Há quanto tempo isso lhe acontece?” “Desde a sua infância, disse o pai, o espírito o tem lançado muitas vezes na água e no fogo para matá-lo, mas se podes alguma coisa, tem compaixão de nós, ajuda-nos.” Jesus lhe respondeu: “Se podes crer, tudo é possível àquele que crê.” O pai do menino, banhado em lágrimas, logo exclamou: “Senhor, eu creio, ajuda-me na minha incredulidade.”

Jesus, vendo que o povo acorria em grande multidão, falou em tom de ameaça ao espírito impuro, dizendo-lhe: “Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, sai deste menino e não entres mais nele.” Então, o espírito, soltando um grande grito e sendo agitado por violentas convulsões, saiu, ficando o menino como morto, de tal modo que muitos diziam que ele morrerá. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou.

Quando Jesus entrou na casa, os seus discípulos lhe disseram em particular: “Por que razão nós não pudemos expulsar esse demônio?” Ele lhes respondeu: “Os demônios dessa espécie não podem ser expulsos por nenhum outro meio a não ser pela prece e pelo jejum. (Marcos, IX: 14 a 28.)

32. Apresentaram-lhe então um possesso cego e mudo, e ele o curou, de modo que o possesso começou a falar e a ver. O povo todo ficou cheio de admiração, e eles diziam: “Não é esse o filho de Davi?”

Mas os fariseus, ouvindo isso, diziam: “Esse homem não expulsa os demônios senão pela virtude de Belzebu, o príncipe dos demônios.”

Capítulo XV

Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: “Todo reino, dividido contra si mesmo, será arruinado, e toda cidade ou casa, dividida contra si mesma, não poderá subsistir. Se Satanás expulsa a Satanás, ele está dividido contra si mesmo, como, pois, o seu reino poderá subsistir? E, se é por Belzebu que eu expulso os demônios, por quem vossos filhos os expulsarão? Por isso eles mesmos serão vossos juízes. Se eu expulso os demônios pelo espírito de Deus, o reino de Deus, portanto, veio até vós. (Mateus, XII: 22 a 28.)

33. As libertações de possessos se situam, com as curas, entre os atos mais numerosos de Jesus. Entre os fatos dessa natureza, existem alguns, como o narrado no item 30, em que a possessão não é evidente. É provável que naquela época, como acontece ainda em nossos dias, se atribuísse à influência dos demônios todas as enfermidades cuja causa era desconhecida, principalmente a mudez, a epilepsia e a catalepsia. Porém, existem outros casos em que não há dúvidas quanto à ação dos maus espíritos; eles têm uma analogia tão marcante com aqueles de que somos testemunhas, que neles se reconhecem todos os sintomas desse gênero de afecções. Em tal caso, a prova da participação de uma inteligência oculta ressalta de um fato material: são as inúmeras curas radicais obtidas em alguns centros espíritas, apenas com a evocação e a moralização dos espíritos obsessores, sem magnetização nem medicamentos e, muitas vezes, na ausência do paciente e à grande distância dele. A imensa superioridade do Cristo lhe dava uma tal autoridade sobre os espíritos imperfeitos, então chamados demônios, que era-lhe suficiente ordenar que eles se retirassem para que não pudessem resistir a essa injunção. (Cap. XIV, item 46.)

34. O fato de maus espíritos serem enviados para os corpos de porcos é contrário a toda probabilidade. Um espírito mau não deixa de ser um espírito humano, ainda que bastante imperfeito pois continua a fazer o mal após a morte, como o fazia antes, e é contra as leis da Natureza que ele possa animar o corpo de

um animal. Nesse acontecimento é preciso reconhecer um desses exageros de um fato real, tão comuns nos tempos de ignorância e de superstição; ou talvez uma alegoria, para caracterizar as tendências impuras de certos espíritos.²³⁰

35. O número de obsidiados e possessos na Judeia parece ter sido grande no tempo de Jesus, o que lhe dava a oportunidade de efetuar muitas curas. Os maus espíritos, sem dúvida, haviam invadido aquele país e causado uma epidemia de possessões. (Cap. XIV, item 49.)

Sem ser em estado epidêmico, as obsessões individuais são extremamente frequentes e se apresentam sob aspectos muito variados que um profundo conhecimento do Espiritismo pode facilmente reconhecer. Muitas vezes elas podem trazer consequências lamentáveis para a saúde, ocasionando ou agravando afecções orgânicas. Um dia, serão incontestavelmente arroladas entre as causas patológicas que requerem, pela sua natureza especial, meios curativos especiais. O Espiritismo, fazendo conhecer a causa do mal, abre um novo caminho à arte de curar e fornece à Ciência o meio de alcançar êxito onde ela frequentemente fracassa, por não atacar a causa primitiva do mal. (*O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII.)

36. Jesus era acusado pelos fariseus de expulsar os demônios pelos demônios. O próprio bem que Jesus fazia era, segundo eles, obra de Satanás; sem refletir que, Satanás expulsando a si mesmo, praticaria um ato de insensatez. Essa doutrina é ainda a

²³⁰ Atualmente, conforme os ensinamentos que nos foram transmitidos pelos espíritos na extensa obra mediúnica disponível, bem como através dos casos que nos são trazidos nos trabalhos de desobsessão das mesas mediúnicas, sabemos que o perispírito é suscetível de modificar-se, podendo, através da sugestão hipnótica de determinados espíritos maus, assumir uma forma, digamos assim, animalizada, no fenômeno conhecido como *licantropia*. Tal fenômeno, oriundo da plasticidade da matéria perispiritual face à influência das ondas mentais que emitimos, enquadra-se perfeitamente nos ensinamentos que Allan Kardec nos transmite no cap. XIV, item 14.

A *licantropia*, absolutamente, não se enquadra no caso de que trata o Codificador, mas é um fenômeno que poderia oferecer uma explicação possível para a origem da alegoria a que ele se refere. (N.R.)

Capítulo XV

que a Igreja procura fazer prevalecer nos dias de hoje, contra as manifestações espíritas.²³¹

Ressurreições

— A FILHA DE JAIRO —

37. Tendo Jesus passado de barca, novamente, para a outra margem, logo que desembarcou, uma grande multidão se reuniu ao seu redor. E um chefe da sinagoga, chamado Jairo, veio procurá-lo e, encontrando-o, atirou-se aos seus pés, e lhe suplicava com muita veemência, dizendo: “Tenho uma filha que está no momento extremo; vem impor-lhe as mãos para curá-la e salvar-lhe a vida.”

Jesus foi com ele, acompanhado de uma grande multidão que o comprimia.

Quando ele (Jairo) ainda falava, vieram pessoas da casa do chefe da sinagoga e lhe disseram: “Tua filha está morta; por que hás de dar ao Mestre o incômodo de ir mais longe?” Jesus, porém, ouvindo isso, disse ao chefe da sinagoga: “Não te aflijas, apenas crê.” E a pessoa alguma permitiu que o acompanhasse, a não ser Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.

Quando chegaram à casa do chefe da sinagoga, Jesus viu uma aglomeração confusa de pessoas que choravam e soltavam grandes gritos; e entrando, ele lhes disse: “Por que fazeis tanto alarido e por que chorais? *Esta menina não está morta, só está adormecida.*” E elas zombaram dele. Tendo feito com que todas

²³¹ Um grande número de teólogos está longe de professar opiniões tão radicais sobre a doutrina demoníaca. Eis a de um eclesiástico, cujo valor o clero não poderia contestar, Monsenhor Freyssidou, bispo de Hermópolis, na seguinte passagem das suas “Conferências sobre a Religião”, tomo 2º, Paris, 1825:

“Se Jesus houvesse operado seus milagres pela virtude do demônio, o demônio então teria trabalhado para destruir seu império e teria empregado o seu poder contra si mesmo. Certamente, “um demônio que procurasse destruir o reinado do vício para estabelecer o da virtude, seria um estranho demônio”. Eis por que Jesus, para repelir a absurda acusação dos judeus, lhes dizia: “Se opero prodígios em nome do demônio, o demônio então está dividido consigo mesmo; ele procura, conseqüentemente, se destruir”; resposta que não admite réplica.”

Este é precisamente o argumento que os espíritas contrapõem aos que atribuem ao demônio os bons conselhos que eles recebem dos espíritos. O demônio, nesse caso, agiria como um ladrão profissional que restituísse tudo o que houvesse roubado e ainda exortasse os outros ladrões a se tornarem pessoas honestas. (N.A.)

as pessoas saíssem, chamou o pai e a mãe da menina e os que tinham vindo com ele e entrou no lugar onde a menina estava deitada. Ele a tomou pela mão e disse: “*Talitha cumi,*” isto é: “Minha filha, levanta-te, eu te ordeno.” No mesmo instante a menina se levantou e começou a andar, pois tinha doze anos, e todos ficaram espantados e maravilhados. (Marcos, V: 21 a 43.)

— O FILHO DA VIÚVA DE NAIM —

38. No dia seguinte, Jesus ia para uma cidade chamada Naim; e seus discípulos o acompanhavam com uma grande multidão de pessoas. Quando estava perto da porta da cidade, aconteceu que levavam um morto para ser sepultado; era filho único de sua mãe e essa mulher era viúva; e havia uma grande quantidade de pessoas da cidade com ela. Vendo-a, o Senhor se encheu de compaixão por ela e disse: “Não chores.” Depois, aproximando-se, tocou o esquife, e aqueles que o conduziam pararam. Então, ele disse: “Rapaz, levanta-te, eu te ordeno.” Imediatamente, o moço sentou-se e começou a falar, e Jesus o restituiu à sua mãe.

Todos aqueles que estavam presentes ficaram cheios de espanto e glorificavam a Deus, dizendo: “Um grande profeta apareceu no meio de nós e Deus visitou o seu povo.” A notícia desse milagre que ele fez se espalhou por toda a Judeia e pelas regiões circunvizinhas. (Lucas, VII: 11 a 17.)

39. O fato de um indivíduo, realmente morto, voltar à vida corpórea seria contrário às leis da Natureza e, portanto, milagroso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas por Jesus.

Se, entre nós, as aparências às vezes enganam os profissionais, os acidentes dessa natureza deviam ser muito frequentes num país onde não se tomava nenhuma precaução, e onde o sepultamento era imediato.²³² Assim, é provável que, nos dois

²³² Uma prova desse costume se encontra nos “Atos dos Apóstolos”, V: 5 e ss.:

“Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o espírito; e todos os que ouviram falar disso foram tomados de grande temor. Logo, alguns rapazes vieram buscar seu corpo e, tendo-o levado, eles o enterraram. Aproximadamente três horas depois, sua mulher (Safira), que



Capítulo XV

casos acima, tenha ocorrido apenas uma síncope ou uma letargia. O próprio Jesus declara positivamente, referindo-se à filha de Jairo: “*Essa menina não está morta, só está adormecida.*”

Com o poder fluídico que ele possuía, não é nada espantoso que esse fluido vivificante, governado por uma forte vontade, tenha reanimado os sentidos entorpecidos; que tenha mesmo feito voltar ao corpo o espírito prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispiritual ainda não estava definitivamente rompido. Para os homens daquela época, que consideravam o indivíduo morto desde que não respirasse mais, nesses casos havia ressurreição, e eles o afirmavam de boa-fé, mas o que havia na realidade era *cura* e não ressurreição na acepção do termo.

40. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de maneira alguma anula este princípio. Ele estava, dizem, há quatro dias no sepulcro, mas sabe-se que existem letargias que duram oito dias ou mais. Acrescentam que já cheirava mal, o que é um sinal de decomposição. Esta alegação também não prova nada, uma vez que, em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, e eles exalam um cheiro de podridão. A morte só ocorre quando os órgãos vitais são afetados.

E quem poderia saber se Lázaro já cheirava mal? Foi Marta, sua irmã, quem o disse, mas como sabia disso? Uma vez que Lázaro estava enterrado há quatro dias, Marta podia supor esse fato, mas não ter a certeza de que ele ocorrera. (Cap. XIV, item 29.)²³³

não sabia o que havia acontecido, entrou. E Pedro lhe disse... etc. No mesmo instante, ela caiu a seus pés e rendeu o espírito. Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, eles a enterraram junto do marido.” (N.A.)

²³³ *O fato descrito a seguir, prova que, algumas vezes, a decomposição precede a morte. No convento do Bom Pastor, fundado em Toulon pelo padre Marin, capelão dos cárceres, destinado às decaídas que se arrependem, encontrava-se uma jovem que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio às suas dores, ela parecia sorrir para uma visão celestial; e, como Santa Teresa, ela pedia para sofrer mais, embora suas carnes se encontrassem em frangalhos, com a gangrena devastando os seus membros. Por uma sábia previdência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, imediatamente após a morte. Coisa estranha! Mal a doente deu o último suspiro, cessou todo o processo de decomposição; as exalações cadavéricas desapareceram, e ela ficou durante 36 horas, exposta às preces e à veneração da comunidade. (N.A.)*

Jesus caminha sobre a água

41. Logo, Jesus obrigou seus discípulos a tomarem a barca e a passarem, antes dele, para a outra margem, enquanto ele despedia o povo. Depois de o haver despedido, subiu sozinho a um monte para orar e, tendo caído a noite, achou-se só naquele lugar.

Entretanto, a barca era fortemente açoitada pelas ondas no meio do mar, porque o vento era contrário. Mas, na quarta vigília da noite, Jesus foi até eles, caminhando sobre o mar.²³⁴

Quando o viram andando assim sobre o mar, se perturbaram e diziam: “É um fantasma!”, e gritavam de pavor. Mas Jesus logo lhes falou e disse: “Tranquilizem-se, sou eu, não tenham medo.”

Pedro lhe respondeu: “Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu encontro, caminhando sobre as águas.” Jesus disse-lhe: “Vem.” E Pedro, descendo da barca, caminhava sobre a água ao encontro de Jesus, mas, vindo uma ventania, ele teve medo; e, como começasse a afundar, clamou: “Senhor, salva-me.” Logo, Jesus, estendendo-lhe a mão, disse: “Homem de pouca fé! Por que duvidaste?” E, após subir para a barca, o vento cessou. Então, os que estavam na barca, aproximando-se dele, o adoraram, dizendo-lhe: “És verdadeiramente o filho de Deus.” (Mateus, XIV: 22 a 33.)

42. Este fenômeno encontra sua explicação natural nos princípios expostos no cap. XIV, item 43.

Exemplos análogos provam que ele não é nem impossível, nem milagroso, uma vez que pertence às leis da Natureza. Ele pode produzir-se de duas maneiras.

Jesus embora estivesse vivo, pôde aparecer sobre a água, com uma forma tangível, enquanto que o seu corpo estava em outro local. Esta hipótese é a mais provável. Pode-se mesmo reconhecer, na narrativa, certos sinais característicos das aparições tangíveis. (Cap. XIV, itens 35 a 37.)

²³⁴ *O Lago de Genesaré ou de Tiberíades. (N.A.)*

Capítulo XV

Por outro lado, seu corpo poderia ter sido sustentado, e seu peso ser neutralizado, pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço, sem um ponto de apoio. O mesmo efeito é muitas vezes produzido em corpos humanos.

Transfiguração

43. Seis dias depois, tendo chamado apenas Pedro, Tiago e João, Jesus levou-os consigo a um monte alto, afastado,²³⁵ e se transfigurou diante deles. Enquanto fazia sua prece, seu rosto pareceu inteiramente outro; suas vestes se tornaram resplandescentes e brancas como a neve, de tal forma que não há pisoeiro²³⁶ na Terra que pudesse fazer alguma assim tão alva. E eles viram aparecer Elias e Moisés conversando com Jesus.

Então, Pedro disse a Jesus: “Mestre, estamos bem aqui; façamos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.” É que ele não sabia o que dizia, de tão espantado que estava.

Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu; e dessa nuvem partiu uma voz, fazendo ouvir estas palavras: “Este é meu filho bem-amado; escutai-o.”

Logo, olhando para todos os lados, não viram mais ninguém, apenas Jesus, que ficara sozinho com eles.

Quando desciam do monte, ele lhes ordenou que não falassem a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem ressuscitasse dos mortos. E eles mantiveram o fato em segredo, inquirindo uns dos outros o que ele queria dizer com estas palavras: “Até que o Filho do Homem tenha ressuscitado dos mortos.” (Marcos, IX: 1 a 9.)

44. É ainda nas propriedades do fluido perispiritual que se pode encontrar a razão desse fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, item 39, é um fato muito comum que,

²³⁵ *O Monte Thabor ou Tabor, a sudoeste do Lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com aproximadamente 1.000 metros de altura. (N.A.)*

²³⁶ **Pisoeiro:** aquele que opera o pisão, máquina em que se aperta e bate o pano para torná-lo mais consistente. (N.R.)

através da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo; porém a pureza do perispírito de Jesus permitiu que o seu espírito lhe desse um fulgor excepcional. Quanto à aparição de Moisés e de Elias, ela pertence inteiramente ao grupo de fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, item 35 e ss.)

De todas as faculdades reveladas por Jesus, não há nenhuma que esteja fora das condições da humanidade e que não possa ser encontrada normalmente nos homens, porque todas estão de acordo com as leis da Natureza. Porém, pela superioridade da sua essência moral e das suas qualidades fluídicas, essas faculdades atingiam nele proporções muito acima das comumente encontradas. Ele nos evidenciava, afora o seu envoltório carnal, o estado dos espíritos puros.

Tempestade aplacada

45. Certo dia, tendo tomado uma barca com os seus discípulos, Jesus lhes disse: “Passemos à outra margem do lago.” E logo partiram. Durante a travessia, Jesus adormeceu. Então, uma grande ventania se abateu de súbito sobre o lago, de tal modo que a barca se encheu de água, e eles se viram em perigo. Então, aproximaram-se dele e o despertaram, dizendo: “Mestre, nós vamos morrer.” Jesus, levantando-se, falou ameaçador aos ventos e às ondas agitadas, e eles se aplacaram, e se fez uma grande calma. Ele, então, lhes disse: “Onde está a vossa fé?” Eles, porém, cheios de temor e admiração, perguntavam uns aos outros: “Quem é este que dá ordens assim ao vento e às ondas e eles lhe obedecem?” (Lucas, VIII: 22 a 25.)

46. Ainda não conhecemos bastante os segredos da Natureza para afirmar se há ou não inteligências ocultas que presidem a ação dos elementos. Dentro desta hipótese, o fenômeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade sobre essas mesmas inteligências, e provaria um poder que nenhum homem pode exercer.

Seja como for, Jesus dormindo tranquilamente, durante a tempestade, atesta uma segurança que se pode explicar pelo fato

Capítulo XV

de que seu espírito *via* que não havia nenhum perigo e que a tempestade iria amainar.

Bodas de Caná

47. Este milagre, mencionado apenas no *Evangelho de João*, é indicado como sendo o primeiro feito por Jesus e, com este título, deveria estar entre os mais dignos de nota. É preciso que ele tenha causado muito pouca sensação, pois nenhum outro evangelista fala sobre ele. Um fato tão extraordinário haveria de impressionar vivamente os convidados e, sobretudo, o dono da casa, que nem mesmo parece tê-lo percebido.

Considerado em si mesmo, esse fato tem pouca importância, comparativamente àqueles que testemunham em verdade as qualidades espirituais de Jesus. Admitindo-se que as coisas tenham se passado como são narradas, é de admirar que esse seja o único fenômeno desse gênero que ele tenha produzido. Jesus era de uma natureza extremamente elevada para se ater a efeitos puramente materiais, próprios somente para suscitar a curiosidade da multidão, que o teria comparado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis lhe granjeariam mais simpatias e lhe trariam mais adeptos que aquelas que podiam passar como resultado de habilidade manual e que nunca atingiriam o sentimento.

Se bem que, a rigor, o fato possa se explicar, até um certo ponto, conforme os exemplos que o magnetismo nos oferece, por uma ação fluídica que teria trocado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho; essa hipótese é pouco provável, uma vez que, nesse caso, a água, tendo apenas o sabor do vinho, conservaria sua cor, o que não deixaria de ser notado.²³⁷ O mais racional é vermos aí uma dessas parábolas tão comuns nos ensinamentos de Jesus, como a do *Filho Pródigo*, a do *Festim das Bodas*, e tantas

²³⁷ Como hipótese, a transformação poderia ter ocorrido pela obtenção de substâncias extraídas da Natureza, que poderiam ter sido teletransportadas pelo fenômeno de *aporte*, e adicionadas à água pelo poder magnético de Jesus. (Para maiores detalhes, veja-se, no cap. XIV, item 43, o acréscimo à nota de rodapé 223.)

Não estamos, absolutamente, advogando a ocorrência do fato, mas, à luz dos conhecimentos da Doutrina Espírita, explicando a sua possibilidade. (N.R.)

outras. Durante a refeição, ele deve ter feito uma alusão ao vinho e à água, de onde tirou um ensinamento. O que justifica esta opinião são as palavras que o mordomo lhe dirige a respeito: “Todo homem serve inicialmente o bom vinho e, depois que o beberam muito, serve o inferior; tu, porém, reservaste o bom vinho até esta hora.”

Multiplicação dos pães

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores, ao mesmo tempo em que alimenta o escárnio dos incrédulos. Sem se darem ao trabalho de procurar conhecer o seu sentido alegórico, este episódio não passa, para eles, de um conto pueril; mas a maioria das pessoas sérias tem visto nessa narrativa, ainda que sob uma forma diferente da comum, uma parábola, comparando o alimento espiritual da alma com o alimento do corpo.

Pode-se, porém, perceber nela mais que uma simples alegoria e admitir, de um determinado ponto de vista, a realidade de um efeito material sem, para isso, recorrer ao prodígio. Sabe-se que uma grande preocupação do espírito, ou a atenção muito concentrada em uma coisa, fazem esquecer a fome. Ora, aqueles que seguiam Jesus eram pessoas ávidas por ouvi-lo. Assim, não há nada de espantoso em que, fascinadas pela sua palavra e talvez, também, pela poderosa ação magnética que ele exercia sobre essas criaturas, elas não tenham sentido a necessidade material de comer.

Jesus, que previa esse resultado, pôde, então, tranquilizar seus discípulos dizendo, na linguagem figurada que lhe era habitual, e admitindo que eles houvessem realmente trazido alguns pães, que esses pães seriam suficientes para matar a fome da multidão. Ao mesmo tempo ele dava aos discípulos uma lição: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Desse modo, ensinava que eles também poderiam alimentar por meio da palavra.

Assim, ao lado do sentido moral alegórico, produziu-se um efeito fisiológico natural e bastante conhecido. O prodígio, nesse caso, está no ascendente da palavra de Jesus, poderosa o bastante

Capítulo XV

para cativar a atenção de uma multidão imensa, a ponto de fazê-la esquecer de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que deve ser considerado como uma alegoria.

Essa explicação, aliás, acha-se confirmada pelo próprio Jesus nas duas passagens seguintes.

— O FERMENTO DOS FARISEUS —

49. Ora, tendo os seus discípulos passado para o outro lado do lago, esqueceram-se de levar pães. Jesus lhes disse: “Tende o cuidado de vos guardar do fermento dos fariseus e dos saduceus.” Eles, porém, pensavam e diziam entre si: “É porque não trouxemos pães.”

Jesus, percebendo o que diziam, falou: “Homens de pouca fé, por que cogitais de não terdes trazido pães? Ainda não compreendeis, e não vos lembrais de que cinco pães foram suficientes para cinco mil homens, e de quantos cestos levastes? E de que sete pães foram suficientes para quatro mil homens e de quantos cestos levastes? Como não compreendestes que não era do pão que eu vos falava, quando disse que vos guardásseis do fermento dos fariseus e dos saduceus?”

Então eles compreenderam que Jesus não lhes dissera para se preservarem do fermento que se põe no pão, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus. (Mateus, XVI: 5 a 12.)

— O PÃO DO CÉU —

50. No dia seguinte, o povo, que havia ficado do outro lado do lago, reparou que ali não havia mais que uma barca e que Jesus não havia entrado nela com os seus discípulos, mas que eles haviam partido sós, e como depois chegaram outras barcas de Tiberíades, perto do lugar onde o Senhor, após render graças, os havia alimentado com cinco pães. Como verificassem, por fim, que Jesus não estava lá, tampouco os seus discípulos, eles entraram naquelas barcas e foram para Cafarnaum, procurar Jesus. E, tendo-o encontrado além do lago, disseram-lhe: “Mestre, quando vieste para cá?”

Jesus lhes respondeu: “Em verdade, em verdade vos digo que me procurais, não por causa dos milagres que vistes, mas porque vos dei pão para comer e ficastes saciados. Trabalhai para ter, não o alimento que perece, mas o que dura para a vida eterna e que o Filho do Homem vos dará, porque foi nele que Deus, o Pai, imprimiu o seu selo e o seu caráter.”

Eles lhe perguntaram: “Que devemos fazer para produzir obras de Deus?” Jesus lhes respondeu: “A obra de Deus é que acrediteis naquele que ele enviou.”

Perguntaram-lhe então: “Que milagre pois, tu farás, para que, vendo-o, acreditemos em ti? Que farás de extraordinário? Nossos pais comeram o maná²³⁸ no deserto, segundo o que está escrito: Ele lhes deu para comer o pão do céu.”

Jesus lhes respondeu: “Em verdade, em verdade vos digo que Moisés não vos deu o pão do céu; meu Pai é quem vos dá o verdadeiro pão do céu, porquanto o pão de Deus é aquele que desceu do céu e que dá vida ao mundo.”

Eles lhe disseram então: “Senhor, dá-nos sempre desse pão.”

Jesus lhes respondeu: “*Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e aquele que crê em mim jamais terá sede.* Mas, eu já vos disse: vós me vistes e não credes.”

“Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e eles morreram. Mas aqui está o pão que desceu do céu, a fim de que aquele que dele comer não morra. (João, VI: 22 a 36; 47 a 50.)

51. Na primeira passagem, lembrando o efeito produzido anteriormente, Jesus dá a entender claramente que não se tratava de pães materiais, caso contrário, a comparação que ele fez com o fermento dos fariseus teria sido sem sentido: “*Ainda não*

²³⁸ **Maná:** alimento que, segundo a *Bíblia*, Deus mandou, em forma de chuva, aos israelitas no deserto. (Seria um líquen — *Lecanora esculenta* — ainda hoje comum na mesma região, e que, transportado pelo vento, cai à maneira de chuva e é usado como alimento.) (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

Capítulo XV

compreendeis, diz ele, e não vos recordais de que cinco pães foram suficientes para cinco mil pessoas e que sete pães bastaram para quatro mil? Como não compreendestes que não era do pão que eu vos falava, quando vos dizia que vos preservásseis do fermento dos fariseus?” Esse confronto não teria nenhuma razão de ser, na hipótese de uma multiplicação material. O fato em si teria sido bastante extraordinário, para impressionar a imaginação dos seus discípulos, que, entretanto, não pareciam ter lembrança dele.

É o que ressalta também com muita clareza das palavras de Jesus sobre o pão do céu, nas quais ele se empenha em fazer compreender o verdadeiro sentido do alimento espiritual. “Trabalhai, diz ele, não para ter o alimento que perece, mas aquele que permanece pela vida eterna e que o Filho do Homem vos dará.” Esse alimento é a sua palavra, que é o pão que desceu do céu e dá vida ao mundo. “Eu sou, declara ele, o pão da vida; *aquele que vem a mim não terá fome e aquele que crê em mim nunca terá sede.*”

Esses detalhes, porém, eram muito sutis para aquelas naturezas rudes, que só compreendiam as coisas tangíveis. Para eles, o maná que alimentara o corpo dos seus antepassados era o verdadeiro pão do céu; ali estava o milagre. Se, portanto, o fato da multiplicação dos pães houvesse ocorrido materialmente, como é que ele teria impressionado tão pouco aqueles mesmos homens, a cujo benefício essa multiplicação acontecera poucos dias antes, a ponto de perguntarem a Jesus: “Que milagre pois, tu farás, para que, vendo-o, acreditemos em ti? Que farás de extraordinário?” Eles entendiam por milagres os prodígios que os fariseus pediam, isto é, sinais no céu realizados por ordem de Jesus, como pela varinha de um mágico. Ora, o que Jesus fazia era extremamente simples e não contrariava as leis da Natureza; as próprias curas não possuíam um caráter bastante singular, bastante extraordinário. Para eles, os milagres espirituais não tinham suficiente consistência.

Tentação de Jesus

52. Jesus, transportado pelo diabo para o cimo do Templo, depois sobre uma montanha, e tentado por ele, é uma daquelas parábolas que lhe eram tão familiares e que a credulidade pública transformou em fatos reais.²³⁹

53. “Jesus não foi arrebatado, apenas queria fazer com que os homens compreendessem que a humanidade está sujeita a falir, e que ela deve estar sempre em guarda contra as más inspirações as quais a fraqueza da sua natureza a leva a ceder. A tentação de Jesus é, portanto, uma figura, e seria preciso ser cego para interpretá-la ao pé da letra. Como pretenderíeis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, tenha sido submetido por algum tempo, por menor que ele fosse, às sugestões do demônio, e que, como diz o *Evangelho de Lucas*, o demônio o houvesse deixado *por um tempo*, o que levaria a supor que Jesus ainda seria submetido ao seu poder. Não! Compreendi melhor os ensinamentos que vos foram dados. O espírito do mal não podia nada sobre a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus sobre a montanha nem no cimo do Templo. Certamente, um fato dessa natureza teria se espalhado por todos os povos. A tentação, portanto, não foi um ato material e físico. Quanto ao ato moral, vós podeis admitir que o espírito das trevas pudesse dizer àquele que conhecia sua origem e seu poder: “Adora-me, e eu te darei todos os reinos da Terra?” O demônio, então, teria desconhecido quem era aquele a quem ele fazia tais ofertas, o que não é provável; se ele o conhecia, sua proposta era uma insensatez, uma vez que sabia muito bem que seria repellido por aquele que viera destruir seu domínio sobre os homens.

Compreendi, portanto, o sentido dessa parábola, porque é uma delas, assim como a do *Filho Pródigo* e a do *Bom Samaritano*. Uma nos mostra os perigos que correm os homens, se não resistem a essa voz íntima que lhes grita sem cessar: “Tu podes

²³⁹ A explicação que se segue foi tirada textualmente de um ensino dado a esse respeito por um espírito. (N.A.)

Capítulo XV

ser mais do que és, podes possuir mais do que possuis; podes progredir, adquirir; cede à voz da ambição e todos os teus desejos serão satisfeitos.” Ela vos mostra o perigo e o modo de o evitar, dizendo às más inspirações: *Retira-te, Satanás!* ou em outras palavras: *Para trás, tentação!*

As outras duas parábolas que lembrei mostram o que ainda pode esperar aquele que, muito fraco para expulsar o demônio, sucumbiu às suas tentações. Mostram a misericórdia do pai de família, estendendo sua mão sobre a fronte do filho arrependido, e concedendo-lhe, com amor, o perdão implorado. Elas vos mostram o culpado, o cismático, o homem repellido pelos seus irmãos, valendo mais, aos olhos do Juiz Supremo, do que os que o desprezam, porque ele pratica as virtudes ensinadas pela lei de amor.

Pesai bem os ensinamentos dados nos Evangelhos; sabei distinguir o que está no sentido próprio ou no sentido figurado, e os erros, que vos cegaram durante tantos séculos, se apagarão pouco a pouco, para dar lugar à resplandecente luz da verdade.” (*João Evangelista*, Bordeaux, 1862.)

Prodígios por ocasião da morte de Jesus

54. Ora, desde a sexta hora do dia até à nona, toda a Terra foi coberta pelas trevas.

A um só tempo, o véu do Templo se rasgou em dois, de alto a baixo; a terra tremeu; as pedras se fenderam; os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que estavam no sono da morte, ressuscitaram; e, saindo dos seus túmulos após a ressurreição, vieram à cidade santa e foram vistos por muitas pessoas. (*Mateus*, XXVII: 45 e 51 a 53.)

55. É estranho que semelhantes prodígios, ocorrendo no mesmo momento em que a atenção da cidade se fixava no suplício de Jesus, que era o acontecimento do dia, não tenham sido notados, visto que nenhum historiador faz menção a eles. Parece impossível que um tremor de terra, e *toda a Terra* coberta de

trevas durante três horas, numa região onde o céu é sempre de uma perfeita limpidez, tenham podido passar despercebidos.

A duração dessa obscuridade foi mais ou menos a de um eclipse do Sol, mas esses eclipses só ocorrem na Lua nova e a morte de Jesus ocorreu durante a Lua cheia, a 14 do mês de *nissan*, dia da Páscoa dos judeus.

O obscurecimento do Sol também pode ter sido provocado pelas manchas que existem na sua superfície. Em semelhante caso, o brilho da luz se enfraquece sensivelmente, mas nunca a ponto de produzir a obscuridade e as trevas. Supondo-se que um fenômeno desse tipo tenha acontecido naquela época, ele teria tido uma causa perfeitamente natural.²⁴⁰

Quanto aos mortos ressuscitados, é possível que *algumas pessoas* tenham tido visões ou visto aparições, o que não é excepcional, mas, como então não se conhecia a causa desse fenômeno, supuseram que os indivíduos que apareceram haviam saído dos sepulcros.

²⁴⁰ *Na superfície do Sol há, constantemente, manchas fixas, que acompanham o seu movimento de rotação, e que serviram para se determinar a duração desse movimento. Às vezes, porém, essas manchas aumentam em número, extensão e intensidade e é então que ocorre uma diminuição da luz e do calor emitidos pelo Sol. Esse aumento no número de manchas parece coincidir com certos fenômenos astronômicos e com a posição relativa de alguns planetas, o que lhes determina o aparecimento periódico. A duração do obscurecimento varia muito; por vezes não dura mais do que duas ou três horas, mas em 535, houve um que durou quatorze meses. (N.A.)*

• Em 1908, o astrônomo americano George E. Hale descobriu que as manchas solares estão associadas à presença de fortes campos magnéticos. Uma mancha solar típica apresenta um campo magnético de 2500 gauss (Unidade do sistema C.G.S. — Centímetro, Grama, Segundo — de medida de indução magnética.). Só para termos uma ideia dessa magnitude, o campo magnético da Terra tem uma intensidade de 1 gauss.

Conforme sabemos hoje, as manchas solares tendem a ocorrer aos pares, e cada mancha do par tem um campo magnético que aponta na direção oposta ao da outra, um em direção ao interior e o outro para o exterior do Sol. O ciclo das manchas solares, no qual o número de manchas diminui, aumenta e, após, diminui novamente, dura aproximadamente 11 anos.

A direção do campo magnético da mancha solar predominante em cada hemisfério se inverte a cada ciclo. Assim, o ciclo solar total, incluindo a polaridade do campo magnético, leva aproximadamente 22 anos.

Embora o fenômeno do ciclo solar ainda não esteja totalmente compreendido, ele parece resultar da interação do campo magnético do Sol com a zona de convecção das camadas mais externas da estrela. Essa interação é ainda afetada pela sua rotação, que não é a mesma em todas as latitudes. O Sol perfaz uma rotação completa a cada 27 dias próximo ao Equador e a cada 31 dias nas proximidades dos polos. (N.R.)

Capítulo XV

Comovidos com a morte do seu Mestre, os discípulos de Jesus sem dúvida associaram essa morte com alguns fatos isolados, aos quais não teriam dado nenhuma atenção em outras ocasiões. Bastou, talvez, que um pedaço de rocha se tenha desprendido naquele momento, para que pessoas predispostas ao maravilhoso tenham visto ali um prodígio, e que, exagerando o fato, tenham dito que as pedras se haviam rachado.

Jesus é grande pelas suas obras e não pelas cenas fantásticas das quais um entusiasmo pouco esclarecido acreditou dever cercá-lo.

Aparição de Jesus após a sua morte

56. Mas, Maria (Madalena) se conservou fora, perto do sepulcro, derramando lágrimas. E, enquanto chorava, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro, e viu dois anjos vestidos de branco, sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e o outro aos pés. Eles lhe disseram: “Mulher, por que choras?” Ela respondeu: “É que levaram o meu Senhor e eu não sei onde o puseram.”

Tendo dito isto, ela se voltou, e viu Jesus de pé, *sem saber, entretanto, que fosse ele*. Então Jesus lhe disse: “Mulher, por que choras? A quem procuras?” Ela, pensando que fosse o jardineiro, falou: “Senhor, se tu o levaste, diz onde o puseste e eu irei buscá-lo.”

Jesus, então, lhe disse: “Maria.” Ela voltou-se imediatamente e exclamou: “*Rabboni!*”, isto é, Meu Senhor. Jesus lhe respondeu: “Não me toques, porquanto ainda não subi para o meu Pai, mas vai encontrar meus irmãos e dize-lhes de minha parte que eu subo para o meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.”

Maria Madalena foi então contar aos discípulos que vira o Senhor e que ele lhe dissera aquelas coisas. (João, XX: 11 a 18.)

57. Naquele mesmo dia, indo dois deles para uma vila chamada Emaús, distante sessenta estádios²⁴¹ de Jerusalém,

²⁴¹ **Estádio**: antiga unidade de medida itinerária igual a um oitavo de milha romana, ou 185m. Correspondiam 60 estádios a 11 quilômetros, aproximadamente. (N.T., segundo o *Dicionário da Bíblia*, de John D. Davis.)

conversavam sobre tudo o que se passara. E aconteceu que, quando falavam e discorriam sobre isso, Jesus veio encontrá-los e se pôs a caminhar com eles; *mas os olhos deles estavam tolhidos, a fim de que não pudessem reconhecê-lo*. E Jesus lhes disse: “O que vínheis falando ao caminhar e por que estais tão tristes?”

Um deles, chamado Cléofas, tomando a palavra disse: “Serás o único estrangeiro em Jerusalém que não sabe o que se passou nos últimos dias?” “O que foi?” perguntou ele. Responderam-lhe: “A respeito de Jesus de Nazaré — que foi um poderoso profeta diante de Deus e diante de todo o povo — e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e os nossos senadores o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem iria resgatar Israel e, no entanto, já estamos no terceiro dia depois que tais coisas aconteceram. É certo que algumas mulheres que estavam conosco nos espantaram, pois que, indo ao seu sepulcro antes do nascer do dia, e não tendo encontrado seu corpo, elas vieram nos dizer que anjos lhes apareceram, dizendo-lhes que Jesus está vivo. E alguns dos nossos, tendo ido também ao sepulcro, encontraram tudo conforme as mulheres narraram, mas, quanto a ele, não o encontraram.”

Jesus disse-lhes então: “Oh! insensatos, cujo coração é lento em crer em tudo o que os profetas disseram! Não era preciso que o Cristo sofresse todas essas coisas e que assim entrasse na glória?” E começando por Moisés, passando a seguir por todos os profetas, ele lhes explicava o que fora dito sobre ele em todas as *Escrituras*.

Quando foram se aproximando da vila para onde se dirigiam, Jesus deu mostras de que iria mais longe. Mas eles o obrigaram a se deter, dizendo: “Fica conosco, que já é tarde e o dia está em declínio,” e ele entrou com os dois. Estando com eles à mesa, pegou o pão e o abençoou, depois partiu-o e lhes deu. *No mesmo instante seus olhos se abriram e eles o reconheceram; Jesus, porém, desapareceu diante de seus olhos*.

Então, disseram um ao outro: “Não é verdade que o nosso coração ardia dentro de nós, quando ele nos falava pelo caminho,

Capítulo XV

explicando-nos as *Escrituras*?” E, erguendo-se no mesmo instante, voltaram a Jerusalém e viram que os onze apóstolos, e os que continuavam com eles, estavam reunidos, e diziam: “O Senhor em verdade ressuscitou e *apareceu* a Simão.” Então, eles também contaram o que lhes acontecera no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partira o pão.

Enquanto assim confabulavam, *Jesus se apresentou no meio deles e disse*: “A paz seja convosco; sou eu, não vos assusteis.” Mas, com a perturbação e o medo de que foram tomados, eles imaginaram estar vendo *um espírito*.

E Jesus lhes disse: “Por que vos turbais? Por que se elevam tantos pensamentos nos vossos corações? Olhai minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo. Tocai-me e considerai que um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.” Dizendo isso, mostrou-lhes as mãos e os pés.

Porém, como ainda não acreditassem, de tão transportados se achavam de alegria e admiração, ele lhes disse: “Tendes aqui alguma coisa para se comer?” Eles lhe apresentaram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. Ele comeu diante deles, e, pegando os restos, lhes deu, dizendo: “Eis que, estando ainda convosco, eu vos dizia que era necessário que se cumprisse tudo o que foi escrito de mim na lei de Moisés, nos profetas e nos Salmos.”

Ao mesmo tempo, abriu-lhes o espírito, a fim de que entendessem as *Escrituras* e lhes disse: “É assim que está escrito e era assim que se fazia necessário que o Cristo sofresse e ressuscitasse dos mortos no terceiro dia; e que se pregasse em seu nome a penitência e a remissão dos pecados em todas as nações, a começar por Jerusalém. Ora, vós sois testemunhas dessas coisas. Eu vou enviar-vos o dom de meu Pai, que vos foi prometido, mas, por enquanto, permaneçei na cidade até que eu vos haja revestido da força do Alto. (Lucas, XXIV: 13 a 49.)

58. Ora, Tomé, um dos doze apóstolos, chamado Dídimo, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos então lhe disseram: “Vimos o Senhor.” Tomé, porém, lhes disse:

“Se eu não vir nas suas mãos as marcas dos cravos que as atravessaram, se não puser o dedo no buraco feito pelos cravos e a minha mão na chaga do seu lado, não acreditarei, absolutamente.”

Oito dias depois, encontrando-se os discípulos ainda no mesmo lugar, e Tomé com eles, Jesus veio, *estando as portas fechadas*, e se colocou no meio deles, e lhes disse: “A paz seja convosco.”

Em seguida, disse a Tomé: “Põe aqui o teu dedo e olha as minhas mãos; estende também a tua mão e coloca-a no meu lado e não sejas incrédulo, mas fiel.” Tomé lhe respondeu: “Meu Senhor e meu Deus!” Jesus lhe disse: “Tu creste, Tomé, porque viste; felizes os que creram sem ver.” (João, XX: 24 a 29.)

59. Jesus ainda se mostrou aos seus discípulos à margem do Mar de Tiberíades, ali ele se fez ver da seguinte maneira:

Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná, na Galileia, os filhos de Zebedeu e dois outros de seus discípulos. Simão Pedro lhes disse: “Vou pescar.” Os outros disseram: “Nós também vamos contigo.” Foram, e entraram numa barca, mas, naquela noite, não apanharam nada.

Ao amanhecer, *Jesus apareceu na margem, sem que seus discípulos o reconhecessem*. Então lhes perguntou: “Filhos, não tendes nada para comer?” Eles responderam: “Não.” Ele lhes disse: “Lançai a rede do outro lado da barca e achareis.” Eles a lançaram, e quase não puderam retirá-la, devido à grande quantidade de peixes.

Então, o discípulo que Jesus amava disse a Pedro: “É o Senhor.” Simão Pedro, ao ouvir que era o Senhor, vestiu sua túnica (pois estava nu) e se atirou ao mar. Os outros discípulos vieram com a barca e, como não estavam distantes da praia mais do que duzentos côvados,²⁴² puxaram daí a rede cheia de peixes. (João, XXI: 1 a 8.)

²⁴² **Côvado:** antiga unidade de medida de comprimento equivalente a 66 centímetros. Duzentos côvados são iguais a 132 metros. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

Capítulo XV

60. Depois disso, ele os conduziu para fora (da vila), em direção a Betânia e tendo levantado as mãos, os abençoou, e, após abençoá-los, *separou-se deles, e foi levado ao céu.*

Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém cheios de alegria. E estavam constantemente no Templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. (Lucas, XXIV: 50 a 53.)

61. As aparições de Jesus após a sua morte são narradas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados que não permitem que se duvide da realidade do fato. Essas aparições, aliás, são perfeitamente explicadas pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito, e não apresentam nada de anormal com os fenômenos do mesmo gênero, dos quais a história antiga e contemporânea oferece numerosos exemplos, sem deles exce-tuar a tangibilidade. Se observarmos as circunstâncias em que ocorreram as diversas aparições de Jesus, reconheceremos nele, nesses momentos, todas as características de um ser fluídico. Ele aparece e desaparece inopinadamente; é visto por uns e por outros não, sob aparências que não o fazem ser reconhecido, mesmo por seus discípulos; ele se apresenta em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; a sua própria linguagem não tem a vivacidade característica de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos espíritos que se manifestam dessa maneira; numa palavra, todas as suas atitudes têm alguma coisa que não é do mundo terreno. A sua presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade; eles sentem que esse não é mais o homem.

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispiritual, o que explica que só tenha sido visto por aqueles a quem ele quis se fazer ver. Se estivesse com o seu corpo carnal, seria visto pelo primeiro que chegasse, como quando estava vivo. Ignorando a causa primária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se davam conta dessas particularidades que, provavelmente, não notavam. Eles viam Jesus e o tocavam, para eles aquele devia ser o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, itens 14 e 35 a 38.)

62. Enquanto a incredulidade rejeita todos os fatos praticados por Jesus, tendo uma aparência sobrenatural, e os considera, sem exceção, como lendários, o Espiritismo dá uma explicação natural à maior parte desses fatos, e prova a sua possibilidade, não somente pela teoria das leis fluídicas, como pela sua identidade com fatos semelhantes produzidos por muitas pessoas nas condições mais comuns. Por esses fatos serem, de certo modo, de domínio público, eles não provam nada, em princípio, com relação à natureza excepcional de Jesus.²⁴³

63. O maior milagre que Jesus realizou, aquele que atesta verdadeiramente a sua superioridade, foi a revolução que os seus ensinamentos operaram no mundo, apesar da exiguidade dos seus meios de ação.

Com efeito, Jesus, obscuro, pobre, nascido na condição mais humilde, no meio de um pequeno povo quase ignorado e sem preponderância política, artística ou literária, não pregou mais que três anos; durante esse curto espaço de tempo é desconhecido e perseguido pelos seus concidadãos; caluniado e tratado de impostor; vê-se obrigado a fugir para não ser lapidado; é traído por um dos seus apóstolos, renegado por outro, abandonado por todos na hora em que cai nas mãos dos seus inimigos. Só fazia o bem, e isso não o colocava a salvo da malevolência, que voltava contra ele os próprios serviços que prestava. Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado pelo mundo, uma vez que a história daquela época se cala a seu respeito.²⁴⁴ Nada escreveu, entretanto, ajudado por alguns homens obscuros como ele, sua palavra foi suficiente para regenerar o mundo; sua doutrina matou o paganismo onipotente e se tornou o farol da civilização.

²⁴³ *Os inúmeros fatos contemporâneos de curas, aparições, possessões, dupla vista e outros, que estão relatados na "Revista Espírita" e que foram lembrados nos itens acima, oferecem, até quanto aos seus pormenores, uma analogia tão flagrante com os que são narrados no Evangelho, que se torna evidente a identidade dos efeitos e das causas. Pergunta-se por que o mesmo fato teria uma causa natural hoje e sobrenatural outrora, seria diabólica para alguns e divina para outros. Se fosse possível colocá-los aqui, em frente uns dos outros, a comparação seria mais fácil, porém a quantidade desses fatos, e o tempo de narração que a maioria deles necessita, não o permitem. (N.A.)*

²⁴⁴ *O historiador judeu Flávio Josefo é o único que fala sobre ele e diz bem pouca coisa. (N.A.)*

Capítulo XV

Tinha, pois, contra ele tudo o que pode fazer os homens fracassarem, razão pela qual dizemos que o triunfo da sua doutrina foi o maior dos seus milagres, ao mesmo tempo em que ela prova sua missão divina. Se, ao invés de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Jesus só tivesse para oferecer à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez apenas o conhecêssemos de nome nos dias de hoje.

Desaparecimento do corpo de Jesus

64. O desaparecimento do corpo de Jesus, após a sua morte, tem sido objeto de inúmeros comentários. Ele é atestado pelos quatro evangelistas, segundo a narrativa das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia após a crucificação e não o encontraram lá. Alguns viram nesse desaparecimento um fato milagroso, outros presumiram um roubo clandestino.

Segundo uma outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico. Ele não teria sido, durante toda a sua vida, mais que uma aparição tangível, em uma palavra, uma espécie de *agêneré*. O seu nascimento, a sua morte e todos os atos materiais da sua vida teriam sido apenas uma aparência. Foi assim, dizem, que seu corpo, retornando ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e foi com esse mesmo corpo que ele teria se mostrado depois da sua morte.

Sem dúvida, tal fato não é radicalmente impossível, segundo o que se sabe hoje em dia sobre as propriedades dos fluidos; mas seria, pelo menos, completamente excepcional e estaria em formal oposição com as características dos agêneres (cap. XIV, item 36). A questão, portanto, é saber se uma tal hipótese é admissível, se é confirmada ou contestada pelos fatos.

65. A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro período, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, em relação à sua mãe, como nas condições normais da vida.²⁴⁵

²⁴⁵ Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não vamos nos ocupar aqui, e que será examinado posteriormente. (N.A.)

Do seu nascimento até a sua morte, tudo, nos seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, apresenta as características inequívocas da corporeidade. Os fenômenos de ordem psíquica que se produziram nele são acidentais, e nada têm de anormal, uma vez que se explicam pelas propriedades do perispírito, e ocorrem, em graus diferentes, com outros indivíduos. Após a sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. A diferença entre os dois estados é tão marcante que não é possível compará-los.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, e que diferem essencialmente das propriedades dos fluidos etéreos; a desorganização ali se processa pela ruptura da coesão molecular. Um objeto cortante, penetrando no corpo material, divide os seus tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atingidos, o seu funcionamento cessa e a morte é a consequência, isto é, a morte do corpo. Não existindo essa coesão nos corpos fluídicos, a vida não repousa no funcionamento de órgãos especiais, e nele não se podem produzir desordens análogas. Um instrumento cortante, ou outro qualquer, penetra num corpo fluídico como em um vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Eis por que os corpos dessa espécie *não podem morrer* e por que os seres fluídicos, chamados de *agêneres*, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo ficou lá, inerte e sem vida; ele foi sepultado como os corpos comuns e todos puderam vê-lo e tocá-lo. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, ele não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que esse corpo era de uma outra natureza, diferente da daquele que pereceu na cruz, de onde se deve concluir que, se Jesus pôde morrer, é porque tinha um corpo carnal.

Em consequência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas que se repercutem no centro sensitivo ou espírito. Não é o corpo que sofre, é o espírito que recebe o contragolpe das lesões ou alterações dos

Capítulo XV

tecidos orgânicos. Num corpo privado do espírito, a sensação é absolutamente nula; pela mesma razão, o espírito, que não tem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria, de onde também é forçoso concluir que se Jesus sofreu materialmente, o que não se pode duvidar, é porque tinha um corpo material de uma natureza semelhante a dos corpos de toda a gente.

66. Aos fatos materiais vêm se juntar considerações morais importantíssimas.

Se Jesus houvesse estado, durante sua vida, nas condições dos seres fluídicos, não teria experimentado nem a dor, nem nenhuma das necessidades do corpo. Supor que tenha sido assim, é tirar-lhe todo o mérito da vida de privações e de sofrimentos que havia escolhido como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparência, todos os atos da sua vida, o anúncio reiterado da sua morte, a cena dolorosa no Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para afastar o cálice de seus lábios, sua paixão, sua agonia, tudo, até o último brado, no momento de entregar o seu espírito, não teria passado de um vão simulacro para enganar quanto à sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório da sua vida, uma comédia indigna de um simples homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: Jesus teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Essas são as consequências lógicas dessa teoria, consequências que não são admissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em lugar de o elevarem.

Assim, Jesus teve, como todos nós, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é comprovado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que assinalaram a sua existência.

67. A que se reduziu o corpo carnal? Este é um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, exceto por hipóteses, pela falta de elementos suficientes para firmar uma convicção. Essa solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos do Cristo, nem aos fatos que

atestam, de uma maneira bem peremptória, sua superioridade e sua missão divina.

Não pode, pois, haver mais que opiniões pessoais sobre a forma como esse desaparecimento se realizou, opiniões que só teriam valor se fossem sancionadas por uma lógica rigorosa, e pelo ensino geral dos espíritos; ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle.

Se os espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade dos seus ensinamentos, é porque certamente ainda não chegou o momento de fazê-lo, ou porque ainda faltam conhecimentos com a ajuda dos quais se poderá resolvê-la pessoalmente. Entretanto, se a hipótese de um roubo clandestino for afastada, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade. (*O Livro dos Médiuns*, caps. IV e V.)

68. Essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No século IV, Apolinário de Laodiceia, chefe da seita dos *apolinaristas*, afirmava que Jesus não havia tomado um corpo como o nosso, mas um *corpo impassível*, que descera do céu no seio da Santa Virgem, e não nascera dela; que, assim, Jesus não havia nascido, não sofrera e não morrera senão em *aparência*. Os *apolinaristas* foram excomungados no Concílio de Alexandria, em 360 d.C., no de Roma, em 374 d.C., e no de Constantinopla, em 381 d.C.



**AS PREDIÇÕES SEGUNDO
O ESPIRITISMO**

Capítulo XVI

Teoria da Presciência

1. Como o conhecimento do futuro é possível? Compreende-se a previsão dos acontecimentos que são a consequência de uma situação presente, mas não a daqueles que não têm nenhuma relação com o presente e, ainda menos, a dos que são atribuídos ao acaso. As coisas futuras, dizem, não existem; elas ainda estão no nada, então, como saber que elas acontecerão? No entanto, os exemplos de predições realizadas são bastante numerosos, de onde somos forçados a concluir que aí se passa um fenômeno do qual não se tem a explicação, uma vez que não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar encontrar, e é ainda o Espiritismo, chave de tantos mistérios, que vai fornecê-la, e que, além disso, nos mostrará que mesmo os fatos das predições não ocorre fora das leis naturais.

Tomemos, como comparação, um exemplo nas coisas comuns, que nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver.

2. Vamos supor um homem colocado no cume de uma alta montanha, observando a vasta extensão da planície. Nessa situação, a distância de uma légua (6.600 metros) será pouca coisa, e

Capítulo XVI

ele poderá facilmente abarcar com um olhar todos os acidentes do terreno, desde o começo até o fim desse caminho. Um viajante que siga essa rota pela primeira vez, sabe que, caminhando, chegará ao fim; isso é uma simples previsão da consequência da sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os rios que terá de transpor, os bosques que irá atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitaleiras onde será possível repousar, os ladrões que o espreitem para roubá-lo, tudo isso independe da sua pessoa: é para ele o desconhecido, o futuro, porque sua visão não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, ele a mede pelo tempo que gasta em percorrer o caminho; tirem-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está no alto da montanha e que acompanha o viajante com o olhar, tudo aquilo é o presente. Suponhamos que esse homem desce ao encontro do viajante, e lhe diz: “Em tal momento encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido,” ele lhe predirá o futuro; o futuro para o viajante; para o homem da montanha esse futuro é o presente.

3. Se sairmos agora do círculo das coisas puramente materiais, e se entrarmos, pelo pensamento, no domínio da vida espiritual, veremos esse fenômeno se produzir em uma escala maior. Os espíritos desmaterializados são como o homem na montanha; o espaço e a duração desaparecem para eles. Mas a extensão e a penetração da sua visão são proporcionais à depuração e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual. Eles são, em relação aos espíritos inferiores, como o homem munido de possante telescópio, ao lado daquele que dispõe apenas dos seus olhos. Nos espíritos inferiores, a visão é circunscrita, não só porque eles dificilmente podem se afastar do mundo a que se acham presos, mas porque a grosseria dos seus perispíritos encobre as coisas distantes, como um nevoeiro faz para os olhos do corpo.

Compreende-se, pois, que, segundo o grau de perfeição, um espírito possa abarcar um período de alguns anos, de alguns séculos, ou mesmo de muitos milhares de anos, porquanto, o que é um século em presença do infinito? Os acontecimentos não se

desenrolam sucessivamente diante dele, como os incidentes do caminho do viajante: ele vê simultaneamente o começo e o fim do período; todos os acontecimentos que, nesse período, são o futuro para o homem da Terra, para ele são o presente. Então ele poderia vir nos dizer com certeza: tal coisa acontecerá em tal época, porque ele vê essa coisa como o homem da montanha vê o que aguarda o viajante pelo caminho. Se ele não o faz é porque o conhecimento do futuro seria nocivo ao homem, ele entravaria o seu livre-arbítrio, paralisando-o no trabalho que ele tem de executar para o seu progresso. O bem e o mal que o esperam, conservando-se desconhecidos, são uma prova para ele.

Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar entre os atributos da criatura, a que grau de potência não deve ela se elevar no Criador, que abrange o infinito? Para o Criador o tempo não existe: o começo e o fim dos mundos são o presente. Nesse imenso panorama, o que é a duração da vida de um homem, de uma geração, de um povo?

4. Entretanto, como o homem tem de contribuir para o progresso geral, e como certos acontecimentos devem resultar da sua cooperação, pode ser útil, em certos casos, que ele pressinta esses acontecimentos, a fim de lhes preparar o caminho e estar pronto para agir quando chegar o momento. É por isso que Deus, às vezes, permite que uma ponta do véu seja levantada, mas é sempre com um fim útil, e jamais para satisfazer uma vã curiosidade. Essa missão pode, então, ser dada, não a todos os espíritos, uma vez que existem muitos que não conhecem o futuro mais que o homem, mas a alguns espíritos suficientemente adiantados para desempenhá-la. Ora, observa-se que essas espécies de revelações sempre são feitas espontaneamente, e jamais, ou pelo menos muito raramente, em resposta a uma pergunta direta.

5. Essa missão pode igualmente estar reservada para certos homens, e eis aqui de que maneira:

Aquele a quem é confiado o encargo de revelar um fato oculto, pode receber sobre esse fato, à sua revelia, a inspiração dos espíritos que o conhecem, e então, transmiti-lo maquinalmente,

Capítulo XVI

sem se dar conta do que está fazendo. Além disso, sabe-se que nos êxtases da dupla vista, seja durante o sono ou no estado de vigília, a alma se desprende e adquire, em um grau mais ou menos elevado, as faculdades do espírito livre. Se for um espírito adiantado, se sobretudo houver recebido, como os profetas, uma missão especial com essa finalidade, ele gozará, nos momentos de emancipação da alma, da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso, e verá, como se fosse no presente, os acontecimentos desse período. Pode então revelá-los no mesmo instante, ou conservar a lembrança deles ao despertar. Se esses acontecimentos devem permanecer em segredo, ele os esquecerá, ou deles guardará apenas uma vaga intuição, o suficiente para guiá-lo instintivamente.

É assim que se vê essa faculdade desenvolver-se providencialmente em certas ocasiões, nos perigos iminentes, nas grandes calamidades, nas revoluções, e que a maioria das seitas perseguidas têm adquirido numerosos *videntes*. É ainda assim que se veem os grandes comandantes marcharem resolutamente contra o inimigo, com a certeza da vitória; que os homens de gênio, como por exemplo Cristóvão Colombo, perseguem um objetivo predizendo, por assim dizer, o momento em que o alcançarão; é que viram esse objetivo, que não é desconhecido para o seu espírito.

Portanto, o dom da predição não é mais sobrenatural do que uma imensidade de outros fenômenos. Ele se fundamenta nas propriedades da alma e nas leis que regem as relações entre o mundo visível e o invisível que o Espiritismo fez conhecer. Mas como admitir a existência de um mundo invisível, se não admitimos a existência da alma, ou se a admitimos sem individualidade após a morte? O incrédulo que nega a presciência é coerente com ele mesmo; resta saber se ele mesmo é coerente com a lei natural.

6. A teoria da presciência talvez não resolva, de uma forma absoluta, todos os casos que a revelação do futuro pode apresentar, mas não se pode deixar de convir que ela estabelece o princípio fundamental desse fenômeno. Se não se pode explicar tudo, é pela dificuldade, para o homem, de se colocar sob o ponto de

vista extraterrestre; por sua própria inferioridade, o seu pensamento, incessantemente reconduzido à senda da vida material, é frequentemente impotente para se desprender do solo. Desse ponto de vista, alguns homens são como os pássaros ainda novos cujas asas, muito frágeis, não lhes permitem se elevarem no ar, ou como aqueles cuja visão é muito curta para ver ao longe, ou, enfim, como aqueles a quem lhes falta um sentido para certas percepções.

7. Para compreender as coisas espirituais, isto é, para fazer-se delas uma ideia tão precisa quanto a que fazemos de uma paisagem que está sob nossos olhos, na verdade nos falta um sentido, exatamente como falta ao cego o sentido necessário para compreender os efeitos da luz, das cores e da visão, sem o contato. Assim, só por um esforço da imaginação e com a ajuda de comparações tiradas das coisas que nos são familiares, poderemos chegar a essa compreensão. Entretanto as coisas materiais, não podem dar mais que ideias muito imperfeitas das coisas espirituais, razão pela qual não se poderia tomar essas comparações ao pé da letra, e acreditar, por exemplo, no caso em questão, que o alcance das faculdades perceptivas dos espíritos depende da sua elevação efetiva, e que eles têm necessidade de estar sobre uma montanha ou acima das nuvens para abarcar o espaço e o tempo.

Essa faculdade é inerente ao estado de espiritualização, ou, se preferirem, de desmaterialização. Isto quer dizer que a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, ainda que muito imperfeitamente, à visão de conjunto do homem que está sobre a montanha. Esta comparação teve por objetivo simplesmente mostrar que os acontecimentos, que para uns estão no futuro, para outros estão no presente e podem assim ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira.

Portanto, para desfrutar dessa percepção, o espírito não tem necessidade de se transportar para um ponto qualquer do espaço. Tanto aquele que está na Terra, ao nosso lado, quanto o que está a milhares de quilômetros de distância, pode possuí-la em toda a sua plenitude, enquanto que nós não vemos nada além do nosso horizonte visual. Como a visão dos espíritos não se processa

Capítulo XVI

da mesma maneira, nem com os mesmos elementos que no homem, o horizonte visual deles é muito diferente. Ora, é precisamente esse o sentido que nos falta para compreender esse fenômeno. *O espírito, ao lado do encarnado, é como o vidente ao lado de um cego.*

8. Além disso, é preciso que se compreenda que essa percepção não se limita ao alcance, mas que abrange a penetração de todas as coisas; é, nós o repetimos, uma faculdade inerente e proporcional ao estado de desmaterialização. A encarnação *amortece* essa faculdade sem, contudo, anulá-la completamente, porque a alma não fica encerrada no corpo como numa caixa. O encarnado a possui, ainda que sempre em um grau menor do que quando se encontra completamente desprendido. É o que dá a certas pessoas um poder de penetração que falta totalmente a outras; uma maior precisão no discernimento moral e mais fácil compreensão das coisas extramateriais.

O espírito encarnado não somente percebe, como também se lembra do que viu no estado de espírito livre, e essa lembrança é como um quadro que se desenha em seu pensamento. Na encarnação ele vê, mas vagamente e como através de um véu; no estado de liberdade ele vê e concebe uma ideia claramente. *O princípio da visão não está fora dele, mas nele*; é por isso que ele não precisa da nossa luz exterior. Pelo desenvolvimento moral, o círculo das ideias e da concepção se alarga; pela desmaterialização gradual, o perispírito se purifica dos elementos grosseiros que alteram a delicadeza das suas percepções, de onde é mais fácil compreender que a ampliação de todas as suas faculdades acompanha o progresso do espírito.

9. É o grau da extensão das faculdades do espírito que, na encarnação, o torna mais ou menos apto a conceber as coisas espirituais. Essa aptidão, todavia, não é a consequência necessária do desenvolvimento da inteligência. A Ciência comum não a faculta, tanto assim que se veem pessoas de um grande saber tão cegas para as coisas espirituais quanto outras o são para as coisas materiais; são refratárias a elas porque não as compreendem, isso

significa que o seu progresso *ainda* não se realizou nesse sentido, enquanto que se veem pessoas com uma instrução e uma inteligência comuns compreendê-las com a maior facilidade, o que prova que elas já tinham uma intuição prévia dessas coisas. Para estes, é uma lembrança retrospectiva do que viram e do que souberam, seja na erraticidade, seja em suas existências anteriores, assim como outras pessoas têm a intuição de línguas e de ciências que dominaram.

10. A faculdade de trocar seu ponto de vista e de tomá-lo do alto não dá somente a solução do problema da presciência, é, além disso, a chave da verdadeira fé, da fé sólida; é também o mais poderoso elemento de força e resignação, visto que, de lá, com a vida terrestre aparecendo como um ponto na imensidão, compreende-se o pequeno valor das coisas que, vistas de baixo, parecem tão importantes. Os incidentes, as misérias, as vaidades da vida se apequenam à medida que se desenrola o imenso e magnífico horizonte do futuro. Aquele que vê as coisas deste mundo dessa forma é pouco ou nada atingido pelas vicissitudes, e, por isso mesmo, também é feliz o quanto se pode ser aqui na Terra. É preciso, pois, lastimar aqueles que concentram seus pensamentos na estreita esfera terrestre, porque eles experimentam, em toda a sua força, a repercussão de todas as atribulações que, como agulhões, os atormentam incessantemente.

11. Quanto ao futuro do Espiritismo, os espíritos, como se sabe, são unânimes em afirmar o seu triunfo próximo, apesar dos obstáculos que lhe são criados. Para eles, essa previsão é fácil, inicialmente porque a sua propagação é uma obra pessoal deles: concorrendo para o movimento ou dirigindo-o, eles sabem, por consequência, o que devem fazer. Em segundo lugar, basta-lhes entrever um período de curta duração, e, nesse período, eles veem ao longo do caminho os poderosos auxiliares que Deus lhes suscita, e que não tardarão a se manifestar.

Que os espíritas, sem serem espíritos desencarnados, se transportem somente trinta anos à frente, ao seio da geração que surge; que dali considerem o que se passa hoje com o Espiritismo;

Capítulo XVI

que acompanhem o seu desenvolvimento e verão consumir-se, em esforços vãos, aqueles que se creem destinados a derrotá-lo; eles os verão, pouco a pouco, desaparecer de cena, ao lado da árvore que cresce e alonga cada dia mais as suas raízes.

12. Os acontecimentos corriqueiros da vida privada são, frequentemente, a consequência da maneira de proceder de cada um. Este terá êxito segundo sua capacidade, sua habilidade, sua perseverança, sua prudência e sua energia, onde um outro fracassará em razão da sua incompetência, de sorte que se pode dizer que cada um é o artífice do seu próprio futuro, o qual jamais está sujeito a uma cega fatalidade, independente da sua pessoa. Conhecendo-se o caráter de um indivíduo, facilmente se poderá prever a sorte que o espera no caminho em que haja enveredado.

13. Os acontecimentos ligados aos interesses gerais da humanidade são regulados pela Providência. Quando uma coisa está nos desígnios de Deus, ela tem de se cumprir, seja de uma forma ou de outra, apesar de tudo. Os homens concorrem para a sua execução, mas nenhum é indispensável, pois, do contrário, o próprio Deus estaria à mercê das suas criaturas. Se aquele, a quem incumbe a missão de executá-la, faltar, outro será encarregado dela. Não existe missão fatal; o homem sempre é livre para cumprir aquela que lhe foi confiada e que ele aceitou voluntariamente. Se não a cumpre, ele perde os benefícios que adviriam dela e assume a responsabilidade dos atrasos que possam resultar da sua negligência ou da sua má vontade. Se ele se tornar um obstáculo à sua realização, Deus pode afastá-lo com um sopro.

14. O resultado final de um acontecimento pode, assim, ser certo por estar nos desígnios de Deus, mas como, quase sempre, os detalhes e o modo de execução estão subordinados às circunstâncias e ao livre-arbítrio dos homens, as sendas e os meios podem ser eventuais. Se for de utilidade que sejamos avisados, os espíritos podem nos prevenir sobre o conjunto, mas, para determinar o local e a data, seria preciso que eles conhecessem antecipadamente a decisão que este ou aquele indivíduo tomará. Ora, se essa decisão ainda não estiver na mente do executor,

conforme ela seja, poderá apressar ou atrasar o desfecho, modificar os meios secundários de ação, tudo chegando ao mesmo resultado. É assim, por exemplo, que os espíritos podem, pelo conjunto das circunstâncias, prever que uma guerra está mais ou menos próxima, que é inevitável, sem poderem predizer o dia em que ela começará, nem as pequenas dificuldades de detalhes que podem ser modificados pela vontade dos homens.

15. Para a fixação da época dos acontecimentos futuros, é preciso, além disso, que se leve em conta uma circunstância inerente à própria natureza dos espíritos.

O tempo, assim como o espaço, só pode ser avaliado com a ajuda de pontos de comparação ou de referência que o dividam em períodos que possam ser contados. Na Terra, a divisão natural do tempo em dias e anos é marcada pelo nascer e pelo pôr-do-sol, e pela duração do movimento de translação da Terra.²⁴⁶ A subdivisão do dia em vinte e quatro horas é arbitrária; ela é indicada com a ajuda de instrumentos especiais, tais como: ampulhetas, clepsidras,²⁴⁷ relógios, quadrantes solares, etc. As unidades de medida do tempo devem variar de acordo com os mundos, uma vez que os períodos astronômicos são diferentes. É assim, por exemplo, que em Júpiter os dias equivalem a dez de nossas horas e o ano a mais de doze anos terrestres.²⁴⁸

Portanto, para cada mundo existe um modo diferente de se computar a duração do tempo, de acordo com as revoluções astrais que ele efetua; isso já seria uma dificuldade para a determinação de nossas datas pelos espíritos que não conheçam o nosso mundo. Além disso, fora dos mundos, não existem esses meios de avaliações. Para um espírito que esteja no espaço, não existe

²⁴⁶ Complementando a informação, o nascer e o pôr-do-sol se devem ao movimento de rotação da Terra em torno de si mesma. (N.R.)

²⁴⁷ **Clepsidra:** antigo relógio de água, usado na China e no Egito, sendo conhecido na Gália antes da chegada de César; ele media o tempo de acordo com o escoamento regular de água num recipiente graduado. (N.T., segundo os dicionários *Lello Universal*, vol. I, e *Dicionário Koogan Larousse*.)

²⁴⁸ De acordo com os cálculos atuais, o planeta Júpiter despense onze anos terrestres para efetuar uma translação em torno do Sol. (N.R.)

Capítulo XVI

nem nascer nem pôr do sol marcando os dias, nem revoluções periódicas marcando os anos. Para ele, só existe a duração e o espaço infinitos (cap. VI, item 1 e ss.). Aquele, portanto, que jamais tivesse vindo à Terra não possuiria qualquer conhecimento dos nossos cálculos que, aliás, seriam completamente inúteis para ele. Há mais: aquele que nunca tivesse encarnado em qualquer mundo, não teria nenhuma noção das frações da duração do tempo. Quando um espírito, estranho à Terra, vem manifestar-se aqui, não pode determinar datas para os acontecimentos, a não ser identificando-se com os nossos usos; o que, sem dúvida, lhe é possível, mas que, frequentemente, ele não julga útil fazê-lo.²⁴⁹

16. O modo de calcular a duração é uma convenção arbitrária feita entre os encarnados para as necessidades da vida corporal de relação. Para medir a duração como nós, os espíritos só poderiam fazê-lo com a ajuda de instrumentos de precisão que não existem na vida espiritual.²⁵⁰

Entretanto, os espíritos que compõem a população invisível do nosso globo, onde eles já viveram e onde continuam a viver no meio de nós, estão naturalmente identificados com os nossos hábitos dos quais conservam a lembrança na erraticidade. Assim, têm menos dificuldade do que os outros para se colocarem sob o nosso ponto de vista quanto ao que concerne aos usos terrestres; na Grécia eles calculam pelas olimpíadas; em outros lugares, por períodos lunares ou solares, segundo os tempos e os lugares. Eles poderiam, por conseguinte, determinar com mais facilidade uma data para os acontecimentos futuros, quando a

²⁴⁹ Nos dias de hoje, com os avanços da Ciência, já dispomos de mecanismos que regulam o tempo, independentemente dos movimentos do nosso planeta, como é o caso dos relógios atômicos, que se baseiam no decaimento de isótopos radioativos, atingindo uma precisão de 100 nanossegundos, estabelecendo um referencial universal denominado *tempo atômico internacional*.

O prefixo nano é designativo da potência 10^{-9} , o qual, anteposto ao nome de uma unidade de medida, indica uma unidade derivada de um milésimo de milionésimo da primeira. (N.R.)

²⁵⁰ Atualmente, através das informações ditadas mediunicamente pelos espíritos, na extensa literatura espírita disponível, sabemos que as colônias espirituais mais ligadas à crosta terrestre, onde vivem os encarnados, contam com toda sorte de equipamentos necessários às diversas atividades que são desenvolvidas por eles, o que inclui a necessidade da contagem do tempo, o mais das vezes sincronizado com o tempo terrestre, embora também afirmem que o tempo deles é diferente do nosso. (N.R.)

conhecem, mas, afora o fato de que isso nem sempre lhes é permitido, eles se veem impedidos porque todas as vezes que os detalhes estão subordinados ao livre-arbítrio e à decisão eventual do homem, a data precisa realmente só existe quando o fato aconteceu.

Eis aí por que as predições circunstanciadas não podem oferecer certeza e só devem ser aceitas como probabilidades, mesmo que não tragam com elas o cunho de *legítima suspeita*. É por isso que os espíritos realmente sábios nunca predizem nada com épocas determinadas; eles se limitam a nos prevenir sobre a sequência dos fatos que nos seja útil conhecer. Insistir em obter detalhes precisos é expor-se às mistificações dos espíritos levianos, que predizem tudo o que se quer, sem se importarem com a verdade, e se divertem com os terrores e as decepções que causam.

As predições que oferecem maior probabilidade são aquelas que têm um caráter de utilidade geral e humanitária; não se deve considerar as outras senão quando são realizadas. Pode-se, segundo as circunstâncias, aceitá-las a título de advertência, mas haveria imprudência em agir prematuramente em vista da sua realização com data marcada. Pode-se ter por certo que, quanto mais circunstanciadas, mais elas são suspeitas.

17. Até agora, a forma mais geralmente empregada para as predições faz delas verdadeiros enigmas, frequentemente indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, da qual Nostradamus nos oferece o exemplo mais completo, lhes dá um certo prestígio aos olhos do homem comum, que lhes atribui tanto mais valor quanto mais incompreensíveis elas são. Pela sua ambiguidade, essas predições se prestam a interpretações muito diferentes, de tal sorte que, conforme o sentido atribuído a certas palavras alegóricas ou convencionais, conforme a maneira de efetuar o cálculo bizarramente complicado das datas, e com um pouco de boa vontade, encontra-se nelas quase tudo o que se queira.

Seja como for, não podemos deixar de convir que algumas apresentam um caráter sério e confundem pela sua veracidade. É provável que essa forma velada tenha tido a sua razão de ser e até a sua necessidade em uma determinada época.

Capítulo XVI

Atualmente, as circunstâncias não são mais as mesmas; o positivismo do século não se ajustaria à linguagem sibilina. Assim as predições de nossos dias não ostentam mais essas formas estranhas; as que são feitas pelos espíritos nada têm de místico; eles falam a linguagem de toda a gente, como o teriam feito quando estavam vivos na Terra, porque não deixaram de pertencer à humanidade. Eles nos avisam sobre os acontecimentos futuros, pessoais ou gerais, quando isso pode ser útil, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros ou amigos. Portanto, as suas previsões são antes advertências — que nada tiram ao livre-arbítrio — que predições propriamente ditas, que implicariam numa fatalidade absoluta. Além disso, sua opinião é quase sempre justificada, porque não querem que o homem anule a sua razão sob uma fé cega, permitindo que ele verifique a exatidão do que dizem.

18. A humanidade contemporânea também tem seus profetas. Mais de um escritor, poeta, literato, historiador ou filósofo pressentiu, nos seus escritos, a marcha futura dos acontecimentos que se veem realizar presentemente.²⁵¹

Essa aptidão, sem dúvida, decorre muitas vezes da retidão do julgamento que deduz as conseqüências lógicas do presente, mas, frequentemente, também é o resultado de uma clarividência especial inconsciente, ou de uma inspiração externa. O que esses homens fizeram quando vivos, podem, com muito mais razão e maior exatidão, fazê-lo no estado de espíritos, quando a visão espiritual não é mais obscurecida pela matéria.



²⁵¹ Poderíamos citar, a título de exemplificação, o escritor francês Jules Verne, que, no século XIX, previu nos seus livros de aventuras muitos dos avanços da Ciência que só surgiram no século XX, como, por exemplo, a ida do homem à Lua. (N.R.)

Capítulo XVII

Predições do Evangelho

Ninguém é profeta em sua terra. Morte e paixão de Jesus. Perseguição aos apóstolos. Cidades impenitentes. Ruína do Templo de Jerusalém. Maldição aos fariseus. Minhas palavras não passarão. A pedra angular. Parábola dos vinhateiros homicidas. Um só rebanho e um só pastor. Advento de Elias. Anunciação do Consolador. Segundo advento do Cristo. Sinais precursores. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão. Juízo final

Ninguém é profeta em sua terra

1. E, tendo chegado em sua terra, ele os instruía em suas sinagogas, de sorte que, cheios de espanto, diziam: “De onde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? Não é este o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E suas irmãs não estão todas entre nós? De onde, então, lhe vêm todas essas coisas?” E assim faziam dele um motivo de escândalo. Mas Jesus lhes disse: “*Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa.*” E, por causa da incredulidade deles, não fez muitos milagres por lá. (Mateus, XIII: 54 a 58.)

Capítulo XVII

2. Jesus enunciou aí uma verdade que se transformou em provérbio, que é de todos os tempos, e à qual se poderia generalizar dizendo que *ninguém é profeta enquanto vivo*.

Na linguagem atual, entende-se essa máxima como o crédito que alguém goza entre os seus e entre aqueles em cujo meio ele vive, e à confiança que inspira neles pela superioridade do saber e da inteligência. Se existem exceções, elas são raras, e, em todos os casos, jamais são absolutas. O princípio dessa verdade é uma consequência natural da fraqueza humana e pode-se explicar assim:

O hábito de se verem desde a infância, nas circunstâncias normais da vida, estabelece entre as pessoas uma espécie de igualdade material que, muitas vezes, faz com que se recusem a reconhecer uma superioridade moral naquele de quem se foi o companheiro ou o comensal, que saiu do mesmo meio e de quem se viram as primeiras fraquezas. O orgulho sofre pelo ascendente que é obrigado a suportar. Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre exposto ao ciúme e à inveja. Aqueles que se sentem incapazes de chegar à sua altura, esforçam-se para rebaixá-lo pela difamação, a maledicência e a calúnia. Tanto mais alto eles gritam, quanto mais se veem pequenos, achando que se engrandecem e o ofuscam com o barulho que fazem. Assim foi e assim será a história da humanidade, enquanto os homens não tiverem compreendido sua natureza espiritual e alargado seu horizonte moral; esse preconceito também é próprio de espíritos acanhados e vulgares, que atribuem tudo à sua personalidade.

Por outro lado, geralmente fazemos dos homens que conhecemos apenas pelo seu espírito, um ideal que cresce com a distância dos tempos e dos lugares. Eles são quase despojados da humanidade; parece que não devem nem falar nem sentir como todo o mundo; que a sua linguagem e seus pensamentos devem estar constantemente no diapasão da sublimidade, sem lembrarmos que o espírito não poderia estar o tempo todo tenso, em estado de perpétua superexcitação. No contato diário da vida privada, vê-se muito o homem material que em nada se distingue das

pessoas comuns. O homem corpóreo, que impressiona os sentidos, quase apaga o homem espiritual, que só impressiona o espírito: *de longe, vemos apenas os clarões do gênio; de perto, vemos o repouso do espírito.*

Após a morte, não existindo mais a comparação, resta apenas o homem espiritual, que parece tanto maior, quanto mais longínqua estiver a lembrança do homem corporal. Eis por que aqueles que marcaram sua passagem pela Terra por obras de real valor são mais apreciados após sua morte do que quando vivos. São julgados com mais imparcialidade, porque, com o desaparecimento dos invejosos e dos competidores, os antagonismos pessoais não existem mais. A posteridade é um juiz imparcial que aprecia a obra do espírito; se é boa, aceita-a sem entusiasmo cego, e se é má, ela a rejeita sem rancor, abstendo-se de considerar a individualidade que a produziu.

Jesus pouco podia escapar às consequências deste princípio, inerente à natureza humana, porque vivia em um meio pouco esclarecido, e entre criaturas votadas inteiramente à vida material. Nele, seus conterrâneos viam apenas o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto eles, e se perguntavam o que podia torná-lo superior a eles e dar-lhe o direito de censurá-los. Verificando então que a sua palavra tinha menos crédito entre os seus, que o desprezavam, do que entre os estranhos, preferiu ir pregar para os que o escutavam e entre os quais encontrava simpatia.

Pode-se fazer uma ideia dos sentimentos que os seus parentes nutriam em relação a Jesus, pelo fato de que os seus próprios irmãos, acompanhados da sua mãe, foram a uma reunião onde ele se encontrava para *se apoderarem* dele, dizendo que *Jesus havia perdido o espírito.* (Marcos, III: 20 e 21; 31 a 35; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIV.)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus acusavam Jesus de agir pelo demônio, do outro, ele era tachado de louco pelos parentes mais próximos. Não é assim que acontece atualmente em relação aos espíritas? E estes devem se queixar por não

Capítulo XVII

serem melhor tratados pelos seus concidadãos do que o foi Jesus? O que não tinha nada de espantoso há dois mil anos, no meio de um povo ignorante, é mais estranho no século dezenove entre as nações civilizadas.

Morte e paixão de Jesus

3. (*Após a cura do lunático*). Todos ficaram espantados com o grande poder de Deus. E, quando todos estavam cheios de admiração pelo que Jesus fazia, ele disse aos seus discípulos: “Guardai bem nos vossos corações o que eu vou vos dizer. O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos homens.” Porém, eles não entendiam essa linguagem; ela lhes era de tal modo oculta, que não compreendiam nada e temiam mesmo interrogá-lo a esse respeito. (Lucas, IX: 43 a 45.)

4. Desde então, Jesus começou a revelar aos seus discípulos que seria necessário que ele fosse a Jerusalém; que lá sofreria muito por causa dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que fosse morto e que ressuscitasse no terceiro dia. (Mateus, XVI: 21.)

5. Quando estavam na Galileia, Jesus lhes disse: “O Filho do Homem deve ser entregue nas mãos dos homens; e eles o matarão, e ele ressuscitará no terceiro dia,” o que os afligiu extremamente. (Mateus, XVII: 22 e 23.)

6. Ora, indo Jesus a Jerusalém, chamou à parte os seus doze discípulos e lhes disse: “Vamos para Jerusalém e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte, e o entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias, e que o açoitem e o crucifiquem; e ele ressuscitará no terceiro dia.” (Mateus, XX: 17 a 19.)

7. Em seguida, chamando à parte os doze apóstolos, Jesus lhes disse: “Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que foi escrito pelos profetas referente ao Filho do Homem vai se cumprir, porquanto ele será entregue aos gentios; zombarão dele, o açoitarão e lhe escarrarão no rosto. Depois que o tiverem açoitado, o matarão e ele ressuscitará no terceiro dia.”

Mas eles não compreenderam nada daquilo; aquela linguagem lhes era estranha, e eles não entendiam o que Jesus lhes dizia. (Lucas, XVIII: 31 a 34.)

8. Jesus, tendo concluído todos os seus discursos, disse a seus discípulos: “Sabeis que a Páscoa será daqui a dois dias, e que o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.”

Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo sacerdote chamado Caifás, e se consultaram mutuamente para achar um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de fazê-lo morrer. E eles diziam: “É preciso que não seja durante a festa, para que não se provoque algum tumulto entre o povo.” (Mateus, XXVI: 1 a 5.)

9. No mesmo dia, alguns fariseus vieram lhe dizer: “Vai-te, sai deste lugar, pois Herodes quer te matar.” Ele lhes respondeu: “Ide dizer a essa raposa que ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia serei consumado por minha morte.” (Lucas, XIII: 31 e 32.)

Perseguição aos apóstolos

10. “Guardai-vos dos homens, porque eles vos farão comparecer nas suas assembleias, e vos farão açoitar nas suas sinagogas; e, por minha causa, sereis apresentados aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações.” (Mateus, X: 17 e 18.)

11. “Eles vos expulsarão das sinagogas; e vem o tempo em que aquele que vos matar julgará estar fazendo uma coisa agradável a Deus. Tratar-vos-ão desse modo, porque não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. Ora, eu vos digo estas coisas, a fim de que, quando houver chegado o tempo, para eles, de agir assim, vos lembreis de que eu já vos havia dito.” (João, XVI: 2 a 4.)

12. “Sereis traídos e entregues aos magistrados por vossos pais e vossas mães, por vossos irmãos, por vossos parentes, por vossos amigos, e matarão a muitos de vós. Sereis odiados por toda gente, por causa do meu nome. Entretanto, não se perderá

Capítulo XVII

um só cabelo das vossas cabeças. Pela vossa paciência é que possuireis as vossas almas.” (Lucas, XXI: 16 a 19.)

13. (*Martírio de S. Pedro*). “Em verdade, em verdade vos digo que, quando éreis mais moços, cingíeis a vós mesmo e íeis onde queríeis, mas quando fordes velhos, estendereis vossas mãos e um outro vos cingirá e conduzirá onde não quereríeis ir.” Ora, ele dizia isso para frisar com que tipo de morte Pedro havia de glorificar a Deus. (João, XXI: 18 e 19.)

Cidades impenitentes

14. Começou então a censurar as cidades onde fizera muitos milagres, por não terem se arrependido.

“Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos no meio de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, elas teriam feito penitência (vestindo-se) com sacos e (cobrindo-se) com cinzas há muito tempo. Por isso, vos declaro que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas com menos rigor do que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até o céu? Tu serás abaixada até o fundo do inferno, porque, se os milagres que foram feitos no meio de ti houvessem sido feitos em Sodoma, ela talvez ainda subsistisse hoje. Por isso, declaro-te que, no dia do julgamento, a cidade de Sodoma será tratada menos rigorosamente do que tu.” (Mateus, XI: 20 a 24.)

Ruína do Templo de Jerusalém

15. Quando Jesus saiu do Templo para ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza daquele edifício. Ele, porém, lhes disse: “Vedes todas estas construções? Eu vos digo, em verdade, que elas serão de tal maneira destruídas, que não ficará pedra sobre pedra.” (Mateus, XXIV: 1 e 2.)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, e contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: “Ah! se, ao menos neste dia, que ainda te é concedido, reconhecesses aquele que

pode te proporcionar a paz! Mas agora tudo isso se acha oculto aos teus olhos. Também virá para ti, um tempo infeliz em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, onde eles te encerrarão e te apertarão por todos os lados; em que te deitarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão no meio de ti, e não te deixarão pedra sobre pedra, porque não conhecestes o tempo em que Deus te visitou.” (Lucas, XIX: 41 a 44.)

17. “Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje, amanhã e depois de amanhã, porquanto é necessário que nenhum profeta sofra morte em outro lugar que não seja Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu quis reunir os teus filhos, como uma galinha reúne sob as asas os seus pintinhos, e tu não quiseste! Aproxima-se o tempo em que vossa casa ficará deserta. Ora, eu, em verdade, vos digo que doravante não tornareis a me ver, até que digais: Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor.” (Lucas, XIII: 33 a 35.)

18. “Quando virdes um exército cercar Jerusalém, sabei que a desolação está próxima. Então, que aqueles que estão na Judeia fujam para as montanhas; que aqueles que estiverem no meio dela se retirem e não entrem nela os que estiverem na região ao redor. Porquanto, esses serão os dias da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está nas *Escrituras*. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentam nesses dias, visto que esta terra será afligida por males e a cólera do céu cairá sobre este povo. Eles passarão pelo fio da espada; serão levados em cativo para todas as nações e Jerusalém será calcada sob os pés dos gentios, até que o tempo das nações tenha se cumprido.” (Lucas, XXI: 20 a 24.)

19. (*Jesus caminhando para o suplício*). Ora, acompanhava-o uma grande multidão de povo e de mulheres que batiam no peito e choravam. Jesus, então, voltando-se, disse: “Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e pelos vossos filhos, porquanto tempo virá em que se dirá: Felizes as estereis e as entranhas que não geraram filhos e os seios

Capítulo XVII

que não alimentaram. Começarão então a dizer às montanhas: Caiam sobre nós! E às colinas: Cobri-nos! Pois, se eles tratam desse modo o lenho verde, como o lenho seco será tratado?” (Lucas, XXIII: 27 a 31.)

20. A faculdade de pressentir os fatos futuros é um dos atributos da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como a todas as outras, em um grau eminente. Pôde, portanto, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que houvesse aí nada de sobrenatural, uma vez que os vemos acontecendo sob nossos olhos, nas condições mais comuns. Não é raro que pessoas anunciem, com precisão, o instante da sua morte; é que sua alma, em estado de desprendimento, é como o homem da montanha (cap. XVI, item 1): ela abrange toda a estrada a percorrer e vê o seu fim.

Assim devia ser muito mais com Jesus, que tendo consciência da missão que viera desempenhar, sabia que a morte pelo suplício seria uma consequência necessária. A visão espiritual, que era permanente nele, assim como a penetração do pensamento, devia-lhe mostrar as circunstâncias e o momento fatal. Pela mesma razão ele podia prever a ruína do Templo, a ruína de Jerusalém, as desgraças que iriam se abater sobre os seus habitantes e a dispersão dos judeus.

21. A incredulidade, que não admite a vida espiritual independente da matéria, não pode compreender a presciência, é por isso que ela a nega, atribuindo ao acaso os fatos autênticos que acontecem sob seus olhos. É digno de nota que ela recue diante do exame de todos os fenômenos psíquicos que se produzem em todas as partes, sem dúvida com receio de ver a alma lhe surgir e lhe apresentar um desmentido.

Maldição aos fariseus

22. (*João Batista*). Vendo muitos fariseus e saduceus que vinham ao seu batismo, ele lhes disse: “Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que deve cair sobre vós? Fazei, pois, frutos dignos de penitência; não penseis em dizer para vós

mesmos: “Temos Abraão por pai”; porquanto eu vos declaro que Deus pode fazer que nasçam filhos de Abraão mesmo destas pedras. O machado já está colocado na raiz das árvores; toda árvore, pois, que não der bons frutos será cortada e lançada no fogo.” (Mateus, III: 7 a 10.)

23. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque fechais o reino dos céus aos homens; porquanto vós mesmos lá não entrareis, e ainda vos opondes àqueles que nele desejam entrar!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque, sob pretexto das vossas longas orações, devorais as casas das viúvas; por isso é que tereis um julgamento mais rigoroso!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o conseguirdes, o tornais duas vezes mais digno do inferno que vós.

Ai de vós, condutores cegos que dizeis: Se um homem jura pelo Templo, isso nada vale; porém, quem quer que jure pelo ouro do Templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento! Insensatos e cegos que sois! A qual se deve estimar mais: ao ouro, ou ao Templo que santifica o ouro? Se um homem, dizeis, jura pelo altar, isso nada vale, mas aquele que jurar pela oferenda que está sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. Cegos que sois! A qual se deve estimar mais, a oferenda ou ao altar que santifica a oferenda? Aquele, pois, que jura pelo altar, jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre ele; e todo aquele que jura pelo Templo, jura pelo Templo e por aquele que ali habita; e aquele que jura pelo céu, jura pelo trono de Deus e por aquele que se assenta nele.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e que abandonastes o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! São essas as coisas que deveis praticar, sem, contudo, omitirdes as outras. Guias cegos, que tendes grande cuidado em coar o que bebeis, por medo de engolir um mosquito e que, no entanto, engolis um camelo!

Capítulo XVII

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque limpais por fora o copo e o prato, e estais cheios de rapina e impureza por dentro! Fariseus cegos! Limpai primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque vos assemelhais a sepulcros caiados que, por fora, parecem belos aos olhos dos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas de mortos e toda espécie de podridão! Assim, por fora pareceis justos, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidades.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas e adornais os monumentos dos justos, e que dizeis: Se existíssemos no tempo dos nossos pais, não teríamos nos associado a eles para derramar o sangue dos profetas! Acabais, pois, assim, de encher a medida dos vossos pais. Serpentes, raça de víboras, como podereis evitar a condenação ao inferno? Eis por que vou enviar-vos profetas, sábios e escribas; e vós matareis a uns, crucificareis a outros, açoitareis a outros nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade, a fim de que recaia sobre vós todo o sangue inocente que tem sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que haveis matado entre o Templo e o altar! Digo-vos, em verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje.” (Mateus, XXIII: 13 a 36.)

Minhas palavras não passarão

24. Então, aproximando-se dele, os seus discípulos lhe disseram: “Sabes que, ouvindo o que acabaste de dizer, os fariseus se escandalizaram?” Ele respondeu: *“Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.* Deixa-os; são cegos que conduzem cegos; se um cego guia outro cego, ambos cairão na cova.” (Mateus, XV: 12 a 14.)

25. “O céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão.” (Mateus, XXIV: 35.)

26. As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos; seu código moral será eterno, porque

ele contém as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno. Mas suas palavras terão chegado até nós livres de toda mistura impura e de falsas interpretações? Todas as seitas cristãs compreenderam o seu espírito? Nenhuma lhe terá desviado o verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da Natureza? Nenhuma as transformou em instrumento de dominação, para servir à ambição e aos interesses materiais, como um degrau, não para se elevar ao céu, mas para se elevar sobre a Terra? Todas terão adotado como regra de conduta a prática das virtudes, da qual Jesus fez a condição expressa de salvação? Estarão todas isentas das censuras que ele dirigiu aos fariseus do seu tempo? Todas, finalmente, são na teoria como na prática, a expressão pura da sua doutrina?

A verdade, sendo una, não pode se achar nas afirmações contrárias, e Jesus não quis dar um duplo sentido às suas palavras. Assim, se as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram como verdade o que outras condenam como heresia, é impossível que todas estejam com a verdade. Se todas houvessem apreendido o verdadeiro sentido do ensinamento evangélico, elas teriam se encontrado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que *não passará* é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que *passará* é o que os homens construíram sobre o falso sentido que deram a essas mesmas palavras.

Tendo Jesus a missão de transmitir aos homens o pensamento de Deus, sua doutrina *pura* pode sozinha ser a expressão desse pensamento. Foi por isso que ele disse: “*Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.*”

A pedra angular

27. “Nunca lestes estas palavras nas *Escrituras*: A pedra que foi rejeitada pelos que edificavam tornou-se a principal pedra do ângulo? Foi o que o Senhor fez, e nossos olhos o veem com admiração. É por isso que eu vos declaro que o reino de Deus vos será tirado, e que ele será dado a um povo que nele

Capítulo XVII

produzirá frutos. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra, nela se despedaçará, e ela esmagará aquele sobre quem ela cair.”

Tendo ouvido essas palavras de Jesus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus reconheceram que era deles que ele falava. E querendo se apoderar dele, tiveram medo do povo porque este o olhava como um profeta. (Mateus, XXI: 42 a 46.)

28. A palavra de Jesus tornou-se a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Tendo os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitado essa palavra, ela os esmagou, como esmagará aqueles que, depois, a desconhecaram, ou que desfiguraram o seu sentido em proveito de sua ambição.

Parábola dos vinhateiros homicidas

29. Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, cercou-a com uma sebe; e, cavando a terra, ali construiu uma torre. Depois, arrendando-a a uns vinhateiros, partiu para uma região distante.

Ora, estando próximo o tempo dos frutos, ele enviou os seus servos aos vinhateiros, para recolher o fruto da sua vinha. Mas os vinhateiros, apoderando-se dos servos, espancaram um, mataram outro e apedrejaram um terceiro. Ele enviou-lhes ainda outros servos, em maior quantidade do que os primeiros, e eles os trataram da mesma maneira. Por fim, ele lhes enviou seu próprio filho, dizendo consigo mesmo: “Com o meu filho eles terão algum respeito.” Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: “Aqui está o herdeiro; vinde, vamos matá-lo e seremos donos da sua herança.” E, assim, se apoderaram dele e o lançaram fora da vinha e o mataram.

Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros? Responderam-lhe: “Fará com que esses malvados pereçam miseravelmente e arrendará sua vinha a outros vinhateiros que lhe entreguem os frutos em sua estação.” (Mateus, XXI: 33 a 41.)

30. O pai de família é Deus; a vinha que plantou é a lei que ele estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou sua vinha são

aqueles que devem ensinar e praticar sua lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que eles fizeram morrer; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram. Como o Senhor tratará os seus mandatários prevaricadores da lei? Ele os tratará como eles trataram seus enviados e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas da sua propriedade e da condução do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será quando ele voltar a pedir contas, a cada um, do que fez da sua doutrina; retirará toda a autoridade de quem tiver abusado dela, uma vez que deseja que o seu campo seja administrado de acordo com a sua vontade.

Após dezoito séculos, tendo a humanidade atingido a fase adulta, está madura para compreender o que o Cristo não aprofundou, porque, como ele mesmo disse, não teria sido compreendido. Ora, a que resultado chegaram os que, durante esse longo período tiveram a seu cargo a educação religiosa dessa humanidade? O de verem a indiferença suceder à fé, e a incredulidade se erigir em doutrina. Com efeito, em nenhuma outra época o ceticismo e o espírito de negação estiveram tão disseminados por todas as classes da sociedade.

Mas se algumas das palavras do Cristo estão ocultas sob a alegoria, no que concerne às regras de conduta, às relações entre os homens e aos princípios morais a que ele condicionou expressamente a salvação, os seus ensinamentos são claros, explícitos e sem ambiguidade. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XV.)

O que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que fez aos seus apóstolos para que convertessem os homens pela brandura e pela persuasão; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes que ele exemplificou? Em seu nome, os homens se amaldiçoaram; se estrangularam em nome daquele que disse: “Todos os homens são irmãos.” Fizeram um Deus cioso, cruel, vingativo e parcial, daquele que Jesus proclamou infinitamente justo, bom e misericordioso; sacrificaram nas fogueiras, nas torturas e nas

Capítulo XVII

perseguições, a esse Deus de paz e de verdade, muito mais vítimas do que as que em todos os tempos foram sacrificadas pelos pagãos aos seus falsos deuses; venderam-se as orações e as graças do céu em nome daquele que expulsou do Templo os vendedores e que disse aos seus discípulos: “Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes.”

O que diria o Cristo, se visse hoje entre nós? Se visse seus representantes ambicionarem as honras, as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes do mundo, enquanto que ele, mais rei do que todos os reis da Terra, fez sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de dizer-lhes: “O que fizestes dos meus ensinamentos, vós que incensais o bezerro de ouro, que dais uma grande parte das vossas preces aos ricos, e uma parte insignificante aos pobres, apesar de eu haver dito que os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus?” Mas, se ele não está carnalmente entre nós, está em espírito e, como o senhor da parábola, quando chegar a hora da colheita, virá pedir contas da produção da sua vinha aos seus vinhateiros.

Um só rebanho e um só pastor

31. “Ainda tenho outras ovelhas que não são *deste aprisco*; é preciso também que eu as conduza; elas escutarão a minha voz e *haverá um só rebanho e um só pastor*.” (João, X: 16.)

32. Por essas palavras, Jesus anuncia claramente que um dia os homens se reunirão em uma crença única; mas como essa unificação poderá ser efetuada? Isso parece difícil, se considerarmos as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas fomentam entre os seus adeptos, sua obstinação em se acreditarem com a posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade virá em seu proveito e nenhuma admite fazer concessões em suas crenças.

Entretanto, a unidade acontecerá na religião, como tende a ocorrer socialmente, politicamente e comercialmente, pela derubada das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos

costumes, dos usos e da língua. Os povos do mundo inteiro já confraternizam, como aqueles das províncias de um mesmo império. Pressente-se essa unidade, todos a desejam. Ela ocorrerá pela força dos acontecimentos, porque se tornará uma necessidade para estreitar os laços de fraternidade entre as nações. Ela se fará pelo desenvolvimento da razão humana, que compreenderá a infantilidade dessas dissidências; pelo progresso das ciências, que demonstram a cada dia os erros materiais em que se baseiam tais dissidências, destacando pouco a pouco das suas fiadas as pedras estragadas. Se a Ciência destrói, nas religiões, o que é obra dos homens e fruto da sua ignorância das leis da Natureza, ela não pode destruir, mau grado a opinião de alguns, o que é obra de Deus e de eterna verdade. Afastando os acessórios, ela prepara o caminho para a unidade.

Para chegar à unidade, as religiões deverão se encontrar sobre um campo neutro, porém comum a todas. Para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, de acordo com a multiplicidade de seus dogmas particulares. Mas, em virtude do princípio de imutabilidade que todas elas professam, a iniciativa das concessões não poderia partir do campo oficial. Ao invés de tomar seu ponto de partida do alto, elas o tomarão por baixo, pela iniciativa individual. Desde algum tempo vem ocorrendo um movimento de descentralização, que tende a adquirir uma força irresistível. O princípio da imutabilidade, que as religiões consideraram até aqui como uma égide conservadora, tornar-se-à um elemento destruidor, uma vez que, os cultos se imobilizando, enquanto que a sociedade caminha para a frente, eles serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das ideias de progresso.

Entre as pessoas que se destacam em tudo ou em parte dos troncos principais, e cujo número cresce continuamente, se algumas não querem nada, a imensa maioria, que de modo algum se contenta com o nada, quer alguma coisa; essa alguma coisa ainda não está definida em seu pensamento, mas elas a pressentem; elas tendem para o mesmo objetivo por caminhos diferentes, e é

Capítulo XVII

por elas que começará o movimento de concentração em direção à unidade.

No estágio atual da opinião e dos conhecimentos, a religião que deverá um dia congregar todos os homens sob a mesma bandeira, será a que melhor satisfaça a razão e as legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja desmentida em nenhum ponto pela Ciência positiva; que, ao invés de se imobilizar, acompanhe a humanidade em sua marcha progressiva, sem se deixar jamais ultrapassar; que não seja nem exclusivista nem intolerante; que seja a emancipadora da inteligência, admitindo apenas a fé raciocinada; aquela cujo código de moral seja o mais puro, o mais racional, o mais harmônico com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar sobre a Terra o reino do bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

Entre as religiões existentes, aquelas que mais se aproximam dessas condições normais terão menos concessões a fazer; se uma delas as satisfizesse completamente, ela se tornaria, naturalmente, a base da união futura. Esta união se fará em torno daquela que deixar menos a desejar quanto à razão, não por uma decisão oficial, porquanto não se submete a consciência a regulamentos, mas pelas adesões individuais e voluntárias.

O que sustenta o antagonismo entre as religiões, é a ideia de que cada uma tem o seu deus particular, e a pretensão de que ele é o único verdadeiro e o mais poderoso, em luta constante com os deuses dos outros cultos, e ocupado em lhes combater a influência. Quando elas se convencerem de que só existe um Deus no Universo e que, definitivamente, ele é o mesmo que elas adoraram sob o nome de *Jeová*, *Alá* ou *Deus*; quando estiverem de acordo sobre seus atributos essenciais, elas compreenderão que um Ser único só pode ter uma única vontade; elas estenderão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai, e terão dado um grande passo para a unidade.

Advento de Elias

33. Seus discípulos, então, lhe perguntaram: “Por que, pois, os escribas dizem ser preciso que Elias venha antes?” Jesus lhes respondeu: “É certo que Elias deve vir e que restabelecerá todas as coisas.

Mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o reconheceram; antes o trataram como lhes agradou. É assim que eles farão morrer o Filho do Homem.”

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falara. (Mateus, XVII: 10 a 13.)

34. Elias já voltara na pessoa de João Batista. O seu novo advento é anunciado de uma maneira explícita. Ora, como ele não poderia voltar senão através de um corpo novo, eis a consagração formal do princípio da pluralidade das existências. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. IV, item 10.)

Anunciação do Consolador

35. “Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu pedirei a meu Pai, e ele vos enviará um outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: *O Espírito de Verdade* que este mundo não pode receber, porque não o vê; mas vós, porém, o reconheceréis, porque permanecerá convosco, e porque estará em vós. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, *vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito.*” (João, XIV: 15 a 17 e 26; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VI.)

36. “Entretanto, digo-vos a verdade: convém que eu me vá, porquanto, se eu não me for, o Consolador não virá a vós; mas eu me vou, e o enviarei a vós. E, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao juízo; no que respeita ao pecado, porque eles não acreditaram em mim; no que respeita à justiça, porque vou para o meu Pai e não me vereis mais; e no que respeita ao juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Capítulo XVII

Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas presente-mente não as podeis suportar.

Quando esse Espírito de Verdade vier, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver escutado, e vos anunciará as coisas que hão de vir.

Ele me glorificará, porque receberá o que está em mim e o anunciará a vós.” (João, XVI: 7 a 14.)

37. Esta predição é, sem a menor dúvida, uma das mais importantes sob o ponto de vista religioso, porque constata, da maneira menos equívoca, que *Jesus não disse tudo o que tinha a dizer*, porque não teria sido compreendido, mesmo pelos seus apóstolos, pois que era a eles que o Mestre se dirigia. Se Jesus tivesse dado instruções secretas aos apóstolos, eles teriam feito menção delas no Evangelho. Uma vez que ele não disse tudo aos seus apóstolos, seus sucessores não poderiam saber mais do que eles, e podem ter se enganado quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado uma falsa interpretação aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma de parábolas. Assim, as religiões fundadas sobre o Evangelho não podem dizer que detêm toda a verdade, uma vez que ele, Jesus, reservou para si a complementação posterior dos seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade das religiões é um protesto contra as próprias palavras do Cristo.

Jesus anunciou, sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, aquele que *deve ensinar todas as coisas* e fazer *lembrar* o que ele disse, pois seu ensino não estava completo; além disso, ele prevê que o que disse seria esquecido, seria desvirtuado, uma vez que o *Espírito de Verdade* devia lembrar tudo e, juntamente com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus.

38. Quando esse novo revelador deverá vir? É bem evidente que, se na época em que Jesus falava, os homens não estavam em condições de compreender as coisas que lhe restava dizer, não seria em alguns anos que poderiam adquirir as luzes necessárias

para consegui-lo. Para a compreensão de certas partes do Evangelho, com exceção dos preceitos morais, seriam necessários conhecimentos que só o progresso das ciências podia dar e que deveriam ser a obra do tempo e de muitas gerações. Se, portanto, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, teria encontrado o terreno nas mesmas condições e não teria feito mais do que ele. Ora, desde Cristo até os nossos dias, não se produziu nenhuma grande revelação que haja complementado o Evangelho e elucidado seus trechos obscuros, o que é um indício seguro de que o enviado ainda não havia aparecido.

39. Qual deve ser esse enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador”, Jesus indica claramente que esse Consolador não é ele mesmo, do contrário, teria dito: “Voltarei para completar o que vos tenho ensinado.” Depois acrescentou: “*A fim de que fique eternamente convosco, e ele estará em vós.*” Esta proposição não poderia se referir a uma individualidade encarnada, que não pode ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós, mas pode muito bem referir-se a uma doutrina que, efetivamente, quando é assimilada, pode estar eternamente em nós. O *Consolador* é, assim, no pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador deve ser o *Espírito de Verdade*.

40. Como ficou demonstrado (cap. I, item 30), o *Espiritismo* apresenta todas as condições do *Consolador* prometido por Jesus. Não é uma doutrina individual, uma concepção humana; ninguém pode dizer que é o seu criador. É o produto do ensino coletivo dos espíritos, ensino que é presidido pelo *Espírito de Verdade*. Ele não suprime nada do Evangelho: ele o completa e o elucidada. Com o auxílio das novas leis que revela, juntamente com as da Ciência, ele faz compreender o que era ininteligível, admitir a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Ele teve seus precursores e seus profetas, que pressentiram a sua vinda. Com o seu poder moralizador, ele prepara o reino do bem sobre a Terra.

Capítulo XVII

A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, espalhou-se por toda a Terra, através do Cristianismo, mas não converteu todo o mundo; o Espiritismo, ainda mais completo, com raízes em todas as crenças, converterá a humanidade.²⁵²

41. Dizendo a seus apóstolos: “Um outro virá mais tarde, que vos ensinará o que não posso vos dizer agora,” Jesus proclamava a necessidade da reencarnação. Como aqueles homens poderiam aproveitar o ensino mais completo que seria ministrado posteriormente; como estariam mais aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus teria dito uma inconseqüência se, de acordo com a doutrina comum, os futuros homens houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento. Admitindo-se, ao contrário, que os apóstolos, e os homens do seu tempo tenham vivido depois; *que revivem ainda hoje*, a promessa de Jesus se acha justificada. Tendo-se desenvolvido ao contato do progresso social, a inteligência deles pode suportar agora o que então não podia. Sem a reencarnação, a promessa de Jesus teria sido ilusória.

42. Se disserem que essa promessa foi realizada no dia de Pentecostes, com a descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que pôde abrir as suas inteligências, desenvolver neles as aptidões mediúnicas que deviam lhes facilitar a missão, porém que não lhes ensinou nada além do que Jesus já ensinara, porquanto não se encontra nenhum vestígio de um ensinamento especial. Assim, o Espírito Santo não realizou o que Jesus anunciara em relação ao Consolador, caso contrário os apóstolos teriam elucidado, durante suas vidas, tudo o que permaneceu obscuro até hoje no Evangelho, e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde o primeiro século.

²⁵² Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome da individualidade fundadora. Diz-se: o mosafismo, o Cristianismo, o maometanismo, o budismo, o cartesianismo, o fourierismo, o sansimonismo, etc. A palavra “Espiritismo”, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; encerra uma ideia geral, que indica, ao mesmo tempo, o caráter e a fonte múltipla da Doutrina. (N.A.)

Segundo advento do Cristo

43. Então Jesus disse aos seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, que renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; porquanto, aquele que quiser salvar sua vida a perderá, e aquele que perder sua vida por amor de mim a encontrará de novo.

De que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma? Ou por que preço o homem poderá resgatar a sua alma, depois de tê-la perdido? Porque o Filho do Homem *deve vir* na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.

Digo-vos, em verdade, que há alguns, entre aqueles que aqui estão presentes, que não experimentarão a morte sem que tenham visto o Filho do Homem vir em seu reino.” (Mateus, XVI: 24 a 28.)

44. Então, levantando-se no meio da assembleia, o sumo sacerdote interrogou Jesus dizendo-lhe: “Não respondes nada ao que estes depõem contra ti?” Mas Jesus se conservava em silêncio e não respondeu nada. O sumo sacerdote interrogou-o de novo: “És o Cristo, o Filho de Deus para sempre bendito?” Jesus lhe respondeu: “Eu o sou, e um dia vereis o Filho do Homem sentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu.”

Imediatamente o sumo sacerdote, rasgando suas vestes, disse: “Que necessidade temos de mais testemunhos?” (Marcos, XIV: 60 a 63.)

45. Jesus anuncia seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que o Consolador será personificado nele. Apresenta-se como devendo vir em espírito, na glória do seu Pai, julgar o mérito e o demérito, e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos tiverem chegado.

Estas palavras: “Há alguns daqueles que aqui estão que não experimentarão a morte sem que tenham visto o Filho do Homem vir em seu reino” parecem uma contradição, pois é incontestável que ele não veio durante a vida de nenhum daqueles

Capítulo XVII

que estavam presentes. Jesus, entretanto, não se poderia enganar numa previsão dessa natureza, e sobretudo por um fato contemporâneo que lhe dizia respeito pessoalmente. É preciso, inicialmente, perguntar se as suas palavras sempre foram reproduzidas fielmente. Pode-se duvidar, considerando-se que ele nada escreveu; que as suas palavras só foram registradas depois da sua morte; que se vê o mesmo discurso quase sempre reproduzido em termos diferentes em cada evangelista, o que é uma prova evidente de que não são as expressões textuais de Jesus. Além disso, é provável que o sentido tenha sido alterado, passando por traduções sucessivas.

Por outro lado, é certo que, se Jesus houvesse dito tudo o que poderia dizer, teria se expressado sobre todas as coisas de uma forma clara e precisa, que não teria dado lugar a qualquer equívoco, como o fez com os princípios morais, ao passo que foi obrigado a encobrir o seu pensamento sobre os assuntos que não julgou conveniente aprofundar. Persuadidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que Jesus anunciava, os apóstolos foram levados a interpretar-lhe o pensamento de acordo com aquela ideia. Em consequência, eles puderam redigir, o que o Mestre dissera, do ponto de vista do presente, de uma maneira mais absoluta do que talvez ele próprio teria feito. Seja como for, a verdade é que as coisas não se passaram como eles supuseram.

46. A grande e importante lei da reencarnação foi um ponto capital que Jesus não pode desenvolver, porque os homens do seu tempo não estavam suficientemente preparados para essa ordem de ideias e para as suas consequências, entretanto, assentou o princípio da referida lei, como o fez em relação a todas as outras coisas. Essa lei, estudada e colocada em evidência nos dias de hoje pelo Espiritismo, é a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem verdadeiros contrassensos.

É nessa lei que se pode encontrar a explicação racional das palavras acima, admitindo-as como textuais. Uma vez que elas não podem se aplicar às pessoas dos apóstolos, é evidente que se

referem ao futuro reinado do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina, melhor compreendida, for a lei universal. Dizendo-lhes que *alguns dos que estavam ali presentes* veriam o seu advento, isso só podia ser entendido no sentido de que eles reviveriam nessa época. Os judeus, porém, imaginavam que iam ver tudo o que Jesus anunciava e tomaram suas alegorias ao pé da letra.

Aliás, algumas das suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a da ruína de Jerusalém, as desgraças que se seguiram, e a dispersão dos judeus. Mas Jesus levava sua visão muito mais longe, e falando do presente, constantemente referia-se ao futuro.

Sinais precursores

47. “Vós ouvireis também falar de guerras e rumores de guerra; mas tratai de não vos perturbar, uma vez que é preciso que essas coisas aconteçam, porém ainda não será o fim, pois ver-se-á o povo levantar-se contra o povo e o reino contra o reino; e haverá pestes, fome e tremores de terra em diversos lugares, e todas essas coisas serão apenas o começo das dores.” (Mateus, XXIV: 6 a 8.)

48. “Então, o irmão entregará o irmão para a morte, e o pai o filho; os filhos se levantarão contra os seus pais e as suas mães e os farão morrer. E sereis odiados por todo o mundo por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até o fim será salvo.” (Marcos, XIII: 12 e 13.)

49. “Quando virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, *está no lugar santo*, que aquele que lê entenda bem o que lê. Então, que aqueles que estão na Judeia fujam para as montanhas. Que aquele que estiver no alto do telhado, não desça para levar qualquer coisa de sua casa; e aquele que estiver no campo não volte para apanhar as suas roupas. Mas ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias. Pedi a Deus que a vossa fuga não ocorra durante o inverno, nem no sábado, porquanto a aflição desse tempo será

Capítulo XVII

tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente, e como nunca mais haverá. E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos.” (Mateus, XXIV: 15 a 22.)

50. “Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua não dará mais a sua luz; as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.

Então, o sinal do Filho do Homem aparecerá no céu, e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos; e eles verão o Filho do Homem que virá sobre as nuvens do céu com grande majestade.

Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas, e que reunirão os seus eleitos dos quatro cantos do mundo, desde uma extremidade do céu até a outra.

Aprendeí uma comparação tirada da figueira. Quando os seus ramos já estão tenros e dão folhas, sabeis que está próximo o verão. Do mesmo modo, quando verdes todas essas coisas, sabeí que o Filho do Homem está próximo, como se já estivesse à porta.

Digo-vos, em verdade, que esta raça não passará, sem que todas essas coisas tenham se cumprido.” (Mateus, XXIV: 29 a 34.)

“E acontecerá no advento do Filho do Homem o que aconteceu no tempo de Noé, porque, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam os seus filhos, até o dia em que Noé entrou na arca; e assim como eles não souberam do momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou a todos, assim também será no advento do Filho do Homem.” (Mateus, XXIV: 37 a 39.)

51. “Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai.” (Marcos, XIII: 32.)

52. “Em verdade, em verdade vos digo, vós chorareis e gemereis, e o mundo se rejubilará; estareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. Uma mulher, quando dá à luz, está com dor, porque é chegada a sua hora, mas depois que deu à

luz um filho, não se lembra mais de todos os seus males, pela alegria de haver colocado um homem no mundo. É assim que estais agora na tristeza, mas eu vos verei de novo e o vosso coração se rejubilará e ninguém arrebatará a vossa alegria.” (João, XVI: 20 a 22.)

53. “Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão muitas pessoas; e, porque a iniquidade abundará, a caridade de muitos esfriará; mas aquele que perseverar até o fim será salvo. E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações, e é então que o fim chegará.” (Mateus, XXIV: 11 a 14.)

54. Esse quadro do final dos tempos é evidentemente alegórico, como a maioria dos que Jesus apresentava. As imagens que ele contém, pelo seu vigor, são de natureza a impressionar as inteligências ainda rudes. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem fortes. Jesus se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de captar a delicadeza das formas. Para chegar ao coração, era preciso falar aos olhos com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos pela força da linguagem.

Por uma consequência natural daquela disposição de espírito, o poder supremo só podia, segundo a crença de então, manifestar-se através de fatos extraordinários, sobrenaturais. Quanto mais impossíveis os fatos, mais eles eram aceitos como prováveis.

O Filho do Homem, vindo sobre as nuvens do céu, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, lhes parecia muito mais imponente do que um ser investido apenas de poder moral. Por isso mesmo, os judeus que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar a sua nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de Davi e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho do carpinteiro, sem autoridade material, tratado de louco por uns e de cúmplice de Satã por outros,

Capítulo XVII

eles não podiam compreender um rei sem asilo e cujo reino não era deste mundo.

No entanto, esse pobre proletário da Judeia tornou-se o maior entre os grandes; ele conquistou para a sua soberania mais reinos do que os mais poderosos potentados; apenas com a sua palavra e alguns miseráveis pescadores, revolucionou o mundo e é a ele que os judeus deverão a sua reabilitação.

55. Deve-se observar que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram símbolos obrigatórios de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Nós os encontramos na morte de Jesus, na de César e em uma infinidade de circunstâncias da história do paganismo. Se esses fenômenos tivessem ocorrido tão frequentemente como se relata, parece impossível que os homens não tivessem conservado a lembrança deles pela tradição. Acresça-se aqui *as estrelas que caem do céu*, como para testemunhar às gerações futuras, mais esclarecidas, que isso se trata de uma ficção, uma vez que se sabe agora que as estrelas não podem cair.

56. Entretanto, sob essas alegorias ocultam-se grandes verdades. Inicialmente, é o aviso das calamidades de toda sorte que atingirão a humanidade e a dizimarão; calamidades engendradas pela luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as ideias progressistas e as ideias retrógradas. Em segundo lugar, há a predição da difusão do Evangelho, restaurado na sua pureza primitiva, por toda a Terra; depois, o reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universal, derivado do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Este será, verdadeiramente, o reino de Jesus, pois ele presidirá a sua implantação, e os homens viverão sob a égide da sua lei. Será o reino de felicidade, uma vez que, segundo suas palavras: “depois dos dias de aflição, virão os dias de alegria.”

57. Quando se realizarão essas coisas? “Ninguém o sabe, disse Jesus, *nem mesmo o Filho.*” Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por indícios precursores. Esses indícios não estarão nem no Sol, nem nas estrelas, mas no estado

social e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, se podem deduzir das suas alusões.

O que é certo é que essa mudança não podia ocorrer durante a vida dos apóstolos, pois, do contrário, Jesus não poderia ignorá-la. Aliás, não seria possível que semelhante transformação ocorresse dentro de apenas alguns anos. Entretanto, o Mestre lhes fala como se eles devessem testemunhá-la; é que, com efeito, eles poderão reviver nessa época e trabalhar eles mesmos pela transformação. Ora ele fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato como ponto de comparação para o futuro.

58. É o fim do mundo que Jesus anuncia quando prediz sua nova vinda, e ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim acontecerá?”

Não é racional supor que Deus destrua o mundo precisamente no momento em que ele entrará no caminho do progresso moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos. Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal que, em tais condições, não seria justificada.

Como a prática geral do Evangelho deve levar a uma grande melhora no estado moral dos homens, trará, por isso mesmo, o reinado do bem e acarretará a queda do reinado do mal. É, pois, ao fim do *velho mundo*, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez e por todas as más paixões que o Cristo fez alusão ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, é então que o fim acontecerá”; mas esse fim ocasionará uma luta, e é desta luta que sairão os males que ele previu.

Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

59. “Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre meus servidores e servidoras, e eles profetizarão.” (Atos, II: 17 e 18.)

Capítulo XVII

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, as aspirações, os pressentimentos das massas, a decadência das ideias antigas que se debatem em vão, há um século, contra as novas ideias, não se pode duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara, e que o velho mundo chega ao seu fim.

Se, agora, levando em conta a forma alegórica de alguns quadros e, perscrutando o sentido íntimo das palavras de Jesus, se compara a situação atual com os tempos descritos por ele, como devendo marcar a era da renovação, não se pode deixar de convir que muitas das suas predições hoje estão se cumprindo; de onde é preciso concluir que atingimos os tempos anunciados, o que é confirmado pelos espíritos que se manifestam em todos os pontos do globo.

61. Assim, como vimos (cap. I, item 32), coincidente com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que deve forçosamente exercer sobre as ideias. Além disso, ele é claramente anunciado no que foi narrado nos *Atos dos Apóstolos*: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão.”

É o anúncio inequívoco da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições, e em consequência da manifestação universal dos espíritos, uma vez que sem os espíritos não haveria médiuns. Conforme está dito, isso acontecerá *nos últimos tempos*; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à sua regeneração, devemos entender essas palavras como os últimos tempos do mundo moral que chega ao fim. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXI.)

Juízo final

62. “Ora, quando o Filho do Homem vier na sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono da sua glória; e, todas as nações estando reunidas diante dele, ele separará

uns dos outros, como um pastor separa as ovelhas dos bodes, e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, vós, que fostes benditos por meu Pai...” (Mateus, XXV: 31 a 46; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XV.)

63. Devendo o bem reinar sobre a Terra, é necessário que sejam excluídos dela os espíritos endurecidos no mal que poderiam acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aqui permanecessem o tempo necessário para o seu melhoramento, mas, chegado o momento em que a Terra, pelo progresso moral dos seus habitantes, deve se elevar na hierarquia dos mundos, a permanência deles, como espíritos e como encarnados, será interdita àqueles que não tenham aproveitado os ensinamentos que se achavam em condições de ali receber. Serão exilados para mundos inferiores, como outrora foram exilados para a Terra os espíritos da raça adâmica, sendo substituídos por espíritos melhores. É esta separação, que será presidida por Jesus, que está figurada nestas palavras do juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, item 31 e ss.)

64. A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo um fim para sempre na humanidade, repugna à razão, no sentido em que ele implicaria a inatividade de Deus durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e a eternidade que se seguirá à sua destruição. Pergunta-se então que utilidade teriam o Sol, a Lua e as estrelas, que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o nosso mundo. Causa espanto que uma obra tão grandiosa tenha sido feita para durar tão pouco tempo e para benefício de seres cuja maior parte estava votada, de antemão, aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a ideia de um julgamento único era, até certo ponto, admissível, para os que não procuram a razão das coisas, numa época em que se acreditava que toda a humanidade estava concentrada sobre a Terra, e que tudo no Universo havia sido feito para os seus habitantes. Ela é inadmissível, desde que se sabe que existem milhares de mundos semelhantes, que perpetuam

Capítulo XVII

as humanidades durante a eternidade, e entre os quais a Terra é um ponto imperceptível dos menos consideráveis.

Vê-se por esse único fato que Jesus tinha razão para dizer aos seus discípulos: “Há muitas coisas que não posso vos dizer, porque não as compreenderíeis”, visto que o progresso das ciências era indispensável para a interpretação correta de algumas das suas palavras. Os apóstolos, Paulo e os primeiros discípulos, certamente teriam estabelecido alguns dogmas de uma forma diferente se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje em dia se tem. Por isso Jesus adiou a conclusão dos seus ensinamentos e anunciou que todas as coisas deviam ser restabelecidas.

66. Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não condiz com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta continuamente como um bom Pai, que sempre deixa um caminho aberto para o arrependimento e que está sempre pronto a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus houvesse entendido o juízo daquela maneira, teria desmentido suas próprias palavras.

Por outro lado, se o juízo final deve surpreender os homens de improviso, em meio às suas atividades, e as mulheres grávidas, pergunta-se com que finalidade Deus, que não faz nada inútil nem injusto, faria nascer crianças e *criaria almas novas* nesse momento supremo, no termo fatal da humanidade, para fazê-los passar por um julgamento ao sair do ventre materno, antes de terem consciência de si mesmas, enquanto que outros têm milhares de anos para se reconhecerem? Para que lado, direito ou esquerdo, passariam essas almas, que ainda não são nem boas nem más, e para quem todos os caminhos de progresso posterior estariam desde então fechados, visto que a humanidade não existiria mais? (Cap. II, item 19.)

Que aqueles cuja razão se contente com semelhantes crenças as conservem, estão no seu direito, e ninguém tem nada a dizer em relação a isso, mas que não levem a mal que nem todas as pessoas sejam de sua opinião.

67. O juízo por via de emigração, conforme foi definido (item 63), é racional; ele está fundado sobre a mais rigorosa justiça, uma vez que deixa, eternamente, ao espírito, o seu livre-arbítrio; que não constitui privilégio para ninguém; que uma igual liberdade de ação é dada por Deus a todas as suas criaturas, sem exceção, para progredirem; que a porta do céu está sempre aberta para aqueles que se tornam dignos de nele entrar; que mesmo o aniquilamento de um mundo, ocasionando a destruição do corpo, não causa nenhuma interrupção à marcha progressiva do espírito. Esta é a consequência da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, a qualificação de *juízo final* não é exata, uma vez que os espíritos passam por julgamentos semelhantes a cada renovação dos mundos que eles habitam, até que tenham atingido um certo grau de perfeição. Portanto, não há *juízo final* propriamente dito, mas *juízos gerais* em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, através das quais ocorrem as grandes emigrações e imigrações de espíritos.



Capítulo XVIII

Os Tempos são Chegados

Sinais dos tempos. A nova geração

Sinais dos tempos

1. Dizem-nos de todas as partes que os tempos marcados por Deus, em que vão ocorrer grandes acontecimentos para a regeneração da humanidade, são chegados. Em que sentido devemos entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, elas não têm nenhuma importância; aos seus olhos não são mais que a expressão de uma crença pueril, sem fundamento. Para a maioria dos crentes elas possuem qualquer coisa de místico e de sobrenatural, que lhes parece ser o prenúncio da ruína das leis da Natureza. As duas interpretações são igualmente errôneas: a primeira porque envolve a negação da Providência; a segunda porque aquelas palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas o seu cumprimento.

2. Na criação tudo é harmonia, tudo revela uma providência que não se desmente, nem nas menores nem nas maiores coisas. Devemos, pois, inicialmente, afastar qualquer ideia de capricho inconciliável com a sabedoria divina; em segundo lugar, se a nossa época está marcada pela realização de certas coisas, é porque elas têm sua razão de ser na marcha do conjunto.

Capítulo XVIII

Isso posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem, e moralmente pela depuração dos espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses dois tipos de progresso seguem um ao outro e marcham paralelamente, uma vez que a perfeição da habitação está relacionada com a do habitante. Fisicamente, o globo sofreu transformações, constatadas pela Ciência, que o tornaram progressivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo em que a melhoria do globo se realiza sob o poder das forças materiais, os homens também concorrem para isso com os esforços da sua inteligência. Eles saneiam as regiões insalubres, tornam as comunicações mais fáceis e a terra mais produtiva.

Esse duplo progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradual e insensível; a outra, por mudanças mais bruscas, cada uma delas resulta em um movimento ascensional mais rápido, que marca, por características acentuadas, os períodos progressivos da humanidade. Esses movimentos, subordinados *nos detalhes* ao livre-arbítrio dos homens, são, de um certo modo, fatais no seu conjunto, porque estão submetidos a leis, como as que se operam na germinação, no crescimento e na maturação das plantas, visto que o fim da humanidade é o progresso, apesar da marcha retardatória de algumas individualidades. É por isso que o movimento progressivo é algumas vezes parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, de outras vezes é geral.

Assim, o progresso da humanidade se efetua em virtude de uma lei; ora, como todas as leis da Natureza são a obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis é o resultado da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando, então, a humanidade está madura para subir um degrau, pode-se dizer que os tempos marcados por Deus são chegados, como também se

pode dizer que em tal estação eles são chegados para a maturação dos frutos e a colheita.

3. Pelo fato de o movimento progressivo da humanidade ser inevitável, porque ele está na Natureza, não se segue que Deus lhe seja indiferente, e que, depois de ter estabelecido leis, tenha se recolhido à inação, deixando as coisas caminharem por si mesmas. Suas leis são eternas e imutáveis, sem dúvida, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante, e porque o seu pensamento anima todas as coisas, sem interrupção. Seu pensamento, que penetra tudo, é a força inteligente e permanente que mantém tudo na harmonia; se esse pensamento deixasse de atuar um só instante, o Universo seria como um relógio sem um pêndulo regulador. Assim, Deus vela incessantemente pela execução das suas leis, e os espíritos que povoam o espaço são os seus ministros, encarregados dos pormenores, segundo as atribuições que correspondem ao seu grau de adiantamento.

4. O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, conduzido por um número não menos incomensurável de inteligências, um imenso governo onde cada ser inteligente tem a sua parcela de ação sob as vistas do soberano Senhor, cuja vontade *única* mantém a *unidade* por toda a parte. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem. O que, para nós, tem a aparência de perturbações são movimentos parciais e isolados que nos parecem irregulares apenas porque a nossa visão é limitada. Se pudessemos abarcar-lhe o conjunto, veríamos que essas irregularidades são apenas aparentes e que elas se harmonizam no todo.

5. A previsão dos movimentos progressivos da humanidade nada tem de surpreendente entre os seres desmaterializados que veem o fim para onde tendem todas as coisas, dos quais alguns têm conhecimento direto do pensamento de Deus, e que presumem, pelos movimentos parciais, a época em que se poderá realizar um movimento geral, assim como se presume, de antemão, o tempo que falta a uma árvore para produzir os frutos, e como os astrônomos calculam a época em que vai ocorrer um

Capítulo XVIII

fenômeno astronômico pelo tempo que falta a um astro para realizar sua revolução.

Porém, todos aqueles que anunciam esses fenômenos, os autores de almanaques que predizem os eclipses e as marés, certamente não estão em condições de fazer, eles mesmos, os cálculos necessários: eles nada mais são que ecos, assim como os espíritos secundários, cuja visão é limitada, e que nada mais fazem que repetir o que os espíritos superiores quiseram lhes revelar.

6. Até o presente, a humanidade tem realizado progressos incontestáveis. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam sido alcançados, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Ainda lhes falta um imenso progresso a realizar: o de *fazerem reinar entre eles a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assegurar o bem-estar moral*. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, resquícios de um outro tempo, boas para uma certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que podiam, seriam hoje um entrave, tal como uma criança estimulada por móveis, que se tornam impotentes quando vem a idade madura. Não é só o desenvolvimento da inteligência que é necessário aos homens, é a elevação do sentimento e, para isso, é preciso destruir tudo o que pode estimular neles o egoísmo e o orgulho.

Esse é o período em que vão entrar doravante e que marcará uma das principais fases da humanidade. Essa fase, que se elabora neste momento, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade adulta é o complemento da juventude. Ela podia, então, ser prevista e predita de antemão, e é por isso que se diz que os tempos marcados por Deus são chegados.

7. Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a uma região, a um povo, a uma raça; é um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a se estabelecer, e os homens que mais se lhe opõem trabalham para o seu insucesso. A geração futura, desembaraçada das escórias do

velho mundo e formada por elementos mais depurados, se encontrará animada de ideias e de sentimentos muito diferentes dos da geração presente, que se vai a passos de gigante. O velho mundo estará morto e viverá na História, tal como hoje os tempos da Idade Média com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Além disso, todos sabem que a atual ordem das coisas deixa a desejar,²⁵³ depois de se haver, de certo modo, esgotado o bem-estar material, que é o produto da inteligência, chega-se a compreender que o complemento desse bem-estar só pode estar no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, mais se sente o que falta, sem, no entanto, poder ainda defini-lo claramente: é o efeito do trabalho íntimo que se realiza para a regeneração. Tem-se desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor.

8. Entretanto, uma mudança tão radical como a que se elabora não pode se realizar sem comoção; há uma luta inevitável entre as ideias. Desse conflito nascerão, forçosamente, perturbações temporárias, até que o terreno esteja aplainado e o equilíbrio restabelecido. Assim, é da luta de ideias que surgirão os graves acontecimentos anunciados, e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram a consequência do período de formação da Terra; *hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam, são as da humanidade.*

9. A humanidade é um ser coletivo em que acontecem as mesmas revoluções morais que em cada ser individual, com a diferença de que umas se realizam de ano em ano e as outras de século em século. Acompanhando-se a evolução da humanidade através dos tempos, pode-se ver a vida das diversas raças marcadas por períodos que dão a cada época uma fisionomia particular.

²⁵³ Ao tempo em que o Codificador escreveu estas linhas, a escravidão baseada na diferença racial ainda era uma prática institucional no Brasil, e ainda hoje, nos albores do século XXI, observamos distorções de ordem material e, principalmente, social, que fazem com que estas palavras de Allan Kardec soem bastante atuais. (N.R.)

Capítulo XVIII

Ao lado dos movimentos parciais, há um movimento geral que dá impulsão à humanidade inteira, mas o progresso de cada parte do conjunto é relativo ao seu grau de adiantamento. Tal como uma família composta de vários filhos dos quais o mais novo, por exemplo, ainda é um bebê e o primogênito tem dez anos. Dentro de dez anos, o primogênito terá vinte e será um homem, o mais novo terá dez e, posto que mais adiantado, ainda será uma criança, mas, por sua vez, tornar-se-á um homem. Assim ocorre com as diferentes partes da humanidade, as mais atrasadas avançam, mas não poderiam, de um salto, atingir o nível das mais avançadas.*

10. A humanidade, tornando-se adulta, tem novas necessidades, aspirações maiores, mais elevadas; ela compreende o vazio das ideias com que foi embalada, a insuficiência de suas instituições para a sua felicidade; ela não acha mais, no estado atual das coisas, as legítimas satisfações para as quais se sente chamada; e então sacode seus cueiros e se lança, impelida por uma força irresistível, através de regiões desconhecidas, para a descoberta de novos horizontes menos limitados.

E é no momento em que ela se acha bastante limitada na sua esfera material, em que a vida intelectual alcança altos níveis, em que o sentimento da espiritualidade desabrocha, que os homens, dizendo-se filósofos, esperam encher o vazio com doutrinas niilistas e materialistas! Estranha aberração! Esses mesmos homens que pretendem impulsioná-la para a frente, se esforçam em circunscrevê-la no círculo estreito da matéria, de onde ela aspira sair; eles lhe obstruem a visão da vida infinita e lhe dizem, mostrando-lhe o túmulo: *nec plus ultra!*²⁵⁴

11. Como já dissemos, a marcha progressiva da humanidade se realiza de duas maneiras: uma, gradual, lenta e imperceptível, se considerarmos as épocas consecutivas, que se traduzem por aperfeiçoamentos sucessivos nos costumes, nas leis e nos usos,

* Vide nota explicativa ao final desta obra.

²⁵⁴ **Nec plus ultra:** *não mais além*; com esta expressão costuma-se determinar um limite que não deve ser ultrapassado. (N.T.)

melhoras que só se percebem com o passar do tempo, como as mudanças que as correntes d'água causam na superfície do globo; a outra pelos movimentos relativamente bruscos, rápidos, semelhantes aos de uma torrente que, rompendo seus diques, transpõe em alguns anos um espaço que levaria séculos para percorrer. É, então, um cataclismo moral que dissipa em alguns instantes as instituições do passado, sobrevivendo uma nova ordem de coisas que se assenta pouco a pouco, à medida que a calma se restabelece e se torna definitiva.

Àquele que conseguir viver o bastante para abranger as duas vertentes da nova fase, parecerá que um mundo novo saiu das ruínas do antigo. O caráter, os costumes, os usos, tudo mudou; é que, com efeito, surgiram homens novos, ou melhor, homens regenerados; as ideias levadas pela geração que se extinguiu deram lugar às ideias novas na geração que se ergue.

É a um desses períodos de transformação, ou, se preferirem, de *crescimento moral*, que a humanidade chegou. Da adolescência ela passa à idade viril. O passado já não é suficiente às suas novas aspirações, às suas novas necessidades; ela não pode mais ser conduzida pelos mesmos meios; ela não se contenta mais com ilusões e artifícios; faltam, à sua razão amadurecida, alimentos mais substanciosos. O presente é demasiado efêmero; ela sente que o seu destino é mais vasto e que a vida corporal é excessivamente restrita para encerrá-lo inteiramente; por isso, mergulha o olhar no passado e no futuro, a fim de neles descobrir o mistério da sua existência e adquirir uma confiança consoladora.

12. Quem quer que tenha meditado sobre o Espiritismo e as suas consequências, e não o circunscreva à produção de alguns fenômenos, compreende que ele abre um novo caminho à humanidade e lhe desvenda os horizontes do infinito. Ao iniciá-la nos mistérios do mundo invisível, ele lhe mostra seu verdadeiro papel na criação, papel *perpetuamente ativo*, tanto no estado espiritual quanto no estado corporal. O homem não caminha mais às cegas: sabe de onde vem, para onde vai e por que está na Terra. O futuro se mostra a ele na sua realidade, despojado dos preconceitos

Capítulo XVIII

da ignorância e da superstição; não é mais uma vaga esperança: é uma verdade palpável, tão certa para ele como a sucessão dos dias e das noites. Ele sabe que o seu ser não está limitado a alguns instantes de uma existência efêmera; que a vida espiritual não é interrompida pela morte; que ele já viveu, que viverá outra vez e que de tudo o que ele adquiriu em perfeição, pelo trabalho, nada é perdido; ele encontra nas suas existências anteriores a razão do que é hoje em dia; e, *do que o homem se faz hoje, ele pode deduzir o que será um dia.*

13. Com a ideia de que a atividade e a cooperação individuais na obra geral da civilização são limitadas à vida presente, que antes a criatura nada foi e que nada será depois, que importa ao homem o progresso posterior da humanidade? Que lhe importa que no futuro os povos sejam mais bem governados, mais felizes, mais esclarecidos e melhores uns para com os outros? Uma vez que dele não deve retirar nenhum fruto, o progresso não está perdido para ele? De que lhe adianta trabalhar para aqueles que virão depois dele, se ele nunca poderá conhecê-los, se são seres novos que pouco depois, por sua vez, voltarão ao nada? Sob o poder da negação do futuro individual, tudo forçosamente se rebaixa às mesquinhas proporções do momento e da personalidade.

Entretanto, ao contrário, que amplitude dá ao pensamento do homem *a certeza* da perpetuidade do seu ser espiritual! Que de mais racional, de mais grandioso, de mais digno do Criador do que a lei segundo a qual a vida espiritual e a vida corporal são apenas dois modos de existência, que se alternam para a realização do progresso! Que de mais justo e de mais consolador do que a ideia dos mesmos seres progredirem incessantemente, primeiramente através das gerações de um mesmo mundo, e a seguir de mundo em mundo, até a perfeição, *sem solução de continuidade!* Todas as ações, então, terão uma finalidade, uma vez que, trabalhando para todos, cada um trabalha para si mesmo e reciprocamente, de maneira que nem o progresso individual nem o progresso geral jamais serão estéreis; deles aproveitarão as gerações e as individualidades futuras, que não são outras senão

as gerações e individualidades do passado, chegadas a um grau mais alto de adiantamento.

14. A vida espiritual é a vida normal e eterna do espírito, e a encarnação é apenas uma forma temporária de sua existência. Salvo a vestimenta exterior, há pois identidade entre os encarnados e os desencarnados; são as mesmas individualidades sob dois aspectos diferentes, que pertencem tanto ao mundo visível quanto ao mundo invisível e se reencontram, seja em um seja em outro, concorrendo em ambos para o mesmo objetivo, por meios apropriados à sua situação.

Dessa lei emana a da perpetuidade das ligações entre os seres; a morte não os separa e não põe fim às suas relações simpáticas nem aos seus deveres recíprocos. Daí a *solidariedade* de todos para cada um e de cada um para todos, daí, também, a *fraternidade*. Os homens só viverão felizes sobre a Terra no momento em que esses dois sentimentos entrarem em seus corações e em seus costumes, porque, então, adequarão suas leis e suas instituições a esses sentimentos. Esse será um dos principais resultados da transformação que se realiza.

Entretanto, como conciliar os deveres da solidariedade e da fraternidade com a crença de que a morte torna, para todo o sempre, os homens estranhos uns aos outros? Pela lei da perpetuidade das relações que ligam todos os seres, o Espiritismo estabelece esse duplo princípio sobre as próprias leis da Natureza; e dele faz não somente um dever, mas uma necessidade. Pela lei da pluralidade das existências, o homem se liga ao que fez e ao que fará, aos homens do passado e aos do futuro; ele não pode mais dizer que não tem nada de comum com aqueles que morrem, pois uns e outros se reencontrarão incessantemente, neste mundo e no outro, para subirem juntos a escala do progresso e se prestarem um mútuo apoio. A fraternidade não está mais circunscrita a alguns indivíduos que o acaso reúne durante a duração efêmera da vida; ela é perpétua como a vida do espírito, universal como a humanidade, que constitui uma grande família em que todos os

Capítulo XVIII

membros são solidários uns com os outros, *qualquer que seja a época em que viveram*.

Tais são as ideias que ressaltam do Espiritismo, e que ele suscitará entre todos os homens, quando for universalmente difundido, compreendido, ensinado e praticado. Com o Espiritismo, a fraternidade — sinônimo da caridade pregada pelo Cristo — não é mais uma palavra inútil; ela tem a sua razão de ser. Do sentimento da fraternidade nasce o da reciprocidade e dos deveres sociais, de homem para homem, de povo para povo, de raça para raça; desses dois sentimentos bem compreendidos sairão, forçosamente, as instituições mais proveitosas ao bem-estar de todos.

15. A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social, mas não há fraternidade real, sólida e efetiva, se ela não está apoiada em uma base inabalável, e essa base é a fé; não a fé em tais ou quais dogmas particulares que mudam com o tempo e os povos e que se apedrejam mutuamente, uma vez que se amaldiçoando elas alimentam o antagonismo, mas a fé nos princípios fundamentais que todo o mundo pode aceitar: ***Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido e a perpetuidade das relações entre os seres***. Quando todos os homens estiverem convencidos de que Deus é o mesmo para todos; de que esse Deus, soberanamente justo e bom, não pode querer nada de injusto, que o mal vem dos homens e não dele, eles se olharão como os filhos de um mesmo Pai e estenderão as mãos uns aos outros.

Essa é a fé que o Espiritismo proporciona e que doravante será o eixo em torno do qual se moverá o gênero humano, quaisquer que sejam o seu modo de adoração e as suas crenças particulares, que o Espiritismo respeita, mas dos quais não pode se ocupar.

Somente dessa fé pode sair o verdadeiro progresso moral, porque somente ela dá uma sanção lógica aos legítimos direitos e aos deveres; sem ela, o direito é aquele que a força dá; o dever, um código humano imposto pelo constrangimento. Sem ela, o que é o homem? Um pouco de matéria que se dissolve; um ser

efêmero que passa; o próprio gênio é uma centelha que brilha um instante para se apagar por todo o sempre; não há, certamente, muito de que exaltá-lo aos seus próprios olhos.

Com um tal pensamento, onde estão realmente os direitos e os deveres? Qual é o objetivo do progresso? Somente essa fé consegue fazer o homem sentir sua dignidade pela perpetuidade e adiantamento de seu ser, não em um futuro mesquinho e circunscrito à personalidade, mas grandioso e esplêndido; esse pensamento o eleva acima da Terra; ele se sente crescer pensando que tem o seu papel no Universo; que esse Universo é seu domínio que ele poderá percorrer um dia, e que a morte não fará dele uma nulidade ou um ser inútil a ele mesmo e aos outros.

16. O progresso intelectual realizado até o presente nas mais largas proporções é um grande passo e marca a primeira fase da humanidade, mas sozinho ele é impotente para regenerá-la. Enquanto o homem for dominado pelo orgulho e pelo egoísmo, ele utilizará sua inteligência e seus conhecimentos em proveito de suas paixões e de seus interesses pessoais, razão por que ele os aplica no aperfeiçoamento dos meios de prejudicar os outros e de destruí-los.

Somente o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, colocando um freio nas más paixões; somente ele pode fazer com que reinem a concórdia, a paz e a fraternidade entre os homens.

É ele que derrubará as barreiras entre os povos, que fará cair os preconceitos sociais e calará os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se olharem como irmãos chamados a se auxiliarem mutuamente e não a viverem à custa uns dos outros.

É ainda o progresso moral, secundado aqui pelo progresso da inteligência, que unirá os homens numa única crença estabelecida sobre as verdades eternas, não sujeitas à discussão e por isso mesmo aceitas por todos.

A unidade de crença será o laço mais poderoso, o mais sólido fundamento da fraternidade universal, destruída em todos

Capítulo XVIII

os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem ver no próximo os inimigos que é preciso evitar, combater, exterminar, em vez de irmãos que é preciso amar.

17. Um tal estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que só podia acontecer fora do círculo das ideias estreitas e terra a terra que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a humanidade por esse caminho, mas, ainda muito jovem, ela se conservou surda e os ensinamentos que eles ministraram foram como a boa semente caída nas pedras.

Hoje, a humanidade está madura para lançar seu olhar mais alto do que havia feito, para assimilar ideias mais amplas e compreender o que não havia compreendido.

A geração que desaparece levará consigo seus preconceitos e seus erros; a geração que surge, retemperada em uma fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo o movimento ascensional, no sentido do progresso moral que deve marcar a nova fase da humanidade.

18. Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis, por ideias grandes e generosas que aparecem e começam a encontrar os ecos. É assim que se veem fundar uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, pela iniciativa e sob o impulso de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração, e que as leis penais vão se impregnando, a cada dia, de sentimentos mais humanos. Os preconceitos raciais se enfraquecem, os povos começam a se olhar como os membros de uma grande família. Pela uniformidade e facilidade dos meios de transação, eles suprimem as barreiras que os separavam; de todas as partes do mundo eles se reúnem em comícios universais para os torneios pacíficos da inteligência.

Falta, porém, a essas reformas, uma base para se desenvolverem, se completarem e se consolidarem; uma predisposição moral mais generalizada para frutificarem e se fazerem aceitar

pelas massas. Isso é um sinal característico da época, o prelúdio do que se realizará em uma maior escala, à medida que o terreno se tornar mais propício.

19. Outro sinal, não menos característico do período em que entramos, é a reação evidente que se realiza no sentido das ideias espiritualistas; uma repulsão instintiva se manifesta contra as ideias materialistas. O espírito de incredulidade que se aposara das massas, ignorantes ou esclarecidas, e as havia feito rejeitar, com a forma, o próprio fundamento de toda a crença, parece ter sido um sono, de cujo despertar sente-se a necessidade de respirar um ar mais vivificante. Involuntariamente, onde o vazio se fez, procura-se qualquer coisa, um ponto de apoio, uma esperança.

20. Nesse grande movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável, não o Espiritismo ridículo inventado por uma crítica zombeteira, mas o Espiritismo filosófico, tal como o compreende todo aquele que se der ao trabalho de procurar a amêndoa sob a casca.

Pelas provas que fornece das verdades fundamentais ele preenche o vazio que a incredulidade criou nas ideias e nas crenças; pela certeza que ele dá de um futuro de acordo com a justiça de Deus, e que a razão mais severa pode admitir, ele ameniza as amarguras da vida e previne os funestos efeitos do desespero.

Fazendo conhecer novas leis da Natureza, ele oferece a solução de fenômenos incompreendidos e de problemas insolúveis até hoje, e, por sua vez, destrói a incredulidade e a superstição. Para ele não há nem sobrenatural nem maravilhoso, no mundo tudo se realiza em virtude de leis imutáveis.

Longe de substituir um exclusivismo por outro, ele se apresenta como campeão absoluto da liberdade de consciência; ele combate o fanatismo sob todas as formas, e o corta pela raiz proclamando a salvação para todos os homens de bem, e a possibilidade, para os mais imperfeitos, de chegar, por seus esforços, pela expiação e pela reparação, à perfeição que só conduz à suprema felicidade. Em lugar de desencorajar o fraco, ele o encoraja mostrando-lhe o porto que ele pode alcançar.

Capítulo XVIII

Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas com o Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união, de tolerância, que reunirá os homens num sentimento comum de fraternidade, em lugar de dividi-los em seitas inimigas.

Por este outro princípio: *Nã há fé inquebrantável senão aquela que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da humanidade*, o Espiritismo destrói o império da fé cega que aniquila a razão, da obediência passiva que embrutece; ele emancipa a inteligência do homem e ergue seu moral.

Coerente consigo mesmo, ele não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que venham a ele livremente, voluntariamente; ele quer ser aceito pela razão e não pela força. Ele respeita todas as crenças sinceras, e só combate a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, que são as chagas da sociedade e os obstáculos mais sérios ao progresso moral; mas ele não condena a ninguém, mesmo aos seus inimigos, porque está convencido de que a estrada do bem está aberta aos mais imperfeitos, e que cedo ou tarde eles entrarão nela.

21. Se supusermos a maioria dos homens imbuídos desses sentimentos, poderemos facilmente imaginar as modificações que eles farão nas relações sociais: caridade, fraternidade, benevolência para todos e tolerância para todas as crenças, tal será a sua divisa. É o alvo para o qual tende evidentemente a humanidade; é o objetivo das suas aspirações, dos seus desejos, sem que, entretanto, ela perceba os meios de realizá-los. Ensaia, tasteia, mas é detida por muitas resistências ativas ou pela força de inércia dos preconceitos, das crenças estagnadas e refratárias ao progresso. Estas são as resistências que é preciso vencer, e essa será a obra da nova geração; se se acompanhar o curso atual das coisas se reconhecerá que tudo parece predestinado a lhe abrir o caminho. Ela terá a seu favor a dupla vantagem do número de adeptos e das ideias, além da experiência do passado.

22. A nova geração marchará, pois, para a realização de todas as ideias humanitárias compatíveis com o grau de adiantamento que tiver alcançado. O Espiritismo caminhando para o

mesmo alvo, e realizando os seus objetivos, se encontrará com ela no mesmo terreno. Os homens progressistas encontrarão nas ideias espíritas uma poderosa alavanca, e o Espiritismo achará nos novos homens, espíritos inteiramente dispostos a acolhê-lo. Nesse estado de coisas, o que poderão fazer aqueles que querem se opor a ele?

23. Não é o Espiritismo que cria a renovação social, é a maturidade da humanidade que faz dessa renovação uma necessidade. Pelo seu poder moralizador, pelas suas tendências progressistas, pela amplitude de seus objetivos e pela generalidade das questões que abrange, o Espiritismo está, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador. É por isso que ele é contemporâneo desse movimento. Ele surgiu no momento em que podia ser útil, porque para ele também os tempos são chegados. Se viesse mais cedo, teria encontrado obstáculos insuperáveis; teria inevitavelmente sucumbido, porque, os homens, satisfeitos com o que tinham, não sentiam ainda necessidade do que ele traz. Hoje, nascido com o movimento das ideias que fermentam, ele encontra o terreno preparado para recebê-lo. Os espíritos, cansados da dúvida e da incerteza, horrorizados com o abismo que se abre à frente deles, o acolhem como uma âncora de salvação e uma suprema consolação.

24. Dizendo que a humanidade está madura para a regeneração, isto não significa que todos os indivíduos estejam no mesmo grau, porém muitos têm, por intuição, o germe das novas ideias que as circunstâncias farão eclodir; então eles se mostrarão mais avançados do que se supunha, e seguirão com solicitude o impulso da maioria.

Entretanto, existem aqueles que são, por natureza, refratários, mesmo entre os mais inteligentes, e que, seguramente, não se reunirão jamais, pelo menos nesta existência: uns de boa-fé, por convicção, outros por interesse. Aqueles cujos interesses materiais estão ligados ao estado de coisas atual, e que não são bastante avançados para renunciar a eles, aqueles a quem o bem geral preocupa menos que o seu próprio bem, e que não podem

Capítulo XVIII

ver, sem apreensão, o mínimo movimento reformador. A verdade é, para eles, uma questão secundária, ou melhor dizendo, *a verdade, para certas pessoas, está absolutamente inteira naquilo que não lhes cause nenhuma perturbação*. Todas as ideias progressivas são, aos seus olhos, ideias subversivas, é por isso que eles lhes devotam um ódio implacável e lhes fazem uma guerra encarniçada. Muito inteligentes para não ver no Espiritismo um auxiliar dessas ideias e os elementos da transformação que eles receiam, porque não se sentem à sua altura, eles se esforçam para abatê-lo. Se o julgassem sem valor, sem importância, não se preocupariam com ele. Nós já dissemos anteriormente: “*Quanto mais uma ideia é grande, mais adversários ela encontra, e pode-se avaliar sua importância pela violência dos ataques dos quais ela é objeto.*”

25. O número de retardatários ainda é grande, sem dúvida, mas o que eles podem contra a onda que se eleva, senão jogar-lhe algumas pedras? Essa onda é a geração que surge, enquanto que eles desaparecem com a geração que se vai cada dia a grandes passos. Até lá, eles defenderão o terreno palmo a palmo. Há, portanto, uma luta inevitável, mas uma luta desigual, porque é a luta do passado decrépito, caindo em frangalhos, contra o futuro juvenil; da estagnação contra o progresso; da criatura contra a vontade de Deus, uma vez que os tempos determinados por ele são chegados.

A nova geração

26. Para que os homens sejam felizes sobre a Terra, é preciso que ela seja povoada somente por bons espíritos encarnados e desencarnados, que só queiram o bem. O tempo sendo chegado, uma grande emigração se verifica, neste momento, entre os que a habitam; a dos que fazem o mal pelo mal, e que *o sentimento do bem não toca*, não sendo mais dignos da Terra transformada, dela serão excluídos, porque, caso contrário, lhe trariam de novo a perturbação e a confusão, e seriam um obstáculo ao progresso. Eles irão expiar o endurecimento dos seus corações, uns

em mundos inferiores, outros em raças terrestres atrasadas que serão o equivalente de mundos inferiores, para onde levarão seus conhecimentos adquiridos, e terão por missão fazê-las avançar. Serão substituídos por espíritos melhores que farão reinar entre eles a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos espíritos, não deve ser transformada por um cataclismo que aniquilaria subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova a sucederá da mesma maneira, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se passará exteriormente, como de hábito, com uma única diferença, mas uma diferença capital, a de que uma parte dos espíritos que encarnavam na Terra não voltará mais a encarnar nela. Em uma criança que nasça, no lugar de um espírito atrasado e inclinado ao mal, que nela poderia encarnar, virá um espírito mais adiantado e *propenso ao bem*.

Trata-se, pois, muito menos de uma nova geração corpórea do que de uma nova geração de espíritos. Assim, aqueles que esperam ver a transformação ocorrer através de efeitos sobrenaturais e maravilhosos, ficarão decepcionados.*

27. A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermediário, nós assistimos à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelas características que lhe são próprias.

As duas gerações que se sucedem têm ideias e pontos de vista opostos. Pela natureza das disposições morais, mas, sobretudo, pelas disposições *intuitivas e inatas*, é fácil distinguir a qual das duas pertence cada indivíduo.

Devendo fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por uma inteligência e uma razão, geralmente precoces, aliadas ao sentimento *inato* do bem e das crenças espiritualistas, o que é sinal indubitável de um certo grau de adiantamento *anterior*. Ela não será composta exclusivamente por espíritos eminentemente superiores, mas pelos que, já tendo

* Vide nota explicativa ao final desta obra.

Capítulo XVIII

progredido, estão predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração.

O que, ao contrário, distingue os espíritos atrasados, é, em primeiro lugar, a revolta contra Deus, pela recusa em reconhecer algum poder superior à humanidade; depois a propensão *instintiva* às paixões degradantes, aos sentimentos antifraternos de egoísmo, de orgulho, de inveja, de apego a tudo o que é material.

São esses os vícios de que a Terra tem que ser expurgada pelo afastamento daqueles que se recusam em se emendar, porque são incompatíveis com o reino da fraternidade, e porque os homens de bem sempre sofrerão com o seu contato; quando a Terra estiver livre deles, os homens caminharão sem empecilhos para o futuro melhor que lhes está reservado desde este mundo, como recompensa de seus esforços e de sua perseverança, enquanto esperam que uma depuração ainda mais completa lhes abra a entrada dos mundos superiores.

28. Por essa emigração dos espíritos, não se deve entender que todos os espíritos retardatários serão expulsos da Terra e relegados a mundos inferiores. Muitos, ao contrário, aqui voltarão, uma vez que muitos cederam ao arrastamento das circunstâncias e do exemplo. Nesses, a aparência era pior do que o íntimo. Uma vez subtraídos à influência da matéria e dos preconceitos do mundo corporal, a maioria deles verá as coisas de uma maneira inteiramente diferente da que viam quando em vida, como nos provam numerosos exemplos. Nisso, eles são ajudados pelos espíritos benévolos que se interessam por eles e que se apressam em esclarecê-los e mostrar-lhes o falso caminho que seguiram. Nós mesmos, com as nossas preces e exortações, podemos contribuir para que se melhorem, porque há uma perpétua solidariedade entre os mortos e os vivos.

A maneira pela qual se opera a transformação é muito simples, e, como se vê, ela é toda moral, e não se afasta em nada das leis da Natureza.

29. Que os espíritos da nova geração sejam novos espíritos melhores, ou os antigos espíritos que se melhoraram, o resultado

é o mesmo; desde o instante em que eles apresentem melhores disposições, é sempre uma renovação. Assim, segundo as suas disposições naturais, os espíritos encarnados formam duas categorias: de um lado, os retardatários que partem, e do outro, os progressistas que chegam. A situação dos costumes e da sociedade estará, portanto, no seio de um povo, de uma raça, ou do mundo inteiro, diretamente relacionada com aquela categoria que, entre as duas, tiver preponderância.

Para simplificar a questão, suponhamos, por exemplo, um povo com um grau qualquer de adiantamento, composto de vinte milhões de almas; a renovação dos espíritos se fazendo ao mesmo tempo e proporcionalmente às extinções, isoladas ou em massa, houve necessariamente um momento em que a geração dos espíritos retardatários prevalecia, em número, sobre a dos progressistas, que não comportava mais que raros representantes sem influência, e cujos esforços, para fazer predominar o bem e as ideias progressistas, estavam paralisadas. Ora, uns partindo e outros chegando, após um dado tempo, as duas forças se equilibram e sua influência se contrabalança. Mais tarde, os recém-vindos estão em maioria e sua influência se torna preponderante, embora ainda entravada pela influência dos primeiros; estes continuando a diminuir, enquanto que os outros se multiplicam, acabam por desaparecer. Chegará, então, um momento em que a influência da nova geração será exclusiva; mas isso não pode se compreender se não se admite a vida espiritual independente da vida material.

30. Nós assistimos a esta transformação, ao conflito que resulta da luta das ideias contrárias que buscam se implantar; umas marcham com a bandeira do passado, outras com a do futuro. Se examinarmos o estado atual do mundo, reconheceremos que, tomada no seu conjunto, a humanidade terrestre ainda está longe do ponto intermediário onde as forças se equilibram; que os povos, considerados isoladamente, estão a uma grande distância uns dos outros nessa escala; que alguns chegam a esse ponto, mas nenhum ainda o ultrapassou. Não obstante, a distância que

Capítulo XVIII

os separa dos pontos extremos está longe de ser igual em duração, e uma vez o limite vencido, a nova rota será percorrida com muito mais rapidez, porque inúmeras circunstâncias virão aplaná-la.

Assim se realiza a transformação da humanidade. Sem a emigração, isto é, sem a partida dos espíritos retardatários que não devem voltar, ou que só podem voltar após se terem melhorado, a humanidade terrestre não ficaria por isso indefinidamente estacionada, porque os espíritos mais atrasados, por sua vez, avançam; mas seriam precisos séculos, talvez milhares de anos, para alcançar o resultado que meio século bastaria para realizar.

31. Uma comparação comum fará compreender ainda melhor o que se passa nessa circunstância. Imaginemos um regimento composto, na sua maioria, por homens turbulentos e indisciplinados, que nele provocam uma desordem que a severidade da lei penal terá, muitas vezes, dificuldade para reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque são os mais numerosos; eles se amparam, se encorajam e se estimulam pelo exemplo. Os poucos bons não exercem influência; seus conselhos são desprezados; eles são escarnecidos, maltratados pelos outros e sofrem com a sua companhia. Essa não é a imagem da sociedade atual?

Suponhamos que se retirem esses homens do regimento um a um, dez a dez, cem a cem, e que sejam substituídos gradativamente por um número igual de bons soldados, mesmo por aqueles que foram expulsos, mas que seriamente se tenham corrigido. Ao cabo de algum tempo, teremos sempre o mesmo regimento, mas transformado. Nele a boa ordem terá substituído a desordem. Assim acontecerá com a humanidade regenerada.

32. As grandes partidas coletivas não têm somente por objetivo ativar as saídas, mas também transformar mais rapidamente o espírito das massas, livrando-as das más influências, e dar maior ascendência às novas ideias.

É porque muitos estão maduros para essa transformação, apesar das suas imperfeições, que partem, a fim de irem se retemperar em uma fonte mais pura. Enquanto que se ficassem

no mesmo meio e sob as mesmas influências, teriam persistido nas suas opiniões e na sua maneira de ver as coisas. Uma estada no mundo dos espíritos basta para lhes descerrar os olhos, porque ali eles veem o que não podem ver sobre a Terra. O incrédulo, o fanático e o absolutista poderão, então, voltar com ideias *inatas* de fé, tolerância e liberdade. Ao regressarem, encontrarão as coisas mudadas e sofrerão a influência do novo meio em que nascerão. Em lugar de fazer oposição às novas ideias, eles serão seus auxiliares.

33. A regeneração da humanidade, portanto, não tem absolutamente necessidade da renovação integral dos espíritos; basta uma modificação em suas disposições morais. Essa modificação ocorre com todos os que estão predispostos a ela, quando são subtraídos à influência perniciosa do mundo. Assim, os que voltam não são sempre outros espíritos, mas frequentemente os mesmos espíritos, pensando e sentindo de uma outra maneira.

Quando essa melhora é isolada e individual, ela passa despercebida e não tem influência ostensiva sobre o mundo. O efeito é muito diferente quando a melhora ocorre simultaneamente sobre grandes massas, porque, então, conforme as suas proporções, em uma geração, as ideias de um povo ou de uma raça podem ser profundamente modificadas.

É o que se observa quase sempre após os grandes choques que dizimam as populações. Os flagelos destruidores apenas destroem o corpo, não atingem o espírito; ativam o movimento de vai e vem entre o mundo corporal e o mundo espiritual e, por consequência, o movimento progressivo dos espíritos encarnados e desencarnados. É de se notar que, em todas as épocas da História, as grandes crises sociais foram seguidas de uma era de progresso.

34. É um desses movimentos gerais o que acontece neste momento, e que deve realizar a remodelação da humanidade. A multiplicidade das causas de destruição é um sinal característico dos tempos, uma vez que elas devem apressar a eclosão dos novos germens. São as folhas de outono que caem, e que serão

Capítulo XVIII

substituídas por novas folhas plenas de vida, visto que a humanidade tem suas estações, como os indivíduos têm as suas idades. As folhas mortas da humanidade caem levadas pelas rajadas e pelos golpes do vento, mas para renascerem mais vivazes sob o mesmo sopro de vida, que não se extingue, mas se purifica.

35. Para o materialista, os flagelos destruidores são calamidades sem compensações, sem resultados úteis, uma vez que, segundo ele, *aniquilam os seres para sempre*. Porém, para aquele que sabe que a morte destrói apenas o envoltório, tais flagelos não têm as mesmas conseqüências, e não lhe causam o mínimo pavor. Ele compreende o seu objetivo, e também sabe que os homens não perdem mais por morrerem juntos do que por morrerem isoladamente, uma vez que, de uma forma ou de outra, isso sempre terá de acontecer.

Os incrédulos rirão dessas coisas e as tratarão de quimeras; mas, digam o que disserem, não escaparão à lei comum; a seu turno, eles tombarão, como os outros, e, então, o que lhes acontecerá? Eles dizem: “Nada!” porém, viverão, apesar de si mesmos, e um dia serão forçados a abrir os olhos.



NOTA EXPLICATIVA²⁵⁵

Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelavam a comunicação dos homens com os Espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo meticoloso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são Espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o Espírito

²⁵⁵ **Nota da Editora:** Esta “Nota Explicativa”, publicada em face de acordo com o Ministério Público Federal, tem por objetivo demonstrar a ausência de qualquer discriminação ou preconceito em alguns trechos das obras de Allan Kardec, caracterizadas, todas, pela sustentação dos princípios de fraternidade e solidariedade cristãs, contidos na Doutrina Espírita.

A Gênese

acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o Espírito permanece no Mundo Espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos Espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros polos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração da sua pele.

Na época de Allan Kardec, as ideias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a *Evolução das Espécies*, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisiognomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos Espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo no equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da

alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

O corpo deriva do corpo, mas o Espírito, não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207, p. 176.)

[...] O Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consanguínea nobre ou plebeia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre esse dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são consequentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiáis o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois que o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre,

A Gênese

capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36, p. 42-43. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é prementório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (Kardec, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. — janeiro de 1863.)

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XVII, item 3, p. 348.)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as comunicações recebidas dos Espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando na *Revista Espírita* de janeiro de 1862, publicamos um artigo sobre a “interpretação da doutrina dos anjos decaídos”, apresentamos essa teoria como simples hipótese, sem outra autoridade afora a de uma opinião pessoal controversável, porque nos faltavam então elementos bastantes

para uma afirmação peremptória. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista provocar o exame da questão, decidido, porém, a abandoná-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal. Não só foi bem aceita pela maioria dos espíritas, como a mais racional e a mais concorde com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções que os Espíritos deram sobre o assunto. O mesmo se verificou com a que concerne à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, cap. XI, item 43, Nota, p. 292.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38.)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente (“benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas”), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.

A Editora





Produção Gráfica: Departamento Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS

Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, R.J. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700

Site: <http://www.leondenis.com.br>
E-mail: grafica@leondenis.com.br